

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO.

ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.

*Litterarum seu librorum
negotium concludimus hominis
esse vitam.*

(PHILOBIBLION. CAP. XVI.)

1876 — 1877.

VOLUME II.

FASCICULO N. 1.



RIO DE JANEIRO.

Typ. G. Leuzinger & Filhos.

1877

DO CONDE DA BARCA,

de seus escriptos e livraria. (1)



As riquezas da Bibliotheca Nacional, graças á publicação de nossos *Annaes*, vão sendo conhecidas dos litteratos e bibliophilos: da preciosa *Collecção de Diogo Barboza Machado* tomou outrem a seu cargo dar conhecimento ao publico; á nós toca hoje tractar da não menos importante *Collecção do Conde da Barca*. Quem déra que ao menos podessemos nós realizar o desejo que enunciaava o mavioso Bocage n'estes versos:

« Estro de Ovidio, seguirei teus vãos,
« Si não me-é dado emparelhar contigo. »

O assumpto será dividido em trez partes:

I. Biographia do conde da Barca.

II. Escriptos.

III. *Collecção Aranjense*; sendo ésta subdividida em duas outras; 1, *Collecção iconographica*; 2, *Collecção bibliographica*.

De todas ellas, menos da *Collecção bibliographica*, (que fica reservada a outro mais competente n'esta especialidade,) occupar-nos-hemos n'este escripto.

(1) Vide:

Elogio historico do conde da Barca por Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, que vem á pag. XV e seguintes da 2.^a parte do tomo 8.^o (Lisboa, 1828) da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*.

Nouvelle biographie universelle sous la direction du Dr. Hoefler, tomo 3.^o Paris, 1852; artigo *Aranjo de Azeredo* por Mr. Ferdinand Denis.

David B. Warden.—Histoire de l'empire du Brésil, etc., Paris, 1833:

Conselheiro João Manuel Pereira da Silva.—Historia da fundação do Imperio brasileiro.

I.

Biographia.

Antonio de Araujo de Azevedo, 1.^o conde da Barca, do Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado de várias pastas, presidente do Tribunal da Junta do Commercio, socio honorario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, grão-cruz das ordens portuguezas de Christo e da Torre e Espada, da hispanhola de Isabel a Catholica e da franceza da Legião de Honra, nasceu em sua casa de Sá, termo de Ponte de Lima, em Portugal, a 14 de Maio de 1754; sendo seus paes Antonio Pereira Pinto de Araujo de Azevedo Magundes, fidalgo da Casa Real e cavalleiro da Ordem de Christo, e Dona Marqueza Francisca de Araujo Azevedo.

A fim de fazer sua educação litteraria, foi elle mandado, aos 11 annos de idade, para a casa de um seu tio no Porto, o brigadeiro Antonio Luiz Pereira Pinto, onde aprendeu o francez, o inglez e o italiano, que chegou a fallar muito bem, as linguas antigas, principalmente a latina e grega, as quaes sabia perfeitamente, e philosophia racional e moral. Do Porto passou-se para Coimbra, e ahi frequentou como voluntario o 1.^o anno do curso philosophico,

Debret (J. B.)—Voyage pittoresque et historique au Brésil, Paris, 1814—1829; tomo 3.^o pag. 91, 203.

Duchesse d'Abrantes.—Souvenirs d'une ambassade, etc., Paris, 1837.

Gazeta do Rio de Janeiro, n. 51 de 25 de Junho de 1817.

Joaquim Caetano da Silva—L'Oyapoc et l'Amazone, Paris, 1861.

O *Portuguez*, periodico mensal, publicado em Londres (de 1814 a 1821) sob a redacção de João Bernardo da Rocha Leureiro, formado em direito; á pag. 957 e 958 do n. de Julho de 1817.

Innocencio Francisco da Silva—Diccionario bibliographico portuguez, artigos *Antonio de Araujo de Azevedo* nos tomos 1.^o e 8.^o e *Osmia* no tomo 6.^o

Catalogo dos Livros da Bibliotheca do Conde da Barca, em 1818, manuscripto in-folio, existente na Bibliotheca Nacional.

Memoria sobre a divida do Estado a João Piombino, cessionario habilitado dos herdeiros do Conde da Barca. Rio de Janeiro, Typographia de Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1861.

Memorial sobre a divida do Estado a João Piombino, representante da propriedade do Conde da Barca: (provavelmente impresso na mesma typographia de Bernardo Xavier Pinto de Souza; sem data, em todo o caso porém é posterior a 1.^o de Fevereiro de 1864).

O *Patriota*, periodico mensal, publicado no Rio de Janeiro sob a direcção de Manuel Ferreira de Araujo Guimarães; n. de Fevereiro de 1818, pag. 12 e 99, e n. de Julho de 1818, pag. 35.

Resenha das familias titulares do reino de Portugal, etc.; Lisboa, 1828, pag. 278 e seguintes.

Dr. Alexandre José de Mello Moraes; — Geneographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria, e politica do Imperio do Brazil — e — Historia do Brazil-Reino e Brazil-Imperio.

na intenção de fazer um estudo regular das sciencias naturaes; levado porém por motivos, que são ignorados, deixou de dar execução a esse intento e voltou para o Porto, onde applicou-se ao estudo de todos os ramos, que constituem as *Boas-lettras*, especialmente á historia e ás mathematicas, adquirindo em todos elles profunda erudição, á custa de uma applicação e trabalho levados a excesso por muitos annos. Nunca ninguém excentou tão ao pé da letra o bem conhecido conselho de Horacio:

« Nocturna versate manu, versate diurna. »

como o joven Araujo! As proprias horas da noite, em que de via descansar, roubava-as ao somno para estudar; e como seu tio ás vezes o-reprehendia amorosamente por temer que taes excessos fossem incompativeis com sua constituição franzina e lhe-deteriorassem a saude, já pouco valida, elle costumava cobrir com um capote a luz, que o-allumiava, para que o estremecido velho, que dormia em um quarto visinho, o não apanhasse em flagrante delicto de excesso de estudo.

Os primeiros passos dados por A. de Araujo de Azevedo na vida publica referem-se a seu torrão natal; 1.^o pelos fins do anno de 1779 conseguiu organizar em Ponte de Lima a *Sociedade economica dos amigos do bem publico*, destinada a promover a agricultura, a industria e o commercio, tomando A. de Araujo muito a peito fazer desenvolver e prosperar a criação do bixo da seda, a cultura da amoreira branca, que mandou vir de outros paizes de Europa, por ser desconhecida em Portugal, e a fabricação dos tecidos de seda; 2.^o projectou a desobstrucção e canalização do rio *Lima*, com o fim de augmentar a navegação e o trafego do commercio n'aquella região e de restituir aos povoados ribeirinhos do *Lima* a antiga prosperidade de outras éras: ainda que nesta empreza fosse coadjuvado por pessoas illustradas e de boa vontade, entre outros, o célebre abbade José Carreira da Serra e o duque de Lafões, este projecto não chegou a vingar.

Entrementes mudou-se Antonio de Araujo para Lisboa, desejoso de entrar na carreira publica; a muita instrucção e outros distinctos dotes que possuia, a influencia de alguns parentes e de outras pessoas suas amigas na Corte, cujas boas graças soube promp-

tamente captar, elevaram-n'o em breve (25 de Julho de 1787) ao logar de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal em Haya; entretanto só a 2 de Junho de 1789 partiu elle de Lisboa para seu posto diplomatico, tendo empregado o tempo d'essa demora em dedicar-se especialmente ao estudo de assumptos politicos, diplomaticos e commerciaes, como lhe-era mister para a carreira, que ia encetar.

Em vez de seguir viagem directamente para Haya, passou primeiramente pela Inglaterra e França, onde se-demorou por algum tempo. Durante sua estada nestes paizes não perdeu um só instante; estudava não só as materias concernentes a seu emprego, mas também as de sua particular predilecção,—commercio, physica, boas-artes e litteratura estrangeira; e frequentava as sociedades litterarias e os homens mais eminentes na politica e nas lettras, sir Joseph Banks, lord North, Planta, Gray, os ministros Montmorin e Necker, o maire de Paris—Bailly, Lavoisier, Fourcroy, Lalande, e outros, de cujo tracto e relações resultaram para si a estima e consideração de todos e a privança de muitos d'elles, e para Portugal vantagens, que em grande parte foram devidas á sua influencia e relações pessoais.

A. de Araujo chegou enfim a Haya; era então ésta capital o centro de grandes agitações politicas e o refugio de numerosos immigrados francezes e belgas e de alguns portuguezes até então residentes em França: este estado de cousas e as relações adquiridas por A. de Araujo em França tornavam mui delicada sua posição na capital da Hollanda, mas o seu bom senso, a rectidão, dextreza e habilidade de seu procedimento fizeram-n'o sair-se bem d'estas difficuldades e grangearam-lhe a estima geral do governo, da gente do paiz e dos immigrados.

Pelos fins de 1794 e principios de 1795 a Republica Franzeza invadiu e se-apossou da Flandres Austriaca e da Hollanda: foi essa uma epocha de afflicções e privações para A. de Araujo, pelos cuidados e sustos que tinha relativamente á segurança de sua pessoa e da de seus amigos, pelas difficuldades pecuniarias em que se-achou, em consequencia de não encontrar quem quizesse descomptar suas lettras, e finalmente pela importancia dos negocios

políticos e diplomaticos a seu cargo : entretanto não se-acobardou, e, continuando a permanecer em Haya, prestou ainda novos e valiosos serviços aos immigrados francezes, proporcionando-lhes um salvo-conducto dos generaes francezes que occupavam a Hollanda, e a seu paiz obtendo que continuassem as relações commerciaes entre a Hollanda e Portugal, si bem que as diplomaticas entre este e a França estivessem estremecidas.

Este estremecimento tornou-se em breve em aberta hostilidade, pela tenacidade com que a Corte de Lisboa se-conservava fiel a seus compromissos para com a Inglaterra e a Hispanha (1795). Separando-se pouco depois a Hispanha d'esta liga para unir-se com a França, pelos tractados de Basiléa (1795) e de Sancto Ildefonso (1796), e tendo a Inglaterra e Portugal soffrido revezes, viram-se forçados a pedir paz á França pela mediação da Hispanha; e Antonio de Araujo, que se-achava então em Haya, foi o encarregado por parte de Portugal d'essa melindrosa missão, da qual resultou o tractado de paz e amizade, concluido em Pariz a 10 de Agosto de 1797. Este tractado, si não era o que Portugal aspirava como mais vantajoso, por que com certeza elle não podia, em taes circumstancias, impôr condições á França, era o melhor que então podia ter feito. A França immediatamente o-ratificou e publicou; mas o principe regente d. João por seu lado não fez o mesmo, em consequencia de uma representação secreta do ministro da Marinha e dos Dominios ultramarinos, dom Rodrigo de Souza Coutinho, depois conde de Linhares, contra as estipulações do mesmo tractado, e a tal ponto o-cegou sua má vontade e figadal inimizade contra A. de Araujo, que chegou a commetter a injustiça, direi até a iniquidade, de na referida representação, chamar de *imbecil* o negociador d'aquelle tractado. A não ratificação por parte de Portugal do tractado de 10 de Agosto de 1797 deu lugar a que o Directorio, por decreto de 26 de Outubro de 1797, declarasse nullo e de nenhum effeito o dicto tractado e intimasse ao mesmo tempo ao plenipotenciario portuguez, que o-negociára, para retirar-se incontinenti do territorio da Republica franceza; Antonio de Araujo tendo-se demorado em França, em contravenção d'esta ordem, foi preso e encarcerado na prisão do Templo a 4 de Janeiro de 1798,

d'onde saiu livre, depois de quatro mezes, graças á benevola intervenção de amigos seus, para voltar de novo a Haya.

Não obstante a inimizade do ministro dom Rodrigo de Souza Coutinho para com A. de Araujo, o principe regente, para dar a este um signal de seu apreço, concedeu-lhe, logo depois de sua soltura, a graça de uma pingue commenda.

Antes de passar adiante, devo mencionar que foi durante sua estada em Haya, como ministro de Portugal, que A. de Araujo começou a empregar os lazeres, que lhe-deixavam seus encargos diplomaticos, em organizar sua bibliotheca, a qual sendo ao depois constantemente augmentada com novas aquisições, se tornou afinal a importante *Collecção Araujense*, que possuímos na Bibliotheca Nacional.

Aproveitou-se A. de Araujo de uma licença, que obteve, para viajar pela Allemanha durante os annos de 1798 e 1799, visitando Hamburgo, o Brunswick, Gottinga, Gotha, Weimar, Leipsic, Dresda, Berlim, etc., e repartindo seu tempo entre o estudo da litteratura allemã, da botanica e da chimica, a visitação dos estabelecimentos scientificos e outros, a frequencia e o tracto dos artistas, litteratos e sabios mais distinctos d'esses paizes, como Klopstock, Goethe, Schiller, Werner, o barão de Zach, Klaproth, etc., e dos soberanos das Cortes, por onde andou.

Da Hollanda, para onde A. de Araujo tinha tornado, depois de sua viagem á Allemanha, foi chamado a Lisboa em 1800, para tomar parte mais activa nos negocios de Portugal, e em principios de 1801 foi encarregado de uma missão secreta juncto de Napoleão, a qual ficou mallograda, porque nem ao menos poudo passar do porto de Lorient. Quando voltou de Lorient, foi nomeado ministro plenipotenciario para S. Petersburgo; mas antes de partir para sua nova missão, teve necessidade de ir a Haya, para pôr em boa ordem seus negocios particulares, e a bom recado sua preciosa livraria, da qual dizia em uma charta d'essa epocha: — « Custa-me in-
« finitamente a separar-me d'ella, pois não pode haver consa mais
« desagradavel do que, depois de ter feito huma collecção assim,
« ser obrigado a não a gozar. Parece que está determinado
« pelo destino que jámais tenha socego por espaço de alguns

» annos para recrear o meu espirito com hum estudo se-
« guido. » (2)

De caminho para a Russia esteve A. de Araujo algum tempo na Dinamarca e na Suecia; chegado á Russia, foi muito bem recebido e sempre muito bem tractado pela Corte: demorou-se porêm ahi somente até meados do anno de 1804, por ter sido chamado a Portugal, para tomar conta das pastas dos negocios estrangeiros e da guerra, (Julho de 1804), sendo depois, pela morte do conde de Villa-verde (fins de 1806) tambem encarregado da pasta dos negocios do Reino.

N'esses novos empregos mostrou-se A. de Araujo sempre o mesmo intelligente e incansavel trabalhador e atilado administrador, haja vista as criações, reformas e melhoramentos feitos nos differentes ramos do serviço publico a seu cargo, (vide *Trigoso*, Elogio citado,) que passarei por alto, para somente fallar da protecção e animação que deu ao célebre botanico portuguez Felix de Avellar Brotero, na publicação de sua *Phytographia lusitana*, da sua tentativa, infelizmente mallograda, da creação de um jardim botanico juncto ao Collegio dos Benedictinos da Estrella, e da decretação, em Julho de 1807, da verba de 4 contos de reis, para ser applicada pela Real Junta do Commercio á-acquisição de livros, mappas, modelos, desenhos de machinas e de outros quaesquer objectos necessarios para promover os diversos ramos da industria nacional, devendo ser todos estes objectos depositados em logar idoneo no edificio destinado á mesma Junta.

Foi n'este mesmo anno de 1807 A. de Araujo nomeado director da Eschola de gravura e director dos estudos estabelecidos no Real Mosteiro de S. Vicente de fóra; mas os acontecimentos politicos da epocha não lhe deram tempo de poder ser util a esses estabelecimentos.

Antonio de Araujo, cujos desejos e esforços como diplomata tenderam sempre para que Portugal se-alliasse á França, ou, pelo menos, se-conservasse estrictamente neutral na grande luta de quasi toda a Europa contra ella, sem nunca ter podido realizar esse pro-

(2) Elogio historico do conde da Barca, por Trigoso.

gramma, e que fôra um dos pouquissimos, (sinão o unico,) que previra o acto napoleónico de 11 de Novembro de 1807, decretando a decadencia da familia bragançina do throno de Portugal, via-se agora, forçado por sua posição, a combatter a França e a ser o responsavel official pelas desgraças da patria e da familia real!! Em tão difficil conjunctura o logar de ministro de Estado era demasiadamente espinhoso e compromettedor, tanto mais quanto suas antigas relações com os homens mais eminentes na politica e nas letras em França, seus gostos e predilecção pelas causas francezas, suas bem conhecidas ideias á respeito da politica que devia seguir Portugal na Europa, davam a Antonio de Araujo um ar excessivamente *afrancezado* (3), e consequentemente o-tornavam impopular e suspeito de falta de patriotismo.

O exercito invasor francez já batia ás portas de Portugal, quando a ideia de transferir para o Brazil a sede da monarchia lusitana, por mais de uma vez aventada e discutida em Portugal, foi aconselhada por A. de Araujo ao principe regente, e, apesar de encontrar oppositores, foi acceita e realizada: ésta mudança da Côrte para o Brazil, si acarretou alguns males a Portugal, foi ao contrario fonte de maior prosperidade e civilização para o Brazil, e mais remotamente origem de sua independencia e autonomia politica.

A esquadra, que transportava a familia real para o Brazil, fez-se de vela do Tejo no dia 29 de Novembro de 1807, vindo separadamente em differentes navios da frota os membros da casa de Bragança (4), e o ministro de Estado Antonio de Araujo na nau

(3) « E para se conferir, fez-se novo conselho, ao qual já não foi chamado « D. Rodrigo, porque lord Strangford encarregado de negocios da Grã-Bretanha, que ser-
« vio na ausencia do enviado extraordinario lord Roberto Pitt Gerald, communicou á An-
« tonio de Araujo, cousa, que deu motivo a elle não ser chamado mais aos conselhos de
« Estado, que se seguirão. O que se passou a este respeito foi segredo, que não respirou.

« Soube-se porém depois, que lord Strangford, havia participado ao ministro Antonio
« de Araujo, que D. Rodrigo tinha communicado a D. Domingos de Souza Coutinho
« (depois Conde e Marquez de Funchal) ministro plenipotenciario em Londres, os votos
« do Conselho de Estado, accusando-o de AFRANCESADO. Por esta revelação o prin-
« cipe regente, não quiz mais que elle fosse convocado, para o conselho de Estado. »

(Dr. A. J. de Mello Moraes: *Cerographia historica*, a pags. 40—41 do tomo 1.º da 2.ª parte.)

(4) Um manuscripto (copia) existente na Bibliotheca Nacional, que provavelmente fazia parte de algum relatorio, como documento anexo, sem data, nem assignatura, dá a este respeito noticias minuciosas: transcrevemos aqui esse documento, embora não esteja elle inteiramente de accordo com o que se lê nas *Memorias historicas e politicas da Provincia da Bahia* por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, à pag. 295 do tomo 1.º

(6) Forças navacs, q. sahirão do Tejo em 29 de 9br.º de 1807, commandadas por o Vice Almirante Manoel da Cunha Souto Maior, sendo Ajud.º Gen.º o Chefe de Divisaõ Joaquim Joze Monteiro Torres.

Grãezas	Embarcações	Comm.ºs na ordem das suas antiguid.ºs, menos o da Náo Chefe ou 1.ª
	Nomes.	
Nãos de linha	Princepe Real.....	Fran.º J.º do Canto e Castro.
	Rainha de Portugal.....	Fr.º M.º de Souto Maior.
	Princepe do Brazil.....	Fr.º de Borja Salema.
	Meduza.....	Henrique da Fan.º Prego.
	Conde D. Henrique.....	Joze Mor.º de Almeida.
	Martim de Freitas.....	D. Manoel de Menezes.
	Afonço de Albuquerque..	Ignacio da Costa Quintela.
	D. João de Castro.....	D. Manoel João Locio.
Fragatas	Minerva.....	Rodrigo J.º Ferr.º Lobo
	Golfinho.....	Luiz da Cunha Moreira.
	Urania.....	D. João Manoel.
Brigues	Vingança.....	Diogo Nicoláo Keating.
	Voador.....	Fr.º Maximiano de Souza.
Esc.	Curiosa.....	Izidoro Fr.º Guimarães
Ch.	Thetis.....	Paulo Joze Miguel.

N. B. A Escuna Curioza tornou a entrar no Tejo; donde tinha sahido antes o Bergantim Condeça de Rezende; achava-se no R.º o Bergantim Balaõ, em Pernambuco, a Escuna Furaõ.

Observações

1.ª A Náo Princepe Real conduzio a Rainha, e o Princepe Regente, o Princepe da Beira, mais os Infantes D. Miguel, e D. Pedro Carlos, seguidos pelos, Marquezes de Aguiar, Vagas e Torres Novas, mais o Conselheiro d'Est.º D. Fernando Joze de Portugal.

2.ª Náo Afonço a Princeza Regente cõ a Princeza da Beira e as Infantas D. Maria Izabel, D. Maria d'Assumpção, D. Anna de Jezus Mar.ª, acompanhadas pelos Condes de Caparica, e Cavalheiros.

3.ª Náo Rainha — A Princeza do Brazil, Viuva com as Infantas D. Izabel Maria, D. Maria Fran.º e D. Marianna, acompanhadas por o Marquez de Lavradio.

4.ª Nas outras Embarcações vierão os Titulos seg.ºs — Anadia, Belmonte, Bellas, Cadzval, Penalva filho, Pombal, Pombeiro, e Redondo, mais os Conselheiros d'Est.º Ant.º de Ar.º de Axd.º, D. João de Almd.º, D. Rodrigo de Sz.º Coit.º, o Gen.º João Forbes Skelater, o Dezembarg.º do Paço Thomaz Ant.º de Villa Nova, e Monsenhor Subdiacono Joaquim da Nobrega Cam.

Meduza, (5) na qual tinha tido a cautella de mandar embarcar sua importante livraria (6), uma typographia completa (a primeira regular que houve no Brazil), uma riquissima colleção mineralogica, organizada pelo célebre Werner, e instrumentos proprios para o estudo da chimica, tudo disposto e organizado pelos cuidados do sabio ministro.

Na viagem uma horrivel tempestade, que desbaratou e quasi perdeu a esquadra portugueza, poz em grande risco a vida de A. de Araujo, mas felizmente chegou elle com todos os seus thesouros a salvo no porto do Rio de Janeiro em 6 de Março de 1808, depois de ter tocado em Pernambuco e na Bahia.

Talvez para attender á opinião publica infensa a A. de Araujo pelos acontecimentos politicos da epocha, e poupar a seu fiel servidor os desgostos inherentes a uma posição tão melindrosa, o principe regente, depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, houve por bem dispensal-o do cargo de ministro e secretario de Estado, continuando porém a ter obrigação de assistir ás sessões do Conselho de Estado, como membro que era d'esse Conselho desde Fevereiro de 1807. (7)

(5) Ainda que Debret (*Opere citato*) affirmo que A. de Araujo fletira em Lisboa, a verdade é que elle veio para o Brazil na mesma occasião que o rei. O facto de se ter A. de Araujo embarcado á noite e ás escondidas, por causa da grande animosidade, que contra elle havia, deu talvez logar a ésta asserção de Debret.

(6) No Elogio historico do conde da Barca diz Trigueiro que grande parte da livraria de A. de Araujo tinha caído em poder dos Francezes, quando invadiram Lisboa: não é isto verdade, pois que ella existe hoje na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

(7) « O principe chegando ao Rio de Janeiro, no dia 7 de Março de 1808, ahí achou as mesmas queixas, e cedendo a voz geral mudou o ministerio. Nomeou D. Fernando José de Portugal e Castro, para os trez lugares que se achavão vagos, de ministro assistente, de secretario de Estado do reino e de presidente do erario regio! Demittio o ministro de estrangeiros e guerra, Antonio de Araujo, e para o seu lugar nomeou a D. Rodrigo de Souza Coutinho, que já havia sido ministro da marinha e ultramar, cuja pasta tinha o visconde de Anadía.....

« O principe regente não abandonou aos demittidos, pois sempre os attendeu, dando a todos despachos; e crescendo, como era de esperar, a perseguição de seus inimigos, com accusações mui ponderosas, elle os defendeu sempre, e não deixou que se os opprimisse.

« O tempo finalmente fez correr o véo que cobria tudo.....

« Achou-se a correspondencia secreta de Junot, com que se desmentio a sonhada intelligencia com o ministro Antonio de Araujo; e finalmente appareceu o tratado de Tilsit, e então conheceu o mundo qual era a sorte que estava destinada para as duas familias reaes, portugueza e hespanhola.

« O tempo que tudo ganha sem nada arriscar, demonstrou que a jornada do principe e da familia real foi aconselhada pela prudencia, e sendo já applaudida, e os passos dados para a sua execução, tinham sido bem combinados, e de grande alcance e acerto; e que o ministerio portuguez tinha tido a gloria de salvar ao seu soberano, sem destruir o seu paiz, encaminhando os negocios á fazer-o tomar a heroica resolução de se passar para o

Um tal acto não importava para A. de Araujo a perda das boas graças do príncipe regente; pelo contrario, não só então, mas ainda ulteriormente, elle sempre teve em grande conta e estimação o patriotismo e os bons serviços de A. de Araujo, do que são provas—a grã-cruz da Ordem de Christo, a grã-cruz honoraria da Ordem da Torre e Espada, e o titulo de conde da Barca (17 de Dezembro de 1815), com que o-agraciara por vezes, e sua nomeação para a pasta da Marinha e Dominios Ultramarinos.

Durante o periodo que medeia entre os dois ministerios de A. de Araujo (1808—1814) elle dedicou-se exclusivamente aos trabalhos scientificos e litterarios de sua predilecção, á organização de seu jardim, onde cultivou de 1200 a 1400 plantas indigenas e exoticas, uteis ou agradaveis, cujo catalogo organizou com o titulo de *Hortus Araujensis*, e ao desenvolvimento e protecção á industria do paiz; e, depois que foi de novo chamado ao ministerio, não esmoreceu no empenho, que tomára, de trabalhar pelo progresso e civilização do Brazil: é assim que em sua propria casa estabeleceu o seu gabinete de chimica e assentou um alambique á escosseza, com melhoramentos feitos no Rio de Janeiro (8); na capitania do Espirito-Sancto mandou assentar um engenho de serrar madeira para servir de modelo a outros; ensinou alguns aperfeiçoamentos nas artes e industrias por processos chimicos demonstrados em seu laboratorio, assim como a melhor fabricação da louça grosseira do paiz, imitando a porcellana; contribuiu para a propagação de muitas plantas exoticas no Jardim Botânico da Lagoa de Rodrigo de Freitas, principalmente a do chá (9); mandou vir chins para dirigirem e ensinarem o plantio, cultura e preparação d'essa preciosa planta, e naturaes do Porto e da ilha da Madeira para

Brazil; e conservar assim a sua monarchia, dar o seu apoio a Inglaterra, e fazer tomar nova direcção os negocios da Europa. »

(Dr. A. J. de Mello Moraes—*Corographia historica*, etc., á pag. 87—88 do Tomo 1.º da 2.ª parte.)

(8) O *Patriota*, ns. de Fevereiro e Julho de 1813.

(9) O chá foi introduzido no Brazil pelo chefe de divisão Luiz de Abreu, prisioneiro de guerra que esteve na Ilha de França (1808—1809), o qual pediu ao senador de Macao Raphaél Bottado de Almeida sementes de chá, e estas lh'as-tendo mandado em 1812, Luiz de Abreu as-distribuiu por varias pessoas no Rio de Janeiro.—Vide o n. 3 do *Patriota*, de Março de 1813; e o *Auxiliador da Industria Nacional*, á pag. 155, do tomo 9.º—1841.

ensinarem a cultivar a vinha; melhorou e aperfeiçoou o modo de preparar o *urucú* e de extrahir o óleo de mamona; estabeleceu a Imprensa Regia (10); creou uma cadeira, de chimica; fundou a *Sociedade Auxiliadora da industria e da mechanica*, que em 1831 foi convertida em *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*, ainda hoje existente; creou no Rio de Janeiro a *Academia de Bellas-Artes*, e, com o fim de formar o nucleo do professorado d'ella, mandou vir de França alguns francezes distinctos e de reconhecido merecimento, contractados de ordem sua pelo marquez de Marialva (1815), entre outros: Le Breton, secretario perpetuo da classe das bellas-lettras do Instituto de França, J. B. Debret, pintor de historia, os dois Taunays, um pintor, outro escultor, Grandjean de Montigny, architecto, Pradier, gravador; encomendou a Grandjean o projecto do palacio da Academia de Bellas Artes, cujas obras, si bem tivessem começado logo depois, foram dadas por acabadas em Novembro de 1826, ainda sem ter sido posto em execução o plano primitivo, segundo o qual o edificio devia constar de dois andares, e não ser como hoje existe; concorrer poderosamente para a promulgação da charta de lei de 15. de Dezembro de 1815, que elevou o Brazil á cathegoria de reino; e finalmente foi o auctor das instrucções dadas aos plenipotenciarios portuguezes no Congresso de Vienna d'Austria em 1814—1815 (11).

Antonio de Araujo, que desde 1802 era um homem valedudinario, quando em 11 de Fevereiro de 1814 foi encarregado da pasta da Marinha e dos Dominios Ultramarinos, trabalhou ainda

(10) Considerando como verdadeiras tentativas a existencia de uma typographia em Pernambuco durante a dominação hollandeza e a da typographia de Antonio Izidoro da Fonseca no Rio de Janeiro, de ephemera duração, no tempo do governo do conde de Bobadella, (Vide Dr. Mello Moraes, *corographia historica*, etc., á pags. 118 — 119 do tomo 1.º da 2.ª parte) pode-se dizer que o estabelecimento definitivo da arte typographica no Brazil data somente da fundação da Imprensa Regia no Rio de Janeiro em 1808.

(11) « Foi o Conde da Barca quem redigiu as instrucções para os plenipotenciarios portuguezes no congresso de Vienna, os quaes negociarão os tratados de 21 e 22 de Janeiro de 1815, obrigando-se a Grã-Bretanha pelo primeiro tratado a pagar a somma de 300.000 libras esterlinas para satisfazer as reclamações feitas dos navios portuguezes, apresados por cruzadores inglezes, antes do 1.º de Junho de 1814, pelo motivo allegado de fazerem o commercio illicito de escravos, e pelo segundo prohibindo-se a todo e qualquer vassallo da corôa de Portugal o comprar escravos e traficar nelles em qualquer parte da costa d'Africa, ao norte do equador, debaixo de qualquer pretexto e por qualquer modo que fosse. »

Dr. Mello Moraes: *Historia do Brazil-Reino e do Brazil-Imperio*, tomo 1.º, á pag. 171.

com a mesma boa vontade, dedicação e patriotismo de outras eras, mas fracasavam-lhe a saúde e as forças; e quando, pela morte do marquez de Aguiar (1817), tomou conta de todas as pastas do reino, não pôde resistir a tantos e tammanhos encargos, e deu a alma ao Creador no Rio de Janeiro, em sua casa á rua do Passeio (actualmente Secretaria da Justiça), aos 65 annos de idade, no dia 21 de Junho de 1817 (12), sendo seu corpo sepultado na egreja de S. Francisco de Paula.

Seus ultimos anhelos e votos foram dedicados a seu rei, á prosperidade do Brazil e das boas-artes.

Era o conde da Barca de physionomia expressiva, insinuante e attractiva e de tracto muito ameno; exprimia-se com summa facilidade e muita graça; e foi trabalhador incansavel em todos os assumptos, a que dedicou sua actividade.

A vasta e variada instrução do conde da Barca, o amor e impulso que elle deu ás lettras e artes e a protecção decidida que sempre dispensou a todos os que a ellas se-dedicavam, são titulos sobejos para que a posteridade o-cognome o *Mecenas* da era do principe regente: sua casa foi constantemente o alcaçar das lettras e artes e o abrigo dos litteratos e artistas, entre outros do célebre poeta portuguez, Filinto Elysio, que não só foi por muito tempo seu hospede, mas até chegou a ter uma pensão paga por elle, e do compositor de musica Lewcom, em cujos braços falleceu.

Como diplomata foi muito considerado e estimado em todas as cortes, em que esteve, por sua illustração, affabilidade e fino tracto, o que muito contribuiu para que sua nomeação para a pasta de ministro dos negocios estrangeiros de Portugal fosse muito bem recebida pelos gabinetes das outras potencias da Europa. A proposito d'estas qualidades não será mal cabido rememorar aqui um dicto do conde da Barca, referido pela condessa de Abrantes (13).

O general Lannes, ministro de França em Lisboa (1801—1804) não vivia em boas relações com o ministro inglez, sir Robert Fitz

(12) Segundo a Gazeta do Rio de Janeiro, n. 51 de 25 de Junho de 1817, e não a 26 de Junho de 1816, como diz J. B. Debret (*opere citato*).

(13) *Opere citato*, á pag. 241 do tomo 2.º

Gerald, e sobretudo incommodava-se muito com a precedencia, que na Corte elle tinha; pelo que, num bom dia, indo para o Paço em Queluz, ordenou ao seu cocheiro que esbarrasse com a carruagem do ministro inglez, que encontrou em caminho, de modo a quebral-a: o criado cumpriu fielmente a ordem, e sir R. Fitz Gerald, ficando a pé, não poudo comparecer á hora da audiencia em Queluz. A demora do ministro inglez já causava inquietação no paço, quando o general Lannes contou o fracasso *casual*, que motivava a falta de comparecimento de sir R. Fitz Gerald.— « Vraiment! dit
« Mr. d'Araujo avec ce sourire fin et spirituel qui lui était pro-
« pre. Comment avez-vous vu sir Robert dans cet embarras, et
« ne lui avez-vous pas proposé une place dans votre voiture,
« puisque vous étiez seul?... Celà eût été du plus exquis bon
« gout pour un ennemi, savez-vous? »

Em diplomacia, politica e administração, si seus actos não foram escoimados de algum erro, é certo que elle sempre fez tudo pelo melhor que então se-podia fazer, á vista das difficuldades da epocha. João Bernardo da Rocha Loureiro (14) fallando da morte do conde da Barca, faz d'elle o seguinte juizo critico:

— « O Conde da Barca hé morto no Rio de Janeiro; e ad-
« mirados estamos, que elle, a despeito de sua robusta constituição,
« durasse tanto tempo, havendo combatido contra tantos vaivens
« politicos, como tinham sido assestados contra elle. Agora que
« elle hé falecido, justo tributo hé fazer-lhe justiça inteira, como
« aos seus mortos faziam os Egypcios. Não o devemos confundir
« com os pessimos Ministros, que viéram depois de Pombal: Araujo
« era inclinado a favorecer as lettras, e os homens, que as cultivam:
« talvez porque elle d'ahi quizesse ser tido como homem de let-
« tras; mas não intramos agora n'essa indagação. Foi, como todos
« sabem, mui abocanhado de traidor; mas mui injustamente, se-
« gundo cremos; antes, temos para nós, que elle em tempos dif-
« ficeis fez á patria serviços relevantes. Hé verdade que a sua
« longa estada em França, paiz de que gostava, e, talvez a idea

(14) Vide o periodico o *Portuguez*, já citado, no numero de Julho de 1817, á pags 957 e 958.

« de que Portugal não podia passar sem um aliado poderoso, um
 « tanto o faziam preferir a alliança de França á d'Inglaterra;
 « porem até ahí não vemos nós crime, e só se pode tachar de
 « erro de systema politico, que não lhe deixava ver que Portugal
 « podia tornar-se independente d'allianças. Em uma carta que nós
 « vimos, escripta por elle a um seu amigo, vinham estas palavras
 « notaveis — *faço o que posso; mas não posso o que desejo.*
 « Os dois maiores erros do seu ministerio foram, a louca e fu-
 « nesta expedição de Montevideo (aonde agora os nossos se acham
 « encurralados, como o havíamos previsto) e o systema prodigo de
 « destruir Portugal, para augmentar o Brazil: Deos lho perdoe. »
 — « Deus lh'o pague » diremos nós os Brasileiros em resposta a
 ésta expressão do publicista portuguez, que em relação ao Bra-
 zil seguia ainda as doutrinas retrogradadas da antiga politica de
 Portugal para com o Brazil.

Si o conde da Barca não foi um genio inventivo, si, como
 poeta, não rivalizou com os de primeira plana, e si suas obras
 litterarias não são muito numerosas; era contudo dotado do mais
 elevado bom senso, tinha o talento muito especial de bem saber
 fazer as cousas, e sobretudo de tornar-se um dos homens mais
 utilitarios da sua epocha: sua casa, sua bolsa, seus bons serviços
 pessoases, seus conhecimentos, seus gabinetes scientificos, e emfim
 sua livraria estiveram sempre á disposição de quem d'elles preci-
 sava; ainda hoje ésta ultima serve na Bibliotheca Nacional do
 Rio de Janeiro aos doctos e aos ignorantes, aos nacionaes e aos
 estrangeiros, que a-consultam, de modo que bem se-pode applicar
 ao conde da Barca o conceito da epigraphe gravada na estatua,
 que os Moguntinos levantaram ao seu Gutenberg:

Non sibi, sed populis omnibus id sapiit. (15)

(15) No pedestal da bella estatua de Gutenberg em Moguncia lêem-se os seguintes
 distichos:

na face anterior,

« Joannem Gensselsch de Gutenberg patricium Moguntinum are per totam Europam
 « collato posuerunt cives. 1837. »

e na posterior,

« *Artem, quæ Græcos latuît latuîtque Latini,*

Germani sollers extudit ingenium.

Nunc, quidquid veteres sapiunt sapiuntque recentes,

Non sibi, sed populis omnibus id sapiunt. »

Os bons serviços, que o conde da Barca prestou á causa da civilização em geral dão-lhe direito a uma menção honrosa na Historia; mas os prestados ao progresso e civilização do Brazil em particular fazem sua memoria grata aos brasileiros e nos impõem o dever de inscrever seu nome immorredouro entre os dos homens illustres e bemfeitores da terra de Sancta Cruz.

II.

Escriptos.

1) *Ode de Dryden para o dia de Santa Cecilia. Traduzida em Portuguez,*

Ode de Gray sobre o progresso da Poesia,

Hymno de Gray á adversidade,

Hymno de Gray vendo ao longe o Collegio de Eton,
em um só folheto.

A respeito d'estes opusculos diz Innocencio Francisco da Silva, á pag. 88 do tomo 1.^o do seu Dictionario bibliographico, artigo — Antonio de Araujo de Azevedo.

« 418) *Ode de Dryden para o dia de Sancta Cecilia, traduzida*
« *em portuguez.* Sem anno nem lugar da impressão 4.^o gr. de 60
« pag. não numeradas. Este folheto, que é hoje muito raro, e do
« qual possuo um exemplar, contém além da referida ode de Dry-
« den mais tres odes de Gray (1.^a *Sobre o progresso da Poesia* —
« 2.^a *Hymno á Adversidade* — 3.^a *Vendo ao longe o Collegio d'Eton.*)
« as quaes todas, bem como aquella, são traduzidas em igual nu-
« mero de versos, e com a mesma disposição das rimas dos origi-
« nacs. Estas versões são acompanhadas dos textos respectivos.
« A' frente vem uma *Advertencia* preliminar do editor (anonymo,
« mas que consta ser o Morgado de Matthews D. José Maria de
« Souza) datada de Hamburgo, a 30 de Maio de 1799. — N'esta
« mesma cidade foi estampado o folheto, como indica o caracter da
« letra, e se affirma expressamente no *Elogio historico* por Sebas-
« tião Trigoso, acima citado. Creio que não se pozeram á venda

« alguns exemplares, sendo todos destinados pelo editor para brin-
 « dar com elles as pessoas de sua amizade, e outras a quem quiz
 « obsequiar.

« A traducção da Ode de Drydén (não as outras) appareceu
 « passados annos reproduzida na *Mnemósine Lusitana*, tomo II,
 « 1817, pag. 312, com a propria *Advertencia* preliminar do edi-
 « tor. »

O catalogo dos livros da bibliotheca do conde da Barca, á
 pag. 106, reza o seguinte:

« 1.135) Ode de Dryden para o dia de Santa Cecilia. Tra-
 « duzida em Portuguez com o original ao lado. 1 vol. 4.º bre-
 « ch. 320. »

« 1.136)—Idem, 1 vol. 4.º broch. 320. »

A Bibliotheca Nacional possui dois exemplares d'este folheto:
 d'esses exemplares o primeiro tem uma capa de papel azulado, e
 na folha anterior d'ella traz, na 1.ª pagina, em cima perto do canto
 superior esquerdo, as letras (C. B.) escriptas á tincta, e no canto
 inferior esquerdo o n. 1135 manuscripto á tincta sôbre um pequeno
 rotulo de papel branco; no verso d'essa mesma folha anterior da
 capa o *Ex-Libris* n. 2 do conde da Barca, no qual está escripto
 a lapis dentro de um parallelogrammo o n. 1135; e no alto da
 1.ª pagina vem reproduzido o mesmo numero tambem escripto a la-
 pis e do mesmo modo que no *Ex-Libris*: é portanto este exemplar
 o descripto no catalogo dos livros da bibliotheca do conde da Barca
 sob o n. 1.135.

N'este exemplar nota-se o seguinte: — á pag. 2 do folheto,
 a segunda palavra da penultima linha está emendada em letra
 manuscripta á tincta, a saber, as ultimas letras —çoens— riscadas
 e substituidas por —çoens— escriptas em cima; — á pag. 19 do
 folheto, (Ode de Dryden, verso 9), a palavra —inseplutos— tem
 as letras —lu— inutilizadas por traços e substituidas pelas letras
 —ul— manuscriptas á tincta em cima, devendo portanto ler-se —
 insepultos— e não —inseplutos—; á pag. 21 do folheto, (Ode de
 Dryden) na linha 3 da nota, a palavra —Englarg'd— tem o pri-
 meiro —g— eliminado por um traço vertical, e na linha 4 da
 mesma nota as duas ultimas letras —th— da palavra —leuth—

estão substituídas pelas letras —gth— manuscriptas, cobrindo as duas impressas; á pag. 27 do folheto, (Ode de Gray sobre o progresso da Poesia) no 10.º verso da estrophe I. 1. a letra —o— que vem depois da palavra —Reino— está emendada e substituída por um —e—, manuscripto á tincta cobrindo o —o—, de sorte que, segundo a emenda, o verso deverá ficar assim composto :

« Reino ; e ora vae furiozo, debruçado ».

— tendo a traducção d'estes quatro opusculos sido feita, segundo Trigoso e Innocencio F. da Silva, em numero de versos igual ao dos originaes, como se-verifica cotejando os d'estes com os d'aquella, e não havendo na traducção da estrophe III. 3. da Ode de Gray sobre o progresso da Poesia, á pags. 37 e 39 do folheto, mais que 16 versos, quando ha no original 17, segue-se que existe falta de um verso por erro typographico: ésta falta porém está supprida no exemplar, de que nos-occupamos, pela intercalação em manuscripto por letra do proprio traductor, entre os dois versos (4.º e 5.º).

« Termos devolve, e imagens mil viventes.

O lira divinal ! que genio ouzado »

de mais outro,

« Mas ah ! ja não respira »

escripto á margem direita, e correspondente ao verso original

« But ah ! 'tis heard no more— » ;

— A' pag. 39 do folheto, (na mesma Ode de Gray sobre o progresso da Poesia) em cima das palavras —certo irá voando— do 7.º verso lê-se —hade ir sempre— em manuscripto á tincta por letra do traductor, sem signal de chamada, nem traço sôbre as palavras substituídas : entretanto parece que a variante deve ficar assim composta,

« E hade ir sempre voando, porque fóra ».

— Finalmente por baxo do ultimo verso da mesma pagina 39 do folheto e dicta Ode de Gray sobre o progresso da Poesia

« Que perto existe o bom, mas longe o grande, »

lêem-se as duas seguintes variantes, precedidas do signal X

« Bem q̃ abaixo do bom, além do grande »

« Aquem do bom, mas muito além do grande »

manuscriptas a tincta por lettra do conde da Barca. Ainda que o ultimo verso não traga o signal de chamada correspondente, bem se-vê que as duas variantes são concernentes a elle.

O segundo exemplar d'estas traducções, que possue a Bibliotheca Nacional, formava tambem um só folheto, como se deduz dos restos do papel azulado da capa antiga, identico ao da do primeiro exemplar, existentes no rosto da 1.^a folha da *Ode de Dryden* e no verso da ultima (em branco) da *Ode de Gray*—vendo ao longe o *Collegio de Eton*; mas hoje acha-se enquadrado com outros opusculos em um volume com o titulo *Miscellanea, vol. 10*. As quatro Odes estão numeradas na primeira pagina de cada uma d'ellas com dois numeros de ordem differentes, a saber, 199—202 correspondentes ao lugar que ellas occupavam em outra collecção, de que foram desentranhadas, e hoje inutilizados por traços horizontaes, e 1—4, que são os concernentes a este volume, como se-vê do Indice manuscripto, que vem em principio d'elle.

Será este o folheto descripto no Catalogo dos livros da bibliotheca do conde da Barca sob o n. 1.136? Ainda que elle não traga, como o antecedente, o n. 1.136 escripto a lapis dentro de hum parallelogrammo na 1.^a pagina da *Ode de Dryden*, inclinamo-nos a crer que o-é, á vista das apostillas manuscriptas por lettra do conde da Barca, que n'elle se-lêem. Seja porcm como fôr, eis o que ha de notavel n'este exemplar:

As palavras — Observaçens — á pag. 2, —inseplutos— á pag. 19, e —Englarg'd— e —lenth— á pag. 21 da *Ode de Dryden* estão emendadas do mesmo modo que no 1.^o folheto; — na *Ode de Gray sobre o progresso da Poesia* (pag. 27 do folheto, e verso 10) a lettra —o—, que vem depois de —Reino;—, não está emendada e substituida por um —e—; o verso portuguez (pag. 37 do folheto, estrophe III. 3.) correspondente ao original

« But ah! 'tis heard no more — »

é

« Mas ah! calou-se a li... »

(ra?— as ultimas lettras faltam, por terem sido eliminadas no acto de aparar-se a margem), manuscrito á tincta por lettra do traductor, e não

« Mas ah! ja não respira; »

O verso 8.º da pagina 39 do folheto

« E certo irá voando, porque fóra »

não traz a emenda — hade ir sempre; — e finalmente o ultimo verso da traducção n'essa mesma pagina não traz as duas variantes do primeiro exemplar:

2. « 419) *Traducção da Elegia de Gray, composta no cemite-
rio de uma igreja d'aldéa.* Em um folheto de 1.º gr. semelhante ao
antecedente; foi publicada pelo mesmo editor, quasi pelo mesmo
tempo. E' egualmente mui rara. Eu a fiz inserir em 1841 no *Ra-
malhete, Jornal de Instrucção e Recreio*, e sahio no tomo IV á pag.
359 com varias incorrecções typographicas, que escaparam ao re-
visor. » (Innocencio F. da Silva, *Diccionario bibliographico portu-
guez*).

Mr. Ferdinand Denis accrescenta ao que precede que ésta tra-
ducção foi impressa em Hamburgo.

A Bibliotheca Nacional não possui exemplar algum d'essa tra-
ducção, nem nunca o-vimos alhures..

3. « 420) *Resposta, ou refutação da Carta de um Vassallo no-
bre ao seu Rei* attribuida ao Marquez de Penalva Fernando Telles
da Silva. Esta resposta, que parece ter sido originalmentè es-
cripta em francez, appareceu traduzida e publicada sem o nome de
seu auctor no *Investigador Portuguez* numero XXXXI (Junho de
1814) pags. 690 a 695. Depois foi impressa junta com a pro-
pria carta do Marquez, e com uma segunda resposta ou refutação
d'esta, feita por José Agostinho de Macedo, formando tudo um
folheto de 65 pag. em 8.º, com o titulo de *Carta de um vassallo
nobre ao seu Rei, e duas respostas á mesma, nas quaes se prova*

« *quaes são as classes mais uteis do Estado.* Lisboa, na Typ. Rol-
« landiana 1820. Todas as trez peças vem ali anonymas. A de
« Antonio de Araujo começa á pag. 16 e finda á pag. 28. » (In-
nocencio F. da Silva, Opere citato.)

O *Investigador Portuguez*, no dicto numero, diz a este respeito o seguinte, á pag. 685: — « Revolvendo os papeis da nossa cor-
« respondencia, entre elles achamos um com o titulo seguinte: —
« Carta de um Vassallo Nobre ao seo Rey; —e logo adiante ou-
« tro, escripto em Francez, que dizia: — Reponse á la lettre du
« Marquiz de Penalva. Par un Portugais attaché à Son Souve-
« rain. —... etc. »: vem depois, no fim da mesma pagina, a *Carta*
de hum Vassallo Nobre ao seo Rey, continuada até a pag. 690, em
que finda, começando logo abaxo a *Resposta á Carta do Marquez*
de Penalva, por um Portuguez amigo do seo Soberano. Traduzida
do Original Francez, que vae até a pag. 695. Logo abaixo diz o
redactor: « Temos outra Resposta, escrita em Portuguez dada á
« mesma carta acima transcripta;..... etc. » prometiendo publical-
a no numero seguinte. Não conhecemos essa segunda resposta por
não ter a Bibliotheca Nacional a continuação do *Investigador* alem
do n. XXXVI, nem tão pouco o folheto, de que falla Innocencio
F. da Silva.

4). *Memoria em defeza de Camões contra Monsieur de la Harpe*,
inserta no tomo VII, pags. 5—16 das Memorias da litteratura por-
tugueza, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.
Temos ésta memoria.

5 « 422) *Representação a elrei D. João VI*, feita no Rio de
« Janeiro, em que defende os actos do seu ministerio, queixando-
« se do Conde de Linhares, então ministro, e de seu irmão o Conde
« do Funchal, embaixador em Londres. — Esta representação só
« viu a luz no fim de alguns annos e já depois da morte de Araujo,
« publicada no *Campeão Portuguez* em Londres, vol. I pag. 266,
« em um artigo de correspondencia assignado « Vindex »; dando
« motivo a que em breve apparecesse uma extensa confutação com
« o titulo seguinte: *Resposta publica á denuncia secreta, que tem por*
« *titulo* « Representação que a S. M. fez Antonio de Araujo de

« Azevedo em 1810 ». *Offerecida ao juizo do publico e da posteri-*
 « *dade por seu auctor R. da C. Gouvêa.* Londres, por R.^o E. A.
 « Taylor 1820. 8.^o gr. de XV—216—LXIV pag. Creio que o
 « Conde do Funchal, aggreddo na *Representação* de Araujo, não
 « foi extranho á *Resposta*, e que além de fornecer as bases e do-
 « cumentos para ella teve, se não toda, ao menos boa parte na
 « sua redacção. Possuo um exemplar d'este livro, que é mui pouco
 « conhecido, e assás interessante para a historia politica da monar-
 « chia portugueza nos primeiros annos d'este seculo. » (Innocencio
 F. da Silva, *Oper. cit.*)

Não conhecemos nenhuma das edições d'esta *Representação*.

6) *As Odes de Horacio*, traduzidas em verso portuguez. D'esta traducção diz Trigoso (Elogio historico, á pag. XXXIV) :— « ...
 « mas esta versão não chegou a publicar-se, ou por descuido do
 « Autor, ou por uma injusta timidez e desconfiança de suas for-
 « ças. Talvez que ésta desconfiança se-augmentasse pela severidade
 « e acrimonia com que ésta obra foi julgada por um homem, a
 « cuja decisão em outras circumstancias o publico poderia sub-
 « screver. Francisco Manoel do Nascimento, obrigado pela tormenta
 « da revolução a buscar azilo na casa do Sr. Antonio de Araujo,
 « que tão liberalmente lha offerecêra, passava os dias em paz no
 « seio das Musas, e da amizade, sem que estas venturas lhe podess-
 « sem nunca fazer esquecer nem os seus antigos desastres, nem
 « ainda a sua mesquinha, mas independente habitação de Paris :
 « vivia desgostoso entre os Hollandezes, e no pesado clima de
 « Haya; desejava ver-se totalmente senhor de si, e este desejo
 « dava-lhe momentos de máo humor, molestia d'animo a que a
 « sua qualidade de Poeta o tornava ainda mais propenso. Em alguns
 « d'estes momentos molhou a penna no fel da critica para atacar a
 « traducção do seu amigo, e imprimiu estes versos: o Sr. Conde da
 « Barca teve a nobreza d'alma de não se dar por offendido com os
 « epigrammas de hum homem que tantas vezes tinha empregado
 « o seu estro em o clogiar; desculpou este desaforo ao infeliz, e
 « continuou-lhe inalteravelmente até á morte as mesmas provas de
 « amizade; mas reccou-se da sua versão, e deixou-a em esqueci-

« mento. » Innocencio F. da Silva em seu *Dicc. bibliog.* cita d'estes epigrammas os seguintes:

« Esse Horacio em latim
 « E ess'outro traduzido
 « Cada um seja a seu nume (quanto a mim)
 « Por divida offerecido:
 « A Venus o latino, e o lusitano
 « Off'reçam-no a Vulcano. »

« Horacio, transmudado em traje luso,
 « Estranhara seus versos engoiados,
 « Sua atrevida phrase, hoje tão chocha
 « Em lingua d'etiqueta. »

7). *Memoria*, dando noticia da obra, em parte inedita, do jesuita portuguez Pero Paes e de outras obras relativas á Abyssinia, e refutando Bruce, etc., que foi lida em sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa, mas que nunca foi publicada. (Vide Elogio historico por Trigoso, pag. XXXVII e XXXVIII.)

8). *Hortus Araujensis*, ou catalogo systematico das plantas de seu jardim, que, segundo a expressão de Trigoso, (pag. XLIII do Elogio historico), « ... e principiou o catalogo d'ellas com o titulo « de *Hortus Araujensis*. » parece que não foi terminado: entretanto Mr. Ferdinand Denis affirma que elle fora publicado.

Não o-conhecemos.

9). A tragedia *Nova Castro* e varias *Poesias*, ineditas, que por sua morte se-extraviaram.

10). *Catalogo dos livros da bibliotheca do Commendador d'Araujo* (?) Inedito. Temos para nós como muito provavel que o *Catalogo dos livros da Bibliotheca do Conde da Barca em 1818* (MSS.), que possuimos, é copia, menos o titulo, do que para seu uso fizera o mesmo conde: — a falta de pessoal numeroso e idoneo para organizar um catalogo systematico no curto espaço de tempo que medeiu entre a morte do conde da Barca, 21 de Junho de 1817, e o fim do anno de 1818, (si é que não foi menor, visto como é im-

provavel que esse trabalho fosse começado logo depois do fallecimento do conde e tivesse terminado a 31 de Dezembro de 1818); a lacuna, que se-vê á pag. 160 do mesmo Catalogo, onde, logo depois do dizer,

« 1637. The old and New Testament conncted in the History
« of the Jesus and/ neibauring Nations from the Declession of the
« Kindgoms of Israel/ and Judah to the time of Christ. By Humphrey
« Prideaux. The 5th/ edition. London 1718, 2 vol fol. 1600. » se-lê:

« 1639. V. Cl. Joannis Seldini de Synedriis et Praefecturis
« Juridicis Veterum/ Ebraecorum Libri tres. Editio ultima. Amste-
« lacedami 1679. 1 vol. 4.º 800. »

com a nota marginal — « *Vide-no Apendix o.n. 1638* » por lettra do bibliothecario p.º Joaquim Damaso — comparada com o ultimo dizer do catalogo, á pag. 214,

« Numeros que faltão.

« 1638. Antiquitates sacrae veterum Hebraeorum etc. 1741. 1 vol.
« 4.º 400 »; e a existencia do Appendice (de pags. 206—214) foram as razões que nos-induziram a pensar que o nosso catalogo mss. é copia do feito pelo conde da Barca.

O catalogo mss. da Bibliotheca Nacional é um volume in-folio de 42 millimetros de altura X 25 millimetros de largura, enquadernado, com 2 paginas innumeradas e 214 numeradas.

Na 1.ª pagina innumerada vem o titulo, do mss. — *Catalogo/ Dos/ Livros da Bibliotheca/ Do/ Conde da Barca/ Em/ 1.818/*— : o catalogo propriamente dicto começa á pag. 1 pelas palavras:

« Theologia./ Textos e Versões da Escritura Sagrada./ 1 » Biblia

« Sacra. Mss em Latim. 1300. 1 vol. 8.º sem titulo. 320/ 2.

« La Biblia, que es los sacros Libros del viejo, y nuevo Testamen-/

« to. Tradladada en Español. 1.622. 1 vol. 4.º gr. 800/ ... etc. »

e termina á pag. 214 pelas palavras:

« Numeros que fallão./ 1638. Antiquitates Sacrae veterum He-

« braeorum etc. 1741. 1 vol. 4.º 400./ »

As obras n'elle aponctadas estão distribuidas por materias do seguinte modo :

Theologia (pag. 1-5)

Textos, e Versões da Escritura Sagrada (pag. 1)

Theologos, e Moralistas	(pag. 1-2)
Catecismo, e Orações	(pag. 3)
Theologia Mystica, ou Contemplativa	(pag. 3)
Orações Sagradas	(pag. 3-4)
Theologia Polemica	(pag. 5)
Theologia Heterodoxa	(pag. 5)
Jurisprudencia	(pag. 6-13)
Direito Canonico	(pag. 6)
Direito Ecclesiastico Portuguez	(pag. 6)
Direito Civil, da Natureza, e das Gentes, Direito Publico	(pag. 6-8)
Direito Patrio	(pag. 8-10)
Legislação Estrangeira	(pag. 10-13)
Espanha	(pag. 10-11)
França	(pag. 11-12)
Inglaterra	(pag. 12)
Alemanha	(pag. 12)
Napoles	(pag. 12)
Hollanda	(pag. 12-13)
Sciências e Artes	(pag. 13-205)
Filozofia	(pag. 13-16)
Ethica, ou Moral	(pag. 16-18)
Economia	(pag. 18-19)
Politica	(pag. 19-21)
Commercio, e Finanças	(pag. 21-23)
Historia Natural	(pag. 22-53)
Historia Natural em geral	(pag. 24-27)
Historia Natural dos Elementos	(pag. 27)
Mineralogia	(pag. 27-28)
Metallurgia	(pag. 28)
Historia Natural dos Fossilos e das Petrificações	(pag. 29-30)
Historia Natural das Pedras	(pag. 30)
Historia Natural das Aguas, Banhos e Aguas Mineraes	(pag. 30-31)
Agricultura e Jardinagem	(pag. 31-33)
Botanica	(pag. 33-44)
Historia Natural dos Animaes	(pag. 44-47)

- Historia Natural dos Animaes Amphibios (pag. 47)
 Historia Natural dos Peixes (pag. 47-48)
 Historia Natural das Conchas (pag. 48-49)
 Historia Natural dos Insectos do Rio e de Terra (pag. 49-50)
 Historia Geral dos Insectos (pag. 50-53)
 Historia Natural dos Monstros, Prodigios, etc. (pag. 53)
 Gabinetes, ou Collecções de Curiozidades da Natureza, e da Arte
 (pag. 53)
 Medicina (pag. 53-57)
 Anatomia (pag. 57)
 Medicina Veterinaria (pag. 58)
 Fyzica em geral (pag. 58-60)
 Quimica (pag. 60-63)
 Mathematica (pag. 63-66)
 Astronomia (pag. 66-68)
 Astrologia (pag. 68)
 Hydrografia (pag. 68-69)
 Optica e Perspectiva (pag. 69)
 Muzica (pag. 69)
 Mccanica (pag. 69-71)
 Artes (pag. 72-73)
 Arte do Desenho, e Pintura (pag. 73-75)
 Architectura (pag. 75)
 Architectura Militar (pag. 76)
 Arte Militar (pag. 76-77)
 Arte Pyrotechnica, ou do Fogo, da Fundição etc. (pag. 77)
 Gymnastica (pag. 78)
 Artes, e Officios Mecanicos (pag. 78)
 Bellas-Letras (pag. 78)
 Grammaticas, e Dictionarios (pag. 79-82)
 Rhetorica (pag. 82)
 Oradores Gregos (pag. 82-83)
 Oradores Latinos (pag. 83-84)
 Poetica (pag. 85)
 Poetas Gregos (pag. 85-88)
 Poetas Latinos (pag. 89-97)

Poetas Latinos de Nações Estrangeiras	(pag. 97-98)
Poetas Portuguezes	(pag. 98-101)
Poetas Hespanhoes	(pag. 101-102)
Poetas Francezes	(pag. 103-104)
Poetas Ingлезes	(pag. 104-106)
Poetas Italianos	(pag. 106-109)
Poetas Alemães	(pag. 109)
Theatro	(pag. 110)
Theatro Grego	(pag. 110-112)
Theatro Latino	(pag. 112-113)
Theatro Portuguez	(pag. 113-114)
Theatro Hespanhol	(pag. 114)
Theatro Francez	(pag. 115-116)
Theatro Inglez	(pag. 116-117)
Theatro Italiano	(pag. 117-119)
Theatro Alemão	(pag. 119)
Mythologia	(pag. 119-120)
Fabulas, Apologos, etc.	(pag. 120)
Faccias, Peças Burlescas, etc.	(pag. 121)
Contos e Novelas	(pag. 121)
Romances	(pag. 121-123)
Filologia	(pag. 123)
Tratados de Estudos e da Literatura,	(pag. 123-124)
Critica	(pag. 124)
Satyras, Invectivas, Defensas, Apologias, etc.	(pag. 125)
Adagios, Proverbios, etc.	(pag. 125)
Discursos Filologicos, Critigos, Allegoricos, etc.	(pag. 126)
Polygrafia	(pag. 126-128)
Dialogos e Entretenimentos	(pag. 128-129)
Collecções de Cartas	(pag. 129)
Historia	(pag. 130)
Geografia em Geral	(pag. 130-133)
Viagens em Geral	(pag. 133-143)
Chronologia	(pag. 143)
Historia Universal	(pag. 143-147)
Historia Ecclesiastica	(pag. 147-149)

Historia Profana das Monarchias antigas	(pag. 149)
Historia dos Judeos.	(pag. 149-150)
Historia Geral das 4 Monarquias Antigas, dos Caldeos, Babylonios etc.	(pag. 150-151)
Historia Grega	(pag. 151-152)
Historia Romana	(pag. 152-155)
Historia de Portugal	(pag. 155-158)
Historia de Hespanha	(pag. 158-162)
Historia de França	(pag. 162-168)
Historia de Inglaterra	(pag. 169-175)
Historia de Alemanha	(pag. 175-176)
Historia da Prussia	(pag. 176)
Historia de Italia	(pag. 176-177)
Historia de Hollanda	(pag. 177-179)
Historia da Suissa	(pag. 179)
Historia da Suecia	(pag. 180)
Historia de Polonia	(pag. 180)
Historia da Russia	(pag. 180-181)
Historia Oriental	(pag. 181)
Historia dos Turcos	(pag. 181)
Historia da Azia	(pag. 182-183)
Historia de Africa	(pag. 183-184)
Historia da America	(pag. 185)
Historia dos Estados Unidos da America,	(pag. 185-186)
Historia Genealogica	(pag. 186)
Historia Politica ou Diplomatica	(pag. 186-188)
Antiguidades	(pag. 189)
Museus, Pedras Gravadas, Inscriptões, Numismatica	(pag. 189-194)
Historia Literaria	(pag. 194-204)
Vida dos Homens Ilustres	(pag. 204-205)
Appendix 1. ^o	(pag. 206-214)

Alem d'isto o catalogo está cheio de muitas apostillas a lapis vermelho e preto, e a tincta; das mais importantes d'ellas nos-occuparemos mais detidamente no correr d'este escripto.

Quanto á tragedia *Osmia*, coroada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, por alguns (Trigoso, Mr. Ferdinand Denis,

José Maria da Costa e Silva e Innocencio F. da Silva á pag. 89 do tomo 1.º do seu Diccionario bibliographico portuguez) attribuida á penna do conde da Barca, não resta hoje duvida de que ella é obra de d. Theresa de Mello Breyner, condessa do Vimieiro, como á. pag. 329 do 6.º tomo do citado Diccionario, no artigo *Osmia*, o proprio Innocencio o-confessa pelas seguintes palavras:

« Essa explanação » (dos motivos, em que, no tomo 1.º pag. 89 fundamentava a opinião de ser a tragedia *Osmia* escripta pelo conde da Barca) « torna-se porém hoje inutil, convencido como « vim a ser de que errava na minha persuasão, pois que os funda- « mentos d'ella estavam mui longe da solidez que eu lhes suppu- « nha, na falta de outros melhores. Por mais indestructiveis que « parecessem, ficam de todo anniquilados em presença do formal e « auctorizado testemunho de um cavalheiro por tantos titulos res- « peitavel, como o é de certo o sr. Antonio de Mello Breyner, « n'este ponto maior de toda a excepção. Elle me affirmou con- « servar em seu poder com outras composições de sua tia, a con- « dessa do Vimieiro, o proprio autographo da *Osmia*, escripto por « lettra d'aquella senhora, offerecendo-se para mostrar-m'o a fim de « convencer-me da verdade. Não pude vel-o, por embarços sem- « pre crescentes do tempo; mas o dito é mais que sufficiente para « desfazer até sombras de duvida. Fique pois assentado de uma « vez que D. Theresa de Mello Breyner foi auctora da *Osmia*; e « reconhecida como unica genuina a opinião dos que assim o jul- « garam. »

(Continuar-se-ha.)

Dr. J. J. M. Baum.

A COLLECÇÃO CAMONEANA

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

C A T A L O G O.

[*Continuação* (*)].

12) Os *Lusiadas* de Lvis de Camões. Cõ todas as licenças necessarias.

Em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck. Impressor & Liureiro das tres Ordens Militares, & á sua custa. Anno 1644. In-24.

Na folha seguinte vem a dedicatória de Paulo Craesbeeck a d. João Rodrigues de Sá de Menezes, conde de Penaguião. Seguem a ésta dedicatória: Os *Lusiadas* com os argumentos até a folha 160 recto;—o *Index* dos nomes proprios até a folha 204 recto. No verso d'esta ultima traz as licenças, a primeira de 9 de Maio, a segunda de 13 do mesmo mez, e a taxa tambem de Maio de 1644.

A proposito das licenças, diz o sñr. visconde de Juromenha: « As licenças võem na ultima pagina, datadas de 10 e 13 de Maio de 1644, para se imprimirem os *Lusiadas* e notações.

« Não sei que annotações sejam estas, a não ser o index dos nomes proprios. »

Em primeiro logar, o nosso exemplar não traz nem uma licença com a data de 10 de Maio. Em segundo logar, nem uma só d'ellas fala em notações.

[*] Continuação da pag. 221 do 1.^o volume.

Esta edição é descuidada e até incompleta. Falta-lhe a estância 125 do canto III:

Para o céo cristalino alevantando, &

Passa da estância 124:

Trazia-na os horrificos algozes, &

para a estância 126:

Se já nas brutas fêras, cuja mente, &

Alem d'este descuido typographico, tambem os ha de paginação ou numeração de folhas. Duas têm o numero 20, duas o numero 22, duas o numero 174, &

13) Os *Lysíadas* de Lvis de Camões. Cõ todas as licenças necessarias.

Em Lisboa. Por Paulo Craesbeeck, Impressor das Ordens Militares, & a sua custa. Anno M.DC.LI. Com Privilegio Real. In-24.

Na folha que se segue á folha de rosto a dedicatória de Paulo Craesbeeck a d. João Ródrigues de Sá de Menezes, conde de Penaguião. Na seguinte, as licenças para a impressão, a primeira de 31 de Janeiro, e não 1.^a de Janeiro, como vemos talvez por engano na obra do sñr. visconde, a segunda de 6 de Julho, e a terceira de 10 de Julho de 1651. Logo depois quatro sonetos em louvor de Camões: o primeiro de Diogo Bernardes; o segundo de Diogo Taborda Leitão; o terceiro de um amigo do poeta; o quarto á sepultura de poeta, soneto tirado de versos de suas *rhythmas* por João Gomes do Pego. Vem depois: *Os Lysíadas* sem o index dos nomes proprios de João Franco Barreto.

Este exemplar tem 4 fls. innumeradas—162 fls. numeradas erradamente.

Não será inteiramente ocioso mencionar os erros da paginação d'este livrinho para se demonstrar o pouco zêlo que presidiu á sua impressão e facilitar o confronto com outros exemplares.

A numeração vae certa de fls. 1—24.

As fls. 25 a 72 trazem a numeração errada de 23—70;

Torna a corrigir-se de fls. 73 a 96;

As fls. 97—108 vem numeradas 100—111;

As fls. 109—120 » » 117—128;

A fl. 121 não traz numeração;

A fl. 122 traz a numeração de 120;

A fl. 123 » » 111;

As fls. 124—142 vem numeradas 122—140;

A fl. 143 traz a numeração 411;

Em vez de 144—156 lê-se : 142—154

Em vez de 157—162 » 136—141

Não falla o sñr. visconde de Juromenha nesta particularidade, e Innocencio da Silva, provavelmente por não ter visto exemplar algum da edição, faz d'ella menção mais que succinta.

E' licito pois perguntar: existirão exemplares semelhantes ao nosso, ou teria razão o livreiro que pôz-lhe na guarda ésta nota a lapis: « *probably unique* » ?

Pertenceu este exemplar ao illustre poeta inglez Thomas Parnell (cujo autographo ainda se-pode ler na folha de rosto), e mais tarde fez parte da bibliotheca de Rebello da Fontoura.

14) Rimas de Luis de Camoens, Principe dos Poetas de seu tempo. Dedicadas ao Illustrissimo Senhor Andre Furtado de Mendoça Deão, & Conego dignissimo da S. Sè de Lisboa, Doutor em a Sagrada Theologia, Deputado da Junta dos Tres Estados do Reyno, &.

Em Lisboa impressas. Com as licenças necessarias. Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza, e à sua custa. Anno 1663. In-24.

A' folha de rosto se-segue outra com a Dedicatoria. Depois começam as Rimas, que terminam na fl. 164 verso. Na fl. 165, lê-se : « *Comedia Delrey Seleuco. De Luis de Camoens.* » Esta comedia termina na fl. 180 verso. Todo o volume consta de 11—180 folhas numeradas somente na pagina do rosto.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

15) Os Lusiadas de Luis de Camoens, com os Argumentos do L.^{do} João Franco Barreto. Com hum Epitome de sua vida. Dedicados ao Illustrissimo Senhor Andre Furtado de Mendoça Deão, & Conego dignissimo da S. Sè de Lisboa, Doutor em a Sagrada Theologia, Deputado da Junta dos Tres Estados do Reyno, &.

Impressos em Lisboa. Com as licenças necessarias. A custa de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Sua Alteza. Anno 1663. In-24.

Este volume comprehende depois do titulo :—as *Licenças*, sendo : a do Conselho do Sancto Officio datada de 6 de Julho de 1656 ; a do Ordinario de 21 de Julho de 1658 ; e a do Dezembargo

do Paço de 8 de Agosto de 1659. — *Dedicatória* em oitava rima por Antonio Craesbeeck de Mello. — *Os Lusíadas*. — Um resumo da *Vida de Camões*. Termina com o epitaphio da sepultura do poeta.

Consta este exemplar de 4 fls. innumeradas — 142 folhas numeradas de um só lado, e mais duas innumeradas no fim.

Esta edição dos *Lusíadas* costumá andar unida á edição das *rhythmas* do mesmo anno, formando collecção completa das *Obras*.

(Ex libr. J. H. G. Rebello da Fontoura)

16) *Rimas de Lvis de Camões princepe dos poetas portvgveses. Primeira, segvnda e terceira parte, nesta nova impressam emmendadas, & acrescentadas, pello leconciado Joam Franco Barreto.*

Lisboa. Com as licenças necessarias. Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de Casa Real. Anno 1666—69. 2 vols. in-4.º

O 1.º volume contem sómente a primeira parte das rimas.

Na folha que se segue á folha de rosto estão: o soneto dirigido a Camões por um seu amigo, que começa:

Quem he este, que na harpa Lusitano, &
o o soneto á sepultura de Camões, tirado de versos de suas rimas por João Gomes do Pego:

Debaixo desta pedra está metido, &

Seguem-se as *Rimas*, isto é, 106 sonetos, 10 canções, 10 odes, sextinas, 3 elegias, oitavas, 8 eclogas, redondilhas, chartas, &. Termina com o epitaphio latino, que estava na sua sepultura

Naso elegis: Flaccus Liricis: epygrammate Marcus:

Hic jacet Hero carmine Virgilius, &

Esta parte, bem como a segunda e terceira, andam junctas com os *Lusíadas*, que se imprimiram em 1669, com o título: *Obras de Lvis de Camões, &.*

Este volume consta de 368 paginas.

O 2.º volume intitula se:

Rimas de Lvis de Camões princepe dos poetas portvgveses. Segunda Parte. Emendadas, & acrescentadas pello Lecenceado João Franco Barreto. Lisboa. Com as licenças necessarias. Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor da Casa Real anno de 1669.

No verso da folha de rosto se acha o soneto de Diogo Taborda Leitão ao auctor, em manuscripto.

Na folha seguinte começam as rimas, ás quaes succedem as duas comedias Seleno e Amphitriciens, e a Protestação da Fé.

O mesmo volume contém a terceira parte, com este título:
*Terceira parte das rimas do princepe dos poetas portuguezes
 Luis de Camoens, tiradas de varios manuscriptos muihos da
 letra do mesmo Autor, por D. Antonio Alvarez da Cunha.
 Offerecidas a soberana alteza do princepe Dom P'edro. Por
 Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza, & à
 sua custa impressas. Anno 1668.*

Como observam os bibliographos, nesta parte não figura o nome de João Franco Barreto.

Na folha que se segue á folha de rosto vem a licença para a impressão: a primeira datada de 21 de Janeiro; a segunda de 3 de Fevereiro; e a terceira de 1 de Março de 1667.

Depois occorre a Dedicatoria, e um pequeno Prologo ao leitor, em que lhe-offerece estes ineditos, que os trabalhos dos estudos lhe trouxeram ás mãos, muitos copia-los da propria letra do auctor. Depois do prologo seguem-se as poesias.

Esta segunda e terceira parte, bem como a primeira, andam junctas em um volume, com o título: Obras de Luiz de Camões, etc.

A segunda parte consta de 2 ff.—207 paginas. A terceira de VIII—103 paginas, e mais 22 innumeradas.

17) Obras de Luis de Camões princepe dos poetas portuguezes. Com os argumentos do Lecenceado João Franco Barreto; & por elle emêdadas em esta nova impressão, que comprehende todas as Obras, que deste insigne Autor se achãrão impressas, & manuscriptas, com o Index dos nomes proprios. Offerecidas a D. Francisco de Sousa capitão da guarda do princepe n. s. *Por Antonio Craesbeeck d'Mello Impressor da Casa Real. Anno 1669. Lisboa. Com as licenças necessarias e Previlegio Real. In-4.º*

Seguem-se: a dedicatoria, as licenças, um resumo da vida do poeta e o soneto de Diogo Bernardes em seu favor, e o privilegio a A. Craesbeeck para poder imprimir á sua custa por dez annos as obras de Luiz de Camões. 4 fls. inn.

Em seguida vem os *Insiadas* com 376 pags. O index dos nomes proprios com 78 pags. Rimas, primeira parte, com 2 fls.—368 pags. Anno 1666. Rimas, segunda parte, com 2 fls.—207 pags. Anno 1669. Rimas, terceira parte, com 4 fls.—108 pags., e mais 22 não numeradas contendo 43 sonetos. Esta terceira parte assim se-inscreve: *Terceira parte das rimas do principe dos poetas portuguezes Luis de Camoens, tiradas de varios manuscriptos muitos da letra do mesmo Autor, por D. Antonio Alvarez da Cunha. Offerecidas a soberana alteza do principe Dom Pedro. Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza, & à sua custa impressas. Anno 1668.*

Nesta parte formada toda de poesias até então inéditas não figura o nome de João Franco Barreto.

Innocencio da Silva, posto que um tantô confuso na descrição que fez d'esta edição, é todavia bastante minucioso, e conclue com a seguinte judiciosa observação: *E' estimada esta edição porque serve de edição princeps no que diz respeito ás poesias contidas na terceira parte.*

Julgamos de interesse trasladar para aqui as seguintes palavras do illustrado sñr. visconde de Juromenha: *Esta edição foi sem duvida feita debaixo da protecção de Antonio Alvares da Cunha decimo quinto Senhor de Taboa, e Guarda-mór da Torre do Tombo, fidalgo pertencente a uma família que á nobreza do sangue juntava a illustração do talento e das armas. A terceira parte, como já dissemos, foi feita sobre originaes, alguns de letra de Camões, que elle franqueou, &c.*

(Ex. libris J. E. G. Rebello da Fontoura.)

18) Obras de Luis de Camões principe dos poetas portuguezes. Com os argumentos do Lenceneado (*sic*) João Franco Barreto; & por elle emêdadas em esta nova impressão, que comprehendendo todas as Obras, que deste insigne Autor se acharão impressas, & manuscritas, com o Index dos nomes proprios. Offerecidas a D. Francisco de Sousa capitão da guarda alemãa do do (*sic*) principe n. s. *Por Antonio Craesbeeck d'Mello, Impressor da Casa Real. Anno 1669. Lisboa. Com as licenças necessarias. In-4.º*

Segue-se á folha de rosto uma outra com as licenças para a impressão, tendo, porém, o verso em branco. Depois, vem os *Insiadas* com 376 pag.

O Indice dos nomes proprios com 78 pag. Rimas (primeira parte) com 368 pag. sem folha de rosto. Rimas, (segunda parte)

com 207 pag. sem folha de rosto. Tercceira parte das rimas e mais 22 não numeradas com 43 sonetos.

Não viram este exemplar nem o sñr. visconde de Juro-mença nem o Innocencio da Silva. Ainda que muito semelhante ao que elles mencionam (e já aqui descripto sob n. 17), contudo se distinguem um do outro por certas variantes ou particularidades, que resaltam facilmente do confronto de ambos. A orthographia da folha de rosto, a falta das folhas de rosto da primeira e segunda parte das rimas, e d'aquellas que precedem os Lusíadas, nas quaes se acham o soneto de Diogo Bernardes e o privilegio concedido a Antonio Craesbeeck, bastam para estabelecer a differença entre este e aquelle exemplar.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

19) Rimās varias de Luis de Camoens Principe de los Poetas Heroycos, y Lyricos de España. Ofrecidas al muy ilustre Señor D. Jvan da Sylva Marquez de Gouvea, Presidente del Dezembargo del Paço, y Mayordomo Mayor de la Casa Real, & Commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo. Tomo I. y II. que contienen la primera, segunda y tercera Centuria de los Sonetos.

Lisboa. Con Privilegio Real. En la Imprenta de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real. Con todas las licencias necesarias. Año 1685.

Rimas varias de Lvis de Camoens, Principe de los Poetas Heroycos, y Lyricos de España. Ofrecidas al muy ilustre Señor Garcia de Melo, Montero Mor del Reyno, Presidente del Dezembargo del Paço, & Commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo. Tomo III. IV. y V. Segvnda Parte. El tom. III contiene las Canciones, las Odas, y las Séxtinas. El tom. IV. las Elegias, y las Otavas. El tom. V. las primeras ocho Eglogas.

Lisboa. Con todas las licencias necesarias. En la Imprenta Craesbeeckiana. Año M.D.C.LXXXIX. Con Privilegio Real.

2 volumes in-fol.

O primeiro volume contem depois do titulo: a dedicatória do editor Theotonio Damaso de Mello ao marquez de Gouvêa, a qual

assim começa: *Esta he a primeyra vez, que saem á luz as Rimas do Grande Luis de Camões, illustradas por Manoel de Faria, & Sousa, escritores ambos de tão esclarecida fama, que lhe bastão por Panegiricos, as repetidas vozes do universal applauso*; a Approvação assignada em 13 de Março de 1685 por Fr. Manuel de S. Athanasio, da Ordem dos Capuchos; as licenças para a impressão, a primeira datada de 2 de Junho, a segunda de 28 de Julho, e a terceira de 7 de Agosto de 1679; epigraphes, como diz o sñr. visconde de Juromenha, extrahidas dos mesmos auctores, que vem nos Commentarios dos Lusíadas; *Advertencias para que se leam con toda luz estos comentarios*; *Prologo*; *Vida del Poeta*; *Juizio destas Rimas*; *Discurso acerca de los versos de que constan los Poemas... y de la perfeccion de los Sonetos, y quales Autores se aventajaron en ella*. Em seguida começa o commentario.

Na parte superior da folha onde começa a Vida do Poeta, nota-se, como diz o sñr. visconde de Juromenha, uma vinheta que parece representar o commentador que offerece uma corôa ao poeta, o qual é levado pelo braço por Minerva.

Esse primeiro volume consta de 25 fls. inn.—356 paginas.

O segundo volume contem depois do titulo: a Dedicatória a Garcia de Mello, datada de 1.º de Outubro de 1688, e assignada por Ignacia Maria de Carvalho, editora e representante da Officina craesbeeckiana; as licenças para a impressão, e para correr, as primeiras datadas de 1679, as últimas de 1689. Seguem-se as rimas.

Consta o tomo III. de 2 fls. inn.—207 pags.

Os tomos IV e V de 339 pags.

São cheias de interesse as seguintes observações do sñr. visconde de Juromenha: «No anno de 1644 tinha Manuel de Faria e Sousa concluido um segundo borrador d'estes commentarios com este titulo: *Varias Rimas de Luis de Camões, comentadas por Manuel de Faria y Sousa Cavallero de la Orden de Christo y de la Casa Real. Segundo borrador. Madrid, 1644*. Existe este segundo borrador autographo, com folhas trocadas, com muitas entrelinhas e chamadas e bocados pequenos colados, de sorte que não foi este o que serviu para a impressão, o qual devia ser interessante, porque se este contem alguns inéditos do Poeta, e o commentario de algumas poesias menores, aquelle que fosse feito posteriormente a este, daria logar a novas descobertas. O commentario ás comedias existia em Evora na livraria do Conego Mira; fiz toda a diligencia pelo descobrir, porem não me foi possível saber para onde passou.

«.....Na bibliotheca do Duque de Villa-Hermosa em Madrid me consta existirem uns Commentarios autographos de Faria e Sousa, e como elle os copiou umas seis ou sete vezes, talvez seja algum jogo completo & »

Estes commentarios de Faria e Sousa ás rimas de Camões não estão completos. O V tomo contem sómente VIII eclogas. Sôbre as causas d'esta omissão, ou antes, d'esta interrupção dos commentarios, vide Innocencio da Silva, vol. 5.º pag. 258, e o sãr. v. de Juromenha, vol. 1.º pag. 336 a 338. E' este um poncto sôbre o qual nada podemos decidir.

20) (Obras de Luiz de Camões.) In-12.º

A folha de rosto tem este titulo: *Os Lusíadas do grande Luis de Camoens, príncipe dos poetas de Hespanha. Com os argumentos do Licenciado João Franco Barreto, & Index de todos os nomes proprios. Emendados nesta última impressão. Lisboa. Na Officina de Manuel Lopez Ferreyra, & á sua custa. M. D. C. C. II. Com todas as licenças necessárias.*

Depois vem :—*Vida do grande Luis de Camoens*, terminando com o epitaphio de sua sepultura.—*Licenças*, a primeira datada de 14 de Setembro, a segunda de 16 de Setembro, a terceira de 17 de Setembro de 1700, a quarta de 18 de Julho, e a taxa de 20 de Julho de 1702.—*Os Lusíadas*, de pag. 1 a 374.—*Index de todos os nomes proprios*, de pag. 375 a 479.—*Rhythmas* (1.ª parte), de pag. 481 a 896, onde terminam com o *Epitafio* (latino) *que está na sepultura do grande Luis de Camões*.

Tem todo o volume XII—896 paginas.

O sãr. visconde de Juromenha descreve a edição dos Lusíadas de 1702, mas não se refere ás Rhythmas. Este nosso exemplar, contendo os Lusíadas e as Rhythmas, e formando assim mais uma edição das obras do grande epico, escapou ás sagazes investigações do dicto visconde.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

21) Obras do grande Luis de Camões, príncipe dos poetas heroycos , & lyricos de Hespanha, novamente dadas a luz com os seus Lusíadas commentados pelo Licenciado Manoel Correa Examinador Sinodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, & natural da Cidade de Elvas, com os argumentos do Licenciado Joam Franco Barreto, e agora nesta ultima

Impressão correcta, & accrescentada com a sua Vida escrita por Manoel de Faria Severim, offerecido ao Senhor Antonio de Basto Pereyra, do concelho de El-Rey Nosso Senhor, &.

Lisboa occidental, na Officina de Joseph Lopes Ferreyra, Impressor da Serenissima Raynha Nossa Senhora, & à sua custa. MDCCXX. Com todas as licenças necessárias. In-fol. e com o r. impr. a d. tinct.

A' folha de rosto se segue outra com a dedicatória a Antonio de Basto Pereira por Manuel Lopes Ferreira.

A ésta folha se-segue outra com o *Prologo ao leytor*, tendo no verso as licenças para a impressão. Em seguida uma outra com o retrato do poeta em corpo inteiro e sentado, que parece tirado de algum original antigo, segundo diz o sñr. visconde de Juromenha. Depois, mais 12 folhas, com a vida de Luiz de Camões, por um de seus mais auctorizados biographos o chantre Manuel Severim de Faria.

Estas folhas, incluindo a de rosto, perfazem o numero de 16 folhas preliminares innumeradas.

As numeradas contem : os *Lusiadas*, com 312 pags. Rimas, I parte, pp. 1—69. Rimas, II parte, pp. 70—167. Rimas, III parte, pp. 168—251.

O sñr. visconde de Juromenha diz : Nesta edição se junctaram trinta e septe sonetos, que não traz Faria e Souza. Innocencio da Silva, fazendo a mesma observação, accrescenta mais : sem que o edictor comtudo quizesse declarar-nos d'onde os houvera, ou que segurança lhe afixava a authenticidade d'elles.

Exemplar em papel de grande formato.

(Ex libris Regiæ Bibliotheca Ulysiponensis.)

— Idem, idem (Exemplar em papel ordinario).

22) (Obras de Luiz de Camões.) 2 vols. in-24.º

O primeiro volume traz o titulo seguinte impresso a duas tintas :

Os Lusiadas do grande Poeta de Camoens, principe dos poetas de Hespanha, com os Argumentos do Licenciado Joam Franco Barreto, & Index de todos os nomes proprios, agora nesta ultima impressão novamente correcta. Offerecido ao Senhor Manoel Galvam de Castello Branco, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Collegial em o Pontificio Collegio de S. Pedro da Universidade de Coimbra, Secretario das

Justiças, de da Meza do Dezenbargo do Paço. Lisboa occidental. Na Officina Ferreyriana. M.DCCXXI. Com todas as licenças necessárias.

Antes da folha de rosto o retrato de Camões em um ovado, e em torno as palavras: *Loiz de Camois. Princepe dos poetas das Espanhas*; e por baxo do retrato, as armas do poeta, entre uma penna e uma espada. Em seguida á folha de rosto:—Dedicatória assignada por Manuel Lopes Ferreira.—*Vida do grande Luis de Camoens.*—*Licenças para a impressão.*—*Os Lusíadas.*—*Index dos nomes proprios.*

Este volume, incluindo a folha de rosto, tem 6 fls. inn.—479 pags.

O segundo volume comprehende as *Rhythmias*. Não traz as comedias, e termina com o epitaphio latino da sepultura.

Este volume, sem folha de rosto, continuando a numeração do precedente começa na pagina 481, e termina na pag. 896.

Pelo que dizem os sñrs. visconde de Juromenha e Innocencio da Silva, parece, que o exemplar, que viram d'esta edição, é em um só volume.

As *Rhythmias*, que, segundo elles, começam a pag. 480, em nosso exemplar começam no segundo volume e á pag. 481. As licenças para a impressão que, segundo diz o sñr. visconde, vem no fim do volume, depois do epitaphio latino, em nosso exemplar occorrem no primeiro volume, logo depois da biographia de Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

23) *Lusiada* poema epico de Luis de Camões principe dos poetas de Espanha, com os Argumentos de João Franco Barretto, illustrado com Varias e Breves Notas, e com hum preecedente Apparato do que lhe pertence, por Ignacio Garcez Ferreira entre os Arcades Gilmedo. A El-Rei D. João V. Nosso Senhor. Tomo I. *Em Napoles na Officina Parriniana MDCCXXXI. Com as Licenças necessárias. In-4.º*

Lusiada..... por Ignacio Garcez Ferreira Conego Penitenciario da Sé de Lamego; entre os Arcades Gilmedo. A El-Rei D. João V. Nosso Senhor. Tomo II. *Em Roma na Officina de Antonio Rossi MDCCXXXII. Com as Licenças necessárias. In-4.º*

Dous volumes.

No primeiro volume, antes do titulo, uma estampa allegorica com o retrato de Camões gravado por João Carlos Allet.

Depois do titulo: — Dedicatoria ao rei d. João V, datada de Napoles, 21 de Dezembro de 1730.—*Catalogo dos autores citados nesta Obra.*— Duas licenças para a impressão, escriptas em latim, a primeira datada de Roma 30 de Junho de 1728, a segunda sem data. — *Apparato Preliminar á Lusíada. Livro I. Contém quanto he concernente á noticia da Pessoa, e escritos de Luis de Camões.*—*Livro II. Do Poema Epico...* — *Livro III. Expoem as calidades accidentais ao Lusíada.* No fim d'este livro III, está o mappa da derrota de Vasco da Gama.— *Livro IV. Tratta do artificio, e particularidade da Lusíada.*— *Indice dos capitulos do Apparato.*

Em seguida vem os Lusíadas, sendo cada canto precedido de seu argumento respectivo, e as notas dispostas em duas columnas em baxo do texto.

O primeiro volume vae até o fim do canto V. e tem 6 fls. innumeradas—188 paginas.

O segundo volume, depois do titulo, comprehende:—*Advertencia:* «Se o Leitor reflectir que o primeiro Tomo desta Obra foi impresso em Napoles, e o segundo em Roma, conhecerá que o motivo de alguma imperfeição na desigualdade do Caratter proceden de não ser possível achar-se em tudo parecido. Tambem a involuntaria mudança do domicilio do Autor occasionou a falta de sossego de animo, que he preciso para a correcção de hum Livro, &c.»

No verso da folha em que está a Advertencia se acham duas licenças, escriptas em latim e sem data.

Seguem-se os Lusíadas com os argumentos e notas.

Este segundo volume contem 2 fls. innumeradas—328 paginas

Dizem os bibliographos, que ha erudição, mas muita severidade na critica de Ignacio Garcez Ferreira, e que o padre José Agostinho de Macedo se-serviu muito do trabalho de Garcez para a censura dos Lusíadas.

A nossa Bibliotheca possui mais um exemplar d'esta obra, tendo os dous tomos reunidos em um só volume in-4.º

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

24) Obras de Luis de Camoens. Nova edição. *Paris, a custa de Pedro Gendron. Vende-se em Lisboa, em casa de Bonardel & Dubeux, mercadores de livros. M.DCC.LIX. 3 vols. in-18.º*

Innocencio da Silva e o sñr. visconde de Juromenha, por inadvertencia sem duvida, dão os exemplares d'esta edição com o formato in-12. E' verdade que o registro se-presta á indicação

d'este formato; mas as linhas d'agua, meio o mais seguro para desvanecer duvidas a este respeito, nos-convencem, de que os ditos exemplares são in-18 e não in-12, como elles dizem.

O frontespicio d'esta edição tem uma allegoria representando o Parnaso, onde se-vê Calispe amamentando um menino que é o poeta. A edição é dedicada pelo editor a Pedro da Costa de Almeida Salema, prelado da patriarchal e ministro portuguez na côrte de Pariz. Depois da dedicatória traz um prologo ao leitor, no qual dá noticia da sua edição; tem o retrato do poeta copiado do de Gaspar Severim de Faria com a inscripção em latim; o de Vasco da Gama, e, estampas no principio de cada canto, e um mappa da derrota de Vasco da Gama. A biographia é copiada da que escrevera Garceiz, e bêm assim os argumentos e index dos nomes proprios de João Franco Barreto.

O primeiro volume tem XX-XXXVI—430 pags. O segundo 396. O terceiro 440.

O padre Thomaz José de Aquino, diz Innocencio da Silva, em varios logares da sua edição, falla a respeito d'esta com o maior desabrimento, no que parece não ter toda a razão, por ser ella uma das mais correctas; ao menos na opinião de Trigo & (Vide vol. 5.^o pag. 259.)

(Ex libr. lord George Lennox, cuja empreza se-lê abaxo do escudo — *En la rose je fleurie.*)

25) Obras de Luiz de Camoens principe dos poetas portuguezes, novamente reimpressas, e dedicadas ao Illust.^{mo} e Excel.^{mo} Senhor Marquez de Pombal, Conde de Oeyras, Ministro Secretario de Estado, e do Conselho de Sua Magestade & & &. Por Miguel Rodrigues... Ajuntarão-se quantas composições se julgarão pertencer a este grande Poeta; e se procurou, que sahisse a obra mais correcta, que fosse possivel; e que os volumes ficassem tão comódos (*sic*), que com menor despesa se podessem aproveitar todos da sua lição.

Lisboa na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminent. Card. Patriarca. M.DCCLXXII. Com licença da Real Meza Censoria. Vendem-se em casa do mesmo Miguel Rodrigues. 3 vols. in-12.^o com est.

Precede ao titulo uma allegoria representando o Parnaso. Seguem-se: a dedicatória ao marquez de Pombal, o retrato de

Camões com inscripção em latim (7 fl. innumeradas), uma biographia do poeta, o retrato de Vasco da Gama, argumento historico dos Lusíadas, (pp. I-XI), os Lusíadas com estampas no principio de cada canto, um mappa da derrota de Vasco da Gama, e o index dos nomes proprios de João Franco Barreto. Pp. 1—482.

O segundo e terceiro volumes contêm as rimas e comedias. O segundo com 478 pags. e o terceiro com 485.

(Ex libr. J. F. G. Rebello da Fontoura).

26) Obras de Luiz de Camoens principe dos poetas portuguezes, novamente reimpressas, e dedicadas ao Illust.^{mo} e Excel.^{mo} Senhor Marquez de Pombal Conde de Oeyras, Ministro Secretario de Estado, e do Conselho de Sua Magestade & & &. Por Miguel Rodrigues.

Lisboa, na Officina de Miguel Rodrigues. Impressor do Eminent. Card. Patriarca. M.DCC.LXXII. Com licença da Real Mesa Censoria, e Privilegiu Real. 3 vols. in-12, com 1 est.

Este exemplar se-distingue do outro, que a Bibliotheca possui, e já foi descripto sob o n. 25, em trez pontos; I. Não ha no 1.^o vol. deste as palavras « Ajuntarão-se quantas composições se-julgarem pertencer a este grande Poeta, & II. Depois da data estão no outro as seguintes palavras: Com licença da Real Mesa Censoria. Vendem-se em casa do mesmo Miguel Rodrigues. III. No outro a palavra Mesa está escripta com z; neste está escripta com s. Em tudo mais são eguaes os dous exemplares.

Os sñrs. visconde de Juromenha e Innocencio da Silva, ou não viram, ou não deram valor a estas variantes entre os dous exemplares da mesma edição.

(Ex libr. Reg. Biblioth. Ulyseiponensis.)

27) Obras de Luis de Camões, principe dos poetas de Hespanha. Nova edição, a mais completa e emendada de quantas se tem feito até o presente. Tudo por diligencia e industria de Luis Francisco Xavier Coelho.

Lisboa. Na Officina Luisiana. Anno C|D|O CCLXXIX-LXXX. Com licença da Real Mesa Censoria. 4 vols. in-8.^o

Antes da folha de rosto o retrato de Camões, e em torno este disticho :—Ludovicus Camonius, Lusitanus, Epicorum Poetar

in Hispania Princeps Vixit. An. LV. Obiit. An. MDLXXIX.—Por baxo do retrato os versos de Horacio : *Me Colchus, & qui dissimulat metum, &c.*

Depois da folha de rosto vem : *Discurso preliminar, apologetico, e critico, sobre a presente edição.* Este discurso é do p. Thomaz José de Aquino, o qual foi quem preparou e dirigiu esta edição, e de quem são as observações e notas espalhadas pelos diversos volumes. Seguiu elle, diz Innocencio da Silva, no texto dos *Lusiadas* o de Manuel de Faria e Sousa, guiando-se pelos commentarios da edição de 1639; d'ahi resulta que o poema nas edições do p. Thomaz, e nas que depois tomaram esta por modelo, apresenta copiosas variantes, confrontado com a edição original de 1572, e com as outras que por esta se-têm feito modernamente.

Depois do discurso preliminar, traz o exemplar : *Breve noticia da vida de Luis de Camões*; varias poesias em elogio de Camões; o poema com os argumentos; e no fim o index dos nomes proprios de João Franco Barreto; as *Estancias omittidas por Luis de Camões na primeira impressão do seu Poema*; e as *Lições* varias.

Os outros trez volumes comprehendem as poesias lyricas, e cada volume tem a sua prefacção ou prologo. Nesta edição, diz o sñr. visconde de Juromenha, se-junctaram as que se-suppõem usurpadas por Bernardes, e as obras attribuidas.

Sobre esta usurpação de obras de Camões por Bernardes, vide: *Memoria historica e critica acerca de Luiz de Camões, e das suas obras*, por Francisco Alexandre Lobo.

O sñr. visconde de Juromenha assegura que esta edição de 1779-80 é a mais completa das obras de Camões.

Innocencio da Silva contesta esta asserção, allegando que a reimpressão, isto é, a do anno de 1782, é preferivel pelos novos addicionamentos que contem, e pelas correções e emendas feitas em alguns logares do texto. Acrescenta, que o mesmo se-pode dizer da de Paris, em 1815, que é copia integral da de 1782.

O 1.º volume tem LXXIX-488 pags. O 2.º XXII-490. O 3.º XLVIII-226. O 4.º, XXI-338, e mais 3 fls. não numeradas contendo o « Index do que vai de mais nesta Edição, &c.

A cada vol. acompanha uma folha de *Erratas*.

(Ex libr. Reg. Bibl. Ulysiponensis.)

28) Obras de Luis de Camões, principe dos poetas de Hespanha. Segunda Edição, da que, na Officina Luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780.

Lisboa. Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. Anno M.DCC.LXXXII—LXXXIII. Com licença da Real Meza Censoria. 4 vols. in-8.º peq.

Esta é uma das mais completas edições das obras de Camões. E' reprodução da de 1779—1780, preparada e dirigida pelo p. Thomaz José de Aquino.

O primeiro volume comprehende, depois da folha de rosto : Prologo ao leitor do p. Th. Jos. de Aquino, com 66 pags. Este prologo não vem na edição pcedente.—*Discurso preliminar*, que vae de pag. 67 a 124.—O retrato do poeta com a subscr.—*Lucius sc. olisip. 1784*—e em baxo do retrato os versos que assim começam :

N'huma mão Livros, n'outra ferro, e aço, &c.

— *Breve noticia da vida de Luis de Camões*, que vae de pag. 125 a 141.

— *Elogios que a Luis de Camões dedicaram alguns escriptores* de pp. 142—156.

Lusiada, de pag. 1 a 200, onde termina o canto V. Segue-se a segunda parte d'este primeiro tomo com folha de rosto e titulo, e que comprehende: os cinco ultimos cantos dos *Lusiadas*; o —*Index dos nomes proprios*; as —*Estancias desprezadas, e omittidas por Luis de Camões, na primeira impressão do seu poema*; —as *Lições varias, e Erratas*.

Esta segunda parte consta de 320 pags. numeradas, e 1 fl. de *Erratas*.

O segundo volume contem: *Advertencia do editor aos que lerem*. Seguem-se as *Rhythmas* e o *Index*. Consta de 448 pags.

O terceiro volume contem: *Prologo*, *Rhythmas* divididas em duas partes e *Index*, e tem 382 pags. e 1 fl. não numerada.

O quarto volume contem: —*Prefação*. *Advertencia acerca das comedias*. —*Comedias*. —*Fragments de algumas obras de Luis de Camões, achados por Manoel de Faria e Sousa em diversos manuscriptos*. —*Obras suppostas, ou attribuidas a Luis de Camões*. —*Ecloga intitulada Cintra*. —*Annotaciones a la ecloga antecedente*. —*Index do que vai de mais nesta edição*. —*Advertencia final*.

Este volume tem 374 pags. numeradas, e mais 4 fls. sem numeração.

Para completar a descripção d'este exemplar, falaremos de uma curiosidade bibliographica, que se acha annexa no primeiro volume, logo após a folha de rosto.

Esta curiosidade consiste no fac-símile da folha de rosto e da seguinte da edição dos *Lusiadas*. Lisboa, por Manuel de Lyra, 1584. É uma copia fiel, escriptura, feita á mão, d'aquellas duas primeiras folhas. Comprehende, portanto, o título, tendo no centro a figura de Apollo tocando em uma rabeca, a licença para a impressão assignada por Fr. Bertolameu Ferreira, a outra assignada por Manoel de Coadros, Paulo Afonso e Jorge Sarrão, e a Tavoada pella ordem A, b, c.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

29) *Lusiadas* de Luis de Camoens.

Coimbra. Na Imprensa da Universidade, 1800. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço. 2 vol. in-16.

No primeiro volume, antes do título, o retrato de Camões em um ovado, e em baxo estes dous versos:

Aquelle, cuja lyra sonora,
Será mais afamada que ditosa.

No segundo volume, antes do título, uma gravura representando um naufragio, e em baxo estes dous versos:

Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado,

Na Advertencia do primeiro volume, a qual vem logo após a folha de rosto, nos diz o editor, Joaquim Ignacio de Freitas, tudo quanto comprehende esta edição: « Contem estes dous Volumes o Poema de Camoens; os Argumentos e Index de João Franco Barreto; hum Compendio da Vida do Poeta; hum Argumento historico da *Lusiada*; e as Estancias e Lições achadas por Manuel de Faria e Sousa em dous differentes Manuscritos. Acrescentamos-lhe algumas Lições mais, que achamos nas differentes Edições, que consultamos para a correcção desta. »

Em uma nota a esta Advertencia diz: « A Vida e Argumento extrahio-se da Edição de Ignacio Garcez Ferreira, no Apparato á *Lusiada*. »

O primeiro volume tem 2 fls. inn.— XXXVIII—228 pags. O segundo 299 pags.

Já são raros os exemplares d'esta edição.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

30) *Lusiadas* de Luis de Camoens.

Lisboa: na Typographia Lacerdina: 1805. Com Licença da Meza do Desembargo do Paço. 2 vols. in-12.º

Esta edição é reprodução quasi exacta da de Coimbra, 1800, com a differença de ter de mais as gravuras no principio de cada um dos cantos, e uma ou outra ligeirissima variante.

Attribuem-na aos cuidados do typographo Manuel Pedro de Lacerda.

O illustrado bibliographo, Innocencio da Silva, no vol. I pag. 261 do seu Diccionario, faz, acerca de alguns exemplares d'esta edição, as interessantes considerações, que em seguida reproduzimos: « Ha exemplares d'esta edição, aos quaes por uma fraude industrial, das que não poucas vezes se commettem, foram arrancados os rostos parciaes dos dous tomos, e substituidos por um unico frontispicio, que diz: *Lusiadas de Luis de Camões. Nova edição. Lisboa, na Imp. de Eugenio Augusto. 1836.*

« Os que não tivessem conhecimento ocular da edição de 1805, podiam ser facilmente illudidos á vista de tal contrafacção, julgando acharem n'ella mais uma edição realmente diversa das obras do poeta. »

O primeiro volume do nosso exemplar tem 2 fls. inn.—XLIII — 228 paginas.

O segundo 290 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

31) *Lusiada* de Luis de Camoens. Acrescentam-se as estancias despresadas por o poeta, as lições varias, e breves notas para a illustração do poema.

Edição de J. E. Helzig. In-16.

Não traz logar nem anno de impressão. Acreditam os bibliographos que ella seja de Berlim, 1806.

Depois da folha de rosto vem:—Dedicatoria ao sñr. W. de Humboldt em testemunho de obsequio e reverencia dos editores.—Prologo aos leitores assignado por C. de Winterfeld, no qual diz, em mau portuguez, que os editores se-cingiram ao texto da edição do p. Thomaz Joseph de Aquino, da de Ignacio Ferreira, da de Pedro Gendron, e da de Coimbra, 1800.—*Compendio da vida de Camões de Ignacio Garcez.—Argumento historico da Lusiada do mesmo Garcez.—Os Lusiadas.—Estancias e lições despresadas e omitidas.—Lições varias.—Breves e varias notas para a illustração do poema.*

Diz o sñr. visconde que no principio do exemplar que viu, estão escriptas estas palavras: *Obras de Camoens. Tomo I. Em*

nosso exemplar não se acham estas palavras. O que se segue, é que são variantes de uma mesma edição, ou que os editores tiveram um plano, que não chegou a realizar-se, isto é, o de imprimirem todas as obras do poeta.

Contem este exemplar XLVI—1 fl. de *Erratas*—464 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

32) Obras do grande Luis de Camões, principe dos poetas de Hespanha. Terceira edição, da que, na officina luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780.

Paris, na Officina de P. Didot Senior. E acha-se em Lisboa, em casa da viuva Bertrand e filhos. MDCCCXV. 5 vols. in-18.º

Elegante edição saída dos typos de Didot, bom papel e mediocres gravuras; entre estas um retrato de Camões e outro de Vasco da Gama.

Esta edição é, como indica o titulo, reproducção da de 1779 e 1782.

A segunda é terceira tem de mais que a primeira, como diz Innocencio da Silva, um novo prologo ou advertencia do p. Thomaz ao leitor, que occupa as primeiras 66 pags. do tomo I. Todas trez comprehendem, alem das obras que são universalmente reconhecidas do poeta, as que em diversos tempos, e por diversos editores se-lhe-attribuiram, das quaes passam algumas por apocryphas: as lições variantes dos Lusíadas; as estancias que foram desprezadas, ou omittidas pelo poeta ao dar á luz a sua obra; os argumentos e index dos nomes proprios de João Franco Barreto; as oitavas a S. Ursula, que Bernardes publicara como suas, e são de Camões no conceito dos commentadores; as eclogas IX a XIII que andam com variantes no Lima de Bernardes, e se dizem por este usurpadas; as eclogas XIV e XV nunca impressas até 1779; e finalmente uma ectoga intitulada Cintra, tambem ainda não impressa, na qual Manuel de Faria descreve a vida de Camões em 1414 versos, tirados todos com incrível e paciente diligencia de diversos logares das composições do poeta.

Esta enumeração que faz Innocencio da Silva dos novos addicionamentos é exacta.

Esta edição de 1815, como affirma o mesmo Innocencio da Silva, se-acha exhausta ha muitos annos.

Tem o I volume CLV—202 paginas; o II, 335; o III, XXVIII—454; o IV, LII—377; o V, XXIX—430.

A cada vol. acompanha uma fl. de *Erratas*.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

33) (Obras de Luiz de Camões.) 1814—15, 5 vols. in-18.º peq.

O primeiro volume d'esta collecção tem o titulo seguinte: *Lusiadas do grande Luiz de Camões. Paris, na officina de F. Didot mais velho, e acha-se em Lisboa em casa da viuva Bertrand e filhos. MDCCCXIV.*

Os outros volumes têm o titulo seguinte: *Obras do grande Luis de Camões principe dos poetas de Hespanha. Terceira edição, da que, na officina luisiana, se fez em Lisboa nos annos de 1779, e 1780. Paris, na officina de F. Didot Senior, e acha-se em Lisboa, em casa da viuva Bertrand e filhos. MDCCCXV.*

Como se-vê, este exemplar pertence á bella terceira edição do Paris, Didot, 1815; differindo, porem, dos outros exemplares na folha de rosto do primeiro volume, onde se-lê neste « *Lusiadas do grande Luis de Camões* » e naquelles « *Obras do grande Luis de Camões* ». Neste se-lê « *F. Didot mais velho* » e naquelles *F. Didot Senior* ». Neste se-lê « 1814 » e naquelles « 1815 ».

Alem d'estas variantes na folha de rosto do primeiro volume, o mesmo exemplar differe dos outros em não ter os retratos de Camões e Vasco da Gama, o mappa da derrota d'este, as gravuras no principio de cada canto, e a folha de *Erratas* no fim de cada volume.

Posto que os bibliographos não falem d'estas variantes, o exemplar alludido é, comtudo, digno de menção pelas razões que acabamos de expôr. Pertence, pois, não aos *Lusiadas*, como á primeira vista parece, mas, á terceira edição das *Obras*. Paris, F. Didot Senior, 1815.

34) (Obras de Luiz de Camões.) 5 vols. in-18.º com gravuras no principio de todos os cantos dos *Lusiadas*, os retratos de Camões e Vasco da Gama, e o mappa da derrota d'este.

O 1.º e o 2.º volume têm este titulo: *Lusiadas do grande Luis de Camões, com estampas. Paris, na officina de F. Didot senior, e acha-se em Lisboa, em casa da viuva Bertrand e filhos. MDCCCXV.*

O 3.º, 4.º e 5.º vol. têm este titulo: *Obras do grande Luis de Camões, principe dos poetas de Hespanha. Terceira edição, da que, na officina luisiana, se fez em Lisboa, nos annos de 1779, e 1780. Paris, na officina de F. Didot senior, e acha-se em Lisboa, em casa da viuva Bertrand e filhos. MDCCCXV.*

Este é o terceiro exemplar que possuímos da terceira edição de Paris, 1815.

Differe do primeiro na folha de rosto do primeiro e segundo volumes. Differe do segundo exemplar, na mesma folha de rosto, e em ter as gravuras, os retratos, o mappa, e a folha de Erratas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

35) Os Lusíadas, poema épico de Luís de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, por Dom Iozé Maria de Souza-Botelho, Morgado de Mattheus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Paris, na Officina Typographica de Firmin Didot, Impressor do Rei, e do Instituto. MDCCCXVII. In-4.^o atlantico, tão grande ou maior que o antigo folho portuguez, de 3 fls. inn.—CXXX—413 pp., com margens inteiras.

Si as artes, as industrias, e as glorias militares elevam o poder das nações, e sôbre ellas esparzem o vivo brilho de uma civilização aprimorada, as lettras, eloquente manifestação da intelligencia e da razão, sôbre tudo as-engrandecem, e lhe-erigem para o porvir monumentos inda mais duradouros que a pedra e o bronze.

Os agricultores com seus braços; os commerciantes com suas ousadas viagens, enriqueceram Portugal; os artistas com sua palheta ou seu buril lhe-aperfeiçoaram as formas elegantes e o romano perfil; os guerreiros com sua espada lhe-centuplicaram o poder, e rasgaram á sua ambição horizontes infindos; mas, o Camões, o cultor das lettras, o grande épico, salvou do esquecimento todas éstas glorias, talhando nos Lusíadas, para o portico da immortalidade, o vulto athletico de Portugal.

Comprehendendo ésta verdade, o illustre morgado de Mattheus, d. José Maria de Souza Botelho, quiz tudo sacrificar a bem da conservação e maior lustre do grande monumento nacional. Preparou e deu á estampa a esplendida edição dos Lusíadas de 1817, e prestou assim um serviço real á sua patria, aos seus concidadãos, e á humanidade.

A Academia Real das Sciencias, a quem foi apresentada, elogiou o editor, e nomeou uma commissão, da qual foram membros: Antonio Caetano do Amaral, Mattheus Valente do Couto e Sebastião Francisco Mendo Trigo, sendo este o relator, para lhe-dar conta desta nova e nitida edição.

Imitando ao *sñr.* visconde de Juromenha, passamos a transcrever a parte artistica do parecer da commissão: O Poema dos Lusíadas, impresso em Paris no anno proximo passado, na officina de Firmin Didot, é em quarto atlantico, e occupa com as notas quatrocentas e treze paginas, alem da dedicatória a Sua Magestade, que não é numerada, e de uma advertencia, que juntamente com a vida do Poeta enchem cento e trinta paginas.

O papel é o velino mais bello e mais igual; os typos fundidos de proposito, são os mais nitidos e perfectos que se pódem ver, e mostram que n'este ponto e genero de impressão tem a arte chegado ao maior auge a que podia aspirar; a tinta é de uma optima cõr; a tiragem, tanto das folhas como das estampas, é a mais limpa possivel: n'uma palavra esta edição é igual n'estes differentes artigos, ás que se tem feito de maior luxo, e ainda mesmo excede a maior parte d'ellas.

As estampas, que a acompanham, posto que não tenham todas o mesmo grão de perfeição, são executadas em geral sobre um desenho, e por um buril, que faz honra aos Mestres que as desempenharam, e ao grande pintor Mr. Gerard que as dirigiu. O busto do Camões, que se pode olhar como obra prima d'este celebre e illustre artista, é cheio de expressão e vida, e dá bem a conhecer a grande alma do Poeta; não é só no semblante que elle está vivo, é tambem no resto do corpo, e o seu braço direito sobre tido chega a illudir os sentidos, e parece animado. Os ornatos d'esta estampa, de uma extraordinaria riqueza, e que contrastam com a nobre simplicidade das outras, são como um tributo pago ao gosto do seculo; e ainda que variados, e optinamente desempenhados, não distrahem a attenção do objecto principal. A este retrato segue-se outro de vulto inteiro, em que o mesmo Camões appareça na gruta de Macau em um momento de extasi e de contemplação, animado pelo estro, e transbordando-lhe no semblante o divino fogo da poesia. As outras estampas, em numero de dez, correspondem aos dez cantos da Epopéa, e apresentam os passos mais notaveis de cada um d'elles. O conselho dos Deuses; a visita do Rei de Melinde ao Gama; o assassinio de D. Ignez de Castro; o sonho do El-Rei D. Manuel, em que lhe fallam os rios Indo e Ganges; a apparição do gigante Adamastor na passagem do Cabo da Boa Esperança; a imagem de Venus e das Nereidas, quando no canto VI applacam os ventos; o desembarque do Gama em Calecut; a sua segunda entrevista com o Samorim; Tethys coroando o heroe na ilha de Venus; e finalmente a audiencia que lhe dá o Monarcha portuguez na volta da sua expedição: taes são

viuva de Carlos Eduardo Stuart, conhecido na historia pela designação de Pretendente.

O sñr. José Silvestre Ribeiro, no vol. 2.^o pags. 332 a 334, de sua obra « Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal » transcreve trez interessantes chartas de M.^{ma} de Souza. Nellas revella a auctora, a par de muito interesse e dedicação por seu marido, uma elevação de espirito e de sentimentos só comparaveis á delicadeza da forma com que são manifestados.

Ao concluir a terceira charta, diz: « Enfim, cheguei muitas vezes a receiar que a saude de meu marido corresse perigo.

Não queremos gabar-nos do que se despendeu; seria este capitulo uma *loucura séria*, aos olhos dos homens frios, incapazes de sentir o extremo gozo de uma alma nobre e generosa, ao allevantar um monumento ao cantor sublime das glorias da sua patria... No que me diz respeito, nenhum merecimento me cabe, senão o de haver promettido a meu marido diminuir, quanto possivel fosse, todas as despezas da casa, afim de que seu filho não aché de menos—aquella somma, e fosse resgatada pelas nossas economias, se vivessemos ainda alguns annos. »

O bellissimo exemplar, que descrevemos, tem no verso da primeira folha, do proprio punho do Morgado de Matheus, a seguinte dedicatória: *To His Exc.^s Sir Henry Wellesley, Ambassador of His Britannic Majesty at the Court of Madrid.*

D. Joseph Maria de Souza.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

Alem d'este, possui esta bibliotheca um exemplar, que foi da bibliotheca particular do rei de Portugal, com o defeito de não trazer os dous retratos de Camões, e outro com o mesmo defeito, que de longa data faz parte de nossas collecções; são ambos um pouco menores do que o primeiro, porque lhes-apanaram as margens.

36) Os Lusíadas, poema do grande Luis de Camões; segundo o legitimo texto.

Avinhão, na Officina de Francisco Seguin, 1818, 2 vols. in-12.^o

O editor nos diz, no Aviso que se segue á folha do rosto, d'onde tirou a sua edição:

« O Discurso preliminar e a Vida de Luis de Camões, são extrahidos das Edições das Obras deste insigne Poeta, recentemente publicadas pelo senhor Thomaz Joseph de Aquino.

As estancias que servem de declarar o argumento de cada hum dos dez Cantos do Poema, são de João Franco Barreto, philologu

notavel do XVII seculo, author tambem do Index dos nomes proprios, ajuntado no fim da Obra... Euzquanto ao Texto do Poema, temos seguido a famosa Edição de Manoel de Faria e Sousa. »

Depois do *Aviso* comprehende o primeiro volume: *Discurso preliminar, apologetico e critico.*— *Soneto de Torquato Tasso.*— *Breve analyse do Poema de Camões.*— *Breve noticia da vida de Luis de Camões.*— *Lusiada.*

O primeiro volume, com LI—202 pp., termina no canto V.

O segundo volume contem: Os outros cinco cantos dos *Lusiadas.*— O *Index* de todos os nomes proprios. Tem 270 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

37) Os *Lusiadas*, poema epico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, conformç á de 1817, in-4.º por Dom Jozé Maria de Souza-Botelho, Morgado de Mattheus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Paris, na Officina Typographica de Firmino Didot, Impressor do Rei, e do Instituto. M.DCCC.XIX. In-8.º

Formosa edição saída dos prelos do Didot.

No *Aviso* ao leitor diz: « A edição in-4.º dos *Lusiadas* dada á luz pelo Senhor D. José Maria de Souza, ornada com estampas, e por mim impressa o anno passado, não tendo o destino de venda publica, e podendo unicamente obter-se do primor e generosidade do seu illustre editor; julguci fazer hum serviço agradavel á Nação Portugueza, e á sua litteratura, se, alcançando licença do dito senhor, reimprimisse in-8.º, e copiasse fielmente o texto do Poema, com a advertencia, a vida do Poeta, as notas, e os mais trabalhos litterarios que o senhor Souza tem feito a esta epopéa. O nobre e sabio editor não sómente nos concedeo a faculdade por mim pedida; mas quiz tambem que ao seu precedente trabalho juntasse eu, n'esta edição, o que novamente fez este anno, depois de conferidas por elle as duas primeiras, e originaes edições de 1572, cujas variantes ficam sendo mais distinctamente conhecidas; bem como a corteza de primazia, entre huma e outra, pode ser agora mais exactamente determinada; reduzindo outro-sim, com a maior evidencia, a superioridade de ambas sobre todas as que depois d'ellas se tem, em diversas epocas, publicado até os nossos dias. »

Mais adiante diz, que o morgado de Mattheus quiz ajudalo a revêr e corrigir as provas typographicas d'esto livro, em que puzeram ambos o maior cuidado.

O volume, depois do retrato de Camões (cópia do de 1817), da folha de rosto, e do *Aviso*, comprehende: — *Dedicatória a El-Rei*. — *Advertencia*, em que censura severamente quasi todos os editores dos *Lusiadas* de haverem alterado sem necessidade o texto original de 1572. — *Vida de Luiz de Camões*. — *Os Lusiadas*. — *Notas da Advertencia*. — *Nota da Vida de Camões*. Termina com um N. B. relativo ao annuncio de um manuscripto do poema de Camões.

O exemplar contem CX.—420 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebollo da Fontoura.)

38) Os *Lusiadas*, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de 1572 publicada pelo Autor.

Paris, vende-se em casa de Theophilo Barrois filho, quai Voltaire, n. 11. 1820. 2 tomos em 1 vol. in-12.º

No centro da pagina do rosto uma lyra. No verso da folha que a-precede ésta indicação da typographia: *Na typographia de J. Smith*.

Este exemplar comprehende: o retrato de Camões, gravado por Michon, antes da folha de rosto. Depois desta folha: — *Breve noticia da vida de Luis de Camões*. — *Argumentos dos dez cantos do poema*. — *Os Lusiadas*. Termina o tomo I. com o canto VI. Tomo II. Os quatro ultimos cantos dos *Lusiadas*. — O *Index* dos nomes proprios.

Contem o primeiro tomo XIV—225 paginas. O segundo 235

Para ésta edição serviu evidentemente de texto a célebre edição de 1817 do Morgado de Matheus, ou a sua reimpressão feita em Paris, por Firmin Didot, 1819.

Basta confrontal-as para formar-se ésta convicção. O retrato do poeta, que traz ésta edição, é copia do d'aquellas. Os versos alterados, com bons fundamentos, pelo morgado, no texto da edição original de 1572, são fielmente reproduzidos nesta. Assim:

Edição de 1572, cant. II, est. 13:

Na moça de Titão a roxa fronte.

Edição de 1817:

Da moça de Titão a roxa fronte.

Edição de 1820, pag. 41:

Da moça de Titão a roxa fronte.

Ed. de 1572, cant. II, est. 20, 3.º verso:

Cloto.

Ed. de 1817:

Idoto.

Ed. de 1820, pag. 43:

Doto.

Ed. de 1572, cant. II, est. 41:

Lhe impedira a falla piedosa:

Ed. de 1817:

Se lhe impedira a falla piedosa.

Ed. de 1820, pag. 50:

Se lhe impedira a falla piedosa.

Ed. de 1572, cant. III, est. 34:

Em trabalho cruel o peito humano:

Ed. de 1817:

Em batalha cruel o peito humano:

Ed. de 1820, pag. 86:

Em batalha cruel o peito humano.

Ed. de 1572, cant. III, est. 133:

O nome do seu Pedro que ouvistes:

Ed. de 1817:

O nome do seu Pedro que lhe ouvistes:

Ed. de 1820, pag. 119:

O nome do seu Pedro que lhe ouvistes.

Ed. de 1572, cant. III, est. 93:

... Mais que tudo excellente:

Ed. de 1817:

... Mais que todos excellente:

Ed. de 1820, pag. 106:

... Mais que todos excellento.

Ed. de 1572, cant. IV, est. 52:

A vida de Senhor a feita escrava:

Ed. de 1817:

A vida de Senhora feita escrava:

Ed. de 1820, pag. 140:

A vida de Senhora feita escrava.

Ed. de 1572, cant. VI, est. 41:

Não fosse amores, nem delicadeza:

Ed. de 1817:

Não soffre amores, nem delicadeza:

Ed. de 1820, pag. 205:

Não soffre amores, nem delicadeza.

Ed. de 1572, cant. VIII, est. 32:

Portugues Capitam chamar se deve:

Ed. de 1817:

Portugues Scipião chamar se deve:

Ed. de 1820, pag. 41 do segundo tomo.

Portuguez Scipião chamar se deve.

Ed. de 1817, cant. VII, est. 18, v. 1:

Não ves hu' ajuntamento de estrangeiros:

Ed. de 1820, pag. 37 do segundo tomo:

Não ves hu' ajuntamento de estrangeiros:

E mais outras alterações de versos e innovações orthographicas, introduzidas na edição de 1817, e reproduzidas nesta de 1820.

Admira-nos que o sñr. visconde de Juromenha não tenha visto ésta edição, e que Innocencio da Silva chegue até a duvidar da existencia d'ella.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

39) Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de 1572 publicada pelo Autor.

Rio de Janeiro, vende-se em casa de P. C. Dalbin e C.^a 1821, 2 vols. in-12.º, com o retrato de Camões.

No fim do primeiro volume traz um Catalogo de alguns livros portuguezes que se vendem em casa de P. C. Dalbin e C.^a no Rio de Janeiro.

Esta edição não é sinão a de 1820, com a folha de rosto substituida.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

40) Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição correcta, e dada á luz, conforme á de 1817, in-4.º por Dom Jozé Maria de Souza—Botelho, Morgado de Matheus, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Paris, J. P. Aillaud, Quai Voltaire. N. 21. 1823, in-16.º

No verso da primeira folha lê-se: *Na typographia de Firmin Didot, impressor do Rei.*

Segue-se o retrato do poeta, copia do retrato feito por Gérard para a edição rica de 1817 e gravado por W. T. Fry. Logo depois da folha de rosto começa o poema. No fim do volume, onde termina o poema, vê-se uma pequena taboa-errata.

Esta edição é uma das mais bellas e apreciadas. O titulo *Os Lusíadas* no principio de todos os cantos é impresso em typo go-

thico. O texto é composto em typo romano miudo, com toda a nitidez e elegancia.

Consta o exemplar de 377 paginas e mais a folha de Errata.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

41) *Os Lusíadas*, poema epico de Luis de Camões. Nova edição conforme á de Paris, de 1817, in-4.º

Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1827. Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço. In-16.º de 397 paginas.

É a primeira edição publicada nesta typographia. Os sñrs. Innocencio da Silva e visconde de Juromenha se-enganam, quando dizem, que ella traz o texto unicamente. Certo, não repararam, que cada canto é precedido de dous argumentos.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

42) Obras completas de Luis de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

Hamburgo, na Officina typographica de Langhoff, 1834, 3 vol. in-8.º gr.

Acompanhamos ao sñr. visconde de Juromenha na descripção que faz dos trez volumes.

I. Um prologo no qual analysa o merecimento dos *Lusíadas*, critica a edição dos *Lusíadas* do morgado de Mattheus, refuta as censuras dos *Lusíadas* de Voltaire, e termina com o soneto do Tasso, a ode de Filinto Elysio a Camões, e a resenha de algumas traducções do poema. Segue-se o poema, e no fim algumas notas.

Tem este volume XLII—396 pags. e 1 fl. com Advertencia.

II. Uma prefacção e logo depois a vida do poeta. Comprehende os sonetos, canções e odes, e no fim notas.

Tem este volume LXIX—120 pags.

III. O resto das poesias e as comedias, e no fim notas.

Tem este volume 516 pags.

Os editores, como é natural, serviram-se dos trabalhos já feitos; e com preferencia, dos do p. Thomaz José de Aquino, com cuja opinião, observa Innocencio da Silva, se-conformam quasi sempre.

Esta edição passa por uma das mais correctas das Obras de Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

43) O Adamastor. Episodio extrahido do V. canto de Camões.

Lisboa: 1835. Na Imp. de J. N. Esteves, e Filho. Rua dos Capellistas, N.º 31, C. In-32.º, de 17 paginas.

Livro mal impresso.

44) Lusiadas de Luis de Camoens: a que se ajuntam a Vida do Poeta, hum Argumento historico das Lusiadas, as Estancias omittidas por Camoens, Lições varias, e hum Index ou Diccionario dos nomes proprios usados no Poema. Com 10 Estampas, e o retrato do Poeta.

Lisboa, Typographia de Eugenio Augusto, rua da Cruz de Páo n.º 12. 1836. Vende-se na loja de Borel, Borel e C.ª aos Martyres n.º 14. 2 vol. in-12.º

Esta edição é mais uma das muitas fraudes typographicas de que tanto fallam os annaes da bibliographia. Ella é pura e simplesmente a mesma da Typographia Lacerdina, 1805, com a fl. de rosto mudada, e com estampas impressas em papel de inferior qualidade.

45) Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões, correcto e emendado pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Com estampas.

Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, mercadores de livros. 1841. 2 tomos em um vol. in-12º gr. com o ret. de Camões grav. por M. Lämmel, e est. color.

Na pagina de rosto da folha que precede o retrato de Camões lê-se: *Bibliotheca dos poetas classicos da lingua portugueza.*

No verso d'esta folha: *Bibliotheca dos poetas classicos da lingua portugueza. Tomo I. Rio de Janeiro, Typographia de Laemmert, rua dos Ourives. 1841.*

Depois da folha de rosto comprehende o primeiro tomo: — Prologo de Barreto Feio e Monteiro, no qual apreciam as diversas edições dos Lusiadas; dão as razões que tiveram para preferir a segunda de 1572; transcrevem a ode de Francisco Manuel e o soneto de Torquato Tasso a Camões; e concluem com uma noticia acerca das traducções dos Lusiadas.—Advertência à presente edição assignada por Eduardo Laemmert.—Os Lusiadas.—Notas.

O primeiro tomo, com XXXVI-219 paginas, acaba no fim do canto V.

O segundo tomo comprehende: Os ultimos cinco cantos.—*Notas.*—*Diccionario de todos os nomes proprios.*

Este tomo contem 282 paginas, e mais uma folha com o *Aviso para a Encadernação dos Lusiadas e Direcção acerca da collocação das Estampas.*

Estas estampas, em numero de onze e coloridas, são copiadas das bellas gravuras da rica edição de 1817; mas ainda como copias fallece-lhes o merecimento artistico.

Já são raros os exemplares d'esta edição.

Possue esta bibliotheca outro exemplar em dous volumes, sem o *Aviso para a encadernação dos Lusiadas e Direcção acerca da collocação das Estampas.*

46) Os Lusiadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição.

Lisboa. MDCCCXLII. Na Typographia Rollandiana. In-16.º, de 397 paginas.

É a terceira edição da typographia rollandiana. Traz o texto sendo cada um dos cantos precedido de dous argumentos.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

47) Obras completas de Luis de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

Pariz, na Officina typographica de Fain e Thunot, rua Racine, 28, junto ao Odéon.

Lisboa. Acha-se tambem em Pariz na livraria europea de Baudry, 3 quai Malaquais, près le pont des Arts. 1843. 3 vols. in-8.º gr. com o retrato de Camões gravado por B. Roger.

Esta edição não é sinão a mesma de 1834, com a unica differença, de ter o retrato do poeta, e das primeiras paginas, que simulam edição diversa.

Ao que parece, o sñr. visconde de Juromenha não viu exemplares d'esta contração, pois que d'ella nos não dá noticia em sua Obra.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

48) Os Lusiadas de Luis de Camões. Nova edição feita de baixo das vistas da mais accuraça critica em presença das duas

edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação; seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas. Por Francisco Freire de Carvalho, Conego de S^e Archiepiscopal Metropolitana da Provincia da Extremadura, Professor de Oratoria, Poetica e Litteratura Classica, principalmente a Portugueza, no Lycéo Nacional de Lisboa, Socio da Academia Real das Sciencias &.....

Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1843. In-8.º

No verso da folha de rosto ésta est. da Ode de Filinto ao Estro:

« Assim Camões, por ti enfurecido,
Ao cume do Parnaso se avizinha;
E os Delphicos loureiros,
Quando elle sobe, curvão .
Ao novo Homero os orgulhosos topos,
E arredão larga estrada ao Vate egregio. »

Logo depois vem: — Dedicatória a Mr. Ferdinand Denis. — *Alguns testemunhos de modernos escriptores estrangeiros a favor do poema Os Lusíadas.* São de: *Chateaubriand*, *Essai sur la littérature anglaise.* *John Adamson*, *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens.* *Charles Magnin*, *Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens.* *Ferdinand Denis*, *Camoens et ses contemporains.*

Segue a estes testemunhos uma *Advertencia* assignada por Freire de Carvalho, na qual diz, que ésta edição « leva cento e oito versos corrigidos mais ou menos essencialmente, comparada com as anteriores proxímanamente dadas à luz em Lisboa pela typographia rollandiana em um volume de 16. »

Depois d'esta *Advertencia* seguem-se:—*N.º B.*— *Os Lusíadas.* — *Annotações criticas, historicas e mythologicas*, em que se discutem com muita erudição algumas questões novas, e outras ainda não bem elucidadas. Termina o volume com cinco tabellas de correções. Contem XXVI—1 fl. inn.—397 paginas, e mais uma fl. innumerada com as erratas.

Esta edição é particularmente recommendavel pelas correções e annotações criticas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

49) Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição.

Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1846. In-16°. de 397 paginas.

É a quarta edição d'esta typographia, ou a quinta si comptarmos a de 1843.

Traz o texto unicamente, sendo cada um dos cantos precedido de dous argumentos.

(Ex. libris J. E. G. Rebello da Fontoura.)

50) Os Lusíadas, poema epico de Luís de Camões, restituído á sua primitiva linguagem, auctorizada com exemplos extrahidos dos escriptores contemporaneos a Camões; augmentado com a vida d'este poeta, uma noticia acerca de Vasco da Gama, as estancias e lições achadas por Manuel de Faria e Souza, as variantes colhidas nas melhores edições, e muitas notas philologicas, historicas, geographicas e mythologicas; por José da Fonseca.

Paris. Na livraria europea de Baudry, 3. quai Malaquais, perto da ponte das Artes. Na livraria portugueza de J. P. Aillaud, 11, quai Voltaire e em casa de Stassin e Xavier, 9, rue du Coq. 1846. In-8.º gr. de XXXIV-585 paginas numeradas, e mais uma innumerada com o Catalogo das obras que auctorisam a pronuncia de Camões.

No verso da folha que precede o retrato lê-se: *Paris. Na typographia de Fain e Thunot, rua Racine, 28.*

O retrato é copiado do da edição de 1817.

Comprehende:—*Prologo. — Vida de Camoes (sic). — Noticia acerca de Vasco da Gama, e da sua viagem á India, extrahida da Chronica d'El-Rei D. Manuel, escripta por Damião de Goes.*

No fim d'esta noticia, em uma vinhetta, o retrato de Vasco da Gama grav. em madeira.—*Os Lusíadas. — Estancias desprezadas e omittidas. — Lições varias. — Diferenças orthographicas que apresentam as duas edições de 1572, copiadas da que, no anno de 1819, publicou Firmino Didot em Paris. — Erros que se encontram nas duas edições de 1572. — Comparação dos duas edições primordiales de 1572. — Notas. — Index de algumas palavras que, por vindas do latim, ou por antiquadas, não estão ao alcance de todos; precedidas de suas competentes explicações, quaes se acham no dictionario da lingua portugueza, composto por Antonio de Moraes e Silva. — Dictionario de alguns nomes proprios não inclusos em as notas precedentes. — Catalogo das Obras que auctorisam a pronuncia de Camões, com os nomes de seus authores, e o anno em que foram impressas.*

Esta edição, que é uma das mais nitidas e elegantes, según, quanto ao texto, a de Manuel de Faria e Souza, e apartou-se, portanto, das primordiales de 1572.

Possuimos mais um exemplar.

Este é em brochura, com o mesmo titulo d'aquelle, mas traz por fóra da capa a data 1855. Na folha de rosto, que vem logo após o retrato, e, em tudo o mais, é egual ao que acima descrevemos.

Foi, sem duvida, ésta circumstancia que levou Innocencio da Silva a mencionar no seu catalogo: « Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões, &c. Por José da Fonseca. Paris, 1855, 8.º gr. com retrato, &c. » Com a seguinte nota:

« Esta edição, não mencionada pelo sñr. visconde, e da qual tive ha tempo em mão um exemplar, ou é fiel reprodução da de 1846, ou por ventura a mesma, com a unica mudança do frontispicio, como em casos semelhantes se nota muitas vezes. Não tive porem oppertunidade de fazer a este respeito mais pausada indagação. »

E' indubitavel, pela confrontação e exame que fizemos dos dons exemplares, que a segunda parte do dilemma é que é a verdadeira: O exemplar, com a data de 1855, pertence á mesma edição de 1846, com a unica mudança do frontispicio.

(Ex libr. J. B. G. Rebello da Fontoura).

51) Os Lusíadas de Luiz de Camões, nova edição segundo a do Morgado Matteus, com as notas e vida do autor pelo mesmo, corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa, e enriquecida de novas notas e d'irma Prefação, pelo Dr. Caelano Lopes de Moura.

Pariz, na *Officina typographica de Firmin Didot*, impressor do Rei, e do Instituto; Rio de Janeiro, rua da Quitanda, 97, 1847. In-12.º gr. de II-415 paginas.

No verso da folha precedente se vê estampada a seguinte indicação: *Paris, Typographie de Firmin Didot Frères, rue Jacob, 58.*

Depois da folha de rosto vem: — *Prefação* na qual se diz: « O texto do poema achá-se restituído á sua primitiva pureza, expurgados e corrigidos os erros, em que havia incorrido o Morgado Matteus.....por haver por vezes seguido com demasiada fidelidade e eserupulo á lição das primeiras edições de 1572.....As notas pois, que ajuntamos, servirão unicamente de justificar as

differentes correções feitas no texto das precedentes edições do Morgado Matteus..... »

Seguem-se a esta prelação : — *Advertencia*, copiada da edição de 1817. — *Vida de João de Camões*. — *Os Lusíadas* — *Notas da Advertencia*. — *Notas da Vida de Camões* — *Notas*, em que o editor justifica as correções que fez.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

52) Os Lusíadas poema epico de Luiz de Camões. Nova edição correcta.

Rio de Janeiro na livreria de Agostinho de Freitas Guimarães e C. Rua do Sabão N. 26. 1849. In-16." de 397 paginas.

Não é in—12.º como dizem o sñr. visconde e Innocencio da Silva, que não viram esta edição.

Traz o texto unicamente, precedido cada um dos cantos de dous argumentos.

No verso da primeira folha, e no fim da ultima se acha a seguinte indicação : *Typ. de A. de F. Guimarães e C. Rua do Sabão n. 135. »*

Consta que d'esta edição se tiraram trez mil exemplares.

53) Obras de Luiz de Camões.

Lisboa. Escriptorio da Bibliotheca Portugueza, Rua Augusta N. 110.

No verso da folha de rosto lê-se : *Typographia de F. I. Pinheiro. Rua da Annunciada N.º 14. 1852. 3 vol. in—18.º*

O primeiro volume comprehende : *Index. Prologo. Cathalogo (sic) das edições dos Lusíadas*, extrahido de uma charta que sôbre a situação da ilha de Venus dirigiu o sñr. José Gomes Monteiro ao sñr. Thomaz Norton. *Cathalogo das traducções dos Lusíadas*, extrahido de uma nota ao poema Camões do visconde de Almeida Garrett. *Os Lusíadas. Estancias despresadas e omittidas por Camões na primeira impressão do seu poema. Lições varias. Diferenças orthographicas das duas edições de 1572. Etros das duas edições de 1572. Comparação das duas edições de 1572. Notas. Diccionario de alguns nomes proprios não incluzos em as notas precedentes.*

Tem este volume XXI—574 paginas.

O segundo volume contem : *Rimas. Notas. Index*, e consta de 685 paginas.

O terceiro volume comprehende : *Comedias. Cartas. Obras attribuidas. Vida de Luiz de Camões. Notas. Advertencia. Index*, e consta de 453 paginas.

A edição de Hamburgo de 1834 serviu, mais do que outra qualquer, de texto, para ésta, que é tida por mui correctá e conforme áquella.

O sñr. visconde de Jaromenha não faz menção d'êsta edição no seu catalogo, o que nos admira tanto mais, quanto não são raros os seus exemplares.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

54) Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões. Nova edição.

Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1854. In-16.º, de 397 paginas.

E' considerada como a septima edição d'esta typographia.

Na folha, que se segue á ultima, estão, entre duas tarjas, éstas palavras: *Lusiadas de Camões.* » E' a fl. do falso título, que por má enquadernação não foi posta em seu lugar.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura)

55) Os Lusíadas poema epico de Luis de Camões Edição publicada por Domingos José Gomes Brandão.

Rio de Janeiro. Em casa de D. J. G. Brandão. Rua da Quitanda, n. 70; Brandão & Irmão, mesma Rua n. 124. 1855. In-16.º, de 397 paginas.

No verso da folha de rosto e no fim da ultima, ésta indicação: *Typographia Brasiliense — de M. G. Ribeiro. Rua do Sabão n. 114.* »

Traz o texto e dous argumentos no principio de cada um dos cantos.

Consta que d'êsta edição se-tiraram dous mil exemplares, destinados para o uso das escholas.

56) Os Lusíadas poema epico de Luis de Camões Edição publicada por Agra & Irmão.

Rio de Janeiro. Vende-se em casa de Agra & Irmão. Rua do Ouvidor n. 85. 1855. In-16.º, de 397 paginas.

No verso da folha de rosto e no fim da ultima, ésta indicação: *Typographia Brasiliense — de M. G. Ribeiro, Rua do Sabão n. 114.*

Esta edição só differe da do mesmo anno, publicada por D. J. G. Brandão, na fôlha de rosto.

57) A Ilha de Venus. Extrahido do nono canto de Camões.

Lisboa: 1855. Na Imp. de J. N. Esteves, e Filho. Rua dos Capellistas, N.º 31. C. In-32º de 42 paginas e mais uma folha innumerada.

Nesta folha innumerada se acha o seguinte annuncio: *Livros que se vendem na Loja de João Nunes Esteves & Filho.*

58) Os Lusíadas poema epico de Luiz de Camões. Nova edição feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação: seguida de annotações criticas, historicas e mythologicas. Com estampas.

Rio de Janeiro em casa dos Editores Eduardo & Henrique Laemmert rua da Quitanda, 77. 1856. 2 vol. in-8.º

No verso da ultima pagina, está indicação: *Typ. Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B. »*

E' reproducção da edição de 1843, de Francisco Freire de Carvalho, na qual porêm se omittiu: a epigraphie do pag. IV, extrahida da *Ode ao Estro de Filinto*; a dedicatória a Ferdinand Denis; os testemunhos de modernos escriptores estrangeiros a favor dos Lusíadas; o N. B. do fim da Advertencia, e as cinco tabellas finaes.

O primeiro volume, com XV—234 paginas, contem: o retrato de Camões gravado em Leipzig por Laminel (o mesmo da edição de Laemmert, 1841.—*Advertencia*.—Os cinco primeiros cantos do poema, com cinco gravuras coloridas, as mesmas da já cit. edição de 1811, com simples mudança do colorido.—*Annotações*.

O segundo volume, com 287 paginas, contem: Os cinco ultimos cantos, com seis gravuras coloridas como aquellas. — *Annotações*.—*Diccionario de todos os nomes proprios*.

Este diccionario e as gravuras não vêm, como se sabe, na edição de Freire de Carvalho.

Dizem Innocencio da Silva e o sñr. visconde de Juromenha, que os mesmos editores fizeram no proprio anno de 1856, outra edição dos Lusíadas, em 8.º pequeno, de 395 paginas, com um retrato colorido, e com este título: *Os Lusíadas..... Nova edição para uso das escholas, &c.*

Crêmos que os dous distinctos escriptores se-enganam. Os editores Laemmert publicaram, é exacto, uma edição com este título,

in-8.^o pequeno, de 395 paginas, mas muito mais tarde; ella é de 1868, e não de 1856, e não promette no titulo, como dizem aquellos éscriptores, annotações que não apparecem.

O titulo é este: Os Lusíadas poema epico de Luiz de Camões —Nova edição para uso das escolas feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiales e das posteriores de maior credito e reputação. Rio de Janeiro, &

59) Os Lusíadas de Luiz de Camões nova edição segundo a do Morgado Matteus com as notas e vida do autor pelo mesmo corrigida segundo as edições de Hamburgo e de Lisboa e enriquecida de novas notas e d'uma Prefação pelo Dr. Caetano Lopes de Moura

Pariz na Officina typographica de Firmin Didot impressor do Instituto. Rio de Janeiro, rua da Quitanda, 97. 1859. In-12.^o, gr. de II-415 paginas.

No verso da folha precedente está indicação: *Typographia de H. Firmin Didot.—Mesnil (Eure).*

Esta edição, de que não falam, nem o sr. visconde, nem Innocencio da Silva, é a mesma de 1847, cuja folha de rosto mudaram.

E' bem verdade que no exemplar que temos á vista se acham corrigidos alguns erros typographicos d'aquella, como por ex: á pag. 31 l. 30—*ingratidão*— por —*ingratidão*, á pag. 32 l. 11—*alguns*—por *alguns*; mas isso não prova sinão que algumas folhas da impressão, e provavelmente as ultimas, passaram por mais uma correção.

Em tudo o mais os dous exemplares conferem poncto por poncto.

60) Os Lusíadas poema epico de Luiz de Camões Nova edição.

Lisboa Typographia de L. C. da Cunha Costa do Castello n.^o 15. 1860. In-16.^o, de 397 paginas.

Cada canto é precedido de dous argumentos.

Esta edição é muito semelhante ás da *typographia* rollandiana.

61) Os Lusíadas poema epico de Luiz de Camões Edição publicada por Domingos José Gomes Brandão.

Rio de Janeiro em casa de D. J. G. Brandão, rua da Quitanda n.º 70; Brandão & Irmão, mesma rua n. 124. 1861. In-16. de 397 paginas.

No verso da folha do título e no fim da última a seguinte indicação: *Rio de Janeiro, typographia de Quirino & Irmão, Rua da Assembléa n. 54.*

Esta edição, que é a segunda de D. J. G. Brandão, traz o texto unicamente, sendo cada um dos cantos precedido de dous argumentos.

Possuimos mais um exemplar.

62) Os Lusíadas poema epico de Luis de Camões Nova edição conforme á de 1817, in-4.º, de Dom José Maria de Souza Botelho Morgado de Matthews Correcta e dada á luz por Paulino de Souza Bacharel em sciencias.

Paris em casa de V.º J. P. Aillaud, Guillard e C.º 47, Rue Saint-André-des-Arts, 47. 1865, In-8.º com o rosto impresso a duas tintas, o retrato de Camões aberto a buril por Fel. Fournier, vinhetas grav. em madeira no principio de cada um dos cantos.

No verso da folha que precede o retrato, e na ultima, esta indicação: *Poissy. — Typographie de A. Rouret.*

Esta nitida e elegante edição comprehende: *Ao leitor portuguez. Especie de dedicatoria, em que se exalta o merecimento do grande poeta portuguez. — Prologo, no qual diz o editor que seguiu, apenas com ligeiras correções, o texto da celebre edição do Morgado de Mathews. — Aviso da edição de 1818. — Discurso preliminar apologetico e critico, extrahido da edição do P. Thomaz Joseph de Aquino. — De Torquato Tasso, soneto. — Breve analyse do poema de Camões. — Breve noticia da vida de Luis de Camões, tambem extrahida da edição de Aquino. — Os Lusíadas. — Indice dos nomes proprios; o qual diz o editor: « foi cuidadosamente corrigido, consideravelmente augmentado com novos nomes, e mais desenvolvido em alguns dos antigos; e, quando pôde ser, estabelecemos a connexão entre a geographia antiga e a moderna, afim de facilitar as pesquisas áquelles que desejarem informações mais circumstanciadas de geographia physica, ou politica, sobre algumas cidades, povos, rios, &c, que não conservarão o nome antigo. »*

Cada um dos cantos do poema é precedido de dous argumentos, um em prosa, e outro, o de João Franco Barreto, em octavas.

Contem o exemplar 6 fls. inn.—536 paginas.

Das vinhêtas que precedem os cantos, são gravadas: por Sargent—a 1.^a (Oppõe-se Baccho á navegação), a 2.^a (Apparece Venus a Jupiter e intercede pelos portuguezes), e a 6.^a (A tormenta é applacada por Venus e pelas nymphas); por L. Penet—a 3.^a (Fallã Vasco da Gama com El-Rei de Melinde), a 4.^a (Batalha de Aljubarrota) e a 5.^a (Adamastor); por Lehuger—a 7.^a (Recebo o Samori ao Gama com honradas demonstrações), a 8.^a (Os haruspicos informam o Samori), a 9.^a (A ilha dos Amores), e a 10.^a (Canção prophetica da nymphe).

Um accidente typographico caracteriza este exemplar; na folha do falso titulo, por se haverem esquecido da impressão em vermelho da palavra *Lusiadas*, ficou apenas Os.

63) Os *Lusiadas* poema epico de Luiz de Camões Nova edição feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação: seguida de annotações criticas, historicas, e mythologicas. Com estampas.

Rio de Janeiro em casa dos editores Eduardo & Henrique Laemmert, 77, rua da Quitanda, 77. (Typ. universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B), 1866. 2 tomos em 1 vol. in-8.º, com 12 est. chromo-lithographadas.

O primeiro tomo com XVI—234 paginas. O segundo com 287.

E' reproducção da edição de 1856, com a differença de ter o retrato de Camões colorido, e os dois tomos reunidos em um só volume.

64) Os *Lusiadas* poema epico de Luiz de Camões—Nova edição para uso das escolas feita debaixo das vistas da mais accurada critica em presença das duas edições primordiaes e das posteriores de maior credito e reputação.

Rio de Janeiro Em casa dos Editores Eduardo & Henrique Laemmert 68, Rua do Ouvidor, 68. 1868. In-8.º peq. de 395 paginas, com um retrato colorido de Camões.

Esta edição traz o texto unicamente, sem outro qualquer esclarecimento.

No fim do exemplar se acham duas folhas, com este annuncio de livros: *Acha-se à venda na mesma casa as seguintes obras:*

No fim d'este catalogo a seguinte indicação typographica :
Rio de Janeiro, 1868.—Typ. Universal de Laemmert. 61 B, Rua dos Invalidos 61 B.

65) Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida. Augmentadas com algumas composições inéditas do poeta. Pelo Visconde de Juromenha.

Lisboa, Imprensa Nacional, 1860—1869, 6 vol. in-8.º gr.

Edição nitidamente estampada na Imprensa Nacional.

E' a intelligencia, illustração e zêlo infatigável do sñr. visconde de Juromenha, que a nação portugueza dôve a publicação das obras mais completas do grande epico, e de tudo quanto a seu respeito se podia saber, tanto no reino como fóra d'elle. Com suas pacientes, eruditas e conscienciosas investigações, durante o longo periodo de vinte e cinco annos, erguen o sñr. visconde ao immortal poeta o grandioso monumento litterario, que todos hoje admiram.

O 1.º volume, que comprehende a parte historica e bibliographica, propriamente dictas, contem: 1.º, o retrato de Camões. 2.º, dedicatória á nação portugueza. 3.º, advertencia preliminar, em que o editor lamenta a insufficiencia das informações acerca de Camões dadas ou deixadas pelos seus contemporaneos e commentadores, taes como Manuel Corrêa, Diogo do Couto, Pedro de Mariz, Manuel de Faria Severim, Manuel de Faria e Souza, Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, o bispo de Targa Fr. Thomé de Faria, &c, e nos diz quaes as fontes em que foi beber suas informações. 4.º, vida de Luiz de Camões, em que se discutem e rectificam muitos erros, taes como a data da morte de Camões, que todos os seus biographos assignavam em 1579; em uma palavra, todas as particularidades e peripecias da vida do grande homem, a qual durou de 1521 a 1580. 5.º, documentos, colhidos pela maior parte na Torre do Tombo, nos archivos de Goa e Macau, na Bibliotheca Publica de Lisboa, nas Bibliothecas Reaes das Necessidades e da Ajuda, na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, &c. 6.º, elogios dedicados a Luiz de Camões por alguns escriptores. Entre estes elogios, como observa Innocencio da Silva, ha uma satyra, ainda inédita, escripta em forma de epistola a Camões pelo seu contemporaneo e amigo André Falcão de Resende. 7.º, traducções dos *Lusiadas* e outras obras de Camões e relação dos auctores estrangeiros que escreveram sobre o poeta. 8.º, escriptores portu

guezes. 9.º, artistas. 10.º, medálias em honra de Luiz de Camões. 11.º, monumentos a Camões. 12.º, edições (por ordem chronologica). 13.º, notas á biographia.

Este volume consta de XXI—516 pag.

O II volume contem: 1.º, advertencia preliminar, em que o editor exhibe seu juizo sôbre o merecimento das rimas de Camões; sobre a celebre questão de usurpação do obras d'este poeta por Bernardes; e sobre uma tradução portugueza verso a verso dos Triumphos de Petrarcha, poeta italiano, pelo seu emulo e admirador, o nosso Camões. 2.º, rimas. 3.º, notas ás rimas. 4.º, fac similis, sendo: fac-simile da assignatura de d. Catharina de Athaide; ms. pertencente ao editor; ms. autographo de M. de Faria o Souza; ms. de L. Franco; ms. Triumphos de Petrarca. 5.º indice das poesias.

Este volume consta de XXIV—572 pag.

O III volume contem: 1.º, eclogas, elegias, Da creação e composição do homem. 2.º, notas explicativas pertencentes aos trez cantos da Creação e composição do homem. 3.º, peças relativas aos trez cantos da Creação e composição do homem. 4.º, notas ás rimas. 5.º, indice das poesias.

Este volume consta de 520 pag.

O IV volume contem: 1.º, redondilhas. 2.º, comedias. 3.º, notas ás redondilhas. 4.º, indice das poesias.

Este volume consta de 492 pag.

O V volume contem: 1.º, Triumphos do Francisco Petrarca. 2.º, commentario. 3.º, prozas. Esta parte comprehende septe chartas e a Satyra do Torneo. A respeito das chartas de Camões, diz o sñr. visconde de Juromenha na Advertencia preliminar ao primeiro volume: E' mais que tudo para deplorar a falta da collecção das cartas do nosso Poeta, que juntamente com as de Fernão Cardoso se-conservavam na escolhida livraria do Conde de Vimieiro, que o fatal terremoto de 1755 reduziu a cinzas, collecção preciosa, e que julgo que, como as do Tasso, versavam sobre a analyse do seu Poema, &c. 4.º, appendice primeiro; poesias referidas a Luiz de Camões por alguns escriptores. Esta collecção é um supplemento da collecção contida no primeiro volume. 5.º, documentos. Estes documentos dizem respeito á biographia do pae de Camões, Simão Vaz do Camões. 6.º, traducções dos Lusíadas e outras obras de Camões, e noticia de alguns auctores estrangeiros que escreveram sobre o poeta. 7.º, escriptores portuguezes. 8.º, artistas. 9.º, medalhas. 10.º, monumentos. 11.º, edições. 12.º, indice chronologico das edições das rimas de Camões, que demonstra como successivamente se-foram acrescentando as collecções de poesias,

que se-imprimiram posthumas. 13.º, considerações ácerca da traducção dos *Triumphos de Petrarca*.

Este volume consta de 451 pag.

O VI volume contem: 1.º, retrato de Vasco da Gama com o fac-simile de sua assignatura. 2.º, saudação á memoria de Vasco da Gama e Camões. 3.º, prólogo, em que o editor nos diz á qual das edições dos *Lusiadas* mais se cingiu. São estas as suas palavras: « São á luz n'este sexto volume das obras do nosso poeta o seu poema immortal dos *Lusiadas*, conforme a edição por elle publicada na sua vida, isto é, aquella que se reputa ser a segunda. » 4.º, argumento de todos os dez cantos. 5.º, uma aquarella representando a armada de Vasco da Gama, e copiada de um importante manuscrito do seculo XVI. 6.º, os *Lusiadas*. No principio do canto IV, estão os bustos de Vasco da Gama e de seu irmão Paulo da Gama; no principio do X, estão os de Nicolau Coelho e Pedro Alvares Cabral, todos copiados dos que existem no claustro do templo de Belem. 7.º, estancias desprezadas. 8.º, lições varias. 9.º, apothegmas. 10.º, tabella das edições. 11.º, tabella das traducções. 12.º, differenças orthographicas. 13.º, estancias extrahidas da *Ulyssea*. 14.º, fac-similes. 15.º, notas.

Este volume consta de XXXI—542 pag.

Não devemos concluir esta descripção sem consignar aqui as seguintes palavras do illustrado sñr. visconde de Juromenha, as quaes provam, que a sua monumental obra só ficará completa com a publicação do 7.º volume. Ellas: « Desejariamos dar aqui n'este volume, e assim o tencionavamos, o retrato de D. Ignez de Castro tirado da sua campã; porem para não demorar mais a publicação, nos reservamos a dal-o no seguinte e ultimo, quando tratar-mos da sua vida commentando o episodio do poema. »

Mais adiante, no fim do prologo, estão tambem estas palavras: «..... No seguinte e ultimo volume que destinamos, na parte mais principal, a esclarecer os heroicos feitos dos homens illustres que constituem o amago do poema nacional.

66) Os *Lusiadas* poema epico de Luiz de Camões Nova edição popular, conforme ás edições classicas de 1572 augmentada com a vida do poeta e com um glossario dos nomes proprios.

Lisboa typographia Souza & Filho 145.—Rua do Norte—145
1871. In-16.º, de 395 paginas, com um retrato do poeta.

Esta edição contem: Um resumo da *Vida de Camões*. — Glos-

sario dos nomes proprios. — Os *Lusiadas*, com dous argumentos no principio de cada um dos cantos.

67) Os *Lusiadas* poema epico de Luiz de Camões—Nova edição contendo: Breve noticia da vida do author Noticia ácerca de Vasco da Gama e da sua viagem á India e o Diccionario dos nomes proprios usados no mesmo poema.

Porto em casa de Cruz Coutinho—editor *Rua dos Caldeireiros, 18 e 20.*—1871. In-12.º, de XXIV—360 paginas.

No verso da folha do titulo: *Typographia do Jornal do Porto Rua Ferreira Borges, 31.*

Em seguida vem: — *Breve noticia da vida de Luiz de Camões pelo P. Thomaz José d'Aquino.*—*Noticia ácerca de Vasco da Gama e da sua viagem á India extrahida da Chronica d'El Rei D. Manoel, escripta por Damião de Goes.* — *Os Lusiadas*, com os argumentos em prosa e em outavas.—*Diccionario de todos os nomes proprios.*

Esta edição não offerece nem uma particularidade digna de menção.

68) Os *Lusiadas* poema epico de Luis de Camões Nova edição conforme á de 1817, in-4.º de Dom José Maria de Souza Botelho Morgado de Matteus Correcta e dada á luz por Paulino de Souza Bacharel em sciencias.

Paris em casa de V.ª J.—P. Ailland, Guillard e C.ª 47, Rua de Saint-André-des-Arts, 47. 1873. In-8.º de 536 paginas, com o retrato de Camões, vinhetas, e o rosto impresso a duas finetas:

No verso da folha que precede o retrato e no fim do volume a seguinte indicação: *Paris—Imp. Simon Raçon e Comp. Rua de Erfourth, 1.*

Esta edição é exactamente a mesma de Ailland, 1865, com a unica differença, das 5 primeiras folhas e das 2 ultimas que são de impressão diversa, e de não trazer em seguida no *Prologo* o *Aviso da edição de 1818.*

69) Os *Lusiadas* de Luiz de Camões.

Unter Vergleichung der besten Texte, mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer Kritischen Einleitung herausgegeben von Dr. Carl von Reinhardstœttnner, Privatdocenten der ro-

manischen Sprachen und Literaturen an der K. Pol. Hochschule zu Muenchen.

Strassburg Karl J. Truebner. London Truebner & Comp. 1874.
In-8.º gr.

No verso da folha do titulo lê-se: *Buchdruckerei von G. Otto in Darmstadt.*

Em seguida vem: — *Vorwort*, um prologo assignado pelo dr. Carl Reinhardstoettner e datado de Muenchen, April 1874.—*Bezeichnung der bedeutendsten verglichenen und citierten Ausgaben*, isto é, uma nota das mais notaveis edições comparadas e citadas nesta obra.—*Zur Textkritik der Lusiaden*.—Argumento anonymo dos dez cantos dos *Lusiadas*. São estes os argumentos em octavas de J. F. Barreto. Começa logo depois o poema, acompanhado de notas em todas as paginas com as variantes. Termina o exemplar com o index dos nomes proprios. Contem 3 fls. inn.—XLI—318 paginas, e mais uma fl. innumerada com a Errata.

Esta edição está impressa com nitidez, e é recommendavel pela rigorosa exacção das notas variantes e pela critica philologica que faz do texto do poema.

70) Os *Lusiadas* poema epico de Luiz de Camões—Nova edição, cuidadosamente revista conforme ás de 1572, precedida da biographia do poeta e seguida de um dictionario dos nomes proprios.

Lisboa livraria de Antonio Maria Pereira Editor 50—Rua Augusta—52—1875. In-16.º, de XVIII—457 paginas, com o retrato de Camões aberto em madeira.

No verso da folha de rosto: *Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.*

O exemplar, como diz o titulo, comprehendendo: *Noticia biographica de Luiz de Camões*.—Os *Lusiadas* com os dous argumentos, um em proza, e outro em octavas de J. F. Barreto.—*Dictionario abreviado de nomes proprios historicos, geographicos e mythologicos.*

Esta edição parece-nos ter sido especialmente preparada para o uso das escolas.

João de Saldanha da Gama.

(Continúa.)

P.^o JOSEPH DE ANCHIETA.

Chartas inéditas.

[*Continuação* (*)].

Copia de hũa do P.^o Joseph pr.^a o padre Mestre Diogo Laines proeposito Geral da Companhia de Jesu. 1565.

La graça y amor del espirito sancto sea siempre en ñro (*nuestro*) continuo fauor y ayuda amen.

Es llegada esta tierra atal estado q̃te ya no deuen esperar nueuas della nueuas de fructo en la Conuersion dela gentilidad el qual pues falta paresçe consequẽte super abũdan las tribulaciones que se passan con esperanca, (*sic*) de poder coger alguno, quese guarde en los graneros del Sñor el qual pues se digno de nos comunicar algo dellas determino cõ ellas algo me dilatar, pues el mismo dise que el verdadero fructo nasce della paciẽcia pr.^a que contodo sea su sancto nombre glorificado.

En las letras passadas toque algo delas grandes oppressiones que dan a esta tierra. E nos ñros enemigos llamados Tamúya del Rio de Jenero, lleuando continuamente los esclauos mugeres y hijos delos xpianos matandolos y cõmiendolos y esto sin cessar, unos ydos, otros uenidos por mar y por tierra ni abastan sierras y montañas muy asperas ni tormentos muy graues pr.^a los impedir su offiçio cruel, sin poder o por mejor dizir sin querer resistirles demanera que parece que la diuina Justicia tiene atadas las manos alos portugueses pera que no se defiẽdan y permite que les tengan estos Castigos asy por otros sus peccados como maxime por

[*] *Continuação da pag. 308 do volume I.*

las muchas sinrazones que tienen hecho a esta nacion que de antes erã ñros amigos salteandolos captiuandolos y matandolos muchas vezes con muchas mentiras y engannos. Por lo qual determino el p.^e M.^{er} da nobrega de tratar pazes cõ ellos cõ aplazimiento de todos estos pueblos pera q̃ algũ poco cessassen tantos incursos, y oppressiones, o alo menos quando ellos no quisiessen nos quedasse nuestra causa Justificada da parte de dios N. S. y ablandassẽ el Rígor de su Justicia, queriendo dar su vida en sacrificio, entregandola en manos de sus Enemigos quedandosse cõ ellos en sus tierras (Mandando tambien ellos aca algunos delos suyos en Refeues y asy acatandosse (*tratandosse*) poco apoco. hasta soldar la amistad y paz) ut unus aut duo morirentur homines pro populo, Et nõ tota gens periret esperando daquy tambien otros fructos dela cõuersion delos mesmos, o faltẽ ganar algunas animas de sus hijos ñocẽtes cõ el agua del Sanct.^o Bãptismo, como mas longam^{te} en las letras passadas he referido.

Mouido pues cõ tantas y tan Justas causas, y confiado en la virtud de N. S. Jesu X.^o q̃ delas piedras duras sacca abundantes rios de agnas emprendio este camino determinado De se partir en dos nauios. bien aparejados ala tierra delos contrarios, y despues derenouados los uotos la primera octaua de paschua del año pasado de 1564 nos partimos antes que los nauios, y yo yendolos aesperar auna hortaleza daquy aquatro leguas llamada Beriguioca (*Bertioga*) en una canoa, onde luego cõmeçamos aexperimẽtar la dulzura dela Diuina Misericordia y prouidencia ala qual totalmẽte nos aujamos entregado y fue q̃ en aujendo nos otros llegado a tierra, y desembarcado ueyo tan grande tempestade de viento y lluvia, q̃ sy nos tomara En la mar, segun la canoa era pequeña tovieramos grã peligro de nos perder, a saluo conduzimos bendito sea el sör dador de todo bueno.

En esta fortaleza estuynmos cinque dias confessando los moradores della y sus esclanos y comulgando alos q̃ erã capazes del sancto Sacramẽto. enquanto se aparejaua los Nauios, y de ahy nos partimos alos 23 de Abril. con buen viento, mas luego senos mudo, y ouuera dedar con nos otros al costa en una Illeta pe-

queña, mas ayudandonos N. S. llegamos auna Isla llamada de S. Sebastian despoblada, mas llena de muchos tigres, onde al dia de sã Philippe y sã Thiago diximos missa, y luego al siguiente que era Domingo tambien encomẽdando adios ñro camino dallj nos partimos y con prospero viento llegamos alos prim^{ros} Lugares delos Enemigos q̃ estauã viente leguas destas poblaciones delos portugueses poco mas o menos llamados Iperuig (1). donde luego nos salierõ arecebir algunos dellos bien legos (lejos) de tierra, y sabiendo alo q̃ iuamos se metierõ en los nauios sin temor, y despues de ser de nos otros recibidos cõ paz y amistad, se fuerõ adar Cuenta delo q̃ passaua a sus principales, los quales al otro dia q̃ fue de sã Juan ante portam latinã, vierõ todos en tres canoas atratar sobre las pazes. mas es q̃ se temiã q̃ se entrassen todos Juntos en los nauios los salteassemos (como otras muchas vezes aujan hecho los Nros) pedierõ q̃ fuessen dos delos ñros atierra y que delos suyos quedarian enlos Nauios en Refenes para dellos saper mas Largam^{ta} La verdad y asy se hizo dexando ellos 3. o 4. delos suyos y lleuãdo dos delos ñros. uno aun lugar y otro aotro, onde dormyerõ una noche, y platicarõ Largam^{te} hasta satishechos, sin sospecha de ninguna mêtira, sabiendo q̃ juã (iũa) los padres delos quales ellos tienẽ Noticia q̃ no tratan sino de Enseñar la palabra de dios pareciendolos q̃ teniã buena prenda en nos otros se quedassemos en sus tierras, y para mas segurarse al otro dia truxierõ una muger cõsigo q̃ auja ya estado entre nos otros para q̃ supiesse decerteza si eramos los padres, laqual en nos viendo nos conoseyo y dixo alos suyos como el padre Nobrega era nuestro superior y q̃ se cõfiassen seguramẽte de nos otros, y deseando ellos que saliessemos atierra auer sus lugares para se acabar de assegurar, salimos y con nos otros 8. o 9. portugueses; quedando muchos delos enemigos enlos Nauios, ya no como en Rehenees, mas de su propria voluntad, como en casa de sus amigos. llegados ala playa nos pusimos de Rodillas dando gracias a N. S^{or}

(1) Grande povoação dos Tamoyos, 26 leguas ao N. de S. Vicente, e da qual era principal o velho Caoquêra.

— (Accioli, Biogr. de Anchieta, publicada no vol. 7 da Rev. do Inst.)

y deseando abrir se yá alguna puerta, p^r onde entrasse su gracia a esta naçion q̃ tanto tiempo esta apartada della. Visitamos ambas las aldeas y Entrellas yo hablando en uoz alta p^r sus casas como es su costumbre, diziendoles q̃ se alegrassen cō nuestra uinda y amistad: q̃ queriamos quedar entre ellos y Ensiñarles las cosas de Dios, para q̃ el les dicesse abundancia de mantenimiētos, salud y victoria de sus Enemigos y otras cosas semejantes, sin subir mas alto, p^r q̃ esta generation tan s..... (2) fiera sin esto escalon no quierē subir al Cielo, y la principal reson q̃ los moujo aquerer la paz no fue el myedo q̃ tuuyessen alos xpianos, alos quales siempre lleuaron de vencida haziendoles muchos daños, ni necesidad q̃ tuuiessen de sus cosas, p^r que los Franceses q̃ tratā cōellos le las dan en tanta abundancia, assy ropas, como ferramiētas, arcabuzes, y Espadas q̃ las puedē los xpiaños comprar a ellos, mas el desseco grande q̃ tienē de guerrear cō sus Enemigos los Tupis q̃ hasta agora fuerō ñros amigos, y poco ha se leuantarō contra nos otros, (saluo unos pocos de nuestros discipulos) como mas Largam^{to} he referido en otras) delos quales p^r q̃ siempre fuerō uencidos, y maltratados cō fauor delos portugueses—queriā ellos agora cō el mismo fauor ser vencedores y vengarse bien dellos, matādo y conijendo asu voluntad, diziendo q̃ hasta agora nos aujan hecho mucho mal, cō sus saltos cōtinuos p^r q̃ les estoruuamos la passada asus Enemigos. (q̃ dellos deseauā vengarse, y no de nos otros, mas aqui adelante no nos acordassemos mas delas guerras passadas, pues tambiē les aujamos muerto muchos delos suyos, mas q̃ todo ñro furor se conuertiesse contra los Tupis q̃ tan sen reson se aujan aleuantado contra nos otros etc. La primera y principal condicion delas pazes fue, q̃ ellos tambiē aujan de ser amigos de ñros discipulos (q̃ por nos defender se aujan apartado de sus pariētes y auian yá muerto dellos para lo qual lleuauamos algunos con nos otros en los nauios) q̃ tambien les dixieron lo mismo. Loq^l ellos concedierō de grado, mas despues nos fue esto causa de mucha tribulacion mas muy buena y suaua p^r q̃ p^r defension del-

(2) Está de todo inintelligivel esta palabra.

los nos offrecimos despues muchas uezes ala muerte, como ellos aujan hecho p^r nos otros como adelante contare.

Mostrarã todos hombres y mugeres folgar mucho cõ nos otros y assy assentadas todas las cosas, sacamos en tierra ñro sãto. despidiendose los ñros de nos otros cõ muchas lagrimas como q̃ nos dexauã entre dientes de lobos hambrientos, y alauerdad atodos los xpiaños desta costa y aun aïros padres que conocẽ esta braua y carnicera Nacion cuyas quexadas aun estã llenas dela carne de los portugueses, parecio esto no soo grande hazanha, mas quasj temeridad, siendo esta gente deïman^{ta} que cada uno haze ley perã sy, y no da nada por los pactos y contractos que hazen los otros. Mas nos otros en tierra ordeno la Diuina prouidencia, que se metiessẽ doze mancebos delas dos aldeas, en un nauio q̃ Rehenes, sin nos otros esperar, q̃ fuessen tantos, los quales partidos Luego al otro dia venieron a estas Villas, y fuerõ muy bien tratados delos xpiaños, Enel otro nauio se metierõ cinco delos mas estimados, y se fuerõ camino del Rio de Henero, onde esta La mayor fuerça de los suyos. y el ètento delos Francezes pera acabar las pazes cõ ellos, dando testimonio, como yã quedauamos de assiento y en sus tierras, de cujo viage despues refyrã.

Nos otros nos quedamos en tierra el padre Manoel de Nobrega y yo y posamos en casa de un Indio principal que auja mucho tiempo que auian saltado, p^r Engano delos portugueses con otros muchos y auia escapado huyendo del Nauio, con unos hyerros en los piés, y andando toda la noche y aunq̃ tenia Resõ p^r esto de ternernos grande odio, determino de oluidarse dello y conuertelo todo en amor, mostrandosse como uno delos principales autores desta paz mouido tambien p^r palabras de una India q̃ tenia en su casa, Laqual en el mismo tiempo fuera salteada y vendida p^r esclaua contra toda rason y Iusticia, Laqual tenia dado grandes nueuas de nos otros, que no queriamos consintir que los q̃ eran salteados fuessen Captinos, y no queriamos cõfessar asu sãr della, hasta q̃ La pusiesse en su Libertad, y otras muchas cosas de ñros costumbres y manera de uida, conq̃ dio algũ conocimiento, y credito de nos otros, áquellos Indios sus pariētes y ella tenia Cuidado de nos dar de comer y procurarlo cõ mucho amor y di-

ligencia y aun de auisarnos de algunas cosas si por uentura los suyos machinauã cõtra nos otros.

Luego comecemos aajuntar los niños y niñas del lugar, con los quales tambiẽ se allegauã algunas mugeres y hombres, y les comecemos a Enseñar las cosas dela fe, añuncjando N. S. Jhūs X.º aaquellos q̃ del nũqua aujan ojo, y los muchachos aprendiã de buena voluntad, demanera q̃ en spacio de una semana estauã aptos para recibir el sancto Baptismo, si estuuierrã en tierra de xpiaños, alos quales en publico y enparticular amonestauamos, espcialmõte q̃ aborrecessen el comer de la carne humana p^r que no perdiessen sus anymas en el infierno, alãqual vão todos los comedores della y que no conocen a Dios asu Criador, y ellos nos prometiã de nũqua mas comerla mostrando mucho sentimiẽto, de ter muertos sin esto conocim.^{to} sus antepassados, y sepultados enel infierno. Lo mismo dizian algunas mugeres enparticular, q̃ parecjan holgar mas cõ ñra doctrina, las quales prometiã q̃ assy lo harian (;) alos hombres engeneral hablauamos en ello, diziendoles, como dios lo defende y q̃ nos otros non consentiamos en pyritininga alos q̃ ensenauamos, q̃ los comiessen aellos, ni otros algunos, mas ellos dizian q̃ aũ aujan de comer de sus contraryos, hasta q̃ se uingassen bien dellos y q̃ deuagar cayrian en nrõs costũbres y alaverdad nos otros nõ pretendiamos mas q̃ declarles la verdad, p^r q̃ costume enq̃ ellos tienẽ, puesta major su felicidad no seles hade arrãquar tan presto, aunq̃ es Cierto, q̃ aj algunas de sus mugeres, q̃ nũqua comjerõ carne humana, ny la comẽ antes (:) al tiempo: q̃ se matã alguno, y se le haze fiesta enel Lugar escondẽ todos sus vasos enq̃ comẽ y beben p^r q̃ no vsen los otros (*las otras*). y Junto con ello tienẽ otros costũbres tanbuenos naturalm^{te} q̃ parecẽ no auer procedido de Naciõ tã cruel y carnicera. los Indios haziã nos todo el buen tratamẽto possible asu pobreza y baxeza, y porq̃ tiene p^r grande honrra quando vão algunos xpiaños asus casas darlos sus hijas y hermanas para que queden p^r sus yernos (*genros*) y cunhados, quisierõ nos hazer la misma honrra, offereciendonos sus hijas, y repetiendolo muchas ùezes, mas como le diessemos aEntender q̃ no solamente aquello que era offensa do dios, aborreçiamos, mas q̃ aun nj eramos casados, nj teniamos mu-

geres, quedarõ espantados assi ellos como ellas, como eramos tan sufridos jcontinientes, y teniãnos mucho major credito, y reuerẽcia. Las mas particularidades en este negocio, ni es possible, ny expediente, basta entenderse q̃ es necessaria muy especial gracia y fuego del Spũ sancto aquin hade biuir entre gente que una de las essenciales partes de su felicidad pone en esto, cujos pensamientos, palabras, y obras que quasi necessariam^{te} auejs de ojr, y aun ver, todos finalm^{te} vienẽ enesto aparar, mas bendita sea La sũma bondad, q̃ tanto Cujdado tiene delos que son mēbros desta su minima companhia.

Enel primero Domingo despues q̃ salimos hiziemos un altar en vn bosqz Junto del lugar y diximos La primera Missa en àqlla tierra, y despues alos 14 de Maio dentro del Lugar nos aposentaron en una casa saliendo todos della, p^r que assy lo dexo mãdado su dueno que era uno el principal delos cinco que fueron enel Nauio al Rio de henero como arriba dixe, y en ella celebramos Missa, espargiendola primero toda cõ agua bendita p^r estar muy contaminada de muertes, y otros piccados q̃ en ella serian admittidos; el qual fue el dia delos Santos Martires Victor y corona enq̃ pedimos a N. S. nos diesse victoria contra el demonio para cõcluyrse y effectuarse estas pazes, delas quales se esperaua resultar tanto bien, y saluaciõ de tantas animas assi delos esclauos y mugeres delos xpiaños q̃ captiuã continuam^{te} y tienẽ p^r mãcebas y despues La matã, y comẽ, como delos sujos mesmos, delos quales tienẽ N. S. muchos predestinados para su gloria, Edaly ende-lante siempre diximos Missa, cõmum^{te} antes del dia, p^r no ser perturbados delos Jndios, los quales sequerian siempre hallar presentes p^r curiosidad y erãnos causa de alguna inquietacion, y aun con todo esto nũqua podjmos hazerlo tan secretam^{te} que no concurriessen algunos y no se contentauã sino con llegarse muy cerca del altar amyrar muy biẽ la Jmagẽ del Crucifixo que alli teniamos. Desta man^{ra} biuiamos entre ellos gastando unos pocos de dias en un lugar. y otros pocos enel otro, p^r contentar atodos enseñando siempre las cosas dela fe aquantos las queriã oyr, y ieramos muy amados de todos quanto sepodia conjeturar p^r las palabras y obras exteriores max.^a p^r que teniã sus hijos en Rehenes,

aunq̃ auia poco tiempo se teniã ellos detirminado en cõsejo q̃ el primero Christiano q̃ tomassen lo entregassen alas viejas, q̃ son las mugeres (ou *majores*) carniceras, y ellas lo matassen a su volũtad aestocadas, y pancadas de palos agudos, y despues deassy muerto, uno dellos le quebraria *lequebraria* (*sic*) La cãbeça, y tomaria nueuo nombre como es su custumbre y esto p^r que le auyã muerto los nrõs poco auja, un su grande principal, mas q̃ entonces estauã yã fuera deltal pposito (*proposito*).

Mas p^r que N. S. alos que ama Castiga, y da tribulaciones, no quiso q̃ passasse mucho tiempo, sin nos dar alguno delos semejantes regalos; aunq̃ alaverdad yã interiormente, los cõmeçauamos agustar y siempre los teniamos con continuos sobresaltos, q̃ teniamos de los grandes encuẽtros, que nos estauã aparejados, por q̃ al tyempo q̃ salimos enaquella frontera de Enemigos teniã los Indios desta Naciõ grande guerra Junta sobre los Lugares delos Christianos para loqual teniã aparejados dozientas o mas Canoas que hazen de una corteza sola de un arbol cada vna poniendoles otros pedaços dela misma corteza y bordos muy bien atados cõ vimbres, y son tan grandes q̃ lleva cada una dellas viente y 25, y mas personas cõ sus armas y victuallas y algunas mas de 30 y pasan ollas y mares tan brauas que es cosa espantosa y que no se pode creer, nẽ imaginar sino le quiẽ lovê, y mucho mejor de quiẽ no las (*ha*) passad y seles anega, echanse todos al aguã, y sacanla fuera ala playa, o En la misma mar la esgotan y se tornan ameter en ella, y van su camino, y acresce muchas uezes que cõ la grande furia dela tempestad se las haze pedaços, y ellos *en* el camino vanse a tierra. pues cõ ellos sus Nauios assy iuntos teniã determinado de dar en los Christianos no cõ guerra descubierta, sino de saltos unos en una parte y otros en otra, unos idos, otros venidos, deman^{ma} que nũqua la carrera estuiesse sin ellos y Junto con esto los q̃ dellos moran, p^r el Mediterraneo aujan de uenir p^r tierra con la misma continuacion, hasta destruir todo, si pudiessen, y es de crer segun La poca industria, q̃ los Christianos tienẽ en se defender que en este anno se auja de assolar grande parte desta Capitania sino interujuierõ estas pazes.

Assi que nos otros en tierra Cadadia esperauamos p^r algunos

destos p^r que todos vienē aaportar aquella frontera, delos quales bien creyamos que traeryan muy buena voluntad de nos matar, como supiesen que estauamos en sus tierras y luego alos 23 de Mayo llegaron dos canoas en una dellas venja un gran principal dela mesma Aldea enq̃ estauamos que llamauā Pindobuçu que quiere dizir hoja grande de palma, En la otra venja un hermano daquel en cuja casa posauamos, los quales aun no sabian de nos otros, y entrando esto en casa, como Ledierō cuenta delloque passaua, dissimulo p^r entonces, y mando que Le desembaraçassen su casa, y como estuuiesse dentro hazendo lleuar ñiro sato (*sāto*) aotra casa llego un su hierno, que venia con el, y viendome dentro no pudo passar dela puerta, mas antes alli parado con una espada en la mano, pregunto asu suegro, quien es este? Respondiole el portugues, dixo el otro portugues? como hombre que auja allado cosa muy deseada para executar su odio mortal que tcdos nos tienē, yo dixeles, yo soy vro Amigo que he de estar con uos otros daquj adelante (;) mas el muy Indignado, y sobierbo Respondio, no quiero su comp^a y otras cosas asperas mas no le permittio Dios N. S. hazer mal.

Mas como los otros le dierō Cuenta delo q̃ passaua Luego assossegarō max^e el pindobuçu, elqual mostraua gran plazer delas pazes diziendo q̃ mucho tiempo auja que Las deseaua, y q̃ queria que durassen para siempre, platicando con nos otros muchas cosas, assy delas tocantes ala paz, como de nuestra vida, y sabiendo que no teniamos Mugeress se espanto mucho pregūtandonos, ny las deseas, quando vejs algunas hermosas (?) Nos otros p^r Repuesta le mostramos las disciplinas, cō que se domaua la Carne, quando se demandaua a semejantes deseos malos, hablandole tambien delos ayunos, abstinēcias, y otros remedios (q̃ tenjamos y q̃ todo haziamos p^r no offender adios q̃ Manda lo Contrario, y el Replico, y nós que os hade hazer? p^r q̃ teneis mjedo del? entonces le hablamos del Infierno y gloria, etc.: de que elquedo marauillado, y teniendonos grande Credito p^r que ñira vida era tan apertada (*apartada*) dela delos hombres, y q̃ no tratauamos sino en cosas de dios, y de buenos costumbres, y luego começo p^r obra el Credito, que nos tenja, p^r que al tyempo, que entro el otro enla casa de su her-

mano, enq̃ posauamos, y sacando nos otros della nro Sato, no nos pudiendo enpecer en otra cosa, escondiola Campanilla conq̃ llamauamos ala doctrina, y nũqua la quiso descubrir, aun q̃ la fueron abuscar muchas uezes, hasta q̃ siendo informado desto el pindo-buçũ cõmeço apredicar p^r las casas, que descubriessen luego la Campanilla, y no hiziessen cosa, p^r onde les uiniesse algũ mal, diziendo sinos otros tenemos mjedo de nros hechizeros, quanto mas lo deuemos de tener delos padres q̃ deben ser sanctos verdaderos, y ternã poder para nos hazer venir camaras de sangre, tosse, dolor de Cabeça, fiebres, y otras Enfermedades deq̃ todos moriremos, delas quales palabras el otro quedo tan espantado, que luego descubrio q̃ el tenia la Campanilla.

Alos 27 de Majo começarõ avenir los que teniã la guerra Junta, y el primero fue un principal, con diez Canoas degente, elqual yã sabia la nueua de ñra salida y luego determino de nos tomar y matar, y q̃ los que erã venidos en Rehenes quedarian entregue Con nos otros, y esto p^r ser grã Enemigo delos portugueses, p^r causa delos Franceses, de quien es grande amigo, y tiene auno dellos p^r yerno amancebado cõ una su hija de que tiene una Neta, y este su hyerno quedaua detras con quatro canoas, que tambien venjã ala guerra, anos otros, y ordenando assy la Diuina prouidencia, encontro cõ el Nauio q̃ yua tratar las pazes al Ryo de henero, de que era Capitan Joseph adorno, tyo de ñro hermano Francisco adorno, y sabiendo que no era portugues Entro enel Nauio abraçãdolo, y mostrando mucho contentamjento delas pazes, y dio auiso de como los Jndios q̃ ueniã con el, determjnauã de tomarlos alas manos, y matarlos, alos quales, el yã tenia quitado de su mal proposito y dally, se torno llevando Cartas del Capitan alos Franceses moradares del rio, enq̃ les pedia, diessẽ fauor para el Cumplimẽto de la paz que se trataua, yel mesmo aconsijo a Joseph adorno que se tornasse, p^r que sy fuesse adelante, poniasse agran peligro de ser muerto, con todos los suyos, y mando dizir asu suegro p^r un Jndio su hermano que jva enel Nauio que consentiesse en las pazes, con esto se torno el Nauio, y llego adonde nos otros estauamos enel mesmo dia que las dichas canoas.

Al tiempo q̃ estas llegarõ, ordeno N. S. para q̃ Entendiessemos q̃ todo nuestro bien y salud nos venja del, que Lamajor parte delos Jndios delos Lugares enq̃ teniamos alguna cõfiança, que nos defenderian de los suyos, se quiziessen hazernos mal, estuiesse absente, allegado pues aquel principal con sus diez canoas vino luego ahablarnos con dañado animo, elqual era hombre alto, seco, y de catadura triste y cargada, y de quẽ teniamos sabido ser muy cruel. Deloqual contare un exemplo; una de sus Mugerres de algunas 20 omas q̃ tenia hisole adulterio, la qual el tomo y enclauo en un palo de pies y manos, y con vna espada La abrio, p^r los pechos, y barriga, y despues La mando quemar, Este pues entro con muchos delos suyos con un arco y flechas enla mano vestido ne vna Camisa, y assentado en vna Red comeco atratar delas pazes, yatodolo q̃ le diziamos se mostraua Jncredulo, y duro, trayendonos ala memoria quantos males, le aujan hecho los ñros, y como ael mesmo aujan yá prendido en otro tiempo con pretexto de pazes, mas que el p^r su valentia con unos hyerros en los pies saltara del nauio, y auia escapado de sus manos, y con esto arremãgaua los braços, y bolliã conlas flechas contando sus valentias. Estando en esto llegarõ los Jndios que veniã enel Nauio y dieron le nueuas, como su hyerno el frances auia hecho ya pazes, cõ lo qual parece que el ablando algũ poco, y se fue p^r ser ya tarde, diziendo q̃ al otro dia tratariamos mas despacio, y aquella noche determinarõ algunos delos suyos de ir por la mañana con pretexto de Rescate atomar el Nauio, y otros matar alos q̃ estuiessemos en tierra, y pudierã lo hazer mucho asu saluo si N. S. se lo permittiera, p^r que al otro dia p^r la mañana desseando pindobuçũ que se effectuassen las pazes, dixome q̃ fuesse alos Nauios y troxesse el Capitan atierra para concertar como aujan de ser y yendo yo p^r el fuerõ alla Cinco canoas muy llenas de gẽte y comegarõ unos a Rescatar otros, aahablar sobre las pazes enchiendose el Nauio dellos y ala postre llego uno muy depriessa diziendo q̃ fuesse ajaa el Capitan, diziendo que estaua ya el principal con los suyos esperando para tratar delas pazes, q̃ el luego yria, y este era el principal autor dela trajcion, aũqz no lo sabiamos, mas todauia temiendonos de lo que podria ser, no quisimos salir hasta

q̃ se apartaron las Canoas, y ellas idas el Capitan temiendose dello q̃ en la verdad se trataua con todo p^r ser grande ñro amigo y deuoto, no dudando de morir, onde nos otros moriessemos, dexando enel Nauio un hermano del pindobuçu en Richones p^r sy, se salio a tierra conmigo, y en saliendo se lleo uno niño delos del aldea, que yo enseñaua, amj, y me dixo, yá son llegados acasa los Indios, y hablan sobre ñras cabeças y ni con todo esto se quiso el Capitan tornar al Nauio que lo pudiera muy bien hazer, que las casas aun estauã lexos en un monte alto, mas fuesse conmigo al aldea y aquel principal entro luego en ñra posada con muchos delos suyos los quales nos cercarõ con arcos y flechas, otros con espadas otros cõ puñales en las manos como hombres que no esperauã mas q̃ la primera palabra del Capitan el qual assentado en medio de todos con una buena espada en la mano, y vestido cõ hũ sayo negro bien fino, antes de tratar con nos otros, platico cõ vn frances Lutherano que traya consigo, informãdosse del, quien era el Capitan al qual el frances dixo, que era hombre que sabia bien la Lengua francesa, Edizia auerse criado en frança mas q̃ no era su pariente, y que venia a tratar pazes con el, y Juntamente cõ todos los Franceses del Rio, el principal oyendo dizir que no era frances, parece q̃ se alegro para poder executar su ira y dixo, Assi? portugueses es este? yo p^r que el Capitan no entendia La Lengua Brasillica, le auise, dello q̃ platicauã, y el dixo al frances que Le dixisse la verdad, que el no era portugues mas genoues y grande amigo y hermano delos Franceses con lo qual se aplaco un poco aquella bestia brava y cõmeçarõ atratar con nos otros sobre Las pazes, insistio mucho q̃ les aujamos de dar amatar y comer delos principales de ñros Indios que se aujan apartado delos suyos, assi como en otro tiempo, aujamos hecho aellos y como dixessentos q̃ ninguno delos les aujamos de dar p^r ser ñros amigos y discipulos que dios no queria esso, y q̃ assy lo auiamos concertado con los, dela frontera, Respondio el los Contrarios no son dios, vòs otros soês los q̃ tratais las cosas de dios auéis nos los Entregar, y como enesto altercassemos un poco, Concluyo el en pocas palabras pues q̃ soe's escassos delos Contrarios no tengamos pazes unos con otros y poco-falto para luego las quebrar y con quebrarnos La cabeça

se dios N. S. les diesse Licença, la quebrariamos (ou *a quebrar de-ramos?*) muy degrado p^r causa tan Justa, p^r que nosolo nos pediã carne humana para comer, mas aun alos Innocētes que p^r nos defender se aujan hecho Enemigos delos suyos y puesto sus vidas p^rlas ñras. El Capitan viendolo tan brauo como lobo Carnicero, que no pretendia mas q̃ hartarse de sangre; y no daua nada p^r reson p^r se desembaraçar del, dixole q̃ se vernia aca, y platicaria aquello cō el Capitan q̃ lo auja mandado p^r que el no tenia licencia para poder solo p^rmeter Enesto interuino el pindobugu que hasta entonces se auja callado, y dixo q̃ assy seria bien q̃ bastaua lo dicho, y con esto se fuero, y nos dexarō, y antes q̃ el Capitã se fuesse a embarcar, Le descubrio aq̃le Frances todas las machinationes delos Indios, que ya tengo contadas. bendito sea el sor' q̃ amanso aq̃llos feros leones.

Este frances se quedo platicando con nos otros en La Lengua Brasillica, y del supimos como todos los suyos que estan el (al) Rio son fideles yno papistas, yno tienē Missa antes persiguō y aun matan alos que La dizen que ellos cren en solo dios. Deste mesmo y delos Indios que *de alla* veniã supimos como de frança fuerō allj embiados doze frājles q̃ segun parece deuiã de ser de la ordē de São Bernardo, los q̃les hizierō casa y mantinimiētos un año q̃ ay estuujerō, y biuian apartados delos suyos, delos quales erã perseguidos y mal tratados p^r q̃ erō papistas y dizian Missa, mas delos Indios saluages, y Cruces eran tratados cō mucha humanidad, y algunos les dauã sus hijos a Enseñar, y con todo passauã m (*mucho*) trabajo de hambre, p^r lo qual siendo forçados, abuscar de comer por las roças, y no Conocjendo bien las raizes, comierō una vez dela Mandioca assada, y oujerō de morir, lo q' este frances contaua cō mucho gusto y plaer que dello auja, otranes andando los fieles sieruos del Sōr. trabajando, y quemando un pedaço de bosque Cerquado (ou *cortado*), para enel plantar mantinimiēto, se pego fuego alas casas y quemo toda su pobreza q̃ teniã, yornam^{tos} dela Igreja, viendosse tan perseguidos delos suyos, y q̃ con los gentiles nō podian hazer fructo alguno, como pretendian tornarãse para Francia, y aũ es mas de Crer q̃ los mesmos franceses los lleuarō, p^r q̃ no seguiã La descomungada

secta de Caluino, y segũ me conto, un Jndio enel camino matarõ algunos dellos, y en llegando a Francia, mataron los otros: Lavida delos Franceses q̃ estan eneste Rio, es yá nõsolamẽte oie apartada dela Iglesia Catholica, mas tambien, hecha saluage, biuẽ conforme alos Jndios, comjendo, bibiendo, bajlando y cantando cõ ellos, tiniendose con sus Jintas prietas, y bermejas, ornãdose cõ las plumas delos paxaros, andando desnudos alas vezes, solo cõ unos pañetes (*calças curtas*), y finalmẽte matando contrarios segũ el rito delos mesmos Jndios, y tomãdo nombres nuevos como ellos, deman^{ra} que no les falta mais que comẽr carne humana que enlo mas suvida es corruptissima, y cõ esto, y cõ les dar todo genero de armas incitandolos siempre, que nos hagan guerra, y ayudandolos enella, le son *aunpessimos*.

Tornãdome agora al proposito comẽçado el Capitan Joseph adorno libre de tã grande Angustia, la q^l nos auja dado major afflicion q̃ Lañra propria, se Embarco, alqual diximos, y assy lo escriuimos alos Regidores destas Villas q̃ en Ninguna man^{ra} se diesse nosolo alguno delos Jndios iñocentes ñros amigos, mas aun, ni alguno delos Culpados acomer, aunq̃ a nos otros nos Custasse Lavida, p^r que p^r tal causa de buenavoluntad no la queriamos, yaun descauamos dar partido pues *tuuo* tambuẽ vento pla bondad del Sõr que llevo primero aca, q̃ los Jndios en sus Canoas, los quales aun venian determinados de Combater la fortaleza dela Beriquioca, mas el Capitan dela tierra sabido lo q̃ se passaua, los estana yá allos esperando cõ mucha gente y les tenia mandado al camino algunos delos que aca estauã en Rehones cõ cujas palabras aquel principal venja yá manso y entro enestas villas predicando que holgaua mucho con las pazes q̃ ya crya ser verdad lo que alla le diziamos, niqueria que le dessan algunos delos ñros Jndios amatar que sinos otros estando en su tierra y en su poder con tanta constancia aujamos resistido asu peticion, diziendo q̃ ne se les aujan de dar, quanto mas la terniã los xpiaños aca, que lo tenian ael ensu poder, etc.: assi q̃ fue recebido con mucha alegria, y fiestas delos ñros, de que el quedo muy satishecho, Eneste tiempo q̃ esto llevo aquí, vinjerõ muchos delos Tupis q̃ se aujã rebellado y mytieronse cõ los Christianos en una

frontera llamada Itanhõe (*Itanhaem*) con proposito de matar los q̃ aujã venido en Rehenes, para que con esto se quebrassen las pazes delos Tamûjos, q̃ se pudiessen tambiẽ matar delos ñros. lo qual sabido el Capitã dela tierra se fue alla con los Tamûjos, y tomo algunos dellos que los mas oyerõ delos quales, los Tamûjos llevarõ sus priesas y otros que los ñros les dierõ, para cõfirmacion dela paz. y para q̃ creyessen verdaderamẽte erã ñros Enemigos lo q' ellos se tornarõ tan alegres, y contentos que mas seno puede dizir, y mouierõ todo los snios, deman^{ra} que cada q' se daua mayor pressa, que podia para venir ver se podiã allar otra tan buena suerte Anosotros nos peso mucho quando lo supimos, p' que vltra dela causa delos Tupis se venjã con trajcion ono, no ser bien examinada, bastera quando esso fuẽra, hazer verdugos de sus contrarios mas, no dexarselos llevar acoer

Eneste medio tiempo que esto aca se trataua, en q̃ se pasarõ mäs de 15 dias, nos otros nos quedamos puestos entre muchas Angustias, y venidos los de ñras aldeas q̃ eran absentes, los istamos (ou *les cõtamos*) lo q̃ auiamos passado, y las trajciones q̃ los del Rio ordian contra nos otros y como aun erã aca venidos cõ mal pposito nombrandoles los autores del mal, deq̃ ellos mostrarõ quedar muy enojados contra los suyos incitandosse los vnos alos otros, que estuicessen aparejados para quando estos voluinessẽ, que no cõsientiessen hazernos algũ mal aunque supiessen hazerse oie sus Enemigas, y *Irato* cõ esto quedarõ espantados, pensando q̃ dios nos auia descubierto las trajciones, *pues* que el Pindobuçũ, el qual nos dixe entre otras cosas, vos otros sabeis todas las cosas, Dios os descubre todo, Rogadle que me de luenga vida que yo me porna p' uos otros contra los mjos Edaly endelante sempre uos jua avisitar Luego p' la mañana, sabiendo se auiamos menester alguna cosa, para comer, y procurandola y preguntandonos muchas cosas de dios al qual contauiamos alguñas, mostrandole las Imágenes en la Biblia, de que el quedaua espantado, ynos dizia que dexassemos lo mas para otro dia que no podia llevar tanto Junto, y despues tenia Cuidado detornar apreguntar.

Destaman^{ra} biuiamos en Continuos temores esperando cada dia p' canoas assy del Rio, como delas que erã passadas ala

Beriquioca temyendo q̄ fuesen descontentos, oouiesseu recebido algũ daño se acometiessẽ la fortaleza, y se quisiessen uengar en nos otros, y el mesmo temor teniã los ñros Amigos de Iperuig entãto que queriendo ellos Ir a traer una Canoa ala Celua, aonde se aujan de detener algunos dias, diziã seria bueno llevarnos cõsigo; p^r que no veniessen estotros estando ellos absentes como dantes auia acõtecido, Mas N. S. p^r nos enseñar la verdadera practica de Maledictus homo qui confidit in homine y para q̄ solo enel pusiessemos nuestra esperança, ordeno q̄ se fuesen alos bosquẽs todos los Indios dela una aldez y la mayor parte dela otra. y quedassemos solos, sino quãdo alos. 9. de Junio vespera de Corpus X (*Christi*) estando nos otros al cabo dela playa aparecio una Canoa q̄ venia del Rio de Henero, nos otros tomamos p^r mejor cõsejo ir al aldea de pindobuçu p^r que estando el presente, nos parecia, estariamos mas seguros de qualqr' encuentro ydimos aandar pla playa yalas vezes acorrer p^r que la pudiessemos passar, antes que la Canoa llegasse p^r les no dar occasion, sinos allassen solos de excentar su dañada voluntad, dela q' aunque no eramos muy ciertos, todauia estauamos recelosos pello q̄ yã auiamos passado, y este fue un otro trabajo el mayor, oalomenos delos mayores q̄ el p^r Manoel da Nobrega tuuo en su vida, porque estando el muy flaco de sus continuas indisposiciones, y Junto cõ ello dela malavida que allj passaua, sequeria correr no pòdia, sino corria, poniasse apeligro dela vida; Enpezo Corrio quanto pude, y mas dello que pudo hasta al Cabo dela playa, onde antes dela Aldea que esta puesta en un monte muy alto corre vna Ribera de Agua muy ancha y queda (*que dá*) p^r la Cintura, el padre iba con botas, y calças q̄ comũmente trae p^r las llagas, q̄ tiene en las pernas de q̄ quedo muy mal tratado, si se ponía adescalçar llegaua la Canoa que estaua yã detras de una punta muy cerqua de nos otros, deman^{ra} que lo tome aCuestas y lo passe, mas enel medio del Rio uenimos ya todos mojados, y como mis Costillas aun Cancen y duelen como solian, y tienẽ muy pocas fuerças no le pude bien passar, y fue forçado el padre Echarssse enel Agua, y assi passo todo ensopado deman^{ra} q̄ escassamẽte, tuuiemos tiempo para nos poder meter p^r el monte, y Encubrirnos cõ los arboles,

pues p^r el môte arriba fue cosa de ver, quedose el padre, las botas, calças, y ropeta y todo mojado cō toda su ropa mojada a Cuestas y el encamiza solo, cō un bordon en la mano, cōmeçamos acaminar mas el ni atras, ny adelante podia ir, entanto que viendo yo su trabajo, y que era impossible llegar ala aldea le cometij que nos escondiessemos enel bosque hasta passassen los dela Canoa, los quales estauā ya enel Ribero gritando y sino fuera la tardança que hizieron en sacar la canoa a tierra, bien creo q̄ no llegaremos ala aldea, ala qual aun llegamos. p^r que encōtramos cō un Jndio della, alqual cō muchos rogos y prometer que se lo pagaria, alcanse, que aora a Cuestas, aora puxandō p^r el bordō llevasse el padre y assy quasi sin anhelito llego alas casas, q̄ (*quão?*) vaua e salus hominis, permitio que pindobuçū enquē confiauamos no estuuiesse en casa, y en la Canoa venia un su hijo un delos mas Insignes en maldad que ay antre aquella gente con algunos trenta mancebos de su qualidad, el qual estando cō 7 o 8 canoas para venir ala guerra, oyendo la fama delos ñros los dexo, y se metio muy depressa en vna dellas queriendo ser el q̄ llevasse la honrra de ñra muerte, y trayã assentado q̄ entrando en casa, sin ñdizir nada alos suyos, p^r que no los estoruassen, vnos aferrassen de nos otros, yel nos desse de estocadas y Cuchiladas, haziendo Cuenta q̄ ny su padre, ny los otros dela aldea los auñ dematar p^r esso, q̄ se les quisiessē dar de palos que los sufriryen, mas q̄ ellos p^{ro} (*primero*) haria La suya. Entrando el pues con este proposito en casa de su padre q̄ era absente dixole un su tyo, como nos otros eramos idos, y tratauamos pazes, y quien eramos, en lo qual parece q̄ algun poco se amāso su furioso coraçō, mas no del todo, antes daly apoco espacio entrarō muchos delos suyos onde posauamos, Estando nos rezando la vespera, Laqual acabada, entro uno, que era delos que nos auyan detomar, cō una espada muy reluziente en la mano, y sentose en una Red cō rostro no muy alegre, mjrando nos detraues sin nos hablar, y detras de todos vino su Capitano, elqual sentado Junto de nos otros, no estando en casa, mas q̄ solo ñro huésped, cō cara alegre y grandissima dissimulacion nos cōmeço aahablar, y platicando muy devagar encosas diuersas, nos repetia,

muchas ueses—Es Cierito, que trataes' verdad en estas pazes, Mirad que los francezes nos dizen q̃ no pretendeis, sino q̃ vamos mucho juntos avrãs tierras, y matarnos, y que vos auéis de huir, y dexarnos en blanco, finalm^{te} despues de muy Luengas platicas se fue cõ todos los otros muy blando, y descubrio todo lo q̃ traya ordenado; diziendo yo venia a hazer esto y esto, mas quando entre aver los padres, y les hable, cayome el coraçon, y quede todo mudado y flaco, y pues yo no los mate, que venia tan furioso, yá ninguno los adematar aunque todos los q̃ vinierõ an devenir cõ el mesmo proposito y voluntad. Loado sea el Sõr p^r todas sus obras.

Se ouiesse de descrenir todas las particularidades q̃ alli se passaron seria nũqua acabar, no es menester mas sino que dallj endelante cadadia bibiamos muchos tragos de muerte delos quales aũ hede cõtar algũnos para gloria de dios. los Indios q̃ erã en selua, tuujerõ luego rebate cõmo erã llegados aquellos del Rio, y que los padres cramos huydos' p^r los bosques cõ miedo dellos, de q̃ ellos dizian cõ mucha tristeza p^r el padre Nobrega. O Padre véjo onde se ira agora p^r esos Espinhos? bien diziamõs nos otros q̃ no los dexassemos solos y otras semejantes palabras de compassiõ, y vno dellos hombre muy estimado delos suyos, y de buenas condiciones, y el mas desengañado de todos ellos como adelante parescera llamado Cuñambeba (3), semetio Luego en vna Canoa, que aun no tenja acabada y se vino ya muy alta noche medio anegado p^r mar muy braua asocorrernos y sabendo q̃ estauamos en paz assosgo aquella noche, Al otro dia q̃ fue de Corpus Christi, nos fuemos muy de mañana assu aldea, onde el auja dias, que nos auja mandado hazer una casita pequena en medio della para dizir missa, y quando nos vio assy el Como todas las Mugeres del aldea recibierõ tanta alegría, como si resuscitaremos aquella hora, hablandonos palabras de mucho amor, y fuesse luego a otra aldea acombidar a los otros, q̃ veniessen a beber ala suya, onde Les tenia grande (sic) vinos, y andando bibiendo y bajando cõ gran

(3) Devem ler-se as pag. consagradas pelo sñr. visconde de Porto-Seguro a este formidavel régulo indio no v. 1.º secç. XVII da sua *Hist. geral do Brazil*, de cuja primorosa 2.ª edição nos-chegã neste momento da Allemanha o 1.º volume.

fiesta les dixo, que no queria, que nadie nos hiziesse mal, se hablasse alguna palabra aspera, y no estrouassen las pazes q̃ el hazia con nos otros, que determinaua denos defender aunq̃ supiesse quebrar con ellos, y aun los mas ruines dixo Vos otros no me enojeis q̃ yo ya mate uno de los vros, y lo comj loqual dizia q̃ uno esclavo de los portugueses que era de los del Rio de benero, q̃ auja pocos dias que de aca huyera, y el lo auia muerto y entonces mando a una de sus Mugeres, que sacasse una canilla dela pierna q̃ tenia guardada, deque suelen hazer flautas. Los otros viendola dixierõ, pues tu lo mataste, y comiste, comamos nos otros tambiẽ, y pidiendo harina uno p^r una banda, y otro p^r otra comegarõ aroer enellã como perros, assi toda la cosa passo en fiesta, y quedaron grandes amigos; desta man^{ra} les hablauã tambien los otros en ñro fauor, mas todo aprouechara poco, sinõ tuuieramos otro mayor guardador, p^r que es esta vna gente tan mala, bestial y carnicera q̃ solo p^r tomar un nõbre nuevo, ovingarse de alguna cosa passada no tuuiera encuento qualquiera mancebo soberbio matarnos como es Cierta teniã muchos buena voluntad de lo hazer max^e sabiendo q̃ por esto no auja de ser ahorcado; y q̃ todo el Castigo passaria cõ dizirles los otros, Es un Ruin. para prueva de lo qual es de saber q̃ en este mesmo tiempo los del Campo dierõ pla sierra en una hazenda de un hombre alqual aunque teniamos mandado auiso p^r cartas, no sequis guardar pareciendole, q̃ como supiesse q̃ estauã muchos de los suios entre nos otros ya no le hariã mal mas ellos no Curando de nada, aunq̃ les dixierõ q̃ teniamos ya hechas pazes le pusierõ fuego ala casa, y la quemarõ, y matarõ a el, y a su muger, y hizierõ Luego en pedaços, y otra muger medio quemada y herida llevarõ biua, y en su aldea la matarõ con grandes fiestas de vinos y cantares, y Junto con ella algunas esclauas.

Despues desto a los 20 de Junio, siendo ya Idos deca los Tamujos cõ sus presas, y quedãdose muchos en tierra cõ desco de pelear con sus contrarios, mandonos el Capitã un bergantin para que nos veniessemos, parecẽdo a todos p^r el grande contentam^{to} que ellos lleuauã, que ya seriã firmes las pazes y aldi que llego alla el Bergantin erã partidas para qui onze Canoas enq̃ veniã muchos del Rio, y todos dela Frontera salvo dos otros principales que

quedauã como en ñra defension cõ algunos sus Criados, y luego eneste mesmo dia llegarõ diez Canoas del Rio, las quales cõ la pressa que estotros aviã lleuado, veniã muy alegres, y se partieron Luego aalcãçar las onze, mas p^r que los Indios aun no estauã de todo seguros, nj crendo nra fe y verdad pla suia q̃ es muy poca, no nos dexarõ venir aambos, nj nos otros Le Instamos p^r esso, todauia pareejo bien q̃ se veniesse el padre Nobrega, y aunque ael le fue muy caro, p^r dexarme solo, esperando, que aun nos podria caber alguna buena suerte de ser comidos p^r amor del Sõr, todauia yo le Juste mucho q̃ se veniesse, y solo me dexasse su bendicion, y mandamêto, que alla dicesse mi vida al Sõr y por el Sõr della, y con esto se vuo dembarcar, despediendosse demj cõ muchas lagrimas, sinyo le corresponder cõ algunas, y mandandome q̃ cõ La mejor occasion que hallasse, me veniesse. En mj cõpanhia se quedo vn hombre mucho ñro deuoto y amigo dedios, Cujã Muger, hijos, esclanos, y vna su Cuñada de auian leuado auja quasi vn año como en las letras passadas E referido el qual despues de auer passado muchos trabajos p^r rescatarlas, quiso entonces salirse en tierra cõ mucho rescate esperãdo seg^{do} el buẽ conyengo q̃ lleuauã las pazes q̃ las podria sacar de Captiverio, y peccado, E si mas no pudiesse no dudando de dar su vida p^r causa tã Justa y Cierta q̃ su Companhia fue pera mj' no menos buena y suaue que se fuera vn hermano dela companhia, laqual me fue occasion depadescer alguna cosa mas p^r amor de N. S. Jhūs cuy laus in secula.

Partido pues della el padre alos 21 de Junio passo vna noche graue tormenta Junto de vna Illeta entanto q̃ vno dos mestigos yã trataba de tomar al padre sobre vna tabla y llevarlo a tierra sepudiesse, mas amãsando la diuina Misericordia la tempestad, llegarõ aqua asalvamêto. y fue recebido el padre cõ estraña alegria, como quiẽ salia dantre los dientes hambrientos daquellos tygres fieros y cõ su venida se ordenarõ muchas cosas importantes alas pazes y dos dias antes del auian llegado las 20 y una Canoas alas quales se hizo mucha fiesta, mostrando special fauor alos de *Jperuig*, p^r causa de nós otros p^r quien ellas auian tenido tan buẽ Cujdado y dandoles aEntender La estima en q̃ eramos tenidos de

todos, p^r ser predicadores dela palabra dedios, cõ las quales cosas ellos mas se assegurañ, y dello que mas succedio, Luego contare—.

Nos otros começamos Luego aser visitados de N. S. en tribulaciones, p^r que alos 25 de Junio, assi los pocos que aujan quedado dela Frontera, como vnos del Rio, que ay estauã, teniendo ya detriminado dematar un esclauo demj cõp^{ro} (*companheiro*), hizieron grandes vinos, y bibierõ todo el dia, y dandome auiso desso vnas Mugeres, hable yo cõ uno delos Indios q̃ aujã poco q̃ era ido de aca, q̃ veniera my (*sie*) triste y Enojado de el querer consintir tan grande trajcion, ypues aquello hazian tambien anos otros quebrariã las Cabeças el Riendosse mucho desso, dixome q̃ no pensasse tal cosa, que no auia el ido de aca sino para defenderme de quiẽ me quisesse enojar, y otras cosas cõ tanta dissimulaciõ que yo quede pensando que seria mētra lo que me aujan dicho. Mas ya sobre la tarde estando yã todos bien llenos de vino, vinierõ ala casa nonde posauamos, y quisierõ sacar Luego el esclauo amatar, nos otros no teniamos mas q̃ dos Indios, q̃ nos aJudassen y queriendo yo defenderlo de palabra, diziendo q̃ no lo matassen dixome uno delos dos, Callaos vos otros no os maten que andan muy ayrados, q̃ nos otros hablaremos p^r el, y lo defenderemos, y assi lo hizierõ Lehando atodos fuera de casa mas tornarõ Luego otros muchos cõ ellos hecho un magote, y gran multitud de Mugeres que hazian tal trisca, y harahunda q̃ no auja quien se oysse, vnas gritañ que lo matassen, otros que no (,) q̃ estanã aca sus maridos y los haria mal los ñros silo supiesen, los Indios como lobos puxauã p^r el cõ grãde furia, finalm^{te} lo lleuarõ fuera yle quebrarã la cabeza, y junto cõ el matarõ otro su Contrario, los quales luego despedagarõ cõ grandissimo Recogizo, max^o delas Mugeres, las quales andauã cantando y bajlando, vnas les punçauan (*punchavan*) cõ palos agudos los mēbros Cortados, otras vntauã las manos cõ la gordura dellos, y andauan vntando las caras y bocas aotros, ytal auja q̃ cogia la sangre cõ las manos y la lambia, spectaculo abominable deman^{ra} q̃ tuuierõ una buena Carniceria conq̃ se hartar. passada aquella noche cõ assas amargura, al otro dia mucho antemañana se leuantarõ algunas Mugeres da-

quellas en cuja casa posauamos, y cōmeçaro apredicar plas casas, contra los que aujã muerto el esclauo, diziendo q̃ los ñros lo sabrian y vengariã cō otras cosas deq̃ ellos quedarõ tan sentidos que ouiera ser causa denos mesclar tambiẽ cō el esclauo muerto; para q̃ tuuiesse los ñros bien q̃ vengar assi q̃ nõs fue necessario hablar en particular cō los principales Authores daquela muerte, y dizirles que nose Curassen de palabras de Mugerres, que los nrõs no aujan de hazer caso dela muerte de un esclauo, etc: cō q̃ ellos quedarõ algo desassombrados, y porq̃ diligentibus deum video operantẽ in bonũ, viendo yo p^r esto caso, y conociẽdo del todo la grã Falsidad de aquella gente, y su poca constãcia enel bien comiençado, y mucha arte para dissimular maldades que determinã cometer, acabo de persuadirme que muy poca cosa bastaua para los mouer anos dar la muerte, y determine de medar mas intimam^{te} adios, procurãdo nosolo hallarme mas aparejado para recibirla, mas tambiẽ desearla y pedirla adios N. S. cō Continuas oraciones, y inflamados deseos, y cõfiesso mi flaqueza q̃ mucho me affligia la Carne con Continuos temores, mas el Spii (*Spirito*) pla gracia del Sõr estaua prõpto; y aunq̃ me contristaua muchas vezes la grande tibieza passada, q̃ siempre tuue enel aprouechamiẽto delas virtudes max^o dela obediencia todauia me daua aun a esperar que p^r aqlla vltima obediẽcia me perdonaria la suma bondad p^r su infinita mĩa (*miser cordia*) todalas desobediẽcias passadas, y quera acceptar mĩ muerte en sacrificio y odor de suauidad, plugiera adios: que entonces la allara, mas aun desespero, p^r que no tiene una sola bendiciõ q̃ dar.

Rason sea que de (*dé*) Cuenta del fructo: que dela selua tan inculta daquela Nacion se ergio, y es este, estando yo luego despues destas afflicciones alos 28 de Junio en una Cabañuela de palmas, onde el padre solia dizir missa, Junto anrã posada, y como Rezasse los matines, oy Junto della hablar, y cauar, e porq̃ allj las Jndias solia cozer loça, pense que seria esso, y no me quise distrahir y acabadas las lectiones, que seria ya passada media hora, llegosse allj vna, yo pregũtela, q̃ hazian allj, ella me dixo, que enterrarõ un nñõ, y pensando yo, q̃ auia muerto alguno, contome ella loq̃ passaua y era que auia ella entonces allj parido

una, y fue tan sindolor que no estando mas q̃ diez o doze passos demj, ny grito, ny gemidos le oy, p^r que ninguno dio, y acabãdo de nascer della un niño muy hermoso; vna vieja su suegra lo entero biuo, p^r que siendo aquella moça su madre preñada de uno que la tenia p^r muger, siendo dexada del, se caso cõ otro de man^{ra} q̃ segũ la opiniõ, desta gente, quedaua el niño mesclado de dos semiētes (4), y a los tales, en naciendo luego los enterrã biuos, cõ tã grande bestialidad, y crueldad, q̃ muj menor 'sentimiento, a, por ello su madre que se le muriesse un gatillo p^r que dizen, q̃ los tales son despues debiles y para poco Eñ es gran deshonna, despues quando vjenen, llamarlos mesclados, yo sin ninguna confianca de su vida, p^r auer ya tanto tiempo que estaua debaxo de la tierra, dexe los Matines, y voy corriendo, amojar un pano en agua, y cauando La tierra, hallelo q̃ aun bolia, y baptizelo haziendo cuenta delo dexar, pareciendome que yã espiraua, mas dziendome unas Mugeres q̃ aun podia biuir, p^r q̃ alas vezes estauã los tales todo un dia enterrados, y viuiã, determine desacarlos, y hazerlo criar, aeste spectaculo tã nueuo, cõcorrierõ muchas Mugeres dela aldea, y cõ ellos (*sic*) un Jndio cõ vna espada de palo para quebrarle La Cabeça, alqual yo dixẽ q̃ lo dexasse q̃ yo lo queria tener p^r mi hijo, y con esto se fue, yo desenterrielo y ninguna daquellas Mugeres lequiso poner mano, para Lavarlo, p^r mas q̃ se lo Rogue, antes se estauã riendo, y passado tiempo, dziendo q̃ yã el padre tenia hijo, yesto les quedo despues engracia aellas, y a todos los Jndios, viendo los assy tome el niño, y asentelo sobre un mj muslo y cõmecelo alimpiar y Lauar lo mejor q̃ pude, y entonces se moujo una dellas ameaiudar y como quiera que yo sabia poco de officio de partera, *jualca* cortar el Embligo junto con la barriga, mas vna vieja mi fue ala mano, dziendome nolo Corte p^r hy q̃ morira, y enseño melo acortar finalmēte, yo lo Enuoluy en unos paños, y le Entregue avna de mis amas Mugeres demy huesped, que melo Criasse, y algunas otras Mugeres le

(4) O nosso primeiro lyrico, Gonçalves Dias, aproveitou-se d'esta crença e costume dos nossos indios para a sua bella poesia intitulada *Marabá*, lendo-a na *Chronica da Companhia* — de Vascorcellos, como declara em uma nota.

uenjan adar de mamar, de man^{ra} que biuio vn mes, y aun biuiera y Cresciera sino le faltara La teta, mas p^r falta della murio, alauerdad, el fue sesudo en fuir tan mala gēte, Eirse al Cielo agozar de su Criador elqual sea bendito para siempre. Amē. Otra uez me acontecio hallarme presente avna muger de parto, Laqual pario una niña, que detodos fue Julgada p^r muerta, y teniendo aun las pareas enel vientre pegadas al embligo dela niña sientodele (*sientindole*) yo algunos señales devida la baptize, no siendo aū bien parida, que en semejantes casos es necessario hallarnos algunas uezes despues començo La niña abollir poco apoco, y biuio, yaun quedana biua quando de alla mevine, aunque yo mas quiesera dexarla enel paraiso, el Sōr que la Crio yregenero p^r el baptismo terna Cujdado se (*de*) su saluacion, sea el loado p^r todas sus obras y marauillas, despues supe que era fallecida yida agozar su Criador:

Luego al primero de Julio llegarō 5 Canoas del Rio, y al siguiente dia q̄ fue dela visitacion de nr̄a Senhora, nos vinjerō muchos avisitar trayendo La mesma entencion de nos matar que los otros, los quales ultra dela Angustia enq̄ nos pusierō cercādo nos, trelo (5), cō sus armas max^e vno q̄ entro muj feroz cō su gente, platicando conmigo todo su Intento tenia puesto en las casas de aql hombre, y hablaua dequando enquando entre dientes alos suios, vno delos quales estaua Junto de my armādo vno arco cō vna flecha enel, mas no passo adelante, vltra desto me dierō grande trābajo deteniendome em platicas muj importunamēte, p^r que cançando vno y ido, venia el otro y dizia yo soj fulano tengo tal, y tal nōbre, mate tantos, y hize tal valentia, y otras cosas semejantes y conesto nunca acabauā, instando mucho cō mj comp^{ro}, que les mostrasse el Rescate que traja, y assi reboluiērō todo, alotro dia tornarō abeber ya sobre La tarde, despues del vino acabado nos cercarō muchos, cō muj maior importunacion, y algunos dellos nos dauā algunas cōsolaciones insolitas y de poca consolacion dziendonos q̄ no tuiessemos mjedo que no nos queriā matar. conesto y cō otros muchos senāles q̄ yo auia uisto dantes me persuadi que era ya llegada la hora, enq̄ nos queria N. Sr̄a visitar y

(5) *Belos* — dá a cópia do Instituto

dixe amj cõpanhero q̃ se aparejasse, mas despues de muj luengas importunaciones se cõmeçarõ asalir pocos apocos y nos dexarõ y uno dellos, que aquel mesmo dia me auia dicho que el no queria pazes, torno entrar en casa muj carrãcudo cõ una espada desnuda dexandola Lavajna enotraparte parece p^r que no le fuesse impedimento, y passando p^r muj cerqua (*perto*) demj devagar sin hablar comigo, ni cõ otro alguno estuuo vn poco quedo mjrando para otra parte, yalaverdad aunque Entonces no era tiempo desospechar mal deprox^o. (*proximo*) p^r no caji enalgũ Juizio temerario, todauia mj ojo estaua bien iulento enel mjrando enq̃ paraua, y mj Coraçõ le estaua diziendo quod facis, facinus, y hazelo que dios te permittiere q̃ aparejado estoj, el tornosse otra uez p^r donde auia venido, y con el mesmo vagar y semblante, parandose me otro rato (*momento*) ala mano esqjerda muj contemplatiuo, mas no se estendia su cõtemplacion mas q̃ hasta mj, Enesto vino vno su hermano a llamarlo, y fueronse.

Y porq̃ no passassen muchos dias sin los semejantes tragos, Luego alos. 6. deJulio llegarõ las Canoas que erã aca venidas, quando llego el padre Nobrega, los quales yuã huyendo, con miedo q̃ los matassen aca los fros, y la razon desta hujda fue, que estando ellos algunos dias muj contratos y bien tratados, esperando q̃ amũçasse La mar, para cõ aJuda delos Christianos ir adar guerra alos Tupis sus Contrarios, huyo un esclauo de vn Christiano elqual era pariente delos del Rio, y porq̃ lo lleuassen consigo asu tierra, ordio bien de mētiras diziendoles, vengo os adar auiso mis pariçtes, porq̃ os quiero bien, yno queria q̃ os matassen, sabed que Luego mañana os an de matar los Christianos atodos, que yã tienõ apalidada La tierra, y no esperauã sino q̃ veniesse Pindobuçu cunãmbéba, y los otros principales de Iperuig para los matar atodos y a hulano vrõ (*vuestro*) pariente, que no parece ya lo mataro y Le mãdarõ quebrar la Cabeça p^r un Contrario (este de quien esto dizia era un mancebo delos primeros q̃ aca aujan venidos elqual auia desaparecido sin se saber del) y como dixiessen algunos aquel esclauo, como nos an dematar si esta alla el padre, Respondio el esclauo, los padres no estimã nada sus vidas, de Costumbre tienõ de hazer semejantes cosas, Con estas mentiras, los del Rio como

quiera que teniã los Coraçones dannados, leuantarõse luego cõ grande miedo, que seria dos horas antes del dia y dando rebate alos de Ipernig que desto nada sabian, y lleuãdolos quasi por fuerça hujeron, y de camino quiesierõ llenar la gente dela Beriquioca, mas nosolo consentio Pindobuçu ni los otros, antes el Cuñambeba viendosse corrido de se ver assi huyendo p^r La mētira de un esclauo se quedo alli cõ muchos delos suios, diziendo q̃ se auia detornar aca, q̃ a el solo matariã los Christianos.

Los otros fueronse su camino y Entrando nrõ huesped en casa con grande carrãea, me dixo Luego en las primeras palabras veniemos huyendo que nos auia de matar los suios, mandauas nos a tu tierra para q̃ nos matassen atodos. yo le respondi, yo no costumbro adizir mintiras, mas trato verdad cõ uos (vós) otros, si los mios p^r uentura os quizierõ hazer trajeion, para esso estoj aquí, yo solo morire. El entonces me Respondio no hables en morir, porque no vengo yo aca sino a defenderte. El tambien dizia que robassemos La hazienda a tu companhero, mas yo ni los otros no quisimos consentir en ello, p^r que tenemos todo esto por mentira y engaño ello conto la cosa como passaua diziendo que aquí quedaua Cunambeba cõ muchos otros que el y pindobuçu se aujan bueltar para defendernos delos del Rio, y assi *piensa* (6) que esto mesmo fue ordenado por N. S. para ir al encuentro aunos brauos leones que en aquel mesmo dia llegarõ del Rio en dies canoas cujo principal intencionaua vengar la muerte de un su grã principal que los nrõs poco auja mataron en una guerra los quales al dia siguiente me fueron la hablar cõ el mesmo semblante q̃ los pasados, y aun peor, y tratarõ muchas cosas delas pazes estando sus Coraçones muy poco pacíficos y como repetian todos que les aujan dedar acomer sus contrários, q̃ estauã deñra parte yo siempre les contradixo, hasta les dizir No hableis mas en esso, ninguno dessos se os ade dar aquí estoi a vuestras (*vuestras*) ordenes, se me quereys comer, comedme, q̃ yo en esso no he consentir, quedarõ p^r una parte espantados de uer cõ quanta constancia siempre en aquello le resistia, y p^r otra muy ajrados contra nos otros, aun-

(6) *Parecio* — dá a copia do Inst.

que trabajauã dello dissimular, estos nos pusierõ en grande angustia, p^r que se detuierõ allj cinco dias, y no hazian sino ir y venir anrã posada, y vnos queriã todauia venir aca adar guerra sem Embargo que estauã qua muchos delos suios otros alos mas teniã buena voluntad denos matar oulomenos robar amj Compañero, teniendo todos muj cierto ser verdad La mintira que el esclauo auia dicho, y algunos q̃ dantes me anjan hablado cõ muj alegre semblante, entonces ny ver me querian, sino cõ ojos llenos de ira, Laqual amostrauã cõ algunas palabras asperas, mas en medio desta tribulacion, acudio el Snõr cõ su solita misericordia, mostrando como tratauamos verdad, y fue que llego entonces ala aldea aquel mancebo, q̃ arriba dixẽ auer desaparecido que el esclauo dixiera auer sido muerto delos nrõs el qual mancebo cõ vn miedo que vuo sin razon, huyo de aca, por los bosques, y playas, y al cabo de un mez teniendo ya todos perdida la esperãça desu vida, llego alla en tiempo de tanta necessidad, cõ cuja llegada conocierõ ser mentira todo lo que el esclauo auja compuesto, loqual aun pera los de Jperaig. mis amigos fue causa de grande alegria, y de tener mucho credito amis palabras. Como aquellos del Rio no se acquietauã, y deseauã de effectuar su danada voluntad, tanto q̃ los otros entriendosele muj bien, les rogabã, q̃ se tornassen para sus tierras, y no quisiessen hazer cosa, cõ que estrouassen las pazes. Mas viendo el pindobugu q̃ no bastauã ruegos, veo ally veniendo los otros un dia anrã posada como solian, y temiendo q̃ nos hiziessen mal, se fue alla con una espada de palo, con que suelen quebrar las Cabeças asus contrarios en las manos y eomeço ahablar cõ voz muj alta, y dizierles dando palmadas ensi, como hazen en son de guerrear hablando, no quiero q̃ nadie bulla en muj aldea, los Christianos hazen pazes cõmigo q̃ estoy frontero, y los mios no me vienẽ adefender no quierẽ estos mis pariētes sino Cabeças de fuera Christianos y no desus contrarios, nolo he de consentir) cõ otras muchas cosas en nuestro fauor tan alto, q̃ acudierõ los desu casa, pensando, q̃ ya era la cosa trauada, los otros Callarãse, y hablando el cõ vno en particular le dizia demi, Esto és el q̃ trata las cosas dedios, y el verdadero Maestro delos Christianos, se le hazẽ algũ mal, Luego nos

ha dios de destruir atodos, y esta era principal causa q̃ hazia aceto Jndio procurar tanto p^r mj. p^r que temia y assí parece q̃ lo tenia encaxado enel coraçon que no tenian mas vida q̃ enquãto me defendessen y no me permitiessẽ hazer algũ mal, y diziame muchas vezes. Hijo Joseph. no tengas mjedo, q̃ aunq̃ los tuos matẽ todos mis pariẽtes, q̃ estã en tu tierra, yo no te he de consintir matar, p^r que bien se q̃ hablas verdad silos tuos hizierẽ mal, en ellos me vengare—despues, bien ves como siempre te defendiendo y hãblo p^r ty, p^r esso myre dios p^r mj, y deme luenga vida y diziendome que en la otra aldea queriã matar un contrario, para cõ el hazer fiesta aaquellos del Rio, q̃ aun no erã idos, determine yo de ir alla aEnseñarle las cosas desu saluaciõ, y ver sequeria ser Christiano y diziendolo apindobugu me dixo aũ que muj pesadam^{ta} que fuesse, y descendiendo yo p^r el monte abajo, mando muj depressa, una desus Mugerres tras demj diziendome q̃ me boluiesse, p^r que queriã assaltar y furtar lo contrario enquanto estanã allj los del Rio y talvez q̃ ellos me matassẽ. yo estuuo en grande duda y temiendo ser temeridad ir adelante despues de recibido esto aviso q̃ me mãdava como cosa cierta, todavia pareciendome q̃ aquel contrario estaua en extrema necesidad de ajuda S^pual (*espiritual*) p^r que muchos delos tales enaquel tiempo Recobẽ el Baptismo cõ mucha fé, me determine de ir, senteniendo q̃ seria muj buena bien emplegada mi vida p^r la saluaciõ de un mio hermano y amigo del P^e Francisco Cardoso elqual occupase del otra aldea, onde uia muchos mis amigos, y el peligro solo ser enel camino q̃ no era muj luengo en fin fue, mas poco aproueche q̃ ello no quiso ser Christiano, diziendome q̃ los q̃ nos otros baptizauamos no morian como valientes, yel queria morir muerte hermosa y mostrar su valentia, y assy puesto enel terrero atado cõ cuerdas muj lungas por La cinta, q̃ traja quatro mãcebos tienẽ bien estiradas, começo adizir Maladme, que bien teneis deq̃ os vengar en mj. q̃ yo comj ahulano, vrõ padre, y atal vrõ hermano, y atal vrõ hijo haziendo un grã processo de muchos que auia comido destotros, cõ tan grande anjmo y fiesta, q̃ mas parecia el q̃ estaua para matar los otros, q̃ para ser muerto entanto q̃ no lo pudiendo mas sufrir, no esperãdo q̃ su Snõr le quebrasse la ca-

beça con su espada pintada saltarõ muchos cõ el, y aestocadas, Cuchilladas y pedradas lo matarõ, y estimo el mas esta valentia q̃ la saluacion de su anima.

Tornare agora alos fñros los quales despues de la huida delos Indios quedarõ con grande tristeza max^o el padre Nobrega, q̃ ouiera de llegar apunto de muerte sin ninguna consolacion p^r auerme dixado solo entre los Enemigos, principalmēte p^r que no auia de ser compañero de m̃j muerte, la qual el y todos los Christianos teniã p^r cierto q̃ me auian dedar los Indios como llegassen asus tierras, mas cosoloos N. S. cõ la uinda de Cuñambeba, elqⁱ como arriba he dicho, allandose absentado p^r hauer huido, se torno dela fortaleza dela Beriquioca y se partio luego con el P^o Nobrega ala frontera de Goiaze (*Goyaz*) para hazer la colliga. cõ nrõs Indios, q̃ se aujan puesto de nrã parte contra los suios, los quales estauan cõ gran miedo pensando q̃ los queriã dar a Cuñambeba para cõfirmar las pazes, y el Cuñambeba cõ los suios pensauã que lo queriã entregar alos otros y ansi en ambas las partes andaua un mesmo temor. Mas el padre Nobrega los hizo ajuntar atodos en la Jglesia onde se hablarõ y abraçarõ y quedarõ grãdes amigos. Luego al dia siguiēte llego grã multitud de los Tupis enemigos sobre la villa alos quales salieron al encuentro los Indios sus parientes cõ sus nuevos amigos y algunos mãcebos mestiços, y pelearõ todo aquel dia, sin les lexar passar el Rio antes flechando muchos dellos los hizierõ huyr, yno fuerõ enel alcãse p^r ser mucha gente, y los nrõs muy pocos, y despues yendo el Cuñãbeba cõ algunos mãcebos delos suyos y delos Tupis acorrer la playa, tomo uno cõ la qual presa determino de tornarse luego adar Cierta informacion delo q̃ passaua, y pacifizar los q̃ aujan huydo q̃ cadadia esperauã p^r nueva Cierta mas no auiendo oportunidad, para luego partirse, mando los mas delos suyos a pyritiniga, onde tambẽ se esperaua p^r guerra, aonde despues venierõ mas de trescētos delos Tamũjas moradores enel campo, en un Rio, muy nõbrado llamado paraiba, Cujo Capitã era vno q̃ auia ido, ahablar conmigo alperuig. sobre las pazes, y segũrandolo yo, q̃ entrassen en Pyritininga, hizolo assy, mandando delante vnos 20. los quales guiado p^r uno q̃ ya allj ania estado, se venieron derechos anrã portaria, tocarõ

La Campañilla, y fueron recibidos y acogidos, onde no osauã salir fuera en medio de sus contrarios, diziendo que yo los mandara ir muchos a nuestra casa, hasta q̃ se assegurarõ; Alli tambien Juntarõ los padres unos y otros en La Jglezia para q̃ hiziesse pazes, onde vno de nrõs discipulos puesto sobre un banco hizo una grãde platica, en alta voz diziendo alos Tamunjas (*sic*), yo soy hulano de quien uos otros tanta fama auejs oido de assaltar muchos delos vrõs y muerto, porq̃ siempre fue grande vrõ Enemigo, y agora aunq̃ me aparte delos mios, p^r amor delos Christianos y de N. Señor Jesus Christo, posso de mj parte, con todo ni tengo miedo de vos otros pero queria vrã amistad, mas porq̃ estando en la casa dedios y los padres q̃ nos ordenã nrã vida, o fueron a nuestra tierra y ordenã estas pazes, y quierõ q̃ seamos amigos, seamos lo daqui endelante, y des ayã no se nos alembre mas delas guerras passadas y cõ estas y otras palabras que se passarõ de parte aparte, se abraçarõ y con todo estauã nrõs discipulos tã tristes y Enojados p^r las nuevas q̃ les veniã dar, que se pensarõ, y tunjerõ para sy, q̃ me auian Muerto deseara yo de saber buena demj muerte, era facto Cierta p^r una vez, y aun contodo esto sino andarõ los padres rezando solos, no Creo q̃ oujera de esperar p^r nuevas Ciertas, mas no obstante esto teniã mucha paciencia sofriendoles muchas cosas y recogianlos ensus casas dandoles de Comer y beber porque yo estaua alla ensus tierras.

Enestẽ mesmo tiempo los Tupis del Campo dierõ enel camiõ de piritininga y matarõ quatro o Cinco delos suios, e tres esclauos del Collegio, y tambiẽ oujerõ de matar un padre nrõ, sino q̃ ordenãdolo assi La diuina prouidencia, auiendo el de venir cõ ellos, se vino un dia dantes, y assi escapasse de Cair ensus manos y con todos estos peligros, q̃ continuan^{te} estan armados en estos Caminos no podemos dexar deir y devenir a piritininga segun lo demanda La necesidad, entregados en Las manos del sör é la nuestra vida :

Nos otros todo este tiempo q̃ estuuu aca Cañambeba, q̃ fue mez y medio esperando oportunidad para su partida, passando mucho trabajo assi Exterior de hambre e Enfermedades, como interior de continua affliction por su mucha tardança, no porq̃ no

Entendiessemos, que bien tratados aujan aca de ser, sino por los continuos temores q̃ los suyos alla tenian, deq̃ veniã aImaginar mil mentiras, max^e las viejas, y Cierta que fue mucho siendo aquella gente La mas subtil, que aun oy enel mundo para inuêtár mentiras, y facil para Las erer, poderia sufrir tanto tiempo, que no nos hiziessen alguna cosa mouidos p^r qualquiera y maxime por alguno su hechisero y assi siempre hablauã co los suyos, diziendo como tendran a ser ellos salteados e muertos, si fuerõ muertos alguno oyera de escapar y venir por tierra adarles nuevas otros me dizian, No te dize dios alguna cosa para los matar aellos? y el pindobuçũ q̃ me tenia mas Credito, ultra de melo pregũtar muchas uezes dizia q̃ Cunambeba y otros pedieronle el sopiesse demj esso, y una noche yendosse amj posada no estando yo ende, pregũto amj hermano que es del padre, duerme ya? Respondiole el otro el poruẽtura duerme? toda la noche está hablando cõ dios, y no viene adormir sino ya tarde, pues porque no te dixe lo que pãssa acerca de los ñros? pregũtaselo? Respondio el otro todo lo encubre, no me quiere dizir nada, deman^{ra} que era yo forçado (*forçado*) dedizir alas vezes yo os tengo dicho muchas uezes q̃ yo no creo en sueños ni vos otros lo deveis de erer, sabed q̃ los vrõs estã muj bien tractados y no an mal alguno, como luego uereis. y assi en semejantes palabras se satisfazian, confiando tambien q̃ estando aca el padre Nobrega, q̃ aun quando erã enemigos, sabian ellos que no los consentiã saltear delos nrõs, mucho menos consentiria agora, que erã amigos, hazerseles algũ mal otro dia me vino vndia muj congoxoso, yo sospeche q̃ vna domis mugeres me hizo adulterio, y dele vna estocada, mas doblosc la punta dela espada, y no La heri, vengo asaber de tj, si te dize dios que es verdad, se la matere? y Respondendole ala vltima question Le dixe, nolo hagas q̃ no quiere Dios q̃ la mates antes enojarsea mucho dello, con loqual elquedo satishecho y fuesse diziendo por esso telo vine apreguntar p^r que parecia, q̃ Dios telo auerya dicho, y Enesto acõtecio, q̃ un contrario q̃ teniã les hũyo, yel pindobuçũ undia muj de mañana, estando yo encomẽdandome adios me vino muj angustiado abuscar diziendome, vengo te adizir que hables adios, que haga Jr aquel contrario desemeaminado, para q̃

lopodamos tomar, yo oy la su peticion, antes Rogue adios que lo librasse, y al otro dia, el contrario pareciendole imposible passar tantas sierras, y despoblados tornose para casa, y los Jndios comēçaron adizir, hablo el padre con dios, y no dormio toda la noche, p^r esso el contrario se torno, y yo no me auia mas acordado del, visitando un Jndio como solia hazer atodos, começoceme adesculpar diziendo, porq̃ me no daua de comer p^r que no le caya caça, en unos laços q̃ tenia armados, p^r quāto vna vieja hechizera los auia lexado aperder, y como yo le pregūtassee la causa, dixome porq̃ al otro dia me cayo una caça, y no le diparte della y por esso Enojada, ha hecho q̃ no venga la caça p^r allj yo le dixee, vos otros no acabáes de creer vrōs hechizeros, como q̃ ellos tuuiessen poder para nada dello, Dios es Snōr de todo, crē mis palabras que el La hara caer, Entonces el muj alegre dixo haze con dios q̃ mande venir toda La caça delos mōtes en mis Laços, y terne- mos q̃ comer, quedando-se el cō esta confiança quiso dios q̃ Luego dallj ados dias Le cajeron dos animales que son mayores, que Liebres, yel cō mucha alegria, mādame luego llamar, contandome loq̃ auia succedido, y diome un buē plato de harina y vnos peda- ços daquela Carne; sabia Dios que auia muchos dias q̃ no tenia- mos que comer.

Demana^{ra} que los Jndios me teniã mucho credito max^o porq̃ yo les occorria a sus Infirmidades, y como alguno infermaua, Luego mellamauã, alos quales yo curaua, avnos cō Levātar La es- piñella, aotros cōsangrias y otras curas segū lo requeria su do- lencia, y con el favor de Christo N. S. hallauã se bien, entre esos Enfermos, fue vno q̃ ay estaua delos del Rio, q̃ poruētura tambien vino con intencion de me matar, alqual se hincho una mano entanta manera que toda se le corrōpio, Laqual yo se la abrij en dos partes con vna lanceta, y la vna fue quasi en medio de la palma enq̃ podia bien Echar los ojos alas manos de X^o N. S. y Junto con esto se le empollo el braço hasta los hombros de vnas inflamaciones, tan feas, que los otros no se osauã de llegar ael, mas mirandolo, delexos, me dizian que locurasse, y hiziesse no se estendiesse aquel mal, p^r los otros, y todos lo desampararō sin se doler del, ni darle de comer ny vuo (uvo) entre todos sus

pariētes, quien me buscase vna poca de miel, por los bosques conque lo curasse, y aunq̃ yo se lo pagaua, yo rompi vna Camisa q̃ tenia, y curelo cō azeite buscandole de comer y dandoselo por mj mano, porq̃ el no podia, atodo me ajudaua mj comp,^{ro} cō mucha Charidad, y alas uezes quitauamos dela boca, esso poco q̃ podiamos auer, por se lo dar, de q̃ los Indios se Edificauan y contauãlo aotros q̃ venjan defuera, Junto cō esto trabajaua yo p^r le curar su anjma, incitandole, aque quiziesse el baptismo para elqual, lo tenia ya instruido, seporuētura estuuiesse propinquo ala muerte, mas diole N. S. salud enel Cuerpo, porq̃ para la del alma sentiale yo muj poco deseo y voluntad.

Despues desto Enfermo mi Comp^{ro} tolleosse depies y manos algunos dias, loq^l fue no pequeño trabajo, porq̃ ny auja cō q̃ le Curar nj q̃ comer, todauia hizele yo los remedios q̃ pude, y dequãdo enquando jua yo al otra aldea ale buscar alguna gallina, enfin diole N. S. salud, mas p^rque este genero degēte no sabe tener constancia enel bien comēçado começarãse vnos pocos amotjnar maxime contra el, p^rque vltra de no le tener el Respecto; q̃ amj, y se alguno Le tenian era p^r mj causa, el Rescate que tenya era occasion alos Jndios de mal, y mediante hoces, secures cuentas yotras cosas, aujendole el ya dado muchas, y allegauãnos que les aujamos muerto delos suyos y cōtodo esso nos defendian, y era tanta la importunacion, q̃ no faltaua sino tomarlo p^r fuerça vno dizia amj no dierō hoz, otro nj ami tal, otro nj ami tal, no auja ya q̃ esperar sino q̃ dixiesse alguno y nõ he hecho trueco demj padre o hermano, que me matarō quiero hazerlo, en alguno destes. E assy no securauã darnos de comer. saluo el pindobuçū elqual tambien no hazia tanto caso demj compañero y quando predicaua p^r las casas no hablaua sino demj solo diziendo no quiero que hagan mal aeste, loqual me era causa de grande angustia. y tenia determinado si algo sintiesse deponerme p^r el enel terrero, y murir primero que el y trabajaua mucho pollo acreditar contodos maxime cō el pindobuçū y el mejor camino, porq̃ el era pedrero e dizirle, esto es el que haze las Jglesias dedios, se le hazen algũ mal tanto se ha de Enojar dios contra nos otros, como se lo hi-ziessen amj por esso defendiello, y habla p^r el assi como p^r mj,

con las quales palabras mouido, me dixo, Assi? dile q̃ no tenga mjedo, q̃ se venga siempre ami casa comer, Edabj endelante comẽço amjrar mas p^r el y darle grandes esperanças de poder rescatar su gente q̃ los del Rio Le teniã. mas ni esto era bastante para nos poder hazer seguros entre gente q̃ anadie sabe tener respecto, ni obediencia, y q̃ quasi siempre anda caliente del vino, enel qual gastauã los mas delos dias, bibiendo, y cantando todo el dia, y noche cõ grandes gritos, y deshonestidades hombres y mugeres mezclados, deman^{ra} q̃ ni encasa ni fuera podiamos estar sin ojr yver sus borracharias y suziedades, noche me acontecio llouiendo mucho y haziendo grande frio, estar grande parte della fuera decasa empie malguardado dela lluvia, ypadeciendo el frio hasta que ellos acabassẽ de beuer sus vinos, y enfin no pudiendo mas esperar, tornarme para dentro aguarescer el fuego, y acabar la noche entre ellos y aquellos que andauã amotjnados, ya passauã por nos otros sin nos hablar, ny mirar sino de [trauez, como hombres q̃ no nos Conoscian y assi todas las nõches max^e quando bebian y cantauã los aCostauamos adormir offereciendo La Cabeça ala espada, mas no era digna alo menos la mja dela recebir sobre sy.

Entre estas fatigas, tandẽ llego el Cunãbeba vespera de la assumptiõ de Nrã Snõra, con su contrario q̃ auia tomado cõ q̃ mucho se alegrarã todos etiam aquellos q̃ poco auia no nos mirauã con ojos muj derechos, los quales dahy endelante sellegauã anosotros riendose y ablando muj alegremẽte, y Luego se aparejarõ todos para venir aca ala guerra, asus contrarios, cõ los quales yo trabaje mucho q̃ troxessẽ consigo amj compañero, porq̃ no podia p^r entonces rescatar su gente, y estaua aun Enfermo mas no lo pude recabar ordenandolo assi N. S. q̃ le tenja aparejado mejor camjno, p^r vna delas Canoas enq̃ auja devenir su Rescate, se hizo pedaços alsalir dela barra, loq^l fue causa se quedasse el pindobuçu en tierra cõ otros muchos, esperãdo otra mejor embarcacion y dalj aquatro o Cinque dias vino allj vn Jndio delos del Rio, el qual viendo elpindobuçu, queria venir y no tenia enq̃, mouido cõ la buena nueua determino de traello en una sua barca grande y bien Ligera, q̃ le aujan dado los Francezes con su vela y remos, Entonces inste mucho cõ pindobuçu y cõtodos que lo troxessen,

q̃ bastaua quedar yo alla que era el que trataua las pazes, ha-
ziendo cuenta, q̃ N. S. moueria aCuñambeba q̃ auia luego devenir
q̃ me troxesse, y quando no q̃ cada dia se me acrescētaria la co-
rona cō la paciencia resignandome penite en las manos del Sñor
siue ad vitam siue ad mortem —

Acabe p^r la bondad dedios q̃ lo troxessē, aunq̃ cō mucho tra-
bajo porq̃ las Mugeres pensando que yo tambien mevenia, comē-
çaron a Entristecer-se, diziendo que noles quedaua alla nadie
entrueco desus maridos q̃ aca erā venidos, enquiē se pudiessē
vengar, si algo les aconteciesse, mas assegurandolas desso lo hize
embarcar cō su Rescate alos. 5. de Sitiembre, quedādo me yo
solo entierra, los quales partidos, vienerō Lamitad del Camiño, cō
mucho trabajo cōser el vento contrario y auerseles quebrado el
gouernalle, y faltarles ya el mantemiento, deman^{ra} que se quisierō
tornar, mas el pindobuçu nolo consentio yel pobre demj compañero
confiado en N. S. no os torneis, q̃ mañana nos aDios de dar buen
uiento conq̃ lleguemos amj tierra, y cōcertando el gouernalle el
mejor que pudo, metiose solo dentro dela barca, encomēdandosse
de Coraçō aNtra Sñora, yrezando su Rosario sin dormir hasta la
media noche, enq̃ viniendo el viento dela tierra llamo los Indios,
los quales embarcados venieron quase medie camino, hazia el golfo,
y siendo yá passada buena parte del dia encalmoles el viento, de
que ellos quedarō esmorecidos, viendose tamlexos de tierra, vien-
do-se sin vento, y sin tener q̃ comer nj beber, mas mj Compañero
les mando Leuātār, hasta La punta del Mastel, diziendoles q̃ luego
Les auia dios de mandar otro viento cō q̃ aquel dia llegassen, es-
caçam^{to} estaua Lavela bien encima, quando Les vino tanto viento
apopa, quanto queriā con el qual llegarō en muj breue spacio al
Rio dela Beriguioca, que és el primero puerto, y allj Les encalmo
oïo y entrarō aremos, bemdito el S̃or que manda al viento, y ala
mar, y Leobedessen, para q̃ siruā alos hombres q̃ tã mal obedecē
a su diuina Magestad.

Yo quedeme En Jperuig encomēdando adios su Camino, y es-
perādo que endereçasse el mio y alotro dia fuime ahablar cō Cu-
ñambeba, y dixe se detriminaua de metraer como auja prometido
al padre Nobrega, Respondio el Verdad es q̃ lo prometj, si los

mãcebos aca fuessẽ contentos desso, dixole entõces su Muger, qui-
eres dexarlo aca solo que vengã los del Rio, y del Campo y le
maten! lleualo, hablando pues alos dela aldea q̃ seriã hasta 20.
que los demas erã aca venidos todos vno ore dixerõ pues no auia
yã deq̃ se tener yo p^r me parecer q̃ auia hecho loq̃ era demj
parte, queriendome dexar del todo en las manos dela diuina pro-
uidencia, para q̃ estos como mis superiores me rigessẽ determine
de noles hablar mas enesto, mas lëndome ala otra aldea Le dixe
q̃ me mandasse recado quando se oujessẽ de Embarcar tuuo el tã
buen Cujdado que luego dalj ados dias q̃ fue el de Nascim^{to} dela
madre dedios N^{ra} S^{ra}, mando una su muger y 'Iya que fuessen
p^r mj, y dexando yo los libros cõ algunas cozillas en la caxa, como
enprenda demj tornada y dexando la llaue avna Muger de pindo-
buçu, q̃ no me queria menos q̃ ahijo, me vino al lugar de Cu-
ñambeba, onde aun estuimos 8 dias sinpoder partir por estar la
mar muy braua, Enelqual muchas delas Indias dela otra aldea, co-
meçarã aandar muy tristes p^r que me venia, p^r que detrijminauã
se asus maridos aconteciesse aca algũ desastre, deellas mesmas ser
las carniceras y matarme y comerme y cou rauia, quemauã vna
Cazilla enq̃ el padre solia dezir Missa, mas otras q̃ eran mis de-
notas, y deseauã q̃ veniesse, rinjan conellas diziendoles, quemad
la casa enque los padres hablauã condios y vereis si biuis mucho
tiempo, no estan ala nrõs maridos como los vrõs, avemos de dizir
a Cuñambeba q̃ le lleuẽ y con esto le venian adizirle q̃ me tro-
xessen p^r que no veniessen algunos rojnes (*ruines*) de fuera, y
allandome solo me matassen yesta fue la principal causa q̃ los
moujo aue traer, porq̃ si oujera alla algunos con quien les parecerã
q̃ podia quedar seguro, nose si me troxerõ y aunque este quisiera,
que siempre se mostro mas desengañado amigo que todos, los otros
no oujerõ de-querer porque bien entendian q̃ leuiã buena prenda
en mj y que estando yo alla le sofririan aca los Christianos mu-
chas cosas, como en laverdad les sufrian assi p^r mj causa, como
p^r que no quebrassẽ Las pazes p^r su parte :

Esperando pues p^r buen tiempo nos embarcamos el dia dela
exaltacion dela Sancta Crux, ensu Canoa, hecha de vna corteza
de vn palo, yeramos 20 por todos, y venimos aquel dia con buen

tiempo al primer puerto, onde pera major prueva de Cuñambeba allamos vna Canoa delos del Rio, q̃ se tornauã de aca, los quales lecontarã (sic) luego muchas mêtiras diziendo q̃ los Indios de piratiniga les aujã muerto uno delos suyos, y que los Christianos fuerõ corrijendo detras dellos: tyrandolos arcabuzazos para los matar cõ otras cosas q̃ pudierõ facilmẽte mouer la Constancia, dequalquiera destos q̃ no es mucha: mas el Cuñambeba despues de les ojr les dixo, bien se yo que los Christianos son buenos, ytratã verdad, vosotros hariades p̃r onde os tratassen assy y nj el ni Ninguno delos suyos dando credito a sus palabras nos Embarcamos al otro dia, y venjmos otras dos Jornadas cõ algunas tormẽtas E enfin por La mja (*miseriordia*) del Sõr llegamos dia de San Matheo Apostolo ala Berequioca, mas no fue mucho anrõ saluo p̃r q̃ al doblar de vna punta nos dio tã grã tempestad de viento q̃ estuujmos medio anegados, alomenos yo nũqua tuue por tan Cierta La muerte en todos los transe passados como allj y aun agora me espanto como fue possible passar p̃r allj una sola corteza de un palo por onde un Nauio tujera mucho perigo (sic) y trabajo enpassar, contodo los Indios esforçauã amj y asy remando cõ grande impcto, ydiziendome que no ouiesse mjedo. que ellos me sacariã fuera anado, nas yo en al tenia puesta mj cõfiança y teniame cõ Cũnambeba el qual jua (*ira*) diziendo padre dios, oSnõr dios (!) amãsese la mar, ojolo el Sõr, y aunq̃ no se amanso Lamar passamos seguros y acogimonos atierra, antes de llegar apoblado cõ la agua que nos daua p̃r la Cara y boca yã quajada y hecha sal. Al otro dia se tornarõ aEmbarcar para entrar en la fortãleza: q̃ seria poco mas de media legoa y yo me fue p̃r la playa con dos o tres dellos, y tuujmos tanta lluuja todo el camjno, q̃ me passo y esfrio todo, y segun la flaqueza q̃ yo traja si un poco mas loxos estuujerã las Casas passara mucha pena, assi llegamos aestas villas, vencjdos tantos encuẽtros y con mj venida oujero todos mucha alegria, como cõ persona q̃ salia de vn Captiuerio del qual no esperaua otro fin sino la muerte bendito sea el Sõr todo poderoso, qui mortificat, et viuificat este fue el fin de mj perigrinacion Laql pluyera al buen Jsũs que p̃r otra mano fuera escrita y la

mja p' amor de su nōbre estaujera colgada al sumo (7) En Jpe-
ruig y cierto q̄ sino pensasse todo esto auer sido ordenado p' la
summa y diuina disposicion y voluntad dela Obediencia, q̄ me ar-
repeniera de auerme dalla venido y aun contodo esto me arrepi-
endo y pesa no p' que vine, mas p' que no fue digna mj vida q̄
yo deseaua de poner p' mj Sōr Jsu X.^o deser acceptada de su di-
uina Magestad mas p' que mj padre celestial es muj rico para
todos los q̄ lo inuocan y tiene muchas bendiciones que dar aun no
desespero de alcançar esta de su mano omnipotēte confiando q̄
primero me haria martyr enel cumplimēto de mis uotos E de toda
virtud y despues se dignaria acceptar mj sangre derramada p' su
gloria en holocausto y odor de suauidad, lo qual yo pido humilde
y entrañablemente atodos los padres y hermanos y max^o av. R.
p. me alcāsen del Sōr,

quiero acabar de escreuir el fin de esta paz, el qual verda-
deram^{te} fue fin de paz y principio de nueua guerra,, qual se podia
esperar de gēte tan bestial y Carnicera q̄ bñe sin Lej ni Rej ;
dela qual propriam^{te} profetizo Dauid in Spiritu Sancto, sepulchrū
(hominū) patēs est guttur eorum linguis suis dolose agebant, veloces
pedes eorum ad effundēdum sanguinē, viam pacis nō cognouerūt,
obreros de toda maldad qui deuorant plebem meā, sicut escam panis,
ymas q̄ panis, y q̄ todo mājjar, al tiempo q̄ yo llegue eran baxados
los Tamūjas del paraiiba p' las montañas que tenian abiertas por donde
solian venir ahazer sus saltos, y estauñ en la villa de Sanctos y des-
pues vinjerō otros p' vezes y troxerō algunos delos esclauos, delos q̄
auñ lleuado, quando tenjamos guerra, a Piritinga tambiē venierō
muchos, y nūqua mas an hecho salto alguno, pudiendolo hazer mucho
asu saluo por tener todos los camiños abierlos para todas las haziēdas
delos Christianos sin nadie Les poder resistir p' q̄ son como tigres,
que aora dan aquí, aora ally, y hujen con la presa en los diētes, y
ellos mesmos nos auisauñ q̄ no nos fiassemos delos del Rio de he-
nero p' que estan muj sobierbos cō las muchas cosas q̄ les dan
los Francezes, agora son todos tornados asus tierras, y creo q̄
tambien asu Naturaleza Cruel, amiga de guerra, y Enemiga de toda

(7) *Al sumo* — vem na cópia do Instituto.

paz y Laprimera venida q̃ hizieren sera arobar y matar como suelen:

Eneste mesmo tiempo estauã estos mis Amigos de Iperuig q̃ antes de m̃j erã venidos y otros muchos del Rio en Pyritininga, onde assi delos portugueses, como delos Tupis discipulos nr̃os erã muj bien tractados y dallj los lleuarõ al Campo bien lexos (*lejos*) ayua guerra aonde tomaron algunos delos Tupis Enemigos, mas sabiendo dem̃j venida quedarõ muj amedrontados, pensando q̃ somos como ellos, mas luego perdierõ el m̃jedo, viendo que dadesma man^{ra}, erã tractados como quando yo estaua ensu tierra, y esta fue la principal causa porq̃ el padre Nobrega, me mando venir dentre ellos para q̃ viendo q̃ erã tambien tractados sin tener alguna pr̃eda ensu tierra, acabassẽ de Crer nr̃a verdad, y se asegurassẽ y soldassen del todo. Empero cõmeçarõ Luego de andar mas quietos, y atientos porlas casas delos Christianos y con esto aun le sofriã y dissimulanã muchas cosas, porq̃ pudiesse elgouernador porquien esperauamos poblar el Rio de Henero en paz. basto para conhocer esta gente saber que sin estar ninguno denos otros ensus tierras andan ellos en la nr̃a muj seguros y asu voluntad, y aunq̃ dellos estẽ muchos entre nos otros, no puede vno solo delos nr̃os andar seguro en sus tierras per que sino tienẽ aca padre, hijo, ohermano o cosa q̃ le duela mucho tanto caso hazen de auer muchos como pocos, y es cosa Cierta, q̃ para vno ser principal, hasta tener vna Canoa de suyo en q̃ se ajuntan doze o quinze mãebos cõ q̃ pueda venir arobar y saltear donde parece quam particular Cujdado, tuuo N. S. el tiempo que entre ellos estuimos de nos cõseruar La vida, gloria sea asu Sancto Nombre:

Delos del Rio ya quasi teniamos el desengaño q̃ no queriã pazes porq̃ tenjamos Cierta notieja, que yo auia muj bien alcãçado En Iperuig delos mesmos Jndios que tenian cerca de dozientas Canoas Juntas, con Las quales determinauã cõ este titulo de pazes entrar en nr̃as villas, que ya muchos dellos tenian muj bien m̃jadas y poner todo a fuego y a sangre: si pudiesen y aunq̃ esto no se supiera (*soubera*) p^r otra via, sus obras lo estauã pregonando, porq̃ vltra dellos venir siempre con pposito y voluntad de

nos matar enquanto estuujmos entre ellos en Iperuîg, despues de yo venido, estando aca muchos dellos, vinjerõ otros p^r dos uezes y saltcarõ, lleuarõ, y comjerõ algunos esclauos, despues venjan vnas quarêta, omas Canoas para comêçar aeffectuar su voluntad, mas no llegarõ aca mas de diez o onze, los quales luego descobrierõ, q̃ venjan cõ determinacion detomar uno delos lugares del Campo, de nrõs discipulos lo qual sabido, parecio bien al padre Nobrega, y assi lo dixo el Capitã y Regidores dela tierra en concilio q̃ sobre esso se hizo, q̃ se retuuiessẽ los principales daquellos, que erã los Snõres delas mugeres y hijas delos Christianos, que alla tenjan captiuas, y aujan muerto y comido un muchacho portugues despues delas pazes, p^r que estos retenidos o degradado, o contra su voluntad, haziendoseles todo el buen tractamêto no solo se oujerã las Mugeres captiuas, mas fuerã gran parte para se poder poblar el Rio en paz. Esto cõsejo no parecio bien y ellos o sintiendolo, o temjendolo, se bolvierõ Luego quasi huyendo, y hizierõ boluer Las mas Canoas q̃ venian dalj abuenos dias despues de luenga dissimulacion venjerõ otras 7 Canoas diziendo q̃ nos venjan ajudar los quales fueron recebidos de paz en la fortaleza dela Beriquioca, y ellos dentro viendo buena occasiã, tomarõ alas manos quãtos pudierõ, y atados los lleuarõ, dos dellos erã mestiços, vn hombre y vn niño, los mas erã esclauos, al guarda dela fortaleza tuujerõ afferrado, mas quiso dios q̃ vno un môtante alas manos y hizo tal estrago en ellos q̃ se daua por satishecho delos esclauos q̃ le auia tomado; allj quedarõ algunos muertos, muchos fuerõ muj mal heridos y dellos morieron enel Camino, Contodo el quedo ferido devna flecha deq̃ agora está tollido con vna perna seca. este es el fin y remate q̃ derã alas pazes los Enemigos dela paz, y no es mucho para gento, que a sus hermanos y parientes cõ quien estan comjendo, y bibiendo, matã y comẽ, solos los moradores delos Lugares de Iperuîg au sido constantes hasta agora y algunos dellos aun estã antre nos otros, mas alfin harã lo q̃ La major parte delos suyos hizierẽ.

Estando la cosa enestos terminos llego La armada q̃ esperamos dela Baja, Laqual venjendose al Rio de henero, fue recebida delos contrarios como amigos, Luego al principio, mas entretanto

estauase aJuntando La gente delas aldeas, Laqual Junta, cõ quasi Cien Canoas, acometierõ vna Nãõ, y un barco q̃ veniã per a ca, y pusierõ los entanto aprieto (*apiêrto*) q̃ sino fuerã Las grandes ollas, que hazian, oujerã los detomar, porq̃ ala Nãõ ronpierõ por dos partes cõ hachas Junto alagua, dandoles para esto fauor y ardiles, los franceses q̃ veniã cõ ellos mezclados y matarõ algunos hombres y flecharão muchos Albarco despues de La gente, del malherida acogerse ala nao Le pusierõ las manos en un bordo para entrar ale despojar, mas eran tantos q̃ lo trabucarõ y metjerõ enel hondo, mas delos Enemigos, fuerõ muchos muertos, heridos y quemados cõ poluora, y assj se oujerõ de Ir, y La Nãõ se vino su camino; tambiẽ otro dia mataron 8 hombres, y hyrieron todos los mas, q̃ tomarõ en vna barquilla que se desmando y sinoles fuera socorro, muj depriessa todos los llenauã para comer.

El Capitã maior dela armada, luego como llego al Rio, mãdo aca vn naujo pequeño enq̃ fuesse el padre Nobrega, para cõ su aconsejo assentar loq̃ auja de hazer, enelqual nos embarcamos El padre y yo con alguna gente alos 19 de Março y de camino fuimos avisitar nossos (*sic*) antigos huespedes de Iperuig como les auja prometido que auja de tornar quando mevine, los quales nos venjerõ aver al nauio, y me troxerõ los libros y todo lo mas q̃ Les auja dexado en guarda y algũ Refresco: partimos dende llegamos al Rio al viernez sancto, y Entramos polla barra bien alla media noche cõ gran escuridad y termêta de viento, y estaujmos medio perdidos todos nos otros dientro del puerto y Echada anchora no vimos los nauios delos nrõs, y mandando Luego atierra avna Jleta que fue delos Franceses, allarõ todas las casas, onde los nrõs posauan quemadas y algunos Cuerpos de esclauos, que allj auia muerto de su dolencia desenterrados (*sic*) y Las Cabeças quebradas, lo qual auia hecho los Enemigos, porque no se contentã de matar los biuos mas tambiẽ desentierã los muertos y les quebrã Las Cabeças para mayor vengãça y tomar nuevo nõbre, estas seãales nos metjan en gran cõfusión y nos haziã pensar q̃ algũ gran desastre auja acaescido ala armada, y como amanescio, vimos venir flechas que traya La agua demanera que poco mas o

menos atjnuamos loq̃ auja sido y esperauamos loq̃ nos podria venir que era ser tomados, y comydos, en loqual no poniamos duda p^r que el viento que era muy grande, nos tenja cerrada la puerta, entrãdo por medio dela barra, y enninguna manera podiamos salir mas allj aujamos de aguardar loq̃ N. S. nos embiasse y assj enbjo que fue su acostumbrada y paterna Misericordia, y fue el caso que La armada vyendo que tardauamos, tanto, y que enel puerto no hazia nada determino de venir se aestas villas arehazer y auia dos dias que era salida quando nos otros entramos, y N. S. acordãdosse de nos otros q̃ no estauamos muy lexos de ser tragados enlos vientres delos Tamûjas que son peôres que de ballenas mandoles aquel viento de trauez que és el mas furioso que ay en esta costa, con elqual ninguna otra cosa podria hazer aunq̃ quisiessẽ, sino tornar aentrar enel Rio, y assi entro luego al sabado vespera de paschua, queriendonos N. S. hazer participantes del alegria de su resurrection, p^r que ya passado el viernes dela passion gloria sea ael por todo, Dia de paschua se dixo missa enaquella Isla, y determijnãdo todauia la armada, por estar muy desbaratada, dese rehazer nos venjmos aestos Lugares de S. Vicente, onde agora se esta rehaziendo con detrijminacion detornar ahazer poblacion al Rio de Henero assj por desarreygar dallj La Sinagoga delos contrarios Caluinios como porq̃ allj es la mejor fuerça delos Tamûjas y seria una gran puerta para su conuersion, el Snôr que tiene Las Lhaves se la abra presto: para que Les entre el conocimiẽto de su Criador y Redemptor.

Resta agora dar Cuenta delos exercicios delos Hermanos en sus Ministerios, los quales quedarõ Repartidos aquj, y Enpyritininga acudiendo atodas las necessidades como siempre suelẽ, y ordenarõ que se hiziessen processiones p^r el buen successo delas pazes, ultra de..... (8) privadas oraciones, y disciplinas aq̃ concorrijan muchos deuotos, loqual hazian con tanto mayor heruor de Charidad quãto sabiã ser mayores Las tribulacioncs q̃ passauamos entre los Tamûjas, tanto q̃ vn hombre casado nrõ special

(8) Vem aqui uma palavra que está omittida na cópia do Inst., e que nos-pareceu ser *disciplinas*.

deuoto y hermano de vn nrõ padre, se açoto (*azotò*) tan fuertemēte q̃ dahy apocos dias morjo Echando sangre mucha pola boca, parece q̃ del higado q̃ auja pisado. Mandelo V. P. Encomēdar a N. S. despues q̃ yo vine demj perigrinacion, ha N. S. visitado y Castigado esta tierra cõ muchas enfermedades deq̃ a muerto grã parte delos esclauos delos Christianos ut residuũ locustæ comederet Bracheis los q̃ aujã escapado y quedado dela boca delos Contrarios comisse La Enfermidad. loqual es acrecyentamēto de trabajos para los hermanos de que nũqua cessan de noche y dedia, delos soccorrer cõ lo spual (*espiritual*), confessandolos, y baptizandolos, y col corporal, sangrandolos y curandolos segũ lo demãda la necesidad de Cadauno, A Itaãae (*Itanhaem*) q̃ son 7 Leguas q̃ vay por vna playa se a soccorrido p^r uezes assi alos portugueses como alos Jndios nrõs amigos, q̃ se metjerõ con nosotros los quales tienē continuos cõbates de los Enemigos, sus pariētes, y aunq̃ son pocos siempre lleuã la mejor con La aJuda de N. S. algunos delos adultos seandã aparejando para el baptismo, delos njños Jñocētes se a embiado vna buena copia dellos ala gloria conestas enfermedades, Louuores al Snõr detodos q̃ detodos tiene tanto Cujdado.

La principal destas dolencias an sido viruelas las quales aun dulces y con las acostumbradas q̃ no tjenē peligro, y facilmente sanã, mas ay otras q̃ es cosa horrible Cubresse todo el Cuerpo de pies aCabeça de vna lepra mortal que parece cuero de caçon, y occupa Luego la gargãta p^r dentro y la lengua, deman^{ra} q̃ cõ mucha dificultad, se puedē cõfessar y en 3 quatro dias muerē, otros q̃ biuen mas hyendense todos, y quebraseles la Carne pedaço apedaço cõ tanta podredumbre de materia q̃ sale dellos vn terrible hedor, deman^{ra} q̃ acudenle las moscas como aCarne muerta, y podrida sobre ellos y le ponē gusanos q̃ sino les soccorriessen, biuos los comerjan, yo me hale en pyritininga, un poco de tiempo, onde fuj mandado despues q̃ vine dentre los Tamũjas avisitar nrõs discipulos, los quales me deseauã ala mucho, p^r q̃ me tjenē p^r buen Curujyano, alj se encruelescio mucho esta enfermedad deman^{ra} que en breue spacio murieron muchos y la major parte fuerõ njños iñocētes deq̃ Cada dia morian 3, 4, y

alas vezes mas que pera poblacion tã pequena fue buena renta para N. S. delos adultos morierõ algunos dellos baptizados in vltimis y los que ya lo erã cõfessados cõ grandes senales de fe E contrjcion inuocando siempre el Nombre de Jhus daua en las mugeres preñadas, Las quales luego erã forçadas aparir omo-uer y morjan ellas y los hijos, los quales se baptizauã saluo vno q̃ porq̃ nascio sin Narizes y con no se q̃ otras deformidades lo mãdo luego un hermano de su padre enterrar sin nos lo hazer saber q̃ assi hazẽ (9) atodos os (*sic*) q̃ nascẽ con alguna falta o deformidad, y por esso muj raramẽte se alla algũ coxo, tuerto, o mutico (10) en esta nacion assaz detrabajo y occupacion vuo (*uvo*) allj como siempre Acudiendo atodos sangrando diez doze cadadia, q̃ esta es la mejor medecina q̃ Alla-uamos para aquella Enfermedad, yera necessario correr sus casas cadadia vna o mas vezes abusquar los q̃ de nuevo enfermauã, porq̃ son tales muchos dellos, q̃ aunq̃ passeis p^r su casa, sino la reuolueis toda y preguntaes p^r cada persona en particular no os an de dizir que estan enfermos. y lo mejor es q̃ enpago destas buenas obras, algunos dellos, como son de baxo y rudo entendi-miẽto dizian q̃ con las sangrias los matauamos, y escondianse de nos otros y mandando hazer unas Cuevas luengas amanera de sepulturas, y despues de bien callientes cõ mucho fuego dexandolas llenas debrazas y travessando palos por encjma y muchas yeruas se estjrauã allj tan Cubiertos del ajre y tan vestidos como ellos andã y se assauã, los quales comũ^{te} despues moriã y sus carnes assi con aquel fuego exterior como cõ lo interior dela fiebre pare-ciã assadas. tres destos q̃ halle andandoles reboluiendo las casas, como siempre hazia que se comẽçauã aassar y leuãtandolos p^r fuerça del fuego los sangre, y sanarõ p^r La bondad dedios, Aotros q̃ de aquel pestilencial mal estauã muj mal dessolle parte delas piernas y quasi todos los pies cortandoLe la piel corrupta con vna tigura (*tijera*) quedando en carne biua, cosa lastimosa dever y Lauãdole

(9) No mss. está *nasce*, provavelmente por inadvertencia do primitivo copista.

(10) O traslado do Instituto dá — *mutilado*.

aquella corrupcion cō agua caliente, conq̃ per la bondad del Sñor guarescian, de vno en special se me acuerda que con los grandes dolores nō hazia sino gritar y gastado ya todo el Cuerpo estaua en punto de muerte sin saber sus padres que le hazer, sino llorarle, elqual como lo cortamos cō vna tigura toda aquella corrupcion de los pies, y los dexamos tan dessolados luego comēço ase darse bien, y cobro la salud. es gente miserable q̃ en semejantes enfermedades nj saben nj tienē con q̃ se curē, y assi todos confugē anos otros demãdando aJuda y es necessario soccorrielos no solo cō las medicinas, mas aun muchas uезes cō les mandar alleuar de comer y adarlo p^r nrās manos, y no es mucho esto en los Indios q̃ son pauperrimos, los mesmos portugueses parece q̃ nosaben biuir sin nos otros, assi en sus enfermedades proprias, como de sus esclauos, en nos otros tienē medicos, Boticarios, y Enfermeros, nrā casa es botica de todos, pocos ratos esta queda la campanilla dela porteria, vnos lidos, otros venidos apedir diuersas cosas q̃ solo dar Recaudo atodos no es poco trabajo onde no ay mas q̃ dos o tres que atiendā aesto y atodo lo mas esto mesmo es eneste Collegio de S. Vicēte y finalm^{te} onde quiera que hallen Los hermanos, los quales al presente estan bien despuestos pla bondad de dios, aunque frequētemente son visitados convarias indisposiciones, Los deuotos continuā sus cōfessiones y comunjones cada ocho, y cada quinze dias agloria dex^o Snōr nrō.

Mucha necesidad tiene toda esta tierra, q̃ de todas partes esta cercada cō guerras deser encomēdada adios de V. p. y de todos los hermanos pera q̃ La Diuina Iusticia amanse hū poco su furor, y mucho mayor La tenemos nos otros q̃ entodos estos encuētros auemos de andar en la delantera pera q̃ sine offusione corramos y agrademos a Jesu nrō Capitā y Snōr alqual plega denos dar su gracia cūplida, para q̃ su Sancta voluntad sinlamos y aquella perfectamēte hagamos Deste Collegio de Jhūs de S. Vicēte 8 de he-
nero de 1565 annos.

Minimus Societatis Jesu

JOSEPH.



JOSEPH D'ANCHIETA (*)

ADDENDUM Á NOTICIA BIOGRAPHICA DADA DE PP. 44 A 75
DO 1.º FASC. D'ESTES—ANNAES—.

Duas palavras ainda sôbre este apostolo do Brazil.

Joseph Marcellino Pereira de Vasconcellos, no seu « Ensaio sobre a historia e estatistica da Provincia do Espirito-Santo », publicado na cidade da Victoria em 1858, diz á p. 207:

« Na lousa sepulchral, em que se achão os restos de Anchieta, lê-se a seguinte inscripção:

— *Hic jacet* venerab. P. Josephus de Anchieta / soc. Brasiliæ Apost. et novi orb. Novus / Thaumaturg. obiit Reritibæ die / IX Jun. ann. / MDXCVII.—

« Na sessão do Instituto historico e geographico brasileiro, continúa o mesmo autor, celebrada em 17 de agosto de 1855, foi apresentada pelos Snrs. Pereira Pinto e Norberto uma proposta para que se sollicitasse do governo a entrega de um fragmento dos despojos mortaes do missionario Anchieta, que se conserva em uma caixa com lavor de prata no thesouro publico da Côrte ou da Provincia do Espirito Santo. A proposta foi approvada, depois de algumas

(*) Pronunciám alguns *Anquiêta*, erradamente, pelo que nos-parece. Supponmos que se-deve conservar ao *ch* o som de *x* e pronunciar-se *Anxiêta*, não só porque assim respeitamos, por via de regra, a indole da nossa lingua, como nos-accommodamos á da hispanhola, a que incontestavelmente este nome pertence; pois o pae de Anchieta sahira foragido de Hispanha, a acoutar-se das perseguições do Imperador Carlos 5.º nas ilhas *Cannarias*, vindo da provincia de Hyscalia.

reflexões dos Srs. José (alias *Joaquim*) Norberto, Pereira Pinto, e Porto Alegre, devendo o Instituto tomar as medidas necessárias para que seja elle depositado em logar mais apropriado. »

O *thesouro publico* de que falla dubitativamente Vasconcellos seria de certo o da capital da Provincia do Espirito-Sancto, si não se-soubesse que se-tracta aqui da egreja dos Jesuitas na capital d'aquella provincia, onde se-acha *vasia* a lousa tumular do sancto varão apostolico, de cujos restos mortaes alguns presidentes da Provincia, com mais cortezania para com os vivos do que veneração para com os mortos, têm lançado mão para obsequiar a amigos ou a altos personagens, que visitaram a egreja em que elles jaziam.

Não se-podia entretanto conciliar a existencia dos ossos de Anchieta n'aquella localidade, affirmada pelo *Hic jacet* do epitaphio, com a asseveração do sñr. Cons.^o Pereira da Silva, fundado nos biographos que consultou do insigne catechista, e assim a de outros escriptores modernos, de que—o seu corpo, a principio depositado na capella de S. Thiago na egreja dos Jesuitas da cidade da Victoria, foi depois trasladado em parte para o collegio da Companhia de Jesus na Bahia, tendo o geral da Ordem Claudio Aquaviva mandado uma reliquia d'elle para Roma, afim de se encetar o processo da sua canonização—.

A lousa que se-vê ao lado da de Anchieta, digamol-o de passagem, é provavelmente de seu amigo e confrade Gregorio Serrão, a darmos credito, como devemos, ao que nos-diz Simão de Vasconcellos no livro 5.^o, cap. XV, § 7—da sua *Vida de Anchieta*.

Graças ás informações, que temos á vista, recentemente ministradas ao sñr. dr. Ramiz Galvão pelo seu parente e amigo, o ex.^{mo} sñr. dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, actual presidente da provincia do Maranhão, temos alguma cousa mais de positivo a acrescentar ao que sabiamos a respeito dos ossos do veneravel pastor d'almas José de Anchieta.

Ao passar pela Victoria, em viagem para a provincia que foi administrar, o sñr. dr. F. Benevides teve occasião de observar que

no letreiro da campa de Anchieta não se lê *jacet*, como nos-diz Pereira de Vasconcellos, mas sim *jacuit*, o que certamente indica que já deixaram de jazer ali os seus ossos. Com a devida venia transcrevemos o que a esse respeito communicou ao sñr. dr. R. Galvão o digno presidente do Maranhão, em charta particular datada da cidade de S. Luiz a 20 de dezembro do anno proximo passado:

« Agora, diz S. Ex.^a, a 1.^a parte do meu compromisso:

« Eis o que se lê no tumulo de Anchieta, na egreja dos Jesuitas, ao lado do palacio do Governo da Victoria, sito no antigo convento:

HIC IACVIT VENERAB P. IOSEPHVS (*)
DE ANCHIETA SOC. BRASILLÆ APOST. ET NOVI
ORB—NOVVS THAVMATVRG OBIIT RIRITI
BÆ DIE IX IVN. ANN MDXCVII (*)

« Eis tudo o que ha; sendo as pequenas figuras (*) que vão além da palavra *Josephus* e no final do distico, simples desenho (parece). A pedra já tem fendas e os ossos já forão tirados, havendo na sachristia uma caixa de prata com uma canella de Nobrega, e uma outra, tambem de prata, com uma pequena parte tambem da canella de Anchieta. Suppõe-se que forão os ossos transportados de Benevente e Nova Almeida, antiga villa dos Reis Magos, onde havia um convento de Jesuitas. »

Assim, pois, os despojos mortaes do infatigavel missionario, cuja vida foi uma longa romaria, seguiram o mesmo destino, e peregrinam ainda pelo mundo. Convem ao menos que aquelles a quem isso compete, tomem as medidas necessarias para que não se-suma esse precioso fragmento, de cuja existencia nos-dá noticia o illustre sñr. dr. Benevides, de accôrdo com o que nos-deixou dito o chronista da provincia do Espirito-Sancto, José Marcellino Pereira de Vasconcellos; para que não desapareça de todo da superficie

(*) Nestes lugares vêm as figuras a que o Ex.^{mo} sñr. dr. Benevides se-refere e que não podemos reproduzir aqui.

da terra o ultimo vestigio material, além da historia dos seus grandes serviços, que subexiste e nos-recorda a lembrança de um varão a quem tanto deve a civilisação da nossa patria. Que escape pelo menos esse fragmento precioso da voragem que tem absorvido o mais que d'elle nos-restava. *Paguemos com isso a divida de gratidão que temos em aberto para com elle.

J. M. Teixeira de Mello.

P. S.—Aproveitamos a occasião para corrigir trez erros de cópia e d'impressão que escaparam nos dous 1.^{os} fasc. dos *Annaes*, além dos que já foram emendados. Um d'elles vem á pag. 53, l. 13, onde, em vez de *Mem* de Sá, deve lêr-se—Estacio de Sá; o outro vem á pag. 377 *nota*, onde na l. 2.^a se-lê 1802, quando deve ser 1794; o 3.^o vem á pag. 382, linha 10, onde está—paiz—em vez de—poeta, como devia ser. Estes assumpos de indagações bibliographicas e historicas perdem grande parte do seu valor, quando não ha toda a fidelidade na exposição dos factos e nas datas.

Tambem por singular inadvertencia escapou um êrro de versão á pg. 295, onde, em vez de traduzir-se *arundines* por *taquáras*, se-traduziu por andorinhas (em lát. *hirundines*). Corrija-se pois a referida palavra ás linhas 9 e 16 da mesma pagina.

DIOGO BARBOSA MACHADO.

[*Continuação* (*)]

III.

Catalogo de suas collecções.

Epithalamios de Reys, Raynhas, Principes de Portugal collegidos por Diogo Barboza Machado abbade da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico da Academia Real. Tomos I—V. (Com as armas do bibliophilo).

O Tomo III. contem:

- 42) La Gemma | Ceravnia | d'Ulissipone | hora | Lisbona. | Drama musicale | per li felicissimi sponsali, | della S. R. maesta di / D. Pietro | Re di Portogallo, | con la Serenissima | Maria Sophia |..... | Esibito, per commando del Serenissimo | Filippo Gvglielmo | Elettore Palatino. | Nella sva Elettorale Residenza / di Heidelberga. | | *Heydelberga, per Michael Ranz, Stampatore di S. A. R.* 1687. | In-fol. de 5 fis. inn. o 161 pp.

E' obra de Nicolò Minato, que assigna a dedicatoria. Em italiano com a versão alleman em frente. Dividida em 3 actos.

- 43) Minerval | Austriacum | Serenissimis | Majestatibus | Joanni V. / Portugallice & Algarbice | Regi, &c. &c. | Mariæ Annæ, | Austriacæ, | Leopoldi Magni | filice, | Josephi I. | Romanorum cœ-

[*] Cont. da pag. 265 do volume I.

saris sorori, | nuptiale | d. d. d. | *Viennæ Austriæ, typis Annæ Franciscæ Voigtin, viduæ.* | S. d. (1708?), in fol. de 18 fls. inn.

A dedicatória vem assim subscripta: *Infimus Majestatum Vestrarum capellanus A. S. S. J.* =

A este opusculo reunia Barbosa 8 folhas com emblemas gravados a buril, e cada um com seu epigramma latino, que não parecem pertencer á obra principal, mas todos allusivos ao consorcio de d. João 5.^o

- 44) Epithalamio real | nos felicissimos desposorios | dos Augustissimos Reys | D. Joam V. | & | D. Maria-Anna | Regina Josepha Antonia | de Austria | nn. ss. Offerece-o ao S.^{mo} D. Philippe de Sorsa | | Joseph do Couto Pestana. | (*Arm. port.*) | Lisboa, | na Officina de Valentim da Costa Destlandes, | Impressor de Sua Magestade. | M.DCCCLX. | Com todas as licenças necessarias. | In-4.^o de 50 pp. Consta de 181 oitavas.

Cit. por Barbosa e Innocencio da Silva.

- 45) En los felicissimos | desposorios | del | Serenissimo | Rey | de Portugal | D. Juan V. | con la | Serenissima | Reyna | D. Mariana | de Austria. | Epitalamio. | Por I. O. S. E. D. E. | En Vienna: En la Officina de Juan Diego Kuerner, | Anno 1708. | In 4.^o de 4 fl. inn.

- 46) Serpentaquila | numerosa | nas augustissimas vodas | dos muy Altos, & Poderosos Reys, & Senhores nossos | Dom Joam V. | & Marianna de Austria. | dedicada ao Excellentissimo Senhor | D. Francisco Xavier | Joseph de Menezes, | quarto Condo da Briceira, | por Gaspar Leitam da Fonseca. | (Vinheta). Lisboa, | na Officina de Valentim da Costa | Destlandes, Impressor de S. Magestade. | Com todas as licenças necessarias. Anno de 1709. | In 4.^o de 36 pp.

Consta de 83 oitavas, das quaes não será inutil dar como espécimen as duas 1.^{as}, para se fazer justa idea da obra e do poeta. Começa assim o epithalamio:

• Cruzando Febo a linha abrazadora,
O tropico rayava da Ursa fria,
Que emulo de outro Sol, q' o mar adora,
Em humido farol, brilhando, ardia:
Em branca luz, crepusculo da Aurora,
Arminho veste o Ceo, purpura o dia,
Enlaçando Neptuneo o Tejo louro
Em braço de cristal por cordão de ouro.
Quando o Rio, em verdores prateados
Tecendo a seu candor fresca grinalda,

Da çanefa nos choupos engraçados
 Forma à tsta ancilla cãs de esmeralda.
 De conchas em cristaes alenchofrados
 Crespas joyas compoem lustrosa fralda,
 Discorrendo com pompa nunca ingrata
 Por chamalate de ouro ondas de prata? »
 E d'est'arte continua.

Pois bem; sôbre uma composição d'este quilate disse fr. Ignacio de S.^{ta} Maria o que se lê em uma das licenças, que andam á frente do opusculo:

« Sem risco de encorrer a nota de encarecido, se poderá ser Homero do louvor deste Poeta, & da sua Serpentaquila numerosa; porq̃ he Aquilles na arte, Argos nas noticias das Fabulas, & Agnia nos vocabulos da lingua Portugueza; pois ainda não ouvi mais energia na rhetorica, nem eloquencia mais crespa; por onde cuido, será nesta occasião a ultima obra, que se publique por meyo da estampa: & devia o Author della guardar-se para ultimo na eerteza, de que nenhuma precedente seria a primeira & »

Tacs eram os censores, e tal o gosto litterario da primeira ametade do seculo passado em Portugal.

47) Cithara imperial, | Lyra poetica, | em que solenniza a Fama / os festivos applausos, | e singulares jubilos | do felicissimo ingresso, & celebradissima entrada (em este mais que todos felis | reyno de Portugal) da soberana Magestade da Augustissima | Rainha Nossa Senhora | D. Marianna | de Austria | em o ditoso anno de 1708. | Dedicada | ao Excellentissimo Senhor | João da Sylva Tello de Menezes, | Conde de Aveyras, | | Autor João Tavares Mascarenhas, cidadão em esta Corte, & Cidade de Lisboa, | (Vinh.) | Lisboa: | na Officina de Manoel, & Joseph Lopes Ferreyra, | M.DCC.VIII. | Com todas as licenças necessarias. | In-4.º de 23 pp.

Em várias especies de metro.

48) Gorgeyos | poeticos, decantados | á Serenissima Rainha | D. Mariana | de Austria | entrando nesta Corte | com a frota, | pelo padre Manoel (sic) Martins | mestre Ayres, | dedicados | ao Senhor Joam Luis | de Helvas, Fidalgo da Casa de | Sua Magestade. | Lisboa. | Na Officina de Miguel Manescal, Im- | pressor do Santo Officio. Anno de 1708. | Com todas as licenças necessarias. | á custa do Padre Manoel Martins Mestre Ayres, | In-4.º, de 6 fls. inn.

Consta de uma dedicatória em prosa, e 60 decimas.

- 49) Sylva | epitalamica, | em . que o Tejo celebra | a felicissima vinda | da Serenissima Rainha, Nossa Senhora, | D. Mariana | de Austria | Offerecida | ao Excellentissimo Senhor | Fernando Telles da Sylva, Marquez d'Alegrete, | Embaxador Extra-Ordinario, &c. | Por Jozeph de Mattos da Rocha. *Lisboa. | Na Officina de Miguel Manescau, Im pressor do Santo Officio. | Anno de 1708. Com todas as licenças necessarias. In-4.º de 8 fls. inn.*

- 50) Entrada | da Serenissima Rainha | de Portugal | D. Marianna | de Austria | que fez pela barra de Lisboa, conduzida da Armada Inglesa | em o felicissimo dia de 26. de Outubro de | Anno de 1703 | Offerecida | ao Excellentissimo Senhor | Marquez de Fontes | | Escrita pelo Capitam | Cypriano de Pinna Pastana (*sic*). (*Vinh.*) *Lisboa, | na Officina de Antonio Pedrozo Gatrán. | Com todas as licenças necessarias. Anno 1708. | In-4.º de 19 pp.*

Consta da dedicatória, 40 oitavas e 1 soneto.

- 51) Felices vivas, | & ditosos parâbens, | com que o affecto lusitana | applaude a felicissima vinda | da serenissima rainha nossa senhora | D. Marianna | de Austria, | dirigida | ao Excellentissimo Senhor | Conde de Santa Cruz, | do Conselho de S. Magestade, & seu Mordomô Mór, | autor | Fr. Antonio de Santo Caetano | da Ordem dos Conigos Regulares, natural de Santarem. | (*Vinh.*) | *Lisboa. | Na Officina de Mangel, & Joseph Lopes Ferrêgra. | M.DCC.VIII. | Com todas as licenças necessarias. | In 4.º de 7 fls. inn.*

E' uma—*Sylva, encomiastica*—.

- 52) Nymeroso culto, | musico festejo, | en aplavso de las felicissimas, y reales | Bodas | del avgvstissimo, y serenissimo Señor/ Rey de Portvgal | Don Juan Quinto, | con la Serenissima Señora Archidvquesa | Doña Mariana | de Austria. | Mandado celebrar en el Grande Salon | de San Jorge | de la Dipvtacion de Barcelona. | Por | el excelentissimo Señor | Conde de Asseymar, | embaxador extraordinario de Portvgal | a la Magestad de ElRey Católico | Carlos Tercero. | (*Vinh.*) | *Barcelona: Por Rafael Figuerò, Impressor del Rey nuestro | Señor Año 1709. In-4.º de 12 pp.*

Serenata, em que são personagens: *el Dia, Marte, Amor, Hymeneo, la Fama e la Fortuna.*

- 53) Mariæ Annæ | Archiduci, | . . . | vocante Deo auspice, | ad av-
gustas Portvgalliæ | coronas | ex Austria proficiscenti | felix
iter! | . . . | Qvod regis affvce pedibvs | Provinciæ Austriacæ |
vale illi facientes, | sinceris votis precabantvr | Viennæ. | . . . |
Deferente infimo eius capellano A. S. S. I. | *Viennæ Austriæ,*
typis Annæ Franciscæ Voigtin, Viduæ. | S. d. (1708 ?), in fol.
de 14 fls. inn.

- 54) Syncharisticon | amoris imperio | inauguratæ serenissimæ, ac
potentissimæ | Reginæ | Mariæ Annæ Archiduci Austriæ, |
dum | felici nuptiali federe | serenissimo... | | Regi |
Joanni V. | illigata | sub idem Amoris imperium iret | ter
Fausto Connubio Orbi gaudium paritura. | Applaudente..... |
Universitate Viennensi | per | ejasdem p. t. Rectorem Anto-
nium Josephum | ab Öcchl... | Anno MDCCVIII. | *Vien-*
næ Austriæ, | apud Cosmographicas Soc. Cæs. Majest. Typographiæ
Aulicæ Hæredes. | S. d. (1708), in fol., de 22 fls. inn.

Consta de um largo elogio em prosa, seguindo de um *-Epithalamium sponsis serenissimis-*.

- 55) La Fama. | Epitalamio | per le | felicissime nozze | della Sacra
Real Maestà | di Don Gio:anni V. | | con Donna | Ma-
ria Anna | d'Austria. | | Da | Gio:anni Domenico Filip-
peschi, Compositore | sagro di Sua Maestà Cesarea. | *Vienna,*
appresso Gio. Van Ghelen, Stampatore Ital. di Corte di S. M.
Cesarea 1708. | In-4.º, de 26 fls. inn.

Consta de uma dedicatória em prosa, do *Epitalamio* com 164 sextilhas, e da fl. de erratas.

- 56) Alla Serenissima | Maria Anna | Regina, | | Regia Sposa
della Maestà di Don Gio:anni V..... | Angurio di Felice
Viaggio. | Sonetto. | *S. I. e s. d.,* in-4.º, de 1 fl. Assignado—
Don Ferdinando de Simeonibus de' conti di Montorio

- 57) Tergemina | Austriacæ | aquilæ corona, | sive | S. Leopoldus |
Austriacvs | cupidinis, hostium, & sui | ter victor | triplici
conice actionis actu proclamatus | in plausu nuptiali |
Majestatum | Joannis V. | & | Mariæ—Annæ | ... | Conflata in
debiti obsequii officina Patrū Collegii D. Antonii | Magni So-
cietatis Jesu. | (*Vinh.*) *Ulyssipozæ, | apud Valentinum à Costa*
Deslandes, | Serenissimi Regis Typographum. 1709. | *Cum facul-*
tate Superiorum. | In-4.º, de 8 fls. inn.

Em latim e portuguez. Cit. por Backer.

- 58) Nelle felicissime nozze | delle | Sacre Reali Maestà | di | Don
Giovanni V. | Re di Portogallo, e di | Algarve. &c. | e di |
Maria Anna | Arciduchessa d'Austria. | Poesia per musica, /
consagrada a S. E. il Sig. | Don Ferdinando | Telles da Sylva,
Conte de Villar mayor, | Ambasciadore Straordinario di Sua
Maestà | Portoghese alla Corte Cesarea. | Vienna, | appresso
Gio. Van Ghelen, Stampatore Italiano di Corte di S. M. Cesarea
1708. | In-4.º, de 6 fls. inn.

E' auctor da composição Rocco Maria Rossi, que assigna a dedicatória.
São nella personagens: *Marte, Amore, Fortuna, e Fama.*

- 59) Il tributo delli Dei | alla Sacra Real Maestà | di Don | Gio-
vanni V. | per il suo Regio Sponzalizio colla | Serenissima
Arciduchessa Marianna, | | Dal padre | Felice Antonio
Arcatorre, Lettore, e Predic. de' Min. Osserv. Cappellano d'ono-
re, ed | Istoriografo di sua Maestà Cesarea. | Vienna d'Austria.
Appresso, Gio. Georgio Schlegel 1708. | In-4.º, de 4 fl. inn.

São personagens da composição: *Sole, Saturno, Giove, Mercurio, Marte, Pato,* e um *Choro di Dei minori.*

- 60) Il tributo delle Dee | alla Serenissima | Arciduchessa | Mari-
anna, Regia Sposa | | di Don Giovanni V. | | Dal
padre | Felice Antonio Arcatorre, | | Vienna d'Austria,
appresso Gio: Georgio Schlegel, 1708. | In-4.º, de 4 fls. inn.

São personagens: *Giunone, Pallade, Venere, Hebe* e um *Choro di Dee
minori.*

- 61) In occasione, | che sontuosamente | si celebrano | i Regij Spon-
sali | tra il | Sereniss. | Giovanni V | | e la | ...Se-
renis: | Anna | Maria | Arciduchessa | di Austria &c | (Oda
epitalamica). S. l. e s. d., in-8.º de 9 fls. inn.
- 62) Regiae Suae Majestati | Mariae | Annae, | Portugalliae..... | Re-
ginae, Prague | ad desponsatum regem transeunti. /
Simul & | Domino Domino | Ferdinando | Telles de
Sylva, | a Villarmajor Comiti, | Portugalliae Regis | legato. /
S. l. e s. d. (1708), in-4.º, de 2 fls. inn.

- 63) Pour | Sa Maïeste | Marie | Anne, | Reine de | Portogalle. /
..... | A | son Passage a Prague Lors qu'elle se | rendoit
aupres du Roy | Son Epoux. | &.

S. l. e s. d., in-4.º, de 2 fls. inn.

E' versão franceza da poesia mencionada sob n. 62.

- 64) Relacion | de la forma en que se celebrò en la | Corte de Viena

el feliz desposorio | del Señor Rey de Portvgal | Don Juan el quinto | con | la Señora Archidvquesa | Doña Maria—Anna | de Avstria, | | Traducida de Italiano en Español, | en esta Ciudad de Barcelona. | (*In-fine:*) *Barcelona: Por Rafael Figuerò, Impressor del Rey nuestro Señor. Año 1708.* | In-4.º, de 12 pp. .

O Tomo IV. contem:

- 65) Uma estampa allegorica em honra dos consórcios de d. José 1.º com d. Maria Anna Victoria de Bourbon, e d. Fernando príncipe das Asturias com d. Maria Barbara infante de Portugal.

A' direita duas mulheres, em um portico, representando as duas casas reaes, se-abraçam e recebem corôas de louro que um anjo baixando das nuvens lhes-distribue; a da direita apoia a mão esquerda sobre o escudo das armas portuguezas, que o dragão de Bragança sustenta de pé: a da esquerda tem juncto de si um leão, que sustenta o escudo das armas de Castella. No alto, entre nuvens varios anjos e o Hymeneu sustentam dons escudos ovaes com emprezas symbolicas; á esquerda e no fundo, uma esquadra ancorada em porto; do mesmo lado, e no primeiro plano, o genio da guerra prêso e acorrentado por um anjo.

Com a seguinte subscripção: *Erant duo in carne uná* Gen: 24., e abaxo 16 versos latinos (sendo 8 de cada lado), que começam assim: « *Ut junctos animos quatuor sic cernite dextras* » &c. Em baxo: *Clientissimus Subditus et Sculptor Sacrae Suae Caesariae Catholice Majestatis, Franc: Harrewyn 1729.* O.º 341 de a. × O.º 203 de l.

- 66) Fasto | de | hymeneo, | ou | historia panegyrica | dos Desposorios dos Fidelissimos Rays de | Portugal, | nossos Senhores, | D. Joseph I. | e D. Maria | Anna Victoria de Borbon, | que dedica..... | F. Joseph da Natividade, &c. | Lisboa. | Na Officina de Manoel Soares. Anno de M.DCCCLII. Com todas as licenças necessarias. | In-fol., de 19 fls. inn. — 408 pp. — 1 fl. de Erratas.

Inn. da Silva assigna a este livro XL paginas preliminares, o que corresponde a 20 fl. inn. Não tendo nosso exemplar mais do que 19, e parecendo completo, entramos em dúvida si não houve engano do auctor do *Dicc. bibl. port.*

- 67) Descripçam | da | Ponte | em Belem. | (*Vinh.*) | Lisboa Occi-

dental, | na Officina da Musica anno de M.DCCXXIX. | Com todas as licenças necessarias, e impresso á sua custa. | In-4.º, de 1 fl.—18 pp. numeradas de 35—52.

O título da pg. 35 é como se segue:

« *Descripção da ponte em Belem. na entrada da Serenissima Princeza dos Brasis D. Maria Anna Victoria. Feyta por hum poeta anonymo. Sylva.* »

A composição é de fr. Simão Antonio do S.º Catharina, e o exemplar foi extrahido de obra de maior vulto, como se conclue da numeração das paginas.

A vinheta aberta em madeira, que lhe orna o rosto, representa de modo assaz grosseiro a alludida ponte em Belem.

68) *Oração | panegyrica, | que no felicissimo casamento | do Serenissimo Senhor | D. Joseph. | Principe do Brasil, | e da Serenissima Senhora | D. Maria Anna | Victoria, | Infante de Castella, | recitou..... | o Marquez de Valença | Academico da Academia Real da Historia Porta | gueza, em 13. de Janeiro de 1728. | (Vinh.) | Lisboa Occidental, | na Officina de Joseph Antonio da Sylva | Impressor da Academia Real. | M.DCCXXVIII. | In-4.º, de 19 pp.*

É obra do 2.º marquez de Valença—d. Francisco Paulo de Portugal e Castro.

69) *Oração | panegyrica, | no felicissimo casamento | da Serenissima Senhora D. Maria Barbara, | Infante de Portugal, | e do Serenissimo Senhor | D. Fernando, | Principe de Asturias, | recitada | pelo Conde da Ericeira, | hum dos cinco Directores da Academia Real da Historia Portugueza, em 13. de Janeiro de 1728. | (Vinh.) | Lisboa Occidental, | na Officina de Joseph Antonio da Sylva, | Impressor da Academia Real | M.DCCXXVIII. | In-4.º, de 13.º pp.*

É obra do 4.º conde da Ericeira—d. Francisco Xavier de Menezes.

70) *Componimento | per musica | da cantarai in Brusselle nel Palazzo | d'Egmont | gli 14 Aprile 1728. | Per la Fosta che darà l'Eccellentissimo | Signor Ambasciadore di Portogallo, | in occasione | degli Sponsali di S. A. R. il | Principe del Brasile | con | l'Infanta di Spagna. | S. L. e s. d. in-4.º, de 31 pp., com o escudo das armas portuguezas no ante-rosto.*

Em italiano e francez.

Poesia do dr. Gio. Sebastiano Brilliandi, e musica de Antonio Cortona. A versão franceza é em prosa.

- 71) Estampa gravada a buril, representando um dos fogos de artificio com que se festejou na cidade de Lisboa o consorcio dos principes d. Fernando e d. Maria.

Em baxo á esquerda: *A. Quillard in. et fecit.* e na margem a seguinte subscrição, nos lados do escudo das armas portuguezas: *Joanni Quinto, Lusitanorum Regum maximº, hanc machinæ pyrotechnicæ pro celebratione Nuptiarum Serenissimorum Principum Ferdinandi, et Mariæ, in area Palatij constructæ, descriptionem offert, et sacrat Vlyssipone an. 1728. Ant. Quillard Regius Pictor et Scultor.*

No canto inferior, á esquerda: *T. Andreas Harrewin impress. Regis.* 0^m,295 de alt. × 0^m,247 de larg., tendo a subscrição, que é gravada em outra chapa: 0^m,249 de larg. × 0^m,054 de alt.

- 72) Epithalamio nas augustas vodas do Serenissimo Principe do Brasil o Senhor Dom Jozè com a Serenissima Infanta de Hespanha a Senhora D. Maria Anna Vitoria. Author o Doutor Jozè de Matos da Rocha. (Vinh.) Lisboa Occidental, na Officina da Musica Com todas as licenças necessarias. Anno de 1729. In-4.º de 2 fls. inn. e 19 pp. num. de 73—91.

E' extrahido da *Coll. de docum. e mem. da Acad.*; consta de uma *Dedicatoria* em verso a d. Francisco de Sousa e do *Epithalamio* em oitavas, e foi reproduzido no *Fasto de hymeneo* de fr. José da Natividade.

- 73) Oração panegyrica, que na felicissima chegada a esta Corte da Serenissima Senhora D. Marianna Victoria, Princeza do Brasil, recitou na presença de Suas Magestades, e Altezas o Márquez de Alegrete, censor da Academia Real da Historia Portugueza, em 22. de Março de 1729. In-fol. de 1 fl.—12 pp.

E' extrah. da *Coll. de doc. e mem. da Acad.*, onde figura sob n.º IV. do respectivo anno. E' obra do 3.º marquez de Alegrete—Manuel Telles da Silva.

- 74) Aos Augustos Desposorios do Serenissimo Principe do Brazil o Senhor D. Joseph com a Serenissima Infanta de Castella a Senhora D. Marianna Victoria, e do Serenissimo Principe das Asturias Dom Fernando com a Serenissima Senhora D. Maria Barbara Leonor Infanta de Portugal. (Sonetos).

S. l. e s. d. (Lisboa, 1729?), in-fol. de 2 fls.

São dous sonetos, e ambos do dr. Manuel Siqueira da Silva Calão, que assigna o primeiro.

- 75) Per | gli gloriosi Sponsali effetuati fra'gli Reali | Figluoli del
sempre Massimo Monarca | Gioyanni Quinto | | e del Rè
Cattolico, | Filippo Quinto, | di Castiglia. | Sonetto. | *S. l. e*
s. d. (Lisboa, 1729?), in-fol., de 1 fl.

Vem assignado—*Di Omagico Ildo A. A. R.*

- 76) Amor | aumenta el valor. | Fiesta que se executò en | el Pa-
lacio del | Marquès | de los Balbases | Embaxador Extraordi-
nario de su Magestad Catholica (que | Dios guarde) en esta
Corte, | con el plausible motivo | de haverse efectuado los /
Desposorios del Serenissimo Señor Principe | de Asturias | Don
Fernando, | con la Serenissima Señora Infanta de Portugal /
Doña Maria: | en de Henero de 1728. | (*Vinh.*) | *Lisboa*
Occidental, | en la Patriarcal Oficina de la Musica | Año de
M.CC.XXVIII. (sic) | Con todas las licencias necesarias. | In-4.º,
de 1 fl.—72 pp.

Começa a composição por uma *Loa*; vem o primeiro acto do *Melo-*
dramma; segue-se o *Entremes nuevo de la Quenta del Gallego*, e termina
tudo pelos actos segundo e terceiro do *Melodramma*. Segundo ãa nota
exarada á pg. 10 a composição poetica é de d. Joseph de Canizares.
A musica foi de d. Jaime Facco, d. Joseph de Nebra, e d. Felipe Falconi.

Executou-se esta composição no dia 18 de Janeiro de 1728, segundo
refere fr. José da Natividade em seo *Fasto de hymenæo*.

- 77) Festeggio | armonico | nel celebrarsi il Real Maritaggio | de'
molto Alti, e molto Poderosi | Serenissimi Signori | D. Fer-
dinando | di Spagna | Principe d'Astúria, | e D. Maria | In-
fanta di Portogallo, | che Dio guardi, | che si esegui'nel Real
Palazzo | di S. Maestá | a di 11. di Gennaio del presente
anno | di 1728. | Posto in musica da Domenico | Scarlati, Re-
gio Compositore. | (*Vinh.*) | *Lisbona Occidentale, | nella Officina*
de Gioseppe Antonio di Sylva. | M.DCC.XXVIII. | Con le licenze
necessarie. | In-4.º, de 14 pp.

- 78) Las Amazonas | de España. | Fiesta que se represento en | el
Palacio del | Marques | de los Balbases... | | con el mo-
tivo | de haver hecho su entrada publica, y | de obsequiar el
feliz tratado matrimonial del Serenissi | mo Señor | Don Fer-
nando | Principe de Asturias: | con la Serenissima Señora
Infanta de Portugal | Doña Maria Barbara, | glorioso asum-
pto de su Comision. | (*Vinh.*) | *Lisboa Occidental. | En la Pa-*
triarcal Oficina de la Musica | Año M.DCCXXVII. | In-4.º
de 52 pp.

Começa por uma *Loa*; vem o primeiro acto do *Melodramma*; segue-se o —*Baile de Cupido y Venus*; e termina pelo acto segundo do melodrama.

- 79) ✠ Festejo | armonico, | en celebridad | de los | Reales Desposorios | de los muy Altos, y muy Poderosos Serenis | simos Señores, Don Joseph de Portv | gal, Principe del Brasil, y Doña Ma | ria Ana Victoria, | Infante de España | (que Dios guarde) que se executò en el Real | Palacio de Su Magestad Catholica, | el dia 27. de Diziembre de | este año de 1727. | Pusole en Musica don Phelipe Fal | coní, Maestro de la Real Capilla de | su Mag. y de los Señores Infantes. | *S. l. e s. d.* (*Madrid, 1727?*), in-8.º, de 1 fl.—9 pp.

- 80) Veduta della machina di fuoco artificziato alta palmi 210., e larga 120. fatta inalzare in Piazza di Spagna dall'Emo. e Rmo. Sig.^r Cardinal Bentivo—'glio d'Aragona in occasione de i reciprochi Matrimonij fra le Reali Corone di Spagna, e Portogallo, e della recuperata Salute di | S. M. Catt.^a, e del Ser.^{mo} principe sposo | Gio. Paolo Pannini delin. | *Invenzione di Nicola Salvi architetto. Filippo Vasconi Sculp.*

Est. grav. a buril de 0^m,620 de alt. × 0^m,472 de larg.

Uma nota da subscripção diz : *La sud.^a machina fú fatta ardere in Roma la sera delli 4. Luglio 1728.*

- 81) Relação | dos | festivos applausos, | com que na Cidade do Porto se con | gratulãrão os felices despozorios dos Serenissimos Senhor | Dom Joseph | Principe do Brasil, e Senhora | D. Maria Anna Victoria | Infanta de Castella, e dos | Serenissimos Senhor | D. Fernando | Principe das Asturias, e Senhora | D. Maria Barbara | Infanta de Portugal. | (*Vinh.*) | *Lisboa Occidental*, | na *Officina da Musica*, anno de 1728. | *Com todas as licenças necessarias.* | In-4.º, de 1 fl.—14 pp.

A vinheta da fl. de rosto é gravada a buril, e representa a SS. Virgem entre dous castellos; em cima, em uma faxa, ésta inscripção :

CIVITAS VIRGINIS.

A obra saüu anonyma, mas é do academico Antonio Cerqueira Pinto.

- 82) (*Esc. d'orm.*) En ora buena, | que diò Evora ciudad a la | Serenissima Señora Princesa del Brasil nues—| tra Señora. | Por Pedro Vaz Rego. | (*Vinh.*) | *Lisboa Occidental* | en la *Impression de la Musica*, | y à su costa año de 1729. | *Con todas las licencias necessarias.* | In-4.º, de 1 fl.—5 pp.

Consta de 10 decimas.

O escudo que figura no alto da folha de rosto é o das armas de Portugal e Castella; xylographia.

- 83) Guimaraens festiva, | ou | Relaçam | do festejo publico com que na nobilissima | Villa de Guimaraens se aplaudiram os Reaes Desposorios do Sere-| nissimo Principe do Brasil nosso Senhor, e da Serenissima Senhora | Infanta D. Maria Barbara Princeza de Asturias. | No mez de Fevereiro deste anno de 1728. / Dedicada ao Senhor | Tadeo Luis | Antonio Lopes | de Carvalho, Camões e Fonseca. | Por Joze Freire Monterroyo Mascarenhas. | (Vinh.) | Lisboa Occidental, | na Officina de Pedro Ferreira, | Anno M.DCCXXVIII. | Com todas as licenças necessarias. In-4.º, de 16 pp. e 1 fl. de fol. com a Arvore genealogica.
- 84) Diario | historico | das celebridades, que na Cidade da Bahia / se fizeram em acção de graças pelos felicissimos | cazamentos / dos Serenissimos Senhores Principes, de | Portugal, e Castella, | dedicado | ao Illustrissimo Senhor Arcibispo da Bahia / D. Luis Alveres de Figueyredo, | Escritto | pelo Licenciado | Joseph Ferreyra de Matos, | Thesoufeyro Mo'r da mesma Sé, da Bahia. | (Vinh.) | Lisboa Occidental: | na Officina de Manoel Fernandes da Costa, | Impressor do Santo Officio. / M.DCCXXIX. Com todas as licenças necessarias. | In-4.º, de 6 fls. inn.—61 pp.

Pára na pag. 61, em que termina o *Diario* propriamente dicto, e faltam-lhe as 3 fls. preliminares com as licenças.

No exemplar completo e separado, que esta Bibliotheca possui, occorrem da pg. 62—124: *Acção de graças, que na Sé Metropolitana da Bahia se fez pela felicissima Exaltação do Eminent. Senhor Cardial da Mota, e Sermão na Acção de graças, que na Sé Cathedral da Bahia se celebrou pelos felicissimos cazamentos dos Seren. Senh. Principes de Portugal, e Castella.. .. Prégou-o o Doutor Sebastião do Valle Pontes &*; no fim, uma fl. inn. com as indicações de logar e anno da impressão.

Este opusculo é sem duvida curioso pelo que diz respeito á antiga séde do governo do Brazil-colonia. Do estado da cathedral nos diz Ferreira de Mattos logo em sua dedicatória ao arcebispo: « Vejo com grande consolação minha os ornamentos, com que Sua Magestade faz resplandecer grandemente esta Cathedral; vejo o grandiozo organ, que o mesmo Serenissimo Senhor se dignou mandar fazer com especial preceyto de que fosse magnifico; vejo finalmente dourados os tres tocos d'esta cathedral, e com finissimas pinturas historiados os principaes Passos, e milagres da vida de

Christo Senhor Nosso: obra do generoso animo do nosso Reverendo Deão o Doutor Sebastião do Valle Pontes, na qual liberalmente dispendeu dezoyto mil cruzados; e com estes luscidos, vistozos, e gravissimos ornamentos, e sonora harmonia se excitava em mim o dezejo de ver cada ves mais af-fermoscada esta Caza de Deos. E instruido assim com estes riquissimos pa-ramentos, parecia-me que no tempo prezente com a chegada do relogio, quô esperamos por horas, confôrme o mesmo Senhor tem disposto, só me faltava ver hum modelo pratico da armação de tão proporcionado Tem- plo. » &c.

Seguem-se trez sonetos de Henrique de Sousa Freire, e começa logo o *Diario*. Da leitura d'este se-deduz: que as festas começaram na Bahia no dia 23 de Julho e só viêram a acabar a 20 de Agosto, sendo:

no dia 23—solemne publicação dos festejos que se preparavam

dia 25 — Comprimento feito ao vice-rei, em palacio, pelas corpora-ções e pessoas mais gradas da capital: banquete official dado pelo mesmo vice rei: comprimento do cabido ao prelado; re-piques, salvas, e vistosas luminarias; serenata em palacio;

dia 26 — Repiques, salvas, luminarias, e serenata;

dia 27 — Festejos idénticos aos da vespera, e mais: a festa das Onze mil Virgens, feita pelos estudantes da cidade;

dia 28 — Repiques e luminarias; á noite, em palacio e na presença do vice-rei, « *um alegre divertimento musico das cantigas, e mo-das da terra, de que he abundante este paiz.* »

Neste dia se-publicaram duas curtas pastoraes do arcebispo d. Luiz Alvares de Figueiredo.

dias 29 e 30 — Repiques, salvas e serenatas; e no dia 30 — distri-buição de esmolas pela pobreza da Bahia;

dia 31 — Solemnissima e apparatusa acção de graças na cathedral; á tarde—sermão pelo rev. dr. Sebastião do Valle Pontes.

dia 1.º de Agosto — Procissão allegórica, que saindo da Sé percorreu algumas praças e ruas da cidade, adornadas com porticos, ar-cos triumphaes &c. para este fim.

Esta procissão precedida de 3 figuras emblematicas (America, Portu-gal e Castella), se- compunha de 8 procissões parciaes, cada uma com suas dansas, confrarias e andores. Acompanharam-na todas as corporações civis e ecclesiasticas da Bahia, o proprio arcebispo e o vice-rei..

A' tarde, no terreiro da Sé, dansas e cantigas do *bayle do Casto Joseph*, que fizera parte de uma das procissões parciaes.

dia 5 — Representação da primeira comedia—*Los Juegos Olympicos*, com uma *loa* de cinco figuras;

dia 8 — Representação da comedia—*La fuerza del natural*, com uma *loa* de cinco figuras;

- dia 10 — Repr. da terceira comedia—*Fineza contra fineza*, com uma loa de seis figuras;
- dia 13 — Repr. da quarta comedia—*El Monstro de los Jardines*, com uma loa de cinco figuras;
- dia 16 — A quinta comedia—*El Desden con el Desden*, com uma loa de sete figuras;
- dia 20 — A sexta e última comedia—*La Fiera, el Rayo, y la Piedra*, com uma loa de nove figuras.

- 85) Poema festivo, | breve recopilação | das sollemnes festas, que obze | quôsa a Bahia tributo em applauso das sempre faustas, Re | gias Vodas dos Serenissimos | Principes do Brasil, o das Asturias | com as inelitas | Princezas de Portugal, e Castella, | dirigidas pelo..... Vice-Rey deste Estado | Vasco Fernandes | Cesar de Menezes, | offerecido à muito alta, Augusta, e Soberana Magestade do | Senhor | D. João V. | Rey de Portugal, | composto por | Joam de Brito, e Lima. | (*Vinh.*) | *Lisboa Occidental*, | na *Officina da Musica* Anno | de *M.DCC.XXIX.* | Com todas as licenças, vende-se na mesma Officina. | In 4.^o, de 2 fls.—43 pp. (num. de 101—143).

É um *Cantico Unico*, com 128 oitavas, e evidentemente faz parte de obra de maior tomo. O auctor é brasileiro, e nasceu na Bahia.

O Tomo V. Contem :

- 86) Breve Descripcion | de la entrada, | que Sus Magestades, | y Altezas Lusitanas | hicieron por el rio Tajo, | en la Corte de Lisboa, | el dia doce de Febrero | del año de 1729. | Compuesta | por un ingenio portugues. | Dedicada al Señor Joseph Victorino Holbeche, | y sacada a luz | por Don Manuel Bernardo de Acuña. | Con licencia. En Madrid, en la Imprenta de Antonio Sanz. | Hollaràse en la Libreria de Antonio Falqués, frente de San Phelipe el Real. | S.^od. (1729 ?), in-4.^o, de 24 pp.

Consta de um *Romance heroyco* e de um epigramma latino, e é obra de d. Joaquin de S.^o Anna conego regular de Sancto Agostinho, segundo no proprio exemplar o-annotou com sua lettra o abbade Barbosa, que ali o-nomcia d. Joaquin Bernardes.

- 87) Ao feliz successo, | com que. S. Magestade. | fez sua jornada suspendendo o inverno, | o rigoroso impulso, com que tinha começado, athe se recolher | para a Corte com bom tempo. | Soneto glosado em oitavas | por | Leonardo Pereira.

In-4.º de 6 pp. (num. de 145—150).

Faz parte de collecção.

- 88) *Metrica* | reverente descripçion, | que en el mas proporcionado/
poema provoca la Atencion, à eternizar lo plausible | del Gozo,
que en las mas obsequiosas Demonstracio | nes, celebrò la
Magesnosa concurrencia de las | dos Cortes Española, y Lu-
sitana, | a las | Reales, Felices, quanto Descendidas Entregas de
la Serenissima | Señora Doña Maria Barbara, dignissima Es-
posa de el | Serenissimo Señor Principe de Asturias; y de la
Serenissima | Señora Doña Mariana Victoria, meritissima | Es-
posa del Serenissimo Señor Principe, de el Brasil. |
Dispuesta | por Don Antonio Tellez de Azevedo, Repartidor
del Número | de Receptores de esta Corte, y Reales | Consc-
jos; | y la dedica | al señor Don Juan Antonio de Lerma y
Salamanca, Delgadillo, y | Avellaneda..... | *Con licencia: En*
Madrid, en la Imprenta de Juan de Arístia. | | (1729),
in-4.º de 16 fls. inn.

Consta de: uma dedicatória em prosa, a respectiva *Licencia del Consejo*,
trez sonetos ao auctor, e o *Poema heroico* em 80 oitavas.

- 89) *Fabulas* | de Eco, y Narciso | La primera, escrita | por el ex-
celentissimo Señor | Duque de Montellano, | la segunda, res-
pondida | por los mismos consonantes | por el Conde de Eri-
ceira | D. Francisco Xavier | de Menezes. | Con una idéa epi-
talamia de las Reales Voda\$ de los Prince- | pes, celebradas en
Caya en 1729. (*Vinh.*) *Lisboa Occidental: En la Imprenta*
HERREIRIANA. | *M.DCC.XXIX,* | *Con las licencias neçessa-*
rias. | In-4.º, de 1 fl.—85 pp.

Consta de um primeiro poema em 115 oitavas, que termina á pag. 39,
e de outro intitulado—*Narciso de Hipocrene*— (obra do conde da Ericeira)
em outras tantas oitavas é sobre os mesmos consoantes do primeiro.

Em uma das epistulas que o precedem diz o assaz conhecido poeta
portuguez que, convidado pelo duque de Montellano a mandar-lhe uma
poesia sua, se virá obrigado a compôr e preparar ésta resposta no curto
espaço de oito dias.

- 90) *Breve* | *Relacion*, | que dá un tronco. de las fiestas, que hizo
en la Plaza de la Colonia | del Sacramento | el Governador
de ella | Antonio Pedro de Vasconcelos, | | a los felicis-
simos Despozorios del Potentissimo, muy Excelso, | y Augusto
Señor Principe del Brasil el Señor | Don JOSEPH | con la Se-
renissima Señora | Doña Maria Anna Vittoria | Infanta de

Castilla, que Dios guarde. (In-fine:) *Lisboa Occidental*, | *na*
Officina de Pedro Ferreira, | *Impressor da Serenissima Rainha*
nossa Senhora. | *Anno de M.DCCXXII*. | *Con todas as li-*
cenças necessarias. | In-4.º, de 3 pp.

Em versos octosyllabos soltos.

De uma nota da typographia parece concluir-se que tambem se publi-
caram ahi: uma *Loa* para a comedia intitulada—*Las Armas de la Hermo-*
sura—e, o *Diario* das festas celebradas na mesma colonia do Sacramento
por occasião d'este consorcio; estes opusculos todavia não figuram na col-
lecção de Barbosa.

- 91) (*Esc. d'armas*) RELACION, y verdadero romance, | en que se
declaran con individualidad los Reales desposorios, que en la
Corte de | Lisboa se celebraron con los Serenissimos Señores
Principes de las Astu | rias, y Brasiles, con las Serenissimas
Señoras Infantas de España, | y Portugal, y de las solemnnes
fiestas, que por tres dias se cele | braron en obsequio de las
Reales Nupcias. Compuesto por | Rodrigo Fernandez de Soto. ||
(In-fine:) *Con licencia en Sevilla, por la Viuda de Francisco de*
Leesdael, en el Correo Viejo..... | S. d. (1729?), in-4.º de 2 fls.

Em versos octosyllabos não rimados.

- 92) (*Esc. d'arm.*) Verdadera relacion, en que se describen las | plau-
sibles Fiestas, Festejos, y Regocijos, con que la muy Noble, y
muy | Real Ciudad de Sevilla recibió à sus Reales Magestades,
Serenis | simos Principes, è Infantes, el dia 3. de Febrero |
de este presente año de 1729. | (In-fine:) *Con licencia: En Se-*
villa, por la Viuda de Francisco de Leesdael, | S. d. (1729)
in-4.º de 2 fls. inn.

Em versos octosyllabos.

- 93) Plausible, y verdadera Noticia de las | célebres Bodas ajus-
tadas, y concluidas entre las dos Coronas de Es | paña, y Por-
tugal, en las personas Reales del Serenissimo Principe | de
Asturias..... con la señora Princesa de Portugal, Doña | Ma-
ria Barbara; y la señora Infanta de España Doña Mariana
Victo | ria de Bourbon, con el señor Principe de los Brasiles
Don Joseph, |; y se celebraron, | los tres primeros
dias del mes de Octubre del año | de 1725. (sic) con lumina-
rias generales, y comunes | regocijos. || (In-fine:) *Con licencia:*
en Madrid. || S. d. (1729?). in-4.º de 2 fls. inn.

Em versos octosyllabos.

- 94) (*Ese. d'arm.*) Sveinta Relacion en vn cyrioso Romance: qve / refiere por menor el costosissimo, y vistoso aparato, con que entrò en la | Plaza de Yelves el Exemo. Señor Duque de Os- snna, à dar el parabien al Rey | D. Juan Quinto de Portugal de los felices, y celebrados casamientos: | y los cariñosos afe- ctos con que fue recebida la Señora Infanta | de España: y mercedes que el Rey hizo à sus vassallos à peticion de dicha Señora Infanta. || (In-fine:) *Con licencia: En Sevilla, por la Vinda de Francisco de Leefdael,* || S. d. (1729?). in-4.º de 2 fls. inn.

Em versos octosyllabos.

- 95) La Corona Poetica | per le Reali Felicissime Nozze | del Sere- nissimo Infante di Portogallo | Principe del Brasile | con la Serenissima Infanta di Spagna; | e | del Serenissimo Infante di Spagna; | | con la Serenissima Infanta di Portogallo. / dall'Abbate Giuseppe Maria Tommasi, | Arcade Ro- mano col Nome di Iuliano Euristèo; | Accademico, diffetuosso, oscuro, filopono, e dissonante, | e Secretario | del Principe di Messerino. |

S. l. e s. d. (1728?), in-4.º de 6 fls. inn.

Consta de quinze sonetos italianos.

- 96) Augurium | ex felicissimo Conjugio | Serenissimi Brasiliae | Principis. | (In-fine:) *Ulyssipone Occidentali, ex Typographia Patriarchali Musicae, Anno M.DCC.XXVIII. | Cum facultate Superiorum.* | In-4.º de 3 fls. inn.

Consta de 2 epigrammas latinos e d'uma *Elegia* na mesma lingua, com a assignatura: *Fr. Franciscus Xaverius de D. Teresia—*.

- 97) Lusitanie augmentum | Victoria coronatum, | Triplici Drama- ticae actionis actu circum | scriptum | in plausu nuptiali | Se- renissimorum Principum DD. Josephi, | Brasiliae Principis, / & D. D. Mariae Annae | Victoriae, | Conflatum in de- bili obsequii Officinâ Patrum Ulyssiponensis | Collegii D. An- tonii Magni Societatis Jesu. |

Ulyssipone Occidentali, ex Praelo Josephi Antonii à Sylva, | *M.DCC.XLIX.* | *Cum facultate Superiorum.* | In-4.º de 3 fls. — 14 pp.

É um como esbôço de composição dramatica allegorica. Em latim e port.

- 98) Regia Epirotarum Principis gemma, | | sive | praece- lentissima gemmarum gemma, qua caelum donavit, ac dita-

vit | D. D. Josephum, | Serenissimum Brasilæ Principem; |
 id est | D. D. Maria Anna Victoria, | Serenissimo Lusitano-
 rum Principi | in matrimonium, cælo auspice, tradita, | ejus
 obsequio | Ulyssiponensis Collegii D. Antonii M. | Societatis
 Jesu | suum singulæ munus Musæ attemperant, | O. V. C. |
Ulyssipone Occidentali, ex Prælo Josephi Antonii à Sylva, | |
M.DCC.XXIX. | Cum facultate Superiorum. | In-4.º de 1 fl. —
 164 pp.

Como se-deprehende das notas mss. postas pelo proprio B. Machado ás margens do exemplar, são auctores das numerosas composições latinas em prosa e verso, de que consta o opusculo, os seguintes padres:

- Pedro da Fonseca—pg. 5—13, e 87—96;
 Manuel de Albuquerque—pg. 14—17, e 160—164;
 Duarte Xavier—pg. 18—24, e 97—113;
 José Machado—pg. 25—31, e 114—120;
 Constantino de Barros—pg. 32—37, e 121—132;
 Diogo José—pg. 39—56, e 142—150;
 Francisco de Portugal, filho do marquez de Valença—pg. 57—60;
 Timotheo de Oliveira—pg. 61—68, e 151—159;
 e Antonio Vieira—pg. 69—78, e 133—141.

- 99) Descripcion verdadera, | y puntual noticia de la solemnissima/
 fiesta, alegres regocijos, y festivos | aplausos, con que se cele-
 braron los Rea- | les, y deseados casamientos de los seño- | res
 Principes de España, y los Brasiles, en la Ciudad de Bada-
 joz, este presente | año de 1729. || (In-fine:) *Con licencia en*
Sevilla, por la Viuda de Francisco de Ledesma, en | el Correo Viejo
..... || In-4.º, de 2 fls. inn.

Em versos octosyllabos. No alto da primeira folha, e dividindo o título a meio, um escudo de armas.

- 100) Breve Discurso | de las grandes razones, | que favorecen |
 las buenas intenciones | del estrecho vinculo, | y alianza, |
 proyectada | entre el Serenissimo Señor | Principe de Astu-
 rias, | y la Serenissima Señora | Princesa de Portugal, | y la
 conveniencia | que de ella se seguira | a los reynos | de Por-
 tugal, | y | Castilla. ||

S. l. e s. d., in-8.º de 15 pp.

- 101) Poema | heroico | á felicissima jornada delrey | D. João V. |
 | nas plausiveis entregas | das sempre Augustas, e Se-
 renissimas Princezas | do Brazil, e Asturias. | Composto | por/
 D. Pedro José | de Mello Homem. | | Lisboa Occi-

tal. | *Na Officina da Musica*, | *Anno de M.DCC.XXXV.* |
Com todas as licenças necessarias. || In-4.º de 1 fl.—51 pp.

Consta o poema de cem oitavas numeradas, e é obra menos que mediocre.

Não vem citada no *Dicc. bibl. port.*

- 102) Poema | heroyco, | afelicissima jornada, de ElRey | D. João V. | | Nas plausivens (*sic*) entregas das sempre Augustas, | e Serenissimas Princezas do Brasil, | e Asturias, | offerecido | a Serenissima Princeza do Brasil, por seu Author | D. Jorge de Almeida | de Menezes, | | (*Vinh.*) | *Lisboa Occidental*, | *na Officina da Musica*, | *Composto no anno de 1729.* e *dado a estampa no de 1734.* | *Com todas as licenças necessarias.* || In-4.º, de 16 fls. inn.—48 pp.—e 1 fl. de *Erratas*, com 1 est. representando o escudo das armas portuguezas.

A Bibliotheca possui d'este opusculo um exemplar perfeito e enquadernado com o *ex-libris* do mesmo Barbosa Machado; mas o exemplar da collecção, que ora se-desereve, é falho da estampa, das licenças e d'algumas poesias que occorrem no fim.

O *Poema heroico* consta de 54 oitavas.

- 103) *Lusitaniæ Palladi*, | *tutelari dilecti* | *imperii vindici*, | *Augustissimæ Brasilæ Principi*, | *Caliobrigæ Duci*, | D. D. *Maricæ &c.* | *Pronubum à Serenissimo patruo* | *annulum, Cœlitùs afflatu accipienti.* | *Epithalamium* | *ad venustatem claudianam compactum* ab Aloysio Teixeira | de Carvalho Sottomaior | | *Olyssipone*, | *apud Michaelem Rodriguezium*, | | *M.DCC.LX.* | *Superiorum permissu.* || In-4.º, de 3 fls.—12 pp.

Consta de uma dedicatória em prosa a d. Pedro, e do Epithalamio em 342 versos heroicos.

- 104) Oração | panegyrica, | e | encomiastica, | que faz | ao Serenissimo Senhor | Infante | D. Pedro | na occasiam do seu | felicissimo casamento | Joze Sanches | de Souza e da Silva. | (*Vinh.*) | *Lisboa*: | *na Officina de Joseph Philippe.* | *Anno 1760.* | *Com todas as licenças necessarias.* || In-4.º, de 8 pp.

Não citada por Innocencio da Silva.

- 105) Ao felicissimo | despozorio | do Serenissimo | Infante | D. Pedro, | com a Serenissima | Princeza | dos Brazis. | Romance heroico, | recitado na Quinta de Queluz, na noite | de 16. de Junho, em presença de Suas | Magestades, e Altezas. || (*In fine* :) *Lisboa*: | *na Officina de Pedro Ferreira*..... ||

S. d. (1760), in-4.º de 4 pp.

Consta de um romance e de uma *Gloza* em soneto assignada com as iniciaes J. J. da M. M.

- 106) Gloria | de | Portugal | nos felicissimos desposorios | da Serenissima Senhora | Princeza do Brazil | com o Serenissimo Senhor | Infante | D. Pedro, | oferecida | a toda a Nobreza da Corte, e Reyno. | Exposta pela madre soror | Thomazia Caetana de S. Maria, | | Dada à luz por seu Pay | Manoel de Mira Valadam, | | *Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira, Anno 1760. Com todas as licenças necessarias.* || In-4.º de 7 pp.

Termina por um soneto de Antonio Correa Vianna. Não citado por Innocencio.

- 107) Applauso poetico | per la magnifica illuminazione, e fuochi di giubilo che si ànno | alla presenza delle loro Sacre, e Reali | Maestà Fedelissimo, | e di tutta la Real Corte. | La notte del San Giovanni del presente anno 1760, a Chèluce, per comando | di Sua Altezza Reale il Serenissimo Signore | Don Pietro | Infante di Portogallo, | sposo ben degno di Sua Reale Altezza la Serenissima Signora | Donna Maria | | Opera di Giuseppe Muzzarelli, Bolognese, Machinista | Sonetto. || *S. l. e s. d. (Lisboa, Impr. Regia, 1760?), in-4.º, de 1 folha.*

Vem assignado por Mariano Borgonzoni Martelli.

- 108) Relação | das festas, | com que a Cidade de Braga celebrou / os Faustissimos despozorios | da Serenissima Senhora | Princeza do Brazil, | com o Serenissimo Senhor | Infante D. Pedro, | no anno de 1760. || (In fine;) *Lisboa: na Officina de Francisco Borges de Sousa. Anno de 1761. In-4.º de 14 pp.*

Citado por Figanière sob n.º 458.

- 109) Diario | das | festas | com que na Praça de Almeida | se festejou a feliz noticia do Faustissimo | Despozorio, celebrado no dia seis de | Junho do prezente anno | entre a Augustissima Senhora | Princeza do Brazil | Nossa Senhora, | e seu tio | o Serenissimo Senhor Infante | Dom Pedro. | Com os Additamentos | da publicação das mesmas festas; | Loa que se representou com as Comedias, e o | Formulario do Ataque, e Defesa de hu- | ma Praça, ou Ensayo Militar. | | *Coimbra: na Real Officina da Universidade, Anno de 1761.* || In-8.º de 135 pp.

Contem o *Diario*, poesias de *Manoel de Brito Soares*, *Rodrigo de Souza da Sylva Alcaforado*, *Antonio Theodoro Ferreira Taborda*, e *Fr. Leonardo de Santa Roza Saavedra e Menezes*; a *Loa* em castelhano de *Francisco Coelho da Sylva*, e o *Formulario para o ataque e defesa da Praça*.

- 110) Releção | do culto | com que | o Illustrissimo, e Reverendissimo | Cabido Metropolitano. | da Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, applaudio os | felicissimos Desposorios da/ Serenissima | Princeza | do Brazil N. Senhora, | com o Serenissimo Infante o Senhor | D. Pedro, | dedicada, e offerrecida | ao Reverendissimo Senhor | João Borges de Barros, | | por seu Auctor | o Padre Joze Antonio | do Sarre, | || *S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?)*, in-4.º, de 18 pp.

Citado por Innocencio F. da Silva.

- 111) Relação | das | faustissimas Festas, | que celebrou a Camera da Villa do N. Se- | nhora da Purificação, e Santo Amaro | da comarca da Bahia | pelos Augustissimos Desposorios | da | Serenissima Senhora | D. Maria | Princeza do Brazil | com o | Serenissimo Senhor | D. Pedro | Infante de Portugal, | dedicada ao Senhor | Sebastião Borges de Barros, | | por/ Francisco Calmon, | *Lisboa, na Officina de Miguel Manesal da Costa*, | *Anno 1762.* | *Com todas as licenças necessarias.* || in-4.º de 3 fls.—16 pp.

Cit. por Figanière sob n.º 433.

A raridade d'este opusculo e a circumstancia de se acharem nelle descriptas festas celebradas em ãa modesta villa do Brazil no anno de 1760 nos impõem a obrigação de extractar d'elle o que mais curioso fór. Eis em que consistiram essas demonstrações do publico regosijo:

Dia 1.º de Dezembro: pregão publico das festas pelas ruas principaes da villa;

dias 2 a 7 do mesmo mez: seis dias successivos de luminarias;

dia 8: festa annual da padroeira da villa;

dia 9: « a primeira dança dos officiaes da Cutellaria e Carpintaria asseadamente vestidos com farças mouriscas »;

dia 10: « trez contradanças dos alfaiates pelas ruas ao som de acordes instrumentos »;

dia 11: « as danças dos Capateiros, e Corrieiros »;

dias 12-13: repetição dos mesmos folguedos;

dia 14: « a dança dos Congos, que apresentarão os Ourives em fórma de embaixada »;

dia 15: de manha—o *Te Deum laudamus* na igreja matriz de N. S. da Purificação, com misa cantada pelo coadjutor Manuel Dias

Seabra, e oração gratulatoria pelo vigário dr. Francisco Xavier da Palma Mattos e Abreu; á tarde—procissão solenne acompanhada pelo Senado da Camara e pelo regimento de ordenanças da villa commandado pelo capitão-mór Sebastião Borges de Barros; á noite—« humma luzida encamizada de vinte parolhas, vestidos os Cavalleiros á Mourisca: »

dia 16: á tarde saiu o « Reinado dos Congos, que se compunha de mais de oitenta mascaras, com fargas ao seu modo de trajar, riquissimas pelo muito ouro, e diamantes, de que se ornavaõ » & Chegando aos Paços do Conselho, onde tomaram assento o rei e a rainha, lhes-fizeram sala « os Sôbas e mais mascaras da sua guarda, sabindo depois a dançar as Talheiras, e Quicumbis ao som dos instrumentos proprios do seu uso, e rito. Seguiu-se a dança dos meninos Indios com arco, e frecha. »;

dia 17: « humma magnifica Cavallaria de oito parolhas ». Passadas as parolhas, tiraram lanças, jogaram as cannas, e fecharam o festejo d'esta tarde com uma « bem ordenada, e vistosissima escaramuça »;

dia 18: —de manhan, « sabio segunda vez o Reinado dos Congos com todo o sen estado »; —á noite representou-se a comedia—*Porfiar amando*—sob a direcção do Gregorio de Sousa e Gouvea, que foi tambem o auctor da—*Loa*—allusiva ao augusto matrimonio dos príncipes;

dia 19, á tarde: « repetio-se a Cavallaria na forma praticada na do primeiro dia »;

dia 20, á tarde: o mesmo folguedo da vespera, e mais « o espectáculo dos carneiros, que os mesmos Cavalleiros déstramente cortarão, concluindo tudo com humma vistosa, e especial escaramuça »;

dia 21: « sabio terceira vez a publico o Reinado dos Congos »;

dia 22, á noite: representou-se « a opera da fabula de Anfitrião..... executada ao vivo pelos mais déstros, e habéis estudantes da classe do Reverendo Padre Mestre João Pinheiro de Lemos ».

E assim terminaram os festejos tão curiosamente descriptos pelo academico Francisco Calmon.

112) — Catagrafo | epipomptentico | dos applausos solomnissimos, que na villa | sempre Leal de S. Francisco do Sergipe do Conde fez celebrar | o Nobilissimo Senado da Camara, aos 19 do mez de | Dezembro de 1760, | em obsequio dos sempre Augustos, e Felicissi- | mos Desposorios | da Serenissima Princeza | dos Brazis | N. Senhora | com o Serenissimo | Infante D. Pedro. | Dedicado ao Senhor Juiz Ordinario | Bernardo de

Siqueira | Lima e Menezes, | E Offerecido | por Fr. Bento da Apresentaçam, | o mais indigno dos seus Servos, e filho da Provincia de | Santo Antonio do Brasil, Strictioris observantiae, | Academico supranumerario, da Academia Bra-|silica dos Renascidos. | Lisboa, | na Officina de Antonio Vicente da Silva. | Anno M.DCC.LXIV. | Com todas as licenças necessarias. | In-4.º, de 6 fls. inn.—20 pp.

Contem: uma dedicatória a Bernardo de Siqueira Lima e Menezes; um *Prefacio*, e o *Catagrafo*, que é uma relação empolada e bombastica dos festejos que por essa occasião se-fizeram.

Os alludidos festejos constaram como sempre de luminarias, um solemne Te-Deum, uma procissão, cavalhadas e representação de comedias, do dia 19 a 23 de Dezembro do mesmo anno.

Deve ser bastante raro este opusculo, que escapou ás investigações de Figanière e Innocencio da Silva. Seŕ anetor, cujo nome aliás não ocorre sinão na lista dos socios da Academia dos Renascidos, pode bem ser que houvesse nascido no Brazil, e é até provavel que assim fôsse; mas não ha d'elle noticia em outra parte, e certo que, a não ser a raridade bibliographica do *Catagrafo*, permaneceria em mercedo esquecimento. Um specimen de seu estylo prova-lo-ha até á evidencia; diz fr. Bento da Apresentação em sua dedicatória:

« Senhor: dentro na Alma se infundem as inclinaçoens; no berço da Sympatia se embálão: com a communicação aprendem os primicerios rudimentos na escola da Perspiciecia. Com esta vou á presença agradavel de V. M. com este parvo, ou pequeno Opusculo, tão fulto de espirito, como curto do corpo; sem o lepido paludamento da erudição, nem o progymnasma da facundia: só a fim de que avulte por Grande, o que a lances da occasião nasceo Pygmeo. Maxima he esta, albêa da admiração, porque ainda os rios, que por sua natureza são limitados regatos, costumão ser mares empolados nos golfos da Amphitrite. »

• 113) Em applauso | dos felicissimos Desposorios | do Serenissimo Senhor Infante | D. Pedro | com a Augusta | Princeza | do Brazil. | Romance. |

(Assignado=Dr. Jorge da Matta. Medico da Camera de ElRey.==)

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Genethliacos, dos serenissimos reys, rainhas, e príncipes de Portugal, collegidos por Diogo Barbosa Machado, Abbade da Paroquial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do numero da Academia Real. Tomo I—V. Comprehem do anno de 1601. até 1767. (Arm. do bibliophilo). 5 vol. in-fol.

Tomo I.

- 114) RELACIO DEL BAPTISME DE LA INFANTA DONA / ANA MAVRICIA DE AVSTRIA, PRIMOGE | nita dels Serenissim molt Catholichs Phelip Tercer, y Dona | Margarida Reys de España, celebrat en Valla | dolid, en lo Any 1601. (Arm.)

In-fine: *Con Licencia del Ordinari, En Barcelona en la Empronta | de Gabriel Graells y Giraldo Dntil. Any. M.DCII. || In-4.º de 2 fls. inn.*

A originalidade da poesia e do rhythm, o dialecto catalão em que foi escripta esta peça, e a sua muito provavel raridade nos induzem a transcrevê-la integralmente:

NO puc dèxar
de publicar
la alegria

en mi cabia

auent sabut

lo acontengut

en nostra España,

ab tan estraña

inuencio

(si ho ab rao)

de que vsaren

quant aportaren

en las fons santes

la que ab tantes

oracions

de genollons

a Deu pregant

sens may cessant

a volgut dar

per començar

noua familia,

qual no auia

fins assi dada

a la amada

Dona Margarida

de poc parida,

dias en sa

la qual presa ha

per sa muller

Phelip Tercer

nostre señor

y successor

al de aquest nom,

qui fone segon

y se anomena.

Nos donen pena

jous ho dire,

ni tardare

en relatar

còm va passar

fins vna jota

la festa tota

y armonia

ques guardaria

en tal jornada,

quât fone portada

la Infanteta,

tant boniqueta

com Seraphi.

O qui alli

fos pugut ser

y que de pler

y alegria
 li causaria
 tant nobla gent
 de tal talent
 que alli anauo
 y acompanyauo
 esta xiqueta.
 Va mansueta
 sens crit ni plor
 ab tant honor
 al sanct Baptisme
 a pendre Crisma
 y ser vngida
 per cobrar vida
 spiritual,
 essent ygnal
 a los demes,
 quant al que es
 del gran peccat
 nos ha causat
 naturaleza.
 Fone la empresa
 desta jornada
 tant desijada
 dias apres
 que nada es
 quatre corrent,
 del mes placent
 Octubre dit,
 y sotaserit
 de Mil, sis cens
 y ha ensempe
 llanos comptauen
 quant celebrauen
 solemnitat
 del inflammat
 com Seraphi
 pobre, y mesqui
 Fracesh molt sāt,
 ab estil semblant
 a professo
 dirnos he jo
 que se partiren,

y se axiren
 ab gran despau
 del bell palau,
 a hont poc ha
 mudat se ha
 la Magestat
 del Rey amat
 en la famosa
 y generosa
 Valladolid
 dexant Madrid
 desconsolat
 y despoblat
 de la noblia
 que abans tonia
 de illustre gent.
 Primerament
 ab gran concert
 axiran cert
 officials
 de las Reals
 carcels presons
 tant galantons,
 y deuissats,
 que espantats
 molts ne restaren
 dels qui miraren
 los llurs vestits
 per ser polits
 y se llureya
 guardan piqueya
 en lo anar
 dexat estar
 estos apart,
 digam lo art
 y bon concert
 ab que molt prest
 atras venia
 la mejoría,
 y lo floret
 de fills percut
 de gent illustre
 y de gran lustre

dels Cortesans
 van tan galants
 en lo vestir
 que no se dir
 ni atinar
 quant pot costar
 lo menor dells;
 van encabells
 descaparusats,
 ben ordenats,
 ab hidalguia
 y fantasia
 ques de mirar.
 Ni puc dexar
 de dir aqui
 cada hu per si
 que aportaua
 lo qu'espantaua
 en lo mirar.
 Va doncs passar
 la huportant
 vn vas galant
 y molt gentil,
 aguamanil
 vulgarment dit
 es tant polit
 y de valor
 per ser de or
 y esmaltat,
 que apreciat
 ser no podia,
 si bes midia
 lo que a costat.
 A son costat
 dempres anaue
 qui aportaue
 vn vas semblant
 no menys galant
 y recamat
 tot esmaltat
 ab perlaria,
 que pens seria
 o ques diu font,

no molt pregont
 ni molt copat.
 Lo qui versat
 en ell sera,
 moltbe sabra
 lo que vul dir.
 Veureu venir
 encontinent
 altra excelent
 pessa de or
 de tant valor,
 y de tal pes
 que sol no es
 quil portaria
 pus no podria
 per ser pesat
 y tant obrat
 que abouaua
 aqui miraua
 vn obra tal
 ha imperial
 rica corona
 molt se condona
 y es semblant.
 Ve molt puxant
 qui aportaue
 lo que donaue
 la ques Padrina,
 ni se atina
 per molt mirar
 que pot costar
 lo quey auia
 manuderia
 de llançolets
 y bandolets
 per fiolatge
 ab tal vltratge
 y puntaria
 ab que seria
 molt ben guarnit
 y tant polit
 y acabat
 lo que plagat

axi portane
 que be quadraue
 ha estad de Rey.
 No tinch remey
 dexar de dir
 los que venir
 encontinent
 passats de cent
 agnereu vista
 ab bell vestits
 alcuiaats
 tots deuissats
 rics caualles
 (no mercaders)
 ni gent plebeya
 van ab llureya
 los llurs criats
 tots entonats
 molt ricament
 que spantament
 sols en mirar
 no pot dexar
 que no causas
 a qui miras
 vna tal festa
 ni falta a esta
 ocasio
 Comte, Baro
 Grande, ni Duc
 los quals no puch
 tots nomenar
 per no alargar
 ni differir
 lo que tinc dir
 desta patraña
 y de llur maña
 y bon concert
 que pareix cert
 vn camp format
 ben ordenat
 caualleria
 pus portaria
 cada hu dells

sos caualls bels
 ben empinats
 o adresats
 ab tots arrecus
 de cap a peus
 tot se veyia
 or que lluia
 y molt brillant
 affalagant
 aquil miraua
 si porfiau
 en lo mirar.
 Veuse arribar
 atras de ells
 tres tots vermells
 Cardenals son
 que diu tot hom
 se son trobats
 y son estats.
 alla presens
 van tots ensemps
 de compaña:
 Bisbes auia
 quatre alli,
 estant axi
 prop dells anaue
 lo qui portane
 lo nou tresor,
 es lo señor
 Duè excellent
 Dellherma, sent
 lo anomenar
 nos ven portar
 sombrero al cap
 perque vn criat
 ab ell anaue
 loy aportaue
 molt humilment.
 Derrerament
 dempres venian
 los qui seruian
 pera Padrins
 venen diuins

y enlonats
 si be emprats,
 com se dira
 viu asomar
 lo excelent
 Princep potent
 de Parma dit
 constituït
 procurador
 del successor
 a Jesu Christ
 Vicari, dit
 Papa Clement
 Padri essent
 anomenat.
 Vali al costat
 y ma per ma
 la del qui ya
 he dit portau
 la que anau
 al sacrament
 muller prudent
 y auisada
 com a llegada
 procuradora
 de la senhora
 dona Isabel
 que ab tant zel
 España ama
 molt linda dama
 y graciosa
 y generosa
 quant puga ser
 es en muller
 del Archeduch
 no poc estut
 de Austria dit
 y del ya scrit
 lo nostre Rey
 per bona ley
 molt acostada
 germana amada
 y molt volguda

no essent poguda
 ella venir
 pera complir
 la festa tota.
 Segueix grã flota
 de cortesanes
 dames galanes
 ateniades
 y tan pintades
 quant se pot dir
 en llur vestir
 y sayas bellas
 fan barumbellãs
 los seus vestits
 essent polits
 que espantau
 lo or anaue
 entre masclat
 no pochs granats
 tambe auia
 y perlaria
 de molt valor.
 Ab est primor
 y bon concert
 arriban cert
 al llot sagrat
 y deputat,
 per christians
 fer los infants
 qui naxaran
 en la molt gran
 Valladolid
 lo temple dit
 y dedicat
 e consagrat
 la molt honor
 del ques mayor
 Sant Janne dit
 o que polit
 entapissat
 y adressat
 que estaria
 en aquell dia

que ha dentrar
 per batejar
 semblant dameta
 y mifloneta
 tan excellent.
 Lo sacrament
 ha ministrat
 vn gran prelat
 dels qui anauen
 y acompanyauen
 esta infanta
 ab pompa tanta
 com auem dit
 y refferit
 ya llargament
 fone certament
 lo gran Antiste
 o Archabisbe
 de molt quilat
 de la ciutat
 Toledo gran
 lo nom li han
 propri posat
 fone acertat
 pus es de santa
 de virtut tanta
 Anna, en tal hora
 esta senhora
 fone, nomenada
 quant batejada
 solemnament
 y iuntament
 per essor nada
 en tal jornada
 de vint y dos
 del gracios
 mes autumnal
 y festa tal
 del esforçat
 Maurici amat
 de Jesu Christ
 han li anadit
 molt sanctament

per nom placent
 dona Maria
 y ab tal guia
 tambe Mauricia
 li ajustaren
 y nomenaren.
 La que nouicia
 ve ara al mon
 ha quants hi som
 molt gran conort
 fins ala mort
 complidament
 lo Omnipotent
 hon vulla dar
 y conseruar
 pera molts anys
 ab pocs afays
 de sa persona
 per la corona
 mes augmentar
 y conseruar
 ab llarga vida
 y ben complida
 dels seus amats
 y anomenats
 pares carnals
 Princeps reals
 y de gran nom.
 Estas donchs son
 que ab gran maña
 y traça estranya
 fetas estan.
 Las ques faran
 hous comtara
 Lo qui sera
 alli present.
 En compliment
 de quant he dit
 y referit
 satisfara
 y suplira
 ma voluntat
 y affectat

animo tal	ser tota via
y molt lleal	participant
ab que volgut	per que algun tât
qui no ha pogut	sen alegras
present estar	y aconsolas
al festejar	estant absent
desta jornada	
y alegria	

FINIS.

- 115) Verissima nueva, la qual trata de la preñez, y parto de / Doña Margarita de Austria Reyna de España, y del Triunfante Nacimiento del Principe nuestro Señor..... Con vn / Romance en alabanza del Principe, y Fiestas. Compuesta por Balthasar Gutierrez, Estudiante en Artes..... | & (Armada casa real). | Con licencia. | Impressa en Barcelona, en la Em- prenta de Iayme Cendrat. | Año 1605. || In-4.º, de 2 fs.

Omitido por Nicolau Antonio e Salvá.

- 116) Relacion verdadera, hecha y verificada por vn testigo de / vista Capellan de la Capilla Real de su Magestad, del Bau- tismo del Serenissimo Principe de España: celebrado dia de Pasqua de Espiritu santo deste presente año | de 1605. y de la entrada que se hizo al Almirante de Inglaterra: y de las fiestas que se hizieron. Impresso con licencia del Ordinario en casa de Honofre Anglada, en | la plaza de Junqueras. Vã- dense en casa de la viuda Trinxera en la Libreria. || In 4.º, de 2 fs.

Parece ser extrahido de algum volume de maior tomo.

- 117) Avgvstissimo Hispaniarvm principi recens nato Philippo Dominico Victorio Austriaco, Philippi hoc nomine secun- di Lusitanie Regis F. expectatissimo Nata litum Libellum dedicat Academia Conimbricensis. | Ivssv D. Francisci de Castro a Consiliis Catholice Majestatis, & eiusdē Academiae Rectoris. / (Arm. port.) | Conimbrice, | Typis, & Expensis Didaci Gomez Loureiro Aca- demice, & Regis Architypographi. | Cum facultate Inquisitorum, & Ordinarij. | Anno Dñi 1606. || In-4.º, de 80 fs. num. no rosto.

Faltam-lhe as fs. 3—9 (com as licenças), segundo se-depreheende das assignaturas e da numeração de paginas.

Contem poesias latinas, portuguezas, hispanholas e italianas, — todas em louvor do principe.

Segundo se-lê em Innocencio (*Dicc. bibl.* III, pag. 109), a canção por-

tugueza, que occorre no v. da folha 50, é do poeta Gabriel Pereira de Castro, mui conhecido auctor da *Ulyssea*.

- 118) *Relacion del nacimiento | del nuevo Infante, y de la muerte y entierro de | la Reyna nuestra Señora. | Escrita en tres Romances por Andres de Claramonte. |*

In-fine: En Coimbra Impresso com licencia de la Sancta Inquisicion, | por Diogo Gomez de Loureyro. 1611. || In-4.º, de 4 fls. inn.

Omittido por Nicolau Antonio

- 119) *Cançam | ao nascimento del | Rey Nosso Senhor. | A que se deu o primeiro premio na Vniuersidade de Coimbra. ||*

S. l. e s. d., in-fol., de 3 fls.

Destacado de collecção. É um genethliaco a Philippe IV de Espanha e III de Portugal.

- 120) *Avqvstissimo | Hispaniarvm | principi | recens nato | Balthasari Carolo Dominico | Philippi hoc nomine III. Lusitanie Regis | filio expectatissimo | Natalitium Libellum dedicat Academia Conimbricensis. | Ivssv Francisci de Britto e Menezes & (Arm. port.) | Conimbricæ, superiorum permissv. | Typis, & Expensis Didaci Gomez de Loureyro..... | Ano Dñi 1630. || In-4.º, de 84 fls. num. no rosto.*

Faltam-lhe as fls. 2—11. Contem. poesias latinas, portuguezas, hispanholas e italianas, é um imperfeitissimo soneto em francez com que se remata a collecção. Innocencio aponeta-o, e Salvá tambem o cita sob n.º 175; com a só differença de dar-lhe mais 6 folhas para um *Genethliacum*, que aqui não apparece.

- 121) *Rimas varias | en alabanza del na| cimiento del Principe N. S. | Don Balthazar Carlos Domingo. | Dirigidas a la S. C. R. Magestad del Rey de | dos mundos, nuestro Señor. | Por Vicente de Guzman Suares. | (Arm. da casa real). | Em o Porto, cõ licencia. Por Juan Roiz de Año de 1630. || In-8.º peq., de 24 fls. inn.—50 pp.*

Dépois das licenças e de uma breve dedicatoria, occorre o seguinte *A quien lee*, que por curioso no seu genero merece transcripção:

« Amigo miron, si me pediste prestado loco, y calla, y quando no alabes el cuidado, encubre algun descuido, como huesped cortés en casa agena. Pero si me cõpraste, tuyo soy, haz lo que quisieres; solo te aduierto, q̃ no es cordura dizir mal de aquello, porq̃ diste tu-dinero. Y te pido q̃ a los mis señores, que juzgan lo q̃ no entienden, y sentencian por las reglas de su gusto, y por las lleyes de su passion, dës mis besamanos, y vale. »

— Seguem-se: dois epigrammas latinos do p. Francisco de Macedo, 15 sonetos (port. e hisp.) de Manoel de Sousa Continho, um religioso anonymo, licenciado Antonio de Campos Coelho, Francisco Borges da Veiga, senhora Sylveria, d. Seraphina de Castello Branco e Sousa, licenciado João de Medeiros Correa, Jeronymo Gomes da Silva, lic. Luiz de Mollo, lic. Antonio Raposo, Pedro de Noronha d'Andrada, d. Pedro de Cárdenas, lic. Jorge Soares Pereira, Manuel de Gallegos, e d. Francisco Mannel de Mollo, aos quaes todos responde Gusmão Soares com outros tantos sonetos e pelos mesmos consoantes; — um soneto de Juan Machado y Corbêra; *madrigal* de João d'Araujo, e *decimas* de fr. Zacharias Osorio, dr. Antonio Rebello de Brito, Francisco de Sá de Menezes, Hernando Manuel e p. João Nunes Freire.

Vem depois as *Rimas al principe*, contendo: um soneto e varias poesias em hispanhol, um soneto e uma canção em portuguez, e por ultimo um soneto em italiano.

Este opusculo é tido por Innocencio da Silva na conta de muito raro, o tanto que nunca poudo ver d'elle exemplar algum.

- 122) Disposiçam, l e ordem, pel- la qual se mo lstra como se celebrou o Baptismo l do senhor Infante Dõ Afonso, l filho DelRey D. Ioão o IV. l l Por João Campello de Macedo..... l *Com todas as licenças necessárias. l Em Lisboa. l Por Paulo Oraesbeck, Liureiro, l de Impressor das tres Ordens Militares. l Anno 1644. l* In-4.º, de 14 fls. inn.

Innocencio da Silva e Figanière dão-lhe 20 pag., o que em nosso exemplar se não verifica.

- 123) Relação do l baptismo do serenissimo l Infante Dom Affonso, filho del l Rey nosso Senhor. l (In-fino:) *Com todas as licenças necessárias, l na Officina de Domingos lopes Rosa Anno 1643. l* In 4.º, de 4 fls. inn.

Cit. por Figanière sob n.º 259, ainda que com leve differença no titulo.

- 124) Pelo ser^{mo}. infante de Portvgal l que naceo hoic sexta feira as sete l horas, o lvm quarto da manham l 21. de Agosto de 1643. l Estando El Rey Nosso Senhor nas fronteiras l de Alentejo, expedindo os exercitos contra Castella. l Soneto. l (*Assignado: Antonio Gomez de Oliueira.*)

S. l. e s. d., in-fol., de 1 só fl.

Não teve d'elle noticia Innocencio da Silva.

Costa e Silva faz elogios a este poeta, lamentando a perda da mór parte de suas composições; entretanto parece que teve sobejá razão d. F. Manuel de Mello quando a seu respeito escreveu: « Oliveira foi homem

estudioso, mas padeceu suas indigestões de Musa infeliz, procedida de frialdade de genio.»

- 125) Ao | serenissimo | infante de Portvgal | o senhor | dom Affonso | no dia solemnissimo de seu baptismo. | (Dous sonetos, assignados: Antonio Gomez de Oliveira).

S. l. e s. d., in-fol., de 1 só fl.

Cit. por Innocencio no *Supplemento*. São em merito inferiores ao precedente.

- 126) Varios | versos | ao felix nascimento, | do serenissimo Infante Dom | Pedro Manoel. | Dos Academicos a que | preside Dom Affonso de Meneses. | Dedicados | a Magestade da Raynha / | (Arm. port.) | *Em Lisboa com todas as licenças necessárias.* | Por Paulo Cruesbeeck. Anno de 1648. || In-4.º, de 28 fls. inn.

Contem, depois do soneto de dedicatória, as seguintes composições de Fr. Gregorio de Pina—(carmen);

Antonio Luiz d'Azevedo—(epigramma lat.);

Jorge d'Orta de Paiva—*carmen genethl.*;

Antonio de Miranda Henriques—*tetrastichon*;

Antonio de Mello de Castro, João Rodrigues de Sousa, Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, d. Antonio Alvares da Cunha, e João Nunes da Cunha—sonetos;

Antonio de Miranda Henriques—epigramma port.;

Manuel de Mello, Manuel Pires d'Almeida (em francez), Antonio de Mello de Castro, João Rodrigues de Sousa, Barth. de Vasc. da Cunha, Francisco Mascarenhas Henriques, Lourenço Saraiva de Carvalho, Manuel Gomes Serrano e d. Antonio Alvares da Cunha—sonetos em hisp.;

Ant. de Miranda Henriques—*canzone*;

Francisco de Faria Correa—*cançam*;

Manuel Pires d'Almeida—*oda*;

d. Ant. Alv. da Cunha—*madrigale*;

Antonio Carvalho Pimentel—*octavas* (em hisp.);

d. Luiz de Cisneros—*octabas e decimas*;

Ant. de Mir. Henriques—*romance genethl.*;

e Manuel Gomes Serrano—*romance*.

Como d'esta descripção se-depreheende, claro fica que cumpre corrigir a indicação dada por Innocencio da Silva sob n.º 1131 do vol. I. de seu *Dicc.*, indicação que elle provavelmente copiou da *Bibl. de Barbosa*. Antonio de Miranda Henriques nunca publicou reunidos os seus versos, o si o-houvesse feito teria de certo acrescentado — *hispanhoes* — ao pretenso título *Versos latinos, italianos e portuguezes*, porque é certo que compoz nesta

lingua e sobre este mesmo assumpto o — *Romance genethliaco* —, que acima se-citou. Barbosa pois induziu a êrro Innocencio, e este disse pouco assegurando que o opusculo é muito raro; similhante opusculo nunca existiu.

- 127) Aplauso | Vlysiponense | pello felice nacimiento | do serenissimo infan- | te Dom Pedro filho dos mui altos, | & poderosos Reys de Portugal | Dom João o quarto, & Dona | Luiza d'Gusmão la Buena. | No mes de Abril de 1648. | Dedicado | ao. conde da Torre | Dom Fernando Mascarenhas, | | Autor Manoel Gomes Serranno. | *Em Lisboa Com todas as licenças necessarias. | Na Officina de Domingos Lopes Rosa Anno de 1648.* || In-4.º, de 2 fls. inn.—50 pp.

As 100 oitavas, de que se-compõe este *Aplauso*, davam ao seu auctor o direito de ser contemplado no *Ensaio* de Costa e Silva.

Confessa Innocencio não ter podido vêr exemplar algum d'esto opusculo, cuja raridade fica por isso mesmo demonstrada.

- 128) Cançam | lirica | ao nacimiento do | serenissimo infante | dom Pedro. | Pelo Licenciado Bertholamen Rombo. |
(In-fine :) *Em Lisboa por Antonio Alvarez Impressor | del Rey N. S. 1648.* || In- 4.º, de 4 fls. inn.

E' obra de fr. Manuel das Chagas, tio do pretendido auctor.

Cit. por Innocencio da Silva.

- 129) Serenissimi | principis | D. D. | Petri | infantis | Portugallio | recentis nati | Carmen genethliacvm. | Authore P. M. Fr. Francisco a S. Avgvstino | Macedo Lusitano | (*Empr. do typogr.*) | Parisiis, | excudebat Dionysius Langlaeus, | in monte D. Hilarij, sub Pellicano. | M.DC.XLVIII. || In-4.º, de 4 fls. inn.— 16 pp.

- 130) Iardim | de Fanimor | Panegirico | ao felice nacimiento do Serenissimo | Infante D. Pedro, | Dedicado a muito alta, | & muito poderosa Senhora Dona | Lviza, Rainha, & Se- | nhora nossa. | Por Diogo Ferreira Figeroa (*sic*), criado, & | cantor delRey. | *Em Lisboa. | Com as licenças necessarias | Por Manoel Gomes d'Caru.º Anno | M.DC.XXXVIII.* || In-8.º, peq., de 54 pp.

Cit. por Innocencio. Muito raro.

Tomo II.

- 131) A estrella | de | Portugal, | o felis nascimento | da serenissima | infanta. | Dedicado ao muito alto, e poderoso | principe | senhor nosso, | por Antonio Marques Lésbio. | *Lisboa |*

com as licenças necessárias. | Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza. | Anno 1669. || In-4.º, de 2 fls.—27 pp.

Cit. por Innocencio. Poema genethliaco de 80 oitavas em honra da infanta d. Isabel..

- ✓ 132) Sylva | panegyrica | ao nascimento | da serenissima | princesa, | | Pelo doutor | Manoel Mendes de | Barbuda, & Vasconcellos. | Lisboa | com as licenças necessárias. | Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. Alteza | Anno 1669. || In-4.º, de 5 fls. inn.

Innocencio da Silva, copiando o êrro typographico de Barbosa, assigna a este opusculo a data de 1667.

- ✓ 133) Obelisco | portvgves, | cronologico, geneologico (sic), | e panegyrico (sic), | que | affectuosamente | construe | D. Antonio Alvares da Cynha. | Ao mais fausto dia, | que em muitos seculos | viu Lisboa, | no baptismo | da serenissima infante | D. Isabel Maria Iosepha, | | Lisboa. | Com todas as licenças necessárias. | Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Impres- | sor de Sua Alteza. Anno 1669. || In-4.º, de 2 fls.—130 pp.

- ✓ 134) Pyramide | natalicio, | y | baptismal. | A | la | soberana, magestad | de la serenissima reyna | D. Maria Francisca Isabel | de Saboya, | princeza de Portugal. | Delineava | D. Diego Enriquez de Villegas. | En Lisboa. | Con las licencias necesarias. | En la Empronta de Antonio Craesbeeck de Mel- | lo, Imp- | pressor de Sua Alteza. Año 1670. || In-4.º, de 2 ff.—140 pp.

- ✓ 135) Cançam | panegyrica | ao nascimento | do muyto alto, e muyto poderoso | principe N. S. | em 30. de Agosto de 1688. | | Por Joam Pereyra da Sylva, | | (Vinh.) | Lisboa, | na Officina de Miguel Deslandes, | | Anno de 1688. || In-4.º, de 9 ff. inn.

Cit. por Innocencio da Silva.

- ✓ 136) Berço | natalicio. | Dedicado ao felice nascimento, | do Augusto Primogenito | das | Magestades Lusitanas, | D. Pedro II. | & | D. Maria Sofia | Isabel de Neuvurg; | | (Arm. port.) | Escrevia-o | Florjano Freyre Cita-Cesar. | Lisboa. | Na Officina de Domingos Carneyro, | | Com as licenças necessárias. Anno 1688. || In-4.º, de 24 pp.

E' uma Sylva de Francisco Leitão Ferreira; cit. por Innocencio. Raro.

- ✓ 137) Proluzam | genethliaca | em os faustos auspicios do | nacimiento da Real Alteza | do principe herdeiro, e successor | dos

Reynos de Portugal | | (*Arm. port.*) | Por Inaymes Teot-
tônio de Naxera. | *Em Lisboa.* | | *Na Officina de Domin-*
gos Carneiro, ... | *Anno de 1689.* || In-4.^o, de 14 ff. inn.

É uma longa sylva de Antonio de Mattos Teixeira. Cit. por Inno-
cencio.

- 138) Canção Real | (*Arm. port.*) | Ao nascimento do principe | nosso
senhor. Em sabbado 22. de Outubro de 1689. | *Lisboa. Com*
as licenças necesarias. | *Por Domingos Carneiro,* |
Anno 1689. || In-4.^o, de 8 pp.

- 139) ☞ Feliz vaticinio, | y en horabvena | al señor rey de Portu-
gal, | del glorioso natalicio del serenissimo principe, | que ofre-
ce..... | D. Bartolomé Ponce de Leon, y Corruçaga,... |/
Soneto. | *S. l. e s. d., in-fol., de 1 só fl.*

- 140) Acentos lyricos | al feliz | nacimiento del | esclarecido Prin-
cipe, hijo Pri- | mogenito de los Soño- | res Reyes de Por- | tugal./
..... | Por | Don Jvan de Matos | Fragoso,..... | *S. l. e s. d.,*
in-4.^o, de 28 pp. todas tarjadas.

É uma sylva.

- 141) Augusta demonstracion, | y solemne festejo, | qve a la noticia
del | nacimiento de el | serenissimo principe de | Portugal | hizo
en la real corte de | Castilla | el m. ilust. S. D. Joseph | de
Faria, Embiado Extraordina- | rio de la Corona de Lusitania./
..... | A quien la dedica, ofrece, | y consagra D. Iuan de
Quevedo Arjona, | que le escrivia. ||

S. l. e s. d., in-4.^o, de 6 fs. inn.

Omitido por Nicolau Antonio.

- 142) Elugios | ao felice nacimiento do | serenissimo | infante de |
Portugal | Don Francisco Javier &c. | filho das inclitas mages-
tades | de | Don Pedro II. | & Dona | Maria Sophia | dedicados/
por Duarte Lopes Rosa | ao muy ilustrisimo senhor, | Don
Diogo de Mendonça | Corte Real | Enviado Extraordinario da/
coroa luzitana a corte da Haya. | Anno 1691. || *S. l. e s. d.,*
in-4.^o, de 2 fs.—8 pp.

Citado por Innocencio (*Dicc. bibl. tom. IX, pag. 154*), mas com infide-
lidade na transcripção do titulo. Opusculo muito raro.

- 143) ☞ Poema natalicio | en celebracion | del nacimiento | del muy
avgusto | señor Infante de Portugal, Hijo | segundo de la Ma-
gestad del señor | Rey Don Pedro Segundo | deste nombre, /
a quien se le dedica | | Don Martin Davila y Palomares.//
S. l. e s. d., in-4.^o, de 4 fs. num.

- ✓ 144) Festiva | demonstracion, | y regozijado aplavso, | que al Felicissimo Nacimiento de el | Serenissimo Señor Infante | D. Francisco, | | mandó hazer | en esta corte de Castilla el muy Ilustre señor Don Ioseph de Faria, | | a quien la dedica, y consagra | D. Jvan de Qvevedo Arjona, | que la escriuia. || S. l. e s. d., in 4.º, de 16 pp.

Traz no fim um soneto de fr. Luis Tineo de Morales.

- ✓ 145) Para dar fin | a los regocijos | con que el muy ilustre señor | D. Joseph de Faria, | | celebro el nacimiento | del serenissimo señor | Don Francisco Xavier, | infante de Portvgal, | | se represento la armonica | Zarçuela de la Vñda de Amor al mundo, con muy discretos saynetes, à que diò principio esta Loa, que escriuia, | | Don Ivan de Qvevedo Arjona. | Representòla la Compañia de Damian Polop. | *Impressa en Madrid. Año 1691.* || In-4.º, de 14 pp.

- ✓ 146) Loa | que represento la compañía | de Carlos Vallejo, el dia 22. | de Abril de 1695. | a la celebraeion | del feliz nacimiento | del s.º infante de Portvgal | D. Antonio | Francisco Ioseph, | hijo tercero | de los reyes de Portugal | Don Pedro II. | y Doña Maria Sophia Isabel. | Representandose la comedia | *Tambien se ama en el abismo*, | en casa del embiado de Portugal | Don Diego da Mendoza | Corte-Real. | || S. l. e s. d., in-4.º, de 4 ff. num.

- ✓ 147) Loa | en celebridad del feliz | Nacimiento de la Serenissima Infante | de Portugal el día 30. de Enero | de 1699. | Escreviola | Don Antonio de Zamora, | | con la qual | empieza el festejo de la zarzuela | de Endymion, y Diana, que en casa del Embiado | Extraordinario de Portugal | Diego de | Mendoza Corte-Real representa | la Compañia de Carlos Vallejo. | || S. l. e s. d., in-4.º, de 8 ff. num.

Tomo III.

- ✓ 148) ✱ Relacion, | de la forma en que el ex.º señor | conde de Assumar, | | participò | a la | s.ª emperatriz reyna, | el nacimiento de la | princesa Leonor, | hija primogenita de los s.ªs | reyes de Portvgal. ||

(In-fine:) *Barcelona: por Rafael Figueró,* || S. d. (1711?), in-4.º, de 2 ff. inn.

- ✓ 149) Horoscopo | felicissimo | do serenissimo | principe de Portugal | o senhor | Dom Pedro, | primogenito que concedeo o | Coo

para gloria da Monarchia Portugueza em | 19. de Outubro do
1712. | Aos muyto altos, e poderosos senhores reys | D. João
V. | & | D. Marianna Josepha | Antonia de Austria. | Escre-
veo | Jacinto Pacheco Robrilvo. | (*Vinh.*) | *Lisboa*, | *Na Officina*
de Antonio Pedrozo Galvão. | *Com as licenças necessarias.* Anno
1712. || In-4.º, de 24 pp.

O verdadeiro nome do auctor é Paschoal Ribeiro Continho. Cit. por
Innocencio da Silva.

- 150) A | imagem do sol | felizmente nascido na mayor | das Es-
pheras Lusitanas, & obsequiosamente cele- | brado na melhor
parte do mundo, | construida | no nascimento do |
Serenissimo Principe, | | segundogenito | das ma-
gestades de | D. João V. | | e de | D. Marianna de
Austria, | | Por | Fr. Antonio de Sam Caetano. | ||
Lisboa. | *Na Officina de Antonio Pedrozo Galvão.* | *Com as licen-
ças necessarias.* Anno 1712. || In-4.º, de 22 pp.

Omittido por Innocencio. É uma sylva extensa.

- 151) Obsequiosa | demonstração, | com que as quatro | partes do
mundo festejaram o felis | nascimento do Serenissimo Prin-
cipe | D. Pedro | | por Alvaro Pereyra de Castro. /
(*Vinh.*) | *Lisboa.* | *Na Officina de Miguel Manescal,* | |
Anno de MDCC.XIII. | *Com todas as licenças necessarias.* | In-
4.º, de 12 pp.

Omittido por Innocencio. Consta de uma sylva, decimas e um ro-
mance.

- 152) Clemens | Papa XI. | Charissimo in Christo Filio nostro | Joan-
ni Portugallia, & Algar- | biorum Regi illustri. ||

S. l. e s. d., in-fol. de 1 só fl.

Traz no fim: *Datum Romæ &c. Die III. Junij 1713.* | Jo: Christopho-
rus Battellus. |

É a charta em que o Summo Pontifice dá parabens a elrei pelo nas-
cimento do principe d. Pedro.

- 153) Copia | de hvma carta, | que se escreveu de Utrecht a Lis-
boa, | na qual se dá noticia da solemnidade, com que os | ex-
cellentissimos senhores | conde de Tarouca, | & | d. Luis da
Cunha, | | celebrarão o Augusto nascimento do |
..... Principe do Brasil | Dom Pedro, | | (*Arm. port.*) |
Lisboa. | *Na Officina de Joseph Lopes Ferreyra,* |
M.DCC.XIII. | *Com todas as licenças necessarias.* || In-4.º, de
11 pp.

quências da revogação do edito de Nantes foi procurar abrigo e protecção em côrtes estrangeiras, e parece haver fixado seu domicilio em Hollanda nos fins do seculo XVII. Entretanto, si ahí figura entre outras a — *Relation des fêtes données par le duc d'Ossone, en 1713, pour la naissance du prince Ferdinand de Castille. Utrecht, 1714, in-8.º fig.* —, nem uma palavra se-diz sôbre o opusculo de que aqui se-tracta, e é alíaz certissimo que o mesmo Chevalier foi auctor de ambos, como se-deprehende da primeira charta d'esta *Relation*, que começa assim:

« Mademoiselle. Je ne scai si c'est pour me flatter que vous me marquez, que vous avez lu avec plaisir la Relation que je vous ai envoyée des Fêtes de Son Excellence Monseigneur le Duc d'Ossone: & »

O nosso opusculo consta de uma dedicatória ao conde de Tarouca e de 7 chartas dirigidas todas de Utrecht, a primeira e a segunda sem data, a terceira de 2 de Fevereiro de 1714 e a ultima de 20 de Julho do mesmo anno.

As estampas que o-accompanham são em numero de treze, gravadas a agua forte e a buril, e sem indicação alguma por onde se-conclua quem as-fez. Representam;

1. *O banquete.* 0^m,115 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á esquerda —
Pag. 21. —
2. *A comedia.* 0^m,113 de alt. × 0^m,137 de larg. No alto á direita —
Pag. 22. —
3. *O baile.* 0^m,114 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á esq. — Pag. 25. —
4. *A tragedia.* 0^m,113 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á esq. —
Pag. 39. —
5. *O 2.º baile.* 0^m,113 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á direita —
Pag. 42. —
6. *A planta do salão.* 0^m,113 de alt. × 0^m,066 de larg. No alto á esq. — Pag. 47. —
7. *O passeio em trenós.* 0^m,114 de alt. × 0^m,139 de larg. No alto á direita — N.º 1. Pag. 52. —
8. *A passeiata nas ruas.* 0^m,113 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á dir. — N.º 2. Pag. 52. —
9. *O passeio dos yachts pelos canacs.* 0^m,114 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á esq. — Pag. 69 N. 1. —
10. *A illuminação da torre.* 0^m,115 de alt. × 0^m,138 de larg. No alto á esq. — Pag. 69. N.º 2. —
11. *A symphonia á noite.* 0^m,114 de alt. × 0^m,136 de larg. No alto á esq. — Pag. 71. —
12. *A retirada dos musicos.* 0^m,114 de alt. × 0^m,137 de larg. No alto á esq. — Pag. 73. —

13. *Uma medalha.* 0^m,035 de diametro. No anv. — JOANNES. ET. MARIA ANNA. D. G. REX. ET. REGINA. LUSITANIÆ. —; no rev. — UNUS. OMNIUM. VOTIS. — NATUS. D. XIX. OCT. M.DCCXII. —

Sôbre quem fôsse o gravador d'estas estampas, que além de curiosas não deixam de ter seu merito artistico, debalde interrogamos os livros especiaes. Falla Heineken d'um Nicolas Chevalier esculptor e discipulo de Girardon, que gravou além de outras cousas quasi todo o gabinete de seu mestre, e deu á luz em 1692 a *Histoire métallique de Guillaume III*; é sem duvida o nosso antiquario, mas este nunca foi discipulo de Girardon como bem pondera Brulliot (n.º 2102 da parte II.) Cita o mesmo Brulliot sob n.º 2100 outro Chevalier, que não sabe si é o precedente, « graveur en médailles et réfugié français », que ainda vivia em Amsterdão no anno de 1705; tambem parece ser o auctor da nossa *Relation des fetes*, mas calam-se ambos, e o mesmo fazem Nagler e Le Blanc, sôbre as estampas, a que nos-referimos.

Pudera este silencio valer de pouco si tivéssemos outros esclarecimentos; mas Chevalier em seu opusculo nos-diz simplesmente á pag. 16, á cerea da medalha: « Voici à present la pensée d'une Médaille que j'ai faite (*) sur cette naissance. » A' pag. 25 diz ainda sôbre as estampas: « Vous me demandez, Mademoiselle; la planche de ces Contredances: mais vous ne consultez pas ma bourse, qui n'est gueres en état de faire tant de depenses. Cependant vous demandez les choses de si bonnes graces qu'on ne sçauroit vous refuser. La voilà. » A' pag. 69 accrescenta: « cette planche que j'ai fait graver exprès. », e pouco mais adiante, á pag. 71, « la planche ci jointe, que j'ai fait dessiner. »

O que d'aqui se-conclue é só que Chevalier não foi o gravador das 12 peças descriptas, e que ainda quanto á medalha é licito duvidar si elle se-limitou a dar-lhe o pensamento ou si de facto a-gravou.

Nada mais podemos por emquanto assegurar a este respeito.

V. 159) In. natalem | infantis. Portugalliae | | magnificentissime. cultum | ab | illustrissimo. et. excellentissimo. domino | Joanne. Gomesiô. da. Silva | comite. de. Tarouca | |

(Infra:) Trajecti. ad. Rhenum. die. XIII. Julii. | anni M.DCC.XIV. | Magnus Roennow. | Ex Officina Guillelmi Van de Water Academiae Typographi. || Gr. in-fol., de 1 fl.

Estes versos latinos vieram transcriptos e traduzidos de pag. 75 a 80 na *Relati.n* de Chevalier.

(*) Deve notar-se que pelo menos o reverso d'esta medalha é cópia quasi servil do da medalha gravada por ocasião do nascimento do principe de Galles em 1688, e que se-acha representada á pag. 64 da *Hist. mét. de Guillaume III*.

- 160) Famæ et honori | excellentissimi & illustrissimi domini, | Jo-
hannis Gomesii de Sylva, | comitis Taroucæ,..... | | quum
occasione nativitatis | infantis regii, | secundi natu, Festivita-
tes, | institui & cum omnium applausu perfici cu-
rasset | die XIII Julii, Anno MDCCXIV. |

(Infra:) *Henricus Brink, Frisius* | | *Trajecti ad Rhenum, ex Of-
ficina Guilielmi Van de Water, Academiæ Typographi.* ||

E' uma folha de fol.

Tambem estes versos latinos vieram transcriptos e traduzidos na *Re-
lation* de Chevalier, de pag. 81-89.

- 161) Lettre | ecrite à une Dame avec une | relation | de la fete /
donnée à Vtrecht le 13. Juillet 1714. | Par | Son Excellence
Monseigneur le | comte de Tarouca | | pour | la naissance
d'un second Princee. || *S. l. e s. d. (Utrecht, 1714 ?), in-4.º, de*
1 fl. — 10 pp.

- 162) Clemens | papa XI. | Charissimo in Christo Filio nostro /
Joanni Portugalliæ, & Algar- | biorum Regi illustri. ||

(Infra:) *Datum Romæ &c. Die 10. Augusti 1714. | Io: Christophorus*
Battellus. |

S. l. in-fol., de 1 folha.

Nova charta de parabens pelo nascimento do segundo principe.

- ✓ 163) Ramalhete | apollineo, | que as nove Musas tecem | de varias
flores | em Nove Assumptos, | descubertos no nascimento | do
..... infante | o senhor | d. Joseph, | dedicado a | elrey n. s. /
Author | Francisco de Sousa de Almada. | (*Vinh.*) | *Lisboa, | na*
Officina de Antonio Pedrozo Galram. | Com todas as licenças ne-
cessarias. | M.DCCXIV. || In-4.º, de 8 ff. inn. — 36 pp.

Citado por Innocencio.

- 164) Applauso genetliaco | alla reale altezza | del signor | infante /
di Portogallo, | da cantarsi nel palazzo | dell' eccellentissimo
signore | marchese di Fontes | | Posto in musica | dal si-
gnor Domenico Scarlati | | (*Arm. port.*) | *In Lucca per Gi-*
rolamo Rabetti. 1714. | Con licenza de' Superiori. || In-4.º, de
20 pp.

- ✓ 165) Clemens | papa XI. | Charissimo in Christo Filio nostro /
Joanni | &.

(Infra:) *Datum Romæ &c. Die XIII. Julii 1716 | Jõ: Christophorus*
Battellus. |

In-fol. de 1 folha.

Terceira charta do pontifice por identico motivo. Vide n.ºs 152 e 162

- ✓ 166) Fiesta, | que se representò | al Nacimiento de el Serenissimo Señor | infante | don Pedro, | hijo de los muy altos, | y muy Poderosos Señores | don João el V. | y | doña Mariana Josepha | de Austria, | reyes de Portvgal, &c. | en el palacio de el excelentissimo | Señor don Pedro de Vasconcellos (sic), ... | | el Do- | mingo 12. de Septiembre de 1717. || S. l. e s. d., in-4.º, de 1 fl. — 8 pp.

Consta de um soneto em hispanhol (auctor não conhecido), uma *Glossa* também em hispanhol do mesmo soneto, outro em portuguez. (de Alexandre Metello de Sousa Meneses), a *Gloza* respectiva, e quatro decimas em portuguez.

As decimas e glosas pertencem a Francisco Diogo da Cunha e Vasconcellos, de cujo nome se não faz memoria em Barbosa, Innocencio, N. Antonio e Salvá.

- ✓ 167) ¶ Parahem do vniversal applauzo, | com que vulgarmente se lovvão os repetidos, & acertados festejos, que | se fizerão no Palacio do Excellentissimo senhor Pedro de Vasconcellos, Embaxador Extraordinario de Portugal nesta | Corte de Madrid, pello Nascimento do Serenissimo Señor Infante Dom Pedro, Filhó do muyto Alto, & muyto | Poderoso Senhor Dom João, o quinto, rey de Portvgal. | Soneto.

(Infra:.) *Por Alexandre Metello de Souza Meneses, Secretario D. S. E.* S. l. e s. d. (Madrid, 1717?), in-fol. gr. de 1 só folha.

E' o mesmo soneto, a que se refere o opusculo descripto sob n.º 166.

- ✓ 168) Loa | nueva, | que hizo para esta | fiesta Don Joseph de Cañizares, Capitan- | Teniente de Cavallos Corazas, y Commisario, | de las Reales Fiestas de el Rey | Catholico. | In-4.º, de 8 pp.

Parece tirado de algum volume de maior tomo.

- ✓ 169) Clemens | papa XI. | Charissimo in Christo Filio nostro | Joanni | &.

(Infra:.) Datum Romæ &c. Die IV. Augusti 1717. || S. l. e s. d., in-fol., de 1 só folha.

Declara o pontifice acceder ao pedido d'elrei, que o convidára para padrinho de seu filho.

- 170) Per la nascita del serenissimo | infante di Portogallo | quintogenito dell' invittissimi | Gio. quinto, | e | Maria Anna | d'Austria, | | Sonetto. |

(Infra:.) *In Messina Nella Cum. degli Eredi di Amico 1717.* | Imp. Castello V. G.) (Imp. Precimone R. P. pro Ill. de Fernan. P. || In-fol., de 1 folha.

171) La fama in trionfo. | Serenata | da cantarsi nel Porto di Messina per la Nascita | del Quinto | real genito | | Consecrata alle sue Maestà..... | dall' Vbbidente Genio di / Thomaso Theiscera Lial | Proveditor Generale | di tutta l'Armata: | | Poesia dell' Abb. Giovanne Ortolano | / Musica del Sig. D. Francesco Grillo | || *In Messina Nella Stamp. di D. Giuseppe Maffei, 1717* | || . In-4.º, de 12 pp.

✓ 172) ✠ A la magestad | de la señora reyna vinda, | doña Mariana | de Neubourg, | En ocasión de ser Madrina del recién nacido Infante de la Lusitania | Soneto. |

(Infra:) De D. G. V. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 folha.

✓ 173) ✠ Aclamacion festiva, con que explico su leal | afecto, celo, y rendimiento la Villa | de Madrid, obsequiando reverente la ocasión en que la Reyna.... | ... Doña Isabel Farnesio | | ... fue a dar Gracias a Nue- | tra Señora de Atocha, por el Nacimiento felice de la In- | fanta de España Doña Maria Ana Victoria..... || .

(In fine:) *Con licencia en Madrid: Año de 1718.* || In-4.º, de 2 fls. inn.

Es um romance.

✓ 174) ✠ Poema heroyco | al nuevo natalicio | del serenissimo señor | don Alexandro, | infante de Portugal. | | Escrito | por don Cypriano de Pina Pestana; | | *En Madrid. Año de 1723.* || In-4.º, de 2 ff. — 17 pp.

Consta de 66 oitavas.

✓ 175) ✠ Extasis metrico | de las Mvas | al pulsar Apolo en Lirico instrumento, | en armonico aplauso de las | Fiestas, que el Exc. Señor D. Antonio Gue- | des Pereyra, Embaxador de Portugal en la | Corte de Madrid, executò al prospero Natal | de su Quarto Infante, Nacido en Lisboa | a 24. de Octubre de este año de 1723. | Escribiolo el licenciado don | Fernando de Montobar; ... | || S. l. e s. d., in-4.º, de 6 ff. inn.

São lyras hispanholas.

✓ 176) ✠ La controversia | mas glosiosa, | serenata | a seis voces. | Con que celebra | el Embiado Extraordinario | de su S. M. a la Corte de Madrid, el glorioso | Nacimiento del Recien- nacido Infante | de Portugal. | Siendo padrinos | las Magestades del Rey Catolico. | don Phelipe quinto, | y la Señora | Reyna Vinda | doña Mariana de Neubourg. | Escri-

ta | por don Geronimo Val; | y puesta en musica | por don Joachin Landi. ||

S. l. e s. d., in-8.º, de 2 ff. -- 18 pp.

Consta de *Arias* diversas, em que são interlocutores Cupido, Pallas, Venus, Mercurio, Marte e Jupiter.

✓ 177) *Plausus | in natali die | augustissimæ | Berie principis | Olissipone feliciter natae | xvi. Kal. Januarii c1313ccxxxiv. |*
 | *Oblatus | à p. fr. Francisco Xaverio | à S. Teresa |*
 | (*Vinh.*)—*Olissipone occidentali: | Ex Novo Proelo Mauritiu Vicentii de Almeida. | c1313ccxxxv. ||* In-4.º, de 6 ff. inn.

Consta de varias poesias latinas e de um soneto em portuguez.

✓ 178) *A' felicissimo natalo | dell' augusta, e serenissima | prencipessa d' Abeira (sic) | primogenita | del' prencipe del' Brasile |*
nostro signore. | Sonetto. |

S. l. e s. d., in-fol. gr., de 1 folha.

✓ 179) *Annonzio felicissimo | della pace a tutta Europa | p' il nascimento della augusta, e serenissima | prencipessa d' Abeira (sic) |*
Sonetto. ||

S. l. e s. d., in-fol. gr., de 1 folha.

Impressão similhante á precedente.

✓ 180) *Votum | in natalibus | serenissimæ | principis Berie. | Epigramma. |*

(*Infra:*) *Dicat, & offert | Philippus Josephus da Gama. ||*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 folha.

✓ 181) *De infantis principis | Josephi | et | Marianæ Victoris | Portugalliæ principum filiae | faustissimo ortu..... | | Epigramma. |*

(*Infra:*) *Humillimus..... servus | Franciscus Carlucci..... | Romæ, Typis Bernabò, MDCCXXXV. Superiorum permissu. ||*

In-fol. gr., de 1 fl.

✓ 182) *A' serenissima senhora | princeza do Brazil | no felicissimo Nascimento | da... | ... infante* | sua filha | Soneto. |*

(*Infra:*) *O. F. R. L. |*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

✓ 183) *Vaticinio poetico | no feliz | nascimento | da... senhora | infante | segunda filha | do... senhor | d. Jozé | principe do Brasil. | Soneto. ||*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

- ✓ 184) Oração | panegyrica | | pelo nascimento | da princeza da Beira, | | pelo conde da Ericeira, | | em 7. de Janeiro de 1735. |

In-4.º, de 12 pp.

E' o n.º IV da *Collecção dos Documentos da Academia Real da Hist. portugueza*, anno de 1735.

- ✓ 185) Oração | panegyrica | no nascimento | da senhora | infanta, filha segunda | dos príncipes | nossos senhores, | em 7. de Outubro de 1736. | Que recitou | o conde da Ericeira, | ||

In-4.º, de 7 pp.

E' o n.º XXII. da mesma *Collecção*, anno de 1736.

- ✓ 186) Oração | ao príncipe | nosso senhor | pelo feliz nascimento da senhora | infanta, | quarta filha de s. alteza, | composta pelo | conde de Vimioso. ||

S. l. e s. d. (1746?) in-4.º, de 6 pp.

E' o 9.º conde de Vimioso, d. José Miguel João de Portugal.

- ✓ 187) Serenissima | princeps | d. Maria | | in die festo | S. Laurentii | martyris | sacro fonte expiatur. | Epigramma. |

(Infra :) A. F. M. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

E' talvez de Antonio Felix Mendes.

- ✓ 188) A sua reale maestà | | d. Giuseppe I. | | per il di Lui felice compleannos che corre nel gior- | no 6 Giugno l'anno 1761. | Canzone. |

(In-fine :) Mariano Borgonzoni Martelli, | Socio, e Censore dell' Arcadia Lusitana. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 3 ff. inn.

- ✓ 189) Per il felicissimo compleannos | dell' augustissima signora | donnâ Marianna | Vittoria | regina fidelissima. | Canto | | da | Mariano Borgonzoni Martelli. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 4 ff. inn.

Tomo IV.

- ✓ 190) Carta | da fidelissima magestade | de | d. Joseph I. | á santidade reinante de | Clemente XIII. | na qual lhe annuncia a feliz noticia do Nasci- | mento de seu Neto o Principe da

Beira. || = Reposta | de sua santidade | a | clrey nosso se-
nhor. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 2 ff. inn.

A primeira é datada de 21 de Agosto, e a segunda (em latim) de 22 de Setembro de 1761.

✓ - 191) Intimatio | facienda per cursores, | etiam domi dimissa
copia. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 2 ff. inn.

É o programma da cerimonia do baptizado do principe da Beira.
Assignado = *Antonius da Sylva e Faria, Ceremoniarum Praefectus*.

✓ 192) Preces | pro | felici partu | principis | nostrae | praegnantis,
post octavum mensem dicenda. |

S. l. e s. d., in-fol., de 2 ff. inn.

A duas tintas: preta e vermelha.

✓ 193) (Vinh.) Parabens | ao serenissimo | principe | da Beira. | pelo
seu faustissimo Nascimento, | publicados | por Francisco Luiz
Ameno. |

S. l. e s. d. (Lisboa, Typ. de F. L. Ameno, 1761), in-fol., de 1 fl. — 5
pp., com uma est. allegorica, e vinhetas.

Opuscula cit. por Innocencio no *Supplemento do Dic.*

A vinheta gravada a buril, que ocorre no alto da folha de rosto, re-
presenta o escudo das armas portuguezas sustentado por dois anjos alados,
dos quaes o do lado esquerdo sostem o escudo propriamente dicto, e o do
lado direito a coroa; trez anjos menores desdobram o manto real, e outro
reclinado á esquerda e embaxo, tem em suas mãos o sceptro. Do mesmo
lado e juncto á margem inferior: — *A. Gramignani del. et scul.* — 0^m,185 de
larg. × 0^m,097 de alt.

Ha mais duas vinhetas menores na pag. 1., sem indicação de gra-
vador.

A estampa allegorica representa o seguinte: Sôbre um pedestal á es-
querda, sentada sob um docel e de perfil, a princeza-mãe estende os braços
para a direita para receber o principe-menino, o qual lhe é trazido por um
anjo alado, que vem sôbre nuvens. Cêres, que de pé, juncto ao pedestal,
apoia sôbre elle a cornucopia cheia de fructos, offerece com a mão esquerda
ao mesmo principe trez espigas de trigo. Outras figuras completam a
composição, que está toda dentro de uma larga tarja ornada de florões.

No alto e no meio, dentro de um cartuche — *ORTUS PRINCIPIS BEIRAE*;
em baxo, aos lados de um escudo portuguez — *EX JOSEPHI I. LYSITANO-
BVM REGIS | FIDELISSIMI VIRTUTIBUS, NEPOTIS EJUS | FELICISSIMI VIRTUTES
AUGURATUR* —; no canto inferior e direito — *Franciscus Aloysius Amenus.* —
Dimensões da chapa: 0^m,282 de alt. × 0^m,198 de larg.

Nenhuma indicação de gravador, nem data. Quanto a ésta não resta dúvida de que se-lhe deve assignar a de 1761, porque a estampa é toda allusiva ao nascimento do principe, que occorreu nesse anno: quanto porém ao artista que a-executou, a certeza não pode ser igual. Presumimos descobrir neste trabalho o buril de G. F. L. Debrié, mui provavelmente o filho; mas ésta opinião emittimo-la a medo por nos serem desconhecidas as circumstancias da vida d'este gravador, que como seu pae trabalhou em Portugal, e ahí ficou esquecido sinão quasi totalmente ignorado dos iconographos.

Raczynski, que seguindo a Cyrillo V. Machado, faz memoria de ambos os Debriés, pae e filho, limita-se a indicações geracs, e confessa que nem sabe distinguir-lhes as obras, porque as assignavam de modo identico. A de que se tracta neste logar supponho fosse do filho pura e simplesmente pela data de sua execução, e ainda assim nos é impossivel por enquanto garantir que não pertença ao buril de outro gravador da mesma escola.

- ✓ 194) (*Arm.*) Oração | a elrey n. senhor | pelo feliz nascimento | do principe da Beira | seu neto, | composta | pelo marquez de Valença. ||

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 2 ff. inn.

E' o 3.º marquez d'este titulo, d. José Miguel João de Portugal.

Opusculo não cit. por Innocencio.

- 195) Ao serenissimo | principe da Beira | na occasião do seu feliz nascimento. |

(In-fine:) *D. Maria Michaella dos Prazeres.* —

S. l. e s. d., in-fol., de 2 ff. inn.

Auctor omittido por Innocencio.

- ✓ 196) (*Vinh.*) Orasam congratulatoria | a elrey noso senhor | Pelo Felicissimo Nascimento | do principe da Beira | seu Neto | por Manoel Simões Barruncho | Presbitero Secular. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 2 ff. inn.

Op. omittido por Innocencio.

- ✓ 197) Discurso | em | acção de graças | a S. M. F. | sobre o faustissimo nascimento | do | serenissimo senhor | principe | da Beira. / Por hum seu fiel Vassallo em nome de toda a | Nação Portuguesa. | *Lisboa*, | Na Offic. de Miguel Rodrigues, | / *M.DCC.LXI.* | ||. In-4º, de 21 pp.

- ✓ 198) Obsequioso jubilo | de | Portugal, | sendo geral a alegria, com que este | Reyno festeja ao | faustissimo nascimento | do serenissimo | principe da Beira | d. Jozé Francisco Xavier | de

Paula Domingos Antonio | Agostinho Anastacio. |
 (Vinh.) | Lisboa: MDCCLXI. | Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. | || In-4.º, de 8 pp.

Traz no fim esta subscrição: *De hum pobre tão pobre, que nem nome tem.*

- ✓ 199) Oração, | que na occasião | do nascimento | do | príncipe | da Beira. | escreveu | Jozé Caetano de Mesquita. | Lisboa, | Na Offic. de Miguel Rodrigues, | | M.DCC.LXI. | || In-4.º, de 1 fl. — 26 pp.

Citado por Innocencio.

- ✓ 200) Oração | panegyrica, | o eñcomiastica, | que fez | ao serenissimo senhor infante | d. Pedro | Na occasião do felicissimo Nascimento | do serenissimo | príncipe da Beira | Fr. Joaquim de S. Anna, | Ermita de S. Paulo, Prégador de Sua Alteza. | (Vinh.) | Lisboa, | Na Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno. | MDCCLXI. || In-4.º, de 11 pp.

Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 201) Gostos | de | Portugal | ao feliz Nascimento do Serenissimo Príncipe | da Beira | dom Jozé | nosso senhor. | (Vinh.) | Lisboa, | Na Officina de Pedro Ferreira, | | Anno de M.DCC.LXI. | || In-4.º, de 8 pp.

Compõe-se de um *Elogio gratulatorio* assignado por *Manoel Ferreyra Leonardo*, e 5 sonetos. Innocencio não aponta este *Elogio* entre as obras do auctor.

- ✓ 202) Te Deum laudamus | em | acção de graças | pelo feliz nascimento | do príncipe | nosso senhor. | Por | Jozé de Seixas e Vasconcellos, | Cavalleiro professo na Ordem do Christo, e Servidor da | Toalha de Sua Magestade, &c. | (Vinh.) | Lisboa, | Na Officina de Miguel Rodrigues, | | M.DCC.LXI. | || In-fol., de 11 pp.

Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 203) Genethliacon, | siye | carmen natalitium, | quo | Beris principis | natalis dies á Lusitania | celebratur. | Compositum | ab Emmanuele Pereira da Costa, | Regio Latine lingue Professore. | (Vinh.) | Olisipone, Typis Patriarchalibus Francisci Ludovici Ameno. | M.DCC.LXI. || In-fol., de 7 pp.

Cit. por Innocencio. A vinheta da folha de rosto representa o escudo d'armas portuguezas, e traz á margem: *Hieronimus Rossi delin. Sculp. Romæ.* Duas outras vinhetas occorrem á pag. 3.

- ✓ 204) Augustissimo | Bericæ principi | d. d. Josepho, | &c. | Tutelari Lusitani Imperii vindici | Lusorum votis à Deo dato | poema / genethliacum | ad venustatem Claudianam compactum | á | p. Theodosio | Firmannele de Lima, | Presbytero Bahiensi. | (Vinh.) Ulyssiponne, | ex Prælo Michaelis Manescal da Costa, | Sancti Officii Typographi. | Anno M.DCC.LXI. | Cum facultate Superiorum. || In-4.º, de 3 ff. inn. — 10 pp.

Auctor natural da Bahia; omitido por Innocencio.

- ✓ 205) Carmen genethliacum | in natali serenissimi | Bericæ principis. ||

(Infra:) Cecinit Carolus Holzman. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 1 fl.

Poesia latina, e talvez por isso omitida por Innocencio entre as obras do auctor.

- ✓ 206) In felicissimo | natalitio | principis | lætantur carcerati, | & carcera nitent luminibus. ||

(Infra:) P. N. F. P. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 1 fl.

São trez epigrammas latinos.

- ✓ 207) In regii natiuitate principis, | ter maximæ Brasilie principis filii, | et fidelissimi Lusitaniae regis nepotis. | Epigramma ||

(Infra:) P. Josephus Cardoso da Sylva Motta | ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 208) Breve | Lusitaniae | carmen, | sui voti perfectione | exsultantis. |

(Infra:) Scribebat J. M. R. L. |

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol. de 1 fl.

- ✓ 209) No nascimento | do serenissimo principe | da Beira, | dado por Deos ao reino de Portugal | no anno de 1761, como se vê nas letras maiusculas do | seguinte chronostico: | Mas OVLVs
à Deo prInCeps: | Epigramma, in quo Lysiam alloquitur vates. |
(In fine:) Fr. Francisco Xavier de Santa Theresa. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 2 ff. inn.

Contem, além do epigramma latino, um soneto genethliaco, e uma decima ao principe d. Pedro. Não cit. por Innocencio entre as obras do auctor.

- ✓ 210) Epigramma. | Lisboa: | Na Offic. de Antonio Vicente da Silva. | Anno 1761. | Com todas as licenças necessarias. || In-4.º, de 8 pp.

A.º pag. 2 occorre: — Canto unico. Expõem hum Religioso politico a

Obra a hum Aldeão, e lhe satisfaz as perguntas, por occasião de se acharem na sua quinta —, o qual consta de 23 oitavas, e 15 decimas.

✓ 211) Ao senhor infante | d. Pedro | pelo feliz nascimento | do príncipe da Beira | son filho. | Soneto. |

(Infra:) *Do Marquez de Valença.* |

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 1 fl.

E' o 3.º marquez d'este título. Publicação não citada por Innocencio.

✓ 212) A' rainha, | e á princeza do Brasil | nossas senheras | pelo feliz nascimento | do príncipe da Beira. | Soneto. |

(Infra:) *Do Marquez de Valença.* ||

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 1 fl.

E' o mesmo auctor.

✓ 213) Ao feliz, e suspirado nascimento | do | príncipe da Beira | nosso senhor. | Soneto. — Versio latina. |

(Infra:) *De Francisco Antonio Pinheiro da Fonseca.* |

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol. de 2 ff. inn., a duas tintas.

Auctor omittido por Innocencio.

✓ 214) Ao feliz nascimento | do suspirado príncipe. | Soneto. ||

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 1 fl.

✓ 215) Em louvor | do | nascimento | do serenissimo senhor | príncipe | da Beira. | *Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues, | | M.DCC.LXI. | ||* In-4.º de 2 ff. inn.

E' um soneto, e traz no fim a assignatura — *Por Antonio Francisco Placido.* — Auctor omittido por Innocencio.

✓ 216) Em demonstraçam do jubilo, | como preciso obsequio | ao nascimento do suspirado | príncipe. | Soneto |

(Infra:) *Per Fr. Joseph Faustino.* ||

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 1 fl.

Auctor não contemplado no *Dicc. bibl.*

✓ 217) Ao muito alto, | o muito poderoso rey de Portugal | d. Jozé I: | Nosso Senhor | ao felicissimo nascimento | do serenissimo Senhor d. Jozé | príncipe da Beira. | Soneto. |

(Infra:) *De Antonio de Amorim Pereira.* ||

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 1 fl.

Auctor omittido no *Dicc. bibl.*

✓ 218) Ao augusto, | e felicissimo nascimento | do príncipe | nosso senhor. | Soneto. |

(Infra:) *De Antonio de Amorim Pereira.* ||

S. l. e s. d. (*Lisboa*, 1761?), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 219) Ao | felicissimo | nascimento | do serenissimo | principe | da
Beira. | Soneto. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 220) Ao feliz, appetecido, | e angusto nascimento | do | principe |
da Beira. | Soneto. |

(Infra:) De Fr. Manoel da Madre de Deos Batalha. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 221) Interlocução | das quatro partes do mundo | Europa, Asia, |
America, e Africa | ao feliz Nascimento | do serenissimo prin-
cipe da Beira | d. Joseph. | Soneto. |

(Infra:) Por F. F. A. de S. J. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?) in-fol., de 1 fl.

- ✓ 222) O Theatro do Bairro Alto | applaude | o feliz nascimento |
do serenissimo | principe da Beira | Com o Drama intitulado
O Baile Mascarado representado em mu- | sica pelos Comicos
Italianos, com grande numero de Instru- | mentos sonoros, e
primorosas Danças de Nacionais, | e Estrangeiros. | Soneto. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 223) A' serenissima | princeza | Offerecendo a Deus no Templo,
ao | principe n. s. | Soneto. |

(Infra:) João Perez de Macedo de Sousa, Tavares. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?) in-fol., de 1 fl.

Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 224) Ossequiosi | tributi di giubilo, | che nell' occasione | del feli-
cissimo Parto | della | principessa del Brasile, | e nascita
del..... | principe di Beira, | Offre, | | D. Pietro/
Antonio Contarini. | (Vinh.) | Lisbona, | Nella Stamperia Pa-
triarchale di Francesco e Luigi Ameno. | MDCCCLXI. | |
In-4.º, de 20 pp.

Consta de 6 sonetos, uma poesia intitulada Sogno — e um Anacreontico.

- ✓ 225) Ao felicissimo nascimento | do serenissimo | principe | da
Beira. | Soneto. ||

(In-fine:) De Francisco Xavier Figueira de Araujo. ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761?), in-4.º, de 2 ff. inn.

Contem mais trez sonetos: um ao mesmo assumpto, um ao principe
d. Pedro, e outro a princeza.

Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 226) Alegrias | de | Portugal | no feliz nascimento | do | prin-
cipe da Beira, | offerecidas | | Por | Francisco Franco

Ferreira (sic). | (Vinh.) | Lisboa: MDCCLXI | Na Officina de
Ignacio Nogueira Xisto. | || In-4.º, de 8 pp.

Consta de nove glosas, um soneto, e septe decimas pastoris.

Auctor omitido por Innocencio, talvez pelo pouco que o recommendam
seus versos.

- ✓ 227) Historica relação | da alegria da corte, e contentamento | do
Povo, pelas festas de Touros, que em tres dias | se cele-
brarão na magnifica Praça de Belem, pelo feliz Nascimento/
do senhor | d. Jozè | | Principe da Beira Nosso
Senhor. | Oitavas. ||

(In-fine: Lisboa: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. | Anno de
1761. | || In-4.º, de 8 pp.

São 30 oitavas, das quaes a ultima dá perfeita idea dos recursos ly-
ricos do auctor, e é como se segue:

« Isto, ó Leitor, he huma curiosidade
Da minha caximonia, e fraco engenho;
Se hei de estar sempre n'uma ociosidade,
Faço o meu verso, quando tempo tenho:
Agora que se gaste em quantidade
O papelinho he todo o meu empenho;
Pois se de obra tal grangeio eu, China,
Digo que o ser Poeta he uma mina. »

- ✓ 228) Elogio | humillimo | Ao Nasci- | mento | do | prin-
cipe da Beira | | Offerecido | á | rainha n. s. | por | d.
Catharina Damasia Borges Teixeira. | (Vinh.) | Lisboa, | Na
Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. | M.DCC.LXI. |
..... || In-4.º, de 3 ff. inn. — 5 pp.

Consta de uma dedicatória em prosa, e do Elogio em quadras assoantes.
Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 229) Applausos | da gloria | lusitana | no suspirado, | nasci-
mento | do | | principe | da Beira | Por | Vicente | da
Cunha Lima. | Umbram (Vinh.) nescit. | Lusia nitorem suscepit
solis ab ortu, | Occasum ideirò nesciet illa suum. |

(In-fine:) Lisboa, | Na Officina de Manoel Antonio Monteiro. | Anno
M.DCC.LXI. | || In-4.º, de 8 ff. inn.

Consta de cinco sonetos, um epigramma latino, e doze decimas.

Auctor do qual se não acha memoria no *Dicc. bibl.*

- ✓ 230) In occasione | del pubblico universale giubilo | per la nasci-
ta | del principe primogenito | delle loro Altezze Reali | |
Rime Latine, Italiane, e Franceze, | | dal ab. | d. Casi-

miro Giambattista Agnelli. | (Vinh.) | Lisboa, | Nella Stamperia di Francesco Luigi Ameno. | MDCCLXI. | In-4.º, de 16 pp.

Consta de uma dedicatória em prosa, 7 sonetos em italiano, dous epithalamios em francez, dous epigrammas e um *distichon* em latim.

- ✓ 231) Jubilos festivos | de | Portugal, | e suas conquistas: | ao nascimento | do..... príncipe da Beira | dom Jozé | | Por soror Thomasia Caetana | de Santa Maria, | Religiosa no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa. | Dados à luz por seu Pay | Manoel de Mira Valadam, | Cirurgião approvado nesta Corte. | Lisboa, | Na Officina de Pedro Ferreira,..... |Anno do Senhor 1761. | || In-4.º, de 8 pp.

Consta de dous sonetos, 14 oitavas de glosa a um d'elles, e no fim um soneto de Caetano Francisco Xavier de Zuniga em louvor de soror Thomasia.

Nomes omittidos por Innocencio.

- ✓ 232) Applauso | metrico, e festivo | em dois sonetos offerecidos / aos Annos, e Desposorios | do... senhor infante | d. Pedro, | e agora repetidos, e glosados | ao..... Nascimento | do | príncipe | recém nascido, | por | Luiz Antonio da Cunha Dessa, / Governador que foy de Cabo Verde. (Arm.) Lisboa, MDCCLXI. || In-4.º, de 16 pp.

- ✓ 233) Sendo assumpto | o felicissimo parto | da princeza | nossa senhora, | convida o Author as Tagides para mayor | solemni-
dade do dito. | Soneto. || (Infra:) A. R. de A. || S. l. e s. d. (Lisboa, 1761), in-4.º, de 2 fls. inn.

Na 2.ª folha ocorre outro soneto ao mesmo assumpto, e tambem assignado A. R. de A., que são provavelmente as iniciaes de Antonio Rodrigues d'Almada.

- ✓ 234) Fallas | dos quatro elementos | ao... nascimento | do serenissimo | príncipe da Beira. || (In fine:) Por F. F. A. da S. J. | S. l. e s. d. (Lisboa, 1761), in-fol., de 2 fls. inn.

São quatro sonetos.

- ✓ 235) Na publica festividade de tourós, | Que em applauso do felicissimo Nascimento | do serenissimo | príncipe da Beira, | Se faz na Praça de Belem no dia 24 de Setem- | bro de 1761 por ordem do supremo Senado da Camera. | Falla Neptuno' conduzido em triumpho, neste | Soneto. || —Idem. Falla Iris, conduzida em triumpho, neste | Soneto. || =Idem. Falla Marte, & = Idem. Falla Jupiter, Juno, e Mercurio & || S. l. e s. d. (Lisboa, 1761), in-fol.

São 4 fls., todas da mesma impressão e mui provavelmente obra do mesmo auctor.

- ✓ 236) Ossequioso contrasegno | di giubilo, e congratulazione | per il felice natale del | principe della Beira, | || (Infra :) *Mariano Borgonzoni Martelli.* |

S. l. e s. d., (Lisboa, 1761), in-fol., de 2 fls. inn.

Contem um soneto e uma canção.

- ✓ 237) Hasgo metrico | em obsequio | Do... Nascimento | do.... principe | o senhor | d. Jozé, | | por | Manoel da Conceição. | Lisboa, | na Offc. de Miguel Rodrigues, | | M.DCC.LXI. | || In-4.º de 14 pp.

Consta de uma brevê dedicatória em prosa, e de uma poesia intitulada—*Cânçãoes reaes.*

Cit. por Innocencio.

- ✓ 238) Prazeres | lusitanos | Ao feliz Nascimento do..... Principe da Beira nosso Senhor,..... | Romance heroico. | (Infine :) *Por hum Anónimo.* ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761), in-4.º, de 2 fls. inn.

Consta do romance e de um soneto.

- ✓ 239) To | mr. David Purry | on | his elegant entertainment. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

E' uma curta poesia em inglez.

- ✓ 240) No felicissimo nascimento | do serenissimo senhor | d. Joseph principe da Beira. | Romance heroico. || (Infine :) *Por Manoel Antonio Castello-branco,* ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1761), in-fol., de 2 fls. inn.

E' talvez o mesmo p. Castello branco citado por Innocencio á pag. 358, vol. V., do *Dicc. bibl.*

- ✓ 241) Egloga, | ou genethliaco pastoril | ao | nascimento | do / novo principe | por | Francisco de Pina e de Mello. | | Interlocutores | Alberto—Terencio —| Pélaiio. | Coimbra : | Na Real Imprensa da Universidade anno de 1762. | || In-4.º de 47 pp.

Cit. por Innocencio.

- ✓ 242) Lincea. | Ecloga | ao feliz nascimento | do | serenissimo | principe | da Beira n. s. | Por | Domingos dos Reis Quita, Sócio da Arcadia Lusitana, | Interlocutores | Dorindo, e Alcino. | (Vinh.) Lisboa, | Na Officina de Miguel Manescal da Costa, | Anno 1762. | || In-4.º de 11 pp.

- ✓ 243) Portugal | venturoso | com o feliz Nascimento | do serenissimo
senhor | d. Jozé..... | | príncipe da Beira; | | (*Arm.
port.*) | Lisboa: | Na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto. | Anno de
1761. | | In-4.º, de 8 pp.

E' uma sylva pastoril em que são interlocutores Sylvano e Lypcio.

- ✓ 244) Egloga | pastoril | de | Ambrozio, e Julio, | praticando a res-
peito | das glorias do Portugal | no feliz, o suspirado | nasci-
mento | do invicto, augusto, | e esclarecido | príncipe da Beira |
nosso senhor. | Por Antonio Joaquim de Carvalho. | (*Vinh.*) |
Lisboa: MDCCLXI. | Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. |
..... || In 4.º, de 15 pp.

Cit. por Innocencio no *Supplemento*. Opusculo muito raro.

- ✓ 245) (*Vinh.*) Dezejam os fieis corações | Portuguezes applau-
dir o suspirado Nascimento. | em que dando a | serenissima
senhora | princeza do Brazil | Augustissima successão a Por-
tugal, lhe.as | segura a mayor gloria. | Cançam Real. | (In-fine:)
Joaquim Simpliciano do Couto. || Lisboa: | Na Officina de Anto-
nio Vicente da Silva. | Anno de 1761. || In 4.º, de 7 pp.

Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 246) Ecloga | no felicissimo, e sempre plausivel nascimento | do.../
príncipe da Beira | nosso senhor | Lerenô. | (In-fine:) Lisboa, |
Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. | MDCCLXI. |
..... || In-4.º, de 8 pp. sendo a ultima inn.

E' do Pedro José da Fonseca. Cit. por Innocencio.

Tomro V.

- ✓ 247) Narração | metrica | da musa mais empenhada | em celebrar
os jubilos de Portugal nos feli- | cissimos dias do Nascimento,
o Bantismo | do..... | príncipe da Beira | | Composta |
por | Innocencio Severo do Couto. | (*Vinh.*) | Lisboa. | Na Of-
ficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. | MDCCLXI. | ||
In-4.º, de 16 pp.

E' um romance em versos octosyllabos. Cit. no *Dicc. bibl.-port.*

- ✓ 248) Em applauso | dos felicissimos dias | do | s. João, e s. Pedro, |
que á corte deo | o muito poderoso senhor infante | d. Pedro |
em a sua sempre celebre, e memoravel | quinta de Queluz no
presente anno de 61. | Romance | | por | Jorge da Matta
Gião | Medico da Camara do ElRey. | Lisboa, | Na Officina de

Miguel Rodrigues, | | *M.D.CC.LXI*. | | In 4.º de 8 fls. inn.

Auctor omitido por Innocencio.

✓ 249) Ao feliz nascimento | do serenissimo | principe da Beira. | Romance. |-(In fine:) *De J. J. C.* | *S. l. e s. d.* (*Lisboa*, 1761), in-4.º, de 2 fls. inn.

✓ 250) Recreação | de | Apollo | nas quatro noites de luminarias, | em que andou de passeio com as Musas pe- las ruas de Lisboa. | Primeira noite. | Author | Apollonio Monteiro Cortezam. | (*Vinh.*) | *Lisboa*. | *Na Officina de Manoel Coelho Ana to*, | Anno *M.DCC.LXI*. | | In-4.º, de 12 pp.

E' uma *Silva*.

✓ 251) — Idem. Segunda noite. *Ibi*, *eisdem typis*, *cod. anno*, in-4.º, de 12 pp.

E' um *Romance*.

✓ 252) — Idem. Terceira noite. *Ibi*, *eisdem typ.*, in-4.º de 12 pp. Consta de varias lyras e um soneto.

✓ 253) — Idem. Quarta noite. *Ibi*, *eisd. typ.*, in-4.º, de 16 pp. Consta de uma longa *Silva* e de um soneto.

✓ 254) Ao soberano indulto, | e | graça especial | da sempre | augusta, e fidelissima | magestade | para | com os incursos em causa crime, | presos nas cadeas, | desta corte. | E cinco legoas de sen districto. | (*Vinh.*) | *Lisboa*: *M.DCC.LXI*. | *Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto*. | | In-4.º de 6 pp.

E' um *Romance heroico* assignado por *Vicente da Cunha Lima*,—nome que alias não ocorre no *Dicc. bibl.* de Innocencio.

✓ 255) Ao feliz nascimento | do serenissimo | principe | da Beira. | Romance heroico. | (In fine:) *Por J. J. da M. M.* | *Na Officina de Pedro Ferreira*, | | Anno de 1761. | In-4.º, de 2 fls. inn.

256) Ao angustissimo, | e fidelissimo rey. | d. Joseph I. | nosso senhor | no | felicissimo nascimento | do |:senhor | d. Joseph | principe da Beira. | Seu autor | Fr. A. de S. M. dos A. l.ºº | (*Vinh.*) | *Lisboa*, | *Na Reg. Offic. Sylviana, e da Academia Real.* | *MDCCLXI*. | | In-4.º de 14 pp.

Consta de cinco sonetos, e dous romances heroicos.

257) Ao feliz nascimento | do serenissimo | principe da Beira. | Ro-

mance. | (In-fine:) *De Fr. Ignacio Xavier do Couto | da Ordem da SS. Trindade.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

Auctor omittido por Innocencio.

- ✓ 258) Romance | genethliaco | no nascimento | do | real principe | da Beira. | Escrito por | Verisimo portuguez. | (In-fine:) *Coimbra: | Na Real Officina da Universidade, Anno de 1761. | || In-4.º, de 8 pp.*

- ✓ 259) Alvoroso | metrico | em o nascimento | do augustissimo | principe n. s. | dedicado | ao.....senhor | infante | dom Pedro | (*Vinh.*) | Lisboa, | *Na Officina de Pedro Ferreira,..... | Anno de 1761. | || In-4.º, de 20 pp.*

Consta de uma dedicatoria em prosa assignada pelo auctor—*Joam Peres de Macedo de Sousa Tavares*—, e das 62 oitavas, que compõem o—*Alvoroso metrico*—.

Auctor omittido por Innocencio.

- ✓ 260) Pregão | para as reaes festas | do | feliz nascimento | do..... | principe | da Beira, | Que faz celebrar nesta Cidade Sua Alteza | o.....senhor | d. Gaspar. | | (*Vinh.*) | Lisboa | *Na Offic. de Antonio Vicente da Silva. | Anno 1761. | || In-4.º, de 8 pp.*

E' Braga a cidade a que se-refere o auctor.

- ✓ 261) Portentozos | agouros | no augusto, feleicissimo, e suspirado | Nascimento | do serenissimo senhor | dom Joseph, principe da Beira, Oferecidos a sen Augusto, e Serenissimo Pay, | por seu Autor João dos Santos Souza | e Basto. Lisboa, | *M.DCC.LXII.* | || In-4.º, de 17 pp. e 1 fl. inn.

E' uma *Canção Real* em versos hendecasyllabos, e na folha final um—*Labyrinto poetico e cubico*—.

O *Dicc. bibl.* não faz memoria d'este fraco versejador.

- ✓ 262) In comune, applauso : de la nascita | del serenissimo | principe | della Beira. | Canzonetta. | (In-fine:) *Del' Abbade Bartolomeo Ripetta.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl. inn.

- ✓ 263) A sua altezza reale | il serenissimo signor infante | d. Pietro | por il felice natale | del..... | principe della Beira. Anacreontica - (In-fine:) *Mariano Borgonzoni Martelli.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 2 fls. inn.

V. 264) Elogio a la reyna, nuestra señora | en el nascimiento de su nieto el | principe | nuestro señor. | Hizole | Juan Peres de Macedo | de Sousa Tavares | A. Arc. R. | (Vinh.) | Na Officina de Pedro Ferreira, ... | | Anno de 1761..... || In-4.º, de 1 fl.—14 pp.

V. 265) Da | vera felicitá. | Componimento Drammatico, | Da cantarsi | Nella Real Villa di Queluz: | Per il felice Natale | del serenissimo | real principe | della Beirã | Nella Stamparia di Francesco Antiqui Ameno | M.DCC.LX7. | In-4.º, de 24 fls inn., com roste grav.º e vinh.º a buril.

É obra de Mariano Horgonzoni Martelli, que assigna a dedicatória. Segundo se-declara no proprio opusculo, a musica que para elle se-compôz foi de David Perez, o célebre mestre da Capella Real de Lisboa, e famoso compositor da Opera, de quem se-acha memoria na excellente obra — *Os musicos portuguezes* — do sr. Joaquim de Vasconcellos, tom. I. pg. 185, nota s.

A folha de rosto gravada em aço representa um *cartouche*, dentro do qual se-acha o titulo acima transcripto; sobre elle 3 anjos alados mostram coroas de louro, e aos lados se-vêem livros, trophéus militares &c. No canto inferior e direito um monogramma, que parece ser composto das lettras C. B., e que se não encontra citado em Brulliot nem em Nagler.

A que artista pertencem taes iniciaes? Attento o estylo todo italiano da gravura, e visto saber-se que um Berardi abriu chapas por esse mesmo tempo para os célebres librettos da Opera de Lisboa, veio-nos á mente a possibilidade de se-lhe-attribuir mais esta composição; entretanto formamos já a convicção de que effectivamente não pertence a esse artista a obra de que aqui se-tracta. Chamava-se João Berardi, como diz o conde de Razynski e é verdade, o gravador dos librettos, e o monogramma alludido só com difficuldade se-prestaria a ser interpretado pelas iniciaes J. B.; mas não é ainda esta a mais forte razão: o que de todo nos-apagou da idea semelhante supposição foi a immensa disparidade de mérito e de estylo, que ultimamente reconhecemos ao comparar o rosto gravado da obra de Martelli com as estampas grosseiras e menos que mediocres do libretto *Alessandro in Indie*, que trazem a assignatura *in extenso* do já citado Joannes Berardi.

V. 266) Ulysses | em Lisboa. | Opera portugueza | Destinada a celebrar o feliz Parto de Sua Alteza Real | a..... senhora princeza | do Brasil. | Offerecida | á mesma senhora. (Vinh. | Lisboa, | Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno. | M.DCC.LXI. | || In-8.º peq, de 82 pp.—1 fl.

Publicado sem nome de auctor, mas é de Francisco José Freire, segundo crê Innocencio.

✓ 267) Dialogo | fra la leatá (sic) ed amore | Per il felecissimo Natale dell'Augusto principe n. s. | Didicato | alla... | Maestá di..... | Giuseppe. I. | Di Giovanni Perez di Macedo di Sousa Tavarez | Fragli Arcadi Romani col nome di Libenio Oren-tejo. | (Vinh.) | Lisboa, | Na Officina de Pedro Ferreira,..... | Anno de 1761. | || In-4.º, de 15 pp.

✓ 268) La gara de nuni | Introduziona | al ballo mascheratto | da representarsi nel nuovo Teatro del Bairro Alto di Lisbona | in occasione della felice nascita del real | principe della Beira. ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

✓ 269) Relação | dos | obsequiosos festejos, | que se fizeram na Cidade de S. Sebastião do | Rio de Janeiro, pela plausivel noticia | do Nascimento | do serenissimo senhor principe da Beira | o senhor d. Joseph no anno de 1762, Offerecida | ao nobilissimo Senado | da mesma Cidade, | que tão generosamente concorreo para estes grandes feste- | jos, em que se empenhou a sua fidelidade, e des- | empenhou o seu affecto, | por hum seu Cidadão, e Anonymo. | (Vinh.) | Lisboa, | na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. MDCCLXIII. | Com as licenças necessarias. || In 4.º, de 22 pp.

Veja-se a nota que acompanha a descripção do opusculo n.º 270.

✓ 270) Epanafora | festiva, | ou | relação summaria | das festas, | com que | na cidade do Rio de Janeiro | capital do Brasil | se celebrou | o feliz nascimento | do | principe | da Beira | | Lisboa, | na Offic. de Miguel Rodrigues, | | M.DCC.LXIII. | || In-4.º, de 30 pp.

O illustrado sñr. F. A. de Varnhagen, hoje visconde de Porto-Seguro, em sua *Hist. geral do Brazil* (tom. 2.º pg. 208), alludindo a ésta curiosa relação dá uma succinta noticia das festas, que então se-celebraram nesta cidade do Rio de Janeiro, e que fazem o objecto da mesma *Epanafora*; todavia não acreditamos inutil dar aquí um resumo mais completo d'este interessante opusculo, combinando uma ou outra vez o que nelle se-diz com as noticias da *Relação* precedente (n.º 269), que tracta do mesmo assumpto, ainda que ella não nos pareça tão digna de fé, e tão exacta.

His em que consistiram as festas:

Dias 7, 8 e 9 de Maio. Um Triduo solemne com missa de pontifical na Igreja de S. Bento, officiendo no primeiro dia o abbade fr. Miguel (1)

(1) A *Relação dos obsequiosos festejos* chama-o com manifesto erro fr. Manoel da Conceição. (Vide: a relação dos abbades d'este mosteiro por mim publicada nos *Aponctamentos historicos sobre a Ordem Benedictina* & — *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* tom. XXXV. (1872) parte 2.ª pag. 316.

da Conceição e pregando nessa mesma tarde o sabio fr. Gaspar da Madre de Deus (1); officiando no 2.º dia o abade *in partibus* fr. Antonio de S.ª Catharina (2) com Te-Deum á tarde, e no 3.º dia o proprio bispo da diocese d. fr. Antonio do Desterro. Fez-se na tarde d'este 3.º dia uma solemne procissão, e á noite, como nas precedentes, illuminação (3) geral da cidade.

16 de Maio. — Primeiro dia de touros na praça que para esse fim se dispoz no então Campo de S. Domingos (hoje campo da Acclamação). Começou-se por *alimpar o curro*, entraram logo as danças das «Siganas», dos «Cajadinhos», dos «Alfayates», dos «Ourives» e mais officios, e seguiram-se os touros.

Dia 17. — Cavalhadas, que como era de *costylo*, tambem começaram pela entrada das *danças*; acabadas estas, entraram os cavalleiros ricamente vestidos, que depois de uma escaramuça «principiarão a correr alcancias, canhas e cabeças; acabarão com parellhas, e outra escaramuça diversa.»

Dia 19. — Saio pela cidade o *estado dos pardos*, seguido de danças varias na seguinte ordem: a de um «sóba magico» composta de varios animaes; a de doze leões com Hercules por guia; a dos «Calliastros», a dos «Ambacas», e dos «moleques», cada uma com 12 figuras; a de «talleiras», a de «negrinhas pequenas», a de «moleques pequeninos de Angola», a de «catupé», e por fim o «baile do Congo».

Dia 21. — Segundo dia de touros.

Dia 23. — Segundo dia de cavalhadas.

Dias 2, 5 e 8 de Junho. — Em cada uma das 3 noites se-representou uma «opera» no theatro disposto expressamente para esse fim, e custou esta parte dos festejos aos commerciantes que a-promoveram para cima de 8.000 cruzados.

Dia 6. — Banquete dado pelo conde de Bobadella a mais de 80 pessoas de distincção da cidade.

Dia 28. — Fogos de artificio no campo de S. Domingos.

Tal foi a maneira porque os nossos maiores demonstraram o regosijo que lhes-causára o nascimento do príncipe da Beira.

(1) A mesma *Relação* tambem aqui é infiel chamando de fr. Gaspar da Encarnação a este monge, aliás tão conhecido por ecclesiasticos e seculares.

(2) Tanto a *Relação* como a *Epanafora* omittem o nome de família deste religioso que se-chamava fr. Antonio de Sancta Catharina Costa. (Vide: a memoria citada, pg. 337, onde publiquei a noticia d'este Tríduo extrahida do *Diário* mss. da Ordem.)

(3) Nesta parte a *Relação* é muito mais curiosa do que a *Epanafora*, descrevendo com *interessante minuciosidade* as «*primorosas luminarias*» dos palacios do conde de Bobadella, do bispo e do Senado da Camara e das casas do dr. Alexandre Nunes Leal (corregedor da comarca), dos desembargadores João Alberto de Castelló-Branco (chancellor da Relação), Agostinho Felix dos Santos Capello e Manuel da Fonseca Brandão, do tenente-coronel Joaquim José Ribeiro da Costa, dr. José Mauricio da Gama e Freitas (juiz de fôra) &c., assim como as dos conventos, egrejas e fortalezas da cidade.

- ✓ 271) Alegres | vozes | com que o clarim da fama decanta, e
aplaude o felicissimo | nascimento do Preclaro | infante | do
Portugal | o senhor | d. João | | Por | Antonio Joze
Pereira | Córtes. | Lisboa: | na Officina de Joze Filippe. | Anno
de M.DCC.LXIII. || In-4.º, de 8 pp.

Consta de um romance, e um soneto.

Auctor omitido por Innocencio.

- ✓ 272) Applauza metrico | ao feliz nascimento | do perclarissimo
infante de Portugal | o senhor | d. João | | Ofte-
recido | ao serenissimo senhor infante | d. Pedro | por | Ma-
noel Joze Miranda. | Lisboa: MDCCLXIII. | Na Off. de João
Antonio da Costa, | || In-4.º, de 7 pp.

Consta de um romance e um soneto.

Auctor não contemplado no *Dicc. bibl.*

- ✓ 273) Glorias | de Elyzia | no glorioso dia | do felicissimo nasci-
mento. | do | serenissimo senhor | infante. | (Vinh.) | Lisboa:
MDCCLXIII. | Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto. ||
In-4.º, de 8 pp., sendo a última inn.

É uma *Sylva* assignada por José Pedro do Valle, nome que aliás não
ocorre no *Dicc. bibl.* • Será este outro pseudonymo, com que se tenha que-
rido occultar o latinista Antonio Felix Mendes, que alguma coisa publi-
cou sob o nome de João Pedro do Valle?

- ✓ 274) Respirão novos jubilos os corações Portuguezes, applau- dindo
o Augustissimo Nascimento do segundo Filho do | Serenissimo
Senhor Infante D. Pedro, | | Soneto: |

(Infra:) *João Simpliciano do Canto.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

- ✓ 275) Celsissimo Portugalliae | infanti | recens. | ac Verno tempore
a vitae lumen ineunti Anno | Nymus dicat. |

(Infra:) *Faciebat J. M. R. J.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

- ✓ 276) Fidelissima | Lusitaniae regi | de nepote | infantis Petri filio |
feliciter nato | iusta gratulatio. |

(Infra:) *A. F. M.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

As iniciaes são provavelmente de Antonio Felix Mendes.

- ✓ 277) Celsissimi Portugalliae | infantis | natalitius dies concelebra-

tur, | dum Virgilianum illud *Uno avulso, non deficit al-* | *ter*
paraphrasi exponitur. |

(Infra:) *Faciebat J. M. R. L.* ||

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

- ✓ 278) Applausos | lusitanos | pelo feliz | nascimento | do serenissi-
 mo senhor | infante de Portugal | d. João | | (*Arm.*
port.) | *Lisboa: MDCCLXVII.* | *Na Offic. da Viuva de Ignacio*
Nogueira Xisto. | || In-4.º, de 8 pp., sendo a ultima inn.

Consta de um romance e um soneto.

- ✓ 279) A elrey | nosso senhor | pelo feliz nascimento | de seu neto
 terceiro. | Soneto. |

(Infra:) *Do Marquez de Valença.* ||

S. l. e s. d. (*Lisboa, 1716*), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 280) Parabens | encomiasticos, | plausiveis, | e | metricos, | no
 | Nascimento do | | infante de Portugal, /
 o serenissimo senhor | d. João | | Dedicados | ao se-
 nhor | Jacó Pedro Astraut. | por seu author | Antonio Correa
 Vianna. | *Lisboa: | na Officina de Caetano Ferreira da Costa. |*
Anno de M.DCC.LXVII. | || In-4.º. de 8 pp.

Consta de uma sylva e uma glosa.

- ✓ 281) Recens nati | principis | augustissimi, | cui nomen | Joannes,
 natali dicata | felicissimo, | ecloga. |

(In-fine:) Cecinit Vincentius da Cunha Lima. | *Lisbonæ: | ex typis*
Josephi Aquinatis Bulhoens. | *Anno Domini MDCCLXVII.* |
 || In-4.º, de 2 ff. inn.

- ✓ 282) No feliz nascimento | do serenissimo | infante, | Terceiro Neto
 de Sua Magestade | | Soneto. |

(Infra:) *De Manoel Pereira da Costa.* ||

S. l. e s. d. (*Lisboa, 1767*), in-fol., de 1 fl.

Produção omittida por Innocencio na relação das obras do auctor.

- ✓ 283) Applauso | metrico, | ao feliz nascimento do | preclarissimo
 infante de Portugal, | o senhor | d. João | | composto
 por | M. J. M. | (*Vinh.*) | *Lisboa: | na Officina de Caetano*
Ferreira da Costa. | Anno de M.DCC.LXVII. | || In-4.º,
 de 8 pp.

Consta de uma sylva e de um soneto.

As iniciaes são de Manuel José de Miranda, auctor já aqui mencionado sob n.º 272.

- ✓ 284) Em obsequio | da | princeza n. senhora | por seu felicissimo ✓
parto. | Como Dialogo entre Fido, e Almeno. | Soneto. |

(Infra:) *De Antonio Rodrigues de Almada.* ||

S. l. e s. d. (Lisboa, 1767), in-fol., de 1 fl.

- ✓ 285) A' princeza | nossa senhora | pelo feliz nascimento de huma ✓
Filha. | Soneto. |

(Infra:) *Do Marquez de Valença.*

S. l. e s. d., in-fol., de 1 fl.

(Continúa.)

Pamiz Galvão.



ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA.

NOTICIA DAS OBRAS MANUSCRIPTAS E INÉDITAS RELATIVAS Á VIAGEM PHILOSOPHICA DO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO-NEGRO, MATTO-GROSSO E CUYABÁ. (1783-92.)

POR ALFREDO DO VALLE CABRAL.

(Continuado de pp. 247 do vol. I.)

II.

Códices de outros estabelecimentos.

DO INSTITUTO HISTORICO.

1) Relação circunstanciada do Rio da Madeira e seu territorio, desde a sua foz, até a sua primeira cachoeira chamada de Sancto Antonio. Pelo d.^o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. 1788-89.

Esta obra, que é dividida por TITULOS, começa:

= I.^o Antiga denominação do Rio da Madeira, e razão da moderna. |

= Irury, he que sempre foi, e ainda he, entre os Índios do Pará, o seu nome verdadeiro. Perten | de-se, que do appellativo = y = que significa = | água =, e do verbo = rery = tremêr = se compôz | na Lingoa Geral, o sobredito nome de Irury, a/

o qual na força de sua originária (*no códice da Bibliotheca lê-se —primitiva—*) significa | ção, vem á correspondêr em Portu-
guez, o mês | mo, que = ágoa, que faz tremêr, ou Rio de Se-
zoens. | Porém, que esta, á meu vêr, he huma etymo | logia,
mais engenhosa, do que verdadeira, evi | dente mente o mos-
trão as razoes seguintes. =

Este manuscripto, que é autographo, não traz o nome do auctor, nem
titulo. Consta elle dos tres primeiros *titulos* incompletos e de pequenissimas
notas dos *titulos* V, VI, VII, X, XI, XIII, XIV, XV, XVIII e XIX, con-
tendo alguns apenas as indicações dos respectivos *titulos* no alto das pagi-
nas e vindo o résto em branco: conta-se n'esse numero o *titulo* XIX. Veja-
se a descripção do códice original da Bibliotheca Nacional sob n. I, 28,
d'onde tomamos o titulo para este ser aqui indicado.

Contém 13 fls. não num., medindo 30 centim. de altura por 20 de largo.

E' pois um rascunho incompletissimo, e o unico valor que tem, além
do de autographo, é trazer a descripção das septe principaes cachoeiras do
rio Madeira, em 4 folhas separadas. No códice da Bibliotheca no *titulo* XI
— PEDRARIA —, vem apenas descripta a primeira cachoeira, que é a de
Sancto Antonio; n'este porém vêm mais seis principaes, a saber:

- « II.ª Cachoeira Grande: ou de S. João; ou do Araguay: ou do
Salto: ou do Theothónio. »
- « III.ª Dos morrinhos (por causa de algumas pequenas elevações
das suas margens). »
- « IV.ª Do Caldeirão do Inferno (pelos extraordinarios rodemoinhos,
que alli faz a agoa, correndo por entre hũ labyrintho de Ilhas,
lagueadas de pedra; e movendo-se em algumas partes, com hum
movimento circular, q' circumscreve o seu curso, em rapidos e
profundos vértices). »
- « V.ª Do Salto do Girão (que quer dizer ponte de estivas) porq' .
algumas he preciso fazer, para a varação das canoas, por
cima de algumas quebradas da fralda de hũ môro da margem
oriental, onde está o varadouro. »
- « VI.ª Dos trez Irmaãos (pelos 3 Saltos que tem de rio vazio). »
- « VII.ª Do Paredão; (pela similhaça, que tem de rio vazio, com
a ruina de uma muralha, a pedraria que segue em l.ª recta
pelo espaço de 12 braças de comprim., e de 15 de largura,
encostada á margem da esquerda, pela q' tambem nos passa-
mos á cirga percebendo hũ canal até 16 palmos de largo por
onde passamos). »

Todavia, o códice da Bibliotheca Nacional é de não pequeno valor e

digno de estima, ainda que supprimido, por motivos assáz ponderosos do título XVIII e dos successivos até o XV, o ultimo, como declara o proprio naturalista na charta a Martinho de Mello e Castro, que ocorre no final do referido códice, charta ésta que deixamos reproduzida em seu logar competente

Ainda ácerca d'esta obra do sabão naturalista, ficam reservadas ligeiras observações para a classe VI da presente NOTICIA.

- 2) Alçado da Frente do Fôrte do Princepe | da Beira; fundado de ordem de S. | Magestade de... de... de... | por S. Ex.^a o Snôr Luiz de Albuquerque, | de Mello, Pereira, e Cáceres, na mar / gem oriental do Rio Guaporé, aos 20 | de Junho de 1776: Na distancia de 21 Légoa, acima da foz, do sobredito | Rio; e na de quasi meya, acima da | antiga Fortalêza da Santa Rosa: Em , 12°, e 26' de Latitude Austral, e 312°, | e 57 1/2 de Longitude. |

E' este o titulo primitivo, o qual foi depois riscado em alguns logares pelo proprio R. Ferreira seu auctor, e ficando então assim com as respectivas emendas:

- « Prospecto da Frente do Fôrte do Princepe da Beira; fundado de ordem de S. Magestade de... de... de... na margem or.^a do Rio Guaporé, aos 20 de Junho de 1776, pelo Quarto Gov.^r e Cap.^m Gen.^a da Cap.^a de Mato grosso L. A. M. P. e C.: Na distancia de 21 Légoa, acima da foz, do sobredito Rio; e na de quasi meya, acima do Lug.^r aonde estava a antiga Fortaleza da Conceição: Em 12°, e 26' de Latitude Austral, e 312°, e 57 1/2 de Longitude Or.^a da I. do Ferro, segundo as ultimas observações. »

Com.=He hum Quadrado fortificado, segundo o | Systema de Mr. de Wauban; =

Ac.=A 31 de Agôsto de 1783, passou-se o Comd.^a | do Forte do Princepe (que ainda residia | na antiga Fortaleza da Conceição) com | todo o trem militar, e tudo quanto per | tencia á Fazenda R^a, por ja estar o For | te nos têrmos de se poder aquartelar | nelle. | =

Autographa. Não traz o nome do auctor, nem data.

Consta de 2 fls. não num., escriptas somente no recto. Medem 19 centímetros de altura por 20 de largo.

DO ARCHIVO MILITAR.

3) Propriedade | e | Posse | das terras do Cabo do Norte | pella Co-
roa de Portugal. | deduzida dos Annaes Historicos do Estado | do Ma-
ranhão e d'algumas memori | as, e documentos por onde se achão dis- | per-
sas as suas provas. | Por | Alexandre Rôiz Ferr.* | Em 24 de Abril de 1792. |

Cópia contemporanea. Boa letra.

Códice de 13 fls. não num. 29×16.

No alto do titulo occorrem as seguintes indicações: « F. Div. 1.^a Cl. 9.^a
N.^o 1.^a » — « Q. Cl. 5.^a N.^o 5 » (*escripto com tinta vermelha*). — Cl. 5.^a N.^o 36. »

D'êsta obra, que corre impressa desde 1841, e que, quem d'ella quizer
indicações mais minuciosas póde recorrer ao n.^o I, 35 da presente *Noticia*,
onde fica descripto o códice original da Bibliotheca, possui ainda o Ar-
chivo mais duas cópias por letra moderna.

Uma contém 23 fls. num. medindo 27 1/2 cent. de altura por 16 de
largo: e traz no principio (a fls. 1 e 2) o seguinte:

« *Parte do Discurso pronunciado na Camara dos Deputados da Assem-
blea Geral Legislativa do Imperio na Sessão de 30 de Maio de
1838, que trata dos Limites do Brazil com a Guyana Franceza;
pelo Ex.^{mo} Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estran-
geiros Antonio Perigrino Maciel Monteiro.* »

Com. = Fallarei agora, continúa o orador, da questão do Oyapok =

Ac. = não existindo senão o Porto circumscripto do Amapá =

No alto do mss. onde começa o titulo (a fls. 3), lê-se: « Cl. 5.^a N.^o 36. »
— F. Cl. 9.^a D. 7.^a N.^o 1 (que está riscada). — Q. Cl. 5.^a N. 5 (*escripto com
tinta vermelha*). »

A outra consta de 19 fls. num., medindo 29 centim. de altura por 17 1/2
de largura, vindo tambem com a tal *Parte do Discurso* &, que occorre na
antecedente, não no principio, mas no fim.

No alto d'êsta lê-se: « Q. Cl. 5.^a N.^o 5. » — F. Cl. 9.^a D. 1.^a N.^o 1. »

Nenhuma das trez alludidas cópias porém, traz a charta do natu-
ralista que occorre no final do códice original da Bibliotheca Nacional,
charta ésta que reproduzimos em seu respectivo logar.

O Archivo Militar possuia mais obras de R. Ferreira, as quacs hoje já
não se encontram no referido estabelecimento; d'ellas tractaremos na
classe IV do presente trabalho.

Seja-nos porém permittido deade já deixar n'este logar exarados os seus títulos, com cujo auxilio, fazendo-se mais miúdas investigações, como de facto o caso requer, talvez se-possam descobrir taes preciosidades manuscriptas.

Ei-los:

- a) « Memoria sobre o Rio Negro e seu termo; por Alexandre Roiz Ferreira, em 1785, e 1786. »
- b) « Carta da Capitania do Rio Negro, annexa ao « Diario da Viagem Philosophica » de Alexandre Rodrigues Ferreira por aquella Capitania em 1785 e 1786, no qual são indicados os estabelecimentos portuguezes e seu estado actual, como lhe foi ordenado pelo Capitão-General João Pereira Caldas. Barcellos, 13 de Fevereiro de 1787. (Assignado) Alexandre Rodrigues Ferreira. »
- c) « Cartas de Alexandre Roiz Ferreira sobre a demarcação da Costa e Sertão da margem septentrional do Amazonas em 1802. »

DO MUSEU NACIONAL.

4) Plantas | da Expedição do Pará. | Copiadas | no Real Jardim Botânico. | Volume 1.º

São trez grossos volumes in-folio grande, tendo cada um sua folha especial de rosto, a saber:

« Plantas | da Expedição do Pará. | Copiadas | no Real Jardim Botânico. | Volume 2.º | »

« Plantas | da Expedição do Pará. | Copiadas | no Real Jardim Botânico. | Volume 3.º | »

O vol. I contém 233 estampas não num.

O II 227 também não num.

E o III consta de 208 estampas sem numeração como as antecedentes.

Todas éstas estampas, comprehendendo as tarjas onde se acham mettidas, medem 39 centim. de altura por 27 de largo.

São ellas primorosamente desenhadas á mão e a côres, mas não traem os nomes das plantas, flôres, fructos, & representados,

Abaxo de algumas estampas vem a lapis: « Vic., Vicente, V. J. C., Ant.º J., A. J. S., F., José Joaq.º da S.º » &, que são os nomes dos respectivos desenhistas.

No alto do frontispicio de cada um dos trez volumes lê-se: « *Ant.º de Men.º Vas.ºº de Drummond. Ministro do Brasil em Lisboa.* »

E abaxo da mesma folha de rosto, no angulo direito, occorre o carimbo do REAL MUSEU DA AJUDA de Lisboa.

Tambem no alto das folhas de cada primeira estampa dos alludidos volumes, nota-se a assignatura autographa do ministro do Brazil em Lisboa: *Ant.º de Men.º Vas.ºº de Drummond.*

5) Desenhos | de | Gentios, Animaes Quadrupedes, | Aves, Amphibios, Peixes, e | Insectos: | Prospectos de Cidades, Villas, Lugares, Po- | voações, Fortalezas, Edificios, Rios, | e Cachoeiras. | Da | Expedição Philosophica do Pará, Rio | Negro, Mato Grosso, e Cuyabá. | Copiados | no Real Jardim Botanico. | Em 2 Volumes.

Traz em seguida em folha separada est'outro titulo, que é o do volume I:

Desenhos | de | Gentios, Animaes Quadrupedes, Aves, | Amphibios, Peixes, Inse- | ctos. Da Expedição Philosophica do Pará, Rio | Negro, Mato Grosso, e Cuyabá. | Copiados | no Real Jardim Botanico. | Volume 1.º |

Contém este 1.º volume 161 estampas não num., a saber, de:

Gentios	13
Animaes quadrupedes.....	43
Aves	41
Amphibios.....	4
Peixes.....	56
Insectos	4
	—
	161

São todas de um vivissimo colorido, e medem, comprehendendo as tarjas, 39 cent. de altura por 27 de largura.

O volume 2.º d'esta interessantissima collecção tem egualmente o seu frontispicio especial.

Ei-lo:

Prospectos | de | Cidades, Villas, Povoações, Edificios, | Rios, Cachoeiras, Serras, | &.* | Da Expedição Philosophica do Pará, Rio Ne- | gro, Mato Grosso, e Cuyabá. | Copiados | no Real Jardim Botanico. | Volume 2.º

Consta de 83 estampas, não num., estando porém a ultima apenas esboçada a lapis. Representam cidades, villas, povoações, edificios, plantas dos

mesmos, rios, cachoeiras, serras, soldados, peças de engenhos, cabanas indígenas, monumentos, & &. Variam no tamanho, mas a maior, que é a primeira e mostra a cidade do Grão Pará, mede 37 centim. de altura por 92 de largura. A maior parte d'ellas são coloridas e ha esmero na execução do trabalho.

Apenas duas trazem as seguintes indicações escriptas a lapis:

« Espacato do interior da Igreja do Convento de N. S. do Monte do Carmo, com o da Capella Mor, que ainda senão fez, por seu Autor Antonio José Landi. »

« Espacato pelo Cruzeiro onde se representa o fundo da Capella Mór, da Igreja do Carmo do Pará. »

Algumas estampas trazem abaxo, a tincta: « *Manoel Tavares a Pes,* » e a lapis « *Tavares* », e « *Piolti* ».

Tanto no alto da folha de rosto d'este volume 2.^o, como no do primeiro frontispício do 1.^o lê-se: « *Ant.^o de Men.^o Vas.^o de Drummond.* Ministro do Brasil em Lisboa. »; e quasi abaxo dos respectivos titulos, vem o carimbo do REAL MUSEU DA AJUDA.

Egualmente no alto da primeira estampa do volume I nota-se a assignatura autographa do mesmo conselheiro Drummond.

E' admiravel a perfeição do desenho d'estes cinco volumes, os quaes encerram nada menos de 912 estampas illuminadas e primorosamente trabalhadas em sua quasi totalidade. As côres ou illuminuras ainda estão tão vivas què pareceo foram empregadas ha cerca de um mez! Tal é a belleza, esmero e nitidez das estampas destinadas a acompanhar as memorias do sabio naturalista.

Todas ellas foram copiadas dos originaes ainda em vida de R. Ferreira, e provavelmente sob sua direcção, no REAL MUSEU DA AJUDA, e passam por conseguinte como authenticas. Na classe III do presente trabalho tractar-se-ha de alguns dos proprios originaes, que se acham hoje em poder dos sñrs. Glazion e Carvalho.

(Continúa.)

C. M. de La Condamine. ⁽¹⁾

(Nota ao artigo publicado sob esse titulo no Vol. I.
dos Annaes.)

O distincto sabio francez, mr. Ferdinand Denis, director da Bibliotheca de Sancta Genoveva, a quem o Brazil deve immensa gratidão pelo muito que a elle, em seus profundos estudos, se tem dedicado, fez-nos a honra subida de occupar-se de nosso mal alinhavado artigo sôbre La Condamine em uma charta dirigida ao sñr. dr. Ramiz Galvão, — director da Bibliotheca Nacional.

Observa o illustre escriptor na lista que dei das obras do mathematico francez, a omissão de um precioso manuscripto inédito, que possue a Bibliotheca Nacional de Paris, e acerca do qual elle fallou em um artigo publicado no *Magasin Pittoresque* de 1856. Vem a ser esse manuscripto o Diario de uma viagem ao Oriente, ao qual La Condamine deu o titulo de: *Journal de mon voyage au Levant*, e que se-acha registrado naquella Bibliotheca sob a rubrica *Suppl. fr. 2582*.

Na epocha em que escrevemos sôbre La Condamine não tínhamos conhecimento desse manuscripto, que a charta de mr. F. Denis, chamando a nossa attenção para o seu artigo do *Magasin Pittoresque*, nos-veio fazer conhecer, e que nos-appressamos em addicionar ao catalogo das obras do sabio francez.

A segunda observação, que tambem acceitamos, de mr. F. Denis refere-se ao logar de onde foi datada a charta de La Con-

(1) Vid. Vol. I. dos Annaes. pag. 309 e seg.

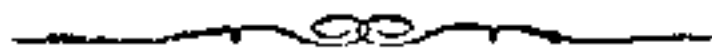
damine, que se-transcreveu no fim do nosso artigo. Julga elle ser *Chaillot* e não *Chauliot* como ficou escripto.

Approveitamos o ensejo para assegurar aos leitores que descobrimos, examinando segunda vez e com profundo cuidado o autographo de La Condamine, a pessoa a quem foi elle dirigido.

Encontrando na parte inferior da charta as lettras meio apagadas da palavra Grosley escripta com lettras diminutissimas, veio-nos á ideia que talvez fôsse esse o destinatario della; e, com effeito, recorrendo a diversos dictionarios biographicos, em pouco nos-achamos convencidos disso.

E' incontestavel, que a charta foi dirigida a Pedro João Grosley, sabio francez (nascido em 1718 e morto em 1785), por occasião do apparecimento de sua obra intitulada: *Londres. Lausame (Paris)* 1770, 3 vols. in-12.º La Condamine allude na charta ao plano d'aquella cidade, ao apparecimento da obra, ás *Memorias de Troyes*, e á Academia de Inscriptões e Bellas-lettras, de que fazia parte o mesmo Grosley; toda a dúvida pois desaparece sôbre este particular.

Dr. Moreira Sampaio.



ETYMOLOGIAS BRAZILICAS.



Encetamos hoje n'estes *Annaes* um estudo sôbre palavras tupis ou guaranis vulgarmente conhecidas, para mostrar a orthographia que conviria dar-lhes e a sua verdadeira etymologia.

Para similhante commettimento recorremos a um distincto litterato mui versado n'este ramo de estudos, o sñr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, de quem sollicitamos tão grande favor em prol da linguistica e litteratura americanas.

A orthographia e a significação de cada palavra, conforme as deram escriptores nacionaes e estrangeiros differentes, preccederão sempre as eruditas notas finaes do mui illustrado sñr. Baptista Caetano.

Acreditamos util e interessante este estudo.

Como se-verá, a bibliographia predomina n'estas proprias notas, e eis a razão de sua admissão nas paginas d'esta revista bibliographica.

W. Cabral.

I.

Orthographia e significação da palavra brazilica — Niteroy — escripta e dada por varios escriptores nacionaes e estrangeiros. A orthographia que convizia dar-se-lhe e a sua verdadeiza etymologia.

Nitherohy. Os nossos escriptores concordam que o nome primitivo desta bahia (do Rio de Janeiro) era *Nitherohy*; o Lery, que esteve aqui algum tempo em companhia de Villegaignon, diz que os aborígenes lhe chamavam *Ganabara*. O certo é que o primeiro quadra-lhe bem, significando *agua escondida*; *hy*, agoa, *nitheró*, occulta.

AYRES DE CAZAL — *Corographia brazilica*, tom. II (1817), pp. 12.

Nhyteróy. Martin Affonso de Souza... descobrio a enseada, a que os Tamoyos chamavam *Nhyteroy* (cuja expressão no idioma portuguez significa *Mar morto*), toda circulada de horriveis penhascos, mas conhecida em diante com o nome de Rio de Janeiro...

PIZARRO — *Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tomo I (1820), pp. 7.

Nicteroy. Esta palavra é brazilica, e composta de duas, a saber: *Nicteró* (que significa escondida), *hy* (que significa agoa). Mas a pronuncia da segunda era muito difficiliosa por mui guttural.

CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA — *Nicteroy: metamorphose do Rio de Janeiro* (1822), pp. 27.

Nicteroy, que na lingua dos indigenas *Tamoyos*, que habitavam no paiz, significa *Mar morto*.

JOSÉ DA SILVA LISBOA (visconde de Cayrú), citando Pizarro — *Historia dos principaes successos politicos do Brazil*, part. I (1826), pp. 78.

Nitherôhy ou *Rio de Janeiro*. Grande e magnífica bahia da America meridional... Os indios da nação Tamoyos, que dominavam em todo o paiz que medeia entre as possessões das nações Goitacazes e as dos Carijós da provincia actual de S. Paulo, chamavam a esta bahia *Nitherôhi*, de *hi*, agoa, e *nitherô*, escondida.

MILLIET DE SAINT-ARLOPHE. — *Diccionario geogr. hist. e descriptivo do Brazil*, tomo II (1845) pp. 154.

Nicteroy, em nossa opinião não quer dizer « Agua escondida »; mas sim Agua fria; *Mteró* (frio), *y* (agua).

VARNHAGEN — *Historia geral do Brazil*, tom. II (1857), pp. 346 em nota (2).

Nitherohi, *Nitherohy* (Bahia do Rio de Janeiro, — Villa, olim Praia Grande). Explicatur vulgo : *nithero*, escondido, *hy*, agoa. Rectius *nitio-exombyg-hy*, não acaba a agoa. (Agôa escondida he o Rio *Inhomirim*, a verho *inhomine* v. *anhemine*, escondido).

MARTIUS — *Glossaria linguarum brasiliensium* (1863) pp. 517.

Nyterôhi. A interpretação dada por Martius é inteiramente inadmissivel, e no mesmo caso está a do sñr. visconde de Porto Seguro; em ambos os casos inventam-se dicções que não têm os significados indicados. A de Pizarro, repetida pelo visconde de Cayrú, poderia passar, mas seria preciso suppôr grande alteração na dicção, porque *morlo* ou *môrta* é *teô*, e demais este adjectivo agglutinado com um substantivo devia perder o *t* inicial. Ha tambem o adjectivo *ruí* que significa *manso*, *pacífico*, *quieto* e que poderia tambem significar *morto*; porém *ruí* tem accento no *i*, e a intercalação de *te* não é muito explicavel. Resta a significação dada por Ayres do Casal, reproduzida pelo conego Januario e por Milliet, que é a mais accetavel. Com effeito *terô* significa *tor-*

cer-se, furtar-se, esconder-se; i-terõi, aquillo que se-esconde, e y-i-terõi, agua que se-esconde, dando-se naturalmente o metaplasmo de y-i em ny, donde Nyterõi.

Alem disto Hans Staden, que foi prisioneiro dos Tamoyos nos primeiros tempos do descobrimento, escreveu *Iteroenne* e *Iterrone*, que pronunciado á allemã concorda com a explicação dada por Ayres do Casal.

A final Lery, enumerando as aldeias do lado direito de quem entra na bahia de Ganabara, menciona em primeiro logar *Keri-u* e *Akara-u*, dos quaes o primeiro significaria *agua ou rio do somno*, e qualquer dos dois *rio do somno* ou *agua escondida* é applicavel ao sacco de S. Lourenço juncto ao qual assentou-se a cidade, hoje capital da provincia.

BAPTISTA CAETANO.

(*Continúa.*)



VARIEDADE.

M A D R E S I L V A S.

Versos do Dr. BRAZÍLIO MACHADO.

1 vol. in-8.º de 8 pp. inn. e 195, contendo uma *Carta preliminar*, escripta pelo sñr. dr. Aureliano Coutinho, e 49 trechos de poesia lyrica.



A Bibliotheca Nacional acaba de ser mimoseada com um volume sob o titulo supra, nitidamente impresso em 1876 no Porto, de poesias compostas pelo sñr. dr. Brazilio Machado, natural da provincia de S. Paulo, tão fecunda em vigorosos talentos. O auctor é decerto moço, sente ainda correr-lhe o sangue em borbotões nas arterias e, aos éstos embriagadores da mocidade, sente o cerebro pejado dessas visões feiticeiras, cujo encanto repousa na illusão dos primeiros annos, e cujo segredo só elles têm : as suas *Madresilvas* são, como nol-o-diz o auctor da charta posta na frente do volume, — estrophes de um poema intimo, notas da harpa do coração arrancadas no delirio do amor, nos arroubos do enthusiasmo, ou no pungir agri-doce das recordações felizes.... Vehemencia no sentir e suavidade na fórma é o character dominante da sua inspiração. Estrophes ha que ao proferil-as parece o labio vibrar a um tempo o desespêro de um desejo não saciado, e modular o febril queixume de uma saudade resignada.

São éstas na verdade as impressões que nos-despertou a leitura do mimoso livro do sñr. dr. Brazilio. *Versos* chamou-os a sua modestia : poesias, verdadeiramente taes nos sentimentos que

exprimem e na forma de que estão revestidos, são elles. Variações, por via de regra harmoniosas e suaves, do thema inexgotável do amor, eternamente novo e, entretanto, tão velho como o mundo! A outra face do seu talento é sem dúvida a saudade.

O lyrismo pessoal, que immortalizou Lamartine e parecia fatalmente condemnado depois d'elle á esterilidade; o lyrismo que, para não succumbir á influencia materialista e utilitaria do seculo, precisára de, com Musset, Henrique Heine, Alvares d'Azevedo lançar-se nos braços da dúvida e do desespero zombeteiro de Byron, retemperou-se de novo e, si não tende abertamente para o mysticismo, voltou-se de todo para as placidas fruições da vida íntima, para os sentimentos puros do lar domestico. A poesia lyrica, na falta de assumptos novos para a sua manifestação rythmica, tomou novas formas. Para nós os brasileiros o revelador d'essa nova phase, o creador d'essa eschola nova, é Gonçalves Crespo. A elle devemos o novo sangue que corre agora pelas veias da poesia; e á influencia salutar d'esse mestre, que todavia não terá ainda tão cedo um cabello branco, ás suas graciosas e originaes *Miniaturas* deveremos em breve o que nos prometeu ao partir para a Italia o nosso brilhante e festejado folhetinista dr. Luiz Guimarães.

Depois que Victor Hugo com seus vôos d'aguia abriu á mocidade que manja a lyra o caminho das regiões vertiginosas do pensamento, parecia condemnada ao silencio e ao retrahimento a poesia em que primou Gonçalves Dias. Vemos porém que ella vive, cheia de pujança e vigor, procurando apenas modos diversos de manifestar-se, tomando moldes novos para fundir-se.

O livro do sñr. dr. B. Machado é um mimo de graça e de sentimento. Ha nelle poesias que não morrerão nunca. Serão sempre lidas com prazer as que têm por titulos: = Entre sombras — A estrella — Os Anjos — Miserere — A mulher — A fralda da camisa — Tu és... =, e a que escreveu sobre uma página de Casimiro de Abreu e denominou tambem — Amor e medo —, vale seguramente tanto como a do immortal cantor das *Primaveras*, tão cedo roubado ás lettras patrias.

Tem comtudo senões o bello livro do sñr. dr. Machado. E nem podia deixar de assim succeder, pois são essas poesias as primicias do seu talento. Na quadra de exhuberancia de sentimento em que o auctor as-escreveu, é pouco de esperar que se-deixe de correr empós da borboleta multicolor da imaginação, sem se-pensar muito no terreno em que se-corre: sacrifica-se a fórma ao pensamento e não se-tem mesmo tido tempo de educar sufficientemente o ouvido para apreciar como convem a parte musical do verso, cuja melodia metrica vem assim a ser sacrificada não poucas vezes. Na que o poeta intitulou — A familia — sobretudo, nóta-se maior cópia d'esses pequenos defeitos de fórma, que o auctor evitará de-certo quando dotar a nossa litteratura com productos novos do seu estro pouco vulgar. O presente volume é a promessa solenne de um outro; são éstas poesias as arrhas do seu futuro como poeta. Quem estreia d'esse modo, não deve parar mais no caminho encetado. Ha nesta sua poesia (*A familia*), cuja ideia é aliás tão digna e casta e pura e verdadeira, alguns versos agudos, destacados, desemparelhados da competente toada da rythma, que felizmente não se-notam nos outros trechos do seu volume. Os que terminam pelas seguintes palavras — *vai — mãe — irmã! — pé — amor — adeus — tufão* — destoam da peça e de todo o livro. Não sabemos si a *Arte Poetica* os-condemna e proscree da poesia lyrica, sentimental e séria, especialmente dos versos denominados *brancos* ou soltos, tolerando-os apenas na satyra e nos versos jocoserios: o-que é incontestavel é que produzem máo effeito e affectam de um modo soberanamente desagradavel o ouvido pela desharmonia que promovem, e é pena que existam no primoroso livro de que nos-occupamos. Os bellos modelos do genero, que o poeta paulista necessariamente terá na sua estante predilecta, sem mesmo os-ir buscar fóra da nossa patria, — assegurar-lhe-hão com certeza que temos razão. Cremos até que o visconde de Castilho os-condemnou no seu *Tratado de metrificacão portugueza* como contrarios, pelo menos, ao bom gosto.

Deixamos de tocar em alguns versos que têm uma syllaba de menos ou que a-tem de mais, e num ou outro que sahio frouxo ou duro e mal soante, e que se-podem comptar. Estas linhas não têm

a pretenciosa ideia de se-arvorar em crítica, nem para estudos d'esse genero temos as habilitações exigidas: são tão sómente a expressão do nosso sentir individual, que acha mais que louvar do que condemnar no livro.

As bellezas peregrinas e de fino quilate, derramadas ás mãos cheias pelo volume, que é um jardim de *madresilvas* do mais puro e delicado aroma, resgatam plenamente éstas leves máculas e fazem pender melancolicamente a fronte do leitor, e mais ainda da leitora, ao terminar a sua leitura. Desejar-se-hia que fôsse maior, para mais demorado ser o deleite que elle produz; e si a alma do leitor é um pouco, ou o-foi, de poeta tambem, a traçasinha da *inveja* (porque o não diremos?) aninha-se nella, e fal-a seismar por longo tempo nesses sublimes e adoraveis *nucllas*, que constituem a poesia e que desafião o sorriso parvo dos materialões do seculo, creaturas aliás inoffensivas e bem intencionadas, que entendem que o que ha de unicamente valioso no mundo ó o que se-pode apalpar com os dedos e servir para o concheço da vida...

Seja bemvindo o auctor das *Madresilvas*, e que não se-deixe dominar do indifferentismo que passa e parece querer invadir tudo; não durma sôbre os louros colhidos, nem tão pouco deixe a sua musa adormecer ao som da musica entorpecedora da epocha. Avante! que é um verdadeiro poeta!

J. de M.



CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

[CONTINUAÇÃO (*)]

Depois de impressa no I volume d'estes *Annaes* a parte biographica do *Estudo* que vamos fazendo acêrca do poeta mineiro, offereceu-nos o sñr. dr. Miguel Antonio Heredia de Sá, illustrado redactor da *Gazeta de Campos*, ensejo de discutirmos ainda o controvertido assumpto da morte de Claudio Manuel. Não tendo nós encontrado nos escriptores a que nos-soccorremos um juizo seguro e definitivo a esse respeito, limitámo-nos a transcrever o que achamos dicto por elles. Agora, porém, que temos mais esses esclarecimentos, pedimos venia ao leitor para reproduzir nestas páginas o referido artigo editorial, supprimindo apenas d'elle o que de lisonjeiro para a nossa pessoa se-dignou accrescentar-lhe o seu independente auctor, a quem d'aqui duplamente lh'o-agradecemos.

« Claudio Manoel, diz elle ⁽¹⁵⁾, tem sido calumniado pelos escriptores. Claudio Manoel não commetteu o crime; como elles dizem, de suicidar-se; sua alma era muito grande e nobre para praticar semelhante cobardia. Claudio Manoel foi assassinado na cadeia, sabemo-lo de fonte limpa e por testemunho insuspeito.

« Em companhia de El-Rei D. João VI emigrou para o Bra-

(*) Vid. vol. I. pag. 373 a 387.

(15) *Gazeta de Campos* n.º 76, de 21 de Dezembro de 1876.

zila um illustre e velho fidalgo portuguez, morgado de Sá, chamado Francisco Joaquim Moreira de Sá. Esse fidalgo tinha uma grande fazenda em Minas, no lugar intitulado Santo Antonio do Rio-Abaixo. Uma vez chegado ao Brazil, em vez de, como outros muitos, constituir-se pensionista do rei, tratou de retirar-se para lá. Era mui influente no Paço, parente proximo do ministro; foi altamente recommendado para Minas. Em consequencia d'isso a sua casa tornou-se o ponto de reunião da elite e melhor sociedade mineira. Um dos que mais a frequentavam era um cirurgião conhecido pela alcunha de *Paracatú*; todos o suppunham brasileiro nato; nascêra em Portugal. Foi convidado para a *inconfidencia*; não entrou porem na conjuração.

« Quando Claudio Manoel appareceu morto, foi incumbido de fazer o corpo de delicto. Fe-lo conscienciosamente, declarando que Claudio Manoel não se tinha suicidado, mas sim que havia sido assassinado. No dia seguinte foi procurado pelo ajudante de ordens do general, o qual lhe disse que fizesse novo corpo de delicto, pois aquelle outro havia sido inutilisado por uma criança, que lhe derramara em cima um tinteiro, e aconselhou-o que o fizesse por outro teor. O cirurgião *Paracatú* comprehendeu o salutar conselho; fez novo corpo de delicto declarando que Claudio Manoel se tinha suicidado.

« Isto contou *Paracatú* em confidencia ao seu amigo Francisco Joaquim Moreira de Sá em presença da filha do mesmo, senhora respeitabilissima, tão conhecida quanto venerada em Campos. Esta senhora foi quem nos narrou o facto, e, se a memoria não nos trahe, tambem o referio, e por diversas vezes, ao sñr. dr. Antonio Secioso Moreira de Sá.

« O dr. Teixeira de Mello, que é do Campos, deve conhecer perfeitamente bem de tradição o nome venerando da virtuosa fallecida snr.^a D. Maria do Carmo Moreira de Sá e não pôde ignorar que, quando essa snr.^a asseverava um facto, era inquestionavel, porque pela sua bocca fallava a propria verdade. Conseguintemente, acreditamos que dará algum peso á revelação que acabamos de lhe fazer, e com tanta mais razão nutrimos essa erença, quanto as circumstancias da morte de Claudio Manoel, narradas por esses

mesmos que com tanta injustiça o acoimam de suicida, levam os homens desprevenidos a suporem ter sido ella antes devida a um assassinato do que a um suicidio. Talvez que lá por Minas ainda existam vivas pessoas que possam esclarecer este ponto da nossa historia patria. »

E' na verdade de muita ponderação para nós esse testemunho. Foi sempre distinguida com a maior veneração pelos Campistas a digna matrona, a quem se refere o sñr. dr. Heredia de Sá e que era sua mãe. Merecedora de toda a nossa fé é a exposição que ella fez d'esse facto, pois sempre de criança a-respeitámos pelas suas virtudes e não vulgar cultura de espirito.

Appellando nós tambem para a reminiscencia do probo e illustrado sñr. dr. Secioso, sobrinho da fallecida e criado de pequeno em sua casa, confirmou-nos elle a asseção e accrescentou que mesmo lhe-parcia, tanto quanto se-póde recordar, pois era nessa epocha muito criança, ter ouvido de sua respeitavel tia que o poeta do Ribeirão do Carmo morrêra *envenenado*, o que está de accordo com as primeiras suspeitas do sñr. visconde de Porto-Seguro, com a asseveração do conego Januario e a versão admittida pelo sñr. Ferdinand Denis ⁽¹⁶⁾. Em verdade, a sollreguidão e excesso de zêlo com que nos documentos por nós consultados se-procura deixar fóra de dúvida que o poeta se-suicidára, e logo se enforcou a si mesmo, causam estranheza e fazem pairar sôbre o ânimo do leitor a idéia sinistra de que a verdade historica foi nesse particular sacrificada. Ainda encontra essa idéia outra razão de ser, por ventura mais forte, na consideração de que o depoimento que d'elle existe, ou lhe-fôra arrancado ou fôra adrede forjado para em seu nome culparem os outros implicados no levante ou extorquirem lhes com mais segurança confissões que não deviam ou não tinhamquerido até então fazer. Pela leitura das peças do processo se-verifica que não houve meios, argucias, *tricas* (si nos-permittem a expressão),

(16) O proprio sñr. Joaquim Norberto, que se-declara francamente pelo suicidio, publica na sua *Historia da Conjuração Mineira* (pag. 372 em nota) o seguinte: — Ha nesta capital muitas pessoas que ouvirão aos coevos do Claudio que elle foi suffocado por dois soldados de ordem superior, e que depois se fez espalhar o boato de ter-se suicidado, abrindo uma veia com o garfo da livella dos calções e escripto com o sangue um distico na parede. — Nota 3, pag. 58, do 1.º anno do *Almanak da Provincia de Minas Geraes*.

de que os juizes não lançassem mão nos enfadonhos e successivos interrogatorios, quasi inquisitoriaes, para enredarem os implicados e deixarem bem patente a sua cumplicidade no levante intentado. A retractação, na verdade degradante, com que o misero inconfidente termina o seu depoimento, torna-se para nós suspeita, pois não se-coaduna ella com o seu character, que se-mostrára sempre nobre e elevado, nem tem tão pouco filiação nos precedentes actos da sua vida. Quem nos-diz a nós que a sua morte, isto é, o seu *silencio absoluto*, não seria indispensavel, porque, em segundo interrogatorio, não esperavam que as suas respostas fossem rectificadas? Porque não fôra elle interrogado com as formalidades da lei, como o-tinham sido todos os mais, de modo que ficou o seu depoimento injuridico, e portanto nullo, como o-declara o proprio desembargador Coelho Torres nas suas informações ao vice-rei?

Nos esclarecimentos dados pelo sñr. dr. Heredia não se-especifica qual dos dous peritos, que fizeram o exame medico-legal do cadáver, é o que se-tornára conhecido pela alcunha *Paracatú*: o auto de corpo de delicto, feito a 4 de julho de 1789 no cadáver de Claudio Manuel da Costa, vem assignado (*Brasil Historico*, pag. 140-141, tomo 1.º, 2.ª serie, 1866) pelos *cirurgiões approvados Caelano José Cardozo e Manoel Fernandes de São Thiago*: qual d'elles é o *Paracatú* em questão? O nosso docto informante não nol-o sabe dizer.

Alguns espiritos todavia se-inclinaram, com egual desejo de investigar a verdade, á consideração de que era uma inutilidade o desaparecimento de Claudio Manuel, visto ter elle de expiar no cadafalso o seu *nefundo* crime, e, para os seus inimigos, devia essa infamante pena, essa morte affrontosa ser mais grata e satisfazer mais plenamente os seus desejos de vingança. Mas não estariam alguns d'elles tão altamente collocados na administração da justiça, que soubessem que só para *Tiradentes* não seria commutada a pena última?

Não poderiam elles saber que a charta de perdão da rainha teria de lavrar-se ou já o-havia sido; pois tiveram o ânimo de conservar em segredo a referida charta por dous longos annos ⁽¹⁷⁾,

(17) A charta régia de perdão tem a data de 15 de Outubro de 1790.

de que os juizes não lançassem mão nos enfadonhos e successivos interrogatorios, quasi inquisitoriaes, para enredarem os implicados e deixarem bem patente a sua cumplicidade no levante intentado. A retractação, na verdade degradante, com que o misero inconfidente termina o seu depoimento, torna-se para nós suspeita, pois não se-coaduna ella com o seu character, que se-mostrára sempre nobre e elevado, nem tem tão pouco filiação nos precedentes actos da sua vida. Quem nos-diz a nós que a sua morte, isto é, o seu *silencio absoluto*, não seria indispensavel, porque, em segundo interrogatorio, não esperavam que as suas respostas fossem rectificadas? Porque não fôra elle interrogado com as formalidades da lei, como o-tinham sido todos os mais, de modo que ficou o seu depoimento injuridico, e portanto nullo, como o-declara o proprio desembargador Coelho Torres nas suas informações ao vice-rei?

Nos esclarecimentos dados pelo sñr. dr. Heredia não se-especifica qual dos dous peritos, que fizeram o exame medico-legal do cadáver, é o que se-tornára conhecido pela alcunha *Paracatú*: o auto de corpo de delicto, feito a 4 de julho de 1789 no cadáver de Claudio Manuel da Costa, vem assignado (*Brasil Historico*, pag. 140-141, tomo 1.º, 2.ª serie, 1866) pelos *cirurgiões approvados Caetano José Cardozo e Manoel Fernandes de São Thiago*: qual d'elles é o *Paracatú* em questão? O nosso docto informante não nol-o sabe dizer.

Alguns espiritos todavia se-inclinarão, com egual desejo de investigar a verdade, á consideração de que era uma inutilidade o desapparecimento de Claudio Manuel, visto ter elle de expiar no cadafalso o seu *nefando* crime, e, para os seus inimigos, devia essa infamante pena, essa morte affrontosa ser mais grata e satisfazer mais plenamente os seus desejos de vingança. Mas não estariam alguns d'elles tão altamente collocados na administração da justiça, que soubessem que só para *Tiradentes* não seria commutada a pena última?

Não poderiam elles saber que a charta de perdão da rainha teria de lavrar-se ou já o-havia sido; pois tiveram o ânimo de conservar em segredo a referida charta por dous longos annos ⁽¹⁷⁾,

(17) A charta régia de perdão tem a data de 15 de Outubro de 1790.

deixando que os miseros inconfidentes, a quem ella aproveitava, ignorassem até á ultima a sua existencia, gosando elles d'esse modo do *sinistro prazer* de verem os desgraçados passarem antecipadamente e a todo o momento pelas torturas sem nome de uma morte esperada, degradante e horrorosa? Quem foi capaz d'esse crime e teve força de vontade bastante para não deixar transluzir no olhar, na menor phrase, em um imperceptivel gesto, um tenue raio de esperança que os alentasse nas amarguras do carcere, em cuja porta estava para elles -escripto o terrivel *lasciate ogni speranza* do Dante: os que puderam a sangue frio commetter essa cobardia e deshumanidade, estão a nosso ver aptos para saciarem por um morticínio a sua barbara sêde de vingança.

Si o depoimento do poeta é verdadeiro, inclinamo-nos para a opinião dos que crêem que com effeito tinha elle sido accommettido de principios de alienação mental quando depoz, e que a sua morte voluntaria era um corolario d'aquelle acto, como consequencia do horror que no silencio e isolamento do carcere lhe-devia ter causado a indignidade que praticára de denunciar seus proprios amigos, um d'elles quasi seu commensal.

A primeira versão porém nos-parece mais acceitavel e verosimil. Arrancaram-lhe uma confissão que não estava no seu character, nem na lealdade que devia guardar para com os seus companheiros de aspirações politicas e de infortunio, ou forjaram sem sciencia sua um depoimento nesse sentido: tanto mais plausivel é essa supposição, quanto não foi esse depoimento tomado segundo as prescripções legaes, indispensaveis, como sejam a presença de um tabellião e o juramento para com terceiro: bastava-lhes provavelmente que a *peça* pudesse produzir certo effeito moral, embora ficasse irrita e nulla sob o poncto de vista da sanção penal. Elle, que gozára d'uma reputação invejavel, não só como poeta, mas tambem como jurisconsulto, e que accumulára contra si muita cholera concentrada e muito despeito durante os oito annos em que exercêra o elevado cargo de secretario do govêrno da capitania, logar que resignára desastradamente na administração do antecessor do visconde de Barbacena: elle, pois, tinha contra si, segundo o testemunho do conego Januario, o *resentimento*

de muitos a quem ou ferira com as suas satyras, ou assombrára com o merito de suas luzes. A nossa suspeita, portanto, confirmada pelo valioso testemunho que deu occasião a estas linhas, não é fôra de termo. A nossa opinião individual pois é que Claudio Manuel da Costa fôra assassinado, enquanto provas em contrario não vierem demonstrar que estamos em êrro.

No seu « Brazil Pittoresco » havia dicto (á pag. 69) Charles Ribeyrolles a respeito d'essa morte mysteriosa :

« Claudio da Costa enforcára-se na prisão em Villa-Rica, e grande tinha sido a emoção do povo com a nova dessa morte, filha da sombra, obra da noite. Não se acreditava no suicidio, e alguns dizião que se receiava a voz de Claudio, o advogado vigoroso, o poeta amado! O suicidio era hum crime no espirito das massas : chamava-se a *razão d'estado*. O povo enganava-se, acreditámo-lo. Claudio, o poeta, era um desses artistas delicados, hum desses pensadores altivos mas ternos, que não gostão do rumor. Temem a gloria selvagem dos cadafalsos e, em caso de possibilidade, arranjão-se como podem para morrer longe das turbas. Condorcet fez mais tarde como Claudio. Que interesse urgente e soberano havia nisso? Claudio não era o mais criminoso, o mais comprometido na conspiração; havia a seu lado e acima delle influencias mais altas, que forão respeitadas entretanto. Mas o povo, quando ha mysterio, conclue sempre pelo crime — têm havido tantos! — e a primeira expiação de hum governo que vive do segredo e da violencia, he esta condemnação fatal que o envolve e segue em tudo. »

Ribeyrolles fallava mais como poeta e artista, do que como historiador. Como porém escrevemos animado do desejo sincero de acertar com a verdade, não quizemos deixar de trazer a campo a sua opinião, embora avessa á que adoptámos neste dedalo de conjecturas.

Fazemos votos para que algum desapaixionado investigador das nossas cousas e amante da verdade deslinde um dia as dúvidas que aponetámos, si o nosso appêllo lhe merecer consideração e o fucto em si a importancia historica que lhe ligamos.

Estavamos neste ponto do nosso trabalho quando, por interposta pessoa, consultámos sobre este período tão debatido da vida do poeta mineiro a opinião abalisada do sñr. dr. A. J. de Mello Moraes, que tem tido em suas mãos grande cópia de documentos importantes concernentes á historia nacional. Como resposta indirecta ás nossas dúvidas publicou s. s. no *Globo* de 7 e 13 do corrente mez e anno uns artigos, que pediríamos a s. s. permissão para reproduzir integralmente aqui, si não viessem elles tornar em demasia longo o nosso escripto, que já tomou proporções que estavamos longe de lhe-querer dar. Tel-os-ha entretanto o leitor em resumo fiel, para esclarecimento da questão. Como o illustre sñr. dr. Mello Moraes se-refere ao que publicou sobre a morte de Claudio na *Historia do Brazil-Reino e Brazil-Imperio*, damos em seguida e de principio o que se-lê á pag. 6 d'aquella obra: é apenas esse topico o que em toda ella tem referencia ao nosso assumpto:

«Barbaccua, de posse do segredo que lhe fora revelado por um miseravel traidor (o coronel Joaquim Silverio), immediatamente o transmittio ao conde de Rezende, vice-rei do Rio de Janeiro, o qual mandou sem perda de tempo prender os denuncieados, o que teve logar sem a menor resistencia, sendo todos processados e dalli conduzidos para o Rio de Janeiro, á excepção do famoso poeta e grande magistrado dr. Claudio Manoel da Costa (que, segundo me disse o dr. Americo de Urzedo, fora assassinado, ou conforme outros se suicidára) e Joaquim da Silva Pinto do Rego Fortes, que morrerão na cadeia de Villa-Rica.»

O sñr. dr. Mello Moraes diz-nos, pelos numeros do *Globo* citados, que o pouco que se-sabe da conjuração mineira foi referido por contemporaneos e pela divulgação da sentença que condemnou os implicados, sentença que o mesmo sñr. publicou com o processo de *Tiradentes* na sua *Corographia historica*. Nas considerações com que fez preceder essa sua publicação o sñr. dr. Mello Moraes contou o que lhe-havia verbalmente communicado o venerando dr. Americo de Urzedo, natural de Villa-Rica, o qual sendo mineiro, ouvira dizer que o dr. Claudio Manoel da Costa fora assassinado. Pelo monstruoso processo e pelos documentos reservados, que diz

s. s. ter publicado na sua obra *O Brazil-Reino e Brazil-Imperio*, e dos que ainda possui a respeito da conjuração mineira, nada consta sobre as mortes, na prisão, do dr. Claudio e de Joaquim Fortes. « O dr. Claudio, vendo-se na idade de 60 annos encerrado em uma prisão de segredo, horrorizou-se da sua situação e preferiu suicidar-se a morrer em uma forca. » Este seu juizo diz s. s. que não é destituído de fundamento, porquanto não era Claudio o vulto mais saliente da conjuração, pois tinha por companheiros a Gonzaga, ao coronel Alvarenga e a outros varões respeitaveis pelas suas posições e fortuna: Depois de reportar-se ao corpo de delicto e de decidir por elle que o poeta se-suicidára, *aterrado*, como se-achava, *com a sua desgraça*, diz-nos s. s.: « A nossa historia não está escripta por falta de documentos que lhe dêm o caracter de verdadeira, etc..... O que li a respeito do *envenenamento* do Dr. Claudio e da *lenda* do cirurgião *Paracatú*, acrescenta s. s., tem para mim o mesmo valor que outras, que passam na nossa historia com a dignidade da verdade. » Não acha depois s. s. na relação das pessoas de distincção que acompanharam a familia real ao Rio de Janeiro o nome do velho morgado de Sá, a que o meu informante, o digno sñr. dr. Heredia de Sá, se-referira; não duvida entretanto da sua existencia. O que porém supõe *conto da meia noite* é a lenda referida pelo cirurgião *Paracatú* ao velho morgado de Sá. Assim pois, o que de fresco nos-diz s. s. a respeito da morte de Claudio Manuel da Costa é apenas o resultado de suas conjecturas, é a sua opinião individual. Não era sómente isso, confessamolo, o que esperavamos dos seus conhecimentos especiaes acêrca d'essa parte da nossa historia.

No *Globo* de 8 de março um correspondente, que se-assigna *mineiro*, oppõe ao sñr. dr. Mello Moraes considerações muito sensatas e de bastante pèzo no sentido da nossa opinião a favor do assassinato do poeta. Para ellas remettemos o leitor. São sempre proveitosas taes discussões, que tem por fim, sem azedume nem rancor pessoal, restabelecer a verdade dos factos e dissipar, pela luz do raciocinio e com o escafpello da logica, o que nelles subsiste de incongruente, duvidoso e obscuro. Em resposta ao seu contradictor, cujo conhecimento a respeito da conspiração mineira

é incontestavel, o sñr. dr. Mello Moraes, no *Globo* do dia 12, narra d'uma maneira succinta, mas fiel, a história da famosa *inconfidencia* a partir dos precedentes que a-motivaram. Na verdade, os argumentos que s. s. nos-adduz, baseados no papel secundario que representára Claudio Manuel no tramar da conjuração, embora ainda sejam apreciações inteiramente pessoas e de nenhum modo firmadas em documento positivo, conseguiriam abalar-nos um pouco no juizo que formaramos acêrca da morte, em toda o caso extraordinaria e visivelmente violenta, do indigitado *legislador* da futura republica, si não pudessemos oppor-lhes razões igualmente plausiveis.

Esta discussão continuou ainda no *Globo* de 19.

O que havia exposto no *Globo* do dia 8 do corrente o *mineiro*, argumentando com a falsa posição em que o proprio corpo de delicto diz ter-se encontrado o cadaver, e que indisputavelmente é de summa ponderação e de valente critério, parece ficar em parte contrabalançado pela seguinte contradicção do sñr. dr. Mello Moraes :

« Falla o illustrado mineiro da posição em que se achou o cadaver do grande poeta seu conterraneo, para concluir que fora elle assassinado! E quem o assassinaria? O guarda das prisões? Então haveria luta, gritos, gemidos! E então a posição seria a que menciona o corpo de delicto! »

E porque, responderemos nós, não seria o proprio carcereiro o assassino? Que opposição poderia offerceer um misero velho de sessenta annos, depauperado de forças e, de mais a mais, exhausto pelas torturas moraes do interrogatorio que soffrêra na vespera, não tendo com quasi certeza tomado alimento algum durante todo o dia (Quem em taes circumstancias teria fome?), e que fôra arrancado do leito, a que o lançára um ataque de rheumatismo, quando o prendcrã, como nol-o-assevera o sñr. conselheiro Pereira da Silva nos seus *Varões illustres*? Quanto aos gritos, naturalmente debéis e além d'isso abafados pelas paredes do calabouço, quem os-ouviria? Os soldados mercenarios que faziam guarda ás portas do *real contracto das entradas*? Esses seriam surdos e mudos como os eunuchos mussulmanos, que atiravam ás aguas si-

lênciosas do Bosphoro os saccos pezados e sangrentos, que sahiam pelas portas escusas do serralho depois d'um pezadelo do *commendador dos crentes*. Naturalmente d'elles foi que, mais tarde, teve origem a tradição que dá o poeta como assassinado (Veja-se o que diz o *Mineiro no Globo* de 17).

Demos a palavra ainda ao sñr. dr. Mello Moraes:

« Estaria perturbado da razão o Dr. Claudio, quando tentou contra a sua existência? Não acredito; porque o dr. Claudio era um philosopho e poeta, e sabia comprehender que sem esforço poria termo a seus males, como o praticou na noite de 3 de julho de 1789 na sua tenebrosa prisão de Villa-Rica. »

Entretanto, a nosso ver seria essa a unica versão a admittir, admittindo-se a do suicidio.

Infelizmente, para deslindar essa questão, não apresenta tambem documento algum concludente e positivo, em favor da versão tradicional do assassinato; o *mineiro*, correspondente do *Globo*, pseudonymo que mal encobre o nome por muitos titulos distincto, pelo que nos parece, d'um dos mais illustrados e integros characteres da nobilissima provincia, em que se-deram as scenas tristemente côlebres do que se-denominou na nossa Historia a *Inconfidencia*. Assim pois, mantendo a nôssa suspeita, abandonamos ao bom senso do leitor o ajuizar de que lado está a verdade. Não devemos porém deixar sem reparo a asserção do sñr. dr. Mello Moraes quanto á falta, que s. s. observou, do nome do fidalgo portuguez Francisco Joaquim Moreira de Sá no grupo das pessoas de distincção que acompanharam a familia real ao Brazil.

Não poderia seguramente achar-se tal nome na relação por s. s. publicada na pag. 88 do tomo 1.º, 2.ª serie, da sua *Cronographia Historica* (em nota), pela fortissima razão, indicada por seu neto o sñr. dr. Heredia de Sá, e é que — esse fidalgo, em vez de constituir-se pensionista do rei, tratára de retirar-se para as terras que possuia em Minas. A relação a que se-reporta o sñr. dr. Mello Moraes só contém os nomes dos que, tendo abandonado em Portugal os seus solares e haveres um tanto violenta e atropeladamente, recebiam, como tal ou qual compensação, uma tença do real erario; e não comprehende, nos 300 de que faz menção, o

sem numero de outros que não a-percebião, como frei Antonio de Arrabida, confessor particular do rei (que foi depois bispo de Anemuria); e o padre Joaquim Damaso, bibliothecario, que também vieram na comitiva real e que, entretanto, alli não figuram, nem na relação dada pelo padre Luiz Gonçalves dos Sanctos nas suas *Memorias* (pags. 48 e 49, vol. I.^o) e reproduzida na *Corographia* á pag. 98 do mesmo 1.^o volume.

Ao darmos por terminada esta parte do *Estudo* que empreendemos acêrea da illustre vítima da barbaria dos tempos em que vivêra, e que tem o nome esculpido em letras de ouro no catalogo dos poetas nacionaes e ao mesmo passo no martyrologio da liberdade patria; julgamos attender aos reclamos da propria consciencia passando a nossa humilde penna para a adestrada mão do conspicio mineiro, que, com o illustre sñr. dr. Mello Moraes, veio auxiliar-nos na elucidação da verdade. Pêza-nos sobremodo não termos por nós mesmo deixado sufficientemente esclarecido este ponto negro da vida do nosso poeta, como o-exigem o decoro e a imparcialidade da Historia, que sem essas condições não pôde assumir o papel, que lhe-assignou o orador romano, de *mestra da vida*. Não podiamos porém fechar com mais valente argumento o nosso obscuro trabalho, que se-tornará contra os nossos desejos e previsões mais longo, mas adquirirá com esses subsidios um valor historico que não tinha.

« O facto pois, diz o democrata mineiro no *Globo* de 8 do corrente, de proceder-se a corpo de delicto nada prova; mas o auto publicado pelo sñr. dr. Mello Moraes, e antes delle pelo sñr. J. Norberto, *prova muito*, porque prova o assassinato.

« Vejamos.

= O cadaver, diz o documento, se achava *em pé*, encostado a uma prateleira, com um joelho firme a uma taboa della, *com o braço direito fazendo força* em outra taboa, na qual estava passado o barão, que o asphyxiára. =

« *Em pé*, porque a prisão da corda não tinha altura para que o peso do corpo produzisse o estrangulamento. O braço direito erguido, *fazendo força na taboa em que prendera o barão*, portanto acima da cabeça. Logo, a posição do braço era vertical, empur-

rando para cima a taboa, com o fim de esticar a corda. Colloque-se qualquer nessa posição; e diga em sã consciencia se antes da asphyxia completa, no proprio momento de perder os sentidos, não lhe havia de calir o braço pelo proprio peso e conservar-se inerte ao correr do tronco.

« Mas o corpo de delicto, feito horas depois da morte, ainda encontrou o *braço direito erguido, fazendo força*, isto é, empurrando para cima a taboa em que estava preso o baraço! Como se denuncia o crime!! Tal documento foi imposto ao terror de quem o assignou pelos executores da alta justiça d'El-rei. E o despropósito que escreveram querendo tornar verosimil o suicidio, foi permittido pela divina providencia, para que o attentado comparecesse, como comparece, perante a Justiça da Historia. »

Com o fim de tornar por uma vez decidida esta controversia, pedimos ao illustrado sñr. dr. redactor d'estes *Annaes* a graça de reproduzir em seguida a esta parte do nosso deficiente trabalho o ultimo artigo, que o illustre mineiro estampou no numero do *Globo* de 17 do corrente mez de março, e que tanta luz derrama ainda nesia intrincada questão. Pedimos ao mesmo tempo ao seu docto auctor que não leve a mal a liberdade que tomámos, apropriando-nos dos seus escriptos. • E-ilo:

HISTORIA DO BRAZIL.

« Tratando neste pequeno estudo critico apenas de um facto historico, o assassinato ou suicidio do inconfidente Claudio M. da Costa, a epigraphe deve parecer pretenciosa; conservo-a unicamente por ser a dos escriptos do Sr. Dr. Mello Moraes, a quem respondo.

« No artigo anterior levei á evidencia, parece-me, que o auto de corpo de delicto, unica prova escripta do suicidio, é um documento vicioso, absurdo, nullo, indigno de fé.

« Annullado elle, cabe por terra o argumento,—não podeis socorrer-vos da tradição, em presença da historia authenticamente escripta.—

« Mas, a consequencia não é sómente a demonstração negativa, consistente na falta absoluta de documentos que mereçam credito: o facto de escreverem no acto do corpo de delicto ásserções manifestamente falsas e absurdas, prova que sentiam a necessidade de esconder alguma cousa; e essa o que podia ser senão o crime mysterioso, commettido nas sombras da noite e da masmorra?

« A tradição do assassinato, que vem da época da conjuração até os nossos dias, não póde offerecer todos os caracteres de certeza que assignalam a dos factos historicos, occorridos em grande publicidade: o crime, ou suicidio que fosse, não teve testemunhas.

« Entretanto, aquella tradição se nos apresenta com a principal das condições de credibilidade, que é não ser interrompida desde os factos referidos até a época actual.

« Jorge B. Ottoni, quando em 1821 fazia arrazar o monumento de infamia, erguido no lugar da casa do Tiradentes, convivia com o padre Manoel Rodrigues de Barbacena e com outros compromettidos e contemporaneos da inconfidencia, dos quaes recebeu a tradição do assassinato; existem filhos de Jorge B. Ottoni, que d'elle ouviram a noticia e não me hão de contestar.

« Americo Urzedo, já adolescente em 1789, disse ao proprio Sr. Dr. Mello Moraes que aquella versão do facto era geralmente acreditada.

« Que fallasse no suicidio a marquezia de Jacarepaguá, referindo-se a um militar que conduzia os presos, como allega o Sr. Dr., não admira: na atmospheria official, de certo, se havia de repetir, e muitas vezes em bôa fé, a historia contada no auto do corpo de delicto. Mas essa ballela official nunca desconcertou a tradição do povo, da qual darei hoje um novo testemunho.

« Francisco Ribeirô de Andrade, cidadão muito considerado em Ouro-Preto, onde morreu em idade avançada, militava no regimento de cavallaria de Minas, que tinha sua parada em Villa Rica, e fazia parte da guarda da prizão no dia 3 de Julho de 1789, que precedeu á morte do prezo Claudio Manoel da Costa.

« Nesse regimento, cuja disciplina e moralidade deixou em Minas a mais honrosa memoria, assentavam praça os filhos das principaes familias da provincia: estava sempre completo, e continuamente esperavam pelas vagas moços da melhor educação. Quem isto escreve viu em villas do interior soldados do destacamento convidados para dansar o minuete nos bailes (*Assembléas*, dizia-se então) das pessoas mais gradas.

« No dia 3 de Julho de 1789 a guarda fornecida por aquelle regimento modelo, dizia Francisco Ribeiro de Andrade que della fazia parte, fôra mandada retirar-se ás 6 horas da tarde, sem que se soubesse ou allegasse motivo algum: ficou a prisão entregue a soldados de policia. O mesmo F. R. de Andrade acrescentava que elle e seus camaradas tinham ficado na crença de que a mudança da guarda fôra preparativo para a execução nocturna.

« Reside nesta Côrte um neto do antigo soldado, pessoa a todos os respeitos estimavel, que ouviu a seu avô o que acabo de narrar. Não será difficil ao Sr. Dr. Mello Moraes conhecer o cavalheiro a que me refiro, e reconhecerá que é homem honestissimo, incapaz de alterar a verdade para qualquer fim.

« Julgo, pois, perfeitamente averiguado que a tradição do assassinato de Claudio M. da Costa começou na propria manhã da achada do cadaver, e veio a nós, sem interrupção, se bem que no principio tivesse de atravessar 33 annos de oppressão, que tanto se passaram entre a generosa e mallograda tentativa mineira e a proclamação da independencia.

« A' esta voz do povo constante, corroborada pelo facto da mudança da guarda, facto abonado pela grande confiança que merece o actual depositario da tradição, o que se oppõe? O auto de corpo de delicto, defeituoso e suspeito?

« Em outro artigo, provavelmente o ultimo, procurarei mostrar que aquella tenebrosa execução nocturna não era inverosimil, como pareceu ao Sr. Dr. Mello Moraes.

« Março, 16.

Mineiro.»

(*Globo* de 17 de março de 1877.)

II.

**Claudio Manuel da Costa compoz e publicou
as seguintes obras:**

I. — Manusculo metrico consagrado ao Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Francisco da Annunciação, sendo segunda vez confirmado na dignidade de Reitor da Universidade de Coimbra. — Impressa em Coimbra por Luiz Secco Ferreira, 1751, in-4.º, constando de um *romance*.

II. — Epicedio | consagrado | á saudosa memoria | do | Reverendissimo Senhor Fr. Gaspar da Encarnação Reformador dos Conegos Regulares de Sancto Agostinho |, Congregação de Sancta Cruz de Coimbra. | — Coimbra, no real collegio das Artes da Companhia de Jesu, Anno de 1753. in-4.º, constando de 21 oitavas.

III. — Labyrintho de Amor, Poema. — Coimbra, por Antonio Simões, 1753, in-8.º

IV. — Numeros armonicos temperados em heroica, e lyrica consonancia. — Coimbra, pelo mesmo impressor e no mesmo anno. In-8.º—Consta de diversas poesias.

V. — Obras de Claudio Manoel da Costa, Arcade ultramarino, chamado Glauceste Saturnio. — Coimbra. — Na officina de Luiz Secco Ferreira. MCCLVIII. 1 vol. in-8.º de XXIII, 320 pp., das quaes as 7 ultimas de *erratas* e *index*. Contêm 100 sonettos numerados; 3 *epicedios*, todos em versos hendecasyllabos rythmados a dous; um *romance*; a *Fabula do Ribeirão do Carmo*, precedida de um sonetto que começa:

« A vós, canoras Ninfas, que no amado
Berço viveis do placido Mondego »

20 *eclogas* (ha nellas ainda intercallados cinco sonettos); 6 *epistolas*; 4 *romances* mais; duas lyras (uma intitulada *Despreso* e a outra *Palinodia*, collocadas em frente uma da outra); duas composições em verso sob o titulo—uma, *Fileno a Nize. Despedida de*

Glauceste Saturnio, e a outra—*Nize a Fileno. Resposta de Ernesto Fenicio*; seguem-se duas *cançonetas* em italiano, denominadas a 1.^a *Il pastore e Nize. Canzonella di Glauceste Saturnio* — e a outra (posta na pag. fronteira) *Nice al pastore. Risposta de Ninfejo Calistide*; vêm ainda outras *canzonette*, pequenas, em numero de 4, em italiano; e finalmente 8 *cantatas*, duas d'ellas em italiano ainda.

Destas composições, as 4 primeiras foram dadas ao lume da imprensa, como se verifica das respectivas datas, no tempo em que o auctor estudava em Coimbra. A 5.^a constitue, no auctorizado dizer de Innocencio da Silva, o seu principal titulo de glória e a mais conhecida de suas composições.

Por obsequiosidade do modesto bibliophilo o sñr. Francisco Antonio Martins, director da Bibliotheca Fluminense e da do Instituto, tivemos ensejo de compulsar esta, que foi estampada trez annos depois do regresso do auctor ao Brazil, e que já figura hoje nas estantes da Bibliotheca Nacional em virtude de aquisição recente.

Na « Collecção de Poesias ineditas dos melhores poetas portuguezes », Lisboa, 1809-11, 3 v. in-12, vêm sob o nome do nosso poeta trez *odes*, das quaes o conego Januario da Cunha Barbosa reproduziu no quaderno 4.^o do seu *Parnaso Brasileiro*, duas: *Saudação á Arcadia* e *Ao Sepulcro de Alexandre Magno*.

Foram publicadas umas *Memorias historicas da Capitania de Minas Geraes* de sua composição no *Patriota* de abril de 1813, de pag. 40 a 68, *Jornal Litterario, Politico, Mercantil, &c.* do Rio de Janeiro, 3 tom. de differente formato, 1813-14, redigido pelo docto bahiano Manuel Ferreira de Araujo Guimarães e em que collaborára por algum tempo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga. D'este periodico, muito valioso para o seu tempo, possui a Bibliotheca Nacional um raro exemplar. Claro fica que estas *Memorias* foram editadas depois da morte de Claudio.

Do seu *Epicedio* possui tambem a Bibliotheca um rarissimo exemplar na preciosa collecção facticia de B. Machado, no tom. III dos *Elogios funebres de ecclesiasticos*, reunidos pelo docto e paciente abbade.

O sñr. Quintino Bocayuva, conspicuo e illustrado redactor-chefe do *Globo*, folha diaria que tanta honra está fazendo á im-

prensa jornalística do Brazil nesta Capital, publicou no 1.º fascículo (Lyrica Nacional, 1862) da sua *Bibliotheca Brasileira* o sonetto de Claudio Manuel que começa:

« Não vês, Lize, brincar esse menino
Com aquella avesinha? »

seguido da seguinte nota:

« Não ha quem não conheça e não respeite o nome deste infortunado poeta, um dos precursores da independencia da nossa patria e um dos heroes da inconfidencia. Claudio Manoel foi, dos poetas brasileiros, um dos que melhor manejou o genero da poesia lyrica. Companheiro de Gonzaga, era seu rival em estro e na melodia do verso. O sonetto que aqui estampamos e que não sabemos se já alguma vez foi publicado, é, como podem apreciar-o os leitores, um mimo de poesia. »

Respondendo á duvida do provector publicista, informâmos ao mesmo passo ao leitor curioso que esse sonetto foi dado á lume no *Patriota* de fevereiro de 1813, em 1844 no *Mosaico Poetico* dos sñrs. Adel e Joaquim Norberto, e é o XLVI das suas *Obras*, não o-tendo o conego Januario e os sñrs. conselheiro Pereira da Silva, visconde de Porto Seguro e dr. F. Wolf incluído entre os que do poeta deram por *spécimens*.

Modernissimamente o sñr. Camillo Castello-Branco, o fecundo romancista de além-mar que todos nós conhecemos, diz no seu *Curso de litteratura* (Lisboa, 1866) que a epistola a *Critillo*, supposto auctor da famosa satyra mineira denominada — Cartas Chilenas —, é do nosso poeta; e afirma de modo peremptorio que as referidas *chartas* são da penna de Alvarenga Peixoto, a quem, pelo *modus poetandi* e pela analogia no emprêgo de certas phrases, o sñr. visconde de Porto-Seguro parecia inclinado a attribuil-as (*Florilegio*, nota na pag. 366) ⁽¹⁸⁾, e a quem egualmente as-attribue o sñr. F. Wolff. Ouçamos a esse proposito, o sñr. Castello-Branco, cuja opinião é para nós de tanto mais pêzo quanto é elle

(18) O sñr. visconde de Porto Seguro attribue-as depois a Claudio no *Appendice* ao seu *Florilegio* — 1872, Vienna.

insuspeito, por isso que não é fácil de contentar-se em tudo quanto respeita o ramo da litteratura portugueza cultivada aquem do Atlantico, e não perde nenhuma occasião de se-mostrar hostil aos nossos homens de letras :

« Attribuiram-lhe (a *Claudio Manoel da Costa*) os governadores colonias a composição poetica das *Cartas Chilenas*, que não eram suas, mas de outro conjurado e condemnado a degredo, Ignacio José de Alvarenga Peixoto. As *Cartas Chilenas* de Critillo estão publicadas no Brazil ⁽¹⁹⁾. Não as vimos impressas, mas possuimo'las manuscriptas e precedidas de uma epistola apologetica a *Critillo*. Esta epistola, se o annotador do nosso manuscripto (Antonio Ribeiro dos Santos) estava, como inculca, bem informado, é de Claudio Manoel da Costa. Os versos são valentes, conceituosos, tremem de colera, e ás vezes vibram de sarcasmo. Damos em nota esta carta, bastantemente significativa do libello que fermentou odios, tão cruamente vingados depois, pelos successores do governo despotico de D. Luiz da Cunha Menezes, que nas *Cartas Chilenas* é mascarado em *Panfarrão Minezio*. Os sonetos de Claudio Manoel são petrarchistas, e na contextura tem o sinelo arcadico da escola de Garção. Será de mais equiparal-os ás explosões botagianas; porém, no respeitante ao luzimento e selecção dos vocabulos, Bocage foi menos primoroso artista. No tentamen epico, chamado *Villa Rica*, não se extrema das epopeas mediocres. As suas canções são suspirosos meandros que se derivam da cristalina corrente de Guarini: Pelo que respeita a nativismo brasileiro, é excusado buscal-o nos madrigaes d'este poeta quando o ardente amor os não lampejou nas lyras de Gonzaga. »

(19) A casa dos sñrs. Lacimert do Rio de Janeiro publicou em 1863 uma nitida edição d'essas cartas, 2.^a, si considerarmos como 1.^a a incompleta e descurada de 1845, feita pela redacção da *Minerva Brasiliense*. A dos sñrs. Lacimert compõe-se de treze chartas e é devida ás diligencias e devotamento do sñr. dr. Luiz Francisco da Veiga, a quem agradecemos mais esse serviço as letras patrias. Na introdução que a precede, o sñr. dr. Veiga examina e discute a paternidade das famosas *Cartas*, concluindo por attribui-las a Thomaz Gonzaga.

Tambem o sñr. Joaquim Norberto procura elucidar esta controversia na primorosa edição que nos deu em 1865 das *Obras poeticas* de Alvarenga Peixoto.

O sñr. conselheiro Pereira da Silva deixa por decidir si serão ellas de Claudio, de Gonzaga ou de Alvarenga Peixoto, ou si dos tres em liga e combinação.

O distincto litterato pernamb. Santiago Nunes Ribeiro, que primeiro as publicou, mas apenas septe, na *Minerva Brasiliense*, afirma que são de Gonzaga, baseado no testemunho de Francisco das Chagas Ribeiro, que dá por muito valioso.

Temos mencionado até aqui todas as composições poeticas de Claudio Manuel, que se-conhecem e foram impressas em sua vida. Resta-nos o seu ultimo trabalho, isto é, o seu poema, que só o-foi em 1839-41 por diligencia do sñr. senador do Imperio e conselheiro d'Estado José Pedro Dias de Carvalho. O exemplar que a nossa Bibliotheca possui no numero dos seus pouco vulgares volumes de impressões nacionaes, e que se-acha em perfeito estado de conservação, sahio com o seguinte titulo e mais indicações:

= Villa Rica, Poema de Claudio Manoel da Costa. | Arcade Ultramarino, | com o nome de | Glauceste Saturnio. | Offerecido ao Illm.^o e Exm.^o Sur. José Antonio Freire | de Andrada, Conde de Bobadella &c., &c., | no anno de 1773. Dado á luz em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. | por um de seus Socios Correspondentes. | Ouro-Preto. Anno de 1839. —Ouro-Preto 1839, Typ. do Universal. =

Freire de Carvalho, no seu *Primeiro Easão sobre hist. e litter. de Portugal*, tractando dos poetas nascidos na colonia, apenas menciona englobadamente os seus nomes como merecedores de commemoração e louvor pela fertilidade de imaginação e graças da versificação, e, entre elles, o de Claudio Manuel da Costa. No que, seja dicto de passagem, confunde Thomé Joaquim Gonzaga das Neves com o seu parente e confrade Thomaz Gonzaga, o Direcu das *Lyras a Marília*.

Precedida de uma *Breve noticia sobre a vida de Claudio Manoel da Costa*, publicou o conego Januario no 7.^o quaderno do seu *Parnaso* (1832) as seguintes poesias do futuro inconfidente:

« Vida do Campo, Egloga XIX;

« A lira, Egloga XX;

« A' lira — Despreso —, e na pagina fronteira a — Palinodia — a essa lyra, escriptas no mesmo metro e em rythmas forçadas;

« *Fileno á Nize* — Despedida de Glauceste Saturnio, Pastor Arcade, Romano, Ultramarino. — Acompanha-a na pagina confrontante — *Nize a Fileno* — Resposta de Eureste Fenicio —, que não sabemos quem seja ⁽²⁰⁾.

(20) O conego Januario parece acreditar que Claudio é o auctor de ambas. O sñr. dr. P. da Silva as-dá como de Claudio no seu *Parnaso*.

« Cantata V, *Nize* ;

« Cantata VI, *Palemo e Nize.* »

E no 1.º quaderno os sonettos :

V. — « Se sou pobre pastor, se não governo »

XIII. — « Nize? Nize? onde estás? Aonde espera »

XXVII. — « Apressa-se a tocar o caminhante »

XXIX. — « Ai Nize amada! se este meu tormento »

XXXI. — « Estes os olhos são da minha amada »

XXXV. — « Aquelle que enfermou de desgraçado »

XLI. — « Injusto amor, se de teu jugo izento »

LVIII. — « Altas serras, que ao Ceo estás servindo »

LXXXIII. — « Polir na guerra o barbaro Gentio »

O sñr. conselheiro. Pereira da Silva deu-nos nos seus *Varões illustres* as seguintes poesias de Claudio:

A cantata *Nize*, que começa

« Não vejas, Nize amada

A tua gentileza

No cristal d'esta fonte. Ella te engana » ;

a lyra que começa

« Vem, adorada lyra,

Inspira-me o teu canto » ;

a que principia por

« Aqui d'este salgueiro

Pendente ficarás, ó lyra minha ! »

Os nove sonetos estampados pelo compikador preecedente e o que começa :

« Leia a posteridade, ó patrio Rio »

com que elle precede a *Babyta do Ribeirão* e que ao mesmo tempo é o II da centuria de sonettos publicados nas suas *Obras*.

Deu-nos este benemerito colleccionador no 1.º vol. do seu *Parnaso* as seguintes :

« Não sejas, Nize amada »

« Onde, ó Nize divina »

« Oh quanto, Nize, ó quanto »

as eclogas — A' lyra — A vida no campo, — e as canções lyricas — Palinodia — Adeoses — Resposta — Despreso —, além dos sonetos, que nos deu como amostra do genio do poeta nos seus *Varões illustres*, e que já tinham sido reproduzidos no *Parnaso* do Conego Januario, a *Fabula do Ribeirão* e as duas odes *A' Arcadia* ⁽²¹⁾ e *Ao Sepulchro de Alexandre Magno*, tambem dadas pelo primeiro.

O sñr. visconde de Porto-Seguro brindou-nos no 1.^o tom. do seu *Florilegio*, na parte relativa ao poeta mineiro, com os sonettos :

« Onde estou? Este sitio desconheço »
 « Este é o rio, a montanha é esta »
 « Lêa a posteridade, ó patrio Rio »
 « Quem és tu? Ai de mim! eu reclinado »
 « Lembrado estou, ó penhas, que algum dia »
 « Campos, que ao respirar meu triste peito »
 « Quando cheios de gosto e de alegria »
 « Polir na guerra o barbaro gentio »
 « Destes penhascos fez a natureza » —

Transcreveu mais a — *Fabula do Ribeirão do Carmo* —, a *lyra* que começa:

« Que busco, infauusta lyra »

« Saudação a José Basilio e outros novos Arcades », e às estancias em versos toantes, dirigidas ao *desembargador José Gomes de Araujo*.

D'esta rapida rezenha das composições metricas do poeta mineiro se-deprehende que, das impressas no seu tempo de estudante, só pôde sobrenadar no naufragio do tempo e escapar á dispersão o seu *Epicedio*, graças á diligência com que o-recolheu e perfilhou na sua curiosissima livraria o paciente abbade de S. Sevér.

Quanto ás que o conego Januario reproduziu no 1.^o tom. do seu *Parnaso*, não foram extrahidas, como elle no-lo-diz, do volume que se-imprimíra em Coimbra em 1751, e que não podia ser outro

(21) Publicada tambem em 1844 pelo sñr. Norberto no seu *Mexico*.

sinão o *Munusculo metrico*; mas sim das *Obras* publicadas em 1768, como verificámos.

O poema *Villa-Rica* é um vol. in-4.º de 8 pp. não numeradas, XIX prelim. e 80, tendo no v. da fl. de rosto a seguinte epigrapha:

« Ultra Garamanthos, et Indos proferet imperium.

— Vig. *Æn.* 6. »

Na primeira pagina vem uma — Carta Dedicatória — assignada pelo auctor e na immediata um Prologo —. As numeradas com characteres romanos contêm o — Fundamento historico —, que é constituido, como dissemos, pelas *Memorias* publicadas no *Patriota*. Comparadas umas com outras, vê-se que, ao dar-lhes curso no seu periodico, o douto bahiano que o-redigia tirou-lhes as referencias ao poema, accrescentou-lhes algumas particularidades historicas mais, e modificou-lhes para melhor a redacção e a fórma. O auctor tracta nellas da creação das villas mais importantes da Capitania, dos descobrimentos das jazidas de ouro, diamantes e esmeraldas pelos bandeirantes paulistas e nos-dá a *serie dos governadores* de Minas até o conde de Valladares. O poema divide-se em 10 cantos e cada um d'elles vêm acompanhado de notas explicativas. O 1.º canto consta de 204 versos, o 2.º de 268, o 3.º de 178, o 4.º de 194, o 5.º de 261, por faltar um, provavelmente por inadvertencia do impressor; o 6.º canto se-compõe de 272 versos, o 7.º de 270, o 8.º de 322, o 9.º de 458 e o 10.º de 204: ao todo o poema impresso contêm 2631 versos, hendécasyllabos, rythmados dous a dous como a *Assumpção* de S. Carlos e os alexandrinos francezes, circumstancia ésta que na verdade muito concorre para tornar monotona a sua leitura e diminuir consideravelmente o encanto que deve deixar no espirito do leitor.

E' muito mais difficil, confessamolo, discursar de critica litteraria, quando ésta tem por sujeito a produção d'um escriptor contemporaneo, antecipando-se d'esse modo a sentença da posteridade; porque póde a opinião do julgador ser lançada em conta

da paixão partidaria: si indulgente e encomiasta, póde ser tomada por louvaminhas de amigo ou um capitulo mais do que mui acertadamente se-denominou *camaradagem litteraria e critica de campanario*; si rigorosa, por desabafo mal encuberto de rancor pessoal. O que escapa da Scylla da maledicencia vai cahir no Carybdes do *elogio mutuo*. Quando porém o auctor da obra analysada descansa ha muito no seu derradeiro somno, sem que não poucas vezes se saiba onde é que os seus ossos restituem á madre natureza a cal e o phosphoro de que se-compuzeram, como succede com o nosso malaventurado Claudio, a tarefa do critico se-despoja do character de parcialidade, hostil ou amiga, de que poderia revestir-se, e os juizos já feitos sôbre a sua herança litteraria facilitam efficazmente o trabalho do analysta, alumiando-lhe o caminho. « O critico, diz J. M. da Costa e Silva, é como o magistrado: deve sentenciar despido de affecto e de odio, e tão criminoso é um se falta á verdade, como o outro se posterga a ley (*Ensaio biographico-critico*). »

De todos os poetas que floresciaam na Capitania de Minas-Geraes no último quartel do seculo XVIII, Claudio Manuel da Costa, nascido, como vimos, em 1729, era o mais velho. O visconde d'Almeida Garrett, no seu brilhante « Bosquejo da Hist. da poesia e da lingua Port. », diz que *obtivera Claudio mui distincto lugar entre os poetas portuguezes d'essa epocha e que o Brazil o deve contar seu primeiro poeta, chronologicamente fallando, e Portugal um dos melhores.*

Das poesias que publicára quando cursava as aulas da Universidade, o seu *Epicedio* é a unica que pudemos ler. Abre com esta harmoniosissima estancia =

« Se em puras frâgoas de votiva chamma
Tanto suor arabico liquida
O Egipcio culto a seus Heroes, que a fama
Enriquecerão dos trophcos da vida:
Se o resplandor da fugitiva rama
A' tanta copia em marmores erguida
Romano zelo em reverente indulto
Pagou por feudo, tributou por culto. »

E conta, nas 21 estrophes de que se-compõe, versos como estes =

« Morreste! Oh quanto a lastima se excita
Ao echo infausto deste triste accento!
Mas se tem parte a magoa de infinita,
Que muito passe a dor a ser portento!
Morreste! E como a esphera se limita
Do coração ao gyro do tormento,
A mortal ancia, que o pezar fecunda,
Em ays se accende, em lagrimas se inunda. »

Em risco de transportarmos para estas paginas toda a formosa elegia do nosso poeta, não nos-ferramos á lentidão da pôr diante do leitor mais uma d'estas bellas oitavas: é a 12.^a, dirigida ao sobrinho do morto:

« E tu, que authorisando o sentimento
Na mais nobre razão, que o persuade,
Fazes da muda frase do lamento
Vozes da dor nas línguas da saudade;
Que dirás do immortal, egregio alento
Beste Alcides, que em hombros de piedade
O pezo reparando, que gemia,
Te fas de Deos eterna Monarchia? »

Escriptas no calor da mocidade, com a redundancia de conceitos e imagens, acarretando em si um acervo de hyperboles consoantes ao gosto da epocha, nós as-apreciamos mais pela musica do verso, que nos-deliciá avelludadamente o ouvido, do que pelo pensamento que exprimem: estas estrophes provam que quem as-compoz era incontestavelmente poeta. Escreveu-as elle decerto sem esforço, de um jacto, em uma noite de inspiração; por isso são fluentes os versos, cheios, suaves, naturaes, e dão uma medida exacta do seu estro, da sua indole poetica.

Presente-se já, talvez, nelles o que o sñr. C. Castello-Branco appellida (*Curso de Litt.* pag. 253) — *peregrinas blandicias da morbidez brasileira* —, referindo-se a Silva Alvarenga. Embora o poeta escrevesse na Europa, influenciado de perto pelas idéias que

vigoravam na poesia e litteratura portugueza naquelle tempo, dominado pelo mau gosto, de que ninguem se libertaria então, ha para nós, que pensamos diversamente do sñr. Castello-Branco acêrca de poesia, um encanto indefinivel, sentimos um prazer estranho e nimiamente grato em acharmos nos versos do nosso conterraneo as *peregrinas blandicias da morbidez brasileira*, em que pêze isso ao illustre crítico contemporaneo. O que elle suppõe talvez defeito é para nós belleza.

O visconde d'Almeida Garrett colloca, como vimos no seu *Bosquejo da poesia Port.*, o nosso poeta na primeira planã entre os do meiado ao fim do seculo passado. Pedimes permissão ao leitor para adduzirmos em seus proprios termos a opinião de tão abalisado e competente juiz na matéria. Quem escreveu o canto 5.º do poema *Camões*, e a *D. Branca*, e, já inclinado para o tumulto, a descer a montanha da vida, achou ainda em si forças e teve inspiração bastante para crear uma nova escola, um genero novo de poesia com as suas *filhas esculpidas*, pôde mui bem decidir como mestre em questões de arte poetica e de gosto litterario. Diz elle de Claudio:

« Deixou-nos alguns sonetos excellentes, e rivalisa no genero de Metastasio, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige á lyra com sua palinodia imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio a Nice. *Grazie all'ingani tuoi*, pode-se apontar como excellentes modêllo. Nota-se em muitas partes dos outros versos d'elle varios resquícios de *gongotismo* e affectação *seiscentista*. »

Tractando depois da *segunda decadencia da lingua e litteratura portugueza*, diz ainda Garrett:

« Muito honrosa menção deve a historia da lingua e poesia portugueza a Domingos Maximiano Torres, cujas eglogas rivalisam com as de Quintã e Gessner, cujas cançonetas são, depois das de Claudio Manoel da Costa, as melhores que temos. »

Estava em moda na Italia e na peninsula iberica o idyllio: legislavam para a poesia nessa epocha, á sombra, ainda magestosa mas já gasta, dos deuses do Olympo, Guarini e Gongora, e Metastasio e Petrarcha, representados em Portugal por Francisco

Rodrigues Lobo, para só nomearmos um. O Tejo, o Lima, o Guadiana, o Mondego, rios tão classicos para os que escreviam na lingua de Camões e Ferreira e Sá de Miranda, como o Pindo, o Hymetho, o Parnaso, o Coccyto, Paphos, Gnido, Venus, Phebo, Minerva, Vulcano, *et magna comitante caterva*, era de uso obrigatorio entrarem como comparsas em todas as composições poeticas do tempo. Nymphas, Dryades, Faunos, Napéas, Tágides, Camenas; as Musas, as Náyades, os Sátyros, os Pastores compunham, *inania verba*, o círculo vicioso, dentro do qual se-encerravam fatalmente os que tangiam o alahude e a lyra d'entre os nossos maiores. Tudo isso vinha sempre envolto no indispensavel *raboleva* de palavras sesquipedaes, mais ou menos sonoras, mas vacias de sentido, ligadas umas ás outras até completarem a medida e cesura do verso, verbos de encher, de que se-havia sempre uma formidavel provisão para as occasiões e de modo a contentar todos os paladares!

Atalá, Renato, os Natches, o Genio do Christianismo do visconde de Chateaubriand não tinham ainda revolucionado as idéias, preparando os animos para receberem como elementos novos de poesia as pompas imponentes do dogmatismo catholico e o sombrio e vago e agriçoso da melancholia e da saudade, da saudade tão acertada e opportunamente aproveitada por Garrett na sua longa elegia *Camões*. Não podia o nosso poeta furtar-se á influencia do meio em que vivêra. A sua estada na bella Italia, cuja lingua soube tão bem manejar, requintou-lhe o gôsto pela poesia pastoril. Acontecêra outro tanto com Sá de Miranda duzentos annos antes. De volta á sua terra natal, acha Claudio ainda no seu mais íntimo amigo, Gonzaga, as mesmas tendências poeticas: a lembrança das *falsas nymphas* da terra em que desenvolvêra as fôrças vivas com que o-dotára a natureza e em que se-accendêra a scentelha divina que lhe ardia no cerebro, reunida á saudade pela mulher que amára sem correspondencia, constituem o fundo do seu character e formam-lhe a individualidade poetica.

D'ahi a sua celebrada allegoria *Ribeirão do Carmo*, na qual é Apollo o imprescindivel *deus ex machina*, como nas tragedias hellemicas. Só ao nosso seculo foi dado apeiar dos seus nichos se-

culares, das suas carcomidas e vacillantes peanhas os heroes da theogonia pagan, contra os quaes o genio superior, e até hoje não excedido, do immortal cantor dos *Lusiadas* se-rebellára em vão no seu monumental poema, que tem *afrontado o tempo e as injustiças*, como, com admiravel intuição do futuro e a consciencia do seu proprio merito, vaticinára o grande poeta. Mais tarde, o orgulhoso e tragico bardo inglez, que luctou em pessoa pela liberdade da Grecia e por ella morreu em Missolonghi, resgatando assim os desregramentos da sua tempestuosa mocidade, trouxe para o campo da poesia, como novos elementos, postoque dissolventes, o tédio da vida, a dúvida pelas conquistas da intelligencia, e o desespero, consequencia legítima e fatal da sua nenhuma fé nas crencas religiosas. Com esses elementos e tendo á sua disposição as graciosas lendas americanas, impregnadas do perfume embriagador da novidade, que nos-deixaram os primitivos habitantes d'estas nossas dilatadissimas regiões, o que não daria de si um genio como Bocage, por exemplo, precursor de lord Byron no desordenado do viver?

São accordes os criticos no confessarem que os sonettos de Claudio Manuel podem ser considerados dignos emulos dos de Petrarca, e que as suas cantatas nada ficam a dever ás de Metastasio, tendo todas ellas a mesma elegancia de estylo e correção de phrase que se-notam nas do célebre abbade italiano. Nas suas cantatas, lyras e eclogas reina uma certa melancholia, peculiar ao seu character e ao sabor da eschola poetica italiana, apesar do predominio das crencas convencionaes do paganismo em todas as manifestações da poesia nesse tempo. Algumas das suas composições d'esse genero podem na verdade ser tomadas por modelos: são irrepreheniveis na harmonia e suavidade musical do verso, no castigo e corredo da linguagem, no conceituoso do pensamento. O que sobretudo o-characteriza, tanto nas suas composições pessoais e eroticas, como nas elegiacas e lyricas, além da sonoridade do metro, é a elevação e egualdade da idéa, que, sem se-guindar ás regiões quasi inaccessiveis e acroceraunias dos exaggeradores da eschola de Victor Hugo, e sem descer ás vulgaridades e aos logares communs dos discipulos de Lamartine, sabe prender até ao fim a attenção do leitor. Sirvam de exemplo d'esse conceito a sua cantata:

Não vejas, Nize amada,

e a sua ecloga á lyra:

Aqui d'este salgueiro

Pendente ficarás, oh lyra, minha.

Só o receio de transpormos os limites reservados a este *estudo* nos-veda de as-reproduzirmos aqui, para que o leitor, que não as-tivesse lido nas fontes anteriormente citadas, pudesse apreciá-las por si mesmo.

Apezar de ser a lingua italiana mais musical do que a nossa, e portanto mais apropriada para a poesia lyrica, os sonettos de Claudio Manuel são superiores aos de Petrarcha no melodioso do verso, no torneado da phrase, na riqueza e variedade da rythma. Rivalizam alguns d'elles com os de Bocage.

O nosso entusiasmo patrio comtudo não nos-levará a fazer chôro com o sñr. conselheiro Pereira da Silva no deixar em dúvida si seria o nosso poeta egual ou superior áquelle. Elmano, o rei do sonetto e do improviso, era uma torrente caudal, que não conhecia diques; difficil será achar quem o-accompanhe nos vãos. Era uma alma de fogo, feita para as luctas da palavra e que se-retemperava, como Antheu, para os combates, tocando com os pés na terra.

Claudio é um regato limpo e transparente, correndo em ligeiros meandros, por terreno afeiçoado ao declive, onde apenas pequenos e alvos seixos lhe-agitam moderadamente o curso: calmo e brando no sentimento, menos fogoso nas paixões, mais caravél á dor e ao desânimo; propenso para a meditação, dotado de uma alma mais propria para os gosos placidos e nada ruidosos da vida domestica e os prazeres innocentes da vida do campo — do que para as acrimoniosas discussões academicas, em que o genio de Bocage parecia deleitar-se. Almas de tão diversa têmpera, não podiam manifestar-se do mesmo modo. Tivemos o ensejo de ler todos os sonettos de Claudio, que passam de cem, e os de Bocage, que não contámos, e, não obstante a nossa incompetencia na materia, juiz embora obscuro do pleito, não hesitámos em pôr de parte os assomos, sempre desculpaveis, do patriotismo, e em dar a

palma a quem sempre nos-pareceu que a-devia levar. Para completar o parallelo entre os dous, diremos que, pelos seus harmoniosissimos versos, Bocage era theatral e visava ao effeito que deviam elles produzir no espirito do leitor. Claudio, pelo contrario, é simples e natural; parece que só escrevia para si; si alguma vez, sobretudo nos primeiros tempos, se-deixou levar na torrente do *gongorismo*, é porque era esse o gosto do trovar da epocha: o *tufão* arrebatava-o a seu pezar.

As bellas qualidades que enumerámos e que se-encontram nas produções de character individual e lyricas do nosso poeta, não apparecem infelizmente no seu poema. Os seus biographos, e os que têm analysado as suas obras, passam sempre de relance pelo seu *Villa Rica* e apenas o-pomeam, contentando-se alguns em gabar perfunctoriamente as excellencias das notas e indicações historicas que encerra.

Um poema presuppõe a aspiração de um povo inteiro amontoadá no cerebro de um só individuo; um-ideal procurado longamente, com perseverança, a todo o momento por muitos, e achado, de repente muitas vezes, por um só, que terá de concretizar e resumir na manifestação rythmica, puramente e individualmente sua, a opinião, a idéia, a aspiração geral.

A libertação da patria poderia ter agitado a alma de Claudio, como representante das preoccupações de seus concidadãos, esmagados de longa data pelo ferrenho jugo colonial. Poderia elle realizal-o? Disporia elle da força poetica exigida para reduzir essa idéia generosa a uma forma tangivel, a um poema emfim, que ficasse sendo como o espelho em que cada um visse d'aguerrecolypada a imagem do seu proprio pensamento, a sombra das suas ambições patrioticas? Claudio não fôra seguramente fadado para esses vôos atrevidos de condor pelas mais altas regiões da poesia. Por isso não o-vemos tomar para assumpto da sua epopéa as torturas laocoonticas do patriotismo manietado, as lutas latentes da liberdade amordaçada por seculos. Sabedor da história da sua capitania natal, como secretario que fôra do governo d'ella, contenta-se com reduzir a formas poeticas, e tenta *vasar no molde do eterno bronze da epopéa* os combates do homem civilizado, mas avido de

ouro é que pouco se-lhe dava dos meios que empregaria para alcançal-o e arrancal-o das entranhas da terra — combates obscuros, empenhados com o indio embrutecido por diuturna ignorancia, domno de um thesouro cujo valor não conhecia, mas instinctivamente decidido a defender a todo o transe o seu lar, isto é, a floresta em pézo, invadido, os seus domínios talados, o seu asylo secular profanado por extranhos, quasi tão ferozes como elles; tendo um inimigo mais a combater, mas esse formidavel, além dos seus consuetudinarios inimigos — as feras e os descendentes de outra tribu, os arregimentados sob o *tacape* de outro chefe. Claudio Manuel pudéra fazer entrar esses elementos no seu poema e urdil-os em versos melodiosos, como elle os soubera compor, e ao mesmo tempo cheios de pensamento. Mas a sua inusa contemplativa e chan, *masa pedestris* como a do Vennuzino, não o acompanharia nessas eminencias de tão difficil accesso, a que raros têm conseguido subir d'entre a immensa turba dos poetas. Não era para a sua compleição debil e delicada o embocar, como o epico portuguez, a *tuba sonora e bellicosa*

• *Que o peito accende e a côr ao gesto muda,*

e « quebrar o velho molde da epopéa », como diz Rebello da Silva. Garrett em Portugal e o sñr. dr. Domingos de Magalhães (hoje visconde de Araguaya) no Brazil foram os que primeiro tiveram a glória de « em nossa lingua modular o canto no diapazão natural, temperar a lyra pela toada materna, beber a inspiração nas suas fontes vivas », — para aproveitarmos a phrase do eminente prosador portuguez (Rebello da Silva) no seu *Elogio* academico de Almeida Garrett.

O seu *Villa-Rica* tem sido considerado antes como uma lenda historica posta em versos, do que como um poema propriamente dicto, que nem mesmo póde ser classificado na categoria de poema-romance. Na verdade, faltam-lhe os requisitos exigidos para isso; não observou nelle o auctor as regras estatuidas pelos mestres para tal genero de composições metricas. Os characteres dos personagens que poz em scena como que apenas esboçou elle; a acção do poema é frouxa, mal delineada e sem o desenvolvimento

que o assumpto comportava. Os versos não têm a firmeza de traço dos seus primeiros productos poeticos e, de-mais a mais, rythmados dous a dous, como o-foram, fatigam por monotonos o leitor, emb'ora os-leia elle em voz baixa ou em silêncio. Estamos mesmo tentado a suppor que a tradição, que nos-conservou inedito o seu poema até 1839, introduziu nelle muitos erros e sinões que primitivamente não tinha.

Possuimos na *Bibliotheca Nacional* esse poema em manuscripto, cópia pertencente á *Bibliotheca Real*. O auctor não o-julgára talvez digno de ver a luz da publicidade: a nomeada de que entre os seus contemporaneos gosava como poeta, deu-lhe todavia uma certa celebridade: andavam por muitas mãos cópias mais ou menos fiéis d'elle, como se-dera com outros opusculos seus, perigosos pelas idéias adiantadas, sociaes e politicas, que continham. Sabemos da existencia de duas, a da nossa *Bibliotheca* e a da *Bibliotheca Fluminense*. Comparando a nossa com a edição de Ouro-Preto, cujo titulo e mais indicações já demos ao leitor, vê-se que ha nella, como tambem ficou dicto, falta de alguns versos em alguns cantos e mesmo de oito seguidos no canto 6.º Dal-os-hemos neste trabalho, pelo menos como uma curiosidade bibliographica.

O codice da Real *Bibliotheca* é *in-folio*, escripto por bôa letra do fim do seculo 18.º ou principios do actual; mede de altura 30 cent. por 20 de largura. Consta de 63 folhas num., das quaes a última é preenchida pelo sonetto de Joseph Maria Francisco de Assis, que foi reproduzido na edição mineira. Na cópia da *Bibliotheca* vem entretanto a seguinte indicação ácerca do auctor d'esse sonetto:

= De José Maria Francisco de Assiz, Hoje Sacerdote, e vive em 1804. na Villa de Quéluz =, com a declaração de ter sido composto aos primeiros quatro cantos do *Poema*, que está escrevendo o Doutor Claudio de... (sic) =

Anda-lhe annexo um appendice por letra diversa, em papel um pouco mais alto e mais estreito, constando de 6 folhas não numeradas, a duas columnas, e com o seguinte titulo:

= Notas e Variantes do Poema *Villa-Rica* por Claudio Manoel da Costa. =

No alto da 1.^a fl. e da columna esquerda lê-se: = Exemplar existente nas R. Bibliothecas = e na direita =: Variantes. =

Comparadas essas *variantes* com o corpo do poema manuscripto e com o publicado, nota-se que algumas d'ellas passaram para este, mas que, por via de regra, por inadvertencia da copista ou descuido no trabalho de impressão, escaparam muitos versos em todos os cantos do poema, exceptuando-se os quatro primeiros, que foram integralmente reproduzidos. Na cópia da R. Bibl. falta a charta dedicatória, que vem nas *variantes* e foi impressa. Das 63 ff. do cod., a primeira é occupada pelo *Prologo*; 13 e $\frac{1}{2}$, isto é, 27 paginas contêm o *Fundamento Historico*, que nada mais é do que as *Memorias* publicadas com melhor redacção em 1813 pelo *Patriota*. A pag. de rosto consta do seguinte titulo:

= Villa Rica: | Poema | em X cantos | de | Claudio Manoel da Costa, Arcade Ultramarino; ou Glauceste Saturnio. | 1773 =

Tem elle por *principal argumento*, como diz o seu proprio auctor na primeira nota, a fundação de Villa-Rica, ou antes a sua erecção em villa, de arraial que era. Data esse facto de 8 de Julho de 1711, em que se ficou denominando *Villa-Rica de Albuquerque*, em memoria do governador e capitão-general de Minas Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, nomeado por *patente* passada em Lisboa a 23 de novembro de 1709. O poema começa pela seguinte « proposição », que não deixa de ser bella, no seu genero:

« Cantemos, Musa, a fundação primeira
Da Capital das Minas, onde inteira
Se guarda ainda, e vive inda a memoria
Que enche de applauso de Albuquerque a historia. »

Segue-se a « invocação », que é dividida em trez partes, e na qual não diverge a cópia da Bibliotheca Real do poema impresso, sinão nos dous insignificantes pontos que assignalaremos depois:

« Tu patrió ribeirão, que em outra idade
Dêste assumpto a meu verso, na igualdade
De um epico transporte, hoje me inspira
Mais digno influxo, porque entõe a lyra; »

Porque leve o meu canto a clima estranho
O claro heroe, que sigo e que acompanho.
Faze visinho ao Tejo confim que eu veja »
Cheias as Nynfas de amorosa inveja. »

E em seguida a a dedicação »:

« E vós, honra da patria, gloria bella
Da casa e do solar de Bobadella,
Conde feliz, em cujo illustre peito
De alta virtude respirando o effeito,
O irmão defunto reviver admiro :
Affavel permitti que eu lente o giro
Das minhas azas pela gloria vossa,
E entre a serie de heroes louvar-vos possa. »

Entra depois na « narração », isto é, no desenvolvimento da acção propriamente dicta.

As palavras que sublinhámos são as divergencias neste poncto do poema entre o manuscripto e o impresso: lê-se neste *ao clima*, quando naquelle está com mais acêrto a *clima*. Pelo contrario agora, no impresso vem *do solar*, e no manuscripto falta a preposição, ficando d'esse modo o verso com uma syllaba de menos. nas *variantes* porém está restabelecida essa falta. *Série de heroes*, diz acertadamente o manuscripto, e *dos heroes* dá erradamente o impresso. D'essas pequenas differenças está cheio todo o poema; são na apparencia de pouca monta; mas para os que entendem da arte e a-estimam, valem-pellas muito, não só porque essas incorrecções difficultam a comprehensão do assumpto, como porque prejudicam a melodia do verso. O receio de fatigarmos o leitor aconselha-nos que não prosigamos na apresentação d'ellas; porque ao mesmo passo isso tornaria interminavel o presente estudo: mais valêra dar uma nova edição de toda a obra, expurgando-a das pequenas máculas que a-desfiguram e afciam, aproveitando para esse fim não só a edição de Ouro-Preto, como a cópia manuscripta e as *Variantes*, que não bemfazeja, mas para nós desconhecida, acrescentou á dicta cópia.

Em muitos ponctos pareceu-nos que o editor do poema se-

guiára pelo exemplar que a Bibliotheca possui ou outro identico; outras vezes inclinámo-nos a crer que se regulára mais frequentemente pelas *variantes*. O que incontestavelmente se evidencia da confrontação dos trez trabalhos, é que não são completamente eguaes, sendo forçoso ainda confessar que não houve o necessario cuidado na impressão. D'esse ultimo asserto dá prova cabal a supressão fortuita ou intencional de alguns versos, e a alteração de muitos d'elles. Por exemplo:

No canto 5.º pag. 29, linha 24:

« Não vos lembrão os insultos que fazião? »

dá o traslado Bibliotheca Real, tendo sido supprimido no impresso; e

« Não vos lembra, & — vem nas *Variantes*: o que restitue ao verso a necessaria cesura, mas estabelece um êrro de concordancia grammatical entre o verbo e o sujeito da oração.

No canto 6.º pag. 42, linha 16, faltam de uma assentada os 8 versos seguintes:

« Pelas curvas unhas ensanguentadas:

E não farta do damno que fizera,

Mais estragos obrára se pudera.

• A triste humanidade que ali sahia

Da Furia livrar-se não podia:

Acaso alguns das garras escapavão:

E todas as cavernas evitavão

Para infames conselhos só buscadas. »

Si foram adrede supprimidos, parece-nos que procederam com todo o acêrto; pois além dos trez versos que gryphámos estarem ou primitivamente incorrectos ou se terem posteriormente viciado, accresce que todos elles peccam por frouxos e sem conceito.

No 7.º canto nenhum verso falta.

No 8.º falta á pag. 56, linha 17, o seguinte:

« D'ouro, de diamantes circulado —

que está visivelmente fóra da medida dos versos hendecasyllabos,

e não vem emendada nas *Variantes*. Ainda no mesmo canto, pag. 58 (do impresso), linha 14, falta:

« Elle por vários corregos girando » —

No canto 9.º, pag. 66, lin. 27, faltam:

« Toma argumento e diz: Tende alegria:

Bella conversão vos contarei um dia:

Estae-me attentos que a antiga historia »

quando no impresso vem somente:

« Toma argumento, e diz: a antiga historia

Desta arvore eu a guardo na memoria. »

Pela supressão, que se observa no impresso, do final do 1.º d'esses versos, de todo o 2.º e de parte do 3.º =

« Tende alegria:

• *Bella conversão* vos contarei hum dia:

Estae-me attentos que » —

supressão adoptada tambem pelo auctor anonymo das *Variantes*, poder-se-hia suspectar que o editor do poema seguiu não só por ellas, como teve á mão cópia egual ao manuscripto da Bibliotheca Nacional. Elle, que felizmente ainda vive, poderia com uma palavra desfazer ou confirmar a nossa suspeita. Invocámos por canal competente o seu valioso testemunho. O que s. ex.ª se dignar communicar-nos pedimos-lhe venia para junctarmos a este trabalho como appenso.

Voltemos ao nosso proposito.

Ainda no canto 9.º, pag. 68, linha 35 do impresso de Ouro-Preto, vem o verso:

« (Que triste vista, que illusão faustosa !)

substituindo o do nosso manuscripto:

« Ignorantes da estrada perigosa » —

e que não vem nas — *Variantes*. — Essa e outras particularidades, que fôra fastidioso trazer ao conhecimento dos leitores, levam-

nos a erer que o sñr. conselheiro Dias de Carvalho, editor do poema, tinha também á sua disposição uma das numerosas cópias da obra que andavam pelas mãos de muitos.

No mesmo canto 9.º, pag. 76, lin. 17, faltam dous versos seguidos, que têm no manuscrito os n.ºs 417 e 418:

« Esses mesmos discordes, que atrahidos
Forão da ambição, vejo arrependidos » —

a cujo respeito trazem as *Variante*s o seguinte :

« N. B. — Os versos 417, e 418, faltão em outros exemplares. » O da Bibliotheca Nacional os dá, como acima os estampámos.

Ainda nesse mesmo canto vem o 8.º verso da pag. 71 do impresso :

« Aos dous religiosos persuade »

substituindo o da cópia da Bibliotheca :

« Conrado, e o outro conspirado Frade ».

que não vem indicado nas *Variante*s.

O editor porém aproveitou porventura as seguintes e outras alterações, que ellas não trazem.

Na pag. 67, verso 19, que está no manuscrito :

« Em que vem muitas rosas misturadas »

o impresso traz

« Que tecem muitas rosas animadas, »

seguramente por assim vir em algum outro exemplar.

O verso 27 da mesma pag.

« Só os da noite sussurrar se ouvirão

vem assim na nossa cópia, e a edição mineira dá = *se virão* =.

O 1.º verso (sempre do canto 9.º) da pag. 68 vem terminando no impresso pelo verbo reflexivo — *dar-te*, quando no manuscrito, que temos á vista, está — *da arte* — com todo o acêrto.

No verso 33 (pag. 69) do impresso vêm as palavras — os *membros principaes* — e na cópia manuscrita estão — os *chefes*

principaes. — No verso immediato (34) da mesma pag. diz a-nossa cópia — *A fantastica idéa* —, e tanto no impresso como nas *Variantes* vem — *fanatica idéa*. — Na mesma pag. 69 vem ainda no verso 38.º — *O Sceptro* — no impresso, e no manuscripto vem — *O reino* —; e vice-versa, no verso 36 o impresso dá *reino*, quando o manuscripto traz *Sceptro*; alterações estas que pouco valem e não estão mencionadas nas *Variantes*.

No canto 10.º, finalmente, ha falta de um verso entre o 23.º e o 24.º, da pag. 74, e modificação d'esses dous. Assim, no impresso está:

« *As que espera lavar liquidas fontes,
Que vomitão delfins, e regias pontes,
Que se hão de sustentar sobre a firmeza* »

quando no manuscripto está:

« *As que espera lavar estatuas bellas
A mesma Fama q' ha de cantar d'ellas.
Veem-se allí já correr liquidas fontes,
Que vomitão Delfins; e regias pontes* » —

alterações e suppressões de que não rezam as *Variantes*, e que naturalmente se liam em outros exemplares consultados pelo ex.^{mo} editor ou no que serviu para a impressão.

Fôra fastidioso e até inutil, por incomprehensivel para o leitor, o prolongarmos por mais tempo um tal trabalho de confrontação.

Para terminar a nossa imperfeita resenha da vida e obras d'este infortunado poeta, diremos que, ao passo que todas as suas outras poesias têm para nós incontestavel mérito, o seu poema — *Villa-Rica* — nos parece o producto de um talento que declina, ou a tentativa mallograda de um regular ingenho poetico deslocado do genero peculiar á sua especialidade, que era o lyrismo.

Talvez entre por muito na frieza de alguns versos e na visivel incorrecção de muitos, que são intoleraveis por prosaicos e duros, a *rasura* dos leigos ou *entendiços* em poesia, por cujas mãos andou por tantos annos este último esôrço rythmico do desventurado mineiro.

o ex.^{mo} sñr. conselheiro e senador do Imperio, editor do poema, em charta com que respondeu ao sñr. dr. Ramiz Galyão, declara que a cópia, de que se-servira para a impressão que nos deu do poema do seu desventurado e famoso comprovinciano, fôra por s. ex.^a encontrada entre alguns manuscritos de seu fallecido pae, o sñr. Pedro Dias de Carvalho, tirada de sua propria lettra; e informado de que não tinha o poema sido ainda impresso na sua integra, pois só dous dos seus cantos haviam sido inseridos em uma *revista*, de cujo nome não se-recorda, e tornando-se depois possuidor da primeira typographia que se-establishera na cidade de Ouro-Preto, entendeu que prestava um serviço ás lettras patrias mandando imprimir o poema no proprio lugar, onde fôra elle escripto ou de que tinha o nome. Declara mais s. ex.^a que não conhecia nem tinha noticia da cópia da R. Bibliotheca, e que não sabe de onde fôra extrahida a de que se-servira. Nenhuma informação pôde s. ex.^a dar-nos relativa á morte tragica do poeta; pois, começando a sua vida pública num temp. em que estavam todas as attensões voltadas para a nova era politica que então se-levantava nos horizontes patrios, não se-preoccupou com os factos anteriormente passados. Recorda-se apenas de ouvir fallar muitas vezes na célebre dama a quem o poeta da *Marilia de Dirceu* decantára nas suas *Lyras*; não teve porém ensejo de vê-la, não obstante residir na mesma cidade em que ella habitava a casa de seus maiores, que era por isso aponetada como celebridade.

Com estas informações que a illustrada bondade de s. ex.^a nos ministrou, damos por concluido o bosquejo, que promettemos ao leitor, da vida e escriptos do afamado poeta e advogado mineiro Claudio Manuel da Costa.

J. A. Teixeira de Mello.

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

MEMORIAS E CARTAS BIOGRAPHICAS (?)

sobre a revolução popular, e o seu ministério na Rio de Janeiro desde 26 de Fevereiro de 1821 até o regresso de S. M. o sr. d. João VI com a corte para Lisboa, e os votos dos homens d'Estado que acompanhavam a S. M.

Das aquisições que ultimamente tem feito a Bibliotheca Nacional na secção de manuscritos, a das *Chartas e Memórias*, cujo titulo serve de epigraphe a esta noticia, é uma das de mais valor intrinseco pela relação que tem com a nossa história. Versando sobre os acontecimentos politicos, que determinaram a partida do rei d. João VI para os seus dominios na Europa, acontecimentos que tanto concorreram para a emancipação da nossa patria, devem ser consultadas com proveito por todo aquelle que se propuzer a escrever a historia do nascimento da nossa autonomia. Publicando-as nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, julgamos prestar um serviço aos futuros historiadores das nossas coisas. Dadixa graciosamente a filha do distincto publicista, philosopho e homem de estado portuguez, a ex.^{ma} sr.^a d. Joanna Carlota Leithold Pinheiro Ferreira Paes Leme, a quem por nossa vez agradecemos o valioso presente, saem assim da meia sombra em que jazeram.

Para tornar completo o serviço que intentamos fazer com a sua divulgação, daremos aqui os traços biographicos do seu illustre

auctor, soccorrendo-nos do que nos deixaram dicto a seu respeito os benemeritos e nunca assaz louvados creadores do *Diccionario bibliographico portuguez* e do *Grande Diccionario universal do seculo XIX*, monumentos immorredouros ambos.

Silvestre Pinheiro Ferreira nasceu em Lisboa a 31 de dezembro de 1769 eahi falleceu a 2 de julho (*Larousse* diz a 1, erradamente) de 1846.

Destinado á vida ecclesiastica, entrou aos quatorze annos de idade para a Congregação do Oratorio, onde se tornou logo alvo da attenção dos mestres e condiscipulos pela sua viva intelligencia e séria applicação ao estudo. A tal ou qual perseguição que soffreu dos directores da congregação, por ter feito em dissertações, que por esse tempo compoz, reparos criticos e observações ao p.^o Theodoro d'Almeida, auctor da famosa *Recreação Philosophica*, que tanta acceitação mereceu no seu tempo, — obrigou Pinheiro Ferreira a deixar a congregação e a renunciar ao estado sacerdotal. Em 1794, segundo crê Innocencio da Silva, obteve por concurso a cadeira de philosophia racional e moral na Universidade de Coimbra, onde teve a afouteza de introduzir a doutrina de Locke e de Condillac, diz Larousse. Tramaram nova perseguição contra elle os seus emulos, que o denominavam *jacobino*, espirito forte e até conspirador: para evitar a prisão de que estava ameaçado, expatriou-se, dirigindo-se á Inglaterra, depois á Hollanda. Era então ministro de Portugal juncto a essa potencia o cavalheiroso Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde da Barca, que ao tempo da chegada de Pinheiro Ferreira estava em Paris em missão especial juncto ao governo da republica franceza, para onde logo partiu o nosso auctor. Benignamente acolhido pelo ministro portuguez, foi-lhe relevada por influencia d'elle a sua evasão do reino, e não só nomeado secretario interino da embaxada portugueza em Paris, como depois secretario da legação em Hollanda, para onde voltou em 1798 com o ministro. Com elle fez Pinheiro Ferreira uma demorada viagem de instrucção pela Allemanha, voltando ambos a Lisboa em 1802. Foi então nomeado official da secretaria dos negocios estrangeiros e logo Encarregado de Negocios de Portugal em Berlim, onde prestou a seu paiz, como nol-o refere Innocencio

da Silva, os serviços que as circumstancias requeriam, procurando então, como sempre, aprofundar os seus conhecimentos, e dando-se especialmente ao estudo das sciencias naturaes. Durante a sua estada naquella côrte relacionou-se com os homens eminentes da Allemanha na diplomacia e na sciencia. Em 1807, segundo nol-o diz Larousse, Napoleão I, irritado com Silvestre Pinheiro por ter elle informado o principe regente de seus projectos de invadir Portugal, exigiu a revocação do embaxador em taes termos que não admittia réplica. Voltou então para Portugal, onde achou a familia real dispondo-se a embarcar para o Brazil, enquanto um exercito francez, ás ordens de Junot, se encaminhava para Lisboa. Larousse dá o nosso auctor como tendo acompanhado o regente ao novo-mundo; Innocencio porém, que temos por mais bem informado, diz que elle viera para o Rio de Janeiro pelos annos de 1810. Aqui soube Ferreira, pelos seus meritos pessoais, ganhar a confiança de d. João VI e foi successivamente nomeado deputado da Junta do Commercio e encarregado de commissões diplomaticas, das quaes não acceitou umas por julgal-as incompativeis com o seu brio e pundonor pessoais, e não chegou a exercer outras por embaraços supervenientes; e foi um dos directores da *Impressão régia*, accrescenta Larousse, e é exacto. No dizer d'este escriptor foi Pinheiro Ferreira o primeiro que, em 1814, aconselhou a d. João VI que dêsse espontaneamente uma constituição, que estabelecesse a monarchia representativa nos seus estados da America e da Europa. Proclamada no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1821, a adopção do systema monarchico-constitucional, depois da revolução effectuada no Porto nesse sentido, foi chamado para occupar, no ministerio que então se-organizou, as pastas dos negocios estrangeiros, e da guerra, não se-lhe-admittindo as razões que apresentou de incompetencia na materia (*), para dispensarem-no d'esta última. Silvestre Pinheiro empenhou então todos os esforços para implantar o governo constitucional no Brazil e em Portugal, e seguiu em 1822 el-rei d. João VI á Europa. A esse periodo de sua vida é que se-referem as *Chartas* que começamos a publicar hoje: Pouco de-

(*) Como nol-o diz o proprio auctor na 6.ª das suas *Chartas*.

pois da sua chegada ao reino demittiu-se da sua pasta, por ter (1824) prevalecido a idéia do absolutismo no congresso constituinte portuguez. Algum tempo depois foi de novo chamado aos conselhos da corôa como ministro dos negocios estrangeiros, cargo que acceitou por se ter já feito justiça á pureza das suas intenções, e exerceu até pouco antes (*Innocencio da Silva*) da queda da constituição em maio de 1823, e de que foi exonerado a pedido seu. Retirou-se então (1824) para Paris, onde se entregou de todo ao cultivo das sciencias e á litteratura, seguindo assim o natural pendor do seu espirito.

Emb'hoza ausente, não se-exqueciam os seus conceladões do seu grande conhecimento dos publicos negocios e do seu merito real: foi pois, em 1826, em 1838 e em 1842, eleito deputado ás Côrtes: só d'esta vez deixou elle os seus estudos predilectos e voluntario exilio, e acceitou a espinhosa incumbencia, já com a idéia de *morrer na patria*. Não sendo todavia adoptados pela camara projectos que lhe-apresentára, fructos amadurecidos dos seus constantes estudos politicos e administrativos, voltou de preferencia a sua attenção para o cultivo das lettras, dedicando-se com desvello em inocular o gôsto d'ellas na mocidade do seu paiz, que de toda a parte o-solicitava, animando-a, prodigalizando-lhe os conselhos da sua provecta experiencia, e repartindo com ella os thesouros de solida sabedoria que adquirira no tracto do mundo, no manusear dos livros e na pública administração.

Servia assim á terra do seu berço, quando a morte o-sorprehendeu.

Para completar o epitome que tentamos fazer da vida d'esse distincto homem d'estado e philosopho, permitta-nos o leitor que reproduzamos o juizo que fórma d'elle Pedro Larousse no seu citado *Diccionario universal*:

« Pinheiro, partidario das doutrinas philosophicas do XVIII seculo, possuia acêrea de muitos pontos idéias muito adeantadas. Queria que todos os cidadãos fôsem eleitores e elegiveis, que a eleição fôsse applicada não só á Camara dos deputados e á Camara alta, mas ainda á magistratura, que todo o cidadão fôsse soldado; queria a abolição da pena de morte, a publicidade com-

pleta do processo, a censura pública para os magistrados injustos, casas e colonias penitenciarias; queria outrossim que o Estado fôsse o unico senhor do solo e só uma propriedade admittia, a do trabalho. A integridade do seu character, o liberalismo de suas idéas angariaram-lhe a estima e sympathia pública. »

Foi commendador da ordem de Christo, Ministro e secretario d'estado honorario, deputado ás côrtes, socio honorario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Inst. hist. e Geographico do Brazil e correspondente do Instituto de França, &c. Deve-se-lhe um numero consideravel de memórias, obras e opusculos escriptos em portuguez, em francez e inglez (Não em allemão, como diz Larousse), cuja enumeração se-poderá ver no *Diccionario* de Innocencio da Silva, que a-dá com toda a minuciosidade e a escriptura fidedigna que lhe-é peculiar, bem como a de escriptos de menos tom d'aquelle eminente publicista disseminados por diversas publicações periodicas, e, finalmente, o catalogo de escriptos seus reputados ineditos. Nesta última classe estão comprehendidas as *Memorias e Chartas*, que pra se-dão ao prelô e cujo titulo conservamos.

« Affavel por natureza, e accessivel a todos, diz Innocencio da Silva, citando um dos seus biographos, bondoso, modestissimo cheio do espirito de justiça e pundonor nacional, possuia a estima de quantos o trataram, e a admiração e respeito dos que só o conheciam pelas suas obras, ou pela fama do seu nome. Foi, emfim, um portuguez que todo o mundo civilizado respeitou como sábio, como politico, como escriptor, como publicista, e como homem honrado e de uma probidade immaculada. »

J. Armitage, na sua *Historia do Brazil desde a chegada da Real familia de Bragança*, na pag. 23 da versão feita em 1837 por um brasileiro, depois de historiar os factos occorridos no Rio de Janeiro em 1821 e do que se occupa em suas presentes Chartas Silvestre Pinheiro, diz o seguinte, que julgamos opportuno repetir aqui :

« Os Conselheiros do infeliz Monarcha (d. João VI), e especialmente Silvestre Pinheiro Ferreira, Ministro da repartição dos Estrangeiros, haviam já previsto a direcção que brevemente toma-

MEMÓRIAS E CARTAS BIOGRAPHICAS.

PRIMEIRA SERIE.

CARTA I

Meo Am.^o e S.^r. — Tem V. S.^a m.^{ta} razão: nem eu me felicitava da m.^a nomeação para os Estados-Unidos porque desconhecesse a dificuldade de huma tal Missão no momento em que acaba de rebentar entre nós hũa Revolução. Se escrevi a V. S.^a que este Despacho me era particularmente agradável nas actuaes circumstancias, he porque elle me proporcionã os meios de sahir decorosamente deste Paiz e desta Corte antes daqui se verificar a explosão que ha muito se receia, e que agora, depois de feita a Revolução em Portugal, he impossivel se não realice dentro em muito pouco tempo. E he tanto maior este receio, quantos sam desvairados e até diametralmente oppostos os muitos Pareceres que depois das noticias chegadas de Europa tem feito subir á Presença de S. Mag.^{de} Pessoas de todas as classes e de todas as graduações que o mesmo Senhor se tem servido de querer ouvir sobre este tão importante assumpto.

Huns figurão a Revolução acontecida em Portugal, como hum acto de tão treslucada temeridade, que não hesitam afiançar a El Rey quo antes de poucos mezes e porventura em poucos dias, o Povo acordando do assombro em que naturalmente ficou no primeiro repente de huma tão inesperada concussão, obrigarã os Autores della a virem implorar perdão e misericordia aos pés do Throno. Mas pouco certos desta sua asseveração acrescentam que em todo o caso se deve invocar a cooperação das demais Potencias, para suffocarem o incendio que não só tem já lavrado por toda a Península da Hespanha; mas que quasi ao mesmo tempo ha levantado lavareda na de Italia e no Archipelago, ameaçando devorar toda a Europa.

Nesta conformidade se tem com effeito expedido ordens e instrucções aos nossos Ministros junto as differentes Côrtes: e parece se preparam quanto o apuro dos recursos deste Estado o permittem, a empregar todos os meios da força para destruir em sua origem o que o Ministerio antolha como empreza de huma mera Facção atrevida mas pouco numerosa.

Outros pelo contrario dando inteiramente por perdida a causa da Monarchia em Portugal, aconselham a S. Mag.^{de} como desde annos a esta parte não cessam de intimar que abandonando aquelle, tão desgraçado, segundo elles se exprimem, como insignificante pedaço de terra, applique todos os seus Reaes cuidados a organizar neste vastíssimo continente hum Imperio que pela sua extensão, pela variedade de seus climas, e pela incomensuravel riqueza de suas produções não pode deixar de vir a ser dentro em poucos annos o mais florente de quantos se conhecem na Historia.

Hum pequeno numero de homens em cuja opinião os successos da Revolução Franceza offerecem o mais adequado prototypo de quantas depois della tem rebentado nos differentes Estados da Europa, onvio com tanta admiração o mefospreso com que huma parte do Ministerio encara a Revolução de Portugal, quanto foi o horror que lhes causou ver que em peitos Portuguezes possa caber a revoltante idea de despedaçarem com o ferro estrangeiro o seio daquella mesma Patria que lhes deu o ser. . .

Mas entre estes mesmos homens moderados he grande a discrepancia dos votos; porque huns aconselham a S. Mag.^{de} que deixando o Brazil confiado a huma Regencia, como a que em 1807 ficou encarregada do Governo de Portugal, regresse quanto antes a aquelle Reyno, a fim de alli dirigir os progressivos successos da Revolução e manter os Direitos da sua Real Coroa: Outros sam de parecer que commetendo este cuidado a S. A. R. o Principe Herdeiro, S. Mag.^{de} (dizem huns) -se applique a impedir que no Brasil se não faça innovação enquanto nas Cortes de Portugal se não ultimar o edificio da nova Constituição de toda a Monarchia. Entretanto que outros concordando em que S. A. R. he que deve ir presidir aos trabalhos do Congresso Nacional, sam de parecer que pela sua parte hum Congresso particular do Brasil, debaixo

da immediata direcção de S. Mag.^{de} formalise uma Constituição que lhe seja apropriada, bém que conforme aos princípios que servirem de base ás Instrucções que S. A. R. houver de levar para de accordo dirigir os trabalhos das Cortes Geraes da Monarchia em Lisboa.

Porém o maior numero dos que nutrido sentimentos de patriotismo para com Portugal se horrorisam da idea de chamarem sobre elle o ferro e o fogo dos Husares e Cosacos: ao mesmo tempo que se indignam de ouvir aconselhar ao Soberano que abandone a sua propria Patria aos horrores de uma Revolução toda democratica ou o que val o mesmo toda anarchica e dessoladora; sam de voto que S. M. confiando ao Principe R.^l a Regencia do Brasil com o principal encargo de obstar a que nelle rebentem os germes de Revolução que he impossivel dissimular que nelle existem e fermentam em mais de hum sentido; se transporte com toda a sua Corte á antiga Séde da Monarchia: nã certeza de que á sua chegada ou se achará já consumada a obra da Reformaço Política do Estado, ou sem consideravel demora se ullimará, conforme aos Direitos da sua Real Coroa, como inseparaveis que sam dos verdadeiros interesses da Nação.

Parece-me ouvir-lhe perguntar — E qual foi nessa diversidade de Pareceres a sua opinião? —

Até agora (não obstante ter tido quasi todos os dias a honra de beijar a Mão a S. Mag.^{de}) ainda me não deu signal de querer saber o que eu penso sobre taes assumptos. Mas se me he licito conjecturar o motivo deste seo silencio, persuado-me que provem de S. M. saber, vai já em seis annos, tudo quanto hoje que se acham realisados os acontecimentos que entam lhe predice, eu poderia dizer sobre a materia. Entam julgou S. Mag.^{de} ou que taes predicções se não viriam a cumprir, ou que os meios por mim apontados para se prevenirem os males que eu reccava, eram insufficientes ou impraticaveis. Qualquer que tenha sido destes diferentes conceitos o que S. M.^{de} formou do trabalho que da sua ordem então apprehendi e tive a honra de levar ao Sto Real Conhecimento; o que se pode concluir he que elle lhe pareceu inadoptavel. Provavelmente ainda hoje o capitula da mesma forma:

e portanto reputa inutil o interrogar-me novamente sobre o mesmo assumpto.

Eu espero por todo o mez do proximo Fevereiro hum Fragata Americana que do Pacifico deve por aqui passar para os Estados Unidos: e segundo o que com M.^r Appleton tenho conversado, nella me proponho fazer viagem para o meo destino. Entretanto não deixarei de participar a V. S.^a o que for descortinando por este horisonte politico. Mas por todo elle vejo engrossarem-se os ares: e m.^{to} receio que a cerração venha a ser geral.

Tenho a honra de ser &c.

Rio de Janeiro.

CARTA II.

Meo Am.^o e S.^r—Enganei-me. S. Mag.^{de} quando hontem à noite tive a honra de lhe beijar a Mão, dignou-se de Ordenar-me que esperasse para me fallar acabou a Audiencia; mas como finda ella entrassem os Ministros para o Despacho, mandou-me que voltasse esta manhã pelas dez horas.

Não sei exprimir a magoa que experimentei quando lhe ouvi expor o estado em que pelas ultimas noticias se lhe figuravam os publicos negocios, que S. Mag.^{de} pela sua natural perspicacia e pelo tacto adquirido no manejo do Governo, considera como perdidos sem remedio.

Era de meu dever não fortificar esta melancholica perspectiva; mas não o era menos o não a impugnar: E portanto limitei-me a dizer-lhe que a S. Mag.^{de} devia ser ainda presente o Parecer que de sua ordem eu puz em Sua Real Presença em Abril de 1814, tendente a evitar este fatal desfecho, que eu alli predicera apontando os meios de o prevenir. Mas que tendo-se elle enfim realisado, não se tratava ja de perder tempo nem em discutir quaes ténham sido as causas que a elle conduziram nem tam pouco em

discussões jurídicas sobre o grau de criminalidade que o facto da Revolução em si mesmo envolvia.

Dignou-se S. M. de acrescentar a esta minha observação que isso era uma verdade; mas que quantos Pareceses até então tinha recebido das pessoas que houvera por bem ouvir nesta occasião peccavam por hum ou por outro destes dous defeitos; e que se algum havia que se chegasse ao verdadeiro ponto da questão, isto he a expor succintamente as providencias praticas que nestas circunstancias cumpria darem-se; o faziam em termos tão geraes: e em maneira tão desligada e imperfeita que pouco ou nada se podia esperar de sua adopção: O que me advertia para que no que eu tivesse a dizer, procurasse combinar em tal systema e arranjo as providencias que mais apropriadas ás actuaes circunstancias me parecessem, que satisfazendo a todas as partes deste complicadissimo problema se não attendesse menos aos interesses do Brazil que aos de Portugal, onde parece que todos tem fixado exclusivamente a sua attenção, entretanto que a S. M. lhe parecia evidente não se poder abstrahir de nenhum dos dois Paizes sempre que se tratasse de regular negocios em que se acham cumulativamente compromettidos os interesses de toda a Monarchia.

Cito a V. S.^a estas observações de S. Mag.^{de} para que por ellas V. S.^a possa avaliar a verdade do que por vezes lhe tenho escripto sobre a finura de tacto que o mesmo S.^r possui na justa determinação do ponto cardinal sobre que versa qualquer questão.

Depois de certificar a S. Mag.^{de} q' tal era precisamente o meo modo de encarar a honrosa Commissão, de que me achava encarregado, voltei á cidade e tirando hum nova copia do Parecer acima mencionado que em Abril de 1814 tive a honra de apresentar a S. Mag.^{de} o appensei a hum breve Memoria, na qual dizia que não tendo a propor actualmente providencias diversas daquellas que na referida epoca expendi no meo dito Parecer, só tinha a acrescentar algumas reflexões quanto ao modo de agora se proceder á execução das medidas alli expostas, visto que differentemente se devia conduzir a esse effeito o Gov.^o de S. Mag.^{de} depois que os Povos se achavam em commoção no Reyno de Portugal, do que na epoca em que eu as propuzera, quando tudo se achava em

perfeito socego e a S. M. era livre adoptar o plano de execução que menos abalo fizesse no andam.^{to} ordin.^o dos negocios afim de que a passagem da antiga para a nova forma de Governo, sendo por uma parte rápida e continua, não excitasse as convulsões que caracterizam as reformas populares e por isso trassem com si mesmas os germes da sua propria destruição.

Remetto somente a Memoria porque o Parecer dado em Abril de 1814. ja eu communiquei a V. S.^a em outra occasião. Nesta repito o mesmo que então lhe observei: Eu ao dar este meo voto a S. M. sei que elle nem hade nem pode ser pelo mesmo S.^r adoptado: e porisso ao entregar-lho tornei a repetir-lhe o mesmo que lhe disse em 1814 = Obedecendo às ordens de V. M. exponho neste Papel o systema de Providencias cujo complexo me parece satisfazer aos diff.^{tes} pontos do problema politico, que se trata de resolver. Mas como ignoro se elle merecerá a Sua Real Approvação, abstive-me de fatigar a benigna Attenção de V. M. com a exposição dos detalhes que exigiria a sua execução. =

Sim, meo Am.^o, eu estou certo que o desenvolvimento dos Artigos desse meo Plano seria hoje ainda mais inutil, se he possível, do que em 1814. Entam, não seriam lidos: hoje até seriam combattidos e calumniados. Para diſto se convencer basta que lhe diga, que neste momento exulta certo Partido (por ventura o mais forte no Ministerio) com a barbara esperanza de que o Marechal Beresford aproximando-se á Costa de Portugal e sabendo da Revolta que alli acabou de succeder se terá posto á testa da Tropa, que, em parte ao menos, dizem estes amantes da sua Patria, não pode deixar de o reconhecer ainda por seu Chefe, e a fogo e sangue, restabelecerá naquelle Reyno as Autoridades que a Revolução tem expulsado de seus Postos.

Com taes esperanças e com as que fundam no concurso das Potencias unidas pelos vinculos da Santa Alliança; ja V. S.^a pode conjecturar o caso que farão desse meo voto. Mas ja dice que o não dei por esperar que fosse adoptado; porem sim e tão somente porque era meo dever o da-lo em cumprimento às ordens de S. Mag.^{do}.

Adeos, meo bom Am.^o — &.

CARTA III

Meo Am.^o e S.^o—A chegada do Conde de Palmella a esta Corte produziu com effeito o choque electrico que todos esperavamos. Não que pessoa alguma, de meo conhecimento ao menos, previsse nem ainda hoje tenha assignalado a direcção que este Fidalgo vae dar aos negocios publicos da nossa Monarchia. O que eu porora posso entrever, he que o Partido Brasileiro cobrou com a sua presença e com a revelação dos seus projectos ao Conselho de S. Mag.^{de} huma energia que atégora se não tinha observado, nem mesmo presumido que elle fosse capaz de desenvolver.

Quanto o novo Ministro se empenha em que S. A. R. parta sem demora para Portugal: tanto aquelle Partido se esforça em rete-lo no Brasil: E ja se não trata de nada menos que de obligar a todo o custo S. M. a largar este Paiz ou a ceder o Throno a seu Filho. Está decidido por El Rei, e he notorio de hum modo official, que S. A. R. partirá em breve praso para Portugal: devendo aqui deixar a Princeza sua Esposa, que se acha muito proxima ao seu bom successo: E m.^{ma} se accelera a partida para que esta circumstancia sirva de obstaculo a ella o acompanhar.

Mas se me he licito adiantar a minha part.^{ar} conjectura, S. A. R. não parte. Elle não quer: o Partido Brasileiro que tem mui forte apoio no Ministerio está disposto a fazer os ultimos esforços para que tal partida se não realise: E (Seja-me licito mais esta conjectura) o mesmo Conde de Palmella se verá em grande embarço quando S. A. R. exigir de seu Augusto Pae que se lhe deem instrucções bastantes, claras, e explicitas que lhe hajam de servir de governo no objecto para que S. M. o manda a Portugal.

He verdade que pessoas da particular confidencia do Conde me affirmam ter elle apresentado dois Projectos de Constituição, hum para se pôr em pratica neste Reyno do Brazil: e outro que S. A. R. deve ir encarregado de fazer adoptar pelas Cortes de Portugal. He verdade que as mesmas pessoas me affirmam serem estes dois Projectos de huma tão perfeita e bem acabada harmo.

nia entre si, que longe de se chocarem, por seo meio se vae a estabelecer hum mais solido e estreito nexo entre estas duas importantes Partes da Monarchia.

Eu estou mui longe de querer contestar nenhuma destas asserções. Mas independentem.^{te} de sua exactidão: ou antes dando por certo que ellas sejam da mais exacta verdade ainda me falta saber: Se S.^a A. R. vae munido de Instrucções bastantes e de sufficientes meios para fazer adoptar pelas Cortes de Lisboa o Projecto do Conde de Palmella. =

Que lhe parece V. S.^a?

Ad.^o meo respeitavel A.^o &.

CARTA IV

Meo A.^o e S.^a — Decidiu-se emfim a sorte do Brazil: Quebrou-se o nexo que unia suas Províncias a hum centro commum: e com a dissolução do Brazil se consummou a dissolução da Monarchia, que no Preambulo do meo Parecer de... de Abril de 1814 vaticinei a S. Mag.^o achar-se imminente.

A Bahia acaba de desligar-se da obediencia de S. Mag.^o com o pretexto de adherir ao systema das Cortes de Lisboa.

Provavelmente a esta hora tem feito outro tanto Pará, Maranhão e Pernambuco: As demais Prov.^{as} segui-las-ham de perto: Mas o facto he, que desligadas deste Centro e de hum systema existente, para se ligar a huma Autoridade, e governar-se por huma legislação que ainda não existe e talvez não existirá jamais, he dissolver todo o nexo social; he substituir a hum Gov.^o, defeituoso sim, mas emfim Gov.^o que tinha e podia seguir ainda um andamento protector dos direitos civis de cada habitante, a mais completa Anarchia.

Que feliz concurso de circumstancias poderá tornar ainda doceis os habitantes de cada qual daquellas Prov.^{as} à voz de huma

Autoridade? E se isto .hó difficil de conceber em cada .huma: quanto mais difficil não he que jamais voltem todas a obedecer, a huma Autoridade commum a todas ellas. —

Eu ignoro quaes foram as causas proximas da explosão que acaba de rebentar na Bahia; mas se sam exactas as noticias que dalli acabam do chegar, e que parecem estar de accordo com o que pouco habeis em manejos diplomaticos, deixam perceber algumas das principaes victimas daquella Revolução; o Partido Europeo informado do Projecto de Constituição Brasileira de que fallei a V. S.^a na minha preced.^{te} Carta, e não concebendo, que seja possível existirem duas Constituições differentes dentro de hum so Estado; assentam de prevenir este acontecimento, proclamando a adhesão ás Cortes e ao systema q' por ellas se houver de decretar em Portugal.

E que partido toma na presença de huma tão formal defeecção da principal Prov.^a do Brazil, o Gov.^o de S. Mag.^{de}?

Eu ignoro-o. Mas como não ha coisa que se possa passar em segredo; brevemente nos acharemos em estado de assentar nosso juizo.

Seja V. S.^a tão feliz como lhe dezeja &.

CARTA V

Meo Am.^o e S.^r — Bem dizia eu, que brevemente se viria no conhecimento do partido que o Governo se decidisse a tomar na presença do importantissimo acontecimento da defeecção da Provincia ou (como aqui se prefere dizer) da cidade da Bahia.

O Conde de Palmella, que na sua viagem para esta Corte havia passado por alli, e que affiançava não haver que recêiar sublevação d'aquella parte, e devo dizer que em igual engano laborava o proprio governador o Conde de Palma e varias outras pessoas qualificadas que o Governo de S. Mag.^{de} ouviu sobre o espirito de que aquella Provincia se achava animada. O Conde de Palmella, pois, explicou esta explosão diametralmente opposta ás suas asserções, como effeito da desesperação, por se ver que o Governo

não cuidava em dar ao Brazil uma Constituição que o puzesse em circumstancias iguaes ao Reyno de Portugal: e daqui concluiu que o unico meio de alliciar ainda os Bahianos, e de impedir que as demais Provincias seguissem o seu exemplo era de accelerar quanto possivel fosse a publicação da Carta Constitucional para este Reyno: tanto mais que a sua adopção facilitaria a de que S. A. R. deve ser encarregado de propor ás Cortes de Portugal.

O susto que a defeecção da Bahia produziu em todos os animos não podia deixar de enfraquecer a opposição que esta idea do Conde havia constantem.^{te} experimentado da parte dos outros dois Ministros de Est.^o; e porisso agora sem a combaterem cara á cara assentaram de a frustarem: ganhando ao mesmo passo o mais tempo que podessem, para os fins que cada hum la tem em vista e que eu me abstenho de expender por esta vez. Assim concordaram em que se formasse huma junta destinada a deliberar sobre os meios de occorrer ás actuaes previsões politicas do Estado segundo os principios e ajudada das luzes dos Membros que consta do Decreto que incluso remetto a V. S.^a

Não me demorarei em ponderar o que o Gov.^o teve em vista e muito menos o que elle devia esperar das deliberações de huma Junta composta, como V. S.^a observará, de homens, pela maior parte na verdade doutos e animados de patrioticos sentimentos, mas os mais oppostos em principios que imaginar-se póde. O que aconteceu foi que na primeira sessão que tiveram hoje desde as 11 da manhã até ás 6 da tarde em casa e debaixo da Presidencia do Conde de Palmella foram taes e tão disparatados os discursos e pareceres emittidos pelos differentes Conselheiros, que todos sahiram plenamente convencidos da inutilidade de semelhantes conferencias: triumphando os partidistas da temporisação, pelo feliz exito do expediente que haviam suggerido: e os verdadeiros amigos da causa publica desesperados de assim verem malbaratear-se o tempo de que nem hum só momento se pode perder para applicar ás enfermidades que tão gravemente ameaçam a vida do Estado os mais promptos e energicos remedios: se remedios pode ainda haver para tão grande mal.

Rio de Janeiro.

CARTA VI

Meo Am.^o e S.^r — É bem sem remedio era o mal da Monarquia, como eu na minha ultima presagiava dando conta a V. S.^a da primeira sessão da mal fadada Junta Consultiva sobre a Carta Constitucional que se intentava dar a este Reyno. Ella só servia de determinar e talvez de accelerar a explosão.

Aqui, do mesmo modo que na Bahia, seg.^{do} referi a V. S.^a na minha carta de... os Europeos aterrados com a idea de ver tomar o Brasil hum attitude constitucional differente da que pelas Cortes da Metropole lhe fosse decretada, assentaram que não havia um so momento a perder para proclamarem a adhesão á causa de Portugal, qualquer que ella fosse ou qualquer q'. ser possa a Constituição que as Cortes ora congregadas naquelle Reyno houverem de decretar para toda a Monarquia.

Aqui do mesmo modo que na Bahia, o Partido Brasileiro (quero dizer os que só tem em vista dar uma Constituição ao Brazil sem curar da sorte de Portugal) retirados atraz da cortina tem visto com satisfação que os Europeos rompem a scena: atacam cautelosamente a incipiente Revolução certos de que em ultimo resultado ham de ser Indigenas e não os Advenas que ham de ficar Senhores do campo da batalha. — Mas quam funestas serão para elles mesmos as consequencias desta cruenta lide!

Hoje pelas sete horas da manhã quando apenas levantado eu me assentava a trabalhar na forma do meu costume, sinto parar defronte da minha porta hum cavalleiro que a toda a desfilada vinha gritando = Viva El Rey Constitucional! — Vivam as Cortes de Portugal! = E logo subindo-me a escada me chama pelo meu nome: faço-o entrar e reconheço ser hum Tenente do Batalhão de Caçadores, N.^o 3. que me diz = Da parte de S. A. R. venho chamar a V. E. para se apresentar sem demora na Praça do Rocio, onde o mesmo Senhor se acha com o Senado da Camara afim de prestar juramento de adherir á Constituição que fizerem as Cortes de Lisboa: tendo-o S. Mag.^{de} assim decretado: e nomeado a V. Ex.^a Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios

Estrangr.^{os} e da Guerra, assim como nomeou para os Negocios do R.^o ao S.^r Quintella e na mesma conformidade aos demais Min.^{ros} por ter dado a demissão aos que antes eram. =

Respondi: que eu passava a apresentar-me, e que iria receber as ordens de S. A. R. Com isto partio aquelle official. Porem como eu não julgasse que huma scm.^a intimação tivesse a precisa regularidade para eu me transportar ao lugar em que se praticava (a ser verdade o que eu acabava de ouvir) huma verdr.^a Revolução, senão na essencia (a ser certo que S. M. era nisso de accordo) ao menos na manciã porque se manifestava a vontade do mesmo Senhor; resolvi não sahir da minha casa emq.^{to} por modo mais regular me não constasse das Reaes Determinações a meo respeito. Não tardou porem muito que não voltasse outro off.^{al} do mesmo Batalhão, reiterando-me a mesma ordem da parte de S. A. R. e insistindo em que o acompanhasse. Excusei-me com o pretexto de não estar ainda prompto: e com a promessa de que eu não tardaria em segui-lo, retirou-se.

Estava eu firme no meo proposito de esperar por uma ordem concebida em forma menos revolucionaria quando ouço chamarem-me da rua a grandes vozes: e acudindo á janella vejo em frente della o mesmo official que primeiramente me chamára, o qual apenas appareci, voltando-se para a vizinhança que a aquelles brados se achava pelas portas e janellas, exclamou = Tomo a todos os presentes por testemunhas de como pela 3.^a vez he chamado Fulano da parte de S. A. R. e de ordem de S. M. para ir incumbir-se do Emprego para que o mesmo Senhor o ha nomeado e prestar juramento á Constituição das Cortes de Portugal = o que dito partio tomando o caminho do Rocio.

Em taes termos julguei não dever demorar por mais tempo o sahir e verificar por mim mesmo o que S. Mag.^{des} havia com effeito determinado a meo respeito, e fui em direitura á casa do meo annunciado Collega o Vice-Almirante Quintella, afim de com elle concertar sobre o que deviamos fazer. Alli soube como elle se achava já no Rocio e fui por varias pessoas informado de como com effeito já tambem la se achavam juntamente com S. A. R. o Senado da Camara e o Bispo Capellão Mor.

Em consequencia dirigi-me alli; e apresentando-me a S. A. R. recebi de sua Mão o Real Decreto que me nomeava para o Emprego que fica referido.

Quiz eu e os meus novos Collegas partir immediatamente para a Quinta da Boa Vista (*), onde S. M. se achava, para recebermos as suas Reaes ordens; mas não nos foi concedido sahirmos dalli em quanto se não prestasse o juramento de adhesão ao Auto que S. A. R. acabava de dictar ao Escrivão da Camara, e pelo qual o mesmo Senhor no seu nome e no de seu Augusto Pae com todas as Autoridades q. presentes estavam se obrigavam a aceitar, guardar e fazer guardar a Constituição que fizessem as Cortes de Portugal: na conformidade do Decreto que com a data de 24 do corrente se fizera publico naquella mesmo acto.

Cumpre que eu diga a V. S.* que com effeito no dito dia 24 esteve vencido no Conselho de Ministros que S. M. emittisse hum Decreto pelo qual declarasse adherir e adoptar para o Reyno do Brazil a Constituição que as Cortes de Portugal fizessem, salvas as modificações que as circumstancias locais tornassem necessarias: E com effeito chegou S. M. a assignar este Decreto. Mas prevalecendo depois a opinião de primeiro se tratar o assumpto na Junta de que acima fallei, mandou S. M. sustar a publicação d'elle: e achava-se na mão de Thomaz Ant.º de V. N. Portu.^{al}

He este Decreto que S. M. ordenou a S. A. R. que fosse buscar a casa daquelle Ministro, quando o Principe voltou do Rocio a S. Christovam participando-lhe a vontade da Tropa e do Povo congregados naquella Praça.

De volta pois ao Rocio com este Decreto, começou S. A. R. a lê-lo ao Povo do alto da varanda do Theatro, mas antes de acabar foi interrompido pelos clamores = de que nada de modificação = A constituição das Cortes tal e qual ellas a fizessem = Tornou portanto S. A. R. a S. Christovam a representar isto mesmo a S. M. que fazendo lavrar novo Decreto excluiu d'elle a clausula de modificações que no primeiro se indicavam: E juntamente assignou as nomeações dos novos Ministros d'Est.º e mais

(*) E' naturalmente lapso de penna: deve ser Boa-vista.

Empregados, que S. A. R. fez logô publicas na sua chegada de volta ao Rocio.

Lavrado assim o termo que acima mencionei, pelo Escrivão da Camara, dictando S. A. R., e prestado pelo mesmo Senhor e por todos os Empregados que presentes estavam o exigido juram.^{to} partimos todos para S. Christovam afim de recebermos as ordens de ElRey.

Ao chegarmos alli achamos que S. M. se dispunha a partir para os seus Pagos da Cidade: como com effeito logo se poz em marcha e apoz elle quantas pessoas das differentes ordens alli haviam concorrido: e entrados no Paço assomou-se S. M. e toda a R.^l Familia as principaes janellas delle, e em voz alta dice ao immenso Povo e Tropa q. se achava naquella Praça = Que ratificavã quanto o Principe R.^l no seu Augusto Nome havia promettido.

Terminada esta cerimonia entrou S. M. no seu gabinete: e mandando-lhe eu pedir licença para lhe fallar, lhe pedi como Graça especial a Mercê de me dispensar do Ministerio permittindo-me que seguisse o meo anteced.^{te} destino para os Estados Unidos. S. M. não so se serviu nesta occasião das expressões as mais lisongeiras para o meo character pessoal, dignando-se de acrescentar que me devia ser conhecido como por mais de huma vez estivera já antes a ponto de nomear-me para o elevado Emprego em que eu agora me achava: mas que q.^{ta} assim não tivesse sido, por nhum caso mudaria as pessoas que lhe forão propostas, sendo todas por fortuna (sam as suas proprias expressões) muito de sua Real Approvação e Estima.

A' vista desta tão positiva decisão insisti em que ao menos me dispensasse S. M. da Pasta da Guerra; porque não tendo conhecimentos nenhuns dos assumptos daquella Repartição, era contrario aos meos principios o encarregar-me de hum Emprego, que sabia não poder desempenhar.

El Rey vendo a firme determinação em que eu estava de não ficar em nenhuma maneira com a Pasta da Guerra exigiu que eu a conservasse somente por outo dias: observando-me que, no estado de effervescencia em que os animos se achavam; seria por extremo arriscado o fazer-se alguma innovação: entretanto que no

decurso de alguns dias se poderia de accordo com S. A. R. escolher para aquella Repartição pessoa cuja nomeação não fosse excitar novas commoções entre a Tropa, onde eu sabia os Partidos que já existiam contra qualquer dos Officiaes Generaes que S. M. se lembrasse de nomear neste momento.

Annui não sem grande difficuldade a esta demora; mas de baixo da renovação da promessa de que ella não excederia de oito dias, e que durante elles eu não seria obrigado a emittir parecer algum sobre os negocios daquella Repartição, limitando-me a propo-los a S. M. ou p.^o serem por elle immediatamente resolvidos: ou para o serem na presença de Informação dos Gover.^{es} das Armas, ou de Consulta do Conselho Supremo Militar, seg.^{do} a gravidade do assumpto, mas sem que eu jámais interponha parecer; fazendo meramente de relator para com S. M. e de simples Secret.^o das Suas Reaes Resoluções para com as Autoridades e as Partes.

S. M. conveio sem difficuldade neste meio termo: renovando-me a promessa de que dentro em oito dias ou mais, me desonerará deste para mim enormissimo encargo.

Tal he a minha actual situação. Veja, meo bom Am.^o, se eu tinha ou não razão de me felicitar q.^{do} nomeado p.^o os Estados Unidos, me lisongeava de poder partir com brevidade para aquelle meo destino. Foi huma fatalidade que o Minist.^o me não apromptasse logo as minhas Instrucções; e que q.^{do} podia partir, me detivesse pela consideração dos perigos que offerece a navegação nas costas da America Septentrional nos mezes de inverno em que la viria a chegar, a menos que não fosse na Fragata que se esperava neste Porto cada dia, como então annunciei a V. S.^a Já agora não tem remedio.

A D.^a meo respeitavel Am.^o &c.

CARTA VII

Meo Am.^o e S.^r — O espirito de vertigem que deu impulso para o rompimento da Revolução continúa a laborar; porque nem he possível se contente com q.^lq.^r ordem de coisas que se estabeleça; nem na actual se acham investidas de poder as pessoas que detraz da cortina dirigiram os passos dos que no dia 26 do mez passado figuraram para com o publico.

Hontem alguns destes appresentando-se em S. Christovam requereram a honra de fallar a S. Mag.^{de} *em nome do Povo*: El Rey letado do espirito de conciliação que constitue principalmente o seu caracter, prestou-se a dar-lhes ouvidos, bem-que em maneira que mostrava o nenhum caso que fazia da sua supposta missão; e recebeu delles a Relação que V. S.^a achará aqui appensa, das pessoas que, diziam elles, o Povo exigia que compozessem hum Conselho, sem o q.^l ao Gov.^o de S. M. ficasse prohibido o tomar resolução alguma importante sobre os publicos negocios.

Como V. S.^a conhece quasi todos os individuos da inclusa Relação bastará que eu lhe observe que os dois honrados Fidalgos, cujos nomes V. S.^a se admirará, como eu, de ahí encontrar, nem tal sabiam, nem tal querem, nem seriam apontados se se não estivesse certo ou que não aécetam ou que se anniquilam de facto deixando o manejo dos negocios aos que de força os obrigarem a este violento passo, sem outro motivo mais que o de parecer que outros sam como elles igualm.^{te} obrigados.

Esse Magistrado que V. S.^a conhece pela publica reputação pois talvez nunca o visse como succede à maior parte da gente desta corte, figura ahí para credito do Conselho e na certeza de que ou fica sendo voto singular, ou de horror e susto emmudece.

As demais pessoas que V. S.^a (como eu) nem por nome talvez conhecia, sam os principaes Agentes que os Corypheos da Revolução e do proposto Conselho, empregaram, e empregam para disporem os animos da Tropa e do Povo.

Se este seo arrojado passo vae ávante não ha desgraças que não sejam de recear neste continente; porque essa mesma apparencia de Autoridade que ElRey ainda conserva, e que serve de vinculo ás relações sociaes do Povo Portuguez, desapparecerá de huma vez: e com ella ficarão sem remedio, rotos os fracos diques que ainda (mas por muy pouco tempo) embaraçam que se comece a desenvolver o espirito de reacção e de vingança entre as oito castas mortaes inimigas humas das outras de que se compõe a População deste tão ditoso clima, como malfadado Paiz.

Entretanto pede a prudencia que se não ataque em frente a Proposta. A deliberação (ainda até agora indecisa) sobre se El Rey ou S. A. R. deve ir para Portugal, serve por ora de plausivel pretexto para se espaçar a decisão sobre a escolha das pessoas que devem compor o proposto Conselho: e entretanto se dispõe as coisas para que sem formal repulsa, nem receio de commoção possa o Gov.^o de S. Mag.^{de} tomar as medidas que seg.^{do} se resolver a resp.^{ta} de quem fica ao timão dos negocios nesta capital, parecerem mais adequadas para a manutenção da publica tranquillid.^e e dos vinculos das Provincias deste vasto Paiz humas com as outras e com a Europa.

Tem-se debaixo deste ponto de vista expedido para as diferentes Provincias participações e ordens quaes o caso está dictando. Mas no meo particular entender (pois sou neste ponto, como em muitos outros, voto singular) a Bahia e provavelmente as demais Prov.^{as} ao norte della tem-se prevenido com a proclamação de adhesão á Revolução de Portugal e Cortes de Lisboa, para sacudirem o jugo do Rio de Janeiro: e sem que por isso se deve entender que he so questão de ser este ou aquelle de ora em diante o centro da Monarquia. Esta acha-se hoje plenamente dissolvida. — *Talvez* debaixo de certa hypothese, fosse possivel torna-la a unir com novos vinculos. Mas para mim he demonstrado que a primeira impossibilidade he a de se verificar essa hypothese. Quando expuser a V. S.^a a deliberação sobre a mudança da Corte explicarei melhor este meo vaticinio.

D.^a G.^a &c.

CARTA VIII

Meo Am.^o e S.^r—Prometti a V. S.^a na m.^a ultima carta o desenvolvimento das reflexões com que ella terminava de que o respeito á Autoridade Publica estava irremediavelmente perdido pelo facto dos successivos levantam.^{tos} desde 24 de Agosto em diante nas diff.^{as} partes da Monarchia; porque, se dada huma hypothese (que so indiquei e não expendi) me parecia possivel tornar-se a unir com novos vinculos o systema social que hoje se acha completam.^o roto e dissolvido: e essa hypothese era justamente a que a mim me parecia impossivel se viesse a realisar.

Este que então era puro vaticínio, he ja hoje hum facto historico e para me servir das expressões com que hontem á noite rematei o meo voto no Conselho de Ministros presidido por S. Mag.^{da}. = Dissolveu-se a Monarchia Portugueza. =

Depois de se ter por muitas vezes abordado a questão, e de proposito a ter S. M. deixado indecisa, em razão da sua grande importancia, hontem à noite houve por bem po-la em discussão a final: E para que cada hum dos seos Ministros dissesse com toda a liberdade a sua opinião, determinou que este assumpto se tratasse antes do Principe Real ser chamado para o Conselho, como desde que nós entrámos no Ministerio lhe haviamos proposto que vinha que S. A. R. assistisse tanto aos Conselhos de Ministros em geral (e aos de Est.^o se os houvesse) como ao Despacho de cada hum dos mesmos Ministros em particular. Seja dito de passagem (e p.^o dar á V. S.^a mais huma prova da natural penetração d'El-Rey) que quando nós lhe fizemos aquella proposta, S. M. não só não mostrou repugnancia alguma em adherir a ella, mas para nos mostrar q.^{uo} se acha convencido da sua utilidade acrescentou estas significantissimas palavras = Como o Principe toma parte nos negocios publicos he de necessidade que a tome nas deliberações do Governo. Tempo ha que eu tenho pensado em chama-lo a ellas: e se não o tenho feito he porque, se bem o seo voto não coarcte a minha soberana Autoridade, não pode deixar

de prender mais ou menos, seg.^{ta} o gráo de empenho que elle mostrar, a liberdade de opinar dos Conselheiros. Mas esta que foi razão até agora, cessou de o ser depois da epoca de 26 de Fevereiro; e port.^{to} approvo e folgo que elle seja presente, como me haveis proposto. =

Voltando pois á deliberação de hontem, foram todos os meos collegas de voto que S. M. devia partir q.^{to} antes para Portugal com toda a Real Familia a excepção do Principe Real e a Princeza sua Espôsa. As razões em summa reduziam-se a que pelo facto das cortes se acharem congregadas em Lisboa e não poderem os seus trabalhos adquirir a necessaria sanção senão pela adhesão de S. M. a cada hum dos artigos assim da futura Constituição, como da Legislação subsidiaria que na conformidade della se lhe houvesse de seguir ou preciso fosse hir fazendo caminhar de frente, á dist.^a da Corte tornando este concurso demorado = e até muitas vezes impossivel, ou frustrava a obra da Regeneração, ou dava origem a um scisma que não poderia deixar de traser consigo a total dissolução da Monarquia. Ao que acréscientavam que em geral não podendo a Sede do Gov.^o residir senão em Portugal, pois que até pela defeecção que constava da Bahia, e era de recciar das demais Prov.^{as} se mostrava como aquella antiga Metropole mantinha, nem podia perder a preponderancia necessaria p.^a ser a Sede do Gov.^o, S. M. devia fazer em tempo o que interposta qualquer demora, talvez depois fosse tarde e por ventura arriscado o emprehender.

Sendo eu o ultimo a fallar comecei refutando esta ultima razão: e procurei demonstrar que bem pelo contrario, do momento em que S. M. deixasse o Brazil se devia considerar este Paiz como separado de Portugal e com elle todos os mais Estados Ultramarinos: e portanto irremediavelmente dissolvida a Monarquia Portugueza. Porq.^{to} S. M. sahindo do Brazil não deixava nelle outros elementos do Governo senão Autorid.^{es} despresadas e desgraçadm.^{tas} pela maior p.^{te} despresiveis: Tropas detestadas, e infelizes.^{es} pela má conducta de muitos de seus membros, merecedoras da geral execração: e finalm.^{te} Povos que tendo huma vez deposto as Autorid.^{es} de todas as classes e creado em lugar dellas,

ao capricho do acaso, as que actualm.^{te} existiam; bem depressa e muito mais fácilm.^{te} fariam succeder a estas, outras e outras sem que á razão humana fosse dado prever as fatalissimas consequencias de tão horrorosa anarquia.

Que a Constituição provavelm.^{te} ja agora projectada ou que se estiver projectando nas Cortes de Lisboa, e que não pode deixar de ter os essenciaes defeitos que logo apontarei, sendo feita sem a presença de S. M. tem p.^a se melhorar tudo o tempo que medeia desde este actual mom.^{to} até ao em que S. M. houver de dar sobre ella a sua final Resolução; entretanto q' em Lisboa, mesmo gosando do veto absoluto (o que não he de nenhum modo provavel) S. M. será obrigado a acceitar a Constituição tal qual ella sahir.

Dize que tal Constituição não pode deixar de ter essenciaes defeitos; porque basta assentarem as Instrucções dadas aos Deputados das Cortes no principio de que se deve tomar a Constituição de Hespanha por Prototypo de Liberalismo e que sobre ella se deve modelar a nossa ainda mais liberal do que ella e portanto no mesmo sentido que ella, a isso ser possivel. E sem duvida que consistindo o Liberalismo da Constituição Hespanhola na mais absurda confusão de principios políticos que até agora se tem visto, nada obsta a que a nossa seguindo o mesmo trilho seja ainda mais absurda e monstruosa: porque sendo a verdade humana, os erros e os absurdos podem variar e sobreexceder-se ao infinito.

Se pois S. M., continuci eu, em vez de se ir collocar na forçosa necessid.^e de sancionar huma tal Constituição, passando a Portugal, se applicar desde logo e daqui mesmo em ordenar aquelle corpo de Leys e Provid.^{as} que a experiencia tem mostrado ser necessario darem-se em todos os ramos da Publica Administração, não somente se achará habilitado para fazer proficuo o trabalho que entretanto sobre estes mesmos assumptos houverem feito as Cortes de Lisboa; mas até mesmo a necessid.^e da reunião das Cortes e d'ElRey para a ultimação das Constituições do Reyno Unido conduzir á convocação das mesmas ou de outras Cortes nesta parte da Monarquia, onde depois de todos aquelles prelimi-

nares trabalhos e mais longe da influencia dos Partidos Nacionaes e das Pot.^{as} Estrangr.^{as} se poderá mais facilmente organizar hum systema constitucional conforme ás precisões de todas as differentes, e tão differentes partes desta vasta Monarquia. Porquanto e com isto finalisava o meo voto, todas* ellas se podiam governar residindo o Gov.^o no Brazil (ainda que talvez em outro algum ponto que não seja o Rio de Janeiro); mas no estado em que hoje se acham as relações internas e externas do Brazil, eu me obrigava a sustentar a impossibilidade do Gov.^o manter nelle e bem assim em todo o Ultramar a sua autorid.^o existindo em Portugal.

Então dirigindo-me especialm.^o a El Rey, accrescentei que pelo q'. dizia respeito á conducta que no meo entender o Gov.^o ficando S. M. no Brasil, devia adoptar, a fim de chamar junto a si as Cortes da Nação: em que sentido eu entendia esta expressão: e como se podia aproveitar este intervallo para se formalisar o novo corpo de Ordenações do Reyno para ser apresentado: nas ditas Cortes, eu me referia ao que em Abril de 1814 e em Novembro proximo passado havia posto na Augusta Presença de S. M. e que esperei não regeitasse: ja porque a extensão da materia o não consentia: ja porque eu via que os meos coll.^{as} eram de opiniões inteiram.^{te} oppostas ás que faziam a base do voto q'. acabava de expender.

Houve algum dos meos collegas que julgou dever-me redarguir dizendo, que se no Brazil existiam como eu apontava e elle concordava, os elementos de dissolução pela falta de força moral nas Autorid.^{es}, e de subjeição nos Povos, como esperava eu q'. S. M. podesse conseguir restabelecer a ordem no Brazil, se o impulso não viesse de fora delle: E como poderia vir de fora delle, a não ser por mão e por Autorid.^o mesma de S. M., restituído ao centro e origem de toda a força na actual, effectiva, e unica capital da Monarquia?

Repliquei com o seg.^{te} vaticinio = Do mom.^{to} em que S. M. sahir do Brasil, essa que V. Ex.^{as} contemplam como capital da Monarquia; cessa de o ser por esse simples facto; porque desde esse momento ficarão cessando todas as relações politicas que constituem os vinculos sociaes da Monarquia. =

Mas o Brasil, instou aquelle mesmo meo Collega, fica sendo governado por S. A. R. em nome de S. M., e portanto sempre unido a Portugal. =

O Brazil, respondi eu, nem ha de obedecer a S. A. R. no Rio de Janeiro, nem a S. M. em Lisboa. O Brazil pelo levantam.^{to} da Bahia em 10 do mez passado, o Rio de Janr.^o em 26 e as outras Prov.^{as} nas epochas que nós por ora ignoramos, constituiram-se em hum estado (*) de anarchia que a divisão das duas Cortes, huma aqui, outra em Lisboa, não pode deixar de augmentar: bem longe de a extinguir.

Terminada assim a discussão, resolveo S. M. que visto ficar vencida pela pluralid.^e dos votos a sua partida, se dessem por cada huma das Secretarias de Est.^o as participações e ordens necessarias nessa conformidade: encarregando desde logo ao Ministro dos Negocios do Reyno a redacção da carta Regia pela q.¹ se devem conferir a S. A. R. na maneira a mais explicita os Poderes de que fica revestido no exercicio de Lugar-tenente de S. M. neste Reyno do Brazil.

Assim que, meo digno Am.^o está emfim decretada a morte da Monarquia! Oxalá que fossem vãos os meos presentimentos!

D.^s G.^{do} &c.

CARTA IX

Meo Am.^o e S.^r — O expediente que propuz de se adiar a resolução de S. M. sobre a nomeação da Junta consultiva teve seu completo effeito agora que lisongeando-se os Corypheos do Partido de ficarem a testa dos negocios durante a Regencia de S. A. R. nem precisam nem querem ficar depend.^o de tal Junta. Portanto cahiu por si mesmo este aborto revolucionario que por momentos esteve a ponto de excitar nesta Corte hum novo alvoroço.

(*) Pag. 32, linha 10, do mss. original.

Mas nem por isso deixa de manifestar-se debaixo de outros malignos symptomas o espirito de anarchia transcendente a todas as classes do Estado.

Antehontem perto da meia noite veio participar-me o Gov.^{or} das Armas que tendo recebido ordem de S. M. para fazer prender e conduzir p.^a a Fortaleza de S.^{ta} Cruz os Dezemb.^{es} do Paço Luiz José de Carvalho e Mello e João Severiano Maciel da Costa, o Almirante Rod.^{ro} Pinto Guedes, e o Visconde de S. Lourenço, elle havia dado a esse fim as competentes providencias e q'. nessa mesma noite ficariam executadas aquellas diligencias. Respondi ao Gov.^{or} que m.^{to} me admirava de ver que S. E. recebesse immediatam.^{te} ordens de S. Mag.^{do} e quizesse tomar sobre si a responsabilidade do seo cumprim.^{to}: sobre tudo em assumptos de sem.^o natureza; e depois de proclamado hum systema de Gov.^o opposto a tão arbitrarios e odiosos procedimentos, como os que me acabava de referir: Que não tendo sido ouvido para a expedição das ordens ao mesmo tempo que sendo a diligencia feita pela Tropa da Guarnição todo o mundo devia entender que por mim como Ministro da Guerra he que aquellas ordens foram expedidas; sem perda de tempo recorreria a S. M. afim de afastar de mim aquella não merecida inculpação.

Com effeito hontem dirigi a S. M. a representação inclusa em que trazendo-lhe á memoria a promessa que se dignou fazer-me de me alliviar da Pasta da Guerra ao cabo de oito dias, e reflectindo terem estes expirado, sem que apparecesse a nomeação do meu successor, eu havia remettido para a Secretaria d'Est.^o todos os papeis relativos a aquella repartição: e consequentemente supplicava a S. M. me considerasse como desde já demittido do Ministerio da Guerra.

Pela ordenança que levou esta Representação (pois q'. aconteceu estar eu, como estou ha dias, mais encommodado das hemi-cranias a que sou sujeito) dignou-se S. M. de me responder de seo proprio punho, que lhe fosse fallar nessa noite pelas nove horas.

Apenas entrei no seo Quarto distingui no semblante de S. M. hum desusado assomo de profunda magoa, que me procurava, mas não estava em sua mão o encobrir.

Repetiu quanto da primeira vez me tinha dito para me obrigar a ficar com a Pasta da Guerra, observando que bem longe de se achar diminuida neste intervallo, como então se lhe figurava, a agitação dos animos, que lhe não permittia aventurar huma nova escolha para Repartição onde aquella agitação era precisam.^{te} a mais violenta e perigosa, hoje via com mais clareza a impossibilidade de achar pessoa que não excitasse contra si vehementes partidos na Tropa. Apontei-lhe e insisti no actual Gov.^o das Armas, cujo honrado character, conhecida habilidade e geral estima do Exército o faziam proprio para o Ministerio da Guerra. Respondeu-me = Que sim e havia resolvido deixa-lo nesta qualidade junto a S. A. R. por fazer d'elle todo o bom conceito; mas que tendo-lhe sido proposto pelo Principe Real no dia 26 do mez passado para Gov.^o das Armas, lhe era conhecido que a sua remoção daquelle Posto encontraria a absoluta opposição de S. A. = E concluiu = Que as ordens estavam dadas para a partida da Côrte para Portugal dentro do mais breve praso: Que tendo mandado hontem mesmo saber do estado dos preparativos se lhe respondêra que dentro em quinze dias ou tres semanas, ao mais tardar, se acharia tudo prompto: e por tanto S. M. não innovava nada nos Ministerios por tão curto tempo: E que á vista do methodo que eu adoptára e em q.^l S. M. convinha de eu não interpôr opinião em negocio algum, nem havia compromettim.^{to} da m.^a p.^{te} nem contra mim se podiam formar queixas, que so podiam recahir nas Autorid.^{es} Militares, por cujos Informes todos os negocios da Repartição hiam decididos.

Como S. M. assim me franqueava a occasião de eu fallar do meo compromettim.^{to} não hesitei em lhe observar que justamente por eu me achar neste momento gravem.^{to} compromettido como Ministro da Guerra, he que me havia apressado a instar pelo cumprim.^{to} da promessa que S. M. me havia feito de me dar a minha demissão daquelle Posto. Porquanto ninguem haveria que se persuadissem que as prisões de Est.^o feitas na antecedente noite não derivassem de ordens por mim expedidas ao Gov.^o das Armas, entretanto que elle de S. M. he que as tinha recebido immediatam.^{te} e sem que eu de tal assumpto tivesse antes o menor

conhecim.^{to}; porq^{ue}. se o tivesse, houvera poupado a S. M. o grande dissabor de hum passo tão desairoso á sua Real Dignidade como diametralmente oppo o aos principios que á face do Universo se acabavam de proclamar. E que justamente para sahir de tal compromettim.^{to} nenhum meio me restava senão o sahir do Ministerio nesta propria conjunctura.

A isto acudiu S. M. que bém conhecia eu as suas Reaes Intenções quando assim affirmava q^{ue}. lhe devia ter sido de g.^{do} dissabor a medida q^{ue}. mencionava daquellas prisões, que eu suppunha serem por motivo de Estado, mas q^{ue}. não tinham sido senão pelo de tranquillidade publica, pois que na mesma noite de antehontem e a hora que já não era possivel fazer-me chamar a S. Christovam, se lhe representára a urgencia de se fazerem aquellas prisões por isso q^{ue}. na mesma noite haveria tumultos populares contra as pessoas dos indicados prezos, se elles não se pozessem antes em custodia: Que nesta mente e so com o fim de os pôr a abrigo de taes insultos e de prevenir a perturbação do publico socego he que S. M. annuira a tão violenta medida: e sem demora dera as competentes ordens ao General das Armas que ou por acaso ou por aviso que tivera para alli se achar aquellas horas, sem se lhe dizer o motivo, aconteceu annunciar-se estar na sala para receber as ordens de S. M. Que em vez de ser pela minha demissão, que eu tinha a affastar de mim o compromettim.^{to} que julgava resultar-me destes acontecim.^{tos}, seria muito mais conforme aos desejos de S. M. que eu o fizesse dando todas as providencias que julgasse opportunas para remediar o mal que sem meo Conselho se havia feito, e que S. M. veria com g.^{do} satisfação reparado p.^{or} ql.q.^{ue} modo compativel com a manutenção do publico socego, e sem mingua da Suprema Autoridade. Que p.^{or} tudo o q^{ue}. a este fim eu julgasse conducente já dalli me autorisava; mas que de demissão mais lhe não fallasse pois estava firmem.^{te} resolvido a não ma conceder.

Pesada por mim a força destas expressões e considerando o q.^{uo} importava ao decore do Real Nome, a conservação do publico socego, e á observancia dos sagrados principios de Justiça que eu aproveitasse estas tão piedosas intimações de S. M. p.^{or} cassar sem offensa da Autoridade Real os violentos procedimentos da pre-

cedente noite, resignei-me na determinação que S. M. me manifestava de me não conceder a prometida demissão; mas exigi a promessa de S. M. consentir em q'. eu começasse por alliviar a sorte dos mencionados Prezos permitindo-lhes communicarem-se com as suas familias: passados alguns dias ensinuar-lhes que poderiam escolher o lugar para onde se houvessem de retirar, depois de lhes ter certificado não ter havido outro motivo para a sua prisão do que os que S. M. mesmo se havia dignado referir-me: e que finalm.^o logo que passado mais algum tempo S. M. se tivesse convencido de que aquelles receios nada mais haviam sido, como eu estava persuadido, do que cavillosos pretextos dos anarchistas para satisfazerem na prisão daquelles individuos vistas particulares de torpe ambição ou de sanguinaria vingança; caberia desforçar o Real Nome ao dezar que lhe reflectia de um tão arbitrario procedimento fazendo publicos tanto os motivos da prisão, como a innocencia dos Prezos no Decreto pelo que S. M. se dignaria de os mandar pôr em liberdade.

Conveio S. M. em todo este plano: e na conformidade delle já hoje se acham os d.^{os} Prezos em communicação com as suas familias: e graduando na forma que fica expendida a marcha retrograda do Governo espero que dentro em pouco se acharão no pleno gozo da sua liberdade: e pelo nenhum abalo que no Publico fará esta restituição conhecerá ElRey a atrocidade das tramas com que os Corypheos da Revolução que vae minando a ruina do Estado, não cessam de surpreender a sua boa fé.

Tenha saude, meu respeitavel Am.^o, e mais tranquillos momentos do que o seu. &c.

CARTA X

Meo Am.^o e S.^r — O plano que propuz a S. M. produzio todo o seo effeito. Assim como jamais houve idea de attacar as casas dos Prezos de que tratei na m.^a preecedente carta; tambem ninguem houve que se escandalisasse dos procedimentos q'. em seu favor

o Gov.^o foi praticando até os pôr, como V. S.^a verá dos Decretos juntos, em sua liberdade.

No que diz respeito ao Visconde de S. Lourenço notará V. S.^a a diff.^a de o deixar ainda debaixo de prisão concedendo-se-lhe a cid.^o por homenagem, até elle dar as contas que de sua gestão de Thezoureiro se lhe passam a tomar pelo Presidente do Real Erario. A razão desta differença he que a respeito do dito Visconde existe com effeito no Publico, huma m.^{ta} grave e m.^{ta} seria indisposição: constando pelas averiguações a que procedi, q'. so pelo facto de se proceder por parte do Gov.^o a hum rigoroso exame das suas contas com prisão e sequestro como se já se achasse alcançado, corre com effeito grande perigo de soffrer algum insulto dos muitos inimigos que grangeou no tempo daquelle seo emprego. Mas nem o Gov.^o podia annuir aos caprichos de quem assim pretendia se procedesse contra o Ex-Thezoureiro Mor como se elle já se achasse convencido do alcance: nem a prudencia permitia que de todo se houvesse para com elle, como se nenhuma presumpção existisse em seo desabono. Eis aqui o porque o Gov.^o entendeu que deixando-o em estado de prisão durante a prestação das suas contas satisfaria á impaciencia de hum numeroso Publico: e dando-lhe a cidade por homenagem manifestava o q.^{to} estava longe de querer prejudgar o que sobre sua justificação haja de decidir a competente autoridade judicial; e muito menos de estorvar os meios de defeza, que huma mais rigorosa custodia, lhe poderia talvez dificultar.

Depois de assim ter conseguido que S. M. reparasse para com estes seos servidores o damno que os malevolos haviam intentado causar-lhes á custa dos principios de justiça que sobretudo devem fazer o realce do Throno; julguei dever-me applicar a convencer a S. M. e o Gov.^o da necessidade de dar aos tres Ex-Ministros de Est.^o e Ex-Intend.^{ta} Geral da Policia testemunhos não equivoccos de que nem S. M. nem o Publico afastando-os do manejo dos negocios os pretendiam accusar de crimes que nem se lhes apontavam, nem pessoa alguma se lembrava de lhes fazer processo. Portanto encarregando-se o Ministro da Fazenda de propôr em Conselho as Pensões, que seg.^{do} as forças do Est.^o conviria assignar

ao Conde dos Arcos, a Thomaz Antonio de V.^a Nova Portugal, e a Paulo Fernandes Vianna, em q.^{to} assim estivessem sem Emprego; propuz a S. M. q.^{to} ao Conde de Palmella, que não permittindo as actuaes circumstancias o conservar-se em Paris hum Ministro com o character de Embaixador: e sendo natural que o Marquez de Marialva, regressando S. M. a Portugal passe a aquelle a exercer o seo Emprego de E.^o Trib.^o Mor; seria m.^{to} conforme aos expostos principios de Justiça q' S. M. nomeasse p.^a lhe succeder com o character de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario ao Conde de Palmella.

Confesso que poucas coisas me tem causado tanta satisfação, como .foi a impressão que notei fazer esta minha proposta no animo de S. M. e sam por extremo notaveis as seg.^{tas} palavras com que se dignou de me responder = Essa sua proposta que em todo o caso seria de muita honra tanto para o que a fizesse como para a pessoa a que ella se referisse, me causa grande prazer vindo da sua parte e referindo-se ao Conde de Palmella: e com muito gosto dou o meu Real Consentimento. =

Quanto porem ao Conde d'Arcos foi menos feliz a minha proposta que consistiu em que S. M. aproveitando esta occasião de fazer effectiva a Mercê que algum tempo antes me constava intentionava fazer-lhe do Titulo de Marquez de Cascaes, o incumbisse de trabalhar com o Min.^o dos Negocios do Reyno na redacção da Carta Regia que devia haver de Instrucções p.^a a Regencia q' S. A. R. ficasse exercendo no Brazil, visto que S. M. já havia declarado concordar com o Parecer dos seos Ministros q'. todos eram de accordo ser o mesmo Conde que devia ficar com S. A. R. na qualidade de Ministro e Secret.^o d'Estado dos Negocios do Reyno do Brazil: designação que no meo entender convinha m.^{to} fazer-se desde já ao dar-lhe a mencionada incumbencia.

Observando eu certa indecisão em S. M. que se deixava bem ver que procedia de antecipadas ideas contra o Conde, julguei de meo dever prevenir quaesquer que ouvindo-me assim fallar a respeito deste Fidalgo se lhe podessem suscitar de connivencia com elle para este ou p.^a alguns outros fins: e portanto: sem dar a conhecer o reparo que fazia, continuei naturalmente = Que os mo-

tivos por mim allegados para ser o Conde quem ficasse como primeiro Ministro junto a S. A. R. eram os mesmos que agora me determinavam a addicionar assim aquelle meo primeiro voto; porque não havia meio termo: Ou S. M. entendia que a influencia do Conde no animo de S. A. R. e nos Agentes visiveis e invisiveis de certo Partido cuja existencia se manifestava por factos de grande monta, era tepdente á perda do Estado; e então nem elle nem S. A. R. podiam ficar no Brazil: ou S. M. entendia que pelo contrario era conforme ao bem do Est.^o que o Principe Real aqui ficasse (e certamente esta era a sua Real convicção e a de todos os meos collegas: pois que se decidio contra a m.^a (*) particular e constante opinião, o regressar S. M. quanto antes para Portugal) era preciso revesti-lo de todos os exteriores da sua Real confiança: era preciso que legalisada aquella influencia se lhe desse a força moral indispensavel para suffocar todos os demais Partidos emq.^{to} estavam ainda, como á nascença; porque em Revoluções os dias são de m.^{to} maior import.^a do que os annos nos tempos ordinarios: Que eu costumado a não tratar intimid.^c senão com homens da minha esphera fugira sempre de querer ombrear com os de superior jerarquia, limitando-me ás relações de respeitosa civilidade que as leis da sociedade me prescreviam em razão do lugar que cada hum delles occupava no Estado, salva alguma particular distincção q'. este ou aquelle me permittia tributar-lhe pelas suas qualidades pessoases, ou particular benevolencia com q'. me obsequiassem: e q'. port.^{to} sendo esta ultima a categoria em que eu me achava com o Conde d'Arcos; nas poucas vezes que tivera occasião de lhe fallar me pareceu divisar nelle hum nobre ambição, illustrada por principios não vulgares da arte de governar os homens; mas que jamais estivera em circumstancias de formar juizo sobre o seu systema, m.^{to} se algum systema tinha concebido a respeito da reforma da Administração, sobre cujos defeitos nessas poucas conversações, apenas lhe ouvira fazer observações mais ou menos importantes, porem m.^{to} em geral e sem que parecessem ligar-se a nenhum determinado plano.

(*) Pag. 43, penultima linha, do mss. original.

ElRey, aproveitando-se (visivelmente) destas minhas ultimas expressões, para pôr termo ao assumpto, interrompeu-me dizendo-me que procurasse eu *pois* o Conde: tratasse com elle sobre o assumpto das mencionadas Instrucções e Carta Regia, porque o Ministro dos Negocios do Reino por muito occupado com a immensidade de sua Repartição e pelo máo estado de sua saude mal poderia dar satisfação de trab.º que pedia por sua natureza e pela urgencia de tempo a mais activa assiduidade.

Repliquei com a franqueza que me he propria: Se dignasse S. M. de observar que por isso que aquella commissão era da mais relevante importancia, o estudo do coração humano me mostrava que o natural e mui louvavel brio daquelle Ministro se offenderia m.º mais desta revogação do honroso encargo que lhe fôra dado por S. M. q.º o negocio era proprio da sua Repartição, e elle como a S. M. não era desconhecido, mui capaz de o desempenhar pelo seo notorio talento e illibados principios de patriotismo e lealdade: accrescendo a tudo isto o ter elle com o Conde d'Arcos relações m.º mais intimas do que eu quando não fosse senão pelo diario trab.º em que ha annos tem estado no serviço da Repartição da Mar.ª

ElRey, dando-me a mão a beijar, me respondeu: Para resalvar esse melindre: bem como sobre o mais que temos fallado trareis á manhan em Desp.º esse assumpto a deliberação em presença de Quintella — E portanto falle com o Conde. =

V. S.ª conhece-me assaz para ficar na certeza de que eu hei de procurar o Conde; mas não hei de ser eu o que forme as Instrucções. Assaz me pesou o ter-me prestado a fazer para o Governo de Portugal as participações dos acontecimentos deste Paiz: sendo coisa que pertencia ao dito meo collega. A indifferença com que elle ouvio commetter-me ElRey essa incumbencia foi causa de eu sem maior reflexão me encarregar della: e so depois he que vim a conhecer que elle não fôra a isso insensivel. Ficou-me porem o sentimento e a lição.

A D.ª meo caro Am.º &c.

CARTA XI

Meo Am.^o e S.^r — S. Mag.^{do} não se esqueceu de me dirigir a palavra no acto do Despacho de hontem para o fim de me incumbir da redacção das Instrucções como na minha precedente carta annunciei a V. S.^a; mas como eu estava prevenido apenas entendi o alvo a que o seo discurso se encaminhava; pedi-lhe licença para combinar com o Ministro dos Negocios do Reino sobre o estudo deste trabalho: e entrando elle em explicações a esse respeito foi facil acabar-se a sessão sem que a expressão do desejo de S. M. se convertesse em ordem positiva que definitiva e claramente me desse aquella incumbencia desencarregando della ao referido Ministro: o que certamente muito me pesaria. Entretanto não me julguei dispensado de ir procurar hoje mesmo o Conde d'Arcos: não para alcançar por surpresa o segredo da p.^{ta} que alguns querem que elle tenha nos actuaes acontecimentos; nem tampouco para explorar quaes sejam suas intenções sobre o futuro; mas para o prevenir de que S. M. tendo-o destinado para ficar como 1.^o Ministro junto a S. A. Real desejava que eu e o Ministro dos Negocios do Reyno encarregados de combinarmos sobre as Instrucções que deviam fazer o contexto da Carta Regia nos entendessemos com S. E. sobre esse tão importante assumpto.

A esta franca e sincera communicação correspondeu o Conde tomando o tom, seja-me licita a expressão, da *persiflage*; mas antes que elle acabasse a sua primeira phrase dei a conferencia por finda certificando-o de que em todos os tempos a Aristocracia (ainda tomada no sentido mais honroso, de apoio da Monarquia) pelo seu systema de Puritanismo e de isolação tem sido batida em detalhe pelo massisso da Democracia.

Sem duvida que depois de S. M. partir desta Corte não han de ser as Instrucções por elle doixadas a seo Filho que han de conter a este dentro dos limites que prescreve o interesse geral da Monarquia. Mas não he menos certo que S. M. deve deixar a seo Filho Instrucções em que se tracem os limites alem dos

quaes lhe não será licito passar sem que desde logo e por esse simples facto comprometta a segurança do Estado, e com ella a existencia da Monarquia, que mesmo sem esse abuso do Poder, tam ameaçada se acha ja de huma proxima e fatal dissolução.

Desgraçadam.^{te}, dice eu a S. M. ao dar-lhe conta da minha commissão, o Conde d'Arcos e S. A. R. estão na lisongeira e port.^{te} indestructivel illusão de que apenas o Brazil se entregue ao seo Gov.^o obedecerá com docilidade aos seus acenos: que debaixo do unico nome de Brasileiros e de hum so Imperio os Povos desde o Rio da Prata até ao Amazonas, formarão gostosos e tranquilllos huma so familia: e que Portugal caduco de annos, e acabrunhado dos trabalhos da Revolução que vae a acabar-lhe as forças ou se perde, e nelle pouco perde o grande Imperio do Brazil, ou para se salvar invoca a protecção deste seo poderoso Co-estado e pela se.^{da} vez salva o Brazil a Portugal da sua total anniquilação.

Como foram os Portuguezes da Europa os que nesta Corte bem como na Bahia levantaram o estandarte da Revolução, persuade-se o Conde que eliminados estes (e nada a seo ver mais facil do que dispensa-los) se alguns Brasileiros ficarem inoculados do mesmo espirito vertiginoso, esses sam na sua opinião tão poucos e tão fracos que debalde tentariam oppor-se ao restabelecimento da *Idade de ouro* que a sua Arte de governar os homens e sobretudo a Arte por elle so conhecida de governar os Brasileiros, tem preparado para este ditoso Paiz.

Tal he, Senhor, o quadro romanesco que em sua imaginação e com a melhor fé do mundo o Conde tem formado do que o Brazil vae a ser entre as suas mãos.

Estas sam as ideas que trazem como encantado a S. A. R. do brilhante papel que vae a representar; apenas tome posse do Governo: E portanto he absolutamente indifferente quaes Instrucções lhe ham de ficar; pois que todas e quaesquer serão consideradas como desnecessarias e impertinentes.

Porem, accrescentei eu, sendo certo que tudo isto he mera illusão tanto em S. A. R. como no seo preconizado Ministro, que outra coisa se pode esperar para este desgraçado Paiz, apenas V. M. o deixar entregue ao seo governo senão desastres sobre de-

sastres. Partidos, guerras civis, guerras implacaveis entre as diferentes castas: e enfim depois total extermínio da raça branca pelas outras incomparavelmente mais numerosas de Pretos e de Pardos, o abandono das cidades e engenhos, voltando este formosissimo Paiz à barbara condição dos da Costa de Africa.

Eis-aqui o porque fui e serei sempre de voto que so pela persistencia de V. M. no Brazil, he que se pode esperar o preserva-lo a elle, e com elle toda a Monarquia da sua alias infallivel e total dissolução (Nota).

S. M. dignou-se de me responder = Isso ja agora não tem remedio. A Providencia que tão maravilhosamente tem protegido a Monarquia Portugueza, hé quem so a pode hoje salvar, = Este discurso tem nos principios da Religião, como nos de Rasão hum sentido tão incontestavel, que nada me restava a acrescentar.

Ad.^a meo bom Am.^o &.

CARTA XII

Meo Am.^o e S.^a — He verdade: O officio de que lhe remetti copia e pelo qual de ordem de S. M. dei parte ao Governo de Portugal dos acontecimentos do dia 26 não exprime claramente quaes sejam as intenções de S. M. q.^{to} ao seu regresso. Mas isso era justamente o que convinha, porque tendo-se já deliberado por vezes sobre este assumpto na sua presença ainda ElRey não formou huma final resolução a esse respeito.

Porem não era só aquelle o objecto que no referido officio devia ir expressado com estudada e prudente ambiguidade. O que muito importava signalar de maneira que sem offender a sensibilidade do Congresso, quando este já se ache reunido, assegurasse a integridade dos Direitos da Coroa, era o principio de que o seu concurso

(Nota.) Neste ponto do mss. original e autographo vem a palavra *nota* e a seguinte declaração = V. a Nota. Mas dirá alguma &c. —, escripta por letra diversa. Entretanto, nenhuma nota acompanhavam estas *Chartas* ao serem ellas offerecidas á Bibliotheca.

se torna indispensavel para q. as reformas que se houverem de propor tenham a validade de actos de Cortes monarchicas, cujo essencial caracter distinctivo que os extrema das Assembleas democraticas, consiste em que nestas basta q'. huma proposição se vença á pluralidade de votos dos seus respectivos Deputados para logo ser ley do Estado: quando pelo contrario nas Cortes monarchicas he preciso o consentimento do Rey, representante permanente da Nação, para que a proposição accordada no Corpo dos Representantes electivos e amoviveis da mesma Nação, adquiram a categoria de Leys.

Indicando pois S. M. a cooperação que na qualidade de Rey lhe competia e passava a exercer na reforma a que o Congresso vae a proceder, não só firmava aquelle principio essencial da Realesa; mas tirava ao juramento que havia prestado no dia 26 o ar de absurdo que doutos e indoutos lhe costumam exprobrar; pois que parece na verdade absurdo que hum Monarcha se obrigue a guardar e fazer guardar as Leys que fizerem as Cortes, ainda antes de conhecer se sam justas ou injustas: e o que mais he, ainda antes dellas existirem.

Porem logo que o Monarcha se explica e declara que elle por Cortes Legislativas entende o concurso d'elle Monarcha com os Deputados a esse fim eleitos pelos Povos; desapareceu toda a sombra de absurdo no prestado juramento; pois fica por essa explicação reduzido a huma solemne promessa que o Monarcha faz de manter a observancia daquellas leys que elle mesmo debaixo da presupposta hypothese do concurso daquelles Deputados, houver de fazer, consentir e decretar.

Tal he, meo digno Amigo, o espirito em que foi escripto aquelle officio e nelle fiz entrar algumas expressões que parecendo á primeira vista indifferentes, sam destinadas a servirem em seu tempo como de protesto contra a evidente invasão dos principios democraticos que respiram em todos e em cada hum dos passos desta nossa fatal Revolução.

Tenha boa saude, &c.

CARTA XIII

Mco Am.^o e S.^r — O negocio em que V. S.^a me falla ja se acha decidido por S. M. na maneira possivel para conciliar as precedentes disposições com os principios de just.^a que tam proprios sam do seo pessoal character e Régia Dignidade. Como pela sua carta observo que V. S.^a não foi informado do que durante o Ministerio do Conde de Palmella se determinou a aquelle respeito direi em summa o que se tem passado, afim de que isso lhe sirva de governo como interessado que he nas estipuladas indemnisações.

Tendo eu presente que pelo teor de convenção e pelas positivas declarações de S. M. em reiterados Avisos do Marquez de Aguiar e de João Paulo Bezerra dirigidos á Junta do Commercio, ElRey intencionára desde principio que as estipuladas 300 mil libras se repartissem entre os que justificassem fiel.^{te} a Junta haverem soffrido lesão pelas capturas ou detenções que faziam objecto daquella convenção; fui sempre de parecer na Junta do Commercio emquanto tive de votar como Deputado que era, que as ditas 300.000 libras e seus accumulados juros eram propriedade das Partes que ou por Justificação perante a Junta ou por consentimento de todos os demais se apresentassem como lesados pelas mencionadas capturas: e que a cada hum se devia passar lettras pela quantia porque de commun accordo se figurava abonado no Mappa de rateio que pelos interessados tinha sido apresentado ao Tribunal. Fui porem vencido em votos: e a Junta fez hum rateio segundo entendeu ser conforme ao merecimento dos autos de Justificação a que cada hum dos ditos Interessados teve de proceder: e segundo cujas sentenças se fez das 300 mil libras e juros accumulados, houve primeiro dividendo a todos os que até a aquella epoca se mostraram qualificados para serem nelle comprehendidos. Logo depois e partindo da base precitada, o primeiro rateio (digamos dos principaes) se havia feito, procedeu a Junta a dividir os que reputou sufficientes juros daquelles principaes jacentes desde o principio das capturas até ao momento desta decisão: e eis aqui um segundo dividendo.

Como porem devessem (?) depois d'elle satisfeito, deviam restar ainda algumas sobras observou-se que uma parte dellas deveriam ficar por algum tempo em deposito para satisfação de algum interessado que por legitimo impedimento não tivesse comparecido dentro do praso que a Junta entendesse que era justo conceder ainda alem dos que até aquella epoca. Mas apártado este deposito entrou em questão o que se havia de fazer do que restasse: e sendo varias as opiniões entendendo huns que desse restante se devia fazer um terceiro dividendo: e outros que estando a se ver, sobejam.^{te} indemnizados os Particulares, aquellas ultimas sobras pertenciam á Fazenda Real como indemnisação das perdas e danos que tambem experimentára pelas ditas capturas; Consultou o Tribunal a S. Mag.^{da} e ficou esperando a sua decisão. O Conde de Palmella apenas entrou no Ministerio, manifestou logo ser decididamente desta ultima opinião: e na conformidade della, deu ordem para Londres, que dos fundos ainda ali existentes se satisfizessem os atrasados ao Corpo Diplomatico, que pela falta de pagamento de seus ordenados e despezas das respectivas Missões se achava reduzido ao mais indecoroso vexame, sem se descobrir outro nenhum recurso de se vir promptamente em seu soccorro.

He neste estado de coisas pue feita a Revolução de 26 de fevereiro reclamaram os Interessados junto a S. M. pelo direito que entendiam competir-lhes de se lhes distribuir em um terceiro dividendo quaesquer sobras que depois de expirado o praso assignado pela Junta para o comparecimento afinal de quaesquer interessados, se achasse existirem das 300 mil libras e scos accumulados juros.

Sendo esta reclamação apresentada em Despacho, fiz eu de Informante e conclui na forma de que sempre votára como Deputado na Junta do Commercio que tanto pela natureza do negocio como pelas positivas declarações de S. M. aquelles fundos pertenciam inteira e exclusivamente aos Particulares que se haviam legitimado como lesados pelas capturas que motivaram a estipulação com a Gr. Bretanha e que port.^{te} nenhuma duvida havia que todas e quaesquer sobras depois dos dois primeiros dividendos deviam constituir hum terceiro entre os mesmos interessados. Donde se seguiu que sendo S. M. servido de annuir a estes principios

cumpria manda-lo assim declarar á Junta do Commercio para o fim de alli se fazer este ultimo rateio pela maneira como se haviam feito os dois primeiros: Que tendo-se porém expedido havia mezes para Londres as ordens acima mencionadas de se pagarem por aquelles fundos varias despesas do Estado e principalmente os atrazados devidos ao Corpo Diplomatico: ordens que devendo estar cumpridas, quando a declaração de que eu tratava chegasse a Inglaterra, teriam absorvido os ditos fundos; não restava outro meio senão o de S. M. fazer ao menos certo aos Interessados que no caso de não serem pagas as lettras que pela Junta se lhes tivessem passado ou se lhes passassem em virtude de qualq.^r dos tres dividendos sobre os Agentes encarregados do manejo das ditas 300 mil libras, por elles terem já disposto dos fundos restantes em despesas do Estado na forma das mencionadas Reaes Ordens, reverteria sobre o Real Erario a obrigação daquelles saques, visto terem passado para a Fazenda Real os fundos que a elles deviam ter servido de alimento.

Tendo os meos collegas concordado com este meo parecer foi S. M. servido de o confirmar assegurando-nos que o fazia com tanta maior satisfação quanto fora violentado que accedera á precedente determinação de que se considerassem como pertencentes á Real Fazenda as mencionadas sobras. Em consequencia acabo de expedir nesta conformidade as necessarias ordens para o Ministro de S. M. em Londres, e passo a fazer a correspondente participação á R.^l Junta do Commercio, aonde V. S.^a e os seos Am.^{os} se podem consequitem.^{te} dirigir para se lhes passarem seos titulos pelas quantias que proporcionalmente aos capitaes justificados lhes houverem de caber neste terceiro e ultimo rateio. Digo seos Titulos porque tendo o Gov.^{no} de S. M. disposto ja dos fundos que existiam em Londres, não he ja sobre elles, mas sobre o Erario que a Real Junta tem de assignar o pagamento ás pessoas a quem de ora em diante se houverem de fazer taes pagamentos quer seja em virtude das lettras ja emittidas e que ja não acharam aquelles fundos em Londres, quer seja pelas que daqui em diante se houverem de passar.

Tenho a honra de ser &c.

SEGUNDA SERIE

CARTA XIV (*)

Meo Amigo e Senhor. — Não tem sido de proposito, como dizem os Pasquins de que V. S. ali viu copias, segundo me participa na sua carta, que se não tem procedido ás eleições. Eu me explico. Logo que pela accessão de S. M. aos factos de Portugal se resolveu que se mandasse proceder ás eleições dos Deputados do Brazil e mais Estados Ultramarinos, eu que fui por S. M. encarregado de ordenar as Instrucções para as ditas eleições, conformando-me quanto fosse possivel com as que se seguiram em Portugal dei sem perda de tempo cumprimento a aquella ordem: e mandando entregar nas secretarias d'Estado do Reyno e da Marinha o numero de Exemplares que pareceu sufficiente fiquei na certeza que daquellas Repartições se tinham expedido as competentes ordens accompanhadas das ditas Instrucções: e tanto porque nem duvida ao menos me podia recreseer a este respeito como porque seria muito incompetente o andar syndicando disso; estive até que me advertiu esse Pasquin posto na minha porta, e de que remetto cópia (porque he significativo e V. S. poderá bem conjecturar como eu me inclino a crer que he obra do nosso common Amigo o Coronel...) na persuasão de que tudo hia seguindo seu curso natural. Mas com este aviso na mão fiz a pergunta e achei que com effeito para humas partes havia poucos dias que se tinham expedido as ordens e para as outras ainda se achavam por expedir, sendo huma destas a Commarca do Rio de Janeiro. Mas pelas razões que na presença de S. M. se allegaram posso certificar a V. S. que me persuado ter havido mais apathia do que proposito deliberado: E quanto a esta Commarca nasceu a demora de se persuadir o Ministro do Reyno que era forçoso esperar pelo Ouvidor da Commarca, que anda em Correição. Reconhecendo porem quanto a natural effervescencia dos animos pode envencenar

(*) « Cópia do segundo caderno e segunda serie com 8 cartas. A carta XIV é a primeira da segunda serie. — Memorial para a Bibliographia (sic) de S. Pinheiro sobre a Revolução do Brazil em 28 cartas, »

os motivos desta demora tem dado as providencias para que se proceda quanto antes ás eleições quer o Ouvidor (a quem se expediu um expresso) chegue da Correição em que anda, quer se haja de supprir na sua falta.

Do mesmo modo se vae reparar quanto pela Secretaria da Marinha a demora que tem havido na expedição da participação e ordens para os Estados que devem ser avisados por aquella Repartição.

Persuada-se V. S.^a e assegure aos nossos Amigos que nem eu sou capaz de duplicidade, nem jamais consentirei que ella se pratique onde quer que me compita o direito de a impedir.

Sou, etc.

CARTA XV

Meo Amigo e Sr. —Somos chegados a um dos passos mais importantes da nossa despedida do Brazil: quero dizer, a fixar o estado das finanças em que deve ficar este Erario e seo fiador o Banco; sendo tão difficil decidir qual dos dois se acha mais des-creditado, como acertar com os meios de restabelecer o credito de qualquer destes dois viciosos Estabelecimentos.

Na certeza de entre muitas distinctas qualidades que adornam o animo do Principe Real sobresahe a firmeza com que se pode contar que elle manterá qualquer plano de reforma que se adoptar nas despezas do Estado, começando pelas de sua propria caza: e a decidida aversão que mostra contra os delapidadores da publica fazenda, nenhum expediente vejo tão proficuo, nem tão simples como converter o Banco em Banqueiro do Estado que ja he o seo principal devedor: em consequencia tendo de lhe consignar huma parte das suas rendas para embolso da divida ja contrahida, consignar-lhe a totalidade d'ellas tanto para esse fim, como para se embolsar dos saques que de ora em diante o Erario for fazendo sobre elle, á medida que os objectos de despesa se forem offerecendo, e para todos os objectos de despesa.

O character de probidade que distingue todos os individuos do Ministerio que fica junto a S. A. R. e do actual Thesoureiro Mór, e seo honradissimo quanto illustrado Escrivão: e a excellente escolha das pessoas encarregadas da direcção do Banco respondem pelo bom exito deste meo projecto. Mas para elle ter uma prompta e regular execução tenho exigido que se preencham os tres seguintes requesitos, que apezar de merecerem a geral approvação, tem até agora encontrado huma repugnancia de certas personagens, que não sei ainda se terei a felicidade de convencer, e vem a ser: 1.º que o Banco saque sobre o Erario lettras de differentes valores (no pe em que se acham actualmente os Bilhetes do mesmo Banco) até ao computo porque o mesmo Erario he devedor a aquelle Estabelecimento. Estes saques acceitos pelo Erario serão lançados na circulação em troco de Bilhetes do Banco que se mandarão recolher dentro de hum determinado praso. — 2.º E para que esta operação de eliminação dos actuaes bilhetes do Banco seja completa o Erario sacará sobre o Banco as lettras que para aquelle fim precisas forem, e que depois de acceitas pelo mesmo Banco substituirão os actuaes bilhetes: ficando ao arbitrio dos Pertendentes assim destas lettras do Erario sobre o Banco, como daquellas do Banco sobre o Erario de as apresentarem a hum ou a outro para o seo pagamento em especies. — 3.º Do mesmo modo que o Estado consigna para pagamento da sua divida ao Banco todas as suas rendas se procederá a fixar com cada hum dos seos outros Devedores meios seguros do successivo e mais prompto possivel pagamento das quantias a que estiverem obrigados, quer seja por consignação de rendimentos sempre que estes forem seguros e avultados; quer seja pela renda de seos bens e propriedades debaixo de hum plano geral que obste ao inconveniente que do simultaneo concurso de tantos objectos no mercado poderia resultar para a consecução do intentado fim de satisfazer ao Banco a sua divida sem arruinar os Particulares de quem elle é credor. — 4.º Como pela dilapidação e desgoverno assim do Banco como do Erario he preciso prover a uma prompta entrada de fundos no mesmo Banco que o habilitem a pagar todas aquellas das sobre-ditas lettras que lhe forem apresentadas, S. M. procederá a abrir

hum empréstimo nas Praças de Lisboa, Londres, Paris ou Amsterdam, segundo o achar a condições mais favoráveis pelo computo de vinte milhões de cruzados que prefaz pouco mais ou menos a totalidade da dívida em que o Erário se acha para com o Banco, sendo o producto daquelle empréstimo recebido nos cofres deste e hypothecando-se especialmente para pagamento do capital e juros a quarta parte dos rendimentos das Alfandegas do Rio, Bahia, Pernambuco e Maranhão.

Huma das principaes razões porque eu exigia a eliminação dos actuaes bilhetes do Banco, e para isso proponho o troca-los pelas lettras entre o Erário e o Banco, he com o unico meio seguro de se saber a quanto monta a totalidade dos que andam na circulação, porque nenhuma confiança se pode fazer no que a este respeito consta pelos livros do mesmo Banco. — Tal tem sido a desordem com que por negligencia ou por malicia, se tem havido as pessoas successivamente encarregadas da sua administração!

De todas estas propostas a unica que vejo com algumas disposições de ser approvada he a do empréstimo: porque a da conversão do actual papel em outro novo, quer seja debaixo de alguma outra forma, parece a estes senhores huma operação de alguma vantagem sim, mas que não val a pena da despesa e incommodo que com isso terião o Erário e o Banco.

A medida de fazer por meios forçosos ou voluntarios effectiva a entrada das dividas dos Particulares ao Banco, indo entender com muitas das Pessoas mais poderosas da Terra, exige hum gráo de energia para que o Ministerio a quem ficaria encarregada a execução se não sente com bastantes forças. E na verdade he melhor não adoptar esta medida se se ha-de executar como está acontecendo com o visconde de S. Lourenço, que pedindo-se-lhe contas da sua administração como Thezoureiro Mór; respondeu com as Quitações dos balanços que faz annualmente o Presidente do Erário: E V. S.^a verá (pois ainda ca fica depois de nós partirmos) que o Governo se ha de dar por satisfeito: e o visconde hade sahir muito airoso: e talvez muito elogiado.

D.^s G.^{do} a V. S.^a &c.

CARTA XVI

Meo Amigo e S.^r — Nada do que eu esperava (pois esperava bem pouco) se realisou.

S. A. R. depois de uma longa conferencia que hontem teve com o futuro Ministro dos Negocios do Reyno declarou hoje em Despacho que se oppunha formalmente a que se contrahisse hum Emprestimo. Exigiu que S. M. empenhasse ao Banco as joias da Coroa, offerecendo-se elle a empenhar as suas e as da Princeza sua Esposa: e protestou que com tal condição se não encarregava do Governo deste Reyno.

Eu oppuz-me sem hesitar ao expediente do empenho das joias da Coroa já porque isso não augmentava os fundos circulantes do Banco: já porque sendo tão facil ao governo o tira-los, como o empenha-los por esse modo se não augmentava o credito do Banco. E já emfim porque não era demonstrado que S. M. podesse coarctar ao seo successor, (que visto serem os principes mortaes podia não ser S. A. R.) a disposição daquellas joias que não são, nem nunca se poderam considerar como hypotheca das dividas do Estado.

A estas minhas razões accrescentaram alguns dos meos collegas a da indecencia que seria regressar S. M. a Portugal despojado das joias da Coroa pelas ter deixado empenhadas no Banco do Brazil pelas dividas contrahidas menos em caso seo ou proprio da Coroa do que nas do publico serviço.

Apezar de todas estas razões prevaleceu a exigencia de S. A. R. e mandavam depositar no Banco todas as joias da Coroa, e as de toda a Real Familia. Mas os Directores do Banco corridos de acceitarem tal penhor da mão de seu Augusto Monarcha, dirigiram a S. M. huma respeitosa representação em que lhe supplicavam os dispensasse de huma acção tão opposta aos sentimentos que sem duvida lhe eram communs com todos os Accionistas do Banco do Brazil sendo-lhes mais que sobejo penhor a Real Palavra de que todos os recursos disponiveis do Estado hiam a ser appli-

cados, como S. M. se dignava declarar no seo Decreto de 23 do corrente para a extincção da divida contrahida com o Banco do Brazil.

S. A. R. cedendo á vista desta representação, do empenho que mostrava em que se fizesse aquelle deposito, cedeu tambem quanto ao Empréstimo na maneira que pela Repartição do Erario veio modificado; a saber: que em vez de hum so Empréstimo de vinte milhões se fizessem tres de menores quantias cada hum, entre si independentes, tanto nas condições, como nas epocas: reservando-se ao Governo verifica-los todos ou somente alguns delles segundo entender que lhe convem.

Posto que eu conhecesse ser inutil toda ulterior insistencia não pude deixar de observar que hum Empréstimo pequeno ao mesmo tempo que produz discredito, se faz sempre com condições mais onerosas do que hum mais avultado. Porem a theoria dos Empréstimos he tão pouco conhecida entre nós como a de todos os mais ramos de Finanças em geral.

Ad.^o meo respeitavel Am.^o

CARTA XVII

Meo Amigo e Sr. — Partiu enfim o Conselheiro João Rodrigues Pereira d'Almeida encarregado por parte do Governo, e como particularmente interessado na prosperidade do Banco, para ir negociar na Europa o Empréstimo de que ultimamente fallei a V. S.^a. Muito folgarei de poder salvar por este meio aquelle meo Amigo das mãos da morte; pois estavam ja perdidas todas as esperanças de que podesse vencer neste clima, no meio de huma contençaõ de espirito a mais violenta para os seos delicados sentimentos, a molestia que de hum anno a esta parte fazia todos os dias os mais rapidos progressos.

Vai munido de hum officio para o Governo de Portugal afim de o coadjuvarem no desempenho da importante commissão de que vai encarregado.

Pelo teor deste officio (de que junto copia) verá V. S.^a que eu pondo sempre debaixo da hypothese que o dito Governo bem como os Cortes que consta acharem-se já congregadas contemplam a S. M. no gozo da Autoridade Real em toda a sua plenitude: nem eu na qualidade de Ministro d'ElRey posso dar a entender outra coisa. Mas a verdade do facto he que eu receio que bem pelo contrario o espirito de democracia seja que prevaleça a esta hora em Portugal: bem como he esse o que vemos ir se desenvolvendo de huma maneira espantosa em todo o Brazil. E tão forte he este meu receio que me animei a patentear-lo a S. M. ponderando-lhe o quanto seria arriscado o aventurar o decoro da Coroa entrando S. M. em Lisboa sem ter antes a certeza que do momento em que alli aportasse, começaria a exercer em toda a sua extensão as Attribuições inseparaveis da Realza. Não que eu tivesse dados nenhuns de facto que me conduzissem a suspeitar o contrario: antes nas procurações dadas aos Deputados das Cortes observa-se que huma das clausulas era a conservação do Governo Monarchico, e na Augusta Pessoa de S. M. para ser continuada a Dynastia na Real Casa de Bragança: O que visivelmente significava a vontade geral da Nação era que quaesquer que houvessem de ser as reformas e alterações a que se procedesse a Autoridade Real não deveria ser em nenhuma maneira atacada nas suas Attribuições essenciaes.

Mas como a historia das Revoluções em todas as precedentes epochas e particularmente as dos nossos tempos me mostrava que as Assembléas huma vez reunidas debaixo do auspicio taes como estas nossas Cortes tem constantemente tomado hum caracter Democratico: e observo que já de prevenção os Coripheos do Levantamento de 24 de Agosto fizeram entrar naquellas mesmas Procurações a clausula de que a futura Constituição deve ser ainda mais liberal que a de Hespanha: ao mesmo tempo que a todos he notorio que o que faz denominar a Constituição Hespanhola mais liberal que a Franceza de 1791 que lhe servia de modelo he o ser ella muito mais, já se vê que o sentido daquella clausula he que deve a Constituição de Portugal ser ainda mais democratica do que a de Hespanha: posto que como ella e ella como a de França co-

mece por dizer que a forma do Governo continúa a ser de huma Monarchia.

Em consequencia ponderci a S. M. que apesar de não ser possível differir a sua partida para Portugal, cumpria fazer todas as diligencias para se certificar antes de alli chegar, qual ha-de ser a maneira como S. M. alli tem de ser recebido: se pelo que os Cortes ja houverem legislado, ou se propoem determinar á sua chegada, S. M. vae exercer as funcções de Rey em toda a extenção desta alta categoria, ou se (como eu muito receio) lhe está reservada a sorte de ser apenas hum Presidente perpetuo de hum Estado que tendo ja cessado de ser Monarchia ainda não he republica: que estando-se agora mesmo constituindo, se hade inteiramente governar por Leys que provisoriamente se vão agora mesmo fazendo segundo as occurrencias: Leys que tem todas de emanar desse Congresso, Leys que S. M. só lhe competirá o direito de as fazer executar, sem as poder nem impedir, nem modificar.

Se este ultimo he, accrescentei (como muito receio, torno a dizer) o caso em que V. M. se vae achar ao entrar na antiga sede da Monarchia, he preciso que V. M. saiba de antemão; porque certificado disso estou persuadido que V. M. tomará na sua alta sabedoria conselho mui diverso de ir subscrever á desistencia da Regia Dignidade que herdou dos seus Augustos Maiores: e que a lealdade Portugueza está tão firme em manter e conservar que os Coriphcos da Revolução se viram obrigados a inseri-la como expressa clausula nas Procurações que elles mesmos forjaram e submeteram a approvação dos Eleitores immediatos constituintes das Cortes de Lisboa.

Afim pois de havermos com a possível, ja que não pode ser com a necessaria antecipação, os precisos esclarecimentos a este respeito, lembro-me de encarregar ao conselheiro João Rodrigues Pereira de Almeida de huma carta minha para Fr. Francisco de S. Luiz que sendo a unica pessoa que eu conheço d'entre os actuaes Governadores do Reyno, me merece o maior conceito tanto no que respeita ás suas luzes e prudencia como ao seu character: pelo que espero que fazendo-lhe sentir os justos receios em que laboro em tão delicado assumpto, exigirei da sua honra que com fidelidade e

candura me expenha a recepção que no actual estado das coisas V. M. terá de encontrar em Portugal.

Tanto ao dito Fr. Francisco de S. Luiz, como ao Conselheiro João Rodrigues recommendarei que sem perda de tempo mandem por duas vias a resposta á Ilha Terceira e ao Fayal, afim de que em nossa passagem por aquella altura a fazermos procurar e por ella poder V. M. resolver o que for mais do seo Real serviço.

Mereceu esta minha proposta plena approvação de S. M. e em consequencia escrevi a Fr. Francisco de S. Luiz na mencionada conformidade, dando ao Conselheiro João Rodrigues as precisas instrucções para com elle se entender franca e livremente sobre este tão importante assumpto: recommendando-lhe com a maior efficacia que os esclarecimentos a dar-nos sobre o objecto hajam de ser os mais explicitos, e que no-os dirijam com a maior promptidão possivel ao Governo das duas referidas Ilhas, afim de que sem fallencia S. M. possa dalli deliberar sobre materia cuja resolução deve decidir da sorte de toda a Monarchia.

Pelas Gazetas hade ja ser conhecido a V. S.^a. que alguns dos nossos Ministros nas Cortes Estrangeiras não so não quizeram reconhecer a nova ordem de cousas em Portugal; mas que exigiram dos Governos junto aos quaes se achavam acreditados, que cortassem toda a communicação dos seus Estados com aquelle Reyno: E alguns houve que passaram a requerer que as Potencias entradas na Santa Alliança cahissem com mão armada a atalhar em sua origem o quanto antes a Revolução de Portugal, bem como a Austria o vac praticar com a de Napoles.

Não reconhecerem aquelles Ministros as mudanças acontecidas em Portugal, era hum dever do seo cargo; pois que representam nas Cortes onde residem o Governo contra quem se fez o levantamento. Este Governo ainda existe na Augusta pessoa d'ElRey: ElRey ainda he de facto, assim como o he de direito o unico Governo da Monarchia: entretanto que o novo Governo que se erigiu em Lisboa apenas se pode dizer de facto Governo de Portugal: e de direito ninguem dirá que elle o seja ainda quando se queira derivar este da vontade geral do Povo daquelle Reyno, pois que não

he na effervescencia de huma Revolução sempre assustadora que se pode manifestar a vontade geral de huma Nação.

O passo porém de exigirem alguns delles que os Governos junto a que residem tomassem huma attitudo hostile contra Portugal mostra que aquelles Ministros vivem na illusão que o Directorio Excutivo da Europa (como huma alta personagem chama mui significativamente ás cinco Potencias da Grande Alliança), tem procurado derramar em todos os espiritos; a saber: Que a todas e a cada huma dellas compete o direito de intervirem nas dissensões internas de todos e de cada um dos Estados da Europa, e por huma necessaria consequência tambem nas dos seos co-Estados aquem dos mares.

Porém quando aquelles Ministros disto estejam, como pelo conhecimento que tenho da sua honradez, me persuado que o estam, convencidos daquelle direito das Potencias, deveriam ter reflectido que como ellas o dirivam do principio da propria conservação, dizendo que o perigo em que as Revoluções dos outros Estados poem aos seos delles he que os constitue não so no direito, mas na obrigação de procurarem suffoca-las, empenhando para isso todas as suas forças; deveriam aquelles nossos Ministros ter reflectido que não sendo possivel a nenhuma das ditas Potencias praticar (por ora) com Portugal o mesmo que a Austria vae a praticar com o Reyno de Napoles, era a sua requisição tão imprudente, quanto impolitica e prematura.

Não digo o mesmo das sollicitações que cada hum delles tiver feito depois de haver recebido para isso ordem desta Côrte: tal como as que Antonio de Saldanha a quem V. S.^a sabe que eu consagro a mais respeitosa amisade, terá dirigido ao congresso que se deve ter reunido em Laybach.

Comtudo havendo S. M. feito já retractar aquellas ordens apenas o Conde de Palmella entrou no Ministerio, e sobretudo tendo todas as ditas Potencias declarado que o caso de Portugal se não devia confundir com o de Napoles, nem com o de Hespanha, pois que não constava ainda em que maneira S. M. I.^a considerava os acontecimentos sobrevindos naquella parte dos seos Estados: e que portanto se deveria esperar pela manifestação que o

mesmo Senhor não deixará de fazer quanto antes a esse respeito, era consequente que S. M. depois de ter mandado participar aos seus Ministros junto ás differentes Cortes a resolução que havia tomado de adherir á Reforma Politica a que hiam proceder as Cortes de Portugal, restituindo-se a aquelle Reyno para com ellas se applicar ao acabamento de huma obra em que S. M. não era menos interessado do que os Povos cujo Governo lhe estava confiado pela Providencia, lhes incumbisse de certificarem a todas e a cada uma daquellas Potencias que constando a S. M. haver quem no seu Augusto Nome asseverasse ás grandes Potencias da Europa e determinadamente aos Soberanos reunidos nos Congressos de Tropau e de Leybach como S. M. em nenhum modo annuam aos acontecimentos succedidos em Portugal, lhes ordenava que desmentindo taes asserções certificando pelo contrario que S. M. prestará da maneira a mais livre e espontanea o juramento de cumprir e fazer cumprir a Constituição que fizerem as Cortes de Portugal: não havendo nada que possa alterar esta sua mui firme e muito maduramente tomada resolução: e que S. M. consideraria como hum acto da mais horrenda aggressão contra a independencia da sua Real Coroa todo e qualquer procedimento, convenção ou ajuste pelo qual os Monarchas Estrangeiros possam lembrar-se de assumir a autoridade: de intervirem de algum modo qualquer nos negocios internos desta Monarchia: tanto na Europa como nos seus Estados Ultramarinos.

He certo que não sendo, como aquelles Soberanos pretextam, o assenso ou o discurso de S. M. quem ha de dirigir a sua conducta a respeito de Portugal; mas sim a conveniencia ou desconveniencia que elles acharem em lhe fazerem, bem como á Hespanha, a applicação que vão ja fazer do *Direito de intervenção* no Reyno de Napoles; Portugal desta tão positiva declaração de S. M. deve preparar-se para ser mais cedo ou mais tarde visitado pelas Armas da Santa Alliança. Se Governos taes como o de Hespanha e provavelmente o de Portugal, não fossem condemnados pelo democratismo das suas Constituições, a serem o ludibrio de partidos incapazes de razão e de systema; mui facil seria a Peninsula, não digo ja resistir mas até fazer passar á S^{ta}. Alliança toda

vontade de se intrometer nos seus negocios internos. Mas como he meo rifão que a historia do passado he a historia do futuro; não he difficil prever qual será a nossa sorte. Mas he do dever de quem está ao timão dos negocios publicos fazer na parte que lhe toca o que pede a coherencia do Systema em que acha montada a Machina do Estado; pois que não he pelos passos que se derem em coherencia com o systema, he sim pelos que delle aberrarem, que estamos destinados a engrossar (oxalá que eu me engane) o catalogo dos Povos invadidos e aviltados.

Tenha, meo digno Am^o. as felicidades que lhe deseja quem se preza de ser etc.

CARTA XVIII

Meo Amigo e Sr.—Parecerá impossivel a V. S^a. que achando-me en á testa da Repartição dos Negocios Estrangeiros vae ja em dois mezes so hoje pude conseguir que se deliberasse sobre hum dos mais importantes assumptos da minha Repartição: quero dizer, o estado das nossas Relações com os nossos visinhos do Rio da Prata.

Por muitas vezes quiz chamar a attenção do Governo de S. M. sobre este objecto que reclama as mais promptas e decisivas providencias: em todas essas occasiões testemunhou S. M. o muito que dezejava se lhe propozesse algum expediente que conciliasse os interesses dos Povos com a dignidade da sua Real Coroa. Mas so hoje me foi possivel conseguir o ser ouvido sobre a materia. Felizmente pude obter que a minha proposta fosse immediata e unanimemente approvada por todos os meos collegas, assim como por S. M. e S. A. R.

Eu comecei a minha exposição por observar que a estada das nossas Tropas na Banda Oriental depois do armisticio concluido com Buenos Ayres não somente nos tinha acarretado todos os males que ao commercio portuguez fizeram os piratas arvorados em corsarios com differentes bandeiras; mas occasionava ao Thesouro

Publico huma despeza annual que nem o Estado podia ja continuar por mais tempo; nem era de esperar que se lhe encontrasse compensação, fossem quaes fossem as medidas que se adoptassem para se aproveitarem os recursos que da occupação daquelle Paiz por mais tranquilla e pacifica que fosse, se podiam esperar. Por outra parte a inquietação e descontentamento de toda a Divisão tinha chegado a tal ponto: a devassidão e máo exemplo de alguns dos seus chefes era tão escandalosa: os excessos que contra os Povos se exerciam tinham já chegado a tal ponto que a não se lhe acudir com prompto remedio era bem de receiar que não somente perdessemos aquella alias excellente Divisão; mas abrissemos a porta a novos desastres, comprometendo-nos cada vez mais com os Paizes circumvisinhos, ao mesmo tempo que chegando S. M. a Europa sem ter tomado hum partido decisivo sobre aquelle Paiz teria de entrar com a Hespanha em negociações tanto mais desagradaveis quanto pelo impetuoso character do Partido democratico que hoje predomina naquelle Paiz se tem de ver o Governo de S. M. em maiores apertos do que os que experimentara nos anteriores tempos sempre que havia pendencias entre as duas tão visinhas Cortes de Madrid e de Lisboa.

Portanto era preciso que o Governo de S. M. decidisse qual devia ser a categoria em que cumpria deixar a Banda Oriental. Como Paiz occupado por huma Força permanente na maneira que o tem sido até agora isso era impossivel pelas razões que eu acabava de expender e outras que por brevidade omitto. Decretava (*sic*) S. M. a sua união ao Reyno do Brazil e dar-lhe a forma de Provincia delle organisando a sua administração, Magistratura, Clero e Força Militar de huma maneira analoga as demais Provincias nem era obra cujo plano se pudesse redigir, não digo ja nos poucos dias que S. M. tem de se demorar por estas partes, mas nem em mezes: não he empresa que possa ter lugar quando se está tratando de reformar todo esse edificio para a Monarchia em geral. Mas, o que sobre tudo importa reflectir, depois que se houvesse feito na maneira a mais completa e acabada, seria completamente inequívoco porque a força armada para sustentar, como em tal hypothese he preciso, o character de conquistador, deve-se compor

principalmente de Tropa do Paiz: e esta jamais será Tropa Portuguesa: menos será Portuguez o corpo Ecclesiastico: os Magistrados, os Administradores: e ainda mais que elles, os Povos jamais se poderão amoldar ás nossas leys civis, criminaes e de fazenda que tem de apprender, em que muito tem de reprovar, o cujos defeitos (ainda que menores sejam do que os da Legislação debaixo de que tem vivido) lhe são tanto mais sensíveis e intoleraveis, quanto lhe são, alem de novos e estranhos, incutidos pelo temor e pela força.

E se o Governo já encontra tanta difficuldade em manter na União as Províncias do Brazil, como da Bahia se está experimentando e brevemente constará de todas as demais, humas apóz outras, que pode esperar de hum Província que fosse agora annexada a este Reyno por força de hum decreto? Mas não falta quem diga que aquelles Povos tem manifestado já por vezes e mui proximamente o desejo de se unir ao Brazil—As desgraças que hoje pesam sobre a maior parte das Nações tem por origem esta tão funesta quanto equívoca expressão de=os Povos querem=Os Povos resignam-se, conformam-se ou folgam com as leys e regime que entre elles o encadeamento de successos sempre locais, sempre emanados de hum ou poucos individuos poz em execução. Assim *os Povos querem* a continuação do que por longa experiência sabem que contribue para a sua felicidade—*não querem* o que por experiência sabem que faz a sua desgraça. Mas os Povos espalhados pela extensão de qualquer Paiz o mais limitado não fallam entre si, não tratam, não deliberam; a maior e maxima parte dos individuos de que elles se compoem quando fosse possível concorrerem, não tem os conhecimentos nem a força de razão precisa para deliberarem, escolherem, ou quererem o que de futuro melhor podér convir ao seu bem commum. E portanto sempre que se dizer que=Os Povos querem certas e determinadas innovações no seu modo de governo em existencia=assevera-se humi coisa falsa e absurda. Sempre que se dizer que elles desejam mudar de estado em geral, em tanto he verdade em quanto se quer dizer com isso que desejam em geral a reforma dos males e abusos que são inherentes a todo e qualquer Governo. Mas esta verdade he tão trivial e insignifi-

cante, que jamais pode ser neste sentido que se diz=Os Povos querem=

Não se diga=Os Povos da Banda Oriental querem que o seo Clero, os seos Magistrados, os seos Bens, o seo commercio, a sua industria e sua segurança e Policia sejam de ora em diante dirigidos não já pelas suas antigas leys, mas pelas leys vigentes no Brazil.=

Mas replica-se que elles não querem esta especie de união a que se poderia chamar civil: querem sim a união politica, que consiste em se collocarem para com as Potencias Estrangeiras nas mesmas relações que as Provincias do Brazil, contribuindo como qualquer destas para as despesas geraes do Estado; mas governando-se como até agora quanto aos seus negocios internos em cada hum dos ramos da sua particular Administração Municipal, Ecclesiastica, de Justiça, de Fazenda, e serviço Militar.=

Onde deliberaram aquelles Povos sobre tão positivos pontos? Como deliberaram?—Não deliberaram, nem podiam deliberar. Mas certos individuos erigindo-se em interpretes da vontade, que nunca existiu nem podia existir nos Povos, são os que assim o affirmam. Afiançam sobre sua palavra e so porque elles assim entendem que conviria=Que os Povos huma vez feita a indicada incorporação se haverão por mui contentes e felizes.=

Mas nem elles tem autoridade para assim o affirmarem, nem o governo deve proceder pela sua simples asserção.

O unico meio que existe entre os homens de o verificar, meio na verdade bem insufficiente, mas unico que existe he o de fazer que os homens menos expertos de cada povoação e districto se louvem em outros mais instruidos nos interesses dos Povos: que estes louvados organisem asinstrucções porque hum pequeno numero de homens por elles escolhidos reunindo-se fóra do alcance de toda a estranha influencia confirmem entre si o que lhes houver sido dado como expressão do que entre aquelles louvados prevalecer como conveniente aos publicos interesses e por conseguinte como propria a grangear o Assenso ou vontade dos Povos, mas huma vontade ulterior ao estabelecimento e á experiencia; mas de nenhum modo anterior a elle.

Na conformidade destes principios he meo parecer que ao General Barão de Laguna se expessam ordens para que fazendo reunir nos Povos daquella Provincia Assembléas Eleitoraes pelo mesmo teor que as que neste Reyno e em Portugal setem formado (salvas as alterações accidentaes que por motivos de localidade forem indispensaveis) convoque no lugar que mais adequado lhe parecer huma Assembleia da Provincia, cujos Deputados franca e livremente, sem constrangimento algum e sem a menor sombra de influencia da nossa parte, deliberem e decidam sobre a futura sorte da Provincia= Se querem que ella fique formando hum Estado independente ou se se querem incorporar a algum dos Estados circumvisinhos, como elles antes Colonias de Hespanha, ou se enfim se querem incorporar a este Reyno do Brazil.

No primeiro caso, devera o General fazer com que procedam immediatamente a formação assim do Governo a quem deve ficar entregue o manejo dos negocios publicos, como a organização da força armada a quem se deve confiar a manutenção da Policia e tranquillidade da Provincia.

No segundo caso o Governo do Estado a que a Banda Oriental se quizer unir deverá prover sem perda de tempo a esta segunda providencia; porque dada ella, as Forças Portuguezas pela maneira que ao General parecer a mais acertada se retirarão para as nossas fronteiras conservando-se alli todas ou somente parte dellas segundo elle julgar que he preciso até receber ultteriores ordens de S. A. R. a cujo Governo deve successivamente informar bem como para o de V. M. em Lisboa do que for acontecendo.

No caso porem da Assembleia votar pela união ao Brazil, o General informando das condições e maneira desta união tomará as medidas necessarias para que a marcha dos negocios até chegar a decisão de V. M. se conserve em hum pé que respeitando os interesses da Provincia, não tragam ao Thesouro Publico o enorme encargo das despesas que sobre elle tem pesado até agora, e que no actual estado da Monarchia he absolutamente impossivel continuar a supportar.

Isto pelo que pertence a Banda Oriental. Mas como a sua occupação teve por motivo mais a inquietação das Provincias cir-

cumvisinhas do que o mal que della mesmo tivessesmos a reccar, seria frustrado quanto a respeito della se determinasse não se providenciando ao mesmo tempo a assegurar a boa intelligencia entre os governos das ditas Provincias e a Coroa de Portugal. A este fim dice que me parecia conveniente se mandasse regressar para Buenos Ayres João Manoel de Figueiredo que ja alli estivera por parte desta Corte, mas sem caracter ostensivo: indo agora com o de Consul não ja pelo meio ordinario de huma Patente, mas com huma credencial minha para o Governador de Buenos Ayres na qual se manifestem as intenções amigaveis de S. M. para com todos os Povos circumvisinhos e a resolução que tem tomado de entrar com todos elles em relação para o fim de animar e proteger o Commercio entre aquelles Povos e os vassallos desta Coroa; porisso que não competindo a nenhuma Potencia o direito de julgar da legitimidade, ou illegitimidade dos Governos dos outros Paizes, S. M. sem reconhecer o direito com que os ditos Governos se acham com effeito installados, pois he unicamente do facto da sua existencia: e tendo de promover os interesses do Commercio Portuguez naquellas partes, se dirija a quem nellas exercita a publica autoridade para exigir que a bandeira nacional alli seja respeitada na certeza de que tambem o serão aquellas em que os respectivos vasos entrarem nos portos deste Reyno Unido, ficando assim assegurado por meio desta mutua explicação aos cidadãos de huma e outra parte o gozo de todos aquelles direitos que pelos principios geraes do Direito das Gentes se concedem aos individuos de todas as Nações com quem se está em boa paz e harmonia.

Por esta occasião se lhes participará as medidas de liberal conducta que na maneira acima exposta S. M. tem adoptado a respeito da Banda Oriental como huma prova do espirito de Justiça e desinteresse de que o Governo Portuguez se acha animado.

João Manoel de Figueiredo será autorisado para entrar de Buenos Ayres em correspondencia com os Governos do Chile, Entre-Rios etc., debaixo destes mesmos principios: E ao General Barão de Laguna se dará ordem para que coopere com elle para restabelecer a boa intelligencia entre aquelles differentes Estados e os Povos do Brazil.

Tanto S. M. e Alteza como os meos collegas concordaram comigo em todos estes pontos, e sendo autorisado a expedir nessa conformidade os officios que deixo referidos, fiz alli mesmo leitura dos que levava preparados, vista a escassez do tempo, achando-nos tão proximos á nossa partida para Europa: E pelas copias que juntas remetto será constante a V. S^a. o cuidado com que previ as exprobrações que temos a receiar da parte de Hespanha por esta especie de reconhecimento sem contudo dar lugar aos Povos Americanos de recearem que nos possamos jamais voltar a fazer causa commum com a sua antiga Metropole para os reduzir a Categoria de Colonias.

Nas Instrucções para o Barão de Laguna encontrará V. S^a. menção da nova linha divisoria que deve fazer de ora em diante a fronteira da Provincia do Rio Grande.

He ella o resultado dos trabalhos dos dois habéis Engenheiros Brito e Salvador que S. M. havia mandado para determinarem de huma maneira precisa aquella linha não ja debaixo das vistas ambiciosas e tendentes a supplantar os nossos vísinhos, mas unicamente com o fim de assegurar por meio de huma fronteira militar a tranquillidade dos Povos, pondo a Provincia ao abrigo de huma repentina invasão, que a ficar a antiga demarcação conduzia logo desde as primeiras incursões o inimigo no coração da Provincia. Pela actual divisão sem peiorarmos a situação dos nossos visinhos quanto á sua defesa, melhoramos a nossa para no caso de sermos atacados.

D. Manoel Jozé Garcia, que tem aqui residido ha alguns annos na qualidade (não ostensiva) de Agente de Buenos Ayres vae partir ainda antes de Figueiredo para aquella cidade e levará ja esta noticia que não pode deixar de melhorar muito a situação das nossas relações commerciaes com todos aquelles Povos.

O Governo Portuguez terá a gloria de haver sido o primeiro que proclama e põe em pratica para com as demais Nações principios de Direito das Gentes conformes aos de Direito Publico que acaba de adoptar e que fazem a base do regime de todos os Governos Representativos.

Não tardará que o nosso exemplo seja seguido pelos Estados-Unidos da America Septentrional, e mesmo pelo Governo da Gram-Bretanha. Mas nós temos a gloria de os havermos prevenido sem que por grande antecipação se nos possa exprobrar que nos tenhamos accelerado.

Ad.^o meo digno e respeitavel Amigo, etc.

CARTA XIX

Meo Am.^o e Sr.—Posto que seja grande a confiança que me inspiram as qualidades pessoaes do Conselheiro João Rodrigues Pereira d'Almeida, reflectindo eu na complicação que lhe resulta da commissão do emprestimo de que vae encarregado: das poucas relações que tem em Portugal, donde sahio nos principios da mocidade: e emfim que a sua profissão lhe não dá todo o accesso que he preciso junto ás pessoas hoje influentes nos negocios publicos, lembrei-me de propor a ElRey para ir especialmente incumbido do importante negocio de se informar e nos informar das disposições das Cortes relativamente á categoria em que se propoem receber a S. M. ao Desembargador do Paço João Severiano Maciel da Costa, não somente em razão da sua grande capacidade para quaesquer negocios da mais relevante importancia; mas porque estando em relações de amizade com os principaes Deputados das Cortes e tendo entre todos elles e no publico em geral a mais bem merecida reputação de liberalismo, mas de hum liberalismo fundado em principios de moderação e de solida doutrina. S. M. que faz daquelle Magistrado hum elevado conceito e se achava ainda magoado do desgosto que nos primeiros momentos desta Revolução se lhe havia causado, ficou extremamente satisfeito com esta minha lembrança: sobretudo accrescentando eu que no caso de ella merecer a approvação de S. M. João Severiano partiria com o apparente objecto de ir, como na verdade vae nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto á Santa Sé:

tanto por ser essa huma satisfação a que elle tinha todo o direito pelo ha pouco mencionado desgosto: como porque em Roma se precisava de hum Ministro do pulso de João Severiano: Sendo Pedro de Mello Breyner muito proprio para ir concluir em Napóles o começado negocio do casamento do Sñr. Infante D. Miguel com a Princeza Filha de S. A. R. o Duque de Calabria.

Obtida assim a approvação de S. M. ordenei as instrucções, em que expuz a João Severiano, como precedentemente dice, o fizera a João Rodrigues e Fr. Francisco de S. Luiz a necessidade em que S. M. se achava de saber antes de entrar em Portugal, que sem a menor hesitação nem intervallo continuaria a exercer naquelle Reyno e consequentemente em toda a Monarchia as inauferiveis attribuições da Realza, como até agora, salva a modificação que tem adoptado, e se conhece ser o voto geral da Nação, de que para a confecção das Leys, e particularmente para imposição e percepção dos Tributos para o emprego dos Dinheiros Publicos S. M. seja assistida e admitta como parte integrante do Poder Legislativo o Congresso Nacional de Deputados nomeados pelos Povos e compondo o Congresso Nacional na forma e maneira que pela Constituição a que se está procedendo houver de ser definitivamente, mas não sem o concurso de S. M. estabelecido e decretado; pois que nada ha por onde S. M. se ache esbulhado do Poder Legislativo que distingue o Rey Chefe de huma monarchia do Presidente, do Statthouder ou como alias se lhe queira chamar, Chefe de huma Republica: antes os Povos cuja vontade as Cortes contemplam expressa nas Procurações dos seus Deputados muito explicitamente lhes impõe a obrigação de manterem a S. M. o Senhor D. João Sexto na Dignidade, em que a Revolução o achou de Rey destes Reynos para o fim de se manter illesa a categoria de hum Governo Monarchico com a só differença de agora lhe accrescer a qualidade de Representativo pelo concurso, mas não pelo exclusivo do Congresso no exercicio do Poder Legislativo.

No caso de acontecer, como eu muito receio, que nas Bases da futura Constituição a que pelas noticias que por ora temos, se estava procedendo, como hum necessario preliminar ao trabalho

da mesma Constituição as Cortes mostrarem, como eu muito reccio, opiniões oppostas a estes incontestaveis principios, incumbo eu ao Conselheiro João Severiano de empregar todos os recursos do seu zelo e da sua muita habilidade e doutrina de convencer aquelles Deputados que no seu e meo conceito são capazes de admittirem conselho de razão dos incalculaveis males que da adopção de tão funestos erros até provados pela recente experiencia da França, da Hollanda, das Republicas de Italia e de presente pela da Hespanha e de Napoles.

Porem que a não ser possivel conseguir que se assente em principios compatíveis com os Direitos de que nem a S. M. he licito disistir: nem jamais existiu na Nação Portuguesa a intenção de alterar, deverá elle Conselheiro partir podendo ser immediatamente ao nosso encontro para as Ilhas dos Açores mandando antes e ao mesmo tempo por differentes vias competentes informações do que houver passado, assim á do Fayal como á Terceira, afim de que chegando alli S. M. receba desde logo as noticias que no tempo couber expedir, e que lhe possam servir de ulterior governo.

Ainda que segundo..... (*) precedentemente feitos pareça que entre a nossa partida e a do Conselheiro João Severiano não haverá bastante intervallo para tudo quanto elle vae incumbido de fazer; o negocio he importante que ainda quando S. M. devesse fazer huma arribada afim de dar tempo a chegarem as informações que por elle ou pelo Conselheiro João Rodrigues de vemos receber, eu sou de parecer que cumprirá fazel-a antes que aventurar-se a entrar em Lisboa em irremediavelmente menoscabo da sua Dignidade.

Mas eu lisongeio-me de que se poderá ainda espaçar a partida: e por ventura darão os acontecimentos lugar a mudar-se inteiramente o plano convencendo-se S. M. bem como S. A. R. de que a felicidade da Monarchia exige que a sede della continue a residir áquem dos mares na forma e pelas razões que nas minhas precedentes Memorias tenho expendido.

Do que o tempo for descobrindo darei noticia a V. S^a, porque cumpre que para segurança do meo bom nome, e para illustração

(*) Ha aqui uma lacuna no Mss.

da Historia eu vou fazendo no scio da amizade o deposito da fácil narração dos successos em que a sorte quiz que eu seja parte: e de que he justo que a posteridade seja por mim mesmo sem prevenção de amor ou odio escrupulosamente informada.

Ad^a. meo respeitavel Amigo, etc.

CARTA XX

Meo Amigo e Sr.=Cahiú de todo o véo que de algum modo cobria ainda os designios dos Promotores publicos e occultos da Revolução de 26 de Fevereiro.

A resolução que S. M. tomou de regressar com a sua Corte para Portugal, desarmou a cabala que mediante novos tumultos e pela criação do Conselho de Estado que exigiam se compozesse das pessoas cuja relação communiquei a V. S.^a na minha carta de procurava obrigar S. M. a dar aquelle ou alias outro algum ainda mais funesto passo.

Como porem as delongas no preparativo que a decretada viagem, posto que nascidas unicamente da falta de meios, e de não haver no Ministério quem efficazmente se applicasse a renova-las, impacientasse aos Chefes daquelle turbulento partido fazendo-lhes até mesmo suspeitar que da parte do Governo de S. M. havia em tudo isto proposito deliberado afim de se ganhar tempo e com elle se penetrarem os seus projectos, e se frustrarem suas machinações por meio da remoção dos seus principaes coripheos inflamar a natural actividade de S. A. R. que encontrou nos cofres do Visconde do Rio Secco todos os Subsídios que precisos fossem para se ultimar a obra da sahida de S. M. deste Reyno: como passo essencialmente preciso para a Revolução do Brazil receber todo o desenvolvimento que os seus Autores começavam a receiar se lhes estorvasse. E tão forte he o receio que sobre isso manifestam que não contentes com o rapido progresso que os preparativos da Esquadra vão fazendo depois de assim soccorridos com

todos os meios precuniaros que precisos forem; não falta quem espalhe pelo Publico, como para sondar as verdadeiras intenções do Governo, que este só espera pela definitiva promptificação da Esquadra para declarar que o bem da Monarchia exige que S. M. continue ainda a residir nesta parte dos seus Estados, tomando a resolução de delegar em seu Filho o Principe Real a importante commissão de o ir representar como seu Lugar-Tenente nas Cortes de Lisboa.

Estes boatos industriosamente espalhados pelo Publico, não são tanto destinados a inquietar os animos das differentes classes do Povo que bem pelo contrario anheia por ver adoptada hum semelhante medida: o seu objecto, alem de ser o ja mencionado de descobrirem as verdadeiras intenções do Governo he de excitarem na Divisão Portugueza hum fatal descontentamento; pois lhe fazem acreditar que ficando aqui ElRey se lhe prolonga indefinidamente a sua estada no Brazil: e ja V. S.^a sabe que este foi o principal movei com que se abalou o animo a Tropa para entrar na Revolução de 26 de Fevereiro por se lhe persuadir que o Ministerio de então, deferindo adherir á Revolução do Portugal, nada menos intentava do que cortar todas as relações com aquelle Reyno e portanto ás Tropas da Divisão todas as esperanças de a elle tun cedo e por ventura jamais poderem regressar.

Na verdade não se pode fazer idea do effeito que estes boatos e as suggestões manejadas em segredo tem produzido não só nos animos rudos dos soldados, mas tambem e com maior vehemencia ainda nos da officialidade que ja pela natural impaciencia de reverem suas familias, ja pelas esperanças que as noticias da Revolução de Portugal lhes tem feito conceber de verem melhorada no seu regresso áquelle Reyno a sua sorte em consequencia da despedida do grande numero de officiaes estrangeiros que occupavam os postos mais importantes do Exercito, ja não conhecem barreiras ao seu soffrimento: e estão dispostos a tentarem tudo quanto se lhes aconselhe, para sahirem deste para elles tão violento quanto prolongado presidio.

He certo que nem S. M. nem nenhum dos seus Ministros retarda actualmente a realisação da decretada partida. Mas nem

por isso afianço que os Chefes do Partido revolucionário desistam de promoverem huma nova commoção afim de melhor assegurarem e mesmo precipitarem a partida de S. M.

E ha-de V. S^a. acreditar que toda a Nobreza, *tydo quanto* he gente do Paço arde de impaciencia de voltar a Portugal? Sabem todos que naquelle Reyno rebentou huma revolução mais violenta de quantas lhe tem precedido na Europa contra as Classes privilegiadas do Clero e Nobreza: e nesta com especialidade se faz tiro aos que na phrase ja trilhada em quantos discursos nos tem chegado das Cortes, se denominam Aulicos.—E são estes Aulicos os que até estigmatizam como traidores ao Rey e á Nação as pessoas que elles suppoem opporem-se ao regresso de S. M. para Portugal.—Infelizes! Que mal conhecem a sorte que os la espera!

Ad.^o meo digno Amigo, etc.

CARTA XXI

Meo Amigo e Sr.—Eu não sei se foi por effeito do sincero desejo que todo este Povo (geralmente fallando, pois em tudo ha excepções) de que S. M. não verifique ao menos por ora, a trasladação da sua Côte para a Europa: ou se foi por manobra do Partido que mais deseja que S. M. parta quanto antes e parece receiar que o Ministerio se dispõe a ceder ao desejo do Povo, o certo he que tanto a Camara desta cidade como o Corpo do Commercio acabam de levar á presença de S. M. as mais instantes e energicas representações, supplicando-lhe haja por bem differir o se possivel fosse retractar a tomada resolução do seu regresso para Portugal.

Se foi espontaneo movimento dos Povos, será este hum eterno monumento do bom espirito e sensatez de que elles se acham animados. E se foi obra do Partido revolucionario para obter por huma parte a declaração do Governo de S. M. e mesmo para o forçar a da-la qual elles a desejam, esporeando por este modo a

impaciencia dos Cortezãos e da Tropa, podem desde ja felicitar-se de haver conseguido seo intento.

A resposta de S. M. a aquellas expressões de amor dos seos vassallos foi tal qual V. S.^a póde imaginar. Sem se fixar a epoca da partida, mostrou-se a necessidade em que S. M. estava para bem geral dos seos Estados em hum e outro Mundo de fazer este novo sacrificio das suas paternas affeições, separando-se de vassallos que tam caros lhe deviam ser até pelo recente testemunho que acabava de receber do seo Filial affecto.

Pareceria que com esta tão positiva declaração deveriam acalmar os furores da ambição. Mas nas vinte e quatro horas que tem decorrido, e durante as quaes sou informado com frequencia do que se passa nos Quarteis, nos Cafés e nas loges dos Mercadores das ruas Direita e Quitanda (os quaes lugares sam hoje o theatro da mais desenfreada liberdade de fallar) observo que bem longe de os espiritos se aquietarem vão entrando em huma effervescencia tanto mais difficil de reprimir quanto são desvairados os motivos que cada hum tem para viver em penoso desasocego, incerto da fortuna que o espera na nova ordem de coisas que pela retirada de S. M. se vae a estabelecer neste tão bello quanto malfadado Paiz.

Todos antevem em grosso, que nada do que hoje existe se pode conservar. Mas quaes serão as mudanças que se preparam? Quaes serão as victimas das reformas? E serão estas para bem ou para maior desventura do Estado? Eis-aqui as perguntas que cada hum se faz a si mesmo, e que fazem todos huns aos outros.

Deus Guarde, etc.



A COLLECÇÃO CAMONEANA

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

C A T A L O G O.

[*Continuação* (*)].

T r a d u c ç õ e s .

Latinas:

71) *Lvsiadvn libri decem.* Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Regioque consiliario, Ordinis Virginis Mariæ de Monte Carmeli, Doctore Theologo, Vlyssiponensi. Cum facultate Superiorum.

Vlyssipone. Ex officina Gerardi de Vineæ. Anno 1622. In-8.º de 8 folhas preliminares não numeradas, e 179 folhas numeradas só pela frente.

No meio da pagina do rosto uma vinheta. Na folha seguinte as licenças para a impressão, todas datadas de Janeiro de 1622. Segue-se: a *Errata*, e, logo depois: *Inclito, Invicto, ac Illustri Portugallicæ Regno prosperitatem maximam exopto.*

E', como diz o sñr. v. de Juromenha, uma dedicatória á nação portugueza, na qual diz que vendo o estado de degradação e

(*) Cont. da pag. 78 d'este vol. II.

de abatimento a que a nação se-achava reduzida ha uns cincoenta annos, para alliviar a tristeza se-applicára á leitura dos maravilhosos feitos de seus antepassados, e procurára mitigala com esta traducção, onde propõe aos seus contemporaneos tantos exemplos para seguirem as pisadas dos seus ascendentes. « Tendes os turcos (lhes-diz) que tantas vezes debellastes, os mouros de quem alcançastes tantas victorias, tantas nações de que enfeixastes trophæus, enfim os inimigos da fé contra quem podeis restaurar o nome perdido, e eu cantar-vos em meus versos. »

Vem depois « *Ad lectorem.* » Diz que, sendo já velho o bispo, se-applicára á poesia, mas que o-deve justificar o exemplo de muitas pessoas doctas e graves que o mesmo fizeram.

Seguem-se uns trez epigrammas em louvor do traductor, o poema em verso com os cantos precedidos de um argumento em prosa, e termina com algumas notas geographicas e historicas. A traducção acaba na est. CXLIV, omittindo as ultimas doze da allocução a el-rei d. Sebastião.

Esta traducção, publicada quando seu auctor contava oitenta annos de idade, foi reimpressa no vol. V. do *Corpus Illustrum Poetarum Iasitanorum qui latine scripserunt* (1745) do padre Antonio dos Reis, e accompanhada de uma biographia do bispo, um catalogo das suas obras, e o testemunho de varios auctores que escreveram em louvor da traducção. De todas as que se-fizeram na lingua latina foi ésta a unica que chegou a ser publicada. Os manuscriptos da de André Bayão, emprehendida em 1607, de dous anonymos, de Antonio Mendes, Manuel de Oliveira Ferreira (canto VII) e Philippe José da Gama, se-julgam hoje perdidos. Da de fr. Francisco de Sancto Agostinho de Macedo, diz Innocencio da Silva, existia parte em poder do p. Domingos da Soledade Sillos, e o resto se-conserva em mão do sñr. conselheiro Antonio Corrêa Caldeira.

Os exemplares d'êsta traducção do bispo de Targa são tidos em conta de raros.

Ha dous exemplares: um *Ex bibl. Did. Barbosa Machado*, e outro *Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura*.

72) Castro Lopes. *Musa Latina. Anaryllidos Dircaei aliquot selecta lyrica in latinum sermonem translata ad usum scholarum brasiliensium accommodata. Editio correctissima mendisque purgatissima, notis opportune adhibit.*

Potamopoli Ex typis Quirini & Fratris—Via Quitanda 27.
MDCCLXVIII. In-4.^o peq., de 2 fls.—IV—68 paginas,

Estas versões latinas devemo-las á penna do illustrado sñr. dr. Antonio de Castro Lopes.

O volume comprehende: — I. Dedicatória em verso: *A' memoria de minha muito amada mulher D. Rita Barbara Pires Lopes.* — II. Prologo. — III. Algumas noções sobre o verso latino e sua medição. — IV. *Amarylidos Dircei lyrica selecta.* Estão divididas em trez partes. — V. *Appendix.*

Neste Appendix, de pag. 59 a 61, traz a seguinte versão: *Ignes de Castro. Episodio dos Lusíadas de Camões.* Assim começa:

Agnes interea, blande labentibus annis,
Deliciis data, quas reddit fortuna fugaces,
Pulchra quiescebat Mondæ moerentibus arvis
Rorati lacrymis, coelatum pectore nomen
Et flores, montesque docens resonare.....

Hispanholas:

73) Los *Lvsiadas* de *Lvys* de Camões, traduzidos en octaua rima Castellana por Benito Caldera, residente en Corte. Dirigidos al Illustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del consejo dela hazienda de su M. y dela Santa y general Inquisición. Con Privilegio.

Impresso en Alcala de Henares, por Juã Gracian. Año de M.D.LXXX. In-4.º de 194 folhas não numeradas.

Innocencio da Silva dá ao exemplar que viu 207 folhas, no que parece haver engano.

No centro da pagina do rosto vê-se uma vinheta representando um soldado em acção de montar a cavallo. Segundo crê o sñr. visconde de Juromenha, este militar talvez represente o poeta. Na folha seguinte vem a *Aprobacion* assignada por Fradique Furio Ceriol, na qual diz:

« Parece-me que la poesia dellos es alta, y esta hecha a imitacion de la Eneida de Virgilio, y la traduccion tan propria, polida, sonora, y numerosa, que corresponde en todo a la grandeza del subiccto. Por tanto el publicarse este suso dicho libro puede ser de mucho provecho a la republica. » Depois vem o privilegio, datado de Guadalupe 26 de Março de 1580, concedido pelo rei ao traductor, por espaço de vinte annos, em consideração ao trabalho e despesa que havia feito com a traducção, e ser o dicto livro proveitoso para os professores de historia e navegação. Vem depois: — Dedicatória a D. Hernando de Vega. — Epistola de

Pedro Laynez aos leitores. — Soneto do Licenciado Garay a B. Caldera. — Soneto a Caldera por um seu amigo. — Soneto a Caldera por Luiz de Montalvo. — Soneto a Caldera pelo Maestro Vergara. — Soneto a Caldera por um seu amigo. — Soneto a Caldera por Pedro Laynez.

Seguem-se os *Jusiadas*. Cada canto é precedido de um argumento.

O volume termina com esta indicação: *En Alcala. En casa de Juan Gracian. 1580.*

Innocencio da Silva completa a descripção que faz d'esta traducção, tocando na celebre questão littero-bibliographica, ácerca do verso VI da estancia XXI do canto IX. Diz elle que aquelle verso

« Da primeira co'o terreno seio, »

apparece assim impresso em todos os exemplares das edições de 1572.

E que o verso assim emendado

« Da mãe primeira co'o terreno seio, »

só foi introduzido pela primeira vez, quanto ás edições do poema feitas em portuguez, na de 1609, á qual seguiram pelo tempo adiante os outros (não todos) editores.

No que porem se enganam muitos, continua elle, por falta de preciso conhecimento, é em julgarem que o editor de 1609 fôra no sentido absoluto o primeiro que mudara o verso da maneira enunciada. Si tivessem examinado a versão de Bento Caldeira, achariam que este, no lugar competente, traduzindo necessariamente á vista das edições de 1572, pois que outras não houve até 1584, escreveu assim o verso:

« De la primera madre con el seno. »

Em que se fundaria para o fazer? Haveria por acaso á mão algum exemplar emendado pelo proprio Camões, ou conseguiria vêr algum manuscripto d'este, onde o verso viesse assim alterado? Obraria talvez por mero arbitrio seu, mudando elle mesmo o verso por assim o entender necessario? Parece-me irresoluvel a questão. »

E' perfeitamente exacto o que diz o illustrado bibliographo. No exemplar, que possuímos, o verso em questão está assim escripto;

« de la primera madre con el seno. »

Tambem para nós, como para aquelle bibliographo, é irresolúvel a questão. Não podemos explicar a razão da alteração do verso feita por Bento Caldeira. É possível que, vivendo ainda Camões em 1580, partisse d'elle mesmo a emenda ou alteração. Tambem é possível, que seja ella unicamente devida ao proprio arbitrio do traductor, mas similhante hypothesis é menos provavel.

Esta traducção dos *Lusiadas* por Bento Caldeira é reconhecida como a mais antiga de todas. Os exemplares d'ella são raros.

(Ex libr. Did. Barbosa Machado.)

74) Los *Lusiadas*, poema épico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano Don Lamberto Gil, Penitenciario en el real Oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte.

Madrid. 1818. *Imprenta de D. Miguel de Burgos*. 3 vols. in-8.^o peq.

O primeiro volume comprehende: — *Prólogo*. no qual diz o traductor: « Entre los poemas épicos de los escritores modernos Los *Lusiadas* de Luis de Camoens fué el primero que recibió el aplauso de todos los literatos. Apenas vió la luz pública, todas las naciones procuráron trasladarlo á sus respectivos idiomas. De modo que se ha traducido ya seis veces al castellano, cinco al latin, cuatro al frances, tres al italiano, dos al ingles y una al hebreo. »

Passa depois a enumerar a traducção hispanhola de Luiz de Tapia, impressa em Salamanca em 1580; a de Bento Caldeira impressa em Alcala no mesmo anno; a de Henrique Garcez impressa em Madrid em 1591; a de Manuel de Faria e Souza impressa em Madrid em 1639, e as duas ineditas de Manuel Correa e de D. Francisco Aguilar, citadas pelo mesmo Faria e Souza.

Em continuacção passa em revista as traducções dos *Lusiadas* feitas em outras linguas, e, ao concluir, nos-diz de que auxiliares elle proprio se-serviu: « Hemos procurado penetrarnos bien de la mente del Poeta, leyéndolo en las mejores ediciones y consultando á los que lo han comentado con mas acierto. Despues de haber hecho cuanto estaba de nuestra parte para que la version fuese tan exacta, como flúida y harmoniosa la versificación, la cotejamos octava por octava y verso por verso con las tres traducciones de Caldera, Tapia y Garces; corrigiendo nuestra traduccion segun las suyas siempre que habian sido mas felices que nosotros. »

Depois do Prologo vem: Um resumo bem escripto da *Vida*

de *Luis de Camoens*, no qual se-falla com muitos elogios da rica edição dos *Lusiadas* do Morgado de Mattheus, e termina com o soneto de Torquato Tasso em louvor do poeta. — No *Juicio critico* que se-segue, o traductor tere merecidos elogios ao poema e ao seu auctor. Adeante lê-se: « *Viage de Vasco de Gama, a la India.* » Seguem-se: os Argumentos dos cinco primeiros cantos. — *Los Lusiadas* em oitava rima. — *Notas*. No verso da ultima folha *Erratas*.

Contem o primeiro volume 383 paginas.

O segundo volume, com 285 paginas, comprehende: Argumento dos cinco ultimos cantos. — *Los Lusiadas*. — *Notas*. No verso da ultima folha *Erratas*.

O terceiro volume, com 335 paginas, tem o titulo seguinte: *Poesias varias, ó rimas de Luis de Camoens*..... O mais como nos outros volumes.

Depois da folha do titulo vem: *Prólogo*, no qual aprecia o merecimento de Camões como poeta lyrico, comparando-o com Petrarcha, a quem reputa superior o poeta portuguez.

As poesias escriptas na lingua hispanhola por Camões, a qual, na opinião do traductor, elle fallava perfeitamente, foram marcadas neste volume com um asterisco para se não confundirem com as traduzidas.

Depois do Prologo : uma *Nota*. — As poesias. — *Notas*. — *Erratas*. — *Indice*.

Esta edição já se-vae exaurindo. Aponetam-se aqui e alli alguns exemplares d'ella.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

Francezas:

75) La Lusiade du Camoens, poeme heroique, sur la decouverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera.

A Paris, chez Huart, David, Briasson, Clousier, M.DCCXXXV. Avec Approbation & Privilège du Roi.

3 vol. in-12.^o, com o rosto impresso a duas tintas, e est. grav. por J. B. Scotin.

O primeiro volume, com 2 ff. inn. — LXIX — 1 fl. inn. — 319 paginas, comprehende: antes do titulo, uma gravura com uma sextilha latina, que assim começa:

« *Lysiadum decus et generosæ gloria gentis.* »

Depois do titulo:— Dedicatória em verso a S. A. le Prince de Conty. — *Preface*, no qual dá o traductor as razões porque preferiu fazer a versão em prosa, e expõe a largos traços o plano de sua obra. — *Vie du Camoens* com os epitaphios compostos para sua sepultura, e o soneto de Torquato Tasso, traduzido em versos francezos. — *Privilege du Roi* para a impressão, concedido a J. Clousier por espaço de seis annos. — Seguem-se os trez primeiros cantos do poema, com gravuras no principio, e notas historicas, criticas e allegoricas no fim de cada um d'elles.

Estas notas são eruditas, e o auctor procura nellas refutar as accusações feitas aos *Lusiadas* por Voltaire no seu *Essai sur le poeme épique*. — Depois dos trez cantos e suas respectivas notas vem a *Errata* e a *Table des matieres* disposta por ordem alfabetica.

O segundo volume, com 2 fls. — 424 paginas, contem o 4.º, 5.º, 6.º e 7.º cantos, com gravuras e notas, e termina com a *Table*.

O terceiro volume, com 2 fl. — 334 paginas, e mais uma folha innumerada, contem o 8.º, 9.º e 10.º cantos, com gravuras e notas, e termina com a *Table* e a *Errata*.

As estampas, que accompanham os dez cantos do poema, estão, não diremos perfectas, mas muito soffrivelmente gravadas.

Esta é a mais antiga versão feita em lingua franceza do grande poema portuguez. Apesar de numerosas e perseverantes investigações, o illustrado sñr. visconde de Juromenha não pôde attestar a existencia de qualquer outra [que a precedesse. E' possivel que o episodio de d. Ignez de Castro, traduzido por M.^{me} M. M. tenha, como elle diz, a data de 1733. Mas, em primeiro logar, ésta data ainda não está fóra de toda a duvida; Innocencio da Silva, por exemplo, affirma, que o exemplar que possui, traz a data de 1773. Em segundo logar, quando mesmo seja real aquella data, a versão é de um episodio, não é de todo o poema.

(Ex. libr. J. E. G. Rebelle da Fontoura.)

Possuimos mais dous exemplares d'esta traducção franceza dos *Lusiadas*, por Duperron de Castera. Um d'elles é igual ao que se-acaba de descrever.

O outro não tem gravuras, e differe mais na folha de rosto do primeiro volume, cujo titulo é assim: *La Lusíade du Camoens... A Amsterdam, chez Francois l' Honoré. M.D.CCXXXV.*

Em tudo mais é semelhante aos outros.

Esta edição de Amsterdam, sem gravuras, é a que vem mencionada nos catalogos do sñr. visconde e de Innocencio da Silva.

76) La Lusiade du Camoens, poëme heroique sur la découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera.

A Paris, chez Noin, Libraire, quai des Augustins, à l'Occasion. M.DCC.LXVIII. Avec Approbation & Privilège du Roi.
3 vol. in — 12.^o

No fim do 1.^o e do 2.^o volume está indicação: « *De l'imprimerie de Guillau. 1768.* »

Segunda edição. Reproduz fielmente o texto da primeira de 1735.

77) La Mort d'Ines de Castro; et Adamastor; morceaux tirés et traduits de la Luziade de Camoens; pour servir d'Essai a une Traduction Françoisé en vers et complete de ce fameux pöeme portugais, ouvrage dédié, & présenté au Roi le VI de Juin MDCCLXXII. jour anniversaire de la naissance de Sa Majesté par Sulpice Gaubier de Barrault major de place de Lisbonne.

A Lisbonne de l'Imprimerie Royale. Avec approbation. In-8.^o, de 33 paginas.

O exemplar comprehende: I. Dedicatória *Au Roi*. II. O episodio de Ignez de Castro com a versão franceza em frente em versos alexandrinos. III. O episodio do Adamastor com a versão franceza em frente em oitava rima.

Nota o sñr. visconde de Juromenha que « Thomas d'Aquino elogia muito esta traducção, e diz que se imprimiram muito poucos exemplares, sendo por isso de summa raridade, conservando-se apenas um ou outro em poder de algum curioso.

Diz mais o sñr. visconde que ambas as traducções são precedidas de uma dedicatória ao rei. O episodio de Adamastor não traz dedicatória especial; começa no verso da folha em que termina o de Ignez de Castro.

(Ex libr. J. E. G. R. da Fontoura.)

78) La Lusiade de Louis de Camoëns; poëme héroique, en dix chants, nouvellement traduit du portugais, avec des Notes et la Vie de l'Auteur. Enrichi de Figures à chaque Chant.

A Paris, chez Nyon aîné, Libraire, rue Saint-Jean-de-Beauvais. M.DCC.LXXVI. 2 vol. in-8.^o

Esta traducção é em prosa, feita litteralmente, como diz Innocencio da Silva, isto é, em glosa interlinear por D'Hermilly, e depois affeioada á lingua franceza por Jean François de La Harpe, que ignorava de todo a portugueza.

A traducção vem tambem, como dizem Brunet e Quérard, no tomo VIII das Obras de La Harpe, edição de 1820.

Vide os auctores citados pelo sñr. visconde de Juromenha: Thomaz Joseph d'Aquino, Mickle, Brunet — *Manuel du Libraire*, Fournier — *Nouv. Dict. de Bibliogr.*, Bibliot. d'un homme de goût. Tom. I. pag. 230, Adamson — *Mem. of Cam.*, Garret. Alem destes vide: Mem. de Ant. de Araujo de Azevedo, Tom. VII das Mem. de Litteratura da Acad. Real das Sciencias, citada por Innocencio da Silva.

No fim do segundo volume vê-se a seguinte indicação da typographia: *A Paris, de l'imprimerie de Ph. D. Pierres, imprimeur du Collège Royal de France, rue S. Jacques.* »

O primeiro volume, com 2 fls. — XXIX — 1 fl. — 320 paginas, comprehende: — *Avertissement du libraire.* — *De Camoens*, Epitome da vida do poeta. — *De la Lusiade*, Juizo critico sôbre suas obras, no [qual se-censura acremente a traducção dos Lusiadas feita por Duperron de Castera, e se-fazem, a par de alguns pallidos elogios injustas e graves accusações a Camões, quer como poeta lyrico, quer como poeta epico. Sôbre os Lusiadas ahi se-diz: « C'était sans doute un beau sujet de poëme que l'expédition de Gama; quoiqu'il fût moins heureux que celui de la découverte de l'Amérique, qui offrait des scènes plus nouvelles, & un champ plus vaste à la fiction, cependant les Indes, jusqu'alors inconnues aux peuples de l'Europe, & les dangers d'une navigation dont il n'y avait pas d'exemple, & à laquelle rien ne pouvait être comparé, semblait devoir élever assez l'âme & l'imagination du Poète pour le soutenir dans la longue carrière de l'Epopée. Mais Camoens est bien loin de la remplir: il n'y a dans son Poëme ni action, ni caractères, & par conséquent point d'intérêt. C'est toute l'Histoire de Portugal, amenée en épisodes qui se succèdent ennuyusement, & qui souvent sont mal fondés. Il n'y a ni d'assez grands dangers, ni des situations assez attachantes, ni des personnages assez héroïques pour former la fable d'un Poëme. Il manque de l'imagination qui invente, mais il a l'imagination qui peint, & c'est par là qu'il est Poète, & »

Depois d'este juizo critico vem: — *Errata du tome premier.* — *Explication des figures.* — *La Lusiade* até o fim do canto quinto, sendo cada um d'estes precedido de um argumento em prosa, e de uma gravura, e seguido de notas.

O segundo volume comprehende: Os ultimos cinco cantos com seus argumentos, gravuras e notas. Contem 2 fls. — 291 paginas, e mais duas folhas inn. com a *Explication des figures* e a *Errata*.

Possuimos outro exemplar com os dous tomos reunidos em um só volume in-8.º sem gravuras.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

79) La Lusiade de Camoëns, traduction poétique, avec des notes historiques et critiques, nécessaires pour l'intelligence du poëme. Par Mr. De La Harpe.

Londres. M.DCC.LXXVI. In-8.º de 1 fl.— XVI — 299 paginas.

Esta edição, que não vem mencionada no catalogo do sñr. visconde, nem no de Innocencio da Silva, reproduz o texto da de Paris, do mesmo anno; não traz, porém, as gravuras.

Crêmos poder considerar ésta edição como a segunda, vindo a ser terceira a de 1813, citada por Innocencio da Silva como segunda.

80) Les Amours Épiques, poëme en six chants, contenant la traduction des épisodes sur l'amour, composés par les meilleurs poëtes épiques; par Parseval Grandmaison.

A Paris, de l'imprimerie de P. Didot l'ainé. An XII = M.DCCCIV. In-12.º, de 3 fls. — XII — 245 paginas.

Comprehende: I. *Préface* no qual o auctor nos-diz o plano que seguiu: « Cet ouvrage se compose de la réunion des divers épisodes que les plus fameux poëtes épiques (Homéro, Virgilio, Ariosto, Milton, Tasso e Camões) ont composés sur l'amour, et que j'ai enchainés entre eux de manière à en faire un ensemble régulier..... J'ai donc pensé que leur réunion produiroit un effet très piquant, si je pouvois trouver une fiction qui m'autorisât à les enchaîner entre eux: elle s'est présentée d'elle même, et il m'a suffi de supposer que les plus célèbres d'entre les poëtes épiques se réunissoient dans les champs Elysées, au milieu de tous les mânes empressés de les écouter, et qu'ils répétoient entre eux les mêmes chants qu'ils avoient autrefois composés sur l'amour. »

II. O poema.

III. Notes.

O canto VI, que vae de pagina 151 a 176, é reservado a Camões.

As notas relativas ao canto VI vão de pag. 234 a 245.

81) Les Amours Épiques; poëme héroïque em Six Chants, por F. A. Parseval Grandmaison. Seconde édition.

Paris, Dentu, Imprimeur Libraire, Quai des Augustins. n.º 17. 1806. In-8.º, de XXVIII — 344 pag. e mais 1 fl. inn. com a tabua dos episodios e das notas e a errata.

Esta edição contem: I. Um segundo titulo nestes termos: *Les Amours Épiques*: poëme en six chants, contenant la traduction des épisodes sur l'amour, composés par les meilleurs poètes épiques, par F. A. Parseval Grandmaison. Seconde édition revue et corrigée, augmentée de deux mille vers, précédés d'un discours préliminaire; suivis de plusieurs morceaux traduits d'Homère, de Milton et de l'Arioste. Paris, de l'imprimerie de Dentu, M.D.CCCVI.»

II. *Préface*, no qual diz: «Les corrections et les additions que j'y ai faites (na primeira edição) sont si importantes et si étendues, qu'il est devenu pour ainsi dire une production nouvelle. Je l'ai presqu'entièrement refondu, et il n'y a pas un des chants du poëme, excepté celui de Virgile, qui n'ait reçu des augmentations considérables, à tel point que sa totalité, qui n'était pas de quatre mille vers, est à présent d'environ six mille.»

III. *Discours préliminaire*.

IV. *Les Amours Épiques*.

V. *Notes*.

VI. *Traduction en vers, de divers épisodes tirés des poemes d'Homère, de Milton et de l'Arioste*.

Nesta edição, assim como na primeira, o canto VI é reservado a Camões.

(Ex libr. J. E. G. R. da Fontoura,)

82) La Lusiade de Louis de Camoëns, poëme heroïque en dix chants, traduit du Portugais, avec des Notes et la Vie de l'Auteur. Par J. F. La Harpe.

Paris, Laurent Beaupré, Libraire, au Palais-Royal galeries de bois, n. 218. 1813, 2 tomos em 1 vol. in-12.º O tomo I, com 2 fls.—350 paginas. O II, com 2 fls.—294 pp.

No verso da folha que precede o título está indicação: *De l'imprimerie de D'Hautel, rue de La Harpe. N. 80.*

Terceira edição da mesma traducção.

83) Les Lusiades, ou Les Portugais, poème de Camoens, en dix chants. Traduction nouvelle, avec des notes, par J. B.^{te} J.^h Millié.

La découverte de Mozambique, de Mélinde et de Calicut, a été chantée par le Camoens, dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée, et de la magnificence de l'Eneïde.

Montesquieu.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires, rue Jacob, n. 24.
De l'imprimerie de Firmin Didot. MDCCCXXV. 2 vol. in-8.º

O primeiro volume comprehende: Dedicatória a D. Joseph Maria de Souza Botelho.—*Préface*, em que o traductor tece merecidos elogios ao Camões, e justifica o plano de sua traducção, a qual, na opinião de alguns competentes, é a melhor que se tem feito em francez dos Lusiadas.—*Vie de Camoens*, com a traducção franceza do soneto de Tasso.—Seguem-se os seis primeiros cantos do poema, e notas mythologicas, historicas, geographicas e litterarias no fim de cada um d'elles, e *Sommaire des chants contenus dans le tome premier*.

O segundo volume comprehende: Os quatro ultimos cantos, e notas no fim de cada um d'elles.—*Sommaires des chants contenus dans le tome second*; —*Jugements portés par divers auteurs sur le poème des Lusiades*, com algumas notas do traductor: juizo de Rapin; de Adrien Baillet; de Voltaire; de La Harpe; de l'abbé Delille; de W. Mickle; de Chateaubriand; de M.^{me} de Stael; de Lemercier; de Merlhac; de Parseval-Grandmaison, e de Montesquieu.—Segue-se: *Notice sur Camoens et sur ses ouvrages, par D. Jose Maria de Souza-Botelho mise en français, pour la première fois, par le traducteur des Lusiades.* »

Este volume contém 413 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

84) Poésies de Louis de Camoens, traduites du portugais en vers anglais, par Lord Strangford, ancien ambassadeur de S. M. B. à la cour de Lisbonne, à Constantinople, à Rio-Janeiro;

traduites de l'anglais en français par B. Barère, membre de plusieurs académies.

Accipies meros amores.

Catull.

Bruxelles, de l'imprimerie de Vandooren Frères, rue des Fabriques, S.^m 3, n. 1012. M.DCCC.XXVIII. In-12.º, de XLV—229 paginas.

Antes do titulo um retrato lith. de Camões. Depois do titulo: I. *Avertissement sur l'auteur de la traduction en vers anglais.* No fim d'esta Advertencia vem a seguinte nota: « Extrait de la Biographie générale récemment publiée à Londres par sir Richard Phillipps ».—II. *Notice sur la vie et les ouvrages du Camoens.* Traduzida do inglez de lord Strangford.—III. A traducção ingleza, e, em frente, a franceza em prosa.—*Notes*, que começam á pag. 181 e vão até o fim do volume.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

85) *Etudes épiques et dramatiques, ou nouvelle traduction en vers des chants les plus célèbres des poèmes d'Homère, de Virgile, du Camoens et du Tasse, avec le texte en regard et des notes, suivies de quelques essais de poésie, et ornée de quatre portraits; par Victor de Perrodil.*

Exemplaria græca

Nocturna versate manu, versate diurna

B. Cormon et Blanc, libraires. A Paris, rue Mazarine, 70. A Lyon, rue Roger, 1. 1836, in-8.º gr. de 2 fls.—VIII—407 paginas, e uma innumerada com a tabua das materias.

No verso da folha que precede o titulo a seguinte indicação: *Paris.—Imprimerie de Casimir, rue de la Vieille-Monnaie, 12, entre la rue des Lombards et la place du Chatelet.*

Na Introducção, fazendo o auctor um paralelo entre os quatro grandes epicos, diz de Camões o seguinte: « Entre les caractères élevés qui font honneur à l'humanité, Camoens tient le premier rang. Le malheur le prend corps à corps dès l'enfance et lutte avec lui sans l'abattre. Plus il souffre, plus il est poète; plus on l'abaisse, plus il s'élève; plus sa patrie le méconnaît et

l'outrage, plus il la célèbre avec enthousiasme : c'est un spectacle sublime. »

Estas palavras, escriptas por um estrangeiro illustrado, são em verdade, altamente lisongeiras para os portuguezes.

De pag. 144 a 211, vem o canto V. dos Lusíadas e, em frente, a versão franceza em oitava rhythma.

Seguem-se as notas, em que mr. Perrótil falla com enthusiasmo de Camões, de seu poema, do canto V, e da lingua portugueza. Transcreve as dez primeiras estancias dos Lusíadas, e o principio da traducção que fez de todo o primeiro canto, a qual interrompe, segundo diz, porque não pôde na lingua franceza reproduzir a belleza do original. Termina as notas com uma Ode de sua composição em honra de Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

86) Les Lusíades de L. de Camoens. Traduction nouvelle par MM. Ortaire Fournier et Desaulles, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poésies diverses avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis.

Paris, librairie de Charles Gosselin, éditeur de la Bibliothèque d'Elite, 9, rue Saint-Germain-des-Prés. MDCCXLI. In-12.º, gr.

No verso da folha que precede á do rosto a seguinte indicação : *Imprimé par Bethune et Plon, à Paris. »*

O exemplar comprehende:—*Avis de l'éditeur*, no qual assegura que a traducção é feita com toda a fidelidade.—*Camoens et ses contemporains*, par Mr. Ferdinand Denis.—Os Lusíadas, com um argumento no principio de cada um dos cantos.—*Choix de poésies diverses*.—*Notice sur Vasco da Gama*.—*Notes des Lusíades*.—*Notes des poésies diverses*.—*Table*.

O volume contem 2 fls. inn.—LXVII—375 paginas.

Diz Innocencio da Silva, que lhe parece ter visto uma segunda edição d'esta traducção com a data de 1844.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

87) Les Lusíades ou Les Portugais, poëme en dix chants, par Camoens; traduction de J. B. J. Millié, revue, corrigée et annotée par M. Dubaux, de la Bibliothèque royale. Précédées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens, par M. Charles Magnin, membre de l'Institut.

Paris. Charpentier, libraire-éditeur 29, rue de Seine. 1841. In-12.º, gr.

No verso da folha antecedente está indicação: *Paris.—Typographie de Lacrampe et Comp. rue Damiette, 2.*

Esta primeira edição do distincto orientalista Dubeux não é citada pelo sñr. visconde, nem por Innocencio da Silva. Nella se contem:— *Vie de Luiz de Camoens*, tendo por epigraphe o seguinte verso de Camões traduzido em francez:

« Agora toma a espada, agora a penna.

Il prend tantôt l'épée et tantôt la plume. »

— *Liste des principaux historiens de Camoens. — Les Lusiades* com as notas no fim de cada canto.

Consta todo o exemplar de 2 fls.—LIX—363 paginas, tendo no verso da última a *Table des chants contenus dans les Lusiades.*

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

88) *Les Lusiades, poème de Camoens, traduit en vers par F. Ragon.*

A Paris, chez Ch. Gosselin, libraire, rue Saint-Germain-des-Prés, 9. L. Hachette, libraire, rue Pierre Sarrasin, 1º. 1842, in-8.º gr.

No verso da folha que precede á do título: « *Avallon, imprimerie de Herlobig.* »

O exemplar, com VIII—280 paginas, comprehende:— *Arctisement*, no qual o traductor combate a opinião dos que dizem, que os poetas devem ser traduzidos em prosa:—*Les Lusiades.—Notes.*

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

89) *Les Lusiades ou Les Portugais, poème en dix chants, par Camoens: traduction de J. B. J. Millié, revue, corrigée et annotée par M. Dubeux, de la Bibliothèque royale. Précédées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens, par M. Charles Magnin, membre de l'Institut.*

Paris, Charpentier, libraire-éditeur, 29, rue de Seine. 1844, in-12.º, gr., de 2 fls.—LIX—363 pp. e 1 fl. inn.

No verso da folha que precede o título: *De l'Imprimerie de Beau, à Saint-Germain-en-Laye.*

Esta edição, que para nós é a segunda, é a que vem citada nos catalogos do sñr. visconde e de Innocencio da Silva. Este ultimo bibliographo se-engana, porém, quando lhe-dá o formato em 8.º gr.

Differe ésta edição da primeira, alem de ser impressa em differente typographia, no papel, que nesta nos parece ser de inferior qualidade ao d'aquella, e em trazer a tabua dos cantos impressa em folha separada, quando n'aquella vem no verso da ultima folha das notas. Quanto ao texto, a de 1844 é copia fiel da de 1841.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

90) Traduction des *Lusiades* de Camoëns par M. M. Ch. Aubert.

Paris, chez G.—A. Dentu, impr. libraire, rue de Bussé, 17; et Palais-Royal, Galerie vitrée, 13. 1844. In-12.º

No verso da folha que precede o titulo ésta indicação: *Imp. de P. Baudouin, rue des Boucheries-St-G., 38. »*

Depois do titulo vem a seguinte dedicatória: *A l'Ecole Normale, souvenir affectueux. A M. Villemain, son illustre professeur, hommage de reconnaissance et de respect.*—Segue-se um *Avant-Propos*, dividido em trez partes: I. *Précis de l'expédition de Gama.* II. *Précis de la vie de Camoens.* III. *Précis des événements de l'histoire du Portugal relatés dans les Lusiades.* — Seguem-se os *Lusiadas* em verso, sendo cada um dos cantos precedido de um argumento em prosa.—Continúa o volume com as *Notes*, e no fim d'ellas o seguinte agradecimento: « Je ne saurais me résoudre à terminer ce volume sans remercier de leur bienveillance, et M. Dubonx, dont les conseils m'ont été d'un grand secours dans une entreprise si difficile, et M. le vicomte de Santarem, dont les encouragements, appuyés de l'autorité de sa haute position, comme de celle d'une érudition assez connue m'ont donné quelque confiance dans la valeur réelle de ce travail. Je les prie de recevoir l'expression de ma profonde gratitude, et de croire que, si je désire quelque succès pour cet ouvrage, c'est encore pour justifier l'intérêt dont ils ont bien voulu l'honorer. » — Emfim a *Table des matières* e a *Errata*.

O exemplar contém 3 fls. inn.—XXIV—298 paginas, e mais duas folhas inn. com a tabua e a errata.

91) Les *Lusiades*, poëme de Camoens traduit en vers par F. Ragon. Deuxième édition revue et corrigée.

Paris. Chez L. Hachette, libraire, rue Pierre Sarrasin, 12. Garnier Frères, libraires, au Palais National. Dauvin et Fontaine, libraires, passage des Panoramas. 1850, in-8.^o gr. de 1 fl.—VIII—307 paginas.

No verso da folha que precede á do título e no fim do volume está indicação: *Imprimerie de Hennuyer et C.^t, rue Lemercier, 24. Batignolles.*

Reprodução da primeira edição.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

92) *Les Lusiades de Camões; traduction par M. Émile Albert.*

Paris, Imprimerie et Librairie Générale de Jurisprudence, Cosse et Marchal, imprimeurs-éditeurs, libraires de la Cour de Cassation, Place Dauphine, 27. 1859. In-18.^o francez, de 371 paginas.

No verso da folha que precede o título lê-se: *Paris.—Imp. de Cosse et J. Dumaine, rue Christine, 2.*

Depois do título segue-se o poema, traduzido em verso, com um argumento em prosa no principio de cada canto. Termina o volume com as notas dos dez cantos e a *Errata*.

93) *Luiz de Camões. Episodios de Ignez de Castro e Adamastor extrahidos dos cantos III e V dos Lusiadas. Com a traducção em versos francezes por J. A. d'Escodeca de Boisse.*

Lisboa. Imprensa Nacional. 1865. In-fol., de 18 folhas impressas innumeradas.

Nitida, correcta e elegante edição, impressa em excellente papel.

Antes do título traz um retrato de Camões, copiado do de Gérard da edição rica de 1817.

Logo depois do título vem uma *Advertencia*, na qual se elogia Camões e a traducção do sñr. de Boisse.

O traductor offereceu o seu trabalho á Imprensa Nacional de Lisboa, e a administração superior do mesmo estabelecimento, como diz a *Advertencia*, « julgou-se constituida na obrigação de corresponder condignamente a tão extremada fineza, que honra

não só a imprensa nacional, mas a nação a que nos devemos ufanar de pertencer: resolveu pois mandar proceder á impressão dos dois episodios referidos, acompanhando-os do texto portuguez, conforme a excellente edição critica publicada sob a direcção do sñr. Freire de Carvalho.»

94) Les Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle annotée et accompagnée du texte portugais et précédée d'une Esquisse biographique sur Camoens par Fernand d'Azevedo.

Paris. Librairie de V.^e J. P. Aillaud, Guillard et Comp.^e, 47, Rue Saint-André-des-Arts, 47. 1870. In-8.^o gr., de 2 fls.—XVI—589 paginas, e mais uma folha innumerada, com a Table des matières.

No verso da folha que precede a do titulo está indicação:
Paris. Imp. Simon Raçon et Comp., rue d'Erfurth.

No fim do volume: *Paris. — Imp. Simon Raçon et Comp., rue d'Erfurth, 1.*

Depois do titulo comprehende: *Avant-Propos*, no qual o traductor, depois de fazer uma rapida analyse das traducções francezas dos Lusiadas, encarece a fidelidade como a mais apreciavel qualidade de uma boa traducção..... « Une traduction en prose est la seule qui puisse être réellement une traduction; elle seule peut s'attacher à rendre les moindres détails de l'expression textuelle, détails qui bien souvent composent à eux seuls la poésie de la phrase; dans une traduction en vers les détails sont ou perdus ou changés forcément; le poète a déjà bien assez à faire en cherchant ses tournures poétiques, ses rimes, ses synonymes, sans s'attacher à traduire littéralement et à respecter les nuances. »

E conclue informando-nos de que modelos se-serviu. « Nous avons pris le texte du Morgado de Matheus, en y faisant quelques altérations dont l'édition de M. Francisco Freire de Carvalho nous garantit l'utilité. »

Depois do Prologo vem o « *Esquisse biographique sur Camoens* », e em seguida o poema em portuguez com a versão franceza em frente e argumentos em prosa no principio de todos os cantos. Termina o volume com algumas notas e a Errata.

95) Les Lusiades de Camões Traduction en vers français de A. de Cool.

Rio de Janeiro, Typ. G. Leuzinger & Filhos, Rua do Ou-

vidor 31. 1876. Tous droits réservés au Brésil, en France et à l'Etranger. In-8.º gr. de XVI—308 pp. num., mais 1 fl. inn. com a tabua das materias e duas pags. com as erratas.

Esta edição, segundo crêmos, da mais moderna traducção do grande poema epico portuguez traz, logo após a folha de rosto, a seguinte dedicatória: « *Dédié à Sa Majesté Don Pedro II Empereur du Brésil.* »

Vem depois: 1.º, *Copie de la lettre reçue par l'auteur, en réponse à la demande qu'il avait faite à Sa Majesté l'Empereur du Brésil, de lui dédier cette traduction.* 2.º, *Préface*, no qual diz: « Une traduction en vers, strophe par strophe, de Camões, en notre langue, n'a pas été faite, que je sache, et j'ai essayé de suppléer à cette lacune de notre littérature. Ai-je réussi à rendre les nombreuses et incontestables beautés des *Lusiades*? J'ai fait de mon mieux, e si on ne les retrouvait pas dans la traduction, ce serait assurément ma faute. J'ai suivi l'auteur pas à pas, et si je ne l'ai pas traduit mot pour mot, c'est que cela est impossible pour qui doit s'assujettir au nombre et à la rime..... » 3.º, *Vie de Camões*. É uma resumida biographia do poeta, terminando com o epitaphio que sôbre sua sepultura lhe-mandou gravar o amigo e distincto fidalgo d. Gonçalo Coutinho. 4.º, *Les Lusiades*.—O poema, em oitava rythma, sendo cada um dos cantos precedido de um argumento em prosa.

A edição é nitida e elegante como as que costumam sair das officinas dos sñrs. Leuzinger & Filhos.

Italianas:

96) *Lusiada italiana* di Carlo Antonio Paggi nobile genovese, poema eroico del grande Lvigi de Camoës portoghese Principe de' Poeti delle Spagne, alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo.

Lisbona, con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira. 1658. In-12.º, de 25 folhas innumeradas, e 192 numeradas sómente pela frente.

Esta primeira edição da primeira traducção feita dos *Lusiadas* em lingua italiana comprehende:—antes do titulo, um frontespicio gravado representando Camões coroadado de louros, sustentando os *Lusiadas* nas mãos, e conduzido pela Fama. No alto da estampa em uma faixa se-lê: *Lusiada italiana di Carlo Ant. Paggi*, e em

baxo em outras duas, éstas legendas: *Nec sinit acceptum. Nec sinit esse meum.* O resto da estampa, como bem diz o sñr. visconde, é allusivo á fidelidade da traducção, representada pelo emblema do sol que se reflecte em um espelho.

Depois do titulo vem:—a dedicatoria ao papa Alexandre VII. —As licenças assignadas por fr. Gabriel da Silva, Diogo de Souza e outros, pelo bispo de Targa, pelo dr. Antonio Barbosa Bacellar, por Fernando de Mattos de Carvalhosa e outros.

Seguem-se duas chartas em forma de dedicatoria, a primeira dirigida *All'Illustrissimo, e Reuerêdissimo Signore mio Osseruandissimo Monsignore Giacomo Fransone Tesoriero Generale di Santa Chiesa;* a segunda dirigida *All'Illustrissimo Sign. Gio. Georgio Giustiniano.* Nestas chartas encarece o traductor o merccimento de Camões, declara ter residido em Portugal, e ser o primeiro a offerecer á sua patria, a Italia, uma traducção do poema do grande epico portuguez.

Depois vem differentes poesias do auctor: Ode ao duque de Aveiro; soneto a d. Luiz Vasco da Gama, marquez de Niza; soneto a d. Jeronymo de Athaide, conde de Atouguia; soneto a d. Antonio de Menezes, conde de Cantanhede; soneto aos academicos de Perugia. Seguem-se alguns elogios ao traductor na lingua latina, em prosa e verso; em prosa, do dr. João Soares de Brito; e em verso, do padre Francisco de Macedo, José da Fonseca, e Henrique de Qnental Vieira.

Segue-se a *Lusiada* em oitava rima, com um argumento no principio de cada canto.

Por serem summamente interessantes, transcrevemos aqui as seguintes judiciosas observações do illustrado sñr. visconde de Juromenha: « Algumas, mas poucas vezes, o traductor alterou e addicionou algumas oitavas do Poema, movido por uma liberdade até certo ponto desculpavel, pois o instigava o zêlo e amor da gloria da sua patria, o que deu lugar a inserir a estancia XVI do canto III, em seu elogio:

« Liguria il chiude, oue il terren declina, »

Na est. 134, cant. X, emendou um erro historico do nosso Poeta, apoiado na auctoridade do jesuita o padre Martino Martini, na sua *Historia de Bello Tartarico*, e consistia este na asserção que o Poeta, mal informado, faz de ser electiva a monarchia chinesa. Manuel Correia já tinha advertido a má informação que o Poeta obtivera sobre este assumpto, referindo-se o commentador a João de Barros, Dec. III, e ao padre fr. Gaspar da Cruz no seu Tratado da China.

A est. 143 é destinada a preencher o vacuo que o traductor nota, do nosso Poeta não ter mencionado o heroe genovez Colombo, tratando-se da descoberta da America.....

As ultimas seis estancias da traducção são igualmente accrescentadas e se acham traduzidas pelo sñr. Garret; consistem em uma censura ao pouco favor que o Poeta recebeu dos seus naturaes e uma dedicatória ao Papa Alexandre VII.

No que diz respeito a noticias de traducções italianas anteriores a ésta de Paggi, vide o mesmo sñr. v. de Juromenha, vol. I, pag. 258 a 260.

Nos catalogos, trazem estes exemplares da primeira edição, bem como os da segunda, a nota de raros.

Este nosso exemplar pertenceu á collecção Adamson, e depois á de João Evangelista Guerra Rebello da Fontoura.

97) *Lysiada italiana di Carlo Antonio Paggi nobile genovese poema heroico del grande Lvigi de Camoës portoghese Principe de' Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo.*

Lisbona, Con tutte le licenze. Seconda impressione emendata degl'errori trascorsi nella prima. Per Henrico Valente de Oliveira. 1659. In-12.º, de 24 folhas não numeradas, e 192 numeradas pela frente.

Não traz a estampa que precede o titulo na primeira edição e de facto offerece correções ao texto d'aquella.

(Ex bibl. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

98) *La Lusiade o sia la scoperta delle Indie Orientali fatta da' Portoghesi di Luigi Camoens chiamato per la sua eccellenza il Virgilio di Portogallo scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed ora nello stesso metro tradotta in italiano da N. N. Piemontese. Insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiunti al poema da Gian francesco Barreto.*

Torino. MDCCLXXII. Presso li Fratelli Reyccnds Libraj in principio di Contrada nuova. In-12.º, de XXVI—1 ff.—308 paginas.

Thomaz de Aquino attribue ésta traducção ao conde Lauriani, que residiu por algum tempo na Corte de Lisboa. Não é isto exacto. A traducção foi feita por Miguel Antonio Gazzano, advogado, e autor de varias obras de merecimento.

O sñr. Mablin, em sua obra intitulada « *Lettre à l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, sur le texte des Lusíades* » na pagina 69, emitta ácerca d' ésta traducção italiana o seguinte juizo: « on en peut dire ce que dit M. de Souza de la traduction espagnole de l' *Apia*: *Supposto versificata, pôde dizer se que he huma prosaica traducção.* Elle est cependant supérieure à celle de Paggi, la plus mauvaise, sans aucun doute, de toutes les traductions des *Lusíades* que nous avons dans les différentes langues de l'Europe. »

No fim do poema, á pag. 302, lê-se a seguinte indicação: « *Per Carlo Giuseppe Ricca.* »

O exemplar comprehende, antes do titulo, uma estampa que representa a saída da esquadra de Vasco da Gama e grav. por Vittorio Boasso.—Depois do titulo: Dedicatória *Al Nobiliss. ed Ornatiss. Cavaliere il Marchese D. Salvatore Pez di Villamarina.*—*Il traduttore a chi legge.*—*Ristretto della vita dell'autore.*—*Approvazione*, datada de Torino, 15 de Dezembro de 1770, seguida de outras licenças.

Segue-se *La Lusíade* em oitava rima, com os argumentos de J. F. Barreto.—Termina com a errata e um *Catalogo di varj libri, &c.*

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

99) *Lusiada di Camoens trasportata in versi italiani da Antonio Nervi.*

Genova, Stamperia della Marina e della Gazzetta. Anno 1814. In-12."

Esta primeira edição tem o formato in-12.º, e não in-8.º como dizem o sñr. visconde e Innocencio da Silva.

Não traz notas. Contem apenas uma advertencia—*Il traduttore a chi legge*—, e o poema sem os argumentos.

Consta o exemplar de 2 fls.—270 paginas, e mais uma folha innumerada com a *Errata*.

E' notavel o facto de não ter este volume — assignaturas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

100) *I Lusiadi di Luigi Camoens Traduzione di Antonio Nervi Seconda edizione illustrata con note di D. B. (David Ber-*

toloti). Si aggiungono le notizie biografiche dell'autore varii cenni e giudizi intorno al poema e gli argomenti dei canti.

Milano dalla Società Tipog. dei Classici Italiani M.DCCC.XXI.
2 vol. in-8.º gr.

Accompanham-n'o trez boas gravuras de Gallo Gallina, representando a primeira o retrato do poeta em corpo inteiro, com os *Lusiadas* em uma mão e um lapis na outra em acção de compôr; a segunda representando a visita do rei de Melinde ao Gama; e a terceira, no principio do segundo volume, o desembarque de Vasco da Gama em Calcut.

Depois do titulo comprehende o primeiro volume: — *Avvertimento degli editori Milanesi.*—*Compendio della vita di Luigi Camoens scritto dalla Signora Baronessa di Stael.*—*Giunta del Signor Villenâne al Compendio della vita del Camoens.*

Vem aqui o epitaphio do padre Matheus Cardoso, o soneto do Tasso, e uma relação de algumas traducções e edições. Seguem-se: —*Cenni del Sig. Sismondo de' Sismondi sopra una nuova edizione (a do Morgado de Mattheus) de' Lusiali, e sopra esso poema.*—*Giudizio di Giovanni Andres sopra i Lusiali del Camoens.*—*Prefazione del traduttore.*—*Soggetto storico del poema.*—*I Lusiali*, com argumentos no principio e notas no fim de cada canto.

Este volume contém 1 fl.—XL—271 paginas.

O segundo volume traz os ultimos cinco cantos do poema. Continúa a numeração do primeiro volume, e termina na pagina 517, com mais uma folha innumerada para o *Indice*.

O sñr. v. de Juromenha transcreve em sua obra a seguinte charta, que lhe escreveu mr. David Bertoloti, datada de Turim, relativamente a esta edição: « Je m'occupai à étudier les *Lusiades* dans la langue originale à Milan, où il y en avait à la Bibliothèque de Brera plusieurs excellentes éditions avec commentaires portugais, lorsque un de mes amis m'apporta de Gènes la traduction de Mr. Nervi, en ajoutant que le traducteur en était mort. Cette notice, qui était fausse, m'engagea à en donner une nouvelle édition avec notes. Ce fut un bonheur pour la traduction de Mr. Nervi, car elle serait peut-être restée presque inconnue, tandis que la traduction Milanaise se répandit rapidement et obtint plusieurs réimpressions dont une à Turin. »

Esta edição de 1821 é impressa com nitidez, em formato elegante, e excellente papel.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

101) I Lusiadi del Camoens recati in ottava rima da A. Briccolani.

Parigi co' tipi di Firmin Didot, via Giaccobe, n.º 24. 1826, in-32.º, de 2 fls.—377 paginas, e mais uma folha innumerada com a Errata.

Esta nitida edição da typographia Didot traz o retrato de Camões copiado do da edição de 1817 e gravado por W. F. Fry; uma pequena dedicatória a d. Maria da Gloria, princeza do Brazil, e o texto puro e simples dos Lusiadas sem os argumentos e sem notas.

Diz o sñr. v. de Juromenha que o auctor comprehendia uma segunda edição, a que tinha feito muitas correções, e para o que tinha pedido auxilios ao governo portuguez; morreu antes de a poder imprimir. Mr. Sismonde de Sismondi, em sua obra, De la Litt. du Midi de l'Europe (artigo sôbre Camões) traz em uma nota o juizo d'êsta traducção.

Já se-vae exaurindo.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

102) I Lusiadi de Luigi Camoens Traduzione di Antonio Nervi Seconda edizione illustrata con note di D. B. (David Bertoloti).

Così di naviganti audace stuolo
Che mova a ricercar estranio lido,
E in mar dubbioso, e sotto ignoto polo
Provi l'onde fallaci e'l vento infido

.....

Tasso — Gerus. — Canto III.

Volume unico. *Napoli, dalla Stamperia Francese* — 1828. In-8.º de 351 pp. das quaes XXIV para a Introducção.

Foi ésta edição totalmente desconhecida aos sñrs. visconde e Innocencio da Silva, que da traducção de Nervi não aponctam sinão as impressões de Genova -- 1814, Milão — 1821 (já aqui descriptas), Genova — 1824, Turim — ?, e Genova — 1830.

A crer-se pois no que assegura Bertoloti a respeito de semelhante reimpressão de Turim, e a dar-se-lhe o titulo de quarta edição (coisa que nos não parece claramente justificada), é obvio que

até ultteriores informações ésta de Nápoles — 1828 — será a quinta, e passará a 6.º logar a de Genova — 1830 —, que aquelles bibliographos indicam como quinta.

Como porém se-explicam os dizeres — *Seconda edizione* da folha de rosto d'este volume? Parece que isso se-explica facilmente attribuindo ao editor o pensamento de reproduzir com fidelidade o titulo da edição de 1821 annotada por Bertolotti, que elle de facto tomou para modêlo.

E' certo entretanto que ésta reprodução não foi ao poncto de acompanhar em tudo a edição de 1821. Começa o volume por uma advertencia — *Gli editori ai colti amici* —, diversa da que vem na edição milaneza, e foram omittidos, além das gravuras: *Giunta del signor Villenave, Cenni del Sig. Sismondo de' Sismondi*, e a *Pre-fazione del Traduttore*.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

103) Album italo-portuguez por A. Galleano-Ravara.

Lisboa Imprensa Nacional 1853. In-8.º peq. de XV — 228 paginas, e mais 2 fls. innumeradas, uma com o *Indice*, e a outra com a *Errata*.

Nesta collecção de poesias, de pags. 12 a 23, vem uma traducção italiana do episodio de Ignez de Castro.

O sñr. A. Feliciano de Castilho, na Introducção, de pag. VII a XV, tece não poucos elogios ao sñr. Ravara e ás suas poesias.

Inglezas :

104) The Lusiad, or, Portugal's Historicall Poem: written in the Portingall (*sic*) Language by Lvis de Camoens; and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq;
Horat.

Dignum laude virum Musa vetat mori;
Carmen amat quisquis, Carmino digna facit.

London, printed for Humphrey Moseley, at the Prince's—Arms in St. Pauls Church — Yard, M.DC.LV. In-fol.

Antes do titulo traz o exemplar o busto de Camões e por baxo versos em inglez, que começam d'est'arte :

« Spaine gaue me noble Birth: Coimbra, arts :
« Lisbon, a high-plac't loue, and Courtly parts :
« Affrick, a Refuge when the Court did frowne &c.

Segue-se ao título: Dedicatória ao conde de Strafford datada de 1.º de Maio de 1655. Tradução do mesmo auctor do *Satyricon de Petronio*—The Translator's Postscript.—O soneto de Tasso, em louvor de Camões, traduzido em inglez. — O retrato do infante d. Henrique, em corpo inteiro.

O Infante está de pé, em attitude arrogante, vestido com armadura, com a lança em punho e escudo no braço esquerdo; do lado direito e no alto do quadro se vê uma estante com livros e instrumentos mathematicos e nauticos; do lado esquerdo vêem-se as armas de Portugal com a legenda da Jarreteira *Honi soit qui mal y pense*; o fundo do quadro representa a tomada de Ceuta.

Segue-se o poema em oitava rima. No principio do canto 3.º está o retrato de Vasco da Gama em corpo inteiro, gravado.

Consta o exemplar de 11 folhas innumeradas — 224 paginas e mais uma folha innumerada contendo annuncios de livros impressos por Humphrey Moseley.

Sobre o traductor e o merecimento d'esta primeira traducção ingleza dos *Lusiadas*, vido o sãr. v. de Juromenha, vol 1.º pags. 270 a 272, e tambem os seguintes auctores citados por elle: Mickle, *Dissertation on the Lusiad*. Southey, *Quarterley Review*, April 1822, pag. 26. John Adamson, *Mém. of Cam.* tom. II, pag. 222. Almeida Garret, *Camões*. J. G. Monteiro, *Echos da Lyra Teutonica*, pag. 234.

E' digno de nota que a este exemplar se ajunctaram os retratos de Camões e Ignez de Castro gravados muito posteriormente por William Skelton para a traducção de Th. Moore Musgrave impressa em 1826. Como é facil de prevêr as duas referidas estampas destoam consideravelmente do estylo das de Cross.

Esta versão de Fanshaw é tida na conta de rara, e vem na *Bibliotheca anglo-poetica* indicada com o preço de £ 3,10^s.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

105) The Lusiad; or, The Discovery of India. An epic poem. Translated from the original portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle.

Nec verbum verbo, curabis reddere, fidus
Interpres.

Hor. Art. Poet.

Oxford, printed by Jackson and Lister; and Sold by Cadell, in the Strand; Dilly, in the Poultry; Bew, Pater-noster-Row;

Flexney, Holborn; Evans, near York-Buildings; Richardson and Urquhart, under the Royal-Exchange; and Goodsman, near Charing-Cross, London. M.DCC.LXXVI. In-4.º

Esta primeira edição traz antes da folha do titulo o retrato de Mickle. Depois desta folha comprehende:

I. Dedicatoria ao duque de Buccleug.

II. *List of subscribers.*

III. *Errata.*

IV. *Introduction to the Lusiad.*

V. *Dissertation on the Machinery of Tasso's Jerusalem and Voltaire's Henriade.*

VI. *The Lusiad.*

A traducção é acompanhada de notas. No fim do canto IX vem: *Dissertation on the Fiction of the Island of Venus.*

Contem todo o volume 6 ff. inn. — CLXVII — 484 paginas.

Diz o sñr. v. de Juromenha que, sendo como pretende Southey o fim principal do traductor a especulação, tractou de apresentar aos seus compatriotas o poema portuguez como o poema epico do commercio, e de adular a Companhia das Indias. Paraphraseou e alterou o texto dos Lusíadas quando bem lhe pareceu; no episodio do Adamastor e no canto IX levou esta liberdade a tanto excesso que se encontram uns trezentos versos que não correspondem a logar nem um do texto.

Mr. Ed. Quillinan emittiu tambem seu juizo sôbre esta traducção na seguinte charta, que escreveu ao sñr. visconde:

« Mickle, escocez pelo nascimento, homem não falto de talento poetico, nos deu uma paraphrase infiel em vez de uma traducção, e tomou todas as vezes que lhe pareceu a mais lata e intoleravel liberdade para com o seu auctor. E' obvio que era bem pouco conhecedor da lingua de Camões, auxiliando-se nos seus embarços pelo constante recurso da traducção de Castera. Não poucas vezes se soccorreu tambem da traducção de Fanshaw, e egualmente em algumas occasiões, postoque com negligencia e ignorancia, dos commentarios de Faria o Souza. O seu trabalho, comtudo, escripto em verso heroico é o unico até hoje recebido entre nós, como uma bella traducção dos Lusíadas, e mereceu o elogio de escriptores que estavam no caso de fazerem um juizo mais exacto, como o meu chorado amigo Mr. Southey. Qualquer portuguez que não seja hospede da nossa lingua, e que comparar a traducção de Mickle com o original de Camões verá logo á pri-

meira vista o erro de se poder reputar Mickle como um bom traductor do nosso poeta nacional.»

Esta tradução de Mickle se acha também inserta na collecção *The English Poets...* London, 1810, 21 vol. in-8.º gr.

Exemplar em excellente papel; margens amplas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

E' de notar-se que o retrato de Mickle posto neste exemplar lhe não pertence de proprio; não consta que a edição de 1776 trouxesse retrato do traductor ou qualquer outro.

106) *The Lusiad; or, The Discovery of India. An epic poem. Translated from the original portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle.*

*Nec verbum verbo, curabis reddere, fidus
Interpres.*

Hor. Art. Poet.

The second edition. *Oxford, printed by Jackson and Lister; for J. Bew, Pater-noster-Row; T. Payne, News-Gate; J. Dodsley, Pall-Mall; J. Robson, New-Bond-Street; J. Almon, Piccadilly; T. Cadell, Strand; W. Flexney, Holborn; and J. Sewell, Cornhill, London. M.DCC.LXXVIII. In-4.º*

Antes do titulo uma gravura que representa o auctor offerecendo sua traducção a Apollo, e embaxo éstas palavras: *Published as the Act. directs April 21. 1778. Designed & Etch'd by J. Mortimer.*

Depois do titulo vem: I. Dedicatória ao duque de Buccleugh. II. *Introduction.* III. *The History of the discovery of India.* IV. *The History of the rise and fall of the portuguese empire in the east.* V. *The Life of Luis de Camoëns.* VI. *Dissertation on the Lusiad, and observations upon epic poetry.* VII. *Appendix.* VIII. *A Chart of the voyage of Gama and of the portuguese discoveries.* IX. *The Lusiad.*

O poema é acompanhado de notas.

No fim do canto VII vem: *Enquiry into the religious tenets and philosophy of the Brahmins.* No fim do canto IX: *Dissertation on the Fiction of the Island of Venus.*

Contem este exemplar: 2 ff. — CCXXXVI — 496 paginas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

107) The Lusiad; or, The Discovery of India. An epic poem. Translated from the original portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle.

Nec verbum verbo, curabis reddere, fidus
Interpres.

Hor. Art. Poet.

The third edition. *Dublin: printed by Graisberry and Campbell, for John Archer, N. 80, Dame-Street.* MDCXCXI. 2 vol. in-8.º gr.

O primeiro volume, com 1 fl. — CCCXCI — 83 paginas, contem: antes do titulo, o retrato de Mickle gravado por J. Mannin. Depois do titulo — *Introduction*, com o mappa da viagem de Vasco da Gama. — *The History of the discovery of India.* — *The History of the rise and fall of the portuguese empire in the east.* — *The Life of Luis de Camoens.* — *Dissertation on the Lusiad, and observations upon epic poetry.* — *Appendix.* — *The Lusiad*, até o fim do canto II.

O segundo volume, com 4 fl. inn. — 507 paginas, contem: — *Subscribers names.* — *The Lusiad.* — No fim do canto VII: *Enquiry into the religious tenets and philosophy of the Brahmins.* — No fim do canto IX: *Dissertation on the Fiction of the Island of Venus.*

Observamos que vem errada a numeração das 3 ultimas paginas da Introducção no 1.º vol. Onde devêra ser CCCLXXXIX—CCCXCI se-acha CCCLXVII (2 vezes) e CCCVLXII.

108) The Lusiad: or, The Discovery of India. An epic poem. Translated from the original portuguese of Luis de Camoëns. By William Julius Mickle.

Nec verbum, verbo curabis reddere, fidus
Interpres.

Hor. Art. Poet.

In two volumes. The third edition. *London; printed for T. Cadell Jun. and W. Davies, in the Strand.* 1798. 2 tomos em 1 vol in-8.º

Não obstante a declaração de terceira edição feita no titulo, ésta é provavelmente a quarta. Não vem mencionada, nem no

catalogo do sr. visconde, nem no de Innocencio da Silva, os quaes aponctam apenas a primeira de 1776, a segunda de 1778, a terceira de 1791, e outra de 1807, com 3 tomos in-12.^o

O primeiro tomo do nosso exemplar, com 2 ff.—CCCLII—146 paginas, contem antes do titulo: o mappa da viagem de Vasco da Gama. Depois do titulo: I. *Introduction*. II. *The History of the discovery of India*. III. *The history of the rise and fall of the portuguese empire in the east*. IV. *The Life of Luis de Camoens*. V. *Dissertation on the Lusiad and observations upon epic poetry*. VI. *Appendix*. VII. *The Lusiad*, até o fim do canto III, acompanhado de notas.

O segundo tomo, com 2 ff.—444 paginas, contem os outros sette cantos do poema, tambem accompanhados de notas. No fim do canto VII vem: *Enquiry into the religious tenets and philosophy of the Brahmins*. No fim do canto IX: *Dissertation on the Fiction of the Island of Venus*.

Como se-vê, ésta edição reproduz fielmente o texto da segunda — 1778, e da terceira — 1791.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

Possuimos outro exemplar em dous volumes in-8.^o gr.

109) *The Lusiad; or The Discovery of India: an epic poem. Traslated from the portuguese of Luis de Camoens. With an historical introduction and notes. By William Julius Mickle. A new edition. In threc volumes.*

London: printed for Joseph Harding. 1807. 3 vol. in-12.^o

Antes do titulo em todos os volumes se-vê ésta indicação *Printed by C. Whittingham, 103, Goswell-Street*. No fim do 3.^o vol. ésta mesma indicação assim modificada: *C. Whittingham, Printer, No. 103, Goswell-Street*.

O primeiro volume, com 4 ff.—CLXIII—94 paginas, traz o seguinte: I. O retrato de Camões grav. por W. Edwards, tendo do lado direito uma lyra e do lado esquerdo um escudo; na base em que assenta o busto éstas palavras: *Born 1524. Died 1579*. II. *Advertisment*. III. *Introduction*. IV. *A chart illustrative of the voyage of De Gama and of the portuguese discoveries*. V. *The History of the discovery of India*. VI. *The Life of Luis de Camoens*. VII. *Dissertation on the Lusiad, and observations upon epic poetry*. VIII. *The Lusiad*, até o fim do canto II, accompanhados de notas.

O segundo volume, com 2 ff. — 226 paginas, contem o poema do canto III até o fim do canto VI, e mais trez boas gravuras, uma do mesmo Edwards e duas de Anker Smith.

O terceiro volume, com 2 ff. — 255 paginas, traz tambem trez bellas gravuras (duas de C. Warren e outra de W. Bromley) e os quatro ultimos cantos do poema.

No fim do canto IX vem: *Dissertation on the Fiction of the Island of Venus.*

Falta nesta edição, no fim do canto VII, a Historia da fundação e da decadencia do Imperio Portuguez no Oriente.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

110) The *Lusiad*; or The Discovery of India: an epic poem. Translated from the portuguese of Luis de Camoens. With an historical introduction and notes. By William Julius Mickle. A new edition. In three volumes.

London: printed for Lackington, Allen, and Co. Temple of the Muses, Finsbury-Square. 1809. 3 vol. in-12.º com est.

No principio de todos os volumes a seguinte indicação: *Harding and Wright, Printers, St. John's Square, Clerkenwell.* No fim do terceiro est'outra: *C. Whittingham, Printer, No. 103, Goswell Street.*

Ao primeiro exame se-reconhece que ésta pretendida edição de 1809 não é sinão a mesma de 1807 com folha de rosto mudada.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

111) The *Lusiad*: or The Discovery of India: an epic poem, translated from Camoens. By William Julius Mickle.

London. Published by W. Suttaby; B. Crosby & Co. and Scatterd & Lellerman, Stationers Court. 1809. In-24.

No fim do poema se acha a seguinte indicação: *C. Whittingham, Printer, Goswell-Street, London.*

Antes da folha de titulo vem uma gravura de Ab. Raimbach representando d. Ignez de Castro na presenca de d. Affonso IV. No meio da dicta folha uma vinheta do mesmo gravador, representando o sonho d'el-rei d. Manoel. Seguem-se: I. *Introduction.* II. *The History of the discovery of India.* III. *The Life of Luis de*

Camoens. IV. Dissertation on the Lusiad, and observations upon epic poetry. V. The Lusiad, acompanhados de notas em todos os cantos.

No fim do canto IX vem *Dissertation on the Fiction of the Island of Venus.*

Esta edição não differe no texto das anteriores, e passou inteiramente despercebida ao sñr. visconde e a Innocencio da Silva.

Contem todo o exemplar 1 fl.—XCVIII.—277 paginas, e mais 4 folhas innumeradas com este annuncio: *Books published and sold by W. Suttaby.*

112) Classical descriptions of love, from the most celebrated epic poets: Homer, Ariosto, Tasso, Milton, Virgil, and Camoens. By M. P. Grandmaison. Translated from the french.

London: printed for J. Blacklock, Royal-Exchange, by J. Swan and Son, 70, Fleet Street. 1809, in-8.º peq. de IV — 1 fl. inn. — 224 pag. e 6 grav.—uma de Allis, e 5 de Williams.

O canto VI, do pag. 194 em deante, é reservado a Camões.

113) Translations from Camoens, and other poets, with original poetry, by the author of « *Moderne Greece* » and the « *Restoration of the works of art to Italy* ».

Oxford: printed by S. and J. Collingwood; for J. Murray, London; and J. Parker, Oxford. 1818. In-8.º, de 95 paginas.

No meio da pagina do título traz um trecho de Savioli.

De pp. 3 a 25 vem a traducção de algumas poesias lyricas de Camões.

Precede a traducção, em forma de epigraphe, o primeiro verso em portuguez da poesia.

A traducção é de Felicia Hemans (ou Heemans) sobre cuja vida nos dá o sñr. visconde de Juromenha algumas indicações curiosas. Entretanto parece que o docto bibliographo não viu o volume de que aqui se tracta; é menos fiel a transcripção do título que nos offerece, e não é verdade que nesta obra se contenha a versão ingleza de parte do episodio de *Atamastor*. As peças traduzidas são os sonetos 70, 282, 271, 186, 108, 23, 19, 58, 178, 80, 239, 128, 205, 133, 181 e 278, parte da ecloga 15, e as poesias: « *Que estranho caso de amor* », « *Pelo meu apartamento* » e « *Mi nueve y dulce querella* ».

114) Poems, from the portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, & &. By Lord Viscount Strangford.

— Accipies meros amores —

Catull.

(Editio princeps). London: printed for J. Carpenter, Old Bond-Street, by C. Whittingham, Dean Street. 1803. In-8.º peq. de 2 fls. — 159 paginas.

Antes do título o retrato de Camões gravado por J. Mitau.

Depois do título: Dedicatória a Denham Jephson. Esq. M. P. Acompanha esta dedicatória um escudo d'armas com esta legenda: *Ab origine fidvs.* — Seguem-se: *Remarks on the life and writings of Camoens.* — *Poems, &c. from the portuguese of Camoens.* — *Notes.*

115) Idem. The second edition. *Ibi.* 1804, in-8.º peq., de 2 fl.—160 paginas.

116) Idem. The third edition. *Ibi.* 1804, in-8.º peq. de 2 fl. — 160 pp. e mais 2 fl. inn. com um annuncio de livros.

117) Idem. The fourth edition. *Ibi.* 1805, in-8.º peq., de 2 fl.—160 pp. e mais 2 fl. inn. com um annuncio de livros.

118) Idem. Fifth edition. *Ibi.* printed for J. Carpenter, Old Bond Street, by C. Whittingham, Goswell Street, 1808. In-8.º peq., de 158 pp. e 2 fl. inn.

119) Idem. The sixth edition. *Ibi.* printed for J. Carpenter, Old Bond Street, by Whittingham and Rowland, Goswell Street, 1810. In-8.º peq., de 2 fl. — 160 pp.

120) Idem. Sixth edition. London: printed for the booksellers. 1824. In-12.º peq., de 91 pp.

No verso da folha de título e no fim do volume esta indicação: *Sudbury, printer, 152, High Holborn.*

121) Idem. A new edition. *Ibi*, printed for James Carpenter and son, Old Bond Street, 1824, in-8.º peq. de 157 pp. e mais 1 fl. inn. com annuncio de livros.

Sem dedicatoria, e o retrato de Camões (gravado por John Bull) é melhor do que o das edições precedentes.

(Ex libr. J. E. G. R. da Montoura.)

Cumpre notar que é falsa a indicação da 3.ª edição — 1804 —, pois que o volume não differe do da 2.ª (eod. anno) sinão na fl. de rosto, que foi alterada.

Em verdade pois este livro teve 7 edições, a saber: 1.ª, 1803 — 2.ª, 1804 — 3.ª, 1805 — 4.ª, 1808 — 5.ª, 1810 — 6.ª, 1824 (in-12) — e 7.ª 1824 (in-8.º). Foi talvez por haver reconhecido este facto que o editor da edição de 1824 in-12 lhe-poz a indicação de *Sixth edition*, quando já em 1810 saíra outra intitulada *The sixth edition*; pôde também ser que o-fizesse por ignorancia, mas não é facil averiguar o poneto.

Quanto ao texto as edições posteriores só differem da primeira em ter de mais a traducção de duas canções: « *Vi o moço, e pequenino* » e « *El pequeno sorriso* », além de uma nota allusiva á primeira d'estas poesias.

Passaram despercebidas ao sñr. visconde de Juromenha e Innocencio da Silva as reimpressões de 1805, 1808, 1810, e 1824 in-12.º

122) The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens. Translated from the portugueze by Thomas Moore Musgrave.

Primum ego me illorum, dederim quibus esse poëtas,
Eccerpam numero. Neque enim concludere versum
Dixeris esse satis; neque si quis scribat uti nos
Sermoni propiora, putes hunc esse poëtam.
Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonitorum, des nominis hujus honorem.

Horat. Sat. L. 1. 4.

London: John Murray, Albemarle Street. MDCCCXXVI. In-8.º gr., de XXI — 585 paginas.

No nosso exemplar ha uma transposição de folhas. Algumas do Prefacio estão no fim do volume entre as folhas das Notas.

Antes do título traz ésta edição o retrato de Camões, grav. por W. Skelton, com o livro na mão esquerda e o poema na direita. Depois do título: Dedicatória ao conde de Chichester. — O retrato de d. Ignez de Castro, pelo mesmo gravador. — *Preface.* — *The Lusiad* em versos soltos. — *Notes.* — *Errata.*

No verso da folha que precede o retrato de Camões e no verso da última se-acha a seguinte indicação: *London, printed by C. Roworth, Bell Yard, Temple Bar.*

Diz-nos o sñr. v. de Juromenha, que Mr. Ed. Quillinan avallia em muito pouco ésta traducção; é todavia forçoso ponderar em defeza do traductor que suas pretensões não eram elevadas, como se-deprehende d'estas palavras da prefacção: « In poetical excellence I presume not to enter into competition with him (refere-se a Mickle). My pretensions are limited to greater fidelity, without aspiring to advance them beyond this point. »

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

123) Reply of Camoens. By J. Adamson, K. T. S., K. C., & Newcastle upon Tyne: imprinted by M. A. Richardson. MDCCCXLV. In-8.º, de 4 pp., impresso a duas tintas e no meio da pagina do título uma vinheta.

É uma resposta, como diz o auctor, « supposed to have been given by the portuguese poet, Luis de Camoens, to a fidalgo, who requested him to compose some verses for him ».

O fidalgo é Martim Gonçalves da Camara, que encommendára a Camões a traducção dos Psalmos Penitenciaes.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

124) The Lusiad of Luis de Camoens. Books I. to V. translated by Edward Quillinan. With notes by John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal; Corresp. Memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon; F. L. S., F. R. G. S., & & &.

London: Edward Moxon, Dover Street. 1853. In-8.º, de XII — 2 fls. inn. — 207 paginas.

No verso da folha de rosto e no verso da ultima a seguinte indicação: « *London, Brodberg and Evans, Printers, Whitefriars.* »

Ésta edição, impressa em bom papel e com excellentes typos, comprehende, antes do título, o retrato de Camões, gravado por

W. Skelton, com um livro em uma das mãos e a penna na outra. Depois do título segue-se uma charta dirigida pelo editor J. Adamson ao sñr. José Gomes Monteiro, na qual lhe-diz sabia que a intenção de seu commum amigo Mr. Quillinan era dedicar-lhes sua traducção. A elle como biographo do poeta, e ao sñr. José Gomes Monteiro como editor da mais correcta edição das obras do mesmo poeta; « This work he expressed his intention of dedicating jointly to you and to me..... Alluding to your having been the editor, along with the Senhor Barreto Feio, of the best, or at all events the best punctuated, edition of the works of Camoens; and to my being his biographer. »

Diz mais que, não tendo podido Mr. Quillinan junctar, como desejava, uma collecção de valiosas notas, elle editor compuzera as que vão junctas á traducção.

Conclue dizendo que julgou conveniente junctar tambem um mappa ou quadro das differentes edições e traducções de Camões: « I know that I shall be carrying out part of Mr. Quillinan's plan by subjoining as accurate a list as I am able of the various editions of the works of Camoens, and of the translations of them, nearly the whole of which are in my own collection. »

Logo depois d'esta charta vem o mappa das edições e traducções dos Lusíadas.

Na pagina de rosto da folha seguinte se-vê em um medalhão o busto em perfil de Camões, tendo em volta a seguinte legenda: « *Lvd. Camoes. Ob. A. C. MDLXXIX. Act. LIV.* » Em baxo do busto: *Sonnet, addressed to Vasco da Gama by Tasso. Translated by William Julius Mickle.*

Seguem-se: *The Lusiad* em oitava rhythma, e no fim—*Notes.*

E' realmente para lamentar que Mr. Ed. Quillinan não tenha podido completar sua traducção do grande poema portuguez. A'cerca do merecimento d'ella, o sñr. visconde de Juromenha transcreve em sua obra o seguinte juizo de pessoa muito competente: « A traducção de Mr. Quillinan é obra digna de toda a recommendação; e mesmo assim incompleta como é, e sem embargo de mostrar quer na rima, quer na dicção, que lhe não lançou por cima a ultima de mão, o auctor eleva-se tão perto do nivel de uma boa traducção, que é muito para lamentar que a vida lhe não chegasse para dar á litteratura ingleza um dos seus *desiderata*, uma fiel e fluente versão do Epico portuguez. Mr. Quillinan, seguindo a marcha de seu original, e obedecendo á primeira condição de bom traductor, que consiste em reproduzir a propriedade original, maneja as difficuldades da oitava rima em inglez com

vigor, e não sem graça; conservando em geral a substancia da phrase de Camões com a devida fidelidade, e vertendo os melhores passos do poema com certo calor proprio de um animo culto e inflammado na admiração de uma nobre obra. Finalmente ésta amostra, como agora se publica, quasi que justifica a persuasão de que Mr. Quillinan, se lhe-durasse a vida, teria dado uns Lusíadas inglezes modelo.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

125) The Lusiad of Luis de Camoens, closely translated. With a portrait of the poet, a compendium of his life, an index to the principal passages of his poem, a view of the « Fountain of Tears », and marginal and annexed notes, original and selected. By L.^t Col.^l Sir T. Livingston Mitchell. K.^t D. C. L. London T. & W. Boone, New Bond Street. 1854. In-8.º, de XXIX—310 paginas.

Antes da folha do titulo traz o retrato de Camões, lithographado por J. A. Winter, com estes dous versos traduzidos em inglez:

« Of him, whose lyre, although of lofty sound,
Shall be, I fear, less happy than renowned. »

Depois do titulo vem: I. Dedicatória *To The Right Honourable Thomas Earl Dundonald, G. C. B. Vice Admiral of the Blue, Grand Cross of the Imperial Brazilian Order of the Cruzeiro. &c., &c.* II. *Preface*, no qual o traductor explica e justifica sua traducção; tece elogios á nação portugueza; colloca o assumpto dos Lusíadas superior aos da Illiada, Eneida e Paraíso Perdido, e declara que para o seu trabalho consultou Mickle, Adamson, e varias anotoridades na lingua portugueza. III. *Compendium of the life of Luis de Camoens*. IV. *Contents*. V. *The Lusiad*, em oitava rythma. VI. *Notes*.

Entre as paginas 90 e 91 vê-se uma estampa representando a Fonte das Lagrymas, gravada por W. Faithorn, e em baxo estes versos de Camões:

O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram,
Vede que fresca fonte rega as flôres;
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

Stanza CXXXV.

Allemans:

126) Blumensträuße italiänischer, spanischer und portugiesischer Poesie von August Wilhelm Schlegel.

Berlin, In der Realschulbuchhandlung. 1804. In-24.º, de 238 pag., com gravuras.

A ultima parte, de pag. 199 a 225 é reservada a Camões.

De pag. 201 a 218 traz a traducção do episodio dos « Doze Pares ».

De pag. 219 a 220 a traducção de dois sonetos.

De pag. 221 a 225 a traducção de trez eclogas.

A ultima parte das notas é tambem relativa a Camões.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

127) Die Lusiade, Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen übersetzt von Dr. C. C. Heise. Halb Römer, stammt er dennoch von Germanen.

Hamburg und Altona, bei Gottfried Vollmer (1806—1807), 4 tom. em 2 volumes in-8.º peq.

Esta traducção não traz data; mas o sñr. v. de Juromenha diz, que Mr. Wolf, Secretario da Academia de Vienna e Conservador da Bibliotheca Imperial, julga ser a primeira que appareceu do poema inteiro, e lhe-assigna a epocha de 1806 a 1807.

Depois do titulo vem uma dedicatoria a Camões em dez oitavas.—Segue-se o poema em oitava rhythma com argumentos no principio e notas no fim dos cantos. No fim dos volumes além das notas se-acham correções e erratas.

O primeiro tomo ou parte contem 4 fls. inn.—119 paginas numeradas; o segundo 1 fl.—188; o terceiro e o quarto, ou antes, o segundo volume não interrompe a numeração, e conta 302 paginas e 3 fls. inn. no fim.

Innocencio da Silva e o sñr. v. de Juromenha se-enganam quando dão aos exemplares d'esta edição o formato in-12.º

As 3 fls. innumeradas que occorrem no fim do 2.º volume deveram estar no primeiro, e isto é certamente defeito de enquadernação. Nellas o traductor propõe 10 estancias para substituir as duas ultimas (91 e 92) do canto V., e andou nisto avisado porque se-exquecêra em occasião opportuna de traduzir as estancias 91—98 do referido canto. D'esta sorte passaram aquellas duas a ter a numeração exacta de 99 e 100.

E' conveniente observar tambem que o traductor aproveitou o ensejo para corrigir alguns versos d'estas duas ultimas oitavas.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

128) Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in deutsche Ottavereime übersetzt.

Leipzig, in der Weidmannischen Buchhandlung. 1807. In-8.º, de XXXII—398 paginas e mais uma folha innumerada com a Errata.

N.º pagina do titulo traz as armas de Portugal. Depois do titulo vem: — *Vorrede*, em que os traductores Friedrich Adolph Kuhn e Carl Theodor Winkler pertendem seja ésta a primeira traducção feita na lingua allemã, e que só depois de estar no prelo é que appareceu o principio de outra versão na mesma lingua.— *Dedicatória* ao conde Carlos Bosc.— *Einige Notizen zu dem Leben des Camoens*. — *Lusiade*, em oitava rythma. — *Anmerkungen*, notas sobre os dez cantos do poema.— Termina o volume com a errata « *Druckfehler* ».

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

129) Primeiro canto dos Lusiadas de Camões. Com nova versão allemã de R.

Hamburgo. Na Livraria de Frederico Perthes. (1808). In-16.º, de 1 fl.—74 paginas, contendo na 74.ª (innumerada) breves notas.

Antes do titulo portuguez se-vê um outro allemão impresso em papel azul: « *Probe einer neuen Uebersetzung der Lusiade des Camões. Hamburg bey Friederich Perthes.* »

No verso da folha do titulo em portuguez se-acha a seguinte indicação: « *Impresso por F. H. Nestler.* »

O exemplar traz de um lado o texto portuguez, e de outro a versão allemã tambem em oitava rythma.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

130) Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche Ottavereime übersetzt.

Wien, 1828, Gedruckt und verlegt bey Chr. Fr. Schade. 2 tomos em um volume in-16.º

É esta a segunda edição da traducção de F. A. Kuhn e de C. T. Winkler.

O primeiro tomo, com XXII—174 paginas, comprehende: I. *Vorrede*, subscripto por F. A. Kuhn e C. T. Winkler. II. *Einige Notizen zu dem Leben des Camoens*. III. *Lusiade*, os cinco primeiros cantos do poema.—*Anmerkungen*.

O segundo tomo, com 158 paginas, contem: I. Os cinco ultimos cantos do poema. II. *Anmerkungen*.

Nesta edição não vem a dedicatória ao conde Bose, nem a Errata no fim do volume.

Quanto ao texto se limita a reproduzir o da edição de 1807, in-8.º, corrigindo apenas os erros typographicos, que naquella es caparam.

Esta reimpressão passou despercebida ás investigações do sr. visconde e Intocencio da Silva. Ella tambem não existia na collecção Adamson, como se-deprehende da lista que accompanha a traducção de Quillinan,—*London*, 1853.

(Ex libr. João E. G. Rebello da Fontoura.)

131) Die Lusiaden des Luis de Camoëns. Verdeutsch von J. J. C. Donner.

Stuttgart, bei Christian Wilhelm Löffel, 1833, in-8.º, de XVI—416 paginas e mais uma folha innumerada com a Errata.

No verso da folha de rosto se-lê esta indicação: *Druck von W. Hasper in Carlsruhe.* »

Seguem-se: — Dedicatória ao rei Guilherme de Wurtemberg. — *Vorrede*.—*Die Lusiaden*, em oitava rhythma.—*Anmerkungen*.—*Druckfehler*.

Esta primeira edição da traducção do professor Donner é impressa em bellos characteres romanos.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

132) Sonette von Luis Camoens. Aus dem Portugiesischen von Louis von Arentsschildt.

Leipzig: F. A. Brockhaus. 1852, in-12.º, de XX—288 paginas.

No fim da ultima pagina vem esta indicação: *Druck von F. A. Brockhaus in Leipzig.*

O volume contem: *Inhalt* (Indice).—*Leben des Dichters* (Vida do poeta).—Traducção de 284 sonetos.—Breves notas em numero de 14.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

133) Die Lusiaden des Luis de Camoëns. Verdeutscht von J. J. C. Donner. Zweite Ausgabe.

Stuttgart & Sigmaringen. Verlag von H. W. Beck. 1854, in-8.º, de XVI—416 paginas e mais uma fl. innumerada com a Errata.

É a mesma edição de 1833, com simples mudança da folha de rosto. Os dous exemplares, em tudo o mais, conferem ponto por ponto, o o que é notavel, nos proprios lapsos typographicos indicados na Errata de um e outro. É pois falsa a indicação de *Zweite Ausgabe* exarada no titulo.

(Ex libr. J. E. G. Rebello da Fontoura.)

134) Die Lusiaden. Epische Dichtung von Luis de Camões. Nach José da Fonseca's portugiesischer Ausgabe im Versmaasse des Originals übertragen von F. Booch-Arkossy. Mit den Biographen und Portraits von Camões und Vasco da Gama.

Leipzig, Arnoldische Buchhandlung. 1854, in-16º, de LXXXVIII 532 paginas.

No fim do volume vem a seguinte indicação: *Druck von Breitkopf und Haertel in Leipzig.*

Antes do titulo o retrato de Camões gravado por Laemmel.

Depois do titulo: I. Dedicatoria *Sr. Majestät dem Koenige der Sachsen Friedrich August.* II. *Vorwort des deutschen Herausgebers.* III. *Kritische Einleitung zu den Lusiaden von Barreto Feio und G. Monteiro.* IV. *Luis de Camões, Not. sobre sua vida, com os sonetos de Tasso, Diogo Bernardes e a ode de Francisco Manuel a Camões.* V. O retrato de Vasco da Gama gravado em madeira. VI. *Vasco da Gama und seine Fahrt nach Indien.* VII. O poema em oitava rhythmica. VIII. *Erläuterungen.*

Do *Panorama*, 1855, n. XXIV, vol. IV, serie III, pag. 229, transcreve o sr. v. de Juromenha a seguinte noticia relativa a esta versão: «Consta-nos que a obra do Sr. Booch falta a elegancia e o mimo do linguagem e de versificação que distingue a versão do Sr. Donner: em compensação porém é de uma fidelidade e correção escrupulosa, o que lhe dá sobre aquella uma vantagem immensa.»

A edição é nitida.

Hollandeza:

135) De Lusiade van Louis Camoens; Heldendicht in X

Zangen. Naer het franſch door Lambertus Stoppendaal Pieters Zoon.

Te Middelburg, by Willem Abrahams. En te Amsterdam, by G. Warnars. 1777, in-8.º, de 2 fls.—XXIV—405 paginas.

No meio da pagina do rosto uma gravura allegorica de L. Brasser. Depois do titulo: Dedicatoria em verso — *Aen Zijne Excellentie den Heere Johan Adriaan van de Perre &c.* II. *Voorbericht van den nederduitschen Vertaaler*, onde se diz que até então não havia traducção alguma d'este célebre poema na lingua hollandeza, o que se-lisongea o traductor, que esta feita sobre a traducção franceza de 1776, por fraca que seja, será bem recebida pelos seus concidadãos. III. *Het Leven van Camoens.* IV. *De Lusiade.* V. O poema, com argumentos e gravuras no principio e notas no fim de todos os cantos. VI. *Voorname Verbeteringen.*

« Esta versão, diz o sr. v. de Juromenha, feita sobre a de Hermilly e La Harpe, é hoje quasi ignorada. Mr. Ab. des Amoree Vander Hoeven a avalla por esta forma: Esta traducção feita sobre a franceza, publicada em Paris no anno de 1776, não podia de modo algum dar uma idéa equivalente das bellezas do original; parece ter sómente aspirado ao merecimento da fidelidade litteral, sem contudo subir á elevação que, em uma lingua como a hollandeza, se podia esperar, mesmo sem o soccorro da rima ou do verso. »

Polaca:

136) *Luzyada Kamoensa czyli odkrycie Indyy Wschodnich. Poema w piésniach dziesieciu Przekładania. Jacka Przybylskiego. w Krakowie 1790. w. Drukarni Antoniego Grebla.* In-8º, de 4 fls. inn.-351 paginas.

Esta edição polaca comprehende: Dedicatória em verso *Do I. W. I. X. Adama Stanisława Naruszwieza Biskupa Luckiego.*—Os *Lusiadas* em verso com argumento no principio de todos os cantos: —No fim do poema vem: *Noty historyczne do Luzyady, o Omyłki Drukarskie Znuczneyze.*

(E. libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

Dinamarqueza:

137) *Luis de Camoens's Lusiade, oversat af Det Portugisiske ved H. V. Lundbye, forhenværende Consulatsecretair og Chargé*

d'Affaires i Tunis. *Kjobenhavn. Trykt hos N. G. F. Christensens Enke.* 1828—1830, 2 tomos em um vol. in-8.º

O primeiro tomo, com XX—212 paginas, contem: *Forerindring. — Luis de Camoens's, Biographie.*—O poema, em oitava rhythma até o fim do canto V, sendo cada um acompanhado de suas respectivas notas.

O segundo tomo, com 1 fl.—214 paginas, contem os cinco ultimos cantos do poema egualmente acompanhados de notas.

O sr. v. de Juromenha descreve ésta traducção dinamarqueza de modo muito incompleto. A julgar pelo que elle diz, seriamos levados a crêr que ha duas edições d'esta traducção: a que possuímos e aqui se descreve de *Kjobenhavn*, 1828—30, 2 tomos em 1 vol. in-8.º, e a que elle descreve de *Kopenenhagen*, 1828, 2 vol. in-8.º, com outras pequenas variantes no titulo.

Parece-nos entretanto provavel que as dietas variantes não sejam sinão resultado de infiel transcripção de titulo ou, melhor ainda, de infieis informações recebidas.

(Ex. libris J. E. G. Rebello da Fontoura).

Suecas:

138) *Lusiaderne. Hjelte-dikt af Luis de Camocus. Oefversatt fran portugisiskan, i originalets Versform, af Nils Lovén.*

Stockholm, tryckt hos L. J. Hyerta, 1839, in-12.º, de 3 fls. inn.—224—XVI paginas.

Esta primeira edição da traducção de Lovén comprehende: *Foeretal* (Prefacio):—O poema em oitava rhythma.—*Anmärkningar* (Notas):

(Ex. libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

139) *Lusiaderne. Hjelte-dikt af Luis de Camoens. Oefversattning fran Originalet pa dess versslag af Carl Julius Lénstroem. Foersta Sangen. In-8.º de 2 ff. inn.—22 pag. e mais 1 fl. inn., no fim da qual se-lê ésta indicação:*

Upsala, Leffler Sebell, 1838.

Traducção sueca em oitava rhythma do primeiro canto dos *Lusiadas*.

(Ex. libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

140) *Lusiaderne. Hjelteedikt af Luis de Camoens. Oefversatt fran portugiskan, i originalets Versform, af Nils Lovén. Andra omarbetade och med de fyra sista sangerna tilloekta upplagan.*

Lund, tryckt pa C. W. K. Gleerups Förlag, uti Berlingska Boktryckeriet. 1852, in-12.º gr., de 1 fl.—IV—406 paginas.

Traz: Förelord (um prefacio).—O poema em oitava rhythma.—

Anmärkingar (notas).

(Ex. libr. J. E. G. Rebello da Fontoura).

Polyglotta:

141) *Igné de Castro Episodio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas de Luiz de Camões. Edição em quatorze linguas.*

Lisboa Imprensa Nacional 1873. In-fol., de 46 folhas innumeradas, contendo um quadro com o nome dos traductores e com a data e logar das edições; e em seguida a este quadro as traducções.

Rica edição, impressa em superior papel.

Antes da folha do titulo comprehende: I. Uma folha com as seguintes palavras: Luiz de Camões Episodio de Igné de Castro extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusíadas. II. Outra folha com estas palavras: Igné de Castro. III. Outra folha, tendo na pagina de rosto uma como moldura verde e rosa, e, no centro, esta dedicatória impressa com tintas azul: A' Bibliotheca Nacional no Rio de Janeiro Offerece a Imprensa Nacional de Lisboa 1874. IV O retrato de Camões copiado do de Gérard, e grav. por. J. P. de Souza.—V. O Episodio.

Esta impressão é um precioso specimen dos mais bellos trabalhos da Imprensa Nacional de Lisboa, e como tal figurou e mereceu altos louvores na Exposição Universal de Vienna em 1873.

João de Saldanha da Gama.

(Continúa.)



DO CONDE DA BARCA,

de seus escriptos e livraria.

[CONTINUAÇÃO (*)]

III.

Collecção Araujense.

A historia da livraria do conde da Barca está de tal sorte ligada á da herança por elle deixada, que seremos forçados a tractar simultaneamente de uma e outra n'esta parte de nosso trabalho.

O dedicado servidor do Estado, que por longo tempo occupára os mais altos cargos publicos em seu paiz, e que, ainda ao fallecer, era Ministro de Estado de todas as pastas, morria quasi pobre, deixando como bens principaes no Rio de Janeiro uma casa á rua do Passio, alguns bons quadros e sua livraria, duas vezes preciosa, por seu valor commercial e por seu inestimavel valor litterario, e esses mesmos subjectos avaliadas na importancia de rs. 10:161\$994!

A' falta de dados bebidos nas proprias fontes, servir-nos-hemos n'este resumo historico dos que nos-fornece o defensor da pretensão de João Piombino nos dois opusculos (já citados), que escreveu propugnando pelos direitos d'elle: reservamo-nos porém a liberdade de os-contrariar e ampliar n'aquillo que nos-parecer menos exacto ou deficiente.

Começaremos reproduzindo integralmente aqui a *Exposição* que vem á pag. 13 da «*Memoria sobre a divida do Estado a João Piombino, cessionario habilitado dos herdeiros do conde da Barca,*»

(*) Cont. da pag. 33 d'este vol. II.

sob n. 5 dos annexos, menos as notas, que nos-pareceram não ter relação com a historia da *Collecção Araujense*; tanto mais quanto é por ella que foram moldados a maior parte dos papeis ulteriormente escriptos sôbre ésta materia.

« EXPOSIÇÃO.

« Morreu o conde da Barca, em 1817, com testamento em
« que instituia herdeiro a seu irmão, conselheiro João Antonio
« d'Araujo, o qual, como testamentario dativo, deu andamento ao
« inventario. Sahindo para Portugal, em virtude das circumstancias
« politicas, deixando por procurador no Rio de Janeiro o padre José
« Francisco da Silva, foi o conselheiro morrer a Barcellos, em 1823,
« com testamento, instituindo herdeiro ao sobrinho, Antonio d'Araujo,
« actual cedente dos direitos.

« Entre os bens do conde, figurava a casa da sua residencia,
« na rua do Passeio, onde hoje tem assento a Secretaria dos nego-
« cios da justiça. A fazenda foi comprar a João Rodrigues Pereira
« de Almeida uns direitos litigiosos, que este tinha sobre o finado
« (16), e proseguindo na acção, depois de expulsar violentamente
« o procurador do herdeiro (17), e de caminhar o processo sem
« parte, e em tempo de guerra, obteve a fazenda sentença de adju-
« dicação do referido predio, com todas suas pertencas, e terrenos
« até a rua dos Barbons (18); pela quantia da avaliação, rs.
« 14:600\$000. A f. 93 dos autos se lêem os dous accordãos de adju-
« dicação das casas á fazenda, e incorporação nos proprios nacionaes,
« *na mesma quantia em que foram avaliadas, sem abatimento algum.*
« Pagou o estado, cessionario, ao seu cedente, Pereira de Almeida,
« rs. 9:735\$120, e (sem consentimento das partes) a um chamado
« credor do conde rs. 416\$874, ficando a dever, segundo esta
« conta, rs. 4:448\$996. Tal a somma, que se reconhece nunca
« ter sido satisfeita,—na certidão de thesouro publico a f. 47—no
« parecer do chefe de secção da divida publica da contadoria geral,

(16)
(17)
(18)

Notas sem importancia para o nosso caso.

« e revisão—no do contador geral—no do inspector geral do the-
 « souro—com o qual se conformou o procurador da corôa, conso-
 « lheiro Maia (f. 198 a 201)—finalmente na informação dada pela
 « secção da divida no thesouro ao contador, e exhibida pelo proprio
 « procurador da fazenda, f. 310. (19)

« Era outro sim propriedade particular do conde uma livraria
 « magnifica, composta de mais de 74 mil volumes, em 2,419 col-
 « lecções, a qual, para o inventario dos bens do conde, a que se o
 « testamenteiro estava procedendo, foi avaliada em rs. 16:818\$300
 « no anno de 1819 (20). No leilão dessa livraria, a que se ia pro-
 « ceder, sob a auctoridade do juiz respectivo, apresentou-se, entre
 « os mais cidadãos concurrentes, fr. Joaquim Damaso, nomeado
 « bibliothecario da bibliotheca publica, auctorizado pelo principe
 « regente para lançar n'aquella livraria, sendo o pregão n'um só
 « lote. Assim se fez, e n'esse leilão de inventario foi arrematada
 « a livraria para a bibliotheca publica, tambem pelo preço em que
 « tinha sido avaliada; sendo no mesmo acto prevenido o repre-
 « sentante do estado de que devia intrar para o banco do Brazil,
 « em tres dias, com o producto da arrematação, repetindo-se esta
 « notificação por intimação feita por official de justiça, que nos
 « autos se acha transcripta. O certo porém é que a fazenda se
 « apoderou logo da livraria, mas não satisfez a obrigação de intrar
 « com o seu valor para o banco, nem nos tres dias, nem até o dia
 « de hoje. Tódos estes factos se acham confessados em todas as
 « certidões do thesouro, e pareceres dos altos funcionarios fiscaes,

(19) Nota sem importancia para o nosso caso.

(20) « Silvestre dos Reis Nunes, serventuario vitalicio do officio privativo do juizo
 « dos feitos da fazenda nacional, tanto na primeira como na segunda instancia n'esta
 « côrte e provincia do Rio de Janeiro por S. M. I. a quem Deus guarde por muitos
 « annos, etc.—Certifico que revendo os autos de proprios reaes e nacionaes, entre partes
 « como requerente o Illm. e Exm. Sr. conselheiro procurador da corôa e fazenda para se
 « adjudicar a livraria do Exm. Conde da Barca, fallecido, d'elles consta, folhas e folhas,
 « o que ora se pede por certidão em a petição retro, cujo teor é o seguinte:—Catalogo
 « dos livros que compõe a bibliotheca do Exm. Conde da Barca em 1818. Certifico mais
 « que o numero das collecções de que se compunha a dicta livraria é de 2,419, e a im-
 « portancia em que foram avaliados os livros é de 16:818\$400. Certifico finalmente que
 « a nota que se acha no fim do dicto catalogo é do teor seguinte:—Foi tirado dos proprios
 « autos, onde ficou a cópia, em virtude da régia portaria de 28 de Julho de 1822—
 « Baptista.—O referido é verdade e foi o que se pediu por certidão, que fiz extrahir dos
 « proprios originaes a que me reporto, por haver esta com os mesmos conferido e por
 « achar conforme, subscrevi e assignei n'esta cidade de S. Sebastiao do Rio de Janeiro,
 « aos 6 de Abril de 1866. Eu Silvestre dos Reis Nunes, escrivão que o subscrevi e assi-
 « gno.—Silvestre dos Reis Nunes. »

« já atraz citados; e corroborados além disso com plena prova documental e testemunhal.

« Reclamaram os herdeiros, em 1848, por via administrativa, a restituição dos ditos bens, indevidamente incorporados, na fazenda ou o seu real valor então. Seguiu-se, no thesouro, o competente processo, de que existe traslado authenticco, desde f. 198, reconhecendo a secção de dívida, a contadoria geral, a inspecção do thesouro, e a procuradoria da corôa a incontestabilidade da dívida, e determinando o ministro da fazenda que a parte se habilitasse para receber, pelo competente poder judicial. (21).

« Em 1854 foi citado o procurador dos feitos da fazenda para interrupção de qualquer prescripção, e ver correr a causa de habilitação do cessionario, o reclamação das quantias reconhecidas em dívida pela fazenda—em moeda do tempo da avaliação reguladora da incorporação, e juros legais do tempo decorrido. Seguindo o processo, e despresada a excepção de prescripção (allegada em razões finaes! pela procuradoria da fazenda, e admittida pelo juizo de primeira instancia), concedeu a relação do Rio de Janeiro unanimemente o pedido, ordenando, que a fazenda pagasse as quantias reclamadas, em a moeda pelo valor que legalmente tinha ao tempo da incorporação, e com os juros do decorrido. Interpoz o magistrado do ministerio publico recurso de revista; e o supremo tribunal, reconhecendo, sim, a constancia da dívida e a legitimidade do cessionario reclamante, concedeu todavia a revista pedida, quanto aos dous pontos—moeda e juros;—designando revisora a relação da Bahia.

« Nessa derradeira instancia, a fazenda foi condemnada a pagar o saldo do valor da casa em moeda fraca e sem juros (por considerar essa quantia como deposito de herança jacente), e o preço da arrematação da livraria em moeda forte, e com juros (porque esse valor foi considerado como indevidamente retido pela fazenda, desde que o não transferiu para o cofre que lhe fora designado). Seguiu-se a execução no juizo da fazenda da côrte; precatorio sobre o thesouro; pareceres e informações de

(21) Nota sem importancia para o nosso caso.

« varios empregados; consulta do conselho de Estado; resolução
« immediata de S. M.; pedido de fundos feito pelo governo ao poder
« legislativo; projecto de lei em conformidade. »

As mais importantes peças transcriptas na dita *Memoria sobre a divida do Estado a João Piombino, cessionario habilitado dos herdeiros do conde da Barca* são por ordem chronologica as seguintes.

A pag. 17, sob n. 6 dos annexos lê-se:

— (Processo no Thesouro. Foi passada pelo thesouro a seguinte certidão:—Certifico que, examinando os respectivos titulos dos proprios nacionaes, consta que, por accordam da relação desta côrte, de 28 de Setembro de 1822, foi incorporada nos mesmos proprios nacionaes a bibliotheca do fallecido conde da Barca, composta de 2418 collecções, no valor de 16:818\$400, com a clausula de o bibliothecario da bibliotheca publica intrar no extincto banco do Brazil com a sua importancia, O QUE NUNCA TEVE EFFEITO; e por outro accordam de 25 de Agosto de 1829 foi adjudicada a casa da rua do Passeio Publico pertencente ao mesmo conde da Barca, pela quantia de 14:600\$000; tendo-se pago aos credores João Rodrigues Pereira de Almeida a quantia de 9:735\$120, e a fr. Manoel do Loreto Bastos, 416\$884, restando-se ainda do valor do dicto predio a quantia de 4:447\$996. E para constar onde convier se passa a presente, que não poderá servir de titulo de divida, na conformidade do regimento de fazenda.—Contadoria geral da revisão do thesouro publico nacional, em 11 de Dezembro de 1849. No impedimento do official maior, *Guilherme Jacques Godfroy.*

« Varias outras informações idênticas foram dadas no thesouro; requerendo-se pois, ou a entrega dos objectos, ou o pagamento do seu valor real, foram ouvidos o contador geral, o inspector do thesouro, o procurador da corôa, os quaes todos reconheceram a existencia de divida, e em 2 de Novembro de 1839, o ministro da fazenda, o Exm. Sr. Rodrigues Torres (hoje visconde de Itaborahy), auctorizou a parte a habilitar-se. »

A pag. 18, sob n. 7 dos annexos:

« Accordam da relação da côrte.

« Accordam em relação etc.—Menos bem julgado foi pelo juiz
« a quo na sua sentença f. 220 de que se appella, enquanto julgou
« prescripta a acção, pelo appellante intentada no seu libello de f.
« 4. Porquanto.....
« por isso reformam a dicta sentença, para o fim de julgar provado
« como julgam, o libello de f. 4 e condemnar, como condemnam a
« fazenda nacional a que satisfaça o que se pede no dicto libello,
« com as custas do processo. Rio, 22 de junho de 1857. »

A pag. 19, sob n. 8 dos annexos:

« Accordam do Supremo. n. 5575.

« —Vistos, expostos e relatados estes autos, na forma da lei,
« entre partes recorrente a fazenda nacional, e recorrido João
« Piombino como cessionario de Antonio de Araujo Pereira Pinto
« e sua mulher, herdeiros do conde da Barca: Concedem a revista
« pedida, pela injustiça notoria do accordam da relação do Rio de
« Janeiro a fl. 251, que reformou a sentença appellada a f. 220,
« e condemnou a recorrente na forma do pedido no libello f. 4,
« na solução de 21:266\$399 em moeda forte, a saber 16:818\$400,
« producto da arrematação de 2,418 collecções com cerca de 70
« mil (22) volumes, de que constava a bibliotheca do dicto conde;
« e 4:447\$996, resto do preço da adjudicação do predio fronteiro
« ao Passeio Publico, desta côrte, em que está hoje a secretaria
« de estado dos negocios da justiça, depois de pagos os dous cré-
« dores, barão de Ubá e fr. Manoel do Loreto Bastos, o primeiro
« pela quantia de 9:735\$120, e o 2º. pela de 416\$884, bens que
« foram, e estão incorporados nos proprios nacionaes, em virtude
« dos accordãos transcriptos na certidão f. 96; e bem assim mais
« a condemnou nos juros desde as datas das sobredictas incorpo-
« rações, f. 198. 210. 211; porquanto, havendo o recorrido sus-

(22) Não deixaremos passar sem reparo que este mesmo accordão transcripto á pag. 4 do Memorial sobre a dívida de João Piombino, representante da propriedade do conde da Barca, n'este mesmo topico reza differentemente:—« a saber, 16:818\$400, producto da arrematação de 2,418 collecções com cerca de 74 MIL VOLUMES... »

« tentado o seo pedido, com o fundamento de haver-se a fazenda
 « publica apossado violentamente da casa de que se tracta, expel-
 « lido d'ella o procurador do herdeiro do conde, como testimunha
 « o aviso f. 88, e fazendo-se cessionaria do crédor barão de Ubá,
 « a levava por execução a hasta publica, onde lhe fôra adjudicada
 « pelo infimo preço da avaliação; e outro sim que por ordem do
 « governo de então, fôra a bibliotheca levada á praça, onde foi
 « por conta da fazenda publica recorrente arrematada pelo então
 « bibliothecario, tambem pelo preço da avaliação, *avaliações certa-*
 « *mente lesivas, por valer o predio para cima de 150 contos e a biblio-*
 « *theca mais de cem contos;* e devendo na conformidade das leis
 « geraes do estado levar a deposito do banco essas quantias, e
 « não o fizera, apesar de ser para isso citada a f, pelo contrario
 « conservou em si desde então estes dinheiros, que até agora estão
 « em seo poder, como dos documentos f. 198, repetidos a f. 211,
 « e especialmente do de f. 210, e concluindo d'essas premissas que
 « deve a fazenda publica recorrente ser considerada depositária
 « d'essas quantias e como tal compellida a restituição d'ellas, em
 « especie, ou no valor actual correspondente a moeda do tempo da
 « arrematação e adjudicação. Mostra-se dos autos.....
 « Portanto, e mais dos autos, concedendo, como concedem, a revista
 « pedida, designam a relação da Bahia para revisão e julgamento.
 « Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1857.— »

A pag. 22 e 23 sob n. 9 dos annexos:

« Accordãos da Relação revisora.

« Accordão em relação, etc.—Vistos expostos e relatados estes
 « autos civeis, na forma da lei, entre partes recorrente a fazenda
 « publica, e recorrido João Piombino, em qualidade de cessionario de
 « Antonio de Araujo Pereira Pinto, mostra-se que o recorrido pede,
 « em seo libello contra a fazenda publica, a quantia de 21:266\$396
 « de que lhe era devedora, em rasão de ter sido incorporada nos
 « proprios nacionaes uma livraria de mais de 70,000 volumes,
 « que faz hoje parte da bibliotheca publica; e bem assim um predio
 « sito á rua do Passcio Publico, onde está collocada a secretaria
 « dos negocios da justiça (bens estes, que todos pertenciam ao

«caval do conde da Barca, de cujo herdeiro é o recorrido cessionario); sendo que a livraria foi, segundo ordem do governo, arrematada pelo bibliothecario publico pela quantia da avaliação, equivalente a 16:818\$400, com a obrigação de intrar o arrematante com essa quantia para o banco do Brazil, clausula esta que não foi satisfeita, a despeito de ser imposta por accordam da relação do Rio de Janeiro, de 28 de Setembro de 1822. Da mesma maneira, sendo o predio avaliado em 44:600\$000, achava-se elle pinhorado, em virtude de execução promovida pelo barão de Ubá no valor de 9:735\$120, mas havendo sido paga esta divida pela fazenda publica, e egualmente outra de 416\$889, foi elle adjudicado á mesma fazenda, como cessionaria, por accordam da relação do Rio de Janeiro de 18 de Novembro de 1823, ficando a fazenda a restar a quantia de 4:447\$996. O que tudo visto, examinado, attendendo a que a fazenda publica não introu com a quantia de 16:818\$400, producto da arrematação da livraria, como cumpria, dentro do prazo que lhe foi assignado pelo dicto accordam; e considerando que, pela adjudicação do predio sito á rua do Passcio Publico, ficou restando a fazenda publica a quantia de 4:447\$996, e que em toda essa transacção não interveiu a fazenda publica como poder eminente, e sim como litigante particular, julgam procedente a acção intentada. Por tanto e o mais dos autos, condemnam a fazenda publica recorrente a pagar ao recorrido a quantia de 21:264\$396, com a declaração porém de que os 16:818\$400, producto da arrematação da livraria, serão pagos em moeda forte com os juros da lei, contados desde o tempo da incorporação, visto que, se tivesse a mesma fazenda satisfeito este compromisso, a que se sujeitou, teria intrado para o banco do Brazil com a moeda então corrente, e não o havendo feito está adstricta a esta indemnização; e pelo que respeita aos 4:447\$996 será o pagamento realisado na moeda que actualmente corre, sem juros, por não se considerar ácerca desta quantia a fazenda publica em mora. Pague a fazenda recorrente as custas em que a condemnam.—

«Bahia, 1 de junho de 1858.

«Usando da faculdade concedida pelo regulamento de 17 de

« fevereiro de 1838, art. 6, submettemos á relação revisora uma
 « petição de embargos de declaração, requerendo que o tribunal
 « declarasse que a *moeda forte* em que condemnára a fazenda signi-
 « ficava, como se especificára no libello, e nas restantes allegações
 « e desenvolvimento o valor do ouro, segundo a fixação da lei
 « anterior á avaliação, isto é de 1\$300 por oitava de ouro. Effecti-
 « vamente foi este ponto elucidado, da seguinte fórma, e com a
 « assignatura uniforme dos 5 membros que nesta revisão funcio-
 « naram :

« Accordam em relação etc.—Que não ha que declarar, porque
 « a fazenda publica foi condemnada pelo accordam na fórma do
 « pedido no libello. Bahia, 18 de junho de 1858. »

A' pag. 24, sob n. 10 dos annexos:

« Precatorio sobre o thesouro.

« O precatorio do juizo dos feitos da fazenda, transitado na
 « chancellaria da relação da côrte, aos 13 de julho de 1858, con-
 « clue assim:

« E em seo cumprimento, sendo este por V. Exc. cumprido,
 « dignando-se no mesmo pôr o seo cumprá-se por escripto, mandará
 « que pela repartição competente se pague ao exequente João
 « Piombino, cessionario dos herdeiros do conde da Barca, o prin-
 « cipal, importancia em moeda forte 16:818\$400, e bem assim os
 « juros pagos na mesma especie, contados até hoje na quantia de
 « 34:423\$525. E bem assim o importe do predio sito na rua do
 « Passeio em moeda corrente, na quantia de 4:447\$926. Igual-
 « mente as custas que contadas, sommadas, são da quantia de
 « 630\$577. »

A' pag. 25, sob n. 11 dos annexos:

« Parecer da terceira contadoria.

« O Sr. Contador, no seo parecer, de 28 de Setembro de
 « 1858, discute se a liquidação devia ter sido processada no poder
 « judicial, dizendo que o thesouro nacional faria a devida justiça
 « ao reclamante, e que a fazenda não devia pagar juros, mas conclue
 « com estas palavras:

« Pensando assim, não me demorarei em relatar as razões em
 « que me fundo, porque já não aproveitam, visto ter o pleito per-
 « corrido todas as instancias, e não haver mais logar a obter a
 « reforma do julgado.....
 « Por força de sentença que obriga a fazenda nacional ao paga-
 « mento do principal em moeda forte e seus juros, adopto a conta
 « annexa á informação da secção de divida, e bem assim a da
 « quantia que se deve haver do reclamante por indemnisação dos
 « direitos da herança. »

A' pag. 26, sob n. 12 dos annexos:

« Parecer da procuradoria fiscal do thesouro.

« O Sr. procurador fiscal do thesouro, no seo parecer, datado aos
 « 11 de novembro de 1858, sustenta as suas opiniões sobre as materias
 « ligadas com esta questão, mas conclue com as seguintes palavras:

« Essa sentença, porém, passou em julgado e d'ella não cabe
 « senão o recurso incerto e precario da acção recisoria. Penso
 « portanto que para evitar com o poder judiciario um conflicto
 « que só pôde trazer em resultado o enfraquecimento da força
 « moral e do prestígio do principio da auctoridade, seja qual for
 « o poder que triumphar a final, ou o administrativo ou o judiciario,
 « SE DEVE MANDAR PAGAR AO RECLAMANTE A IMPORTANCIA CONSTANTE DA
 « CONTA ANNEXA, QUE E' EXACTAMENTE A DA SENTENÇA PEDINDO-SE PRE-
 « VIAMENTE CREDITO SUFFICIENTE AO CORPO LEGISLATIVO. »

A pag. 11, sob n. 3 dos annexos:

« Parecer do conselho de Estado.

« SENHOR.—Dignou-se V. M. I. de mandar ouvir as secções
 « do conselho de Estado (23) sobre a questão que se move no
 « thesouro ácerca da divida activa de João Piombino, cessionario
 « habilitado dos herdeiros do conde da Barca, proveniente do preço
 « do predio em que está a secretaria da justiça e da bibliotheca
 « de 74,000 volumes, que o Estado arremateu e que fazem hoje
 « parte dos bens nacionaes.

(23) Secções de justiça e fazenda.

« As secções observam que tractando o dicto João Piombino
« de habilitar-se e pedir o pagamento da divida no juizo dos
feitos, a fazenda, por seu procurador, negou a obrigação de pagar,
« allegando, depois da contrariedade, prescripção. O juiz dos feitos
« julgou com effeito a divida prescripta.

« Appellou o auctor para a relação, que reformou a sentença,
« e condemnou a fazenda. O procurador da fazenda interpoz re-
« vista. Foi esta concedida, e designada revisora a relação da Bahia,
« que divergiu um pouco da relação do Rio, mas foi concorde em
« condemnar a fazenda.

« Esta sentença da relação revisora é irrevogavel. A fazenda
« defendeu-se como parte; e no intender das secções haveria ver-
« dadeira confusão de poderes, se o thesouro, depois de condem-
« nado como parte, se arvorasse em juiz de seus juizes, para
« apreciar a justiça da decisão, e examinar se a divida está pre-
« scripta, ou apreciar o quantum da divida.

« ELLAS JULGAM QUE ESTAS QUESTÕES ESTÃO JÁ RESOLVIDAS, E
« QUE AO GOVERNO APENAS CABE SOLICITAR OS FUNDOS NECESSARIOS PARA
« PAGAR AQUILLO EM QUE A FAZENDA FOI CONDEMNADA EM ULTIMA IN-
« STANCIA.

« V. M. I. porém resolverá o melhor.

« — Sala das conferencias, 8 de novembro de 1859.—*Euzebio*
« *de Queiroz Coitinho Mattoso Camara.*—*Marquez de Abrantes.*—
« *Visconde de Jequitinhonha.*—*Visconde de Itaborahy.*—*Visconde do*
« *Uruguay.*—*Visconde de Maranguape.*

A' pag. 12, sob n. 4 dos annexos :

« Suprema resolução da consulta.

« Como parece.—Palacio do Recife, 17 de dezembro de 1859

« IMPERADOR PEDRO SEGUNDO.

« *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* »

A pag. 10, sob n. 2 dos annexos, vêm um officio do ministro
da fazenda A. M. Silva Ferraz, (ao depois barão de Uruguayana)
datado de 16 de Maio de 1860, remettendo á camara dos de-

putados a consulta e resolução acima com os papeis a ellas relativos, pedindo que o corpo legislativo habilitasse ao governo com os fundos necessarios para o pagamento da divida do Estado aos herdeiros do conde da Barca.

Pouco depois foi apresentado á camara dos deputados o seguinte projecto de lei, que vem transcripto á pag. 9, sob n. 1 dos annexos.

« Projecto de lei.

« N. 108. A assembléa geral resolve:—Artigo unico. Fica o
« governo auctorizado a satisfazer a quantia devida pela fazenda
« publica ao representante, competentemente habilitado, do espolio
« do finado conde da Barca, em conformidade com a decisão do
« poder judicial; revogadas para este fim as disposições em con-
« trário. Paço da camara dos deputados, em 22 de julho de 1860.—
« *Joaquim Pinto de Campos.* »

Indo o projecto ás commissões de fazenda e justiça civil da camara dos deputados, (24) foi ésta, em data de 18 de junho de 1861, de parecer que se-adoptasse o referido projecto, reservando-se para dar as explicações, que fossem necessarias, na occasião do debate. Quanto á commissão de justiça civil, seus membros não foram inteiramente accordes em seus pareceres:—a maioria da commissão, composta dos deputados M. P. de Souza Dantas e do fallecido F. José Furtado (conselheiro), depois de terem feito a historia da herança do conde da Barca, reproduzindo fielmente as allegações do patrono de João Piombino, e longamente discutido a questão, opinaram do seguinte modo:

« Resumindo, é a commissão de parecer:

« 1º. Que nenhum outro recurso cabe, senão o da acção re-
« cisora.

« 2º. Que para se o intentar, emquanto ao pagamento dos juros
« a que fôra indevidamente condemnada a fazenda, deve esta camara
« officiar ao governo para que este assim o ordene á fazenda, a
« quem incumbe intenta-lo como parte.

(24) Vide pag. 9—18 do *Memorial sobre a divida de João Piombino, representante da propriedade do conde da Barca.*

« 3º. Que finalmente continue o projecto n. 108 em discussão.

« Sala das commissões, 10 de Agosto de 1861.—*M. P. de Souza Dantas.—F. José Furtado.* »

Entretanto que o terceiro membro da commissão, deputado Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, discordando em parte de seus collegas, dizia em seu parecer em separado, de 16 de Agosto de 1861:

« Concorde inteiramente com os meus dignos e illustres collegas
« da commissão de justiça civil, nas conclusões seguintes de seu
« parecer: 1ª. que é certa e real a divida em que se acha a fa-
« zenda para com os herdeiros do conde da Barca, pela compra
« da importante livraria e pelo resto do preço da casa, que foi
« adjudicada á mesma fazenda; 2ª., que contra essa divida não se
« podia allegar prescripção alguma, e com razão foi esta repellida
« pelo poder judiciario; 3ª., que este poder com perfeita compe-
« tencia, decidiu a demanda que aquelles herdeiros ou seus cessio-
« narios intentárão contra a fazenda nacional afim de haverem o
« seu pagamento; e 4ª., que esta decisão não póde ser nullificada
« pelo poder legislativo, negando os fundos para esse fim necessa-
« rios, sem offensa da constituição e sem os maiores inconvenientes
« para a causa publica.

« Não posso porem concordar com elles, quando pretendem—
« 1ª., que foi dada contra direito expresso a sentença mandando
« fazer em moeda forte o pagamento da divida respectiva á livra-
« ria, e com os respectivos juros desde o tempo da arrematação;
« e 2ª., que em vista disso se deve intentar o recurso extraordi-
« nario da acção recisoria, no intuito de evitar o damno da fazenda
« nacional. »

e depois de sustentar sua opinião em relação a estes dois pontos, em que discorda da maioria da commissão, com razões que nos pareceram procedentes, conclue assim:

« Finalmente observará ainda o abaixo assignado que, havendo
« o poder executivo entendido, pela sua resolução de consulta de
« 17 de Dezembro de 1859, que as questões aventadas pela maioria
« da commissão já estão resolvidas, e que ao governo apenas cabe
« solicitar os fundos necessarios para pagar aquillo em que a
« fazenda foi condemnada em ultima instancia, como o fez por officio

« do 16 de Maio de 1860, parece ser excedente das attribuições
 « do poder legislativo impor-lhe uma regra de proceder, que elle
 « em sua sabedoria já implicitamente rejeitou, e isto em materia
 « administrativa, e em questão individual, com desconceito da
 « sciencia juridica, do espirito de justiça e da independencia de
 « um terceiro poder, a quem a constituição confiou a guarda dos
 « maiores interesses e dos mais respeitaveis direitos. E se o poder
 « legislativo não póde, na opinião de abaixo assignado, impor esse
 « procedimento ao executivo, menos o poderá isoladamente um dos
 « seus ramos, *officiando-lhe* n'este sentido, como opinião os seus
 « illustrados collegas.

« Em vista das considerações abreviadamente expostas, en-
 « tende o abaixo assignado que se deve continuar na discussão
 « do projecto n. 108 do anno passado, e que o poder legislativo
 « deve consignar os fundos necessarios para o pagamento do que
 « deve aos herdeiros do conde da Barca, ou seus legitimos ces-
 « sionarios, como foi reconhecido pelos poderes judiciarios e exe-
 « cutivo. Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1861.—*Jeronymo*
 « *Martiniano Figueira de Mello.* »

O projecto de lei n. 108 de 22 de Julho de 1860 não teve andamento, nem final solução; os interesses porém de João Piombino não foram por isso prejudicados, porque enfim o governo, que ao principio (1860) tinha julgado necessaria a volação de fundos especiaes para o pagamento da divida aos herdeiros do conde da Barca, mandou pagar ao representante de João Piombino n'esta Corte, a importancia d'essa divida (que na data do pagamento montava a rs. 97:000\$000 e tantos da moeda actual), pelos recursos ordinarios de uma lei de orçamento, (si bem me recordo, a de n. 1764, de 28 de Junho de 1870, orçamento de 1870-71).

Deu assim o Governo do Brazil satisfação á um compromisso pecuniario, de que havia muito tempo devêra, em seu proprio interesse, se-ter libertado. Ainda que legalmente João Piombino seja o legitimo proprietario d'essa avultada somma, faz pena á gente o não ter ella aproveitado aos herdeiros do grande estadista, do fiel e incansavel servidor do Estado e amigo dedicado do Brazil, cujos relevantes serviços, que por certo não foram cedidos a João Piombino,

foram também invocados em apoio dos direitos (25) que, como cessionário, elle tinha ao valor dos bens do conde da Barca!!

« Sic vos non vobis..... »

O pouco que conhecemos do catalogo da livraria do conde da Barca, que foi desentranhado dos autos do inventario dos bens do mesmo conde, segundo a certidão do escriptão Silvestre dos Reis Nunes, acima citada, nos-induz a pensar que esse Catalogo e o que possuímos na Bibliotheca Nacional dimanam da mesma fonte, ou que fossem ambos copiados pelo catalogo organizado pelo conde da Barca para seu uso, ou somente um, que servia de exemplar para tirar-se a cópia do outro: confrontemol-os um pouco para firmar bem ésta asserção.

O titulo do nosso catalogo reza: « Catalogo dos livros da bibliotheca do cõde da Barca em 1818. » . .

e o do inventario, embora com variante, diz no fundo o mesmo:

« Catalogo dos livros que cõmpoem a bibliotheca do Exm. cõde da Barca em 1818. »

O numero das obras (que o escriptão Silvestre dos Reis Nunes indevidamente chama *collecções*) é o mesmo nos dois catalogos, 2418, embora a certidão do dicto escriptão reze 2419; mais abaxo veremos o porque assim pensamos, e como foi facil a Nunes enganar-se comptando 2419 em vez de 2418. Julgando pois semelhantes os dois catalogos, applicaremos ao do inventario as mesmas deducções, que logicamente dimanarem do estudo e analyse do nosso.

Passemos agora a estudal-o mais pelo miudo.

Cada pagina é dividida em trez columnas ao alto: na 1.^a, vem o numero de ordem das obras catalogadas; na 2.^a, os dizeres

(25) « IV. A quem pertencia a herança de que se trata? A um benemerito do paiz; ao que assignou o decreto que constituiu o Brazil em reino; ao que lhe prestou relevantes serviços. Esse homem escrevia no seu testamento:

« Tenho a honra de servir a el-rei, como já fica declarado, desvelando-me sempre por « satisfazer ao que me cumpria, e sempre em prol do real serviço, do publico e das partes. « Espero na indefectivel piedade e grandeza de el-rei haja de attender com a competente « remuneração, não só todos os meus serviços, *tus e quos* forem dignos da sua regia « contemplação, e os deixo ao referido meo herdeiro, etc. » « E qual foi essa remuneração « ao velho e leal servider? Nenhuma; o Estado acha-se, ao contrario, desde então, na « posse dos proprios seus bens patrimoniaes. »—(Memoria sobre a dívida do Estado a João Pombino, cessionario habilitado dos herdeiros do conde da Barca, no 1.^o artigo *Pro memoria*, a pag. 6 e 7).

bibliographicos concernentes a cada obra: e na 3^a., o preço, em que cada obra foi avaliada; todas ellas escriptas pela mesma letra, de pessoa desconhecida: em baxo de cada pagina vem a somma dos preços da avaliação, em algarismos, escripta a tinta; na ultima pagina por baxo da ultima linha, a seguinte apostilla escripta á tinta:

« O Total da Avaliação aqui expressa he de rs 15:539\$900. »
e por baxo d'esta, outra escripta a lapis, dizendo assim,

« São 6,705 vol^{es}. »

« Janr^a. de 1824. »,

tudo por letra do bibliothecario p.^o Joãoquim Damaso. Além d'isto ha muitas outras notas abbreviadas e signaes, escriptos á tinta, e a lapis preto e vermelho por differentes mãos, pela maior parte relativos aos logares que os livros occupam nas estantes da Bibliotheca Nacional.

Transcrevemos em seguida algumas paginas do nosso catalogo, (26) integralmente ou por trechos, a cujo conteudo nos-referiremos ao depois mais detidamente.

Pagina 1. (integral)

Theolôgia.

Textos e Versões da Escriptura Sagrada.

- | | | |
|----|---|-----|
| 1. | Biblia Sacra. Mss. em Latim. 1.300. 1 vol. 8 ^o .
sem titulo..... | 320 |
| 2. | La Biblia, que es los sacros Libros del viejo,
y nuevo Testamento. Traslada da en Español.
1.622. 1 vol. 4 ^o . gr..... | 800 |
| 3. | Do Velho Testamento; o 1 ^o vol, que contém os | |

(26) Reproduzimos n'estes trechos a orthographia do catalogo.

- SS. Livros de Moysés, Josua, Juizes, Ruth, Samuel, Reis, Crónicas, Esra, Nehemias, e Esther, traduzidos em Portuguez por João Ferreira A. d'Almeida, Ministro Prégador do Santo Evangelho. Batavia 1.784. O 2º. vol. que contém os SS. Livros de Job, os Psalmos, os Proverbios, o Prégador, os Cantares, com os Prophetas Mayores, e Menores, traduzidos pelo mesmo, e por Jacobo op den Akker, Ministros, &ª Batavia 1.753. 2 vol. 8º..... 960
4. Biblia Sacra quadrilingua Novi Testamenti Graeci cum versionibus Syriaca, Graeca vulgari, Latina et Germanica. Adiectis variantibus Lectionibus, &ª. Quibus accedunt Loca parallela uberrima tantoque numero ex Bibliis et Commentariis Comportata, &ª. Accurante M. Christiano Reineccio. Lipsiae 1.713. 1 vol. fol..... 800
5. Le Nouveau Testament en Latin et en Français traduit par Sacy. Edition ornée de Figures gravées sur les desseins de Moreau le jeune. Paris 1.793 1 vol. 4º. gr. em papel. Papel vélin..... 2\$400

Theologos, e Moralistas

6. Petri Danielis Huetii, Episcopi Abrincensis Demonstratio Evangelica ad Serenissimum Delphinum, 4ª. editio ab Auctore recognita, castigata, &ª. Accessit Auctoris tractatus de Paradiso terrestri, nunc primùm Latine. Lipsiae 1.694. 1 vol. 4º..... 640
7. Tractatus Theologico-Politicus continens Dissertationes aliquot quibus ostenditur libertatem philosophandi non tantum salva Pietate, et Reipublicae Pace posse concedi: sed eandem nisi cum Pa-

Trechos extrahidos das paginas 8 e 9.

Página 8.

Direito Patrio.

62. Collecção da Legislação antiga e moderna do Reino de Portugal. Ordenações do Senhor Rey D. Affonso 5º. Coimbra 1.792. 5 vol. 4º. broch.
63. ——— Ordenações do Senhor Rey D. Manoel. Coimbra 1.797. 3 vol. 4º.....
64. ——— Leis Extravagantes collegidas e relatas pelo Licenciado Duarte Nunes do Lião por mandado do Muito Alto, e Muito Poderoso Rei D. Sebastião Nosso Senhor. Coimbra. 1.796. 1 vol 4º.
65. ——— Da Legislação Moderna. Coimbra. 1.789. 2 vol. 4º. broch.....
66. ——— Repertorio das Ordenações, e Leis do Reino de Portugal. Coimbra. 1.795. 4 vol. 4º..

Página 9.

67. Systema, ou Collecção dos Regimentos Reaes, contém os Regimentos pertencentes á Administração da Fazenda Real, &ª. Por Jozé Roberto Monteiro de Campos Coelho e Soiza. Lisboa 1.783. 6 vol. fol..... 30\$000
68. Paschalis Josephi Mellii Freirii, Institutionum Juris Civilis Lusitaniæ cum publicæ tum privati. Olisipone. 1.789. 4 vol. 4º. broch..... 2\$400
69. ——— Idem. 4 vol. 4º. broch.....
70. ——— Historiæ Juris Civilis Lusitani, &ª. Editio secunda. Olisipone. 1.794. 1 vol. 4º. broch...
71. ——— Idem. 1 vol. 4º. broch.....
72. ——— Institutum Juris Criminalis Lusitani. Olisipone 1.794. 1 vol 4º. broch.....
73. Prelecções de Direito Patrio publico e particular, &ª., por Francisco Coelho de Souza e Sam Paio. Coimbra. 1.793. 1 vol. 4º..... 1\$600

387. Duidelyke vertoning eeniger Duizend in alle vier Wacrelds Deelen wassende Bomen, Stammen, Kuiden, Bloemen, Vrugten, en Uitwassen, &c. Amsterdam 1.736. 4 vol. fol. Com estampas riquissimas. iluminadas..... 200\$000
388. Icones plantarum sponte nascentium in Regnis Daniae et Norvegiae, in Ducatis Slesvici et Hol-saciae, et in Comitatus Oldenburgi, et Del-menhorstiae ad illustrandum opus de iisdem Plantis, Florae Danicae nomine inscriptum Editae ab ejus operis auctore Georgio Christiano Oeder. Havniae. 7. vol. fol. com estampas iluminadas.. 150\$000
389. Herbar de France, ou Collection complete des Plantes indigenes de ce Royaume, leurs proprié-tés, et leurs usages en Medicine. Par Mr Bul-liard. Paris 1.780. 600 cadernos com 5 estampas iluminadas cada, por encadernar..... 76\$800
390. Herbarium Amboinense, Plurimas complectens Arbores, Fructices, Herbas, Plantas terrestres, et aquaticas, quae in Amboina, et adjacentibus reperiuntur insulis, &c. Quod et insuper exhibet varia Insectorum Animaliumque genera, plurima cum naturalibus eorum figuris depicta. Omnia magno labore ac studio conlegit, et duode-cim libris Belgice conscripsit Georg. Ever-hard Rumphius et in Latium sermonem vertit Joannes Burmanus. Amstelredami &c. 1.741. 8 vol. fol..... 120\$000
391. Hortus Gottingensis quem proponit simulque orationem inchoandae Professioni Sacram indicit Georg. Franc. Hoffmann. Gottingae 1.793. 1 fo-lheto fol..... 2\$000
392. Thesaurus Rei Herbariae, Hortensisque univer-salis, exhibens figuras florum, herbarum, arborum,

- fructuum, aliarumque plantarum prorsus novas, et ad ipsos delineatas depictasque archetypos nativis coloribus, atque idiomate tam Latino, quam Germanico describens eorundem partes, &c. 1.788. 2 vol. fol..... 64\$000
393. Historia Amaranthorum, auctore Carolo Ludovico Willdenow. Turici. 1.791. 1 vol. fol. gr..... 4\$000
394. De Koninglycke Hovenier Aanwyzende de Mid- delen om.
- Pagina 38 (integral).
- Boomen Bloemen, &c. von Marc Doornick. Ams- terdam. 1 vol. fol. com estampas illuminadas.... 12\$800
395. Florae Austriacae sive Plantarum selectarum in Austriae Archiducatu sponte crescentium, Icones ad vivum coloratae et descriptionibus ac syno- nimis illustratae. Opera et sumptibus Nicolai Josephi Jacquin. Viennae Austriae 1.773. 5 vol. fol..... 160\$000
396. Hortus Botanicus Vindobonensis, seu Plantarum rariorum, quae in Horto Botanico Vindobonensi, &c. coluntur icones coloratae et succintae des- criptiones. Cura et sumptibus Nicolai Josephi Jacquin. Vindobonae 1.770. 3 vol. fol..... 100\$000
397. Plantarum Americanarum, &c. continens Plantas, quas olim Carolus Plumierius detexit, eruitque, atque in Insulis Antillis ipse depinxit. Has primum in lucem edidit, aeneisque Tabulis illus- travit Joannes Burmannus. Amstelaedami &c. 1.755. 2 vol fol..... 32\$000
398. Flora Pedemontana, sive enumeratio methodica stirpium indigenarum Pedemontii Auctore Carolo Allionio. Augustae Taurinorum 1.785. 1 vol. fol. com estampas..... 25\$600
399. Herbarium Blackwellianum emendatum, et auc- tum, id est, Elisabethae Blackwell collectio stir-

	pium, quae in Pharmacopoliis ad Medicum usum asservantur, quarum descriptio, et vires ex An- glicæ idiomate in Latinum conversae sistuntur, figuræ maximam partem ad naturale exemplar emendantur flores, fructusque partium represen- tatione augentur, &c. Norimbergæ 1.757. 6 vol. fol.....	128\$000
400.	Hortus Cliffortianus, Pallas exhibens quas in Hortis tam vivis quam siccis Hartecampi in Hol- lândia coluit Georgius Clifford. Cum Tabulis Aeneis. Auctore Carolo Linnaeo. Amstelædami. 1.737. 1 vol. fol.....	25\$600
401.	Uitgezochte Planten, Beschreven door den Wi- devermaarden Christ. Jacob Trew &c. Amster- dam 1.771. 1 vol. fol. gr.....	50\$000
402.	Descriptio et Adumbratio Microscopico-Analy- tica Muscorum Frondosorum, nec non aliorum vegetantium e Classe	
Pagina 213 (integral).		
2387.	La Réunion de la Belgique à la Hollande &c. par A. B. C. A Bruxelles. 1 folheto 8º.....	40
2388.	Historical Description of the Tower of London and its curiosities. London 1788. 1 folheto 8º..	40
2389.	Catalogus van een exquisite party Porceleinen &c. Amsterdam. 1 folheto. 8º.....	20
2390.	A Letters to Henry Duncombe &c. by William Miles. London 1796. 1 vol. 8º. papel.....	160
2391.	Des vrais intérêts de la France relativement à la Hollande. 1 folheto.....	40
2392.	Letter on the Genius and dispositions of the French Government including A view of the ta- xation of the French Empire. Philadelphia 1810. 1 vol. 8º. papel.....	200
2393.	Additamento ás observações á cerca do Capim d'Angola &c. 1 folheto 4º.....	40

2394.	Conpendio das Graças e Indulgencias que concedeo o SS. P. Benedicto 14 &. Rio de Janeiro 1811. 1 folheto 8º.....	50
2395.	Korte Inleidinge voor den OOrlog ter Zee &. Zutphen. 1798. 1 vol. broch.....	100
2396.	Minutes of a Court Martial &. Sir Robert Calder. Portsmouth. 1 vol. 8º. papel.....	80
2397.	Comptes Généraux du Trésor Public. Paris an 13. 2 vol. 4º. gr.	160
2398.	Exposição veridica, e sincera das rasoens e impossibilidades que provão a S. A. R. e a toda a Nação a falsidade do facto, e depuimento das Testemunhas que jurarão contra Fortunato José Barreiros &. A. Bourges. 1815. 1 vol. 4º. broch....	150
2399.	Voyage Pittoresque de Constantinople &. Paris 1807. 2 exemplares 8º. folhetos.....	40
2400.	Voyage Pittoresque et Historique de l'Espagne &. Paris 1807. 1 folheto.....	80
2401.	A catalogue of a most superbe collection of Pintures &. 1 folheto. 4º.....	160
2402.	Ode ao Ill ^{mo} . e Ex ^{mo} . Sr. Duque de Wellington. Por Antonio Jozé de Lima Leitão. Paris 1814. 1. folheto. 4º.....	80
2403.	Fallas de Sua Alteza Real o Duque de Sussex na Caza dos Lords. Londres 1811. 1. folheto 4º.	50
2404.	Ordenance qui affranchit les Paisans du Danemarck. 1 folheto ..	200
2405.	Jhrer shurfürstl. Durchlaucht zu Sachsen a. &. Dresden 1798.	
	Pagina 214 (integral).	
	1 vol. 4º. papel.....	160
2406.	Acht und zwanzigste nachrichte &. Hamburg. 1801. 1. folheto. 4º.....	160
2407.	Neun und zwanzigste Nachrichte &. Hamburg. 1802. 1 folheto. 4º.....	80
2408.	Memoires sur les prétendus Emigrés Savoisien. 1796. 2 exemplares. 8º. folheto.....	200

2409.	Considerations importantes sur l'abolition général de la traite des Nègres. Paris 1814. 7. exemplares. 8°. folhetos.....	700
2410.	Dilecto Filio Bartholomaeo Ruspoli. &. 6 exemplares. 8°. folhetos.....	480
2411.	Collecção das Peças Litterarias &. Lisboa 1816. 2 exemplares. 4°.....	360
2412.	Reflexions solides sur l'ecrit Imprimé en 1745 intitulé Manifeste de Sa Majesté le Roi de Prusse contre la cour de Dresde. Haye 1745. 1 folheto. 4°.....	100
2413.	Mechanische und Hydrodinamische Untersuchung &. von Karl Christian Langesdorf. Altemburg. 1782. 1. vol. 4°. broch.....	200
2414.	Roteiro do Neptuno Oriental &. Por J. J. P. Lisboa 1783. 1 vol. 4°.....	640
2415.	Secours contre les incendies & par M. Tréhard. 7 exemplares 4°. folhetos.....	280
2416.	Dissertatio Medica-Chirurgica Inaugorales. &. Lugduni 1807. 1 folheto. 8°.....	40
2417.	Administration des Finances de l'Empire Français. Paris 1806. 1. vol. fol.....	480
2418.	Catalogue du Bibliothéque Bleiswykiana. 1 vol. 8°.....	160

Numeros que faltão.

1638.	Antiquitates Sacrae veterum Hebraeorum &. 1741. 1. vol. 4°.....	400
-------	---	-----

Demo-nos ao enfadonho trabalho de contar o numero dos volumes relacionados no nosso Catalogo e de conferir todas as sommas feitas pelo p.^o Joaquim Damaso em baxo de cada pagina do dicto Catalogo, e não contentes com ésta averiguação, encarregamos a terceiro de tambem as-verificar e de rever todo esse nosso trabalho. De tal estudo resulta :

1.^o Que o mais elevado numero das obras relacionadas no nosso Catalogo é 2418, e não 2419, pois que a obra que occorre

á ultima linha da pagina 214, logo abaxo do n. 2418, sob a epigraphie « *numeros que faltão* » e sob o numero e designação seguinte: « 1638. Antiquitates Sacrae veterum Hebraeorum &. 1741. 1 vol. 4°. 400 » não deve ser addicionada ao n. 2418, e sim considerada como um numero supplementar e intercalar no lugar competente, onde elle não vem transcripto: como porém no proprio Catalogo faltam trez obras, dando-se as lacunas dos ns. 1768, 1769 á pagina 161 e do n. 2003 á pagina 181, e na epocha da aquisição da *Collecção Araujense*, as obras designadas na lista A (vide pag. 387 e 388) não entraram para a Bibliotheca Real, como claramente se deduz da falta de indicação de seus preços e de não existir hoje na Bibliotheca Nacional uma só d'ellas, com o *ex-libris* do commemorador d'Araujo, segue-se que da livraria do conde da Barca a Bibliotheca Real recebeu somente *duas mil trezentas sessenta e cinco obras* (27), e não 2418 ou 2419 *collecções*, como portou por fé o escrivão Silvestre dos Reis Nunes, como tantas vezes foi allegado pelo patrono de João Piombino, e como finalmente repetiram unisonos todos os que ao depois escreveram sobre esse assumpto perante os poderes judicial, executivo e legislativo.

Si é certo que entre os livros descriptos no catalogo da livraria do conde da Barca algumas obras ha que são verdadeiras *collecções*, como: a obra mencionada á pagina 133, sob o numero 1442, e título *Le Grand Théâtre de l'Univers*, em 130 volumes; as differentes obras publicadas por numeros, fasciculos, & as *collecções* de leis; & não é menos certo que a maior parte d'ellas o não são, e que seria improprio dar o pomposo nome de *collecção* a um opusculo insignificantissimo, como, por exemplo, quasi todos os que occorrem ás paginas 213 e 214 do nosso catalogo manuscripto. (Vide as pag. 379-381 d'este trabalho). Entretanto foi provavelmente ésta denominação erronea « *collecções* » que serviu de fundamento a algumas allegações do representante de João Piombino.

(27) Maximo numero do Catalogo.....	2,418
Obras que faltam.....	3
Obras constantes da lista A.....	50
	<hr/>
	58
Obras que de facto entraram para a Bibliotheca Real...	<hr/>
	2,365

O numero de 70 ou 74 mil volumes de que, se-diz, constava a livraria do conde da Barca, não teve, ao que parece, outra origem, e verosimilmente é n'elle que se-baseia a pretensão de ter sido a bibliotheca do conde da Barca avaliada por um-preço vil, quando *em mais de cem contos a avaliavam os entendedores*. (Vide o Accordão do Supremo, no lugar em que expõe as razões do recorrido, á pagina 365 d'este escripto e a nota n.º 9 á pagina 36 da *Memoria sobre a divida do Estado a João Piombino*..... &).

2º. Quanto ao numero de volumes da livraria do conde da Barca, inclusive os duplicados e multiplicados, nós comptamos 6,352, a saber:

Obras cujo numero de volumes vem claramente indicado no catalogo.....	6,329
Obras designadas no catalogo por numero de fasciculos, folhetos, entregas e quadernos, que se-acham hoje enquadernadas (Lista B, mais adiante).....	9
Obras designadas no catalogo por numero de fasciculos, folhetos, entregas e quadernos, cujo numero de volumes é comptado por estimativa (Lista C mais adiante).....	14
	<hr/> 6,352 <hr/>

Não tendo porém entrado para a Bibliotheca Real os 120 volumes das 50 obras constantes da lista A, o numero de volumes da livraria do conde da Barca, adquirida pelo Governo em 1818, fica reduzido a *seis mil trezentos e vinte e nove*, e não elevado a 6,705, como reza a apostilla do bibliothecario padre Joaquim Damaso, e muito menos a 70 ou 74 mil, como pretende o advogado de João Piombino.

3º. A somma dos preços, em que foram avaliadas as obras constantes do nosso catalogo é de *quinze contos seiscentos e vinte mil cento e oitenta reis* (rs. 15:620\$180) e não de rs. 15:539\$900, como consta da nota escripta a tinta na ultima pagina do mesmo catalogo pelo bibliothecario pº. Joaquim Damaso, nem de rs. 16:818\$400, como diz o defensor dos direitos de João Piombino, baseado na certidão do escrivão Silvestre dos Reis Nunes.

Vem aqui a proposito refutar a allegação do patrono de João Piombino relativa ao valor mínimo dado em 1818 á livraria do conde da Barca; e nós não perderemos o ensejo de demonstrar que tal allegação carece de todo o fundamento, e que pelo contrario a avaliação dos livros da bibliotheca do conde da Barca foi elevada para a epocha, 1818, como melhor se-verá da tabella que abaxo transcrevemos. Muito de proposito escolhemos duas das paginas do nosso catalogo, em que mais abundam os livros preciosos (Vide as paginas 377-379 d'este escripto): e si bem-que, para que o calculo fosse mais aproximado á verdade, devessemos, como em taes casos se-costuma fazer, tomar a média dos preços de Brunet, tomamos por base de nosso calculo a hypothese mais favoravel á allegação do patrono de João Piombino, isto é, os maximos preços de Brunet; e, ainda assim, o resultado d'esse calculo dá em conclusão que somente duas obras foram avaliadas por preços inferiores aos de Brunet, e que nas 12 obras mencionadas na nossa Tabella as avaliações do nosso catalogo são em media mais elevadas que as de Brunet na quantia de rs. 832\$255.

**TABELLA comparativa dos preços das obras da Bibliotheca do conde da Barca mencionadas nas
paginas 37 e 38 do catalogo MSS. da Bibliotheca Nacional.**

N.º das Obras segundo o nosso catalogo MSS.	PREÇOS DA AVALIAÇÃO			VALORES SEGUNDO BRUNET (**)					Diferença para mais entre o preço máximo de Brunet e o do catalogo	Diferença para menos entre o preço máximo de Brunet e o do catalogo	Observações
	em 1818, segundo o nosso catalogo MSS.	igual a	em 1877, segundo o cambio actual (*)	Valores diversos	VALOR MAXIMO						
						igual a	Réis				
387		=									Não é mencionada por Brunet.
388	150\$000	=	375\$000	{ 72 fr. por cada fasciculo colorido : 24 fr. por cada fasciculo em fumo : }	1,512 fr.	=	533\$736	158\$736			{ Os nossos 7 vol. tem 21 fasc. coloridos : 21 X 72 fr. = 1512 fr.
389	76\$800	=	192\$000	200 ; - 250 francos	250 fr.	=	88\$250		103\$750		{ Estes preços são os da obra com 3 vol. de texto, os quaes o nosso exemplar não tem.
390	120\$000	=	300\$000	60 ; - 72 ; .. 120 ; - 84 ; - 75 ; - 90 ; - 200 fr.	200 fr.	=	70\$600		229\$400		
391											Não é mencionada por Brunet.
392	64\$000	=	160\$000	{ 30 ; - 40 ; - 200 fr. ; - 19 fr. 50 c. ; - 50 a 90 fr., a edição de 1788..... }	200 fr.	=	70\$600		89\$400		A nossa edição é a de 1788.
393	4\$000	=	10\$000	12 ; - 15 ; - 18 fr.....	18 fr.	=	6\$354		3\$646		
394											Não é mencionada por Brunet.
395	160\$000	=	400\$000	600 ; 401 ; 750 ; 839 fr. : - 18 ^{1/2} 10 ^c	839 fr.	=	295\$167		103\$833		
396	100\$000	=	250\$000	550 ; 130 fr. ; - 14 ^{1/2} 14 ^s	550 fr.	=	194\$150		55\$850		
397	32\$000	=	80\$000	24 ; 30 ; 53 ; 37 fr.....	53 fr.	=	18\$709		61\$291		
398	25\$000	=	64\$000	24 ; 36 f.....	36 fr.	=	12\$708		51\$291		
399	128\$000	=	320\$000	215 ; 101 ; 109 fr.....	215 fr.	=	75\$895		211\$105		
400	25\$600	=	64\$000	30 ; 40 ; 47 ; 93 fr. : - 145 florins.....	145 flor. ^s	=	105\$720	42\$720			O florim hollandez ao par = Rs. \$736.
401	50\$000	=	125\$000	{ 46 florins (hollandezes) a obra com texto hollandez por C. Pereboom : - 30 ; 40 ; 93 fr... .. }	46 flor. ^s	=	33\$856		91\$144		{ A obra que possuímos é a que traz o texto em hollandez.
			2:340\$000				1:507\$745	201\$456	1:033\$711		

(*) Tomamos por base d'este calculo a mesma que serviu para a conversão da divida do Estado aos herdeiros do conde da Barca em 1818 em moeda actual; a saber, 1\$000 por oitava de ouro de lei (valor legal em 1818) que hoje vale 4\$000, ou mais 150% sobre o valor de cada oitava de ouro.

(**) *Manuel du Libraire*, &c., par Brunet (Jacques Charles), Paris, 1860—1864. Não tendo soffrido alteração alguma o padrão monetario do Brazil de 1847 até hoje 14\$000 por oitava de ouro de lei) os preços de Brunet (1860—1864) convertidos em nossa moeda actual representam exactamente as mesmas quantias da data da publicação da obra. Outresim, para a conversão do franco em Rs. brasileiros calculamos á razão do cambio par, isto é, Rs. \$353 por franco.

Infelizmente nunca nos-foi possível obter para consultar nenhum dos papeis concernentes á avaliação, arrematação e compra da livraria do conde da Barca, e á demanda entre os herdeiros do conde da Barca ou seu cessionario e o Governo do Brazil até final pagamento da divida do Estado ao casal do mesmo conde, e por isso n'este estudo limitamo-nos a nos-servir somente do nosso catalogo, tanto mais quanto, segundo já tivemos occasião de o-dizer, julgamol-o procedente da mesma fonte que o dos autos do inventario dos bens deixados pelo conde da Barca: e, até que o contrario nos-seja demonstrado por documentos mais valiosos, continuaremos a sustentar como unicas verdadeiras nossas opiniões a respeito da *Collecção Araujense*.

Segundo informação fidedigna, que tivemos, o Governo do Brazil pagou ao representante de João Piombino no Rio de Janeiro *noventa e sete contos e tantos reis* pela divida do Estado aos herdeiros do conde da Barca: mas como essa divida provinha tambem da differença entre o valor da casa da rua do Passeio e as dividas do conde pagas pelo Governo de então, das quaes este ficou sendo cessionario, deve-se abater dos 97 contos e tantos essa differença, ou a quantia de rs. 4:448\$994, o que dará a differença de *noventa e dois contos e tantos reis* para o pagamento da livraria do conde da Barca, ao cambio actual com os juros da mora do pagamento.

LISTA A.

Lista das obras relatadas no nosso catalogo MSS. dos livros da
Bibliotheca do conde da Barca sem indicação
de seus preços, que não existem na Bibliotheca Nacional.

Paginas	N.º de ordem das obras	N.º de volumes de cada obra
7	A obra relatada sob n.º.. 51	1
»	» 54	1
8	» 62	5
»	» 63	3
»	» 64	1
»	» 65	2
»	» 66	4
9	» 69	4
»	» 70	1
»	» 71	1
»	» 72	1
»	* 75	1
16	» 158	1
19	» 192	3
20	*205	1
»	» 207	1
»	» 208	1
22	» 230	1
23	» 237	1
24	» 247	1
»	» 255	4
26	» 276	9
39	» 406	1
43	» 444	1
»	» 447	1
46	» 480	2
26 obras.		53

(*) De cada uma das obras sob n.ºs 75 e 205 ha na Bibliotheca Nacional um exemplar, que não comptamos como pertencentes á *Collecção Aranjense*, por não terem o ex-libris do conde da Barca.

Paginas	N.º de ordem das obras.		N.º de volumes de cada obra	
			Transp.º...	53
48	A obra relatada sob n.º.	493	1
»	»	499	1
73	»	765	5
74	»	774	** 3
»	»	777	1
77	»	802	1
85	»	885	8
89	»	926	4
90	»	948	1
96	»	1022	1
99	»	1042	1
119	»	1300	9
130	»	1413	1
»	»	1414	2
138	»	1503	1
142	»	1541	2
153	»	1673	1
»	»	1675	7
160	»	1746	3
161	»	1766	1
176	»	1945	2
179	»	1983	4
206	»	2280	2
»	»	2281	5
	50 obras.			120

(**) Por estimativa avaliamos as 30 entregas d'esta obra em 3 volumes.

LISTA B.

Lista das obras designadas no nosso catalogo MSS. dos livros da Bibliotheca do conde da Barca por numero de fasciculos, folhetos, entregas e quadernos, que se acham hoje enquadernadas.

Paginas	N.º de ordem das obras	N.º dos fasciculos, folhetos, entregas e quadernos	N.º dos volumes, que tem, depois de enquadernadas
37 389	quadernos..... 600 4
42 436	entregas..... 34 3
45 462	fasciculos..... 11 2
	3 obras.	645	9

LISTA C.

Lista das obras designadas no nosso catalogo MSS. dos livros da Bibliotheca do conde da Barca por numero de fasciculos, folhetos, entregas e quadernos, cujo numero de volumes é comptado por estimativa.

Paginas	N.º de ordem das obras	N.º dos fasciculos, folhetos, entregas e quadernos.	N.º dos volumes á que podem ser reduzidas
43	A obra sob n.º 445	quadernos.... 14 1
»	» 450	folhetos..... 4 1
47	» 482	» 9 1
50	» 517	» 8 1
60	» 621	» 12 3
74	» 774	entregas..... 30 3
»	» 776	quadernos.... 4 1
192	» 2110	entregas..... 34 3
	8 obras.	115	14

As obras da Collecção Araujense, com excepção das que foram modernamente enquadernadas trazem todas o *Ex-Libris* do Comendador d'Araujo, cuja descripção é a que se segue.

EX-LIBRIS.

O *Ex-Libris* do conde da Barca é uma gravura a buril, sem nome, monogramma ou marca do gravador, e sem data, representando as armas da familia do mesmo conde, em um escudo commun esquartelado; tendo no primeiro quartel (em cima, á esquerda) em campo de *ouro* uma aspa *vermelha* com cinco besantes de ouro n'ella (as armas dos Araujos de Portugal [28]): no quarto (em baxo, á direita) uma aguia de preto, estendida em campo de ouro, (dos Azevedos de Portugal): no segundo (em cima, á direita) em campo *vermelho* uma cruz de prata florida, vazia de campo, (dos Pereiras): e finalmente no terceiro (em baxo, á esquerda) cinco crescentes de lua de *prata*, em aspa, sôbre campo *vermelho*, (as armas dos Pintos [29]); com uma coroa de marquez por timbre, tendo por baxo do escudo a venera da ordem de Christo de Portugal, pendente de uma fita encarnada, que, partindo dos dous lados da coroa, serve de tarja ao escudo em forma de circulo; por cima da coroa a seguinte inscripção

— De la Bibliothèque

du Commandeur d'ARAÚJO. —

em duas linhas, impressa com caracterês typographicos ordinarios em 2.^a tiragem, como claramente se deduz da differente distancia que ha entre a 2.^a linha da inscripção e a coroa, comparando-se varios exemplares d'esta gravura. Este é o 1.^o estado da estampa. O 2.^o differe do precedente em ter os traços verticaes da fita *vermelha*, que serve de tarja ao escudo, menos conchegados uns aos outros, e por ter a inscripção em forma circular em redor e

(28) Segundo a *Nobiliarchia Portugueza*, os Araujos de Portugal trazem por armas em campo de *prata* uma aspa *azul* com cinco besantes em ella.

(29) A *Nobiliarchia Portugueza*, já citada, diz que os Pintos tem por armas cinco crescentes de *Luas vermelhas* em aspa.

por fora da tarja, em characteres cursivos abertos a buril na chapa primitiva, dizendo assim :

— De la Bibliothêque Du Commandeur D'Araujo.

Denominamos por isso as estampas do 1.º estado por *Ex-Libris* n.º 1 e as do 2.º por *Ex-Libris* n.º 2.

Dimensões da gravura:

Altura : 85 millimetros;

Largura : 73 millimetros.

I.

Collecção iconographica.

O catalogo manuscripto, que possui a Bibliotheca Nacional, da livraria do conde da Barca, á pag. 133, reza assim: — « 1442. « *Le Grand Theatre de l'Univers, &c.º Contendo Cartas Geographicas, desenhos de Cidades, pinturas &c.º* 130 vol. gr. papel; e « o seu catalogo em 1 vol. 8.º *Collecção unica. 3:000\$000.* » — Esta collecção *facticia* merece um estudo especial, não só por serem todas as estampas d'ella das primeiras e mais perfectas provas, mas tambem pela preciosidade e raridade das peças que a compoem.

Principiaremos pelo estudo do livro designado pelo nosso Catalogo como sendo o Catalogo do *Grande Theatre do Universo*.

Esse livro, que um feliz acaso deu lugar a que fosse descoberto em um bom dia, não é simplesmente um catalogo, e sim a reunião de varios catalogos em 8.º, enquadernados em um só volume, a saber :

1.º, do catalogo do *Atlas do fallecido Mr. de Boendermaker*,

2.º, de trez pequenos catalogos impressos juntos em um fascículo,

3.º, do catalogo da obra propriamente dicta, *Le Grand Théâtre de l'Univers*,

4.º do catalogo de uma *Collecção de antiguidades romanas e gregas*.

Nenhum d'estes catalogos tem data, excepto o do Atlas de Boendermaker, que traz o millesimo de 1721; nem indicação do lugar, em que foram impressos, mas parece que sahiram dos prelos da cidade de Amsterdam.

1.º O Atlas de Boendermaker tem 12 paginas innumeradas e 142 numeradas; e traz na 1.ª pagina innumerada um frontispicio gravado a buril por *I. Goeree* (hollandez), com data de 1721, medindo 169 millimetros de altura e 106 millimetros de largura, e representando uma allegoria á morte de Boendermaker, em que Minerva e dous genios alados pranteiam a morte d'elle ao pé de seu tumulo, no qual se lêem as seguintes inscripções:

« Labor vœtat mori. | »

em uma face, e

« Memoriae | V. N. | Th. Boendermaker | vix. ann. XXXVIII. dies XI. | »

em outra. A pagina 3 innumerada occorre o título da obra:

— « Atlas de feu | M.^r Boëndermaker; | composé des Cartes choisies et originales | des plus habiles Geographes, avec | les plans des Villes, Ports, Sieges, Batailles, Bâtimens, Eglises, Tombeaux, Tableaux, Environs des Villes les plus considerables, | et autres pieces curieuses; | les Portraits des Souverains et Hommes | illustres &c. | Ouvrage | contenu dans Cent trois gros volumes. | » —

A' pagina 5 innumerada vem um segundo título mais abbreviado, com uma vinheta, gravada a buril pelo mesmo *I. Goeree*, datada de 1721, tambem allusiva á morte de Boendermaker, com 110 millimetros de altura e 82 millimetros de largura, tendo o seguinte dizer escripto em um livro aberto, em que a Fama acabára de escrever:

— « Natus XV. Juni 1682. | Denatus | XXVI. Juni 1720. | » —

O título está assim disposto:

— Atlas de feu | M.^r Boendermaker; |

(lugar da vinheta)

Ouvrage | Contenu dans Cent trois gros volumes. | —

Das paginas 7 a 12 innumeradas occorre uma especie de introdução que começa

— Considerations | de | feu | Mons.^r Boendermaker | trouvées
parmi ses | notes, | sur son | Atlas, | en forme de projet. | —
e acaba

— ... par le Cercle de la Basse Saxe. —

Em seguida, e na mesma pagina 12 innumerada, vem uma advertencia que começa

— Avertissement. | On doit avertir le Public... | —
e acaba

— ... que chacun pourra faire re- | lier à son gré. | —

O catalogo propriamente dicto, descrevendo o conteudo nos 103 volumes da collecção, ocorre da pagina 1 a 142. Começa a pagina 1 pelas palavras

— Tome premier | de | l'Atlas. | —

e acaba á pagina 142, na descripção do tomo CIII (Amerique) pelas palavras

— Commeune & Suriname. van | Keulen. | —

e mais abaixo, na mesma pagina, vem a seguinte nota

— *Outre les CIII. Volumes ci-dessus mentionés, il se trouve XVII Portefeuilles, contenant un très-grand nombre de Cartes, plans & profils de Villes, Sieges, Ba- | tailles, Monu- mens antiques, Portraits, & autres Pie- ces curieuses, qui ne sont point rangées.* | —

2.º Este fasciculo consta de trez pequenos catalogos, com 6 paginas innumeradas:

a:) Catalogo, em hollandez, de estampas de varios mestres, contidas em 27 pastas; numeradas pelas lettras alphabeticas, de A até Bb, com trez paginas. Começa a pagina 1 pelas palavras

— Papier - Konst. — ,

e acaba á pagina 3 pelas palavras

— Bb. Het Werk van le Febre. — ,

trazendo logo abaxo uma vinheta em xylographia e no fim da pagina o reclamo = « Op- » =

b:) Catalogo, em hollandez, de uma collecção de chartas

geographicas, em 12 series, numeradas por letras romanas, á pagina 4 do fasciculo, que começa assim .

— *Opgeplakte Kaerten Steden enz.* —

e acaba

— XII. Amstellant van Visscher door Drogen- | ham. | —
com uma vinheta, gravada em madeira, por baxo, e o reclamo =
« AN- » = no fim da pagina.

C:) Catalogo, em hollandez, de bustos e estatuas de marmore e bronze, em 20 series, numeradas por algarismos, á pagina 5, que começa pelas palavras

— *ANTIQUE Beelden en andere | Frayigheden.* | —

e acaba pelas palavras

— *Borius en Mets.* —

A mesma qualidade do papel e letra d'estes trez catalogos e os reclusos que occorrem no fim das paginas 1, 3 e 5 (G, G 2 e G 3) bem indicam que elles fazem um só fasciculo.

3.º O Catalogo do *Grande Theatre do Universo* consta de 8 paginas innumeradas e de 189 numeradas : — na 1.ª pagina innumerada vem o titulo resumido da obra, assim,

— *Le Grand | Theatre | de | l'Univers, | en CXXV gros vo-*
lumes in folio. | —,

e na pagina 2, innumerada, o titulo em extenso, concebido nestes termos,

— *Le Grand Theatre de l'Univers, | ou | Recueil immense*
et precieux | de presque tout ce qui a jamais été gravé par
les plus | fameux Maîtres concernant la Description des |
Royaumes, des Provinces | et des Villes des | quatre Parties
du Monde. | Ou l'on trouve | les meilleurs Cartes Géogra-
phiques; les Plans & les | Profils des Villes, la Représen-
tation des Châteaux, | Temples, Palais, Edifices considé-
rables, Maisons de | Plaisance, Jardins, Fontaines; celle des
Batailles, données tant sur Mer que sur Terre; celle des |
Evénemens mémorables, & généralement de tout ce | qui se
voit de remarquable sur la Terre : | Les Antiquités, Mo-
numens, Triomphes, Tournois, | Carrousels, Entrées, Céré-
monies & Tombeaux : | Les Ouvrages de Peinture & de

Sculpturé des plus | grands Maitres: | Les Portraits des Rois,
des Princes, & des Grands- | Hommes. | En CXXV gros
volumes in folio, | composés de Feuilles *in plano*, du Pa-
pier | le plus grand & le plus fort. | Collection sans pareil-
le, | Tant pour l'étendue, que pour le choix & le goût. | —

Da pagina 5 a 8 innumeradas vem uma explicação concer-
nente á collecção, que começa pelas palavras

— Specification | plus détaillée | du contenu de ce Re-
cueil. | —

e acaba pelas seguintes

— ... croira y manquer. —

Mais adeante transcrevemos ésta *Especificação* em sua integra.
Na ultima linha d'esta mesma pagina 8 ocorre o reclamo —
TOME —.

Da pagina 1 a 189 ocorre o catalogo propriamente dicto, co-
meçando á pagina 1 pelas palavras .

— Tome premier | de | l'Atlas. | —

e acabando á pagina 169 pelas seguintes

— Canada, ou la Floride Françoise. | du Val. | —;
por baxo d'esta linha ha uma vinheta em xylographia.

4.º O catalogo das *Antiquidades romanas e gregas*, com 16
paginas, duas das quaes innumeradas, e as outras numeradas de
3-16, é escripto em latim, e refere-se a 6 volumes in-folio, nume-
rados por letras alphabeticas de A-F. Na 1.ª pagina innumerada
vem o titulo da obra, assim:

— Collectio | antiquitatum | Romanarum et Graecarum | abso-
lutissima et selectissima, | Ectýpa earundem Originalia ac Ge-
nuina, à Cele- | berrimis Artíficibus delineata & aeri incisa, con-
tinens, ubi reperies Plurima Rarissima, & | fere nullibi obvia: |
Ut etiam Tabulae maximae omnes ad ea spectantes, à | Ra-
phaële, Julio Romano, Polidoro, Pyrro Ligoria, | Aenea
Vico Parmensi, cæterisque Peritissimis, deli- | neatae & aeri
incisae; Romae, ut & alibi, ab Anno | 1519. usque ad haec
tempora, separatim (vulgo en | feuilles volantes) editae; &
plus quam quinquaginta | annorum serie collectae. | Thesau-
rus sanè egregius, qui an ullibi quam hic exstet, | si ejus

copiam & Elegantias Impressionesque Principes | & eximii
Nitoris spectes, dubitatur. Multoties enim à | Vulgaribus
& Sequioribus Impressionibus non tantum | est repurgatus,
sed praeterea Tabulae omnes, magni- | tudine & Chartâ in-
aequales, in eandem magnitudi- | nem & formam, Chartâ
maximâ Regiâ in plano ac | duplicata sunt redactae; pla-
nioresque conspiciuntur | quam si tali formâ chartâque omnes
impressae & editae | fuissent. | *VI. Voluminibus magnae molis
constans, quorum Contenta | hic etiam separatim annexa re-
periuntur.* | —

O catalogo propriamente dicto começa á pagina 3, pelas pa-
lavras

— Corpus | Antiquitatum | Romanarum et Graecarum. | Vo-
lumen A. | —

e acaba a pagina 16 pelas palavras

— Nili Simulacrum cum XV Puerulis, & Attributis Aegy-
ptiacis, in | Vaticano. *la Ffervi* 2 f. — , .

e depois da ultima linha não occorre a palavra = *Finis* =, vinheta,
ou qualquer outro signal, que indique ser ésta a ultima pagina,
nem tão pouco reclamo indicador da continuação do catalogo: seja
perém como fôr, o que é certo é que a ultima estampa do 6.º vo-
lume (F) d'esta Collecção coincide exactamente com a descripta
em ultimo logar á pagina 15 d'este catalogo, e por isso julgamos
estar elle completo.

O volume, de que nos-occupamos, tem uma enquadernação
inteira, de couro (carneira), com dourados no lombo e nas duas
capas, perto dos bordos, e traz por titulo no lombo,

— Catalogue | d'une collec | de gravures | . —

O livro se-acha estragado, tanto na enquadernação, como nas
folhas, pelo bicho, traz o *Ex-Libris* n.º 2 do conde da Barca, e
em uma das folhas em branco, que precede o frontispicio do cata-
logo do Atlas de Boendermaker, lê-se a seguinte apostilla em hol-
landez, por letra desconhecida, provavelmente de um antigo pos-
suidor da obra, sem assignatura nem data,

— « NB. Den Atlas van den Heere | Boendermaker is

« gelrogt voor | de Somme van f 9000: —: — | door
 « den Portúgeeschen Ambassadeur | Tarouca in 'S Grave-
 « nhague: dog | de Atlas is in en met dészelfs | woningue
 « geheel verbrandt. |

« Den Atlas van den Heer Uylen- | broek van 125 deelen,
 « heeft maar | megen golden f. 6000: —: —: | dog is
 « op gehouden. » —

que, traduzida litteralmente, significa,

— « NB. O Atlas do sñr. Boendermaker foi comprado
 « pela quantia de f (florins) 9000 pelo embaxador portu-
 « guez em Haya—Tarouca—; mas foi consumido por incen-
 « dio dentro e com toda sua casa.

« O Atlas do sñr. Uylenbroek em 125 só poudé chegar
 « ao preço de (ou poudé valer) f. 6000, e não foi conti-
 « nuado. —

Devendo constar o *Grande Theatro do Universo*, segundo o Catalogo proprio, somente de 125 volumes, é evidente que ha impropriedade de expressão no artigo do catalogo manuscripto da livraria do conde da Barca, sob numero 1442, quando dá essa collecção composta de 130 volumes: é facil entretanto explicar essa falta, admittindo que aquelle que organizou o catalogo da livraria do conde da Barca considerou o *Grande Theatro do Universo* e a *Collecção de antiguidades romanas e gregas* como uma só collecção e somou os 125 volumes d'aquelle com os 6 d'esta, por serem ellas semelhantes em assumpto e formato, o que daria, é verdade, 131 volumes, mas havendo-se já na epocha da organização do catalogo extraviado um volume, foram comptados somente 130: feito este reparo, fique por uma vez assentado que a *Collecção iconographica Araujense* consta de duas collecções distinctas, facticias, unicas e mui preciosas, o *Grande Theatro do Universo*, e a *Collecção de antiguidades romanas e gregas*, provavelmente colleccionadas e postas em ordem por um mesmo amator, e segundo o mesmo systema e gosto. Para dar uma ideia mais minuciosa do modo, por que foram organizadas éstas duas collecções transcrevemos aqui integralmente o preambulo, que occorre da pagina 5-8 (innumeradas) do catalogo do *Grande Theatro do Universo*:

« Specification
plus détaillée
du contenu de ce Recueil.

Les Cartes nécessaires, & les meilleures, de chaque Pays, principalement celles qui ont été dressées sur les lieux par des Ingénieurs & des Arpenteurs ; entre autres, toutes celles de *Baillieu* & de *Beaulieu*, Premier Ingénieur du Roi de France, et Maréchal de ses Camps & Armées ; avec les Vues & les Sièges des Villes, dessinés par les Ingénieurs qui y ont servi & accompagnés de tout ce qui y a du rapport.

Toutes les grandes Vues de *Vander Meuten*, peintes, & ensuite dessinées & gravées, par ordre de Louis XIV.

Les grandes Vues des Villes, Edifices & Maisons de plaisance, dessinées & gravées par *J. Marot* & *Silvestre*, avec beaucoup d'autres Morceaux considérables, qui se trouvent rarement.

Toutes les Vues de VERSAILLES, & des autres Maisons de plaisance du Roi de France ; avec les Estampes du Cabinet du Roi qui y ont rapport.

Toutes les Villes, les Maisons de Campagne, les Vues, & tous les Edifices considérables de la SUEDE, avec les Estampes concernant les dernières Guerres de ce Royaume, au nombre de plus de 500, dessinées sur les lieux par ordre & aux frais du Roi, & gravées par *J. Marot*, *Pérelle*, *Le Pautre*, *Swijde*, & autres excellens Maîtres, mais qui n'ont pas encore été publiées.

Presque tout ce qui a été gravé de l'ancienne ROME depuis plus de 200 ans ; Edifices, Statues, Bas-reliefs, Antiquités de tout genre.

A quoi l'on a joint, aux endroits convenables, les Estampes des Tableaux faits à Rome & en d'autres lieux d'Italie, par *Raphaël d'Urbain*, *Jules Romain*, *Le Corrège*, *Carache*, *Le Dominiquain*, *Lafranc*, *P. de Cortone*, *Cyrus Ferrus*, *Le Guide*, &c. gravées par les meilleurs Maîtres ;

& celles des plus fameux Peintres de France, tels que *Mignard, Poussin, Le Brun, Le Clerc, Coypel*, &c.

Ce Recueil est partagé en 125 gros Volumes, dont la distribution est des plus naturelles, comme on peut le voir par le Catalogue qui suit. On n'y a fait faire que des reliures communes, afin que ceux qui l'achèteront & qui peut-être voudront l'augmenter, puissent le faire relier plus richement, sans avoir regret à la première reliure.

Les Estampes sont, en général, des premières & des meilleures Epreuves. Mais comme elles diffèrent beaucoup pour la grandeur, aussi bien que pour le papier, on a imaginé un expédient pour remédier à ces deux inégalités. On en a coupé exactement les bords tout à l'entour : ensuite on les a collés sur des feuilles *in plano* (c'est à dire entières) du plus grand & du plus fort papier : après quoi on a coupé du milieu d'une feuille pareille, un morceau de la grandeur de l'Estampe ; & l'on a collé sur la première feuille. Par ce moyen, non seulement les feuilles sont toutes de la même grandeur, mais, ce qui est beaucoup plus considérable, elles sont par-tout de la même épaisseur, & font le même effet que si toutes les Planches étoient tirées sur du papier de la même sorte. Tout cela a été exécuté avec beaucoup d'adresse, par des Ouvriers qu'un long exercice à (*sic*) rendu habiles dans ce genre de travail.

On a vu autrefois une Collection de même nature que celle-ci (30). Les estampes en étoient, à la vérité, collées sur du papier de même grandeur : mais comme on avoit négligé d'y coller une bordure à l'entour, les volumes en étoient près de la moitié plus épais au milieu que vers

(30) Refere-se provavelmente o autor ao *Atlas de Boendermaker*, que, segundo o *Catalogo da Bibliotheca Vitenbroekiana*, tinha o defeito aqui apontado, como bem se vê do seguinte trecho, á pag. 63 e 64 da 1.ª parte: «..... U'a été un grand dommage qu'on « n'ait pas observé cette maniere, dans la grande & belle Collection, ou Atlas, &c. con- « tenu en 103. gros Volumes de *Fen Mons. Boendermaker*, vendu dans cette Ville l'an « 1722. dont les Estampes & Cartes de différente forme & grandeur étoient mises ou col- « lées sur du très-grand papier d'une même grandeur *in Plano*. Mais on avoit négligé « d'en doubler les bords avec une autre feuille, après y avoir coupé au milieu la juste « grandeur des planches. On peut assurer que cette négligence rendoit presque tous ces « beaux Livres, ou peu propres, ou hors d'état d'être reliés comme il faut; le milieu « étant la moitié plus épais, que les marges..... »

les bords ; ce qui, outre la difformité, empêchoit qu'on ne pût jamais les relier d'une façon supportable, & ne permettoit point qu'on en serrât les bords, pour empêcher l'air & la poussière de gâter les Estampes. Au lieu que de la façon que je viens de dire, le Livre se peut relier sans peine, & se conserver bien des siècles, pourvu qu'on ait soin de le tenir dans un lieu sec.

On trouvera beaucoup plus des Pièces considérables & rares dans ce Recueil que dans celui dont je viens de parler ; mais en revanche, on y trouvera aussi beaucoup moins de Cartes : c'est pourquoi on ne lui a point donné le Titre d'*Atlas*, comme on avoit fait au premier, mais celui de *Théâtre de l'Univers*. Le nom d'*Atlas* convenoit à l'autre Collection, parce qu'elle étoit composée principalement de Cartes, & qu'on y en avoit rassemblé quelquefois jusqu'à 20 pour la même Province. L'Auteur de ce nouveau Recueil, persuadé que cette grande multiplicité ne peut que causer de la confusion, & embarrasser pour le choix ceux qui ne sont pas Géographes de profession, s'est borné en fait de Cartes à ce qu'il y a d'essentiel & de meilleur, telles que sont celles de Baillicu, de Beaulieu, & d'autres Ingénieurs ou Arpenteurs habiles.

Il n'a pas rassemblé, non plus, indifféremment toutes sortes de Portraits : il s'est contenté de recueillir ceux des Rois, des Princes, & des Grands-Hommes ; auxquelles il en a joint quelques-uns très rares, de diverses Personnes qui ont fait du bruit dans le monde. On en trouvera, entre autres, un grand nombre des trois derniers Siècles.

Enfin, quoiqu'on ait poussé les recherches aussi loin qu'il a été possible, on n'a pas prétendu tout épuiser ; & comme les goûts sont différens, celui entre les mains de qui tombera cette Collection, trouvera encore de quoi satisfaire le sien, en y ajoutant ce qu'il croira y manquer. »

Hoje as duas collecções reunidas constam de 124 volumes somente, por se terem os outros extraviado, não se sabe como ; a saber, 119 do *Grande Theatro do Universo*, faltando-lhe os volu-

mes 21, 69, 70, 71, 110, e 125) e 5 da *Collecção de antiguidades romanas e gregas*, por faltar-lhe um volume (B).

A enquadernação dos 124 volumes da *Collecção iconographica Araujense*, que nos restam, é de diferentes datas e formas, isto é;

a mais antiga, e que parece ser a primitiva, é uma meia enquadernação ordinaria, com lombo de marroquim encarnado, forro de papel azul acinzentado ordinario nas capas, e beiras das folhas aparadas: os volumes 124 do *Grande Theatro do Universo* e A, C, D, E e F da *Collecção de antiguidades romanas e gregas* estão ainda hoje enquadernados d'este modo, trazem o Ex-Libris n.º 2 do conde da Barea, e acham-se muito estragados; e

a enquadernação dos outros volumes restantes é tambem meia enquadernação ordinaria, com lombo de marroquim azul ou roxo, tendo o letreiro

— Le Grand | Theatre | de l'Univers | —

e o numero do volume, com forro de papel jaspeado nas duas capas e com as beiras das folhas aparadas: estes volumes foram enquadernados mais modernamente, no paiz, em duas epochas differentes, ou por dous artistas diversos, como claramente se-vê pela differença, que ha entre as cores do marroquim e do papel do forro das capas, entre os characteres das lettras dos lettreiros e os enfeites dourados do lombo (os volumes de 1 a 115 são uniformes, e os volumes de 116 a 122 são differentes dos primeiros, mas uniformes entre si). Estas duas enquadernações estão mais bem conservadas que as dos 6 volumes com lombo de marroquim encarnado.

Quanto ás dimensões das folhas da *Collecção iconographica Araujense*, ellas variam um pouco, entre 654 e 656 millimetros de altura, e 420 a 467 millimetros de largura.

Ainda que o bicho e a humidade tivessem estragado alguns volumes e muitas estampas d'esta preciosa collecção durante o tempo, em que elles jazeram desprezados, pode-se dizer, sem receio de contestação, que a maior parte d'essas estampas são ainda hoje bellas provas de gravura.

Qual a origem da *Collecção iconographica Araujense*? A' vista dos catalogos do *Grande Theatro do Universo* e da *Collecção de*

antiquidades romanas e gregas, acima mencionados, é evidente que não foi o conde da Barca quem organizou a collecção, que hoje tem seu nome, e sim um iconophilo anonymo de Amsterdam, de muito bom gosto, vindo ella finalmente a cair em mão de Antonio de Araujo por compra, como o Atlas de Boendermaker foi parar em poder de um de seus predecessores na Legação portugueza em Haya, o conde de Tarouca.

A apostilla em hollandez, manuscripta em uma das folhas em branco do volume « *Catlogue d'une collection de gravures* », de que nos temos occupado, lançada em um livro, em que vêm enquader-nados junctos os catalogos do *Atlas de Boendermaker* e do *Grande Theatre do Universo*, parece dar a entender que este, tambem em 125 volumes, é o *Atlas de Uilenbroek*: entretanto é força confesar que o longo e minucioso catalogo da bibliotheca de Uilenbroek, vendida em leilão em 1729 (31), que cuidadosamente manuseamos, entre os livros in folio (1.^a parte) não faz menção d'esta collecção, nem de qualquer outra sob o nome de Atlas, ou ainda sob outra denominação, em 125 volumes, pertencente á classe da iconographia.

Teria Uilenbroek organizado a collecção — *Le Grand Théâtre de l'Univers* — depois da venda de sua bibliotheca em 1729? Esta hypothese, que, á falta de fundamentos, não podemos dar como verdadeira, tem a vantagem de conciliar a apostilla em hollandez, lançada em uma das folhas em branco do *Atlas de Boendermaker*, com a omissão do Catalogo de Uilenbroek.

A' proporção que formos estudando mais pelo miudo as preciosidades da copiosa e riquissima *Collecção iconographica Araujense*, iremos dando conhecimento d'ella ao publico amador d'esta especialidade das Boas Artes.

(31) Bibliotheca | Uilenbronkiana, | sive | Catalogus librorum | quos collegit | Vir
eximius | D. Gouinus Uilenbroek, | In tres Partes divisus. | Cujus publica fiet Auctio in
Officina | Wetstenio-Smithiana, | Die 3 Octobris, & sequentibus. A. 1729. | (Vinheta com
o seguinte mote — Terar dum proxim —) | Amstelædami, | Apud Wetstenios & Smith,
1729. | Ubi Catalogi distribuuntur. | Em 8.^o

Additamento á pagina 21, logo depois da
7.ª linha d'este volume.

A traducção da *Ode de Dryden* foi tambem publicada, sem a advertencia do editor, e sem o texto inglez ao lado, com algumas alterações orthographicas, á paginas 90-96 do n.º 5 (Setembro e Outubro de 1814) do *Patriota*, jornal litterario, politico, mercantil, etc. do Rio de Janeiro, que saia dos prelos da Imprensa Regia d'esta cidade.

Só depois de publicada a primeira parte d'este nosso trabalho é que tivemos conhecimento da reproducção da traducção da *Ode de Dryden* no *Patriota*; razão, porque não podemos mencionall-a no lugar proprio: é no intuito de remediar essa falta que fazemos aqui menção do artigo d'aquelle periodico.

Dr. P. F. M. Baum

Erratum.

Pagina 21, linha 20, em vez de *Ex-Libris* n.º 2, leia-se *Ex-Libris* n.º 1.

ETYMOLOGIAS BRAZILICAS.

II.

Carioca.—*O que significa?*

Kariauk. Aldea cujo nome é derivado do de um ribeiro, por estar assente á sua margem, e que é interpretado a *casa dos karios* composto d'essa palavra *karios* e de *aug* que significa *casa*; tirando-se pois os e ajunctando-se *aug* formar-se ha *kariauk*.

LERY.—*Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil* (ed. de 1600) chap. XX, pp. 398 e 399.

Cary-O'ca—ou—*Caribea*—que quer dizer—Agua corrente de pedra—, significaram com o mesmo vocabulo o logar, de que corriam as agoas, denominando-o tambem *Mãe d'agoa*, como appellidaram as sesmarias primeiras das terras circumvizinhas.

PIZARRO—*Memorias historicas do Rio de Janeiro*, tom. VII (1822), pp. 51.

Carioca. Composta de duas palavras indigenas—*Cary* e *O'ca* que significam segundo alguns etymologistas—*Casa d'agua corrente*, e segundo outros—*Agua corrente de pedra*—foi pelos portuguezes chamada *Mãe d'agua*, como se-lê nas antigas escripturas de sesmarias das terras circumvizinhas.

CONEGO FERNANDES PINHEIRO—*A Carioca: memoria historica e documentada*. Na *Revista trimestral* do Inst. Hist. do Braz. tom. XXV (1862), pp. 565.

Carioca, *Caryoca* (Rio de Janeiro, Fonte da Cidade, Aqueducto)
—*caryca*, corre, *oca*, casa. Domus fontis. *Caryocas* nomen
habitantium urbis Rio de Janeiro.

MARTIUS—*Glossaria linguarum brasiliensium*, pp. 495.

Carioca (casa do branco).

VARNHAGEN—*Hist. geral do Brasil*, t. I (ed. de 1876)
pp. 86 in-fine.

Carioca segundo as diversas interpretações significa: 1º. casa d'agua
corrente, 2º. agua corrente de pedra, 3º. mãe d'agua, 4º.
casa da fonte (domus fontis), 5º. casa dos karijós, 6º.
casa do branco.

A 1ª. destas interpretações não procede e a 2ª. ainda
menos; *cari* ou *cary* em caso algum podia significar *agua
corrente*, e em toda a expressão *carioca* não ha nada que
se-refira a *itá*—pedra.

Si *carioca* pudesse provir de *itaryoka* ainda haveria
alguma plausibilidade para se-interpretar *agua corrente* ou
manante de pedra, e isto mesmo forçando a significação
de *oka* ou *og*.

A significação de *mãe d'agua* é inteiramente inadmis-
sivel; não acha-se em parte alguma vocabulo que exprima
litteralmente *mãe d'agua* a não ser *yburasy* em uma lenda
muito truncada, muito difficil de traduzir-se, e talvez não
muito authentica. *Casa da fonte* como dá Martius não serve,
porque *cary* não significa fonte; a expressão usada para
dizer fonte é *ybura*. A explicação de Lery tambem não
satisfaz, e apenas, como elle é um dos mais antigos que
dão noticia desse nome, vê-se que o nome da aldêa pro-
vinha do nome da fonte, e ha então toda a razão de se
-suppôr que *carioca* é o nome do rio.

A explicação dada pelo sr. visconde de Porto Se-
guro procederia si com effeito fosse bem certo que *cary*
ou *cari* significa o *homem branco*. Mas em guarani ou
abañecnga o homem branco é chamado *karai* ou *karaib*, e

não *kari* ou *karyb*. Por conseguinte *casa do branco* seria *karai-og*, donde naturalmente *karaioka* e depois *karioka*. Além disso cumpre lembrar que em kechua ha *ccari*, *varão* e que é possível que *karai* entre guaranis e tupis corresponda a *kari* em kechua.

Lery porém faz menção de uma aldeia com esse nome, e diz que o nome da aldeia provinha do nome de uma fonte, e Lery é um dos mais antigos que escreveu sobre cousas do Brazil. E' de crêr pois que fosse com effeito o nome da fonte ou rio. Analysando-se os sons neste presupposto, a unica solução mais litteral é entender-se *kaa-ry-og*, *corrente sahida do matto ou do monte*; mas ainda força-se a significação de *og*.

Outra interpretação para *kaa-ry-og* seria *casa da corrente do matto*, que não deixa de ter tal ou qual plausibilidade.

Consta que o fallecido Braz da Costa Rubim dera outra interpretação, mas della não temos outro conhecimento além da noticia.

BAPTISTA CAETANO.—

W. Cabral.

INDICE DAS MATERIAS

CONTIDAS NO

2º VOLUME.

DO CONDE DA BARCA, de seus escriptos e livraria, por J. Z. de Menezes Brum.....	Pas.	5 e 359
A COLLEÇÃO CAMONEANA da Bibliotheca Nacional, por João de Saldanha da Gama.....	"	34 e 315
Pº JOSÉ DE ANCHIETA (chartas ineditas), por J. A. Teixeira de Mello.....	"	79
DIOGO BARBOSA MACHADO (Catal. de suas collecções), por B. F. Ramiz Galvão.....	"	128
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Noticia das obras manuscriptas e ineditas relativas á viagem philosophica &, por A. do Valle Cabral.....	"	192
C. M. de LA CONDAMINE (Nota), por F. Moreira Sampaio.	"	199
ETYMOLOGIAS BRAZILICAS, por A. do Valle Cabral.....	"	201 e 404
VARIEDADE, por T. de M.....	"	205
CLAUDIO MANUEL DA COSTA, por J. A. Teixeira de Mello.	"	209
SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA. Memorias e cartas biographicas.....	"	247
